JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 2 de setembro de 1979 | Ano LXXXIX — Nº 147 | Preço: Cr$ 7,00

TEMPO

Rio — Parcialmente nublado passando a encoberto e sujeito a instabilidade com rajadas fortes. Temperatura estável no início. Max 36.2 (Jacarepaguá). Min 19.4 (Santa Teresa).

Belo Horizonte — Parcialmente nublado a nublado. Temperatura estável. Max 28.8. Min 14.9.

Brasília — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a instabilidade. Temperatura estável. Max 29.4. Min 17.5.

Curitiba — Nublado e ainda sujeito a instabilidade no início e passando a parcialmente nublado. Temperatura em declínio. Max 24.7. Min 17.3.

Florianópolis — Nublado e instabilidade ocasional no início, passando a claro. Temperatura em declínio.

Porto Alegre — Claro. Temperatura em declínio. Max 14.

São Paulo — Parcialmente nublado a nublado e instável [illegible] no decorrer do período. Temperatura estável no início. Max 19. Min 17.6.

Vitória — Nublado e podendo instabilizar-se no decorrer do período. Temperatura em ligeira elevação. Min 20.5.

* As temperaturas são das últimas 24 horas.

(Mapas na página 32)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B e Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo**.

PREÇOS, VENDA AVULSA:
Minas Gerais
Dias Úteis 7,00
Domingos 8,00
Outros Estados:
Dias Úteis 12,00
Domingos 15,00

Foto de Almir Veiga

Saudado por uma banda que tocou Apesar de Você, *Fernando Gabeira saiu carregado do aeroporto*

Gabeira chega e recebe a maior festa da anistia

Dez anos depois de ter sequestrado o Embaixador americano Charles Elbrick, o ex-banido Fernando Nagle Gabeira — libertado em troca do Embaixador alemão Von Holleben — desembarcou ontem no Aeroporto Internacional do Rio com muita festa. No mesmo avião vieram a delegação do Flamengo, o chefe de cozinha francês Paul Bocuse e o exilado Francisco Nelson de Oliveira, que foi detido e libertado logo depois.

Uma banda contratada por amigos tocou músicas saudando Gabeira, que foi levado para fora do aeroporto nos ombros dos que o aguardavam. Pela manhã, sem problemas com a polícia, desembarcaram a jornalista Helena Salem, o ex-banido Irani Campos e o ex-líder estudantil Ubiramar Peixoto de Oliveira. (Pág. 14)

Miro e seus 536 mil votos esperam Brizola

Leonel Brizola tem justificado a moderação de suas declarações com a necessidade de afastar os índios da praia, para desembarcar tranqüilo. Como pretende fixar-se no litoral do Rio, encontrará, porém, um índio munido de 536 mil 661 votos obtidos nas últimas eleições: é o Deputado Miro Teixeira (MDB-RJ), o mais votado na história parlamentar do país.

Provável herdeiro da máquina partidária de Chagas Freitas, Miro Teixeira deverá ser o principal adversário de Brizola na luta pelo Governo do Estado, em 1982. No momento ele garante que pretende preservar o MDB e, quanto a Brizola, acha que antes de tudo o importante "é saber que espaços vazios o PTB ocupará na política do Rio de Janeiro". (Página 8)

Juiz afirma que enforcamento de Aézio foi crime

"O homicídio está saltando aos nossos olhos, como também as tentativas de encobrimento do crime", afirmou o Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri, Melic Urdan, após informar que sexta-feira despachara o inquérito sobre a morte de Aézio da Silva Fonseca, ocorrida na 16ª DP. Também vai pedir novas investigações.

Terça-feira o Juiz Melic Urdan interrogará os médicos Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro, que assinaram o auto de exame cadavérico, embora não o tenham realizado, como informou a direção do IML. Para o advogado Raimundo Faoro, "a verdade começou a explodir, sobretudo pela publicidade que acompanhou a atuação do Juiz". (Página 26)

Acordo nuclear não constrói 8 usinas até 1990

Como o prazo de construção de uma usina nuclear é de oito anos e meio, torna-se indiscutível que as oito centrais previstas para serem concluídas até 1990 — objetivo original do programa nuclear que orientou todo o acordo com a Alemanha — são física e financeiramente inviáveis nesse prazo.

Para que o objetivo original fosse cumprido no prazo previsto, seria necessário começar, no máximo, em 1980, a execução das seis usinas que ainda faltam. O programa de investimentos do setor elétrico até 95 — o chamado Plano-95, que a Eletrobrás conclui para apresentar ao Governo nos próximos dias — dilata em cinco anos o cronograma das oito unidades. (Página 31)

Quércia e Montoro repartem o MDB-SP

Está para ser feito um acordo entre os Senadores Franco Montoro e Orestes Quércia, que lutam pelo controle do MDB de São Paulo, dividindo a indicação dos futuros presidente e secretário-geral. A disputa forçou a interferência do presidente nacional do Partido, Ulysses Guimarães, que passou a defender a tese de um terceiro nome capaz de conciliar as correntes.

O candidato do Senador Franco Montoro é o ex-Deputado Mário Covas e o do Senador Orestes Quércia o Deputado **autêntico** Alberto Goldman. O acerto possível parece ser a indicação do primeiro para a presidência e do segundo para a secretaria-geral, mas tal composição ainda enfrenta a resistência do Senador Orestes Quércia. (Página 4)

Os fantasmas do MDB

Os conflitos e os fantasmas do MDB paulista refletem com minuciosa nitidez a situação da Oposição em todo o país, exposta, com as luzes da abertura, aos riscos da reforma partidária: para onde ir? Sobre esse impasse falam o Deputado Alberto Goldman, na sombra de Orestes Quércia, e o ex-Deputado Mário Covas, aliado de Franco Montoro.

Noênio Spínola, de partida para Moscou, descreve a Washington em que viveu, nos últimos quatro anos, como correspondente do JB. Rosental Calmon Alves estava em Madri, vai para Buenos Aires e, no caminho, passou por Assunção, para ver Anastasio Somoza. Para Jean-François Revel, do **L'Express**, estão chegando ao fim os mitos que envolviam Cuba.

Especial

Kissinger prevê predomínio da URSS sobre EUA

O ex-Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger acredita que a União Soviética em pouco tempo poderá determinar os destinos do mundo, pois vem superando os países da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — em todas as categorias militares significativas e, em conseqüência disso, poderá superar Washington na década de 80.

Durante seminário sobre o futuro do Pacto Atlântico, realizado em Bruxelas, ele advertiu que "nenhuma nação que tenha alcançado superioridade militar deixou de tentar transformar essa vantagem em dividendos políticos" e afirmou que, neste caso, os Estados Unidos não terão condições de reagir a uma "chantagem seletiva" contra seus aliados europeus. (Página 20)

IRA descreve bomba que matou Mountbatten

Lord Mountbatten foi morto por uma bomba de 250 quilos de gelignite (poderoso explosivo preparado com gelatina de dinamite e nitrato de potássio), acionada por controle remoto, revelou dirigente não identificado do IRA (Exército Republicano Irlandês) ao jornal **Irish Times**.

Na entrevista, o IRA informa que juízes, altos funcionários e militares estão na sua lista. "Continuaremos a atacar alvos de prestígio com a mesma dureza e eficácia." Os bispos católicos irlandeses pediram ontem que "as próximas semanas de preparação para a visita do Papa João Paulo II à Irlanda não sejam maculadas por novas mortes". (Página 18)

Líbia vende ao Brasil até se desabar o mundo

O Embaixador da Líbia, Bashir Fadel, garantiu ontem, em Brasília, que seu país jamais deixará que o Brasil fique sem petróleo, "ainda que o mundo caia aos pedaços". Não podendo reduzir os preços do óleo, por imposição da OPEP, a Líbia promete ajudar o Brasil, concedendo facilidades de pagamento ou realizando investimentos no país.

Apesar de vencido o prazo, o Governo do Iraque ainda não respondeu à proposta de desenvolvimento do campo petrolífero de Majnoon, descoberto pela Braspetro. Aparentemente, o Governo brasileiro não está interessado em apressar a resposta, pois isso pode implicar a renegociação do contrato feito em 1972, portanto antes da crise do petróleo. (Pág. 31)

Fidel não vence orixás nem moda à John Travolta

Exu, Ogum e Iemanjá sobreviveram à ditadura do proletariado, constatou o enviado especial do JB, Sílio Boccanera, em Havana, às vésperas da inauguração, em Havana, da 6ª Conferência de Chefes de Estados Não Alinhados. E mais: adolescentes vestidos a John Travolta e amantes do som de discoteca coexistem pacificamente com os burocratas do Partido Comunista.

Cuba, hoje, 20 anos depois da vitória castrista, é um país onde, aos domingos, pode optar-se entre uma assembléia sindical ou assistir à missa. É claro que, se dependesse do Governo, seria melhor a primeira hipótese. Para um brasileiro que está no país há vários dias e gosta de ouvir rádio, no entanto, a experiência pode ser dolorosa: pior do que o comunismo é ter que ouvir, a todo instante, Nélson Ned. (Página 16)

As executivas

São mulheres bonitas, tão bonitas como podem ser mulheres donas de si, do próprio nariz. Não importa o estilo do rosto, do cabelo, da roupa, mas o estilo de vida, o vigor redobrado para dirigir um mundo de homens. Mandar em empresas, indústrias, lojas e até em revistas. Só não esperar delas uma visão única e monolítica do feminismo.

Para a festa do verão, que vem com decotes e pele exposta, o estímulo da suavidade das jóias pequenas, criações de Antônio Bernardo. Da contracultura, duas lembranças e dois balanços 10 anos depois: Woodstock e o **rock** brasileiro. E no astral dos astrólogos pesa a briga dos que conseguem ler no zodíaco.

Domingo

Young compara "raids" de Israel a terror da OLP

Em entrevista ao semanário **Le Nouvel Observateur**, o ex-Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, afirmou que Israel, "com seus bombardeios no Líbano, não é menos terrorista do que a Organização para Libertação da Palestina" e classificou de imorais e destrutivas as bombas de dispersão e de fósforo usadas pelos militares israelenses.

No Egito, o Presidente Anwar Sadat, na presença do Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, Hans-Dietrich Genscher, aplaudiu a política externa de Bonn. Disse que seu país e a RFA estão de acordo nos pontos essenciais para resolver a questão palestina: direito à autodeterminação, criação do Estado palestino e reconhecimento internacional da OLP. (Página 19)

Sônia Braga

Os ensaios da peça infantil **No país dos prequetés**, de Ana Maria Machado, e o início das filmagens de **Eu te amo**, de Arnaldo Jabor, ainda não permitiram que Sônia Braga discutisse seu futuro com a TV Globo. O contrato termina em setembro, há rumores de que não seria renovado, mas a atriz não dispensa a TV, "o grande teatro popular".

Segundo versão divulgada em **Zózimo**, extraída dos bastidores do tênis internacional, a queda de rendimento de Jimmy Connors está relacionada com o aproveitamento, não necessariamente ético, que seus adversários fazem do casamento dele com a ex-playmate Patti McGuire. Na música, de novo em cartaz Waldir Calmon, o das noites no Arpege.

Caderno B

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 2 de setembro de 1979 | Ano LXXXIX — Nº 147 | Preço: Cr$ 7,00

TEMPO

Rio — Parcialmente nublado, passando a encoberto e sujeito a instabilidade com trovoadas fortes. Temperatura estável no início. Max 36.2 (Jacarepaguá). Min 19.4 (Santa Teresa).

Belo Horizonte — Parcialmente nublado a nublado. Temperatura estável. Max 28.8. Min 4.9.

Brasília — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a instabilidade. Temperatura estável. Max 29.4. Min 17.5.

Curitiba — Nublado e a nublado sujeito a instabilidade no início e passando a parcialmente nublado. Temperatura em declínio. Max 24.7. Min 17.3.

Florianópolis — Nublado e instabilidade ocasional no início, passando a claro. Temperatura em declínio.

Porto Alegre — Claro. Temperatura em declínio. Max 14.

São Paulo — Parcialmente nublado a nublado e instável, tornando-se no decorrer do período. Temperatura estável no início. Max 19. Min 17.8.

Vitória — Nublado e podendo instabilizar-se no decorrer do período. Temperatura em ligeira elevação. Min 20.6.

* As temperaturas são das últimas 24 horas.

(Mapas na página 32)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B e Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo**.

PREÇOS, VENDA AVULSA:
Minas Gerais
Dias Úteis 7,00
Domingos 8,00
Outros Estados:
Dias Úteis 12,00
Domingos 13,00

Foto de Almir Veiga

Saudado por uma banda que tocou **Apesar de Você**, *Fernando Gabeira saiu carregado do aeroporto*

Miro e seus 536 mil votos esperam Brizola

Leonel Brizola tem justificado a moderação de suas declarações com a necessidade de afastar os índios da praia, para desembarcar tranqüilo. Como pretende fixar-se no litoral do Rio, encontrará, porém, um índio munido de 536 mil 661 votos obtidos nas últimas eleições: é o Deputado Miro Teixeira (MDB-RJ), o mais votado na história parlamentar do país.

Provável herdeiro da máquina partidária de Chagas Freitas, Miro Teixeira deverá ser o principal adversário de Brizola na luta pelo Governo do Estado, em 1982. No momento ele garante que pretende preservar o MDB e, quanto a Brizola, acha que antes de tudo o importante "é saber que espaços vazios o PTB ocupará na política do Rio de Janeiro". (Página 8)

Juiz afirma que enforcamento de Aézio foi crime

"O homicídio está saltando aos nossos olhos, como também as tentativas de encobrimento do crime", afirmou o Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri, Melic Urdan, após informar que sexta-feira despachará o inquérito sobre a morte de Aézio da Silva Fonseca, ocorrida na 16ª DP. Também vai pedir novas investigações.

Terça-feira o Juiz Melic Urdan interrogará os médicos Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro, que assinaram o auto de exame cadavérico, embora não o tenham realizado, como informou a direção do IML. Para o advogado Raimundo Faoro, "a verdade começou a explodir, sobretudo pela publicidade que acompanhou a atuação do Juiz". (Página 26)

Gabeira chega e recebe a maior festa da anistia

Dez anos depois de ter seqüestrado o Embaixador americano Charles Elbrick, o ex-banido Fernando Nagle Gabeira — libertado em troca do Embaixador alemão Von Holleben — desembarcou ontem no Aeroporto Internacional do Rio com muita festa. No mesmo avião vieram a delegação do Flamengo, o chefe de cozinha francês Paul Bocuse e o exilado Francisco Nélson de Oliveira, que foi detido e libertado logo depois.

Uma banda contratada por amigos tocou músicas saudando Gabeira, que foi levado para fora do aeroporto nos ombros dos que o aguardavam. Pela manhã, sem problemas com a polícia, desembarcaram a jornalista Helena Salém, o ex-banido Irani Campos e o ex-líder estudantil Ubiramar Peixoto de Oliveira. (Pág. 14)

Acordo nuclear não constrói 8 usinas até 1990

Como o prazo de construção de uma usina nuclear é de oito anos e meio, torna-se indiscutível que as oito centrais previstas para serem concluídas até 1990 — objetivo original do programa nuclear que orientou todo o acordo com a Alemanha — são física e financeiramente inviáveis nesse prazo.

Para que o objetivo original fosse cumprido no prazo previsto, seria necessário começar, no máximo, em 1980, a execução das seis usinas que ainda faltam. O programa de investimentos do setor elétrico até 95 — o chamado Plano-95, que a Eletrobrás conclui para apresentar ao Governo nos próximos dias — dilata em cinco anos o cronograma das oito unidades. (Página 31)

Quércia e Montoro repartem o MDB-SP

Está para ser feito um acordo entre os Senadores Franco Montoro e Orestes Quércia, que lutam pelo controle do MDB de São Paulo, dividindo a indicação dos futuros presidente e secretário-geral. A disputa forçou a interferência do presidente nacional do Partido, Ulysses Guimarães, que passou a defender a tese de um terceiro nome capaz de conciliar as correntes.

O candidato do Senador Franco Montoro é o ex-Deputado Mário Covas e o do Senador Orestes Quércia o Deputado **autêntico** Alberto Goldman. O acerto possível parece ser a indicação do primeiro para a presidência e do segundo para a secretaria-geral, mas tal composição ainda enfrenta a resistência do Senador Orestes Quércia. (Página 4)

Kissinger prevê predomínio da URSS sobre EUA

O ex-Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger acredita que a União Soviética, em pouco tempo, poderá determinar os destinos do mundo, pois vem superando os países da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — em todas as categorias militares significativas e, em conseqüência disso, poderá superar Washington na década de 80.

Durante seminário sobre o futuro do Pacto Atlântico, realizado em Bruxelas, ele advertiu que "nenhuma nação que tenha alcançado superioridade militar deixou de tentar transformar essa vantagem em dividendos políticos" e afirmou que, neste caso, os Estados Unidos não terão condições de reagir a uma "chantagem seletiva" contra seus aliados europeus. (Página 20)

IRA descreve bomba que matou Mountbatten

Lord Mountbatten foi morto por uma bomba de 250 quilos de gelignite (poderoso explosivo preparado com gelatina de dinamite e nitrato de potássio), acionada por controle remoto, revelou dirigente não identificado do IRA (Exército Republicano Irlandês) ao jornal **Irish Times**.

Na entrevista, o IRA informa que juízes, altos funcionários e militares estão na sua lista. "Continuaremos a atacar alvos de prestígio com a mesma dureza e eficácia". Os bispos católicos irlandeses pediram ontem que "as próximas semanas de preparação para a visita do Papa João Paulo II à Irlanda não sejam maculadas por novas mortes". (Página 18)

Líbia vende ao Brasil até se desabar o mundo

O Embaixador da Líbia, Bashir Fadel, garantiu ontem, em Brasília, que seu país jamais deixará que o Brasil fique sem petróleo, "ainda que o mundo caia aos pedaços". Não podendo reduzir os preços do óleo, por imposição da OPEP, a Líbia promete ajudar o Brasil, concedendo facilidades de pagamento ou realizando investimentos no país.

Apesar de vencido o prazo, o Governo do Iraque ainda não respondeu à proposta de desenvolvimento do campo petrolífero de Majnoon, descoberto pela Braspetro. Aparentemente, o Governo brasileiro não está interessado em apressar a resposta, pois isso pode implicar a renegociação do contrato feito em 1972, portanto antes da crise do petróleo. (Pág. 31)

Os fantasmas do MDB

Os conflitos e os fantasmas do MDB paulista refletem com minuciosa nitidez a situação da Oposição em todo o país, exposta, com as luzes da abertura, aos riscos da reforma partidária: para onde ir? Sobre esse impasse falam o Deputado Alberto Goldman, na sombra de Orestes Quércia, e o ex-Deputado Mário Covas, aliado de Franco Montoro.

Noênio Spínola, de partida para Moscou, descreve a Washington em que viveu, nos últimos quatro anos, como correspondente do JB. Rosental Calmon Alves estava em Madri, vai para Buenos Aires e, no caminho, passou por Assunção, para ver Anastasio Somoza. Para Jean-François Revel, do **L'Express**, estão chegando ao fim os mitos que envolviam Cuba.

Especial

Fidel não vence orixás nem moda à John Travolta

Exu, Ogum e Iemanjá sobreviveram à ditadura do proletariado, constatou o enviado especial do JB, Sílio Boccanera, às vésperas da inauguração, em Havana, da 6ª Conferência de Chefes de Estados Não Alinhados. E mais: adolescentes vestidos à John Travolta e amantes do som de discoteca coexistem pacificamente com os burocratas do Partido Comunista.

Cuba, hoje, 20 anos depois da vitória castrista, é um país onde, aos domingos, pode optar-se entre uma assembléia sindical ou assistir à missa. É claro que, se dependesse do Governo, seria melhor a primeira hipótese. Para um brasileiro que está no país há vários dias e gosta de ouvir rádio, no entanto, a experiência pode ser dolorosa: pior do que o comunismo é ter que ouvir, a todo instante, Nelson Ned. (Página 16)

As executivas

São mulheres bonitas, tão bonitas como podem ser mulheres donas de si, do próprio nariz. Não importa o estilo do rosto, do cabelo, da roupa, mas o estilo de vida, o vigor redobrado para dirigir um mundo de homens. Mandar em empresas, indústrias, lojas e até em revistas. Só não esperar delas uma visão única e monolítica do feminismo.

Para a festa do verão, que vem com decotes e pele exposta, o estímulo da suavidade das jóias pequenas, criações de Antônio Bernardo. Da contracultura, duas lembranças e dois balanços 10 anos depois: Woodstock e o **rock** brasileiro. E no astral dos astrólogos pesa a briga dos que conseguem ler no zodíaco.

Domingo

Young compara "raids" de Israel a terror da OLP

Em entrevista ao semanário **Le Nouvel Observateur**, o ex-Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, afirmou que Israel, "com seus bombardeios no Líbano, não é menos terrorista do que a Organização para Libertação da Palestina" e classificou de imorais e destrutivas as bombas de dispersão e de fósforo usadas pelos militares israelenses.

No Egito, o Presidente Anwar Sadat, na presença do Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, Hans-Dietrich Genscher, aplaudiu a política externa de Bonn. Disse que seu país e a RFA estão de acordo nos pontos essenciais para resolver a questão palestina: direito à autodeterminação, criação do Estado palestino e reconhecimento internacional da OLP. (Página 19)

Sônia Braga

Os ensaios da peça infantil **No país dos prequetés**, de Ana Maria Machado, e o início das filmagens de **Eu te amo**, de Arnaldo Jabor, ainda não permitiram que Sônia Braga discutisse seu futuro com a TV Globo. O contrato termina em setembro, há rumores de que não seria renovado, mas a atriz não dispensa a TV, "o grande teatro popular".

Segundo versão divulgada em **Zózimo**, extraída dos bastidores do tênis internacional, a queda de rendimento de Jimmy Connors está relacionada com o aproveitamento, não necessariamente ético, que seus adversários fazem do casamento dele com a ex-playmate Patti McGuire. Na música, de novo em cartaz Waldir Calmon, o das noites no Arpege.

Caderno B

Coluna do Castello

As difíceis negociações

Brasília — As negociações que ocuparão os próximos dois meses para compor um projeto de implantação do pluripartidarismo aceitável pela maioria do congresso e pelo Governo não parecem fáceis. A facilidade final estará antes no poder de pressão do Executivo sobre o Legislativo, e compensada a intransigência da dissidência arenista com a tendência centrífuga no MDB, comandada pelo Sr Leonel Brizola, do que no encontro de fórmulas tranqüilizadoras para as diversas correntes de opinião.

O Ministro da Justiça partiu de premissas assentadas pela Emenda nº 11, mas não parece fácil cumprir o roteiro que ali se estabelece, a começar pela dissolução dos Partidos. A Arena quer garantias de ser substituída pelo Arenão, e o MDB, em contrapartida, pleiteia a continuação da legenda como pólo de fixação da força básica da Oposição no Congresso.

O Senador José Sarney, como presidente do Partido oficial, tem sido o veículo das reivindicações de governadores empenhados em obter, mediante a persistência da sublegenda, a vinculação das bancadas 'a fidelidade ao Governo local e ao Governo federal. O Ministro da Justiça admite que não pode ser objetivo do Governo abandonar sua posição de força majoritária para se constituir em Minoria na Câmara e no Senado e ver abalada a posição de alguns governadores, mas considera inadequada a sobrevivência da sublegenda, expediente adotado no bipartidarismo para assegurar a convivência de forças estadualmente hostis no caldeirão governamental.

Ao lado dessa dificuldade de colocação do problema na cúpula partidária há a pressão das dissidências estaduais que já não se conformam com a existência de um Partido único de apoio ao Governo federal. O Senador Passarinho, por exemplo, não tem por que divergir do Presidente Figueiredo, mas tem todos os motivos para não partilhar a legenda com o Governador Alacid Nunes. Essa situação típica repete-se praticamente em todos os Estados e opera no sentido de uma abertura da Arena em pelo menos dois Partidos vinculados 'as origens do Movimento de 1964. Tal fato haverá de refletir-se nas negociações e projetar-se na votação do Congresso, ressalvando o poder de convencimento compulsório do Palácio do Planalto.

Mas no MDB os esforços dramáticos do Deputado Ulisses Guimarães, de salvar unido o instrumento congressual da oposição necessário ainda para agir como força de pressão junto ao sistema para que se acelere a normalização institucional, parecem mais ameaçados ainda do que a composição a que se entrega o Senador Petrônio Portella. O presidente do MDB tem seus argumentos com validade lógica e política. Apenas está ele diante de uma dissidência irremovível, salvo a incidência de novos fatores a se produzirem depois da volta do Sr Brizola.

O fundador do novo Partido Trabalhista não parece ter grande número de adesões na bancada parlamentar a não ser que o MDB do Rio Grande decida transformar-se desde já em PTB, abrindo uma ferida incurável no atual Partido de oposição. Mas tal como o Sr Ulisses ele tem também os seus argumentos e a sua lógica. Um desses argumentos é curioso: manter-se unido o MDB para a eleição de 1982 significaria o cancelamento das eleições diretas e a conseqüente mobilização para obter pleito popular para governador em 1986. Ele sugere assim um movimento de autodefesa do sistema, que seria dizimado se o bipartidarismo sobrevivesse, com eleições diretas, até a próxima sucessão. Por outras palavras, manter o MDB unido seria anular a abertura prometida e recomeçar da estaca zero o movimento pela devolução da soberania popular na escolha dos governantes. O sistema evitaria o suicídio político.

Prefere assim o Sr Brizola correr riscos em 1982 com eleições diretas do que provocar o adiamento dessas eleições por mais quatro anos. Não acredita na capacidade do sistema em assimilar as vitórias de uma oposição unida. O impulso do Governo para desagregar o MDB inspirou o fim do bipartidarismo de fato para abrir caminho ao pluripartidarismo, mais liberal, em princípio. O bipartidarismo nosso, aliás, não decorre da lei. Para aumentarmos as opções partidárias bastaria que se reduzissem as exigências legais para formação de novos Partidos. Pela Constituição, o princípio vigente antes da Emenda nº 11 já era o pluripartidarismo, embora bloqueado pelo casuísmo da legislação ditatorial.

■ ■ ■

Quanto à formação do Partido "independente", os obstáculos à sua efetivação concentram-se em Minas na difícil composição entre o Senador Tancredo Neves, que evita contribuir para o fim do MDB embora cresça como uma liderança independente no seu Estado, e o Deputado Magalhães Pinto, dissidente confesso da Arena mas cujo prestígio eleitoral e pessoal não se traduz no apoio ostensivo de membros da bancada federal mineira à sua liderança. Em outros Estados, o novo Partido se armaria facilmente se se constituísse seu núcleo mineiro e se em São Paulo houvesse a opção em seu favor de um dos grandes eleitores do Estado, por enquanto contidos pelo Sr Ulisses Guimarães.

Carlos Castello Branco

Ex-Ministro recebe título

Fortaleza — O ex-Ministro do Exército, General Sylvio Frota, chegara hoje a esta Capital para receber, terça-feira, o título de Cidadão Sobralense, que lhe foi outorgado, em 1977, pela unanimidade dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral, um dos três mais importantes municípios do Ceará.

A solenidade de entrega do título será realizada no Teatro São João, em Sobral, mas não terá a presença de nenhuma grande autoridade civil ou militar do Estado. O Governador Virgílio Távora, por exemplo, irá amanhã a Sobral, para contatos administrativos e políticos, mas retornará no mesmo dia porque tem outros compromissos na Capital.

COM AMIGOS

O General Sylvio Frota virá ao Ceará para visitar amigos e familiares — seus pais são sobralenses. Ele viajará para Sobral — 220 quilômetros a Oeste de Fortaleza — depois de amanhã, de automóvel, e não se sabe ainda qual o teor de seu discurso de agradecimento. Em Sobral, há muita expectativa em torno da solenidade, porque é a primeira a que ele comparece desde quando foi exonerado do Ministério do Exército, pelo Presidente Geisel.

Nos meios políticos locais admite-se a presença, na solenidade do Teatro São João, do Deputado Marcelo Linhares, amigo pessoal e político do grupo do Governador Virgílio Távora e que, em 1977, integrou o chamado **esquema frotista** no Congresso, de apoio ao então Ministro do Exército, cujo nome era tido na época como um dos mais fortes candidatos à sucessão do Presidente Geisel.

Deputado tem emenda apoiada

O Deputado Epitácio Cafeteira (MDB-MA), que veio ao Rio vender um apartamento em Ipanema e levantar fundos para uma viagem de estudos ao exterior, anunciou, ontem, que já garantiu o apoio de um número considerável de arenistas à emenda de sua autoria que restaura as prerrogativas plenas do Congresso.

Acha o parlamentar emedebista, "que depois do espetáculo presenciado durante a votação do projeto de anistia, quando um grupo expressivo de arenistas deu provas de independência política", é possível acreditar no êxito de uma iniciativa que devolva ao Congresso o direito de legislar livremente.

SEGURANÇA

O Sr Epitácio Cafeteira assegurou que o MDB fechará questão em torno de sua emenda, "porque é falso o conceito de que o fim do AI-5 já restabeleceu plenamente as prerrogativas do Congresso". Julga que "essa plenitude desejável só será alcançada quando senadores e deputados puderem ter o direito de ação e voz sem a ameaça permanente do enquadramento na Lei de Segurança Nacional".

"É preciso, também" — concluiu — "que o Congresso recupere o poder de ditar o império da lei, o que só poderá ser alcançado com o fim da era do decreto-lei, uma espécie de ditadura de princípios que dá ao Presidente da República a tutela absoluta e arbitrária dos destinos de toda a nação".

Deputado quer Acre desmembrado

Rio Branco — Depois de 40 anos que não se tocava mais no assunto, o Deputado estadual Geraldo Maia (Arena-AC) voltou a defender, da Tribuna da Assembléia Legislativa, a autonomia político-administrativa da região do Vale do Juruá, que pertence atualmente ao Estado do Acre.

O Deputado justificou a defesa de sua tese como forma "de se acabar com o isolamento e o quadro de extrema miséria e abandono" em que se encontra a região, que abrange os Municípios de Cruzeiro do Sul, Mancio Lima, Tarauacá e Feijó. Salientou que já na decada de 40 algumas pessoas da região defendiam a autonomia do Vale do Juruá, e que atualmente, ao percorrer a pé praticamente toda a area, pôde constatar o sofrimento dos seringueiros e agricultores.

A emancipação da Regiã do Juruá foi defendida também pelo Deputado Walter Prado, vice-presidente da Assembléia Legislativa, que percorreu a área na semana passada, constatando que até sal de cozinha está faltando na cidade de Cruzeiro do Sul, sem falar em outros gêneros como carne, pão etc. Referindo-se também ao "completo isolamento" da populaçaó, frisou que uma embarcação está demorando 45 dias para fazer o percurso entre Manaus e Cruzeiro do Sul, enquanto "Cabral levou apenas 43 para atravessar o Atlântico e descobrir o Brasil". Em aparte, a Deputada Iolanda Fleming, líder da bancada do MDB, disse que não vai mais a Cruzeiro do Sul porque não tem amigos ou parentes na cidade e quem não os tem — acrescentou — "corre o risco de passar fome porque não encontra alimentos na cidade".

A região do Vale do Juruá abrange 72 quilômetros quadrados, cerca de 47% da área total do Acre. Sua população é de aproximadamente 70 mil habitantes — 30% da população do Estado. A ligação com Rio Branco, a Capital, é feita exclusivamente por via aerea e com Manaus através de embarcação.

MDB pode falar na Sudene

Recife — "O plenário da reunião do Conselho Deliberativo da Sudene está aberto para o MDB, e não são somente os parlamentares da Arena que podem fazer suas críticas e dar sugestões em defesa do desenvolvimento do Nordeste" assegurou o superintendente da Sudene, Sr Valfrido Salmito.

Ele informou que não há nenhum impedimento nesse sentido. E abriu mão do até então monopólio da Arena, quando o Senador Agenor Maria (MDB-RN), convidado para compor a mesa, na última reunião, queixou-se ao final do encontro: "Me chamam para participar mas não me dão a palavra. Então de nada adianta a presença do MDB aqui."

General afirma que ditadura não era objetivo da Revolução

São Paulo — "A greve é um direito que assiste ao trabalhador sem sombra de dúvidas. Isto está na lei" — afirmou o General Milton Tavares de Souza, em Santo André, um dia depois de sua posse como comandante do II Exército, em São Paulo, acrescentando que "qualquer direito que a gente usa pode ser bem ou mal usado".

O General compareceu ao ABC para inaugurar a exposição do Exército, no Parque Duque de Caxias — que dedicou ao trabalhadores da região — e em entrevista à imprensa após a solenidade garantiu que "estamos caminhando a passos firmes e paulatinos para o objetivo final da Revolução de 1964, que é a redemocratização. Quando se fez a Revolução ninguém tinha em mente estabelecer uma ditadura permanente".

Retorno planejado

O General Milton Tavares ressaltou que "toda revolução traz uma saída dos quadros normais. Tão logo foi possível, o retorno a estes quadros começou a ser feito. E nós estamos em plena vigência deste retorno. Não o retorno açodado, mas raciocinado e, como muito bem disse o Ministro do Exército, dentro daquilo que foi previsto e planejado pelo sistema revolucionário".

Afirmou que a Expoex-79 "foi feita muito propositadamente", em Santo André, como uma homenagem do Exército aos trabalhadores do ABC, "a essa massa incógnita de homens que, com o suor de seu rosto, diariamente constrói o Brasil grande, aquele com o qual nós todos sonhamos e que haveremos de construir custe o que custar, apesar de tudo, inclusive dos maus brasileiros".

O General atribuiu aos trabalhadores "enorme importância na construção do desenvolvimento" e encarou com normalidade a crítica dos dirigentes sindicais do ABC, comentando: "Como é que pode haver um Governo, um Prefeito, um Governador, que possa contentar a toda população. Nem Jesus Cristo contentou a todos".

Falando sobre as greves acrescentou que se elas forem desencadeadas por motivos justos "serão, evidentemente, justas. Mas se forem desencadeadas por outros motivos, por exemplo, problemas políticos, ou se conduzidas não por trabalhadores mas por elementos disfarçados de trabalhadores, elas deixarão de ser greves justas para serem greves condenáveis. A greve, como direito, termina onde começa o direito do outro".

O General Milton Tavares comentou que o Exército vem desenvolvendo um "enorme esforço no sentido de nacionalizar seu material bélico" e citou a demonstração militar realizada na última quinta-feira no sistema Anchieta-Imigrantes, como uma demonstração disso. Explicou que os objetivos do Exército, a partir da implantação da IMBEL, é obter divisas através da exportação de equipamentos militares, pois "é impraticável a produção de material bélico sem exportação e isto já está acontecendo. O Exército exporta material, temos também missões militares no estrangeiro que exportam conhecimento bélico".

Ele fez questão de frisar durante a entrevista ser "um homem do diálogo, apesar de ser, e muito me prezo disso, um homem de atitudes firmes".

Simon afirma que 15 anos de luta da oposição hoje garantem volta de Brizola

Porto Alegre — Ao participar de uma concentração no Município de Estrela, em seqüência a série de encontros promovidos pelo MDB para fortalecer a unidade partidária, o Senador Pedro Simon salientou que"se hoje Brizola está voltando é graças a 15 anos de luta do MDB pela redemocratização nacional, a qual, agora se abre com a anistia".

Na mesma ocasião, o Senador Paulo Brossard destacou o fracasso do modelo político-econômico adotado pelo regime pós-64, que, na sua opinião "tem pouco tempo de duração, pois não só o povo, mas também as classes empresariais estão insatisfeitas pelo total processo de empobrecimento". Mais de 1 mil e 500 pessoas compareceram à concentração que só terminou nas primeiras horas da madrugada de ontem.

UNIDOS

Em continuação à campanha pela preservação das bases partidárias do MDB, no interior gaúcho, realizou-se em Estrela, a 113 Km da Capital, uma concentração, que, conforme disse o Sr Pedro Simon em seu discurso"prova que a Oposição está unida".

O mau tempo prejudicou a reunião, mas mesmo assim, as lideranças do MDB consideraram seus resultados positivos "com vistas as lutas a sobrevivência do Partido. Nossa luta não será interrompida pelo pluripartidarismo, nem pela ameaça de divisionismo", enfatizou o Sr Pedro Simon.

O retorno do ex-Governador gaúcho, Leonel Brizola, previsto para o dia 6 de setembro e a conseqüente articulação do PTB, segundo observou o Senador Pedro Simon, "não são motivos para temermos o esvaziamento de nossas bandeiras, ao contrário, elas estão mais firmes do que nunca".

BRIZOLA

O Sr Pedro Simon acrescentou ainda que "Brizola é um homem cheio de boas intenções e sua volta ao país será altamente positiva para as lutas da Oposição". Prosseguiu apontando aspectos políticos comuns ao MDB e PTB, concluindo que "gostaríamos mesmo que Brizola estivesse conosco, pois nossos interesses, em muito, se indentificam com o trabalhismo e faremos um convite para que se filie ao MDB".

Por outro lado, o Sr Paulo Brossard em seu pronunciamento não fez qualquer comentário sobre a reorganização do PTB. Baseou o discurso em questões econômicas nacionais, enfatizando a "situação calamitosa de nossas fontes de renda em todos os setores da economia". Em entrevista à Rádio **Alto Taquari**, daquela cidade, sobre a volta de Leonel Brizola, negou-se a fazer qualquer comentário.

Sua atitude foi explicada pelo Sr Pedro Simon que afirmou ao repórter da emissora que "Brossard é um autêntico homem de Oposição, tem opiniões irredutíveis, ao contrário dos arenistas que só pensam o que lhes ordena o Presidente Figueiredo"

No encontro foi também anunciada aos assistentes — a maioria operários e lavradores — a passagem do ex-Governador Leonel Brizola por aquela cidade no próximo dia 12 de setembro, na sua peregrinação pelo Estado, após o desembarque em Uruguaiana, proveniente de Nova Iorque, via Assunção.

Ao anunciar os preparativos para a ocasião, o Deputado Gabriel mallmann ressaltou a necessidade de "recebermos Brizola como um amigo, mas não como um irmão de sangue".

Arquivo

Senador Franco Montoro

Senador defende unidade do MDB como condição para a redemocratização

Natal — O Senador Franco Montoro (MDB-SP) voltou a defender a união do Partido da Oposição para o restabelecimento pleno da democracia no país alegando que "falar em novos Partidos no momento já é admitir a pretendida extinção dos Partidos defendida pelo Governo".

O Sr. Franco Montoro veio a Natal para dar uma conferência na 1 Semana Comunitária, que está sendo promovida pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em entrevista, o Senador afirmou que a democracia só será restabelecida com a convocação de eleições diretas em todos os níveis e disse que o MDB não tem lugar para adesistas.

Nota Zero

"Abertura política sem eleições fica péssima", acrescentou. Na sua opinião, a anunciada abertura política do Presidente João Figueiredo merece nota 10 como campanha publicitária, mas nota totalmente negativa em termos de eficácia dessa abertura.

— Os primeiros meses do Presidente da República foram ineficazes e merecedores de uma nota zero. Agora, se formos julgar a publicidade que o Chefe da Nação está tendo, eu dou uma nota 10. A imprensa, em sua grande maioria controlada pelo Governo, está formando uma imagem popular do Presidente. Enquanto isso, o país continua sem rumo e caminhando para o abismo. É chegada a hora de devolver o país para os brasileiros.

Disse ainda o Senador que o **ADESISMO** é um problema grave, mas há maiores preocupações, como a reforma agrária, energia nuclear e dívida externa, entre outros. "Sei que o adesismo é um grande mal dentro da nossa legenda, mas temos coisas mais importantes para lutar no momento"

Ulysses quer candidato de conciliação em SP

São Paulo — Na luta que se trava para a presidência do MDB de São Paulo, entre os Srs Mário Covas e Alberto Goldman, duas novidades foram registradas ontem: foi acertada para hoje, em lugar ainda ignorado, uma reunião do Senador Franco Montoro e seu suplente, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, com o Sr Covas.

A outra é que, a pedido de pessoas ligadas ao Senador Orestes Quércia, o presidente do MDB, Deputado Ulysses Guimarães, começou a defender a tese do lançamento de uma terceira candidatura, a ser indicada entre os Deputados estaduais Almir Pazzianotto e Robson Marinho e o Deputado federal Pacheco Chaves.

Na véspera, o Sr Orestes Quércia negou qualquer acordo com o Sr Franco Montoro para a formalização de uma única chapa, ficando a presidência com o Sr Mário Covas e a secretaria-geral com o Deputado Alberto Goldman. O Senador Quércia concorda em afastar o Sr Goldman, em favor de um terceiro nome, mas que não seja o Sr Mário Covas, que é o candidato do Sr Franco Montoro.

O que o Senador Orestes Quércia não pretende é medir forças eleitorais dentro do Partido com o seu colega de Senado, porque sua posição dentro do MDB já não é a mesma, sobretudo depois que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso começou a crescer no Partido. Além disso, nas eleições de domingo passado, para a renovação de Diretórios Municipais, a representatividade do Senador Franco Montoro cresceu, sejam quais forem os resultados oficiais que o Partido ainda não divulgou.

Como o Deputado Alberto Goldman é candidato da ala mais radical de esquerda, o Sr Quércia teme também que mais tarde o seu prestígio no Partido diminua mais ainda, porque sua atuação no Senado é vista mais como **moderada** do que próxima ao que se convencionou chamar de grupo **autêntico**.

Câmara convoca suplentes se cassados não assumirem

Porto Alegre — Apesar de não acreditar que a Justiça impugne o ato de posse dos Vereadores cassados Glênio Perez e Marcos Klassmann na Câmara Municipal de Porto Alegre, o presidente da Casa, Vereador Cleon Guatimozzin (MDB) anunciou ontem que, caso a Justiça anule a posse, convocará os dois primeiros suplentes da bancada oposicionista.

"Com Glênio e Klassmann, ou sem eles, o MDB recuperará a maioria de dois terços (14 vereadores) da Câmara, que o povo de Porto Alegre lhe deu nas eleições de 76", disse ele. Os primeiros suplentes da bancada oposicionista são o ex-Vereador e ex-líder metalúrgico José César de Mesquita e o Sr José Medeiros.

Levantado o luto declarado pela Câmara municipal, na sexta-feira, em homenagem a memória do pai do Vereador Antônio Cândido (MDB), o plenario reabrirá amanhã, com uma sessão às 14 horas, sob a expectativa de ouvir os primeiros pronunciamentos dos dois Vereadores cassados, que ainda não tiveram oportunidade de falar.

Enquanto isso, o Governador Amaral de Souza parece que ainda não decidiu qual o caminho melhor para recorrer contra a posse dos dois ex-cassados. Sabe-se que o Governador ainda espera contar com a ajuda federal, para impetrar o recurso.

Hoje à tarde, o Sr Amaral de Souza viaja para Brasília, cumprindo agenda administrativa, que inclui audiências com os Ministros Golbery do Souto e Silva e Petrônio Portella.

Secretário-geral do PDR condena luxo de exilado

Belo Horizonte — O secretário-geral da Comissão Nacional do Partido Democrático Republicano, Sr Vitor Nosseis, condenou ontem, o Sr Leonel Brizola, "que subvencionado vive e se veste luxuosamente. E é neste homem que nossa massa trabalhadora deposita suas esperanças messiânicas" satirizou.

— O PDR sempre combateu, pertinazmente, toda e qualquer forma de demagogia. Acreditamos que um trabalho lento e perseverante poderá conduzir, mais objetivamente, a nossa meta final, que consiste principalmente no alcance do bem-estar social — acrescentou, esclarecendo que "o PDR prega o retorno ao humanismo, como foi preconizado por seu idealizador, Pedro Aleixo".

Grave erro

Segundo o Sr Vitor Nosseis, nosso povo está profundamente desorientado."Os processos repressivos usados pela Revolução desde 64 ate hoje deixaram um resultado nefasto: a ausência de lideranças populares autênticas. Os episódios das greves demonstraram isso".

— Fica, sob certo aspecto, difícil entender onde quer chegar o Governo — disse mais adiante. Falam em reformulação partidária, vemos uma pantomima. Pedimos ao Tribunal Superior Eleitoral o registro de nossos estatutos e tivemos nossa pretensão negada apesar de fundamentada em lei, assim também como negados foram os pedidos irregulares e improcedentes dos dois PTB's. Na sua opinião, existe por tras do Sr Leonel Brizola "uma imprensa socialista mundial, a dar-lhe cobertura e a brindá-lo com referências elogiosas. Subvencionado, vive e se veste luxuosamente, como se fora um sheique do petróleo".

Referindo-se ao comportamento dos Partidos e Governos, disse que uma análise da História mostra que eles rarissimamente agiram com equilíbrio, "segundo as regras e leis gerais do conhecimento e da existência. Sempre acreditaram mais no econômico que na pessoa humana. Grave erro".

General garante que Juiz de Fora não prende Brizola

O presidente do Superior Tribunal Militar, General Reynaldo Mello de Almeida, garantiu ontem que o ex-Governador Leonel Brizola não será preso ao voltar. Quem recebeu a promessa foi o advogado do ex-Governador, Sr Wilson Mirza, que telefonou para o presidente do STM.

O Sr Wilson Mirza ficou contrariado com as declarações do Juiz Auditor de Juiz de Fora (4ª Região Militar), que considerou o ex-Governador do Rio Grande do Sul ainda sujeito a prisão, por ter sido condenado a 11 anos. Ontem mesmo, por telefone, o advogado do Sr Leonel Brizola entrou com um pedido de habeascorpus contra o mandado de prisão, que perdeu sentido com a anistia.

A informação do Juiz Auditor inquietou até mesmo o Sr Leonel Brizola, que está em Nova Iorque, mas soube da notícia. Ele telefonou ao seu advogado no Rio, Sr Wilson Mirza, que entrou em contato com o presidente do STM.

"O Ministro Reynaldo Mello de Almeida me assegurou que providenciará no sentido de que o Sr Leonel Brizola não sofra qualquer constrangimento ilegal por parte da Auditoria da 4ª RM. Para sanar a ilegalidade a que continua sujeito o ex-Governador do Rio Grande do Sul, impetrei ordem de habeas corpus em seu favor, ao presidente do Superior Tribunal Militar", disse o advogado, no final da tarde de ontem.

Para o Sr Wilson Mirza, "mais uma vez, a atuação do Juiz Auditor Alziro Carvalhaes Fraga, lamentavelmente diverge da dos demais auditores e do STEM, que agiram c[illegible] a maior presteza no sentido de assegurar o benefício da anistia aos seus destinatários".

"Ainda que o Juiz Auditor Alziro Carvalhaes tenha dado preferência aos processos de réus presos, cumprido determinação do STM, o que é recomendável, não se justificaria", segundo o advogado Wilson Mirza,"o anúncio de que o ex-Governador Leonel Brizola, como jurisdicionado da 4ª RM, poderia vir a ser preso ao retornar ao país, por força de um mandado de prisão que não pode subsistir em decorrência da anistia. O Juiz não pode causar estrépito em torno da sua decisão, causando uma intranquilidade injustificável".

De todos os sete processos instaurados contra o ex-Governador Leonel Brizola, restava, com ordem de prisão, apenas o da Auditoria de Juiz de Fora, contra o qual, em julho passado, antes da anistia, foi impetrado habeas corpus junto ao Supremo Tribunal Federal. O advogado arguia a ilegalidade do processo e pedia a decretação de sua nulidade. Mas veio a anistia, que pôs fim ao processo, tornando prejudicado o habeas corpus.

O Sr Wilson Mirza, que vai a São Borja no dia 6, receber o ex-Governador Leonel Brizola, explicou ontem que com a anistia o processo se anula."É como se ele não existisse".

"Compete à Justiça Militar assegurar os benefícios da anistia aos que foram alcançados por ela. No caso do Sr Leonel Brizola, não há mais o que discutir: o processo deve ser julgado e declarada extinta a punibilidade".

O habeas corpus impetrado ontem à tarde foi para evitar que, em caso de demora do julgamento do processo pela Auditoria, o ex-Governador, apesar de anistiado, continue sujeito ao mandado de prisão.

"Estou absolutamente seguro" disse o Sr Wilson Mirza, "que o STM, honrando a sua tradição de respeito à lei, não permitirá que o ex-Governador Leonel de Moura Brizola sofra qualquer agravo ao ensejo do seu retorno ao Brasil".

PTBs no Rio ampliam divergência

Niterói — "Certos da força histórica do Partido Trabalhista Brasileiro, organismos alienígenas patrocinam ostensivamente a formação de um PTB no exterior, influindo nos seus rumos e até mesmo tentando lhe impor doutrinas, tudo para satisfação de objetivos ainda não revelados em sua profundidade". A denúncia foi feita, ontem, pelo Sr Álvaro Fernandes, coordenador da Comissão Estadual para a criação do PTB, corrente da ex-Deputada Ivete Vargas.

Para ele, o novo Partido Trabalhista "deseja se apoiar na vontade coletiva, opondo-a aos remanescentes carismáticos ou personalistas que o comandaram no passado". Acrescentou que "agora, quando o Partido se reorganiza para cumprir seu papel histórico, suas lideranças estão conscientes de que a tarefa principal será o desenvolvimento de doutrina que possa reconquistar as massas e polarizá-las por si mesmas, sem que pessoas prevaleçam sobre a legenda.

DOUTRINA

O Sr Álvaro Fernandes afirma que "no primeiro período de existência do PTB cuja fundação marcou, na época, a passagem do "queremismo" getulista para o trabalhismo, sua doutrina ficou apenas esboçada, sendo valiosos, por isso, os trabalhos exploratórios de Alberto Pasqualini e Lúcio Bitencourt. A prematura intimidade com os Governos e o modo pelo qual eram controlados seus comandos, além de seu desenvolvimento acelerado, podem ser apontados como fatores responsáveis pelo não surgimento de uma ideologia capaz de conscientizar politicamente as massas que o seguiam".

Acredita que "o trabalhismo brasileiro se distingue por seu caráter não comunista, ao contrário do trabalhismo inglês, que adota, pelo menos em tese, ideologia arrolada e criticada por Lênine como "comunismo de esquerda"

Por isso, seus reorganizadores buscam o consenso sobre uma doutrina "que possa ser sustentada no quadro dialético da história e represente, ao mesmo tempo, uma saída pacífica para o impasse social. O discurso político de Marx já não satisfaz e um século não foi bastante para confirmar-lhe as previsões. Dele e de Engels deve-se guardar a seriedade e a profundidade do trabalho científico que realizaram, ao qual o trabalhismo terá, frequentemente, de recorrer, ainda que apresentando soluções diferentes".

Segundo o ex-Deputado e hoje Secretário de Educação de Niterói, "na proposta brasileira o trabalhismo pretende a síntese dos contrários no choque entre o capitalismo e o socialismo". Sustenta que, paralelamente à luta de classe no modo de produção capitalista, se estabelece a luta ideológica no campo socialista em grau que superou a dominância do econômico sobre o político, "de tal modo que o confronto entre capitalismo e socialismo vai gerar inevitavelmente uma solução que sintetizará os dois sistemas".

"Dentro dessa dialética, o trabalhismo concilia a sociedade, dando prevalência à força do trabalho sobre o capital, de modo que todos participem efetivamente da renda nacional, cabendo ao Estado um papel secundário na economia, salvo quanto ao controle das fontes de produção de serviços públicos essenciais à segurança nacional e do comércio exterior."

O Sr Álvaro Fernandes afirma que "o trabalhismo não aceita a luta armada como forma de produzir a passagem para a sociedade trabalhista, entendendo que a transição pode ser conseguida reforçando-se a revolução passiva com a luta de posição das classes assalariadas, a conscientização da sociedade e a conquista do poder através do voto livre".

Exilados em Cuba tentam obter passaportes no Panamá

Silio Boccanera
Enviado especial

Havana — Pelo menos 85 brasileiros, que vivem em Cuba como asilados políticos, estão preparando as malas para voltar ao Brasil nas próximas semanas. Alguns já deixaram Havana, ontem, para tentar o passaporte no Panamá. Estão dispostos a seguir viagem para o Rio, contudo, mesmo se não conseguirem os documentos diplomáticos.

Entre os poucos que se asilaram em Cuba logo depois do movimento de 1964 no Brasil e a grande maioria que chegou em 1973, vinda do Chile, após a derrubada do Governo de Salvador Allende, a comunidade brasileira em Havana inclui desde Clara Marighela, viúva do ex-militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e ex-Deputado pelo Partido Comunista, Carlos Marighela, a César Lamarca, de 17 anos, filho do Capitão Carlos Lamarca, além de Pedro Fernando Prestes, de 27 anos, filho do secretário-geral do Partido Comunista, Luís Carlos Prestes.

DESCONHECIDOS

Vivia, também, em Havana, até recentemente, a filha de Francisco Julião, fundador das Ligas Camponesas do Nordeste, mas ela transferiu-se para o México, onde também vive o pai. Há, porém, dezenas de outros brasileiros menos conhecidos, que um exercício de memória, entre cinco deles entrevistados nesta Capital, levou à enumeração de, pelo menos, 85 pessoas, incluindo-se mulheres cubanas e os filhos de alguns.

Além da habitual preocupação com a situação individual, estes exilados com família demonstram preocupação com o tratamento que possam receber suas mulheres e crianças por parte das autoridades brasileiras. Há cinco exilados casados com mulheres cubanas, que os acompanharão ao Brasil.

Pelo que se pôde apurar aqui, todos os brasileiros exilados em Cuba têm problemas de passaporte, ou seja, não possuem esse documento. Seus contatos em Havana com a Embaixada Suíça — encarregada dos assuntos brasileiros desde o rompimento de relações diplomáticas entre Havana e Brasília — esbarram sempre na resposta oficial dos funcionários suíços de que "vão consultar o Itamarati". Não chegam, no entanto, a receber resposta, segundo informou o sergipano Agonalto Pacheco, que tentou a medida pela última vez, em fins de julho, mas até agora não obteve nenhuma informação oficial.

RESULTADOS

Pacheco, de 51 anos, foi Vereador em Aracaju pelo PTB e líder sindical da Confederação-Geral dos Trabalhadores (CGT), em 1964. Foi preso pelo Governo que assumiu o Poder em 1964 e saiu da cadeia em 1969, seguindo para o México — e depois Cuba — em troca da libertação do Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Elbrick, seqüestrado no Rio em setembro daquele ano por militantes de esquerda.

"Há um mês e meio já estou vivendo no Brasil," conta Pacheco em conversa nos jardins do Hotel Nacional de Havana. "Só penso nos amigos e na família. Nem durmo mais direito de tanta tensão", acrescentou.

Como os outros brasileiros que o ladeavam para esta conversa, Pacheco só naquele momento soube que a anistia já estava em vigor, antecipando-se a sua vigência, que ele só esperava para 7 de setembro. Ontem mesmo o ex-Vereador embarcou para o Panamá, onde tentará obter passaporte e voltar ao Brasil. A vontade de retornar poderá levá-lo, contudo, a seguir viagem até com carteira de identidade.

"As informações que recebemos do Brasil são sempre muito precárias," continuou Pacheco. "Uma vez ou outra recebemos um jornal ou uma revista de lá ou alguém nos telefona de outro país. Cartas também demoram muito, porque embora, em princípio, seja possível enviá-las diretamente entre Cuba e Brasil, raramente chegam ao destino quando remetidas assim, obrigando sempre o uso de um terceiro país como ponte", revelou.

Participando da entrevista também estavam o paulista Vinícius Medeiros Caldevilla, de 37 anos, ex-ativista da ALN e que saiu do Brasil em 1969, o piauiense Cícero Neves da Costa, de 30 anos, participante de movimentos estudantis na Universidade de Brasília até seguir para o Chile em 1972 e no ano seguinte para Cuba; e o paulista Francisco Gomes, de 46 anos, ex-dirigente do Sindicato de Ferroviários da Sorocabana.

Hábito semelhante facilitou adaptação

A adaptação dos exilados brasileiros em Cuba foi bastante fácil, conforme o relato de Gomes, não só devido à semelhança de temperamento e hábitos, mas também por causa do apoio do Governo de Fidel Castro, que lhes deu alojamento, roupas e, posteriormente, trabalho ou estudo.

Os entrevistados desmentiram rumores de que algum exilado brasileiro teria sido preso, lembrando que até os que chegaram a Cuba seqüestrando aviões foram bem tratados, obtendo trabalho ou frequentando escolas.

Não temos qualquer queixa do tratamento recebido aqui — diz Gomes, acompanhado por sinal de aprovação dos outros — mas nosso lugar é no Brasil, nossa terra, entre nossa gente e onde estão nossas famílias.

De volta ao Brasil, então, o que pretendem fazer?

— Aprender muito — responde ainda Gomes. — Gostaria de me reintegrar à Ferrovia (Sorocabana) e seguir atuando em benefício dos trabalhadores. Mas preciso conhecer as novas lideranças sindicais, pois só de longe acompanho os acontecimentos no Brasil. Tenho dificuldade em localizar as pessoas. Ouço falar bem de gente como o Lula, por exemplo, mas não o conheço, obviamente. Há toda uma nova liderança sindical no Brasil, que teria naturalmente de se desenvolver, e a ela pretendo me reintegrar, apoiando os novos líderes.

Pacheco observa que o exílio lhe ensinou lições políticas importantes, não a ponto de fazer-lhe rejeitar as lutas em seu passado, mas a ter melhor perspectiva sobre o movimento sindical no Brasil, mostrando-lhe que, ao contrário do que chegou a acreditar no passado, não se pode transferir experiências de atuação de uma categoria profissional a outra, copiar greves de um grupo para outro, sem considerar a tradição de luta de cada um. Especificamente, lembrou como exemplo os movimentos recentes no Brasil dos metalúrgicos e dos jornalistas de São Paulo, duas greves com resultados diferentes.

— Não se pode improvisar — insiste Pacheco.

Vinícius Caldevilla é engenheiro e está casado com uma cubana. Preocupa-se com o tratamento que ela receberá das autoridades brasileiras, mas ao mesmo tempo diz que tem confiança não apenas no alcance da anistia, mas também na tradição jurídica brasileira de tratar com respeito cônjuge de cidadão local, não importa o regime político do país de origem.

A mulher de Cícero da Costa também é estrangeira (chilena) mas ele não vê maiores problemas em relação a ela. Preocupa-se com sua reintegração à sociedade brasileira, porque está fora desde os 21 anos, sem muita experiência e sem informação de como poderá agora atuar politicamente. Formou-se em Engenharia Química em Cuba e vai morar no Rio, que mal conhece, pretendendo embarcar o mais breve possível com mulher e filho de quatro anos nascido aqui.

— Estou louco para ver um clássico no Maracanã

Informe JB

Farsa

Os Partidos políticos brasileiros que nasceram da redemocratização de 1945 e foram extintos em 1965, por força do Ato Institucional nº 2, criaram profundas raízes no tecido social brasileiro.

Passaram-se 14 anos e seus fantasmas estão aí, presentes, rondando tudo e todos; e de tal forma, que em Minas Gerais, por exemplo, nada se faz sem consulta prévia aos interesses do antigo PSD, da antiga UDN, e até do antigo PR, nascido na República Velha.

São mortos-vivos, como os personagens de Érico Veríssimo em Incidente em Antares; *mas por mais força que os donos do Poder apliquem, não conseguem apagar da memória social as siglas extintas pelo arbítrio.*

■ ■ ■

O Sr Leonel Brizola volta ao país com a firme intenção de fazer levantar da tumba o PTB, agora colorido com as idéias da social-democracia.

O Sr Adhemar de Barros Filho insiste em reorganizar o Partido Social Progressista, o famoso PSP, fundado por seu não menos famoso pai.

O Sr Magalhães Pinto sonha com um Partido renascido das bases udenistas mineiras — a própria UDN.

E o Sr Tancredo Neves pensa em um Partido que seria cópia exata e fiel do PSD.

Quer dizer: não mudaram os homens, não mudaram os Partidos.

■ ■ ■

Parece que todos estão dispostos a repetir a história.

E como disse Marx, quando a história se repete, é como farsa.

Café e simpatia

Reuniram-se ontem na mesma mesa o Prefeito de Vitória da Conquista, do MDB, e o Governador da Bahia, Sr Antonio Carlos Magalhães, no almoço de encerramento do 1º Encontro dos Produtores de Café.

O Prefeito não teve cerimônia: pronunciou discurso forte e combativo, contra o Governo.

Ao responder, o Sr Antonio Carlos Magalhães começou por jogar fora o texto escrito e, quando todos esperavam rebate violento, fez, de improviso, um convite à conciliação, em torno do café.

É possível que a atitude do Governador tenha sido mera cortesia — afinal estavam na mesa dos diplomatas, os Srs Octávio Rainho e Paulo de Tarso Flecha de Lima.

■ ■ ■

Mas à saída do encontro, era possível ver, nas ruas de Vitória da Conquista, o grande centro da Oposição baiana, várias faixas lançando as candidaturas de Antonio Carlos à Presidência da República.

E a de Jair Soares, o atual Ministro da Previdência Social, para Vice.

Índice da memória

A Casa de Rui Barbosa e o Cepedoc, da Fundação Getúlio Vargas, realizaram em conjunto o trabalho de catalogar todas as instituições do Rio de Janeiro que têm arquivos. Uma espécie de guia dos arquivos públicos da cidade.

O trabalho desenvolveu-se em três níveis: federal, estadual e municipal e será apresentado ao 4º Congresso de Arquivologia, marcado para outubro, no Rio de Janeiro.

Na sua execução, descobriu-se que:

- os arquivos da Nuclebrás são secretos e, portanto, inacessíveis ao público, ou a pesquisadores;
- o Museu Nacional desconhecia a existência de sua própria documentação histórica;
- no Museu da Fazenda há vasto material dos anos 30, para explicar a necessidade de o contribuinte pagar Imposto de Renda, que é atualíssimo.

Funciona

Ninguém mais duvida de que no Brasil os Correios funcionam bem.

Mas às vezes surgem pequenos problemas.

Há três semanas, telegrama enviado pelo grupo Nós Mulheres, de São Paulo, à única presa política do Estado, Elza Monnerat, mereceu a interferência da ECT, que o devolveu à remetente, com a seguinte informação: "Cancelado com base no Decreto-Lei 29 151/ 51, Artigo 19."

Por essa legislação, a ECT pode cancelar telegramas que firam a moral e os bons costumes, bem como os que atentem contra os interesses do país. O telegrama dizia: "Solidárias com companheira em greve de fome, reivindicamos assistência médica."

■ ■ ■

Outro telegrama que não chegou foi o passado pelo Deputado Gernote Kirinus, do MDB do Paraná, ao Deputado peruano Hugo Blanco. Foi devolvido pela ECT, com o aviso de que o destinatário não tinha sido encontrado.

O Deputado Kirinus estranhou que, em Lima, ninguém conhecesse o endereço da Frente Trabalhadora Estudantil Camponesa, que, além de Blanco, elegeu mais quatro deputados à Assembléia Constituinte do Peru.

Defesa

Vinte fazendas mineiras foram declaradas pelo IBDF, a pedido dos proprietários, refúgios particulares de animais nativos, sujeitos a regime especial de proteção da fauna e flora.

Uma delas, a Fazenda da Serra, em Três Pontas, pertence ao Sr Aureliano Chaves, Vice-Presidente da República.

Ele assumiu a responsabilidade de fiscalizar as matas, impedindo o desmatamento, e de proteger a fauna e a flora.

O último caneco

Depois de distribuir uma última rodada de cerveja de graça ao público, a dona do estabelecimento anunciou o fim de uma instituição alemã: às 11h da noite da última sexta-feira, deixou de funcionar em Munique a famosa cervejaria Buergerbraeukeller, depois de 130 anos de muita atividade.

Lá, em 1923, Adolf Hitler e um punhado de fanáticos reuniram-se para a frustrada tentativa de **putsch** que terminou com várias mortes e Hitler na cadeia. Em novembro de 1939, já dono do país e da Polônia, Hitler escapou de um atentado realizado justamente na sala principal da cervejaria, que tinha 1 mil 600 lugares.

Após a guerra, semidestruída, foi transformada pelas tropas norte-americanas em cassino militar e, ao ser entregue, em 1957, à sua atual arrendatária, Anna Sailer, a Buergerbraeukeller já era uma das maiores atrações turísticas de Munique.

Agora a proprietária do imóvel, a fábrica de cerveja Loewenbrau vai derrubá-lo para construir no local um gigantesco edifício de concreto, vidro e alumínio por 300 milhões de marcos.

Um jumento

Em município do interior da Bahia, a Prefeitura utilizava os serviços de um jumento no transporte de água. Quando a cidade ganhou sistema de água encanada, o jumento perdeu seu emprego e passou a vagar pela cidade, dando motivo a queixas diárias dos cidadãos ao Prefeito. Preocupado, o Secretário de Administração pediu à Assessoria Jurídica da Prefeitura que estudasse uma solução para o problema. A Assessoria deu parecer afirmando que o jumento poderia ser classificado como bem móvel, já que se locomovia pela cidade. Com base no parecer, o Prefeito criou uma comissão de três cidadãos para decidir o destino do jumento.

■ ■ ■

Enquanto o jumento pastava em hortas alheias, o processo foi-se avolumando a tal ponto que um funcionário da Prefeitura, apavorado com aquela loucura, resolveu remeter toda a papelada pelo Correio para o Palácio do Planalto, aos cuidados do Ministro Hélio Beltrão.

Moderado

Pesquisa da ONU para indicar as cidades mais caras do mundo deu primeiro lugar para Tóquio, seguido de Genebra e Kampala.

Buenos Aires ficou em nono lugar, na frente de Paris, 11º, e Caracas, 17º. O Rio de Janeiro, classificado como cidade de custo de vida moderado, é a vigésima cidade mais cara do mundo.

As pesquisas da ONU são confiáveis, mas em matéria de custo de vida, é sempre bom confiar desconfiando.

Tempos modernos

A recepcionista do gabinete do Delegado Regional do trabalho em Porto Alegre é obrigada a preencher uma ficha para cada pessoa que entra na sala do Delegado: nome, empresa, função, dia e hora, chegada e saída.

É uma rotina que, mesmo em caso de retorno no mesmo dia do visitante, repete-se rigorosamente.

Nesses dias de greve em Porto Alegre, a Delegacia Regional tem intermediado encontros freqüentes entre empregados e empregadores, e a recepcionista está com acúmulo de trabalho.

Não sabe se mantém a rotina burocrática ou adere à greve.

Lance-livre

- Esta semana os Ministérios da Previdência Social e do Planejamento acertam com a Federação Nacional dos Bancos a redução do prazo concedido à rede bancária para reter a contribuição paga à Previdência. O prazo de 29 dias será reduzido para cinco. A medida representa queda de Cr$ 26 bilhões mensais nos depósitos dos bancos.
- **O Vice-Presidente Aureliano Chaves marcou para o dia 11 a próxima reunião da Comissão Nacional de Energia.**
- O Sr Hugo de Almeida, Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, chegou à conclusão de que terá de mudar-se para Brasília o mais rápido possível. "Não posso trabalhar, vivo dentro de um avião".
- **O compositor francês Michel Philip acaba de gravar para a Rádio France, de Paris, uma série de 10 programas, totalizando 12 horas, dedicados à música brasileira. Foram abordadas obras de Carlos Gomes, Sérgio Vasconcelos, Francisco Mignone, Villa-Lobos e outros compositores brasileiros.**
- No próximo dia 10 o Instituto dos Advogados Brasileiros promove um simpósio sobre a nova CLT.
- **O trecho da Linha Vermelha, que começa a ser construída no próximo ano, ao custo de Cr$ 400 milhões, fica entre as Ilhas do Fundão e do Governador. No projeto estão previstas duas novas pontes e duas novas pistas.**
- A Suderj está tentando negociar o Estádio Caio Martins, em Niterói. Alega prejuízos.
- **A fábrica Bernadi, em São Paulo, está produzindo um novo carro de combate que pode desenvolver 65 quilômetros horários, com um motor movido a óleo diesel Scania com potência de 300 HP e consumindo 1 litro de óleo por quilômetro rodado. Conduz um canhão 90 montado numa torre que gira 360 graus.**
- Já estão inscritos 31 filmes, de nove países, na Mostra do Filme Científico que a Secretaria de Educação do Estado promove em outubro, no Rio.
- **O presidente da Executiva Nacional provisória do PTB brizolista, ex-Deputado Doutel de Andrade, está no Nordeste, visitando Recife e Natal para organizar núcleos do novo Partido. De lá, vai ao Rio Grande do Sul esperar o Sr Leonel Brizola.**

Emedebista tem plano para unir

Recife — A imediata retomada da campanha pela Constituinte, como resposta do MDB ao projeto político do Governo e como única bandeira capaz de unir todas as correntes e lideranças oposicionistas, inclusive os ex-Governadores Miguel Arraes e Leonel Brizola, foi a Proposta encaminhada ontem, à direção nacional do Partido, pelo suplente de Deputado Federal Mauro Ferreira Lima.

Em sua proposição, encaminhada através do Diretório de Pernambuco, o Sr Mauro Ferreira Lima, que é economista e professor universitário, sugere que "a campanha pela constituinte seja conduzida com uma nova estratégia, capaz de sensibilizar a opinião pública".

Para isso, observa ele, será necessário destituir "o caráter de elaboração da nova constituição de toda a sua fachada 'jurisdicista'" e associá-la "ao cotidiano popular, ou seja, o direito ao trabalho, à alimentação, à moradia, dentro de uma organização democrática da sociedade nos planos econômico, político e social".

Intervenção gera nova crise em MS

Campo Grande — A indicação do Coronel Paulo Américo dos Reis como interventor do Município de Jardim gerou nova crise entre o Governador Marcelo Miranda e a Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul porque o Coronel declarou que pretende impor "um regime militar no Município e que o cargo não será devolvido aos políticos".

O decreto de intervenção, afastando o Prefeito Fernando Freitas (MDB) por irregularidades administrativas, teve a sua tramitação prolongada pela Assembléia Legislativa, enquanto os deputados da Arena e do MDB tentam um acordo com o Governador. O decreto deveria ser aprovado sexta-feira passada, em regime de urgência.

Amanhã, os parlamentares arenistas e emedebistas terão audiência conjunta com o Governador, quando formalizarão o pedido de anulação do decreto de nomeação do Coronel Paulo Américo dos Reis sugerindo ao Sr Marcelo Miranda a nomeação de um civil de sua confiança.

UNANIMIDADE

Depois de tomar conhecimento das idéias do Coronel Paulo Américo dos Reis, a Assembléia Legislativa decidiu, por unanimidade, adiar a discussão do decreto de intervenção, agravando ainda mais a crise gerada pelo afastamento do Prefeito Fernando Freitas, pois o Governador Marcelo Miranda havia firmado um compromisso com o seu Secretário de Saúde, Sr Walter de Castro, do MDB, de indicar, para interventor, um civil ligado à Oposição.

O decreto de intervenção estabelece um prazo de 90 dias para a regularização contábil do Município, que fica a 430 km da Capital, no final do qual o Prefeito Fernando Freitas reassumiria o seu posto.

Mulher de Theodomiro crê que ele está mesmo em Paris

Salvador — A mulher de Theodomiro Romeiro dos Santos, Maria da Conceição Gontijo de Lacerda, reafirmou, sexta-feira à noite, a advogada Ronilda Noblat, no segundo contato telefônico que manteve com ela, que tem certeza absoluta de que era pessoa conhecida e de "absoluta confiança", o autor do telefonema informando que seu marido estava em Paris, pois disse "coisa que só Theodomiro sabia".

Segundo a advogada, com esta nova informação fornecida por Maria da Conceição, "não há mais dúvida alguma de que são verdadeiros, os recados de que ele passa bem e está mesmo em Paris". Anunciou, também, que a mulher de Theodomiro ainda não providenciou os documentos para viajar ao encontro do marido, o que começará a fazer amanhã. Pretende partir imediatamente com o filho recém-nascido. O outro, de cinco anos, ficará em Belo Horizonte com os avós maternos.

ASILO NA FRANÇA

A Sra Ronilda Noblat reafirmou, ainda, que Theodomiro dará entrevista nos próximos dias, embora não soubesse dizer exatamente quando isso ocorrerá. Na sua opinião "tudo indica que ele já pediu asilo político à França, "pois nunca teve a intenção de ficar na clandestinidade aqui, quanto mais no exterior".

Ela descartou a possibilidade de extradição, explicando que isso não pode ocorrer "porque tratados e convenções internacionais de que o Brasil é signatário, excluem expressamente a hipótese de extradição de pessoas perseguidas por motivos políticos, quer sejam processadas, condenadas ou não".

A advogada comentou, também, as condições carcerárias da Penitenciária Lemos Brito e levando isso em conta, prefere dizer que "ele deixou o presídio", sem admitir a fuga. Lembrou que ele era considerado de "comportamento exemplar" e que durante os nove anos que passou na penitenciária "nunca criou qualquer problema para a administração".

A Sra Ronilda Noblat acha que, a partir da licença que conseguiu junto ao Auditor-Militar Arnaldo Ferreira Lima para que dois outros presos políticos — Paulo Pontes e Aloísio Valério, já em liberdade e que passaram no vestibular para a Universidade Federal da Bahia — frequentassem a escola, passou a haver uma certa liberalidade. O próprio Auditor deixou a critério do diretor da penitenciária a supervisão do dia a dia dos presos existentes à época.

Ela disse que Theodomiro tinha permissão para circular na área livre do presídio, atender telefonemas na área externa e até recepcionar parentes e amigos que o visitavam. "Não que gozasse de regalias", disse a advogada. "Na verdade tinha direitos adquiridos como preso, considerando o estágio da pena (já havia cumprido mais da metade) e o seu próprio comportamento. Assim é mais correto dizer que ele deixou o presídio e não mais voltou".

A advogada não vê, também, motivos para "preocupações exageradas" com relação à fuga de Theodomiro, porque é um militante político como outros. Ela acha que "ao condenarem um menor à morte — Theodomiro foi o primeiro condenado à morte no Brasil e era menor de idade na época — transformaram-no em mito".

ISONOMIA

Ao reafirmar, ontem, que vai pedir a extinção da punibilidade de Theodomiro à 6ª Auditoria Militar, a advogada admitiu que se não conseguir essa medida em 1ª instância, impetrará habeas corpus junto ao STM em seu benefício. Se, ainda assim, não tiver sucesso, vai arguir a inconstitucionalidade da lei de anistia. A advogada julga que o projeto sancionado pelo Presidente Figueiredo fere o princípio constitucional da isonomia, "pois beneficia pessoas acusadas de terem cometido um crime, mas que não foram julgadas e exclui cidadãos condenados pelo mesmo crime".

"A lei em si já é inconstitucional, uma vez que os fatos são tratados com desigualdade. Talvez seja a primeira lei brasileira que venha com este vício, que considero muito grave e que significa subversão do ordenamento jurídico da nação. Mesmo sendo uma lei eminentemente política, não poderia ferir a Constituição", concluiu.

Arquivo

Maria da Conceição

Líder comunista não sabe quando voltará

Recife — O Sr Gregório Bezerra, ex-líder comunista em Pernambuco e um dos 15 presos políticos banidos do país em setembro de 1969, em troca do Embaixador americano Charles Burke Elbrick, ainda não decidiu quando retornará ao Brasil, segundo informou ontem a advogada Mércia Albuquerque, o o defendeu durante cinco anos, até a sua expulsão do país.

Disse ela que Gregório já manifestou sua disposição em voltar, mas esse retorno, apesar da anistia, não será imediato. Ela acredita também que Gregório Bezerra, mesmo com 79 anos de idade, ainda poderá aglutinar correntes revolucionárias de esquerda, por suas qualidades de liderança.

Lembrou a advogada que ao deixar o Brasil, na noite do dia 6 de setembro de 1969, o Sr Gregório Bezerra não estava contente: "Ele não ficou feliz e, a princípio, relutou em ser incluído na lista dos prisioneiros a serem trocados. Era contra o sequestro, por considerá-lo uma violência, mas por fim concordou em ser libertado, apesar da idade e dos problemas de saúde que tinha".

Dez anos depois da saída do Sr Gregório do Brasil, a advogada divulgou a carta de despedida que ele escreveu pouco antes de deixar a casa de detenção do Recife, onde, em lugar de "adeus", dizia "até logo", na esperança de dentro de mais algum tempo, retornar ao seu país.

Um "índio" com 500 mil votos espera Brizola no Rio

Recordista nacional de votos — 536 661 na eleição do ano passado — e candidato declarado à sucessão do Governador Chagas Freitas, o Deputado Miro Teixeira encara a reformulação partidária como "um salto no escuro e faz questão de ressaltar que o grupo **chaguista** lutará pela permanência do MDB.

Embora as declarações de ambas as partes sejam ainda cautelosas está tudo pronto para que ele e o ex-Governador Leonel Brizola — que já se disse empenhado, do exílio, em "afastar os índios da praia para o seu desembarque" — disputem, em 1982, o Governo do Estado e a preferência de um eleitorado que, tradicionalmente, tem sido pródigo na resposta aos apelos da Oposição.

O primeiro passo dessa disputa já foi dado pelos **chaguistas** nas convenções municipais do MDB fluminense, que deram aos comandados do Sr Chagas Freitas o controle quase absoluto do Partido. O mais, é esperar pela decisão do Governo a respeito do futuro quadro partidário. E, conforme observou o Deputado Miro Teixeira, "saber que espaços vazios o PTB terá para ocupar aqui no Rio".

A Entrevista

— Como foi e qual o significado da vitória do grupo do Governador Chagas Freitas nas últimas convenções do MDB?

— Pelo voto e com um comparecimento maior do que na convenção de 1975. Por outro lado, ninguém ignora as indicações de que há um projeto do Governo com o objetivo de alterar o atual sistema partidário. Apesar de existir uma facção do MDB que acha necessário extinguir os Partidos para promover a ampliação do quadro partidário, nós aqui no Rio de Janeiro queríamos dar uma demonstração de que todas as bases estavam mobilizadas. O índice de comparecimento serve como fator de argumentação nessa luta pela preservação do MDB.

— Mas o Sr fala em preservação do MDB num momento em que corre na bancada federal um abaixo-assinado pedindo a expulsão do Governador Chagas Freitas do Partido e a intervenção no Diretório do Rio.

— Em primeiro lugar, esse problema de documento pedindo expulsão não é relevante para o tipo de raciocínio que nós devemos ter. Às vezes uma questão puramente pessoal é levada para Brasília, normalmente por iniciativa de ex-chaguistas, numa atitude de efeito apenas jornalístico. É notório que a competência para apreciar casos de expulsão cabe aos Diretórios Regionais e não à direção nacional dos Partidos. Além disso, no mérito, a expulsão do Governador Chagas Freitas não tem qualquer base legal, pois não existe um fato que estatutariamente possa ser apontado como infração partidária. Mas isso faz parte da luta política, embora desejássemos que ela se travasse num plano mais elevado, não pessoal.

— A preservação do MDB exclui a criação de novos Partidos?

— Nos achamos que o quadro partidário deve ser aberto a todos os segmentos da opinião pública. Defendemos, inclusive, a legalização do Partido Comunista. Basta estabelecer as exigências mínimas, abrandando as atuais, e delegar ao povo o direito de dizer se um Partido deve ou não sobreviver. Evidentemente, tudo isso é muito diferente de cometer a violência de extinguir o MDB, um Partido que vem obtendo vitórias crescentes a cada eleição.

— Ainda é possível uma convivência, não só de chaguistas, mas de autênticos e moderados dentro do MDB?

— Quem não se sentia satisfeito terá a sua oportunidade de sair e formar um outro Partido.

— Os chaguistas não tomariam essa iniciativa?

— Não. Lembro que, nas eleições de 1970, o MDB fez sete senadores no Brasil todo e três deles eram do Rio, que tinha também a única bancada da Câmara dos Deputados onde a Oposição era maioria. Nós criamos o MDB aqui no Rio e posso dizer que estamos satisfeitos dentro dele e o povo satisfeito com nossa atuação.

— É concebível, no plano nacional, um MDB com Chagas Freitas e Miguel Arraes?

— Se o Miguel Arraes não desejar ficar no MDB, ele poderá, com a reforma que defendemos, abrir seu próprio Partido e nele reunir seus amigos. Para mim, isso não constitui embaraço, pois admito que as pessoas tenham idéias diferentes das minhas. Só lembro que o êxito do MDB deve-se ao fato dele ser uma federação de oposições, que atrai voto da classe média mais conservadora, dos setores mais progressistas do empresariado, e atrai o voto do trabalhador. Isso é saudável.

— Se for facilitada a criação de Partidos, quem deixará primeiro o MDB, os autênticos ou os moderados?

— Não sei dizer se alguém deixará o MDB; só digo que nós não deixaremos. Eu não concordo com essa divisão de **autênticos e moderados**, até porque há casos de **autênticos** que se abstiveram de votar na anistia, essa anistia que, mesmo restrita, permite que o Arraes volte. É muito bonito, hoje, com a abertura se consumando, aparecerem os porta-estandartes da democracia que o MDB está conseguindo. Mas temos que lembrar que os **moderados** de hoje organizaram o Partido depois do AI-5, venceram a coação e levaram o eleitorado às urnas, o que possibilitou essa abertura. Por isso acho que o MDB tem apenas grupos com posições ideológicas diferentes, mas todos **autênticos** naquilo que defendem.

— No caso de ser extinto o MDB, para onde iriam os chaguistas?

— Falando sob hipótese, nós teríamos que caminhar para um Partido voltado para as classes trabalhadoras, para a distribuição mais justa da renda, para a classe média, que desaparece a cada dia. Seria, digamos, um Partido com posição ideológica progressista, apoiado também no pequeno e médio em empresariado nacional e que adotasse a luta por um grande programa de educação e saúde.

— É possível que os chaguistas ingressem no Partido do Presidente Figueiredo?

— Em política nenhuma possibilidade deve ser afastada. Não acho provável nem viável, mas não posso dizer que é impossível. Acho apenas pouquíssimo provável.

— E quanto ao Partido do Senador Tancredo Neves?

— Se ele se aproximar, se tiver um perfil como o que descrevi, é muito provável que tenha nosso apoio.

— Com quem os chaguistas já mantiveram contato visando à reformulação partidária?

— Não há conversas. Há uma indefinição total, porque ninguém sabe exatamente o que vem, como será o projeto de reformulação partidária ou mesmo se virá. Quem pode garantir, por exemplo, qual será o comportamento da Maioria arenista diante desse projeto.

— Como o Sr encara, então, o problema partidário nesse momento?

— Vejo como um salto no escuro. O próprio Governo, que poderia estar buscando a reformulação partidária para ampliar sua Maioria parlamentar poderia perdê-la. A votação da emenda do Deputado Djalma Marinho ao projeto da anistia foi encarada por setores do Governo como prova de que a Arena já não oferece mais uma Maioria tranqüila. Mas eu pergunto se a emenda seria aprovada ou não num sistema pluripartidário. No meu caso, que tive 536 mil 661 votos, pergunto: Se eu saísse do MDB, o que garante que teria esses mesmos votos? Além disso, a rigor, qualquer Partido criado agora só será consolidado nas eleições de 1982. O Governo pode fazer a Maioria agora e perdê-la daqui a três anos. Não há teste para eleições, as pesquisas revelam apenas amostragens. Setores do Governo poderão estar incidindo num erro terrível.

— Quais são as possibilidades de surgimento e crescimento do PTB no Rio?

— Isso não pode ser analisado sem que se conheça, primeiramente, o projeto de reformulação partidária. Se o MDB não for extinto, o PTB não terá grandes espaços para se constituir, porque as lideranças de base permanecerão no MDB. A outra análise a ser feita é a do eleitorado. Na minha opinião, o operariado do Rio não é o mesmo de 1960; há um predomínio dos mais jovens, eles estão mais qualificados, quer dizer, não se sabe exatamente que massa de manobra o PTB terá. Outro ponto é a evolução da economia nacional. Quando as bandeiras eram a nacionalização, a estatização da Light, da CTB, da ITT, a situação era outra. Isso não existe mais, essas bandeiras desapareceram em 1962 e 1963, de modo que não sei até que ponto, hoje, aquele ideário do Grupo dos 11, por exemplo, sensibilizaria a opinião pública. O PTB do futuro, tenho a impressão, será um PTB diferente daquele de Vargas e do proprio Leonel Brizola.

— O ex-Governador Leonel Brizola seria aceito no MDB do Rio?

— Nós faríamos uma reunião especial do Diretório para filiá-lo ao Partido. Acho que todos os oposicionistas deveriam estar reunidos na nossa legenda, que lutou pela anistia e conseguiu a volta dos exilados, inclusive do Sr Leonel Brizola.

— Mas essa é a frente defendida justamente pelo ex-Governador Miguel Arraes.

— Por aí se vê que não existem **autênticos** nem **moderados**. O que existem são idéias que podem coincidir ou não.

— O MDB do Rio, hoje, é só Chagas Freitas?

— Acho que o MDB do Rio é principalmente Chagas Freitas, mas não se pode dizer que existe uma unanimidade. Ocorre que só o grupo de Chagas Freitas tem número para se fazer representar no Diretório Regional, o que não quer dizer que quem não for **chaguista** está alijado. Pode haver até conversas para formar uma chapa de composição.

— O Sr é candidato a governador?

— Se o processo das sucessões estaduais for realmente por eleição direta e se o meu Partido quiser me lançar, pela votação que obtive na última eleição, eu estou pronto a atender ao meu Partido. Pessoalmente, acho que todo político deve aspirar ao Governo para aplicar suas idéias. Isso não significa que eu ambicione e que a não consecução desse objetivo possa provocar alguma frustração em mim.

— Com o MDB ou sem ele?

— No Partido em que eu estiver.

— Como o Sr encara um confronto com o Senador Roberto Saturnino?

— Isso não deve ser objeto de exame. Quando se entra numa eleição não se analisa as condições do seu concorrente ou dos seus concorrentes, porque o curso da campanha é que determina o vencedor. Não existe ninguém que tenha entrado numa campanha vitorioso e eu não seria realista se desse uma resposta diferente.

— Por que o Sr não concorreria se a eleição fosse indireta?

— Por convicção pessoal, embora ache que o Partido deva ter candidato mesmo numa eleição indireta.

— Vale a pena ser Governo?

— No plano das políticas substantivas, de atendimento às necessidades da população, vale a pena ser Governo. E eu acho que o político tem que aspirar ao Governo, como todo Partido político tem obrigação de buscar o Poder, como o MDB tem obrigação de buscar o Poder na área nacional e tentar eleger o sucessor do General Figueiredo.

— As convenções tiveram preocupação com respeito à sucessão estadual?

— Claro. As convenções foram organizadas e nas chapas foram compostas, de maneira a assegurar a unidade do Partido na deflagração da campanha eleitoral de 1982, não apenas para governadores, como senadores e deputados e até vereadores, na coincidência de mandatos. A grosso modo, poderíamos dizer que fizemos **eleições primárias**, porque esses delegados é que escolherão os candidatos. Mas não excluo a possibilidade de que um nome não alinhado com nossa corrente acabe atraindo os delegados e obtenha a indicação. O delegado vota de acordo com a sua vontade e o voto é secreto. O que há de concretamente é que um grupo organizou bem a sua base, o que não impede que essa base sofra fissuras ao longo de todo esse processo.

Arquivo

O Deputado Miro Teixeira garante que grupo chaguista *fica no MDB até que alguém apareça para apagar a luz*

Adhemar espera Chagas para viabilizar o PSP

Depois de conversas preliminares com representantes de um grupo heterogêneo de políticos cariocas e fluminenses, que perderam mandatos de deputados federais e estaduais, de prefeitos e vereadores, o Deputado Adhemar de Barros Filho (Arena-SP) deixou o Rio convencido de que é viável a criação de um novo Partido semelhante ao PSP desde que atraia o Governador emedebista Chagas Freitas.

A idéia do Sr Adhemar de Barros Filho é a de lutar, até quando for possível, pela tese de que o Governo não deve pressionar as bases arenistas, forçando-as a se vincularem, maciçamente, num único Partido, já denominado de **Arenão**. O parlamentar paulista acha mais viável a distribuição dessa maioria arenista entre dois novos Partidos, um deles não oficial, que funcionaria, contudo, como uma espécie de linha-auxiliar do Governo.

O grupo

O grupo de políticos cassados, com tendência de acompanhar o Sr Adhemar de Barros Filho, é coordenado pelo Sr Raul de Oliveira Rodrigues, que pertenceu ao PSP e que foi cassado, em 1968, quando presidia a Assembléia do extinto Estado do Rio. A ele se filiam, ainda políticos que abandonaram, espontâneamente, a vida pública, depois da edição do AI-5, como é o caso dos Srs Câmara Tôrres e Ênio Pereira da Costa, que foram Deputados estaduais.

A abrangência do grupo, segundo o Sr Raul de Oliveira Rodrigues, é significativa: "Contamos com pessoas que deram contribuição importante à vida pública fluminense, nas fileiras do PSP, PL, UDN, PSD e até do PTB". Para trabalhos de arregimentação no Norte do Estado do Rio, o grupo conta com o ex-Deputado Nicanor Campanario; a região Sul está entregue aos ex-Deputados Jarbas Lopes, Câmara Tôrres e Julio Ferreira da Silva, este já lançado candidato à Prefeitura de Itaguaí; na região dos Lagos operará o ex-Deputado Oliveira Rodrigues, que dividirá, ainda, as tarefas de sensibilização de grupos políticos de Niterói e São Gonçalo, numa primeira etapa, com os ex-Deputados Aécio Nânci e Ênio Pereira da Costa.

No Rio, o grupo escolheu para escalão precursor uma corrente de ex-udenistas, que tem à frente os ex-Deputados Mauro Magalhães, Salvador Mandin e Mauro Werneck. O Sr Raul de Oliveira Rodrigues crê na arregimentação, em todo o Estado, de um numero superior a 50 políticos que foram cassados e recuperaram, recentemente, o direito de votar e ser votado. Garante ao Partido que tenha o apoio de seu grupo um mínimo de 12% do atual eleitorado do Rio de Janeiro.

O Sr Adhemar de Barros Filho já manteve, no curso de suas conversações em torno da reforma partidária, dois encontros no Rio com o Sr Chagas Freitas. Longe das vistas da imprensa, pois entrou e saiu pela ala reservada ao Governador, no Palácio Guanabara, o filho do fundador do ex-PSP conseguiu arrancar, pelo menos, uma definição do chefe da principal corrente do MDB do Estado do Rio: a de que ele não filiará seus aliados ao futuro Partido do Governo.

Jogando na extinção dos atuais Partidos, que considera "matéria transitada em julgado", o Sr Adhemar de Barros Filho acredita que a saída mais racional para o Sr Chagas Freitas, desde que o Governo admita girar em torno de dois Partidos e não de um, será a de se vincular à agremiação escolhida para funcionar, dentro do Congresso e fora dele, como linha-auxiliar do Presidente da República.

A aliança entre os Srs Chagas Freitas e Adhemar de Barros Filho, se ocorrer, afastará do comando do parlamentar paulista uma grande maioria de políticos cassados liderados pelo Sr Raul de Oliveira Rodrigues. Isso ficou claro na reunião que os reuniu ao filho do fundador do PSP, na última sexta-feira, em Niterói. Houve críticas ásperas ao Governador do Estado e uma espécie de desejo de alguns ex-Deputados, como a carioca Mauro Magalhães, de só se filiarem a um Partido que faça do **antichaguismo** a sua principal bandeira de lutas.

Reforma partidária deixa os "autênticos" inquietos

Flamarion Mossri

Brasília — Mais que os chamados **moderados** do MDB, que se consideram do "centro-democrático", os **autênticos** da Oposição — considerados "radicais" pelo Governo e dirigentes da Arena — estão perplexos e inquietos diante da esperada reformulação partidária, que deverá extinguir as duas atuais agremiações.

Mesmo evitando opinar a respeito, admitem muitos deles que se não houver a extinção, dificilmente seria concretizado o plano de São Bernardo do Campo, de organizar um Partido popular de Oposição, sem concessões ao Governo e à luta contra o arbítrio, livre dos **adesistas, chaguistas, dos malufistas e de alguns moderados**.

Provocar Implosão

O vice-líder Fernando Lyra, contudo, ao mesmo tempo em que defende o MDB "reciclado", insiste na pregação contra a extinção. Acha que com a reformulação do programa partidário, os que se sentirem deslocados procurarão outros rumos. Assim pensa também o mineiro Edgard Amorim, da comissão coordenadora do grupo **autêntico**.

Ele acha que com a dinamização do grupo e esperada adesão de lideranças sindicais e de intelectuais, esta facção se destacará na luta oposicionista pelo restabelecimento do estado de direito democrático, provocando uma "implosão" no Partido. Com isso, os **moderados** e outros mais transigentes buscariam novas opções.

Na opinião do Sr Francisco Pinto, porém, as disputas internas na Oposição facilitam os planos governistas, de dividir e enfraquecer as forças que lutam contra o sistema. Mesmo assim, o representante da Bahia não deixa de censurar a omissão e o imobilismo do comando emedebista, que nestes anos todos deixou de procurar as lideranças sindicais, os operários, os trabalhadores rurais, os estudantes. Não havia, sequer, um programa de ação nesse sentido, frisou.

As críticas ao imobilismo do comando do MDB são reforçadas e reiteradas por muitos **autênticos** e diversos **moderados**. Os mais insistentes são os gaúchos Alceu Collares e Jorge Uequedè. O vice-líder Airton Soares, de São Paulo, entretanto, tem procurado evitar manifestações públicas de seus companheiros, de críticas do Partido e de planos para formar um novo Partido de bases populares. Acha que se cada um externar suas próprias convicções e tendências, não haverá sequer unidade na corrente de Oposição autêntica.

Outra posição é a de admitir novos Partidos na faixa de oposição, que amanhã poderão aliar-se ao "PDB" dos **autênticos** em disputas eleitorais. Esta é a tese dos Deputados Francisco Pinto, Marcelo Cerqueira, Roberto Freire e outros.

O Deputado Cequeira disse, outro dia, que as esquerdas do Rio cometeram vários erros e num deles o beneficiado foi o Sr Carlos Lacerda — "que instalou o golpe no Rio". Lembrou a união das forças de oposições de todas as tendências em 1974, em torno da reeleição do Sr Lysâneas Maciel e o dilema que enfrentaram no pleito indireto do ano passado, entre os Srs Chagas Freitas e Syseno Sarmento.

As esquerdas sabiam que o Governo Chagas Freitas "seria isso que aí está, subserviente, arbitrário, vidento, condicionado ao Palácio do Planalto, um verdadeiro **pelego** do Presidente da República. "Mas o risco era muito grande para apoiar o General Syzeno, mesmo sem condições de vencer".

Sua esperança é a candidatura Roberto Saturnino ao Governo do Estado, pelo voto direto, em 1982, com o apoio de todas as forças de oposição, inclusive do PTB de Brizola. "Seria uma barbaridade o ex-Governador gaúcho apoiar Chagas Freitas e a ditadura" — observou o Sr Marcelo Cerqueira.

Da mesma forma, o pernambucano Roberto Freire, admite composições circunstanciais no seu Estado, em torno de Miguel Arraes, Jarbas Vasconcelos e Marcos Freire. Lembrou que em 1962 o Sr Miguel Arraes uniu-se ao pessedismo de Pernambuco, elegendo-se Governador, com o Sr Paulo Guerra como Vice, contra as forças direitistas representadas pelo udenismo e seus aliados.

Ele não acredita que o PTB deixe de se somar com a Oposição, esperando que o Sr Leonel Brizola e outros oposicionistas mais transigentes — mesmo os **moderados** do MDB de hoje — integram uma nova "frente democrática".

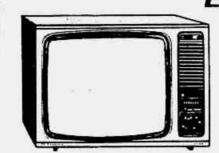
Ulysses e Tancredo

Por isso mesmo o Sr Roberto Freire está lutando para conseguir o aval oficial do comando nacional do MDB à sua proposta de emenda constitucional, considerando livre a organização dos Partidos. A liderança emedebista já apoiou sua proposta. Seria uma maneira indireta de proporcionar a extinção dos dois Partidos, facilitando ao máximo a criação de outros. "Seria mais fácil criar um Partido do que um clube de futebol" — comentou o vice-líder Marcondes Gadelha (PB), defensor da emenda Roberto Freire.

Mas o representante paraibano — do grupo **autêntico originário** — não sabe o que fará, se amanhã fossem extintos a Arena e o MDB. "Irei para onde o Dr Ulysses for" — disse o Sr Gadelha. Um pouco diferente do Senador Nélson Carneiro, que pretende acompanhar seus amigos pessedistas Ulysses, Amaral Peixoto e Tancredo — na certa acreditando que todos continuarão juntos.

Os **moderados**, por enquanto, parecem revelar mais unidade. A tendência da grande maioria é a de acompanhar o Senador Tancredo Neves — mesmo afirmando que lutam contra a extinção. Iriam todos eles para um Partido de oposição não radical, pois não acreditam como o líder da facção, num Partido dito independente, articulado por antigos udenistas, fazendo oposição segunda, quarta e sexta, apoiando o Governo terça, quinta e sábado, ficando neutro no domingo.

JUBILEU DE PRATA COM PREÇOS JÓIA

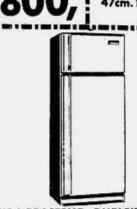
TV. PHILIPS A CORES Mod. K-210. 56cm 22". **17.100,**

TV. TELEFUNKEN A CORES Mod. 664. 66 cm. 26" de mesa. **17.800,**

TV. PHILIPS À CORES Mod. K-202. 47cm. 18" **14.000,**

TV. SHARP A CORES Mod. 2006-A. 51 cm. 20" **15.790,**

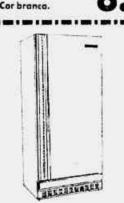
PRODUTOS DIVERSOS

Produto	Preço
FORNO ELETRÔNICO SANYO Aquece por microondas.	25.190,
BATERIA MARMICOC POLIDA Com 29 peças	1.850,
PANELA DE PRESSÃO MARMICOC Com válvula de segurança 5 litros.	380,
FERRO AUTOMÁTICO G. ELETRIC Ultra leve	380,
GRILL GENERAL ELETRIC Com grelha para Waffles	995,
MÁQUINA SINGER PORTÁTIL Facilita. Com motor.	5.740,
EXAUSTOR NAUTILUS MOD. 800SL Coifa p/ cozinha. Várias cores	1.810,
ENCERADEIRA ELECTROLUX Mod. B-25 Com 3 escovas	2.100,
ASPIRADOR ELECTROLUX Mod. Z-106. Doméstico	2.690,
LAVA CARPETES Eletrolux	2.750,
REGULADOR DE VOLTAGEM VETA COLOR Automático. P/ TV a Cores	1.290,
NOVA MÁQUINA REMINGTON Mod. 15 Portátil	3.350,
ELETROFONE GRUNDIG ESTÉREO Mod. 195 com 2 caixas	5.250,
GRILL AUTOMÁTICO FAET Torrador e grelha p/ Waffles	1.450,
MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI Letera 31. Portátil com estojo	3.250,
ASPIRADOR DE PÓ -NICE Para Auto Portátil, leve e prático	295,
RÁDIO GRAVADOR SHARP AM/FM. Pilha e corrente	4.530,
GRAVADOR SHARP MOD.-600 X Portátil. Micro embutido.	1.795,

CONJUNTO ESTÉREO SHARP Toca discos, Tape Deck e Rádio. **17.950,**

GELADEIRA BRASTEMP - DUPLEX Modelo 44D. 440 litros **13.450,**

FOGÃO BRASIL GRAND PRIX - VT 4 bocas luxo. Acendimento automático. **6.200,**

FOGÃO BRASTEMP SUPER LUXO 6 Bocas. Acendimento automático. Cor branca. **8.600,**

GELADEIRA BRASTEMP Mod. 28-S 280 litros. **6.450,**

GELADEIRA G. ELECTRIC SUPER LUXO Mod. 3013. 365 litros. **8.100,**

GELADEIRA G. ELECTRIC Modelo 3310. 290 litros **5.970,**

GELADEIRA G. ELECTRIC Mod. 3715. 410 Litros. Com serviço de água. **10.500,**

GELADEIRA CONSUL MOD. 2825 285 litros. **6.600,**

PRODUTOS ARNO

Produto	Preço
LIQUIDIFICADOR STANDART Com jarro plástico e medidor	675,
SECADOR DE CABELOS Junior. Portátil	510,
BATEDEIRA DE BOLO Portátil.	700,
ENCERADEIRA COM 1 HASTE Esmaltada	1.350,
ESPREMEDOR DE FRUTAS Portátil, leve de fácil manejo	730,
ASPIRADOR DE PÓ JUNIOR Portátil com cabo intermediário	1.250,
SECADOR E MODELADOR Portátil, leve e prático	735,

PRODUTOS WALITA

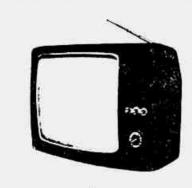
Produto	Preço
SECADOR DE CABELOS Portátil com bico direcional	610,
BATEDEIRA DE BOLO Candy Portátil. Lindas cores	785,
ASPIRADOR DE PÓ LUXO Portátil. Leve e prático	1.460,
LIQUIDIFICADOR LS200 Ultra rápido	830,
ENCERADEIRA MOD. W-1 Esmaltada	1.670,
ESPREMEDOR DE FRUTAS Portátil, leve e prático	640,
CENTRIFUGA Extrai sucos em segundos	1.470,

PRODUTOS PHILIPS

Produto	Preço
RÁDIO PORTÁTIL MOD. 073 Ondas médias	360,
ELETROFONE MOD. GF-523 Portátil com caixas	1.950,
CONJUNTO ESTÉREO MOD. AH-885 Receiver AM/FM - T discos e Caixas	7.790,
TOCA DISCOS MOD. GA-257 Automático	2.665,
GRAVADOR PORTÁTIL MOD. 2208 Com micro embutido. Pilha e corrente	2.540,
ELETROFONE MOD. GF-133 Portátil, pilha e luz	1.490,
SINTONIZADOR RH. 745 AM/FM Com saída para 4 caixas	4.950,

TV TELEFUNKEN-CORES MOD. 362 Portátil 34 cm. 14" **12.500,**

FOGÃO BRASTEMP Mod. 51P - 4 Bocas. Branco. **4.530,**

LAVADORA BRASTEMP MOD. 61-L Super automática. **9.980,**

TV. PHILIPS PORTÁTIL Mod. T-721 44 cm. 17". **4.980,**

SEMER 1020 4 Bocas Luxo. **2.095,**

CENTRO - RUA URUGUAIANA, 13
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 46/48
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 114/116
CENTRO - RUA DO ROSARIO, 174
CENTRO - RUA DA ALFANDEGA, 261
CENTRO - RUA BUENOS AIRES, 294
CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO, 183
CINELÂNDIA - RUA SEN. DANTAS, 28/36
COPACABANA - RUA SANTA CLARA, 26A e B
COPACABANA - AV. N. S. COPACABANA, 807
TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM, 597-A
MEIER - RUA DIAS DA CRUZ, 213
MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA, 263
CAMPO GRANDE - R CORONEL AGOSTINHO, 24
BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇÕES, 394-A
NOVA IGUAÇU - AV. AMARAL PEIXOTO, 400-406

MATRIZ E ATACADO - ENG. ARTHUR MOURA, 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822
CENTRO E ZONA SUL (PBX) 283-9002

LOJAS TIMES SQUARE

FILIAL NITEROI VISCONDE DE URUGUAI ESQUINA SÃO PEDRO

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1979

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura

Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Terra Ociosa

Falou-se muito mas ainda não se fez nada: a sobrevivência de grandes extensões de terras não cultivadas continua a atravessar o caminho do Brasil. O latifúndio permanece um problema econômico com repercussões sociais. E, mais grave ainda, um foco de realimentação da demagogia política.

Desde 64 a solução para o latifúndio improdutivo teve equacionamento correto e objetivo. Dispôs-se o Governo a atacá-lo por via tributária: o Imposto Territorial progressivo é o remédio adequado para torná-lo produtivo ou desmembrá-lo por via natural.

Estranhável é que a estratégia correta tenha ficado no papel e nos discursos. Porque a verdade é que o latifúndio continua a atentar contra o desenvolvimento econômico de um país com amplas e múltiplas possibilidades agrícolas. Não cabe mais nem mesmo o receio de que a ação governamental possa confundir-se com formas arbitrárias de expropriação.

O clima artificial da agitação rural no passado serenou. Mas os Governos continuam inertes diante do latifúndio, que é símbolo de atraso e comprovação da inércia administrativa. Verificado que a taxação progressiva das terras não cultivadas é a alternativa competente para resolver o problema, por que hesitar e adiar indefinidamente a sua cobrança?

O INCRA produziu normas mas não demonstrou capacidade de aplicá-las. Com isso não resolveu um problema antigo: arquivou-o. Fica o risco de explorações políticas. O novo presidente daquele órgão armou o dispositivo legal para aplicar o mecanismo tributário às grandes extensões de terras improdutivas. Mas as antigas e invisíveis dificuldades parecem pesar mais do que a disposição de deflagrar o processo de integrar ou liquidar o latifúndio.

Essa capacidade de manter-se intocável o latifúndio é atentatória para um país carente de alimentos e necessitado de exportar. A irregularidade da produção se traduz na inconstância do abastecimento da população. E as manobras especulativas de preços confirmam o conceito de impotência governamental diante do problema. Há áreas de fome e há carência alimentar em larga faixa social.

A inércia da administração pública vai além do latifúndio e invade o próprio campo da intermediação dos produtos rurais. Procurar o Governo substituir-se aos intermediários inidôneos, que trabalham com métodos marginais, é um velho erro. A função do Governo teria de concentrar-se no estímulo ao aparecimento de um novo padrão de intermediação. Pois, organizado livremente o mercado, e contando com empresários eficientes, a presença do Governo nesse mecanismo será supérflua.

Linhas de financiamento para a construção de redes de silos e armazéns podem fazer surgir o empresariado que se encarregue de trazer do campo para a cidade, com regularidade, os produtos sem a iniqüidade de preços que tanto atinge o produtor rural quanto onera o consumidor urbano.

Tanto a taxação do latifúndio quanto o estímulo à intermediação moderna e eficiente podem ser operações simples e naturais. É apenas questão de competência e vontade.

Servos do Monopólio

Em matéria de energia, isto é, de petróleo, os dois fatos fundamentais da semana foram: o jogo de negaças da Petrobrás para dificultar a perspectiva de encontrar-se petróleo em São Paulo, e a disparidade das informações oriundas da área oficial da energia.

No primeiro caso, a justa pressão do Governo paulista levou à abertura da Bacia do Paraná, incluindo o Estado de São Paulo, para os contratos de risco.

A esse respeito, não faz a Petrobrás mais do que a sua obrigação. Só se acha petróleo procurando, e a companhia estatal revelou-se ineficaz neste sentido.

Ainda aqui, entretando, é preciso lamentar que esta decisão esteja embutida na de impedir que São Paulo se dedicasse sem obstáculos, como seria natural e desejável, à prospecção. O Sr Ueki aconselha o Sr Maluf a plantar cana — conselho que não lhe foi pedido, e nem é da sua competência. E por outro lado, a abertura dessa nova área aos contratos de risco apenas disfarça o fato de que o contrato de São Paulo continua de qualquer maneira entupido na burocracia da Petrobrás.

Esta exorbita, mais uma vez, quando diz que é dela o risco, e portanto o custo, de não ser encontrado petróleo em São Paulo.

O risco é nosso — isto é, dos 120 milhões de súditos da Petrobrás que continuamos sendo nós, os brasileiros. E o custo também é nosso, porque somos nós e não ela quem o paga. É nosso, dos contribuintes, o dinheiro que a Petrobrás administra. Nosso, o dinheiro com que comete os erros, e nosso ainda aquele com que os voltamos a pagar, através do preço sempre crescente dos combustíveis. Como é nosso, e não dela — o que a Petrobrás parece não alcançar — o lucro da descoberta de fontes de petróleo em nosso território.

Também é nosso, e não da Petrobrás, o bilhão de dólares que, através da Braspetro, mergulha agora em perfurações no solo do Iraque. País que não prima pela estabilidade política. Quem decidiu esse risco? Por que aplicar esse dinheiro lá, e não aqui?

Quanto ao outro ponto — as informações provindas da área governamental sobre o andamento dos estudos e iniciativas no campo da energia — a única e desoladora conclusão a que se pode chegar é que permanece a confusão. Confusão no público, pela diversidade dos dados fornecidos. Confusão na área do Governo.

São muitos os exemplos. O mais frisante, entre os recentes, é a seqüência de afirmações vindas há dias do próprio primeiro escalão do Governo: o Ministro Delfim Netto dizendo que não haveria mais restrições, logo corrigido pelo Vice-Presidente da República, que se declarou como a única voz autorizada do Governo para emitir opinião sobre o assunto.

Só que, dias depois, surgiu o Ministro das Minas e Energia informando que seria aliviado o sistema de limitação de gasolina nos fins de semana em 87 estâncias hidrominerais; notícia esta, aliás, imediatamente corrigida pelo General Oziel de Almeida, presidente do CNP, dizendo que eram 44 e não 87 essas cidades.

Tudo não deixa de ser, no fundo, resultante direta da presença tentacular da Petrobrás em todos os organismos, órgãos e entidades de perto ou de longe ligadas ao setor da energia. O que, sendo problema já antigo, agravado pela complacência dos Governos, acabou transformando-se de econômico em grave problema político. Porque põe em xeque o prestígio e a credibilidade do próprio Governo. Não se dispôs este, logo no começo do seu mandato, a remeter à Comissão Nacional de Energia a responsabilidade do estudo e administração dos contratos de risco? Não continuam eles entregues aos pruridos estéreis da mesma Petrobrás?

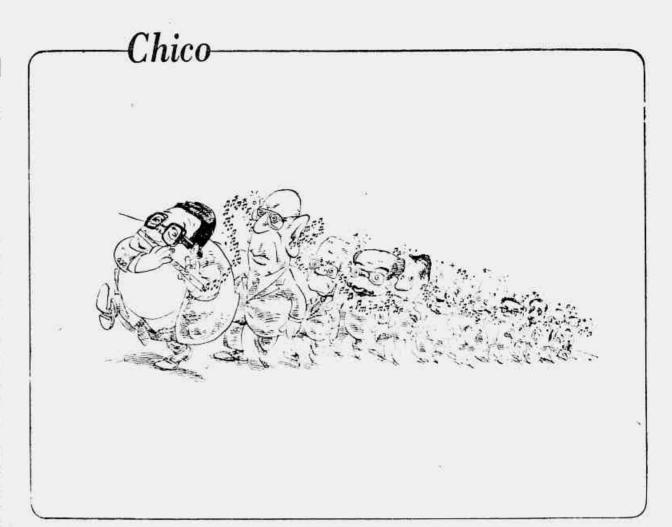
Afinal, o monopólio da exploração de petróleo é da União e não da Petrobrás. Afinal, a Petrobrás é uma simples empresa estatal, isto é, existindo unicamente para serviço da nação. E o que se vê é que continua agindo como se fosse dela o monopólio, dando prioridade aos seus próprios interesses sempre que estes podem conflitar com os dos brasileiros. Ou seja, a Petrobrás apoderou-se do monopólio para exercê-lo contra os interesses da União a quem ela pertence.

O que é tanto mais grave quanto é certo não serem mais, hoje em dia, segredo de Estado mas assunto corrente da opinião pública as suspeitas e dúvidas que pesam sobre a competência da Petrobrás. E sobre os seus possíveis objetivos. Tanto mais quanto a soberana empresa se julga no direito de nada dizer e nada explicar do que faz ou quer fazer: sabe alguém em que estado se encontra a prospecção feita em Garoupa? Ao estardalhaço com que o poço foi anunciado seguiu-se, como de costume, o mais cavo dos silêncios. E de concreto, que terá resultado do jogo de ufanismos desencadeado em Ilhéus e na Bacia de Santos? E quanto às perfurações? Das que a Petrobrás não deixa fazer, todos sabemos. Mas o que fez e faz ela nesse campo?

Isto, desde os tempos em que o petróleo era barato, é um dos segredos mais ciosamente guardados nos cofres da companhia. Por nós, sabemos apenas uma coisa: que são em número insuficiente até para termos a certeza de não possuirmos petróleo.

O episódio de São Paulo, por outro lado, e apesar do último lance de efeito, é por demais didático para poder esgotar-se na teimosia da superintendência de contratos da Petrobrás. Deixar que continue a Petrobrás a decidir soberanamente sobre os contratos de risco é o mesmo que confiar à 16ª DP o trabalho de averiguação das circunstâncias em que morreu o servente Aézio.

Chico

Cartas

"Em Tempo"

O bom senso ditou o editorial **Em Tempo**, de 7 de agosto ao qual hipoteco toda a minha solidariedade, enquanto manifesto toda a minha repulsa ao esdrúxulo, radical e por isso mesmo antipático movimento grevista dos Srs Professores, que estão a confundir liberdade com libertinagem pois, como muito bem ali ficou dito, "a ordem pública não se perturba apenas com arruaças".

Pena que toda uma honrada e respeitável classe esteja perdendo o seu prestígio, a sua reputação, a simpatia que sempre lhe devotou a opinião pública, pela ação malévola, extrema e doentia, de uns poucos líderes alienados mentais e/ou a serviço de interesses políticos espúrios, estejam a tumultuar a ordem, causando terrível dano à classe estudantil, à sociedade e ao próprio Governo.

Pena que a classe estudantil, que já vem sendo prejudicada, há tempos, pela má qualidade do ensino, face as **fornadas** de formandos que anualmente saem para o magistério, sem a menor qualificação profissional — salvo raras e honradas exceções — se veja ainda mais a sofrer os danos de uma programação curricular sendo ministrada **de afogadilho**, tendo em vista o número de dias úteis do calendário escolar que vem sendo extorquido pelos Srs líderes do acintoso movimento, que passou a contar com o adjutório do Sr Lula, também conhecido por Cabo Anselmo II — o que é o bastante para caracterizar a empreitada como suspeita e até nociva à causa em evidência.

Pena que as autoridades governamentais competentes ainda não tenham tomado uma enérgica providência, em defesa da Lei e da autoridade constituída, já que a paralisação em tela fere duas vezes ditames da Lei: a ninguém é dado ignorar que, por preceito constitucional, ao servidor público não é dado paralisar suas atividades através de greve e, ainda, mesmo que a ele fosse permitida tal prática, aos Srs Professores, não — sejam eles da rede oficial ou não — por se tratar de uma atividade essencial. E o regime democrático pressupõe o respeito e o acato à Lei. Fora disso, é baderna, é anarquia, com a conseqüente subversão da ordem.

Registre-se o nosso reconhecimento ao mérito do pleito em si. Só que, ao invés de trilharem os seus mentores a via administrativa e até a judiciária, que a Lei os faculta, partem para uma ação à margem da Lei. Se o Governo, hoje, abrir as suas portas para o ingresso ao magistério dos interessados, através de concurso, filas quilométricas se formarão de candidatos aos famigerados **míseros salários**. Aliás, atualmente, já não são mais tão **míseros**, muito embora possam e devam ainda ser melhorados. Por que os descontentes, que depois do quadro atual (que em Cr$ não é, felizmente, o de outrora), não enfiam a viola no saco e partem para outro arraial, em vez de se decidirem por um movimento tão vil? Estariam as autoridades competentes atentas ao teor ideológico, quanto ao aspecto político, dos líderes da presente ação?

Minham crianças voltaram sem aula. Numa das vezes, portando um manifesto do CEF-Núcleo de Campos, endereçado aos pais, através do qual procurou justificar a greve. Só que explicou mas não justificou... Por que não um processo sumário neles, os líderes-vilões do movimento, com perda da função pública e posterior custódia do DPPS? Para os liderados, apenas o corte do **ponto**, pois estão sendo apenas **inocentes úteis**...

Pena, ainda, que pelo fato de uma minoria não se comportar à altura, no uso das franquias democráticas, os milhões de brasileiros poderão vir, mais uma vez, a pagar pelo pecado de poucos. Poucos, que estão a sobrecarregar o teto do edifício que tão pacientemente e com espírito patriótico vem sendo construído pelos bons brasileiros. Assim, não há **colunas** que resistam... O movimento não é justo, e muito menos perfeito.

Parabéns ao JORNAL DO BRASIL, pela sua opinião sobre o assunto. Esteja certo de que interpretou o pensamento de milhares. **Milton Machado Fontes — Campos (RJ).**

Concurso do Senac

...Eis que tendo o Senac / ARRJ colocado anúncio solicitando candidatos aos cargos de instrutores — Unidades Móveis — compareci no prazo indicado munido de **curriculum vitae**, para, democraticamente, concorrer ao cargo em apreço.

(...) Fui notificado de que deveria aguardar telegrama convocando para uma prova de seleção. Como o Senac demorava a enviar a tal correspondência (...) —, resolvi telefonar para me informar. O responsável pela seleção, prof. Júlio, informou-me que nenhuma seleção havia sido feita ainda e que deveria continuar aguardando o programa e a data que seguiriam pelos Correios. Ainda assim, interessado, semanalmente entrava em contacto com o mesmo professor e as mesmas informações se repetiam até que, no último dia 26/6/79, qual não foi minha surpresa, quando ainda o prof. Júlio me informa que a prova já fora realizada. (...). Daí, então, prof. Júlio apressou-se a perguntar se eu mudara de endereço, se eu morava em apartamento, etc., etc., tentando de imediato responsabilizar meu endereço — o mesmo até hoje — pela perda da prova.

Comprometeu-se a verificar o que ocorrera e me telefonar — anotou meu nome e endereço. — Não o fez. Insatisfeito, procurei o Recursos Humanos pessoalmente e, após localizar meu **curriculum**, recebi a decisão definitiva: a correspondência foi enviada e pronto.

Deste episódio todo, a princípio sem importância, restaram algumas dúvidas. (...) Por que não eliminar o candidato através do **curriculum**? Por que impedir os candidatos de apanharem o programa e se informarem da data da prova pessoalmente, responsabilizando endereços (...) e os Correios, comodamente, pelas possíveis e eventuais falhas de comunicação? (...). **Roberto Sanches Pereira — Rio de Janeiro**.

Classe sem amparo

Venho solicitar o apoio desse Jornal aos funcionários da União que, nem sequer, lhes assiste o direito de se constituírem democraticamente em sociedade de classe, onde fosse permitido o mais elementar direito de reunião e de solicitar e não reivindicar. Em inúmeras vezes o JORNAL DO BRASIL tem defendido o direito de reivindicações salariais dos trabalhadores, quando feitas pelos meios legais. E quando estes partem para a greve, ainda assim, não se viu esse Jornal tomar atitudes violentas contra os trabalhadores, o que representa um belo gesto de solidariedade humana. (...) Os funcionários públicos têm ficado no esquecimento desse Jornal. Desconheço o por quê. Acredito que a causa desse esquecimento seja justamente por ser uma classe desorganizada, sem entidade representativa. Isto ocorre, não pelo interesse dos funcionários, mas por motivos que impedem a constituição de uma sociedade que congregue o funcionalismo, voltada para os interesses da classe, sem fundo político partidário, onde o funcionalismo viesse a ter realmente uma sociedade de classe, proporcionando-lhe assistência médica, jurídica, social etc., como acontece com os militares em suas várias associações, sem que haja quebra da disciplina militar ou da hierarquia.(...) Sobre o aumento de vencimentos ao funcionalismo, sugiro que sejam tomadas as seguintes providências, com o fim de sanear, moralizar e equilibrar as despesas: abolir o salário-família; evitar os gastos astronômicos com as mordomias; encarar com seriedade as despesas com os cargos de diretoria e chefia (DAS e DAI) e gratificações outras. (...) Uma vez evitadas ou reduzidas as dotações para essas despesas, estará o Governo em condições de melhorar a remuneração dos funcionários, concedendo vencimentos que não fiquem aquém dos demais assalariados e moralizando os gastos excessivos do serviço público. (...) **Cezar de Las Heras Martinez — Rio de Janeiro**

Gasolina

Diante da situação que o país está atravessando, por causa da questão da energia, vamos acabar tendo uma convulsão social. Fecharam-se os postos de gasolina aos domingos, agora também aos sábados e já se pensa em fechar em mais um dia da semana. Falta óleo diesel por toda a parte. Filas de caminhões amontoam-se nas estradas. Fábricas paralisam suas atividades por falta de óleo. Já escasseiam alimentos porque não são transportados. A população começa a sofrer não só por falta deles, como pela alta dos seus preços. É sabido que 80% de nossa população, ou seja, 96 milhões de pessoas, dependem de salários inferiores a 2,5 salários mínimos, vivendo apenas à custa do consumo de produtos de primeira necessidade. Vegetam e não vivem. Toda essa situação se passa porque o produto vital, que é a gasolina, é irmãmente distribuído por todo o mundo. Será que toda uma coletividade pobre está obrigada amargar a miséria, a fim de que uma minoria não fique privada de seus privilégios?(...) Sou francamente pelo racionamento da gasolina. O Governo fixou em 970 mil barris por dia o teto de nossas importações de petróleo. Pois desse total tire-se tudo que for necessário para a vida normal do país: caminhões, ônibus, carretas, ambulâncias, carros de bombeiros, utilitários, fábricas, navios, trens, etc, etc, ou seja, digamos, 60%. O restante, isto é, 40%, seja racionado uniformemente entre os carros de passeio, em todo o país. Só assim não faltarão transportes, nem alimentos, nem vestuário para os 96 milhões de habitantes do país e cessaremos de ver os filhinhos de papai, nus nos carros, com suas vedetas, gastando a gasolina à larga pelas belas praias do Rio de Janeiro e lugares quejandos. Que venha, pois, o racionamento e o quanto antes. Guerra é guerra! **Adalardo Fialho — Rio de Janeiro**.

Burocratização

A edição do dia 22 publicou, sob o título **Beltrão Torna Simples o Crédito à Habitação**, nota sobre a desburocratização da aquisição da casa própria. À guisa de contribuição, transcrevo trecho de minha carta publicada no JORNAL DO BRASIL de 15 de dezembro.

"...a equação do problema consiste na observância da prescrição contida na Lei nº 5 764/71, permitindo que o financiamento seja efetuado diretamente ao adquirente da casa própria, eliminando-se, desse modo, os cinco intermediários que intervêm no processo." **Sebastião Alfredo dos Santos — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP 20940. Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262

SUCURSAIS

São Paulo — Av. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX
Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150
Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. — Tel.: 222-3955
Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207 - Loja 103. Telefone: 722-2030
Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi. Tel.: 24-8783
Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel. Redação: 21-8714, Setor Comercial: 21-3547.
Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro, s/nº (Bonfim de Pernambués). Tel.: 244-3133
Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Los Angeles, Tóquio, Madri, Buenos Aires, Bonn e Jerusalém.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, L'Express, Times, Le Monde

ASSINATURAS — DOMICILIAR (Rio e Niterói) TEL. 264-6807

3 meses	Cr$ 590,00
6 meses	Cr$ 1.050,00

ESPÍRITO SANTO

3 meses	Cr$ 765,00
6 meses	Cr$ 1.400,00

SÃO PAULO (CAPITAL)

3 meses	Cr$ 900,00
6 meses	Cr$ 1.670,00

POSTAL VIA TERRESTRE EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

3 meses	Cr$ 650,00
6 meses	Cr$ 1.200,00

POSTAL VIA AÉREA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

3 meses	Cr$ 765,00
6 meses	Cr$ 1.400,00

Perseverança da censura prévia

Barbosa Lima Sobrinho

A atual Lei de Segurança Nacional (Lei nº 6 620, de 17 de dezembro de 1978) preceitua, no Artigo 50, que o Ministro da Justiça poderá, sem prejuízo da ação penal, determinar a apreensão de livro, jornal, revista, filme, gravação, que possa vir a ser "o meio de perpetração de crimes previstos" na referida Lei de Segurança. Poderá também decretar a suspensão dos meios de comunicação de que se tenha valido o delito que se deseja consumar; pode até proibir a circulação do jornal ou revista. Tudo para evitar a consumação do delito. E medidas preventivas desse tipo nunca foram outra coisa do que a nossa velha conhecida **censura prévia**, contra a qual vem lutando a liberdade de expressão, desde, pelo menos, a **Areopagítica** de Milton.

No momento em que se discutia o projeto da Lei de Segurança, que veio afinal a ser aprovada pelo decurso do prazo para o pronunciamento do Poder Legislativo, a Associação Brasileira de Imprensa teve oportunidade de remeter ao Congresso uma representação, em que considerava o projeto de Lei de Segurança uma das maiores ameaças com que se havia deparado, até então, a liberdade da imprensa. E a respeito desse perigoso Artigo 50 observava, sem ilusões e sem surpresas: "Este artigo, somente, vale por todo o caráter opressor do anteprojeto, pois confere à autoridade administrativa, o Ministro da Justiça, o poder de baraço e cutelo sobre todas as formas de manifestação do pensamento, o que não era sugerido nem mesmo na legislação de 1968. Poder de repressão, **pela primeira vez em lei**, poder de prevenir, o que significava, obviamente, poder de censura prévia. O preceito que se adotara em decisão do Presidente da República, no caso de **Opinião**, passa a encontrar apoio em lei, ao mesmo tempo que se revoga o AI-5. Basta, doravante, uma simples representação, para que o **prevenir** se transforme em censura prévia legal."

Não podíamos imaginar que tão depressa se realizasse a ameaça legal, como acaba de suceder com a retirada de matéria já paginada, num exemplar da **Gazeta Mercantil**. Nem houve necessidade de divulgar a representação ao Ministro da Justiça, para saber de quem partiu ou qual a autoridade responsável por uma denúncia dessa natureza. Bastou alegar que se tratava de matéria reservada da administração pública, sem a apresentação de qualquer argumento que justificasse o segredo, assim imposto à opinião pública do Brasil. Nem valeu de advertência a atitude do Sr Herbert Levy, membro da bancada que apóia o Governo, na Câmara dos Deputados, para alertar que se o assunto fosse de tal modo sigiloso, não poderia deixar de convencer o dono do jornal, cujo sentimento de responsabilidade seria o primeiro a tomar a iniciativa de mandar retirar, da página já composta, a revelação de fatos que pudessem comprometer a segurança nacional. Deve ter vindo de muito alto a representação que o Ministro da Justiça mandou cumprir, através da Polícia Federal.

Por felicidade, a **Gazeta Mercantil** não se intimidou e veio a encontrar a solidariedade imediata de toda a imprensa brasileira. E em vez de uma censura prévia que impedisse a divulgação da matéria, tivemos, ao contrário, repercussão imediata para todo o assunto, como se a proibição valesse de propaganda. À medida que se conhecia melhor a matéria considerada reservada, menos se compreendia o recurso à censura prévia. Era, tão-somente, um acordo comercial, acarretando enormes despesas para o Tesouro Nacional, despesas que não podiam deixar de interessar ao povo, pois que a ele caberia o ônus de pagamento. De onde viriam os recursos, senão de impostos a exigir de uma população já tão sacrificada?

"**A quelque chose malheur est bon**", dizem os franceses, num provérbio que já existe em português, quando se afirma que "há desgraças que vêm para bem". A ressurreição da censura prévia acordou toda a imprensa do país e se converteu num apoio tão expressivo à **Gazeta Mercantil**, que daqui por diante o recurso ao Artigo 50 da Lei de Segurança terá que pensar duas vezes, antes de ser utilizado. Para impedir a divulgação imediata da matéria proibida, ter-se-á que estender a censura a toda a imprensa e a todos os meios de comunicação, o que só será possível quando se tratar realmente de um interesse gritante da segurança nacional. Não de casos como o atual, em que o "reservado" não passava de um carimbo, para impedir a apuração de responsabilidades pessoais dos que haviam assinado, ou autorizado, a celebração do acordo, que nos coloca a reboque da tecnologia nuclear da Alemanha Ocidental.

Por que tanto segredo em torno da política nuclear, se o Brasil está comprometido a não usá-la senão para fins pacíficos? Nem é justo onerar tão profundamente uma nação, com as despesas que vão decorrer da aquisição de numerosos reatores, sem dar amplo conhecimento ao povo de tudo que se vem ajustando em seu nome, para ser cumprido pelo povo, tanto mais quando as autoridades que assumem os compromissos, não estarão mais nos seus postos, quando chegar a hora dos pagamentos ou da execução dos compromissos. Ou será que tudo isso se deve à orientação que Leite Lopes, com a sua imensa autoridade, há dias estranhava, quando não chegava a compreender que a direção suprema dessa política estivesse mais a cargo de diplomatas do que de cientistas?

É curioso o que se vem passando nesses domínios da política nuclear. Houve tempo em que o Brasil tudo esperava da tecnologia norte-americana. Tivemos um instante de maior satisfação, quando esses velhos acordos foram deixados de lado. Mas a alegria foi de curta duração, quando vimos que o lugar retirado à tecnologia americana passava a ser ocupado pela tecnologia dà Alemanha Ocidental. Como quem se limita a mudar de casa alugada, sem pensar nunca na casa própria.

Como estamos longe daquela fase em que ainda contávamos com a presença do Almirante Álvaro Alberto! Com a sua grande cultura e com o seu incomparável patriotismo, o Almirante defendia soluções, em que não renunciássemos nunca à faculdade de ir procurar a tecnologia que nos conviesse, nos Estados Unidos, na Alemanha Ocidental, na França, onde quer que fosse preciso, mas sem abandonar nunca o esforço de nossos cientistas, na criação e na formação de uma tecnologia brasileira.

E vivemos a falar em Independência, sem reparar que, século e meio depois de sua proclamação, não foi adiante de Portugal, quando o sentimento que vibra no íntimo da alma de todos os brasileiros é o culto de uma independência total, capaz de garantir a liberdade das decisões, dentro de um universo interdependente, em que as antigas sujeições se transformaram, para a instauração de um novo colonialismo, que bem se poderia classificar como um colonialismo tecnológico, tão voraz quanto o outro, e substituindo as metrópoles antigas pelas multinacionais de nossos dias.

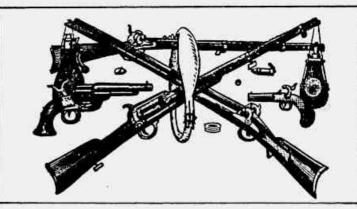
De miçangas e mosquetões

Fernando Pedreira

RAYMOND CARR, Reitor do St. Anthony's College, em Oxford, é uma das maiores autoridades mundiais em história da revolução espanhola, especialidade que o levou a estender sua curiosidade científica também à América Latina. Há tempos, visitando o Rio, ocorreu-lhe perguntar a um grupo de amigos brasileiros qual seria, ao ver deles, a personagem mais significativa da História do Brasil.

A resposta veio pronta, embora um tanto inesperada: Caramuru. A partir daí, o mais difícil foi explicar ao britânico Carr quem havia sido esse audaz português que encantou uma tribo de índios com um simples tiro de mosquetão para o ar, e que acabaria glorificado séculos depois, numa marchinha de carnaval, como filho do fogo e sobrinho do trovão.

Não é preciso dizer que a pergunta do professor inglês e a resposta dos seus interlocutores nativos ocorreu ainda em pleno regime autoritário, sob a Presidência tantas vezes tonitroante do General Ernesto Geisel. O General, ao longo do seu Governo, não terá feito nenhum gesto capaz de marcar para sempre a memória e a imaginação do povo, como o tiro de Caramuru. Mas não há dúvida que ele soube disciplinar e pacificar a sua gente por meios freqüentemente inesperados e pouco ortodoxos.

Herdamos do General o **pacote** de abril, a inflação e os acordos atômicos com a Alemanha. Mas herdamos também a volta da liberdade de imprensa, o fim da tortura e do AI-5, a devolução das Forças Armadas às suas funções constitucionais próprias. Não é pouco nem é coisa para ser esquecida. Herdamos, ainda, da mesma fonte generosa, o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki. É provável que não tenhamos tido, desde que Cabral aportou na Bahia, no ano de 1500, outro administrador mais caro que Ueki: 380 milhões de dólares **cash** pela Light, dinheiro que acabaria nas unhas dos irmãos Bronfman, entre outros; e mais os milhões que se vão escapando pelas malhas dos contratos nucleares, tão ineptamente negociados.

Nessa matéria explosiva, à medida que forem surgindo à luz os detalhes, o espanto público só tende a expandir-se. Quanto aos acordos atômicos propriamente ditos, o que falta assinalar (até em defesa do próprio Governo Geisel) é que eles consistem basicamente em **declarações de intenção** pelas quais os dois países, Alemanha e Brasil, se dispõem a contratar entre si, em condições determinadas, a construção e operação de um certo número de usinas nucleares. Até agora, ou melhor, **até** 15 de março, só foram assinados contratos para **duas** usinas (Angra-2 e 3, pois Angra-1 é da Westinghouse). Os que falam em quatro e até em oito usinas estão tentando confundir alhos e bugalhos, na esperança de ganhar terreno de manobra e produzir novos fatos consumados.

Na verdade, nem mesmo os mais vorazes nucleocratas pretenderiam, agora, ir além das duas primeiras usinas — ao menos enquanto não passasse a atual apertura financeira e não se desfizesse o eco de Three Mile Island. O que parece necessário e justo, entretanto, é o completo reexame também desses primeiros compromissos, firmados em segredo, tanto mais quanto toda a aventura nuclear angrense nasceu de um confessado equívoco ou erro técnico, hoje desfeito.

De fato, o único argumento sério, a única defesa possível dos Governos anteriores para a atitude que assumiram, está exatamente nesse erro que subestimou grandemente o potencial hidrelétrico brasileiro. Acreditava-se que esse potencial se esgotaria antes do fim do século; hoje se sabe, com segurança, que ele é duas vezes e meia maior do que se supunha e é suficiente para satisfazer o consumo do país pelo menos até o ano 2 020 (no caso de crescimento acelerado) e mesmo até 2050 (no caso de um crescimento menos rápido da demanda).

Os acordos nucleares, portanto, comprometendo bilhões e bilhões de dólares, foram negociados e firmados com base em números grosseiramente mal calculados. Hoje, diante dos dados novos, gritantes, há indícios de que a própria Chancelaria alemã não se recusaria a reestudar a questão. Afinal, as relações comerciais Brasil - Alemanha não se resumem à aventura de Angra. A própria Siemens, dona da KWU, tem entre nós interesses numerosos, consideravelmente mais antigos, menos críticos e, quem sabe, até mais lucrativos a longo prazo do que essas malfadadas usinas para novos-ricos.

O Brasil não é mais terra de índio, como nos alegres tempos de Caramuru, embora os mosquetões e as miçangas, vindos de além-mar, ainda nos impressionem o seu tanto. Ainda na semana que hoje se inicia, regressa ao Brasil o cacique Leonel Brizola, que preparou o retorno com cuidados e minúcias dignos de um experiente general, às vésperas de uma longa e decisiva campanha. Só os desatentos podem duvidar da determinação do gaúcho e do seu obstinado empenho em não perder o bonde, desta vez.

Brizola não volta de Lisboa, nem dos Estados Unidos, nem muito menos da Alemanha Federal. Ele próprio desenhou um longo roteiro que o fará passar pelas águas lustrais da América Latina, desde o México até o Paraguai, antes de entrar a pé pelo seu Rio Grande do Sul e vir vindo, aos poucos, até alcançar o Rio. Chegará a Brasília? Há quem aposte que sim, embora os obstáculos à sua frente sejam inúmeros e consideráveis, talvez irremovíveis. Mas há poucas dúvidas de que lhe está reservado um papel político importante, no curso dos próximos meses, como chefe e guru do petebismo caboclo.

Há coincidências curiosas. Ainda esses dias, às vésperas de sua chegada, incumbiu-se o próprio Palácio do Planalto de publicar uma pesquisa de opinião apontando o PTB como o Partido preferido de uma larga maioria de brasileiros. Segundo a pesquisa, o Presidente João Figueiredo é o líder político mais simpatizado em todo o país, exceto no Rio Grande do Sul, onde perde para Leonel Brizola.

É difícil imaginar contribuição mais desinteressada e insuspeita do que esta aos esforços a que se vai dedicar o chefe petebista, a partir da próxima semana. Adiram todos, enquanto é tempo. Em 1945, Prestes saiu da cadeia entendido com o ditador, para dividir as forças oposicionistas e garantir a permanência no Poder dos homens do Estado Novo. Hoje, não é preciso tanto. Basta precipitar a implosão do MDB que, de resto, desmoronaria por si mesmo, mais cedo ou mais tarde. A médio prazo, quem sabe? Brizola é um catalisador de votos, sem dúvida; mas é também um catalisador ainda maior de resistências e temores. Veremos que espécie de miçangas (ou mosquetões) nos reserva a sua volta à política.

O Brasil plagia-se a si mesmo, às vezes com exagerada insistência. Mas não deixa de ser curioso que o Planalto, depois de 15 anos de poder revolucionário, encomende ao IBOPE uma pesquisa (mal concebida e contraditória) apenas para concluir que, entre os velhos Partidos, o povo prefere o PTB. Para chegar a um tal resultado não era preciso pesquisa; aliás, não era nem preciso revolução.

RADIO PHILCO B 459	à vista 825,
RADIO PHILCO 06 RL 101	à vista 980,
RADIO GRAVADOR SANYO 2420	à vista 4.950,
ELETROLA SONATELLA	à vista 2.180,
ELETROLA TELEFUNKEN LIFTOMAT SM	à vista 5.240,
EQUIPAMENTO DE SOM TECTRON MODULAR	à vista 6.250,
VENTILADOR ELETROMAR V 40	à vista 1.550,
VENTILADOR ELETROMAR V 25	à vista 780,
CIRCULADOR DE AR SUMBEAM	à vista 2.640,
BALANÇA MODERNA AMALFI	à vista 428,
CHUVEIRO LORENZETTI JUNIOR	à vista 544,
VASSOURA FEITICEIRA	à vista 365,
ENCERADEIRA EPEL ST	à vista 1.510,
ENCERADEIRA WALITA W1	à vista 1.950,
ASPIRADOR ELECTROLUX Z 106	à vista 3.280,
FERRO ELETRICO AUTOMATICO GE	à vista 385,
PANELA DE PRESSÃO PANEX	à vista 295,
CONJUNTO MARMICOC MARGARIDA 6 PEÇAS	à vista 988,
FRIGIDEIRA PENEDO 2 PEÇAS FRITURA ENXUTA	à vista 166,
BATEDEIRA DE BOLO SUMBEAM	à vista 1.080,
LIQUIDIFICADOR WALITA L 1000	à vista 1.240,
LIQUIDIFICADOR SUMBEAM TROPICAL	à vista 1.270,
FAQUEIRO WOLNOR - 12 PEÇAS	à vista 99,
MAQUINA DE ESCREVER OLIVETTI STUDIO 45	à vista 5.250,
CADEIRA DE PRAIA PENEDO	à vista 295,
TICO TICO GENOVESI 202	à vista 345,
VELOCIPEDE GENOVESI	à vista 395,
BICICLETA GENOVESI	à vista 985,
JEEP GENOVESI	à vista 698,

BRASTEL dá tudo para receber Você

Brastel dá o melhor

CONJUNTO DE SOM STÉREO TRIPLEX SONY HP 279D
Sintonizador AM/FM Stéreo, toca-discos e amplificador e 2 caixas acústicas.
à vista 18.350,
ou 1+9 x 2.316,
Total 23.160,

CONJUNTO DE SOM TELEFUNKEN STÉREO CENTER
Sintonizador AM/FM (40w) e toca-disco
à vista 10.950,
ou 1+9 x 1.382,
Total 13.820,

TV PHILCO 828 51cm (20")
Tecla AFT, cinescópio Show Color
à vista 16.995,

TV TELEFUNKEN "HIGH-LIGHT" 665 X
super TV 66cm, um verdadeiro Show de alto brilho e contraste. Controles deslizantes.
à vista 21.550,
ou 1+9 x 2.719,
Total 27.190,

TV TELEFUNKEN PALCOLOR 472
47cm (18")
Seletor de canais eletrônico Varicap
à vista 14.380,
ou 1+9 x 1.814,
Total 18.140,

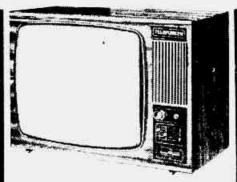
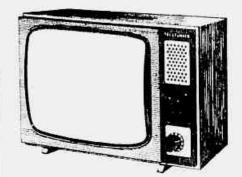
TV TELEFUNKEN 584 "PUSH-BUTTON"
Palcolor de 22", com controles digitais e circuito totalmente Solid State.
à vista 18.990,
ou 1+9 x 2.396,
Total 23.960,

TV PHILCO 819 44cm (17")
Portátil. Dotado de tecla AFT. Produzido na Zona Franca de Manaus.
à vista 14.395,

o melhor preço - o melhor prazo - a melhor qualidade - a maior garantia

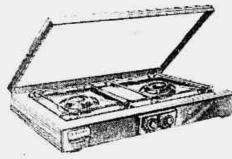
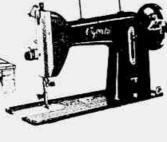
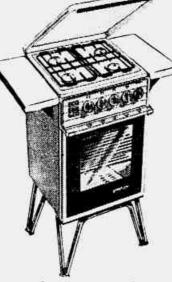
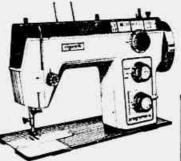
REFRIGERADOR CONSUL ET-2825
285 litros, super luxo, duplo espaço interno.
6.940,
à vista
ou
1+9 x 875,
Total 8.750,

TV PHILCO B 151 51cm (24")
Circuitos integrados.
5.795,
à vista

TV PHILCO B-267 43cm (17")
Controles deslizantes. Duplo sincronismo vertical e horizontal.
4.970,
à vista

TV TELEFUNKEN 616 61cm (24")
Som frontal instantâneo. Nitidez absoluta, controles deslizantes.
à vista 6.550,
ou 1+9 x 826,
Total 8.260,

TV TELEFUNKEN 443 44cm (17")
Portátil, controles deslizantes, som frontal
à vista 5.480,
ou 1+9 x 691,
Total 6.910,

REFRIGERADOR PROSDÓCIMO RE-16
330 litros. Amplo congelador e grande espaço interno
à vista 6.780,
ou 1+9 x 855,
Total 8.550,

REFRIGERADOR GE 3310
Super luxo. 290 litros
Aproveitamento total na porta e no gabinete. Congelador com capacidade para 20 litros.
à vista
6.450

FOGÃO YANES PORTÁTIL
2 bocas
à vista 455,

FOGÃO SEMER RADIANTE 3005
Durável, linha harmoniosa, acabamento primoroso. Gás de rua ou engarrafado.
3.230,
à vista

MÁQUINA DE COSTURA VIGORELLI UNIVERSAL
Gabinete com 5 gavetas
à vista 3.550,
ou 1+9 x 448,
Total 4.480,

FOGÃO GERAL PRESTÍGIO
4 bocas, pés altos, forno com acendimento automático.
à vista 3.950,
ou 1+9 x 498,
Total 4.980,

MÁQUINA DE COSTURA VIGORELLI ROBOT PROGRAMATIC
A máquina de costura programada para os mais diversos tipos de costura e bordado.
à vista 8.750,
ou 1+9 x 1.104,
Total 11.040,

FOGÃO BRASIL GRAN PRIX VT
Com Giromatic acendimento automático.
à vista 6.680,
ou 1+9 x 843,
Total 8.430,

MÁQUINA DE COSTURA SINGER ZIG ZAG
Caseia, chuleia, prega botões. Grátis um livro "Método de Costura"
à vista 7.880,
ou 1+9 x 994,
Total 9.940,

Som Show BRASTEL

Produto		Preço
TOCA DISCO WATEC FOUR	à vista	4.990,
TOCA DISCO GARRARD 530 S	à vista	5.260,
RECEIVER PR 1500 S POLYVOX	à vista	8.910,
AMPLIFICADOR POLYVOX 100 AP 3100	à vista	7.380,
TAPE DECK CD 720 CCE	à vista	6.530,
SISTEM ONE GRADIENTE	à vista	91.110,
ESTANTE YANG	à vista	2.600,
RACK WATEC	à vista	2.530,
YR 1400 RECEIVER YANG	à vista	5.800,
VOX 30 S CAIXA POLYVOX	PAR	3.380,
VOX 40 S CAIXA POLYVOX	PAR	4.560,
MICROFONE SEM FIO MAGNAVOX	à vista	1.680,
MIXER MAGNAVOX	à vista	695,
HEAD PHONE MAGNAVOX	à vista	695,
SINTONIZADOR TP 5000 POLYVOX	à vista	12.870,
CAIXA POLYVOX VOX 100 S	à vista	6.110,
LUZ ESTROBOSCÓPICA POP	à vista	2.210,
CONJUNTO INTEGRADO GRADIENTE	à vista	24.550,

BRASTEL dá tudo para receber Você

LABOR

Banido regressa com Flamengo e festas se confundem

Durante três dos 22 minutos que duraram as comemorações pelo regresso de Fernando Paulo Nagle Gabeira, banido do país no dia 15 de junho de 1970, ele não pôde pisar no chão. Assim que foi liberado pelas autoridades, no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, ontem, Gabeira, bastante emocionado, foi colocado nos ombros de membros do Comitê Brasileiro pela Anistia e carregado pelos Corredores do Galeão.

Gabeira, no dia 4 de setembro de 1969, no Rio, participou do seqüestro do Embaixador americano Charles Elbrick. Depois de preso, ele seria trocado, juntamente com outras 39 pessoas, pelo Embaixador alemão Von Holleben, também seqüestrado no Rio dia 11 de junho de 1970. Quatro dias após os 40 eram banidos do País.

TUMULTO

Fernando Gabeira viajou num avião da Air France que decolou de Paris e escalou em Dakar, com destino ao Rio de Janeiro. Com ele, vieram o banido Francisco Nelson Lopes de Oliveira, o cozinheiro francês Paul Bocuse e a delegação do Flamengo que excursionou pela Europa. Francisco chegou até o local onde funcionários do aeroporto vistoriam a bagagem dos passageiros. Podia ser visto pelas pessoas que estavam no corredor, mas em dado momento foi dali retirado por agentes da Polícia Federal. Segundo o advogado Humberto Jansem foi levado para o DPF, na Praça Mauá, sem que ninguém soubesse explicar os motivos.

Em frente à porta que divide o corredor do aeroporto da sala dos funcionários da Alfândega e agentes da Polícia Federal, o tumulto era grande. Por ali, deveriam sair jogadores e dirigentes do Flamengo, que estavam sendo esperados por torcedores que cantavam hino do clube e pelos amigos de Gabeira, que o recepcionaram aos gritos de anistia, anistia.

Após liberada a sua bagagem e ao transpor a porta que dá acesso ao corredor, Gabeira foi erguido nos ombros dos amigos. De braços abertos, ele gritava anistia, anistia. Retirado do local para não atrapalhar a saída de outros passageiros, muitos deles retardatários, é que Gabeira foi colocado no chão e pôde, então, começar a abraçar os amigos.

Emocionado, Gabeira dizia o nome de cada amigo e apertava-o contra si. A um canto, um pouco afastado do local onde era cumprimentado, a Banda Arquishow, contratada pelo cartunista Ziraldo, tocava o samba **Voltei**, do compositor Osvaldo Nunes. Em ritmo de samba tocou **Parabéns Para Você**, a marcha **Bandeira Branca** e **Apesar de Você**, de Chico Buarque.

A comemoração pelo regresso de Fernando Gabeira, no corredor do aeroporto, durou 22 minutos. Por um só momento ela foi interrompida: quando um dos membros do CBA anunciou, em voz alta, que Francisco Nélson Lopes de Oliveira fora detido ao desembarcar e levado para a sede do Departamento da Polícia Federal, na Praça Mauá.

Gabeira, ao falar aos jornalistas que estavam no aeroporto, disse que, inicialmente, "pretende rever os amigos, pensar em trabalhar e contribuir, de alguma forma, com a luta política que se desenvolve no Brasil".

Após falar de sua tristeza pela detenção de seu companheiro de viagem Gabeira afirmou estar de acordo com uma "proposta de unidade completa para combater a ditadura" E anunciou: "Vou tentar integrar-me na luta política do Brasil e juntar-me às pessoas que lutam pela anistia, porque foi graças à atuação do Comitê Brasileiro pela Anistia é que eu voltei e outros voltaram".

Segundo Fernando Gabeira, "a anistia ampla, geral e irrestrita é a tarefa mais importante, das inúmeras que se tem pela frente. Temos a década de 80 com imensos problemas que nós precisamos resolver".

Fernando Gabeira teve seu primeiro contato com os amigos, depois de nove anos de exílio, às 18h48m. Trajando um terno branco e camisa colorida, que ele mesmo pintou, desfez-se do paletó para abraçar os amigos com mais liberdade. Sempre cercado por duas faixas do CBA, com inscrições "A luta continua" e "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita", Gabeira, que por momentos desaparecia entre os manifestantes, deixou o aeroporto num Volkswagen vermelho, dirigido por sua prima Léda. Ele, então já sem camisa, não quis dizer para onde iria.

O aparelho da Air France que trouxe Gabeira estava com chegada prevista para as 17h40m. Houve um atraso e o avião só chegou às 18h20m.

Grande número de amigos de Fernando Gabeira foram ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro para recebê-lo. Pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio, estava o Sr Argemiro Ferreira, vice-presidente da entidade. Pela ABI, o advogado Humberto Jansen. O Deputado Marcelo Cerqueira (MDB-RJ) estava num grupo de jornalistas, entre os quais se encontrava Carlos Lemos, superintendente da Rádio Jornal do Brasil. Zuenir e Mary Ventura, Fausto Wolf e Ziraldo.

Francisco Nélson Lopes de Oliveira, detido na noite de ontem ao desembarcar do avião da Air France, no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, não pernaneceu mais do que 20 minutos na sede do Departamento de Polícia Federal, na Praça Mauá, para onde foi levado pelos agentes que o detiveram. Francisco viajou junto com Fernando Gabeira.

A informação foi fornecida, ontem por agentes federais, que adiantaram ter sido Francisco Nélson, assistido pelo advogado Humberto Jansen, e Deputado Marcelo Cerqueira, que o acompanharam do Galeão até a sede do DPF.

Segundo os policiais, a detenção de Francisco Nélson foi um equívoco logo sanado.

Fotos de Almir Veiga

O encontro de amigos com Gabeira foi emocionado e no tumulto alegre...

... não faltaram mãos para abraçar e cumprimentar o ex-banido

Fotos de Ronald Theobald

Pela manhã chegou Helena Salém, com a filha que não conhecia o avô,...

... e o advogado Irani Campos, que foi para Belo Horizonte rever a família

Arcebispo pede que corações se perdoem

Belo Horizonte — O Arcebispo desta Capital, Dom João Resende Costa, disse ontem esperar que a anistia concedida pelo Governo não seja apenas exterior, convencional e jurídica, mas que, realmente, os corações se perdoem mutuamente.

Ao lançar a Campanha do Mês da Bíblia, que este ano tem como tema Bíblia, o Livro da Criação, o Arcebispo de Belo Horizonte ressaltou que a Igreja vê com muita alegria a anistia do Governo, pois entende que ela é o desarmamento dos espíritos, para que os homens possam conviver como verdadeiros irmãos.

GRANDE FAMÍLIA

— Através desta anistia — disse Dom João — que por certo será de coração, acredito que possamos viver outra vez como irmãos, todos filhos da mesma grande família, dentro desta imensa casa querida que é o Brasil."

Ao falar da Campanha do Mês da Bíblia, que segundo ele nasceu em Belo Horizonte e hoje propaga-se por todo o país, o Arcebispo ressaltou que a Igreja pretende que, através do conhecimento da obra de Deus "ajudemos a construir um mundo mais humano, que é o nosso programa.

Este trabalho que busca tornar o mundo mais humano, disse, "não se fará somente preservando os valores naturais, pelos cuidados com a ecologia, mas preservando os valores dos homens através do relacionamento de verdade, de justiça e de serviço. O Mês da Bíblia é para ajudar o povo a viver melhor."

Mais três desembarcam pela manhã

A jornalista Helena Salém, o ex-banido mineiro Irani Campos (foi trocado pelo Embaixador suíço Giovanni Bucher) e o ex-líder estudantil goiano Ubiramar Peixoto de Oliveira chegaram ontem, pela manhã, ao Rio, procedentes de Lisboa, desembarcando sem problemas. Eles foram recepcionados, no aeroporto, com faixas pelos movimentos a favor da anistia ampla, geral e irrestrita.

Irani Campos, que integrou o Comando de Libertação Nacional (Colina) foi banido em 1971 e nesses oito anos de permanência no exterior viveu no Chile, México, Alemanha e Angola. Do próprio aeroporto ele seguiu direto para Belo Horizonte pela Ponte Aérea, o mesmo acontecendo com Ubiramar Peixoto de Oliveira, que nem saiu da sala dos passageiros em trânsito e viajou para Goiânia.

A neta

O Vôo 763 da Varig chegou às 6h20m e no saguão do Aeroporto Internacional do Galeão já estavam os representantes do Movimento Feminino pela Anistia, do Comitê Brasileiro pela Anistia e da União Brasileira de Mães, além de parentes e amigos dos exilados. Havia, também, o advogado Raimundo Teixeira Mendes, representando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro; os advogados Artur Müller e Márcio Donicci; os Deputados Modesto da Silveira e Marcelo Cerqueira.

A primeira a aparecer na sala de desembarque foi a jornalista Helena Salém, trazendo no colo a filha Tatiana, de oito meses de idade, que ainda atrás do vidro que separa os passageiros do saguão do aeroporto foi bastante festejada pelo avô Maurício e pela tia Gilda, que não a conheciam. Jornalista desde 1969, Helena Salem trabalhou no **JORNAL DO BRASIL**, no Jornal **Opinião** e era atualmente correspondente, em Lisboa, da revista **ISTO É**.

Casada com o professor e historiador Nélson Lavy, que também chegará de Lisboa nos próximos dias (seu nome já saiu numa lista oficial de anistiados), a jornalista e o marido se asilaram na Embaixada da Venezuela em Brasília, depois de passarem dois anos perseguidos pelos órgãos de segurança. Primeiro viajaram para o Panamá e depois Lisboa, onde estavam há dois anos e meio.

Depois de cumprimentar os parentes e amigos, Helena Salém, bastante emocionada pela recepção, informou que há cerca de 40 exilados brasileiros morando em Lisboa, todos com intenção de voltar. Apenas um, Alfredo Syakis, está tendo alguma dificuldade em obter seu passaporte.

O mineiro

Sem nenhum parente para recepcioná-lo, pois todos moram em Belo Horizonte, o mineiro de 41 anos, Irani Campos foi também bastante festejado pelos amigos, dizendo-se feliz por estar de volta e encontrar seus companheiros com as faixas pedindo uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Ex-integrante do Comando de Libertação Nacional (Colina) e trocado pelo Embaixador suíço sequestrado, Giovanni Enrico Bucher, Irani Campos foi banido em 1971. Ex-laboratorista clínico da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, preso em 1970, não chegou a ser condenado pela 4ª Auditoria Militar de Juiz de Fora, onde fora pronunciado por assaltos a bancos, devido ao seu banimento.

Apressado para pegar o primeiro avião da Ponte Aérea para Belo Horizonte — "minha mãe de 73 anos me espera" — contou que viajou primeiro para o Chile onde trabalhou fazendo artesanato. Depois passou quatro meses no México, seguindo para a Alemanha onde passou 2 anos: — Primeiro fiz um curso de alemão, mas como era difícil a regularização dos papéis para trabalhar, passei a maior parte do tempo recebendo um seguro desemprego a que têm direito todos os asilados.

Da Alemanha ele foi para Angola trabalhando por mais dois anos como laboratorista no Hospital Universitário, saindo para Lisboa a fim de embarcar para o Brasil.

Mineiro quer emprego de volta

Belo Horizonte — "O futuro pertence ao povo, que é o motor da História", desabafou ontem, ainda emocionado, o anistiado Irani Campos, ao retornar à cidade, nove anos depois de preso e banido em troca da liberdade do Embaixador suíço Enrico Bucher. Está nos seus planos recuperar um emprego político, luta que iniciará depois de reatar contatos com amigos e parentes.

Disse Irani Campos que 50% dos anistiados estão-se preparando na Europa para retornar ao Brasil até o próximo dia 20. Pretende "quando o coração parar de bater de emoção", voltar ao cargo de técnico de laboratório no Hospital das Clínicas, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Tortura

Hoje com 41 anos, "30 dos quais bem vividos", Irani Campos conta que foi preso em 1970, quando estava internado no Hospital do Pronto-Socorro, depois de um acidente com um ônibus Cometa, no Viaduto das Almas, hoje Vila Rica, na BR 040. Disse que foi levado para o DOPS, onde ficou oito dias sem nenhuma assistência médica.

"O Capitão Gomes Carneiro inclusive enfiava os dedos nos meus ferimentos e perguntava se eu não queria ser operado de novo. Mas os presos do DOPS acabaram não suportando o mau cheiro da supuração de meus ferimentos, protestaram e eles me levaram de volta ao Pronto-Socorro".

Disse que ficou preso dois meses no DOPS e dois meses na Polícia do Exército, no Rio, retornando à penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora, onde ficou até 14 de janeiro de 1971, quando foi banido para o Chile. Depois da queda de Allende, em 1973, foi para o México, onde residiu por quatro meses.

— Fui para a Alemanha Federal, onde fiz curso de alemão e estudei romantismo, vivendo com a ajuda social do Governo alemão. Em 1976 fui para Lisboa e de lá para Angola, onde permaneci até agora trabalhando no Hospital Universitário e no Departamento Epidemiológico do Ministério da Saúde.

Irani Campos ressaltou que, entre os banidos e exilados brasileiros, era conhecido pelo apelido de **ondas curtas** pelo seu grande interesse em saber, através do rádio, notícias do Brasil. "Mas mal conseguia ouvir a **Voz do Brasil**, embora sempre lesse os jornais brasileiros nas agências da Varig", disse.

Segundo ele, entre os que se prepararam para voltar ao Brasil, estão os banidos Maurício Paiva, Maria do Carmo Brito e Shizuo Osawa.

Ex-dirigente da UNE reaparece

Belo Horizonte — Depois de viver 11 anos na clandestinidade, "exilada dentro do meu próprio país, sem lenço nem documento", a única sobrevivente da diretoria da UNE eleita em 1968 — seus companheiros morreram todos nas prisões — a ex-estudante de Direito Doralina Rodrigues de Carvalho, hoje com 31 anos, reapareceu no congresso da UEE-MG, em Ouro Preto, na semana passada, e, num inflamado discurso, disse que vai continuar seu trabalho nas bases operárias.

Grávida de nove meses e casada há quatro anos, conta que viveu "dias negros", no Nordeste e no Sul do país, preocupada em reencontrar os companheiros desaparecidos — "minha única família" — embora continuasse perseguida. Mudando de nome "conforme as circunstâncias", morando em pensões, quartos e às vezes sem a quem recorrer para sobreviver. Ela nem sabe como andam seus processos na Justiça Militar.

Desaparecida

Estudante da Faculdade de Direito da UFMG em 1966, Doralice Rodrigues, no ano seguinte, foi eleita presidente da União Estadual dos Estudantes e foi presa, junto com toda a diretoria da entidade, pouco antes do encontro da UNE, em Ibiúna, São Paulo. No final de 1967 saiu de casa para a clandestinidade, mas no ano seguinte reapareceu para reorganizar a chapa da UNE, sendo então eleita vice-presidente e empossada por um conselho da entidade, no Rio.

Em setembro de 1968, foi presa num cerco da polícia ao IMACO, no Parque Municipal de Belo Horizonte. Com prisão preventiva, ficou dois meses incomunicável no 12 R I, saindo para a prisão domiciliar e indo todos os dias depor na Polícia Federal. Mesmo assim, reassumiu a presidência da UEE mineira e foi para o Nordeste em 1969, permanecendo até o ano seguinte.

— Em 1970, com a violência da repressão, passei a viver completamente na clandestinidade, mudando de nomes e atuando apenas na reorganização de base do Movimento Operário Popular, até que chegou a fase negra de 1973.

Segundo ela, foi neste ano que os seus companheiros da UNE desapareceram, "assassinados nas ruas, nos cárceres e às vezes nas suas próprias casas". Afirma que foram mortos na época, entre outros, José Carlos da Mata Machado, Gilde Lacerda, Humberto Câmara, Helenira Resende, José Arantes e Honestinmo Guimarães.

— Desta geração, fui a única a sobreviver e, por isso, passei a ser marcada pela repressão. A perseguição foi constante em todo o país e eu não desejava sair do Brasil, na esperança de encontrar ainda os companheiros, que julgava desaparecidos.

Anistiados regressam do Uruguai

Montevidéu (AP) — O ex-Coronel do Exército brasileiro Dagoberto Rodrigues e o jornalista Carlos Olavo da Cunha despedem-se do exílio na próxima semana, regressando ao Brasil a tempo de juntarem-se à comitiva que irá recepcionar o ex-Governador gaúcho, Sr Leonel Brizola, em São Borja, no Oeste do Rio Grande do Sul.

Ambos foram beneficiados pela anistia e pretendem retornar às suas atividades políticas. Outros 11 brasileiros que estão exilados no Uruguai deverão regressar ao Brasil brevemente todos beneficiados pela anistia. Alguns deverão esperar o final do ano para não prejudicar os filhos que estão cursando escolas uruguaias.

Legislativo mineiro tem proposta contra abuso do Executivo

Belo Horizonte — "Para evitar vários abusos administrativos que vêm ocorrendo" o Deputado Ademir Lucas (MDB) apresentou proposta de emenda constitucional para alterar a Constituição mineira fixando prazo para a remessa pelo Executivo de convênios sujeitos à aprovação do Legislativo, quando a urgência e o interesse público assim o exigirem.

Segundo a proposta, o prazo fixado será de 90 dias contados da assinatura dos convênios com entidades de direito público ou privado, sob pena de perderem a validade. A falta de encaminhamento dos convênios e aditivos, quando da solicitação de autorização para contrair dívidas externas ou outros compromissos financeiros internos, "tem causado sérios problemas para o Legislativo, prática esta nociva ao equilíbrio entre os Poderes", afirma o Deputado oposicionista.

Parcela vultosa

Segundo o Deputado Ademir Lucas, no empréstimo externo, pedido recentemente, de 75 milhões de dólares, foi inserida uma vultosa parcela para obras de via expressa Leste-Oeste, cujo convênio até hoje não foi remetido à consideração da Assembleia Legislativa, para se verificar até onde vão os encargos assumidos pelo Executivo.

— Se a maioria do Legislativo já concordou com a contratação do empréstimo externo para ocorrer a uma despesa que não conhece, sem dúvida alguma ficará na obrigação de aprovar o convênio, quando for encaminhado ao Legislativo nas condições em que estiver redigido — observou.

Marx, macumba e discoteca coexistem em Havana

Silio Boccanera
Enviado Especial

Havana — Comunismo até que é fácil: duro é agüentar Nelson Ned o dia inteiro no rádio. O castrismo tampouco espanta: perigoso é viajar num Studebaker 1956, mantido em funcionamento, Deus (Deus?) sabe como, diante do boicote norte-americano que proíbe importação de peças, ou qualquer outra mercadoria dos Estados Unidos.

Identificar- se como brasileiro não cria animosidade, pelo contrário: irônico é constatar que a velha Embaixada do Brasil, na Avenida de los Presidentes, virou refúgio para doentes mentais. Vários livros e muitos artigos, depois de quebrada a cortina que bloqueava informações no Brasil sobre Cuba, brasileiros ainda chegam à ilha dos barbudos revolucionários no Caribe como adolescente em primeira aventura romântica: curioso, apressado em devorar o fruto proibido e contar para os outros como foi.

Socialismo tropical

O socialismo tropical de Fidel Castro combina soturnos burocratas do Partido Comunista com adolescentes vestidos à John Travolta dançando discoteca ao som de Donna Summer. Também mistura intermináveis e aborrecidos artigos nos jornais oficiais — tipo **Visita ao Complexo Metalúrgico de Huta Katowice** na Polônia (duas páginas no matutino **Granma** de domingo passado) — com sátiras à onipresente burocracia nacional no semanário humorístico **Dedete**, como o pretenso anúncio classificado na edição desta semana: "Redijo justificativas convincentes para qualquer tipo de arbitrariedade. Linguagem fluida. Incluo autocrítica lacrimejante. Tel.: 802018".

Num domingo comum, há cubanos que freqüentam assembléias sindicais enquanto outros vão à missa nas igrejas católicas que continuam legalmente abertas segundo o princípio "padre não faz revolução, guerrilheiro não vai à missa". E embora o Governo não encoraje as crenças — nem tampouco as reprima — é possível encontrar-se em plena Havana centros de cultos africanos como umbanda e candomblé (chamam-se **toques** aqui, em função das batidas de tambores), extraordinariamente semelhantes aos praticados no Brasil (os escravos cubanos vieram da mesma região da África que os brasileiros), inclusive em nomes como Iemanjá, Ogum ou Exu.

Quem já conheceu o interior da América Latina — ou mesmo algumas de suas Capitais — seria cego, ingênuo ou mal-intencionado se negasse a situação comparativamente bem melhor em que os cubanos vivem hoje, após 20 anos de medidas governamentais destinadas a transformar radicalmente a estrutura sócio-econômica do país.

Os que da classe média para cima não deixaram o país, fugindo da revolução castrista — e centenas de milhares o fizeram — perderam privilégios que tinham no regime anterior — e o Governo atual não nega isso, pois foi sua intenção distribuir mais equitativamente a renda através de expropriações, nacionalizações e reforma agrária.

Nenhum salário da época pré-revolução foi baixado, mas eliminaram — se fontes de renda extra, como a de aluguéis, porque os proprietários de mais de um imóvel passaram a ser donos apenas do local onde moravam, passando outras propriedades para o Estado, que as aluga a não mais de 6% do salário de cada chefe de família.

Como também a educação e a assistência médica passaram a ser gratuitas, os salários mensais de 150 pesos em media (cerca de 200 ou Cr$ 6 mil) começaram a sobrar no fim do mês, permitindo aos cubanos uma poupança extra que produz no país uma das suas dificuldades maiores do momento (e já há alguns anos): o racionamento de bens de consumo. Ou cubanos têm dinheiro no bolso, mas poucas mercadorias disponíveis para comprar, resultando daí longas filas nos mercados, restaurantes, clubes e outros locais de lazer que mantêm Havana ativa até a madrugada.

Há outras específicas para cada família, para os artigos de maior necessidade, com concessões especiais para crianças e aposentados. Artigos menos indispensáveis ou que existam em quantidade mais farta durante algum tempo, são vendidos nas lojas "por la libre", método grosseiramente comparável a um mercado negro assumido pelo Governo.

Várias mercadorias em falta para consumo interno são exportadas por Cuba, como café e vários tipos de peixe, e até mesmo o açúcar que o país produz em quantidade só superável pelo Brasil. Essa situação desperta num visitante estrangeiro a dúvida sobre se o regime não estaria correndo um risco político, ao alimentar o nível de insatisfação interna pedindo repetidamente aos cubanos para se sacrificarem e manterem a austeridade, em nome do bem-estar coletivo e da construção de uma nova sociedade.

Amplo debate

Os vários cubanos — e alguns dos cerca de 85 exilados brasileiros que há vários anos convivem com o sistema aqui — a quem a questão foi colocada respondem que o risco é pequeno, porque tudo é explicado e discutido abertamente, seja em nível de assembléias de bairro, nos locais de trabalho e estudo ou em grandes concentrações em praça pública com os líderes nacionais, principalmente Fidel Castro, com seu carisma de extraordinária influência sobre os cubanos.

No caso recente de restringir o consumo de café — explica Rogélio Ajead, 52 anos, faxineiro do Cinema Rex, durante uma conversa informal com o repórter que o abordou casualmente na rua — Castro foi à Praça da Revolução e explicou às milhares de pessoas ali reunidas, que para prosseguir com o programa de construção civil no país (habitação continua a ser uma área com deficiências, sobretudo na Capital), seriam necessárias mais divisas estrangeiras (para adquirir material no exterior) de que Cuba estava obtendo com suas exportações. A opção seria diminuir o ritmo das construções ou — sugestão de Castro — reduzir o consumo de café para vendê-lo mais ao exterior.

Claro que a multidão ofereceu a Fidel tomar menos café — observou Ajead — indicando ou a devoção popular dos cubanos a seu líder (que efetivamente existe) ou sua percepção de que o Presidente do Conselho de Estado sabe como obter respaldo popular para uma decisão política possivelmente já tomada de antemão.

Castro é alvo de adoração popular em Cuba — e não se percebem indicações contrárias — mas o mesmo não se pode dizer do aparato governamental como um todo, sobretudo a extensa burocracia, que seria capaz de arrancar os cabelos do Ministro Hélio Beltrão.

Os cubanos reconhecem a existência da barreira de inevitáveis formulários atrapalhando o funcionamento eficaz de sua vida no dia-a-dia. "Tramitar" é um dos verbos mais aplicados localmente. Embora alguns se esforcem em explicar que o fenômeno é resultado do esforço inicial do Governo em evitar a criação de privilégios, com subornos e jogo de influências, a maioria da população prefere culpar a ineficiência de anônimos burocratas pelos enguiços na máquina de Governo. "Se pelo menos Fidel soubesse disso" — é uma lamentação dos que esbarraram em problemas.

Diariamente, o jornal **Granma**, do Partido Comunista Cubano, publica uma charge do cartunista Nuez, cujo principal personagem chama-se Blandengo, um burocrata preguiçoso e incompetente. Numa tira publicada esta semana, Blandengo recebe a queixa de um funcionário seu de que tinha sumido uma caixa de mercadoria. "Vou pensar" — diz ele ao empregado. "Em encontrar o culpado?" — pergunta-lhe este. "Não. Em como me justificar aos superiores".

Estes espaços de crítica na imprensa cubana não contestam o sistema nem tampouco escondem o controle de informação exercido sobre os meios de divulgação locais. Os próprios dirigentes da imprensa cubana — e até mesmo Castro — já se manifestaram sobra a questão, insistindo que a liberdade de imprensa dos países ocidentais não passam de "liberdades burguesas", cujo limite seria o interesse pessoal dos donos das empresas que as editam. No caso de Cuba, alegam os líderes do país, os órgãos de informação também existem para servir a um interesse, que seria o dos trabalhadores.

Este ponto-de-vista fez com que nesta semana o incidente com a bailarina soviética Ludmila Vlasova, retida temporariamente no aeroporto de Nova Iorque, a bordo de um avião da Aeroflot, fosse reportado aqui com indignada adjetivação sobre "mais um complô capitalista para forçar a defecção de um artista soviético", Em nenhum ponto, o **Granma** dizia que o marido da bailarina, Alexander Godunov, tinha pedido asilo político nos Estados Unidos poucos dias antes.

Os Estados Unidos por certo são o grande alvo dos protestos cubanos, comportamento explicável em vista de toda uma história de intervenção militar norte-americana em Cuba, desde o século passado, completo domínio econômico da época pré-castrista e inúmeras tentativas de derrubar o regime atual, seja através de um bloqueio econômico que dura até hoje, de invasão militar (episódio baía dos Porcos em 1961) ou das inúmeras tentativas de assassinato de Castro pela Agência Central de Informações (CIA), conforme revelações do Senado em Washington.

Os soviéticos, por sua vez, são publicamente proclamados como os grandes amigos de Cuba, responsáveis por ajudar o país quando a Revolução dava os primeiros passos, cercada da oposição dos vizinhos, principalmente dos norte-americanos. Os soviéticos compram a maior parte da produção cubana de açúcar, a preços bem acima do mercado internacional, assegurando assim o ingresso de divisas para que os cubanos prossigam em seus programas econômicos. No plano político-ideológico, Havana alinha-se claramente com as posições de Moscou, seja na oposição à China ou no apoio ao Vietnam.

Os cubanos na África

Alguns analistas políticos internacionais referem-se à presença militar cubana na África como instrumento da política soviética, forma disfarçada de intervenção de Moscou na Etiópia ou em Angola, por exemplo. Castro reage enfurecidamente quando esta perspectiva lhe é apresentada, alegando que a União Soviética seria incapaz de pedir aos cubanos para agirem militarmente em seu lugar e explicando sua presença na África como resposta ao pedido de ajuda feito por esses próprios países, que tentavam consolidar suas novas revoluções socialistas.

Ainda segundo alguns analistas internacionais, o envio de tropas cubanas à África estaria criando um nível de insatisfação interna na ilha devido à oposição de muitas famílias a que seus filhos sigam para lutar no exterior.por uma causa que não é cubana.

No entanto, pelo que foi possível apurar aqui, após um tempo relativamente curto e que obviamente não inclui consulta científica a toda a população, mas apenas a uma amostragem aleatória, indica que, como resultado de toda uma formação ideológica de idolatria à revolução, jovens cubanos apresentam-se voluntariamente e em grandes quantidades para serviço como "internacionalistas", conscientes também das vantagens pragmáticas de que ao voltarem terão, um currículo que lhes poderá abrir portas para maiores oportunidades na sociedade cubana.

Paulatinamente abrindo as portas ao turismo internacional, Cuba começa a se expor ao mundo. E os sinais que aqui podem captar brasileiros de visita são de uma tendência a abrir mais ainda esta sociedade de socialismo tropical, adaptando-a mais ainda à sua formação afro-antilhana, menos afeita a polcas eslavas e mais chegada a um samba rasgado. Apesar de Nelson Ned.

Arquivo/ abril de 1964

Na foto antiga, um concerto para tambores, cuíca e fuzis, tendo ao fundo o inevitável guindaste

Carter estuda adiamento

Washington — A presença de uma unidade soviética em Cuba continua preocupando o Governo norte-americano a ponto de provocar um encontro do Presidente Carter com o Secretário de Estado Cyrus Vance para discutir um pedido de senadores conservadores, no sentido de que a ratificação do SALT-2 pelo Senado seja adiada até a retirada das tropas, cerca de 3 mil soldados soviéticos.

A informação é da agência alemã-ocidental DPA, segundo a qual Carter e Vance debateram a questão na cidade natal do Presidente, Plains, no Estado da Geórgia. Até o momento, o Governo norte-americano não fez qualquer protesto formal em relação ao caso.

SILÊNCIO

Em Havana, no entanto, o diplomata Wayne Smith, que assistirá à conferência de cúpula dos não alinhados, queixou-se à Chancelaria cubana. Interrogado, o porta-voz do Governo Fidel Castro, Lisandro Otero, reagiu. "Não temos nada o que dizer sobre o assunto". A Embaixada soviética em Washington também se absteve de comentários, depois que um diplomata foi convocado pelo Subsecretário de Estado, David Newson.

Newson admitiu, de acordo com a agência AP, que os acordos soviético-americanos firmados sobre Cuba depois da crise dos mísseis de 1962 proíbem Moscou de enviar armas ofensivas à ilha, mas nada fala sobre o envio de soldados.

O Departamento de Estado, quando divulgou a notícia, disse acreditar que os soviéticos estão em Cuba há muitos meses, "mas só agora soubemos da brigada de combate, através de nossos serviços de informações".

O próprio assessor do Departamento, Hodding Carter, autor da divulgação da notícia, comentou que a presença dos soldados soviéticos em Cuba "não representa uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos. Tranquilamente, O Presidente Carter e seu conselheiro para assuntos de segurança, estão, atualmente, em férias.

A única base militar estrangeira em Cuba, desde a vitória da revolução castrista, é a de Guantanamo, controlada pelos Estados Unidos.

Sihanouk apela a não alinhados

Pyongyang e **Havana** — Com o argumento de que nem o deposto Governo pró-chinês de Pol Pot, nem o atual regime pró-vietnamita de Heng Samrin representavam "verdadeiramente" o povo cambojano, o Príncipe Norodom Sihanouk pediu ontem aos estadistas do movimento não alinhado que, em vista disso, deixem "vago" o lugar que caberia à representação do Camboja.

Com um, dois ou nenhum cambojano, o Presidente cubano Fidel Castro inaugura amanhã a sexta Conferência de Chefes de Estados Não Alinhados, a maior e mais polêmica dos 18 anos de existência do bloco neutro.

Falsa questão

O Príncipe Sihanouk, ex-governante cambojano e atualmente exilado na Coréia do Norte, não esconde que entre Pol Pot e Heng Samrin prefere o antigo regime apoiado por Pequim, mas na mensagem aos não alinhados suplica que a questão em torno da representação cambojana não deve servir de motivo para o aprofundamento da divisão já existente no bloco. Ele classifica de falso o problema da representação cambojana.

A questão cambojana é apenas parte de uma polêmica maior, envolvendo, de um lado Cuba e os aliados da União Soviética representados no bloco não alinhado, e do outro, uma série de nações guiadas pela Iugoslávia, defensoras da preservação do movimento numa situação equidistante de Moscou e Washington.

Ontem, pela segunda vez em menos de 24 horas, Fidel Castro reuniu-se a portas fechadas com o Presidente iugoslavo, Josip Tito, para tratar do assunto. Nada transpirou.

Castro nada comentou, mas seu Chanceler, Isidoro Malmierca, aparentemente sem aludir à polêmica, vaticinou que a sexta reunião dos não alinhados "significará mais um importante passo em direção à unidade do movimento, apesar dos inimigos — Estados Unidos e China — que tentam semear a discórdia".

Antes do discurso de Malmierca, durante o encontro preparatório de Chanceleres, o Presidente do movimento que passou a liderança a Fidel Castro, Shahul Hammeed, de Sri Lanka (ex-Ceilão) fez um balanço de sua gestão, afirmando que "os últimos três anos foram os mais difíceis de nossa História e atualmente, com a ampliação e diversificação, nos encontramos ante difíceis tarefas".

Hammeed sugeriu que, diante desse quadro, "devemos prever os perigos e apoiar os princípios que sempre nos regeram. independência do imperialismo, colonialismo e de todas as formas de hegemonismo estrangeiro, equidistância de blocos de potências e rivalidades nacionais".

Havana/AP

O Chanceler Miguel D'Escotto é o representante da Nicarágua na mais polêmica reunião de não alinhados dos últimos 18 anos

Cuba anistia mais 400 presos

Havana — A anistia total e gradual decretada no ano passado pelo Presidente Fidel Castro beneficiou, na quinta-feira, mais 400 presos políticos cubanos, entre eles Rolando Cubelas, agente da CIA que em 1966 participou de uma tentativa de assassinato de Castro.

Porta-vozes oficiais assinalaram que em novembro passado, mês da concessão da anistia "aos poucos", havia 3 mil 500 prisioneiros. Graças à libertação periódica de 400 a 500 pessoas, este número caiu para 1 mil 100. Desde quinta-feira, restam nas penitenciárias cubanas somente 700 pessoas, que sairão dentro de algum tempo, provavelmente em duas levas.

Quando decretou a anistia, Fidel Castro observou que ficariam por último os acusados de torturas e delatores que trabalhavam para o regime do falecido ditador Fulgencio Batista.

Castro prometeu, na ocasião, que milhares de cubanos exilados no exterior, voluntariamente ou não, poderiam ser beneficiados no futuro por um programa que lhes permitirá retornar à ilha para rever amigos e familiares.

A anistia de Castro foi conseguida mediante uma série de reuniões com grupos de exilados que, a convite do Presidente, foram a Havana discutir seus termos. Esses exilados, na maioria empresários liberais bem-sucedidos nos Estados Unidos e Venezuela, não têm vínculos com as organizações de terror anticastrista como a Alpha-66 e outras.

Terceiro Mundo ameaça a supremacia dos EUA mas telecomunicações

New Brunswick — Os Estados Unidos estão enfrentando um desafio das nações em desenvolvimento na África, Ásia e América do Sul que ameaçam sua supremacia sobre as telecomunicações com reivindicações de maior acesso às diversas freqüências.

Estes problemas serão tratados na Conferência Administrativa Mundial de Rádio que será realizada este mês, reunindo 154 países que irão discutir a distribuição, até o ano 2 000, do espectro de transmissões, desde ondas curtas e faixa do cidadão até freqüências para fins militares, rádio, comunicações e televisão.

PREOCUPAÇÃO

A Conferência, que se realiza a cada 20 anos, é o mecanismo usado para avaliação e distribuição de freqüências e suas decisões implicam bilhões de dólares de investimentos. Algumas nações em desenvolvimento, apesar de não usarem qualquer freqüência, preocupam-se com uma eventual falta de canais quando estiverem em condições de fazê-lo.

Os países em desenvolvimento, reunidos em Havana para o encontro dos não alinhados, estão tentando encontrar uma posição única sobre a distribuição das freqüências restantes. Mustafá Masmoudi, delegado permanente da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no assessoramento das nações subdesenvolvidas nestes assuntos, tem defendido um aumento no acesso aos recursos globais de comunicações.

"Os Estados Unidos se opõem a qualquer tentativa de controle do espectro", disse ontem Glen Robinson, chefe da delegação norte-americana que fez uma conferência num seminário patrocinado pelo Instituto de Pesquisas Jornalísticas da Universidade de Rutgers, em New Jersey.

Ele acha que um tratado definitivo sobre o assunto criaria desperdício e ineficiência, e manifestou a intenção de tentar bloquear qualquer tentativa nesse sentido.

A delegação norte-americana está preocupada com o fato de que muitos países subdesenvolvidos podem tentar obter direitos de bloquear transmissões de rádio em seus territórios, bem como impedir o rastreamento por satélites.

O problema da soberania deverá ser levantado por um grupo de nações equatoriais, lideradas pela Colômbia, que deverão tentar valer seus direitos sobre rotas orbitais que atravessem seus países. O sistema da Conferência, que dá a cada membro o direito a um voto, deverá permitir que algumas dessas reivindicações sejam aprovadas.

No passado, a divisão do espectro eletromagnético era relativamente simples. Os países usavam freqüências designadas pela União Internacional de Telecomunicações.

Na verdade, sem a cooperação internacional, os sinais de rádio poderiam sobrepor-se e interferir-se mutuamente. E enquanto algumas freqüências são de uso local e podem ser compartilhadas por outros países, outras, portadoras de sinais de rádio para navegação e comunicações militares, são exclusivas.

Até bem pouco tempo, estas conferências se preocupavam prioritariamente em adaptar o uso das freqüências às mudanças tecnológicas, mas as coisas mudaram nos últimos 20 anos com o desenvolvimento de diversos países e a criação de outros através da descolonização, o que mudou o enfoque da Conferência, que deixou de ser meramente técnica para tornar-se política.

A origem destas preocupações é o fato de que 90% do espectro está sendo usado por apenas 10% dos países. O problema vai concentrar-se no monopólio que algumas nações exercem sobre o uso das freqüências, e a Conferência enfrentará o mesmo obstáculo de outras discussões a nível mundial, como é o caso da Conferência do Mar que se reúne há seis anos em Genebra sem alcançar um acordo: o confronto entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Rogers acha que Carter discrimina

Buenos Aires — O ex-Secretário de Estado norte-americano William Rogers atacou a política de direitos humanos do Presidente Jimmy Carter, afirmando que ela é "discriminatória" em relação à América Latina e que, em virtude disso, "a atitude de Washington é mais dura com a Argentina do que com o Irã, por exemplo".

A declaração foi feita em Córdoba a poucos dias da chegada ao país de integrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Rogers é o segundo Secretário de Estado de Governo republicano a criticar Carter pela política de direitos humanos. Também Henry Kissinger, que serviu às Administrações de Richard Nixon e Gerald Ford, se tem referido severamente à orientação da Casa Branca quanto aos direitos.

"FILOSOFIA"

Rogers defendeu que a política de Carter não deve ter o efeito de "modificar os processos políticos de outros países". Segundo o ex-Secretário, o atual Presidente "não mede os diferentes casos de violação com a mesma régua".

"Deve-se ter em conta", continuou, "que não devolvemos essa política apenas para melhorar nossas relações e nossa imagem, e sim porque os direitos humanos estão consubstanciados em nossa filosofia de vida".

Kaunda abre ao Brasil papel destacado no Sul da África

Brasília — A visita do Presidente de Zâmbia, Kenneth Kaunda, ao Brasil foi o início de uma nova e especial dedicação do Brasil ao Sul da África, com um engajamento político mais concreto, acompanhado de esforços múltiplos para ampliar o comércio. Essa foi a impressão tirada da viagem por diplomatas brasileiros, que consideraram o saldo das 24 horas que Kaunda passou em Brasília como "extremamente positivo".

O mais importante para o Itamarati é que a visita teve significativo saldo tanto político quanto econômico, o que nem sempre acontece nos encontros presidenciais, marcados por uma ou outra tendência. Se por um lado o Brasil reforçou em muito a sua imagem política na África Meridional por outra parte conseguiu abrir excelentes perspectivas de ampliar o comércio com Zâmbia — o que também não pode ser visto isoladamente, mas dentro de um contexto político regional importante.

Aproximação

A visita serviu para aproximar o Brasil dos países da chamada **linha-de-frente** — Angola, Moçambique, Tanzânia, Botswana e Zâmbia — e afastá-lo ainda mais da África do Sul, ao mesmo tempo em que abriu uma via de credenciamento mais forte junto aos movimentos de libertação nacional de Zimbabwe e Namíbia.

Como saldo imediato da visita ficaram os estudos para a concretização de um acordo-quadro de cooperação técnica, a disposição dos dois Governos em ampliar o comércio bilateral (com destaque para o interesse do Brasil em comprar o cobre zambiano) e o reforço de muitas identidades políticas.

O acordo-quadro de cooperação técnica vai servir de base para vários focos de interesse zambiano. Eles querem a cooperação brasileira na instalação e manutenção de fazendas-modelo, para adoção de novas técnicas agrícolas e, principalmente, para a produção de álcool combustível. Têm, também, interesse em tecnologia industrial intermediária e em comprar alguns tipos de manufaturados (como material ferroviário, que já adquiriram do Brasil).

Alta Prioridade

No plano político, a evidência do interesse brasileiro em qualificar um gesto a mais na aproximação dos países da **linha de frente** foi ressaltada já no discurso do Presidente João Figueiredo quando saudou Kaunda: ele afirmou que a política brasileira para a África goza de "alta prioridade" e que o interesse nacional exige "contatos cada vez maiores com as nações africanas".

Diplomatas brasileiros saudaram a visita como o marco que define a posição brasileira na África Meridional. Prevêem uma rápida deterioração das relações Brasil-África do Sul — relações que têm sido extremamente frias nos últimos anos, com um congelamento até mesmo das trocas comerciais — e uma acentuada busca brasileira de relações mais íntimas com os movimentos de libertação da Rodésia e da Namíbia.

Com relação à Rodésia — onde os movimentos de libertação chegarão mais rapidamente ao Poder — o Brasil acaba de credenciar-se como um "bom amigo", uma vez que Kaunda não só apóia os dois principais grupos rebeldes, como até mesmo fornece sede a um deles (o Zapu, de Joshua Nkomo). O Brasil, que já tivera rápidas conversasões com líderes da Swapo, da Namíbia, queria ter a oportunidade de um diálogo, mesmo indireto, como os homens da Zapu e da Zanu (que tem sede em Moçambique).

O avanço discreto do diálogo brasileiro com Angola e Moçambique vem sendo julgado satisfatório, principalmente se for considerada a reação interna que qualquer aproximação exagerada cria. Mas a diplomacia brasileira teve sua sensibilidade aguçada pelo afastamento que, até então, o Brasil mantinha nos países de língua inglesa na **linha de frente. Tudo foi superado com a vinda de Kaunda e a calorosa recepção que lhe foi reservada.**

Sacrifícios

Para lançar-se em seu novo projeto africano, o Governo brasileiro não está medindo sacrifícios. No caso de Zâmbia há um preço a pagar: a compra do cobre, o que implica abandonar (no mínimo parcialmente) seus tradicionais fornecedores latino-americanos, Chile e Peru. O cobre foi o responsável pela ampliação das relações comerciais Brasil-Chile a partir de 1974.

Garantem os diplomatas que o comércio com Zâmbia, agora, dará saltos ponderáveis. Depois de alcançar níveis bastante razoáveis até 1974, ele começou a cair e atingiu números insignificantes a partir de 1976, quando baixou da casa do milhão de dólares, nos dois sentidos. Já no ano passado, com a queda da obrigatoriedade de depósito compulsório para importação de não ferrosos, o Brasil comprou 10,4 milhões de dólares de cobre zambiano. Para este ano, os números crescerão, asseguram as fontes diplomáticas, e atingirão a níveis inéditos em 1980.

A liberalização total no comércio com Zâmbia se dará a partir da reabertura da ferrovia de Benguela, que sai de território zambiano, corta o Sul do Zaire e atravessa Angola até o porto de Lobito. Quando a estrada estiver em operação normal, o que ocorrerá brevemente, Zâmbia terá um porto atlântico extremamente próximo à costa brasileira, tornando mais curta a rota de vinda do cobre e ida de produtos manufaturados.

As importações, que foram nulas em 1977 e já chegaram aos 10,4 milhões de dólares em 1978, crescerão ainda mais. Mas o principal é que a folha de exportações, que teve seu ápice em 1975, com a venda de apenas 208 mil dólares, se multiplicará acentuadamente de ano para ano. A visão dos diplomatas brasileiros, entretanto, não se fixa na rota de comércio: para eles, o mesmo mar que leva e traz produtos comerciais, leva e traz idéias, marcando, cada vez com mais produndidade, a presença brasileira no Sul da África.

Peruano faz greve de fome

Lima — Em protesto contra a atitude do Governo Morales Bermudez de não atender às reivindicações de 100 mil professores em greve — há três meses — cerca de 30 dirigentes de Partidos da esquerda peruana anunciaram que vão entrar em greve de fome a partir de amanhã.

Do grupo fazem parte, entre outros, o secretário-geral do Partido Comunista Peruano, Jorge del Prado, o presidente do Partido trotsquista Frente Operária Camponesa Estudantil e Popular (FOCEP) — terceiro colocado nas eleições gerais de junho — Genaro Ledesma Izquieta, e os ex-Deputados da Assembléia Constituinte Carlos Malpica, Javier Diez Canseco, Magda Benavides, Antonio Meza Cuadra e Victor Quadros.

A greve do magistério começou no dia 4 de julho, isto é, cumpre três meses na terça-feira. Os professores reclamam melhorias salariais, libertação de colegas presos como líderes do movimento, reintegração dos demitidos, fim da repressão aos movimentos grevistas e reformas no campo educacional.

Vinte e seis operários presos sob a acusação de matarem um capitão da polícia continuam em greve de fome, reclamando o fim do processo, em tribunal militar, e a revogação do pedido de pena de morte para quatro deles. O capitão morreu durante intervenção policial na greve da fábrica Cromotex. Na ocasião, seis operários foram mortos pelos agentes.

Carter está certo de que Jordan nunca usou cocaína

Plains, Georgia — Abordado por jornalistas perto de sua casa em Plains, Estado da Geórgia, o Presidente Jimmy Carter ficou feliz ao saber que o traficante novaiorquino **Johnny C.**, detido pelo **FBI**, negou a versão divulgada pelos donos da discoteca Studio 54, de que vendera, na noite de 27 de junho de 1978, cocaína para o hoje Chefe da Casa Civil dos Estados Unidos, Hamilton Jordan.

Mostrando-se bastante interessado em conhecer detalhes do interrogatório de **Johnny C.**, Carter classificou os proprietários da discoteca — Ian Schrager e Steve Rubell — de "mentirosos inveterados. O Presidente assinalou que a história foi inven tada.

"O.K."

Carter passeava com sua mulher, Rosalynn, perto da residência onde está passando uns dias de descanso, quando encontrou os repórteres. Estes contaram ao Presidente que o traficante havia desmentido a versão, ao que Carter fez, com a mão, um sinal de **O.K.** e ficou resmungando: "Muito bem, muito bem".

Horas mais tarde, dirigiu-se novamente aos repórteres para pedir mais detalhes. Após ouvi-los, comentou: "Acho que eles sonharam esta história. Agora vão ser **apanhados**". Rosalynn, ao lado, disse apenas que "sim", e Carter completou: "São mentirosos inveterados".

Oficialmente, a Casa Branca afirmou que Rubell e Schrager inventaram a história para tentar livrar-se de um processo por sonegação de impostos.

Arquivo 1978

Steve Rubell, um dos sócios do Studio 54, acusou Jordan

Provas concretas ainda não surgiram

Phillip Taubman

The New York Times

Washington — Na semana que passou desde que Hamilton Jordan, chefe da Casa Civil do Governo Carter, foi acusado de ter usado cocaína, em 1978, na discoteca Studio 54, iniciaram-se dois inquéritos paralelos, mas inteiramente diferentes. Só que ainda sem provas concretas.

Primeiro, a investigação oficial do Departamento de Justiça. Envolto em segredo e supervisionado pelos mais altos funcionários do Departamento Federal de Investigações (FBI), esse inquérito preliminar determinará, no fim, se o Procurador Geral abandona o caso, por falta de substância, ou nomeia um promotor especial para seguir em frente.

QUESTAO BASICA

O outro inquérito não é oficial. É um exame público das acusações, alimentadas quase diariamente por rajadas de afirmações adicionais feitas pelos acusadores de Jordan, e por contra-acusações em defesa dele, emitidas pela Casa Branca.

A troca de acusações, apresentadas na imprensa, produziu versões contraditórias do que aconteceu na noite de 27 de junho de 1978, quando Jordan visitou o Studio 54. Até agora, não se resolveu a questão básica de saber se ele cheirou cocaína, como dizem Steve Rubell e Ian Schrager, proprietários da discoteca.

No fim, a menos que surjam provas, que até agora estão faltando, a briga pode reduzir-se à palavra de Jordan contra a de seus acusadores.

A única afirmação com que eles concordam é a de que Jordan visitou o Studio 54 a 27 de junho de 1978. Quanto ao que fez enquanto esteve lá, os dois lados permanecem fechados em irado desacordo. Rubell e Schrager afirmam que Jordan pediu, recebeu e usou cocaína em seu estabelecimento. Apresentaram uma testemunha, Barry M. Landau, um relações-públicas de Nova Iorque, que afirmou num depoimento juramentado que Jordan lhe perguntou, no Studio 54, como podia arranjar cocaína.

"JOHNNY C."

Rubell disse que viu pessoalmente Jordan inalar a droga e afirma que um traficante conhecido como **Johnny C.** forneceu a cocaína e também o viu usá-la. Sabe-se que **Johnny C.** foi interrogado pelo FBI.

Jordan negou que tivesse pedido ou usado cocaína no Studio 54, ou em qualquer outra ocasião. As declarações da Casa Branca sobre o assunto desafiaram os acusadores de Jordan, que mudaram sua história para fazer face a fatos adicionais que emergiram semana passada. O Secretário de Imprensa da Casa Branca, Jody Powell, criticou Rubell e Landau e forneceu à imprensa os nomes de pessoas que questionaram da credibilidade de ambos. Ele afirmou que as acusações contra o Chefe da Casa Civil foram feitas numa tentativa de "barganhar clemência" para Rubell e Schrager que estão sendo acusados de sonegação de impostos.

Diversos aspectos específicos foram vivamente condenados. A Casa Branca, por exemplo, acusou Rubell e seus advogados de mudarem sua história várias vezes.

VERSÕES

Uma revisão feita por **The New York Times** mostra que realmente houve mudanças. Uma versão das acusações fornecida ao **Times**, na sexta-feira, por fontes próximas a Rubell e Schrager, afirma que os acontecimentos tiveram lugar em abril de 78. Também alega que Jody Powell estava com Hamilton Jordan. A acusação diz que tanto Powell, como Rubell e **Johnny C.**, estavam presentes quando Jordan usou a cocaína.

Jordan, numa entrevista sexta-feira, afirmou que não esteve em Nova Iorque no mês de abril e que nunca pisou no Studio 54.

No sábado, depois da publicação das respostas de Jordan e Powel, Rubell afirmou à revista **Time** que a data da visita do assessor de Carter à discoteca não era abril, mas junho ou julho. Afirmou ainda que Powell não esteve na discoteca. Mitchell Rogovin advogado de Schrager, alegou que o mês de abril foi mencionado apenas pelo Departamento de Justiça e não constava da acusação feita antes.

DROGA E GAROTAS

A credibilidade de Rubell e Landau é outra questão em jogo. Advogados de ambos admitem que esperam uma redução nas acusações de sonegação de impostos contra eles, por terem testemunhado contra Jordan, mas Rubell insiste em que sua versão da visita do assessor de Carter é verdadeira.

A credibilidade de Rubell, no entanto, foi questionada pelos editores da **Fairchild Publications**, segundo os quais Rubell lhes disse, incorretamente, no ano passado, que Jordan e Powell haviam ido ao Studio 54.

De acordo com os editores, que publicam o jornal **Womens Wear Daily**, Rubell disse a John Fairchild, em 9 de agosto, que Jordan e Powell haviam visitado o Studio 54 na noite anterior, e haviam pedido "se podiam conseguir alguma droga e ver algumas garotas". A **Fairchild Publications** checou a informação e descobriu que nem Powell, nem Jordan haviam deixado Washington em 8 de agosto.

Landau alega que conhecia Jordan antes da visita ao Studio 54 e apresentou um telegrama que, segundo ele, prova ter conhecido Jordan. Datado de 28 de junho de 1978, o telegrama contém uma mensagem do Presidente Carter à atriz Lucie Arnaz, congratulando-a por seus esforços para promover a cidade de Nova Iorque. Está dirigido à atriz, aos cuidados de Barry Landau. Segundo este, o telegrama foi enviado devido ao seu contato com Jordan.

Powell disse que o telegrama partiu do escritório de Jordan, mas sem a aprovação deste. "A secretária de Hamilton enviou-o porque Landau não parava de aborrecê-la com isso", explicou.

A identidade e o número das testemunhas da visita de Jordan ao Studio 54 também são incertos. Quando interrogado pela primeira vez a respeito pelo **New York Times**, na sexta-feira da última semana, Jordan disse que várias pessoas foram com ele ao Studio 54, mas negou-se a revelar seus nomes.

Caso Vesco envolve assessor

Washington — Uma alta autoridade do Departamento de Justiça disse a vários membros de um grande júri em julho que Richard M. Harden, assistente especial do Presidente Carter, parece ter cometido perjúrio durante a investigação, pelo grande júri, de um suposto plano para acertar os problemas legais do financista Robert L. Vesco, através de um contato com Hamilton Jordan. Vesco encontra-se foragido. A informação foi dada por fontes ligadas ao inquérito.

Philip B. Heymann, Procurador-Geral assistente encarregado da Divisão Criminal, deu uma avaliação do testemunho de Harden numa reunião a portas fechadas, a 13 de julho, com oito membros do grande júri federal, acrescentaram as fontes. Heymann confirmou que se reuniu com os membros do júri a 13 de julho, mas disse que não podia discutir qualquer declaração que tenha feito nessa ocasião.

Arquivo 1976

Hamilton Jordan

Trapaça

As fontes disseram que o suposto perjúrio resultava do testemunho de Harden perante o grande júri sobre conversas que tivera com W. Spencer Lee IV, um advogado de Albany, Geórgia, convocado para falar à Casa Branca sobre os problemas legais de Vesco. Contudo, as fontes recusaram-se a indicar que aspecto do testemunho de Harden poderia ser considerado perjúrio.

A afirmação foi feita por R. L. Herring, um homem de negócios da Geórgia, condenado em outubro passado por fraude e extorsão num caso sem relaão com Vesco. Depois disso, ele foi indiciado sob acusação de falência fraudulenta.

Acobertamento

Harden, assistente especial de Carter para informação, não pôde ser localizado para comentar a acusação. Ele é responsável diretamente perante Robert Jordan, o chefe de pessoal da Casa Branca, que segundo Herring era uma das pessoas que deviam ser abordadas em favor de Vesco. Jordan negou qualquer conhecimento de algum plano para ajudar Vesco.

A revelação de que Harden enfrenta possíveis acusações de perjúrio vem em seguida às acusações feitas pelo primeiro jurado do grande júri, Ralph E. Ulmer, de que o Departamento de Justiça estava empenhado numa operação de "acobertamento" para proteger auxiliares da Casa Branca. Ulmer apresentou sua renúncia numa carta que entregou terça-feira a William B. Bryant, principal juiz da Corte Distrital Federal do Distrito de Columbia. Bryant recusou-se a dizer se aceitaria ou não a renúncia.

Terror irlandês promete novos atentados

Belfast — "O atentado contra Lord Mountbatten não representará nenhuma mudança em nossos legítimos objetivos. Juízes, altos funcionários do Governo e militares estão em nossa lista. Continuaremos a atacar alvos de prestígio com a mesma dureza e eficácia", afirmou ontem um dirigente não identificado do Exército Republicano Irlandês (IRA) em entrevista ao jornal **Irish Times**.

Ele afirmou que Lord Mountbatten foi morto por uma bomba de 250 quilos de gelignite (poderoso explosivo preparado com gelatina de dinamite e nitrato de potássio), acionada por controle remoto, e fez ameaças veladas ao ex-Premier James Callaghan e a seu genro, Peter Jay, ex-Embaixador britânico nos Estados Unidos, que costumam passar férias na Irlanda do Sul: "Espere para ver se Jay e Callaghan voltarão a sua casa de férias no próximo ano".

Apelo dos bispos

Os bispos católicos irlandeses pediram ontem que "as próximas semanas de preparação para a visita do Papa João Paulo II à Irlanda não sejam maculadas por novas mortes, atos abomináveis a qualquer momento, mas que, nesses dias, podem assumir um aspecto inusitado de escândalo e afrontar o momento que nos espera".

Segundo os bispos, o Papa desembarcará na Irlanda no dia 29 de setembro como um "Príncipe da Paz", e fizeram votos de que "sua visita fale aos corações e às consciências daqueles que estão envolvidos em campanhas violentas e lhes devolva a consciência do terrível mal que fazem contra o sentido sagrado da vida humana".

O comerciante católico Gerry Lennon, 23 anos, foi assassinado ontem em Belfast por dois adolescentes que usavam capacetes de motociclistas para ocultar o rosto. A polícia teme que o crime seja o início das represálias prometidas por radicais protestantes contra os extremistas católicos, apesar de não haverem indícios de que Lennon tivesse militância política.

Medo domina protestantes em Armagh

Armagh, Irlanda — Para os protestantes de Armagh, a fronteira com a República da Irlanda, a poucos quilômetros, às vezes parece uma ameaça. "E de onde eles vêm, para plantar suas bombas e coisas assim", diz Elizabeth White, bebendo um refrigerante numa lanchonete da cidade. "E depois que fizeram o estrago, correm de volta para o Sul e estão salvos".

Para alguns dos católicos romanos que coexistem intranqüilamente na mesma cidade, mas quase nunca nos mesmos bairros, a fronteira não é apenas uma ameaça, e na verdade nem chega a ser uma fronteira mesmo, pois a Irlanda devia ser um país não dividido. "E na verdade será, assim que os britânicos se chateiem e dêem o fora", diz o chefe de uma padaria de Armagh, chamado Paddy O'Kennedy.

Uma coisa com que ambos os lados concordam é que a fronteira é um problema — o centro mesmo de uma premente disputa diplomática que levou a Primeira Ministra Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha, e o Primeiro Ministro Jack Lynch, da Irlanda, a progamarem uma conferência de urgência esta semana.

Na opinião britânica, o ponto crucial do problema é a recusa irlandesa a extraditar suspeitos de crimes terroristas para julgamento no Norte. A República diz que o motivo para essa recusa é que — embora deplore os crimes — eles têm motivos políticos. Mas ofereceu-se para fazer os julgamentos em seus próprios tribunais, se os britânicos apresentarem as provas. Os britânicos, dizendo-se preocupados com a segurança de testemunhas e policiais — e admitindo, em particular, que tal medida seria politicamente indefensável — não aceitaram a oferta.

E por aí fica a questão, sem nenhum dos lados expressar muitas esperanças de que haja alguma abertura importante na conferência de alto nível desta semana, que terá lugar em Londres, depois de Lynch assistir aos funerais de Lorde Mountbatten.

Foi o choque causado pelo assassínio de Mountbatten, na manhã de segunda-feira passada, e de 18 soldados britânicos, na tarde do mesmo dia, numa emboscada 37 quilômetros ao Sul de Armagh, em outra cidade de fronteira, que levou ao encontro de primeiros ministros. O problema da extradição não é relevante no caso de Mountbatten, pois ocorreu na República, onde ele tinha uma casa de verão, e a polícia de Dublin já acusou dois terroristas pelo atentado.

Mas na emboscada aos soldados, muito mais típica da espécie de violência que vem devastando a Irlanda na última década, não há informações sobre suspeitos ou pistas, como sempre, e presume-se que os atacantes fugiram cruzando a fronteira e desapareceram na apaziguante paisagem verde da República da Irlanda.

Como sempre acontece, os últimos crimes dos terroristas provocaram apelo no Norte pelo fechamento da fronteira, como exigiu um irado líder protestante em Belfast, mas a fronteira tem 450 quilômetros de comprimento, e serpeia por agradáveis colinas e prados, atravessando fazendas e florestas, muitas vezes sem nenhuma marca e raramente guardada.

Ayatollah Khomeiny

Premier *Bazargan*

Bazargan renuncia por não ter poder e discordar dos rumos da revolução no Irã

Teerã — O Primeiro-Ministro Mehdi Bazargan renunciou ao cargo, admitindo que sua gestão foi como "uma faca sem fio", pois governava sem ter os poderes de um chefe de Governo. Pediu ao povo que solicitasse ao **ayatollah Khomeiny**, que mora na cidade santa de Qom, para vir a Teerã e assumir a responsabilidade pelos assuntos nacionais.

Irritado, ao que parecia, pela crítica de Khomeiny, que disse há pouco que o Governo não era suficientemente revolucionário, Bazargan afirmou na televisão: "Se há pessoas que pensam que matar, espancar e destruir é revolucionário, então eu não sou um revolucionário". Lamentou ainda que o responsabilizassem por todos os erros do novo regime.

FUZILAMENTOS

O Primeiro-Ministro demissionário confirmou que há oito dias apresentou sua renúncia a Khomeiny, mas ele não aceitou. Sua principal queixa se relaciona com os mais de 500 fuzilamentos determinados por tribunais revolucionários. Um quinto dessas execuções ocorreu nas últimas três semanas, atingindo sobretudo os rebeldes curdos que lutam por sua autonomia.

Bazargan, que parecia deprimido e sem o seu habitual estilo animado, disse que vários pregadores, nas orações fúnebres que rezaram pelos "guardas revolucionários" mortos na luta no Curdistão, "parecem não ter outro tema senão o de criticar o Governo por indecisão e falta de habilidade".

"Infelizmente, nem todos neste país se dão conta de que temos um gabinete de guerra, que se reúne regularmente para discutir o Curdistão. O Governo vigia atentamente os acontecimentos ali. É certo, temos um Exército e uma polícia regulares e do Estado. Mas não só lhes tiraram as armas, como muitos se opuseram à sua existência desde o começo da revolução.

Para atear chamas às críticas, os jornais e a televisão que operam sem verbas oficiais atacam e censuram o Governo".

Choques vêm desde o início

Os choques de Mehdi Bazargan, um político considerado moderado, com os outros líderes da revolução iraniana começaram tão logo ele assumiu o cargo de Primeiro-Ministro, e não demoraram muito a vir a público. Já em princípios de março, um mês após a sua nomeação — e uma semana depois de o **ayatollah** Khomeyni haver insinuado que ele era "fraco" — Bazargan criticava severamente, pela televisão, as execuções determinadas pelos chamados tribunais revolucionários islâmicos.

"Os processos secretos e as execuções", disse, "estão manchando a nossa revolução. São uma afronta". Lembrando que muitas organizações internacionais haviam simpatizado com a oposição ao Xá, contribuindo inclusive para a sua derrubada, acrescentou: "Para nossa grande vergonha, vemos hoje que essas mesmas organizações nos dirigem o mesmo tipo de censura".

VERGONHA

Um dia depois, advertia para o grave perigo que o Irã corria por causa das atividades dos grupos revolucionários radicais. "Os comitês revolucionários dificultam a normalização da vida do país, por sua intromissão em todos os assuntos do Governo", declarou. "Não tenho nada a ver com os tribunais revolucionários, mas o espírito de vingança, de intolerância e de caça às bruxas contra aqueles que ocuparam cargos comuns durante o Governo do Xá deve ser esquecido, se quisermos realizar alguma coisa"

As execuções não cessaram — ao contrário — e os comitês revolucionários tornaram-se cada vez mais um poder paralelo ao do Governo, tudo sob os olhos complacentes de Khomeyni. A tensão cresceu, mas em julho passado um acordo entre os dois líderes pareceu por um momento ter posto fim à crise. Falando novamente pela televisão, Bazargan declarou que tinha chegado a um entendimento com Khomeyni sobre a divisão de Poder entre o Conselho Revolucionário e seu Governo.

Pelo acordo, membros do Conselho Revolucionário passariam a participar do Governo como vice-ministros, enquanto membros do Gabinete tomariam parte nas deliberações do Conselho. "Foi o único modo de preservar a unidade de palavra, de decisão e de liderança no país", explicou.

Mas a paz entre os poderes não durou muito. E Bazargan temia — e teme — ser associado com os excessos que estão sendo praticados no Irã. Ele, um engenheiro de 73 anos cujo nome quer dizer **guia** ou **líder**, já foi considerado o equivalente leigo do **ayatollah** Khomeyni, quando a imagem que este projetava ainda era apenas de austera santidade.

Autor de mais de 100 livros e artigos em que procura mostrar como o tradicionalismo xiita pode conviver com uma sociedade moderna, sempre defendeu a tese de que as sociedades islâmicas regrediram porque os seguidores de Maomé foram ditadores que usaram o Islã em proveito próprio, tornando o povo apático, descrente e individualista, e distorcendo uma religião verdadeiramente preocupada com os problemas sociais.

Exército liberta em Bastam líder sitiado

Teerã — Jatos Phanton F-4 e helicópteros da Força Aérea iraniana repeliram ontem um ataque dos rebeldes curdos, que cercavam uma base do Governo, em Bastam, onde se encontrava o Vice-Primeiro Ministro para Assuntos Revolucionários, Mostafa Chamran. Ele foi libertado são e salvo e falou pelo rádio à nação.

O Exército preparava-se ontem para invadir o reduto rebelde de Mahabad, e os comandates curdos que mantinham a cidade em seu poder disseram que suas forças estavam prontas "para combater por seu destino". Anunciou-se que o **ayattolah** Khomeiny está disposto a ir ao Curdistão, "se os inimigos ali não forem esmagados imediatamente".

NÃO AVANÇARAM

Os militares iranianos, na terceira semana da ofensiva por Khomeiny contra os curdos, empregaram Phantons, helicópteros e artilharia para repelir ataques dos rebeldes a bases governamentais em Saqqez, Bastam e no território montanhoso nas cercanias de Baneh. Esta última cidade, situada próximo à fronteira do Iraque, é considerada o esconderijo dos dirigentes curdos, que deixaram a cidade de Mahabad ante a possibilidade de um iminente ataque pelo Exército iraniano.

Young acha Israel tão terrorista quanto a OLP

Paris — Numa entrevista ao Le Nouvel Observateur, o ex-Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, afirmou que Israel, "com seus bombardeios ao Líbano, não é menos terrorista do que a Organização para a Libertação da Palestina".

Young, que foi obrigado a renunciar ao cargo por se ter reunido com o representante da OLP nas Nações Unidas, comentou que "as bombas de dispersão e de fósforo, lançadas atualmente pelos israelenses, são tão destrutivas e imorais como os atentados praticados pelos palestinos em Israel".

A bomba de dispersão, que tem a forma de uma vagem, é cheia de pequenas esferas de aço que, quando explodem, voam em todas as direções, atingindo fatalmente o alvo. A bomba de fósforo adere à pele humana, inflama-se em contato com o ar e vai consumindo a pessoa lentamente por combustão.

No Cairo, o Primeiro-Ministro Mustapha Khalil afirmou que a Organização para a Libertação da Palestina deveria cessar suas incursões contra Israel, em troca do fim dos bombardeios israelenses sobre território libanês, e que se isso acontecer contará com o apoio norte-americano e poderá participar das negociações de paz no Oriente Médio.

Quatro princípios

Khalil disse duvidar que a OLP chegue a um consenso e tenha força para adotar tal política, mas assinalou que, em caso positivo, daria uma continuação valiosa à paz. O Premier egípcio propôs, em suma, que a OLP pare os atentados e reconheça o Estado judeu, garantindo que em troca Israel cessará os bombardeios aos acampamentos palestinos e cidades libanesas e reconhecerá o direito palestino à autodeterminação.

Arquivo/1977

Menahem Begin (E) e Anwar Sadat (D) tentarão esta semana em Haifa superar o impasse sobre a questão palestina

EUA apóiam um Estado palestino

Armando Ourique
Correspondente

Washington — O Presidente do Egito, Anwar Sadat, deverá contar com o apoio dos Estados Unidos quando sustentar os pontos-de-vista egípcios sobre a organização de um Governo palestino na Cisjordânia e na Faixa de Gaza ao Primeiro-Ministro de Israel, Menahem Begin, com quem se reunirá na próxima quinta-feira na cidade de Haifa, território israelense.

"Os israelenses acusam os Estados Unidos de apoiarem o Egito na questão da autonomia palestina, e nisso eles têm razão, pois achamos correta a interpretação egípcia dos acordos de Camp David", afirmou uma fonte do Governo norte-americano, que previu grandes dificuldades para a implementação dessa parte dos acordos e admitiu, inclusive, a remota possibilidade de retrocesso se Israel insistir em suas atuais posições até meados de 1980.

Autonomia Palestina

Egito e Israel ainda não chegaram a um acordo sobre os pontos a discutir na questão da autonomia palestina. Sadat sustenta que deve ser abordado a autodeterminação e a criação de um Estado palestino na Cisjordânia e em Gaza com as devidas restrições para atender às exigências israelenses por fronteiras seguras. Begin afirma que a criação de um Estado não faz parte do acordo de Camp David e, portanto, o que deve ser negociado é a autonomia administrativa em áreas como educação, bem-estar etc., nos territórios ocupados. Os Estados Unidos apoiarão Sadat quando ele afirmar, por exemplo, que os palestinos têm direito a elaborar sua própria legislação, além de outras atribuições de um Governo com autonomia suficiente para governar, o que os norte-americanos chamam de "equivalente a um Estado independente".

Os israelenses certamente terão que tomar decisões históricas em futuro próximo. Militarmente, nunca foram tão superiores. O acordo com o Egito enfraqueceu os palestinos, e Israel está tirando vantagem disso. Logo após o tratado de Camp David, Israel adotou a política de bombardear preventivamente o Sul do Líbano, forçando o êxodo de 150 mil palestinos, causando inúmeras vítimas e destruindo acampamentos e lugarejos na região da fronteira. Politicamente, entretanto, Israel está-se enfraquecendo. Pelos bombardeios e por sua posição intransigente.

Os israelenses têm conseguido manter a política dos EUA atrelada de certa forma à sua política. Por oposição de Tel Aviv, Washington deixou de apresentar no Conselho de Segurança das Nações Unidas uma proposta de reconhecimento dos direitos dos palestinos apesar da possibilidade de obter com isso o reconhecimento pela Organização de Libertação da Palestina (OLP) da Resolução 242, que afirma o direito de existência do Estado de Israel, mas, esse atrelamento está sendo questionado nos Estados Unidos, onde a questão palestina está se transformando num assunto interno norte-americano. A saída de Andrew Young da representação na ONU criou rivalidades entre negros e judeus. O próprio Presidente Carter já se pronunciou contra essa divisão.

Críticas a Israel

Na última quinta-feira, Andrew Young, com o aval do Departamento de Estado, criticou duramente os bombardeios israelenses no Sul do Líbano como algo "errado e inaceitável para os Estados Unidos". Menahem Begin, entretanto, rejeitou categoricamente as críticas do Governo norte-americano, afirmando que eram de uma injustiça, e que os bombardeios preventivos eram "a medida de auto-defesa mais legítima já vista na face da terra, e quem as condenar ou acusar os dois lados de serem igualmente culpados, está cometendo uma injustiça revoltante". Em Washington, uma fonte israelense afirmou que os bombardeios iriam continuar.

A perda de prestígio de Israel no exterior ainda é maior na Europa. Países tradicionalmente amigos de Israel, como Áustria, Alemanha Ocidental, e França, recentemente passaram a se aproximar dos palestinos. Israel, alguns observadores acreditam, deverá adotar uma atitude mais flexível em relação à questão palestina. Essa seria sua grande decisão histórica. Poucos indícios apontam nesse sentido: na semana passada Moshe Dayan esteve com um simpatizante da OLP e Menahen Begin se entrevistou com a autoridade romena que foi essencial para a visita de Sadat a Jerusalém.

O atual obstáculo nas negociações à autonomia da Palestina é que, inevitavelmente, a OLP teria que participar. O próprio Yasser Arafat já fez declarações insinuando que poderá reconhecer Israel, se Israel reconhecer o direito dos palestinos a um Estado independente. Esse círculo vicioso parece difícil de ser rompido, principalmente porque Israel crê que o único interesse da OLP nas negociações de Camp David seria sabotá-las.

Os norte-americanos têm a nítida consciência de que os palestinos terão que entrar no processo de negociações. Mas levam em consideração a possibilidade de uma representação palestina diferente da atual OLP. Algumas fontes levantaram a possibilidade da OLP rachar, ou então, de surgirem outros representantes palestinos. Lembram que, apesar dos países árabes afirmarem que a OLP é a única representante do povo palestino, a organização não teria controle sobre um milhão de palestinos que vivem na Cisjordânia. Lembram ainda que a OLP tem várias divisões.

Sadat aplaude a política de Bonn

Alexandria — Ao inaugurar uma fábrica em Alexandria, financiada com capital alemão-ocidental, o Presidente egípcio Anwar Sadat manifestou-se de acordo com a política externa de Bonn no que se refere aos "pontos essenciais para resolver o problema palestino". Sadat classificou de "corajosa" a política desenvolvida pela Alemanha Ocidental.

Na véspera, o Ministro de Relações Exteriores alemão, dissera ser favorável à criação do Estado palestino e ao direito à autodeterminação desse povo. Genscher, que estava ontem com Sadat na cerimônia em Alexandria, volta hoje para Bonn depois de fazer um apelo no sentido de que a todos os países do Oriente Médio seja reconhecido o direito de existência, incluindo a Palestina e Israel entre eles.

IDENTIDADE

Para Sadat, o direito à pátria palestina, à autodeterminação e o direito da OLP representar internacionalmente o povo palestino, juntamente com a negativa de uma paz em separado, são os quatro princípios que devem reger a política mundial no caso palestino. Esses princípios, segundo o Chefe de Estado egípcio, são comuns ao Cairo e a Bonn.

Aproveitando a visita de Genscher à fábrica, Sadat pediu que Bonn aumente seus investimentos no Egito.

Genscher fracassa com os árabes

William Waack
Correspondente

Bonn — Depois da malsucedida experiência de El Alamein, os alemães estão se envolvendo de novo em outra aventura no deserto. A expedição é chefiada desta vez pelo Ministro das Relações Exteriores, Hasn Dietrich Genscher, e o objetivo é participar de alguma maneira nas **démarches** diplomáticas no Oriente Médio. Genscher voltou ontem de outra exaustiva excursão por países árabes — a segunda em menos de dois meses — sem ter trazido nada de concreto a não ser novas reclamações de Jerusalém, cada vez mais preocupada com a atividade dos alemães na região.

Se a viagem do superdiplomata alemão (outra vez gordo e recuperado da doença que o mandou para o hospital no começo do ano) consistiu apenas daquilo que foi dito oficialmente, não é espantoso o fato de que não tenha resultado em nada. Em Damasco, onde é mais visível a dissidência entre os árabes e o repúdio à paz de Camp David, Genscher pleiteou pela unidade do mundo árabe e fez fartos elogios ao Presidente Carter. Em Alexandria, Genscher pediu mais paciência ainda a Sadat.

Em Beirute o ativo Ministro alemão, com seu séquito de 30 jornalistas, duas dúzias de assessores e muitos industriais e comerciantes, ficou apenas seis horas, tempo considerado suficiente para "demonstrar em favor da unidade do Líbano", conforme a expressão oficial. Na Jordânia, Genscher dedicou-se a diversas visitas protocolares, enquanto seus industriais participavam de importantes negociações visando a novos projetos.

No entanto, a viagem de Genscher ao Oriente Médio tem todos os elementos para um bom filme de **suspense**. A ida do Ministro foi precedida de um intenso contato com Carter, Vance a Brzezinski em Washington, dedicado exclusivamente ao tema Oriente Médio. Enquanto Genscher permanecia nos Estados Unidos, um dos mais conhecidos deputados de seu Partido viajava **particularmente** a Beirute e encontrava-se com Arafat, dando vazão a especulações segundo as quais Genscher também se encontraria com o líder palestino. Por fim, o Ministro das Relações Exteriores israelense, Moshe Dayan, visitara a Alemanha esta semana.

Mesmo a própria imprensa alemã ainda não entendeu de que maneira a Alemanha poderia contribuir para a paz no Oriente Médio. Bonn está amarrada às decisões coletivas do Mercado Comum Europeu, por um lado, e por outro não se pode esquecer de que "Os Estados Unidos são seu principal aliado, apoio e garantia da segurança", conforme disse Genscher em Damasco, respondendo às críticas feitas por Assad a Carter. Pelo menos oficialmente a Alemanha não vende armas para a região — além de bonitas palavras, de que outro meio dispõe Genscher para exercer influência naquela região?

"A supervalorização com que Bonn exerce sua política no Oriente Médio já começa a ficar cômica", observava um editorial do maior jornal do país, o **Sueddeutsche Zeitung**. Diversos comentaristas alemães apontaram também para o fato de que a Alemanha está presa a uma dívida moral muito especial em relação a Israel — herança da Segunda Grande Guerra.

Vários elementos indicam, contudo, que a política exterior alemã está libertando-se de sua timidez. Nunca o princípio de que sem a solução do problema palestino não haverá paz no Oriente Médio foi tão sublinhado pelos principais dirigentes alemães. As críticas de Schmidt à política de colonização israelense dos territórios árabes ocupados ainda ecoam fortemente em Jerusalém, enquanto Genscher se apressava em condenar os ataques ao Sul do Líbano.

Pode ser que tudo isto contribua muito pouco para a paz no Oriente Médio, dizia o **Sueddeutsche Zeitung**, mas pelo menos ajuda bastante à paz dos alemães com os árabes.

Kissinger diz que "détente" favorece URSS

Bruxelas — O ex-Secretário de Estado Henry Kissinger criticou os Estados Unidos e a OTAN por confiarem no poder dissuasório das armas atômicas intercontinentais, enquanto a União Soviética aumenta maciçamente suas forças convencionais e, em conseqüência disso, pode superar Washington militarmente, em quase todos os campos, na década de 80.

Falando durante um simpósio de três dias sobre o futuro do Pacto Atlântico, Kissinger fez até uma crítica à política da detente — que ajudou a elaborar — afirmando que ela, aliada à política do "suicídio mútuo" (destruição total no caso de confronto total), "serviu de desculpa para não se fazer nada".

Análise sombria

Para o ex-Secretário, "aproxima-se rapidamente o tempo em que a União Soviética poderá determinar os destinos do mundo. Se a atual tendência continuar, os anos 80 serão um período de crise geral para todos nós, que enfrentaremos simultaneamente um equilíbrio de poder desfavorável, uma crise econômica em potencial e um problema energético maciço".

A análise de Kissinger baseia-se em que "o fato dominante da atual situação militar é que os países da OTAN estão ficando cada vez mais atrasados em relação à União Soviética em todas as categorias militares significativas, com a possível exceção das forças navais, onde a diferença a nosso favor também vem diminuindo".

E vaticinou: "Nunca aconteceu na História que uma nação tenha alcançado superioridade em todas as categorias de armamentos sem tentar transformar isso, em determinada época, em dividendos políticos".

A política do "suicídio mútuo", segundo o ex-Secretário, "foi uma maneira rápida e fácil de resolver a questão; enquanto isso, os soviéticos desenvolviam forças para missões militares tradicionais capazes de destruir as forças dos Estados Unidos. Na década de 80, seremos inferiores nos campos terrestre e estratégico".

E concluiu, sempre em tom sombrio, que "a inferioridade nuclear, levando-se em conta que no caso de conflito europeu usaríamos armas anticonvencionais, está abrindo caminho para uma chantagem seletiva, na qual nossos aliados (dos Estados Unidos) serão ameaçados e nós seremos forçados a ficar numa posição em que só respondemos com uma estratégia que foi deliberadamente planejada para não ter qualquer objetivo militar, mas apenas a destruição de populações".

AP

A OTAN, para Kissinger, está ficando atrás

Alemanha exige respeito para soldados de Hitler

Bonn — O Presidente da Alemanha Ocidental, Karl Carsten, afirmou ontem, por ocasião do 40º aniversário da invasão da Polônia, que os alemães cometeram muitos atos reprováveis no curso da II Guerra Mundial, mas, apesar de tudo, os soldados que lutaram por seu país merecem respeito e todas as homenagens.

O Instituto de Opinião Pública Wickert divulgou ontem os resultados de uma pesquisa, segundo a qual 70% por alemães adultos acham que cabe à Alemanha a responsabilidade pelo início da II Guerra Mundial. Pesquisa semelhante, realizada há dez anos, deu como resultado 64%.

O Presidente da Alemanha Ocidental, que passou a maior parte da guerra como Tenente do Exército, encarregado de uma bateria antiaérea em Berlim, não fez qualquer esforço para rebater as acusações sobre a culpabilidade da Alemanha, mas assinalou que sua geração se viu obrigada a lutar por uma causa injusta.

Na China

Ao comentar no 40º aniversário do começo da II Guerra Mundial, o **Diário do Povo**, porta-voz do Partido Comunista Chinês, disse ontem que as ambições da União Soviética são hoje maiores de que as de Hitler: "É a mais perigosa fonte de uma nova guerra mundial, acrescentou o jornal. Não se deve esquecer a amarga lição de 1939, que levou o mundo ao grande holocausto: a política de apaziguamento em relação à agressão e ao expansionismo de Hitler".

Na Polônia

Para registrar o 40º aniversário da agressão nazista à Polônia, ontem, ao meio-dia, todo trânsito nas ruas do país foi paralisado, enquanto os apitos das fábricas e dos navios ulularam. Logo a seguir, foi mantido um minuto de silêncio para homenager os mais de seis milhões de compatriotas que tombaram na luta contra o invasor, os 60 mil soldados soviéticos que combateram e morreram pela libertação, além dos assassinados nos campos de concentração nazistas instalados em território polonês.

Pela manhã, o Primeiro-Secretário do PC Polonês, Edward Gierek, o chefe de Estado Henryk Jablonski, o Primeiro-Ministro Piotr Jaroszewicz e outras autoridades participaram de uma cerimônia comemorativa. Colocaram uma coroa de flores diante do monumento erigido na península de Westerplatte, diante do porto de Danzig, que recorda a pequena guarnição polonesa que, em setembro de 1939, opôs desesperada resistência a forças nazistas muito superiores em número.

França discute Europa militar

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — Um debate de multas conseqüências está aflorando nos meios políticos franceses, tendo como tema central a possibilidade de criar-se a Europa Militar, ou, mais objetivamente, um sistema de cooperação de armamento nuclear com a Alemanha Ocidental. O problema é saber se os vencidos de ontem da II Guerra Mundial devem ou não ser rearmados. E as paixões se desatam.

Declarações feitas segunda-feira última pelo Ministro da Defesa da França, Yvon Bourges, permitem pensar que do lado do Poder a resposta é afirmativa. Perguntou ele: "Quem poderia de boa-fé sustentar que um conflito desencadeado na Europa iria estancar-se em nossas fronteiras? Eis porque participar da defesa da Europa é uma das missões essenciais das Forças Armadas francesas, diretamente vinculada à segurança do território".

Violenta oposição

Imediatamente, na manhã de terça-feira, os campeões tradicionais do nacionalismo — gaullistas e comunistas — replicaram com violência: "Não existe outra defesa senão a nacional", protestou, com voz trêmula de cólera o ex-Premier do General De Gaulle, Michel Debré. "Um país que renuncia a sua defesa não é mais um país".

E, enquanto um Deputado comunista, Louis Odru, apresentava proposição escrita ao Primeiro-Ministro Raymond Barre sobre as intenções do Governo francês neste assunto, o jornal do PCF, **L'Humanité** escrevia: "Elemento maior da soberania nacional, a independência nacional, é oferecida a retalhos em proveito de um conglomerado militar supranacional, colocado sob tutela norte-americana e alemã ocidental".

"É caminho aberto ao armamento nuclear da Alemanha de Schmidt e de Strauss," prossegue o jornal, "o que quer dizer que armas de destruição maciça serão dadas a homens que não fazem mistério de suas pretensões territoriais a Leste, sob o pretexto de uma "reunificação" alemã. Este ponto foi aliás igualmente levantado por Debré, que, no semanário **Le Point**, declarava: "Ainda há dois meses, Schmidt dizia a seus compatriotas que nenhum alemão poderia dormir tranqüilo enquanto a reunificação da Alemanha não fosse realizada. É o vício fundamental desta idéia de defesa européia. Por detrás da mesma palavra, há interesses opostos".

Mas se o debate inflamou-se assim tão rapidamente é porque o terreno já estava aquecido. Um livro escrito por dois oficiais franceses e um professor, **Euroshima**, recentemente publicado nas Edições Media, situava no primeiro plano tais teorias novas de defesa européia. Ou seja: a vulnerabilidade e a fraqueza do **guarda-chuva norte-americano** e a quase impossibilidade para um país como a França em concorrer sozinho com as superpotências em matéria nuclear, o que leva a concluir pela necessidade de uma verdadeira defesa européia.

Essa ótica, aliás, foi retomada por **Nouvel Observateur**: o General Buis, grande especialista em questões militares, e Alexandre Sanguinetti, gaullista dissidente, lançaram sua bomba ao declarar cruamente que sem o acesso da Alemanha ao arsenal nuclear francês, a Europa política e militar não poderia existir. É necessário, explicaram, que a França se alie à Alemanha Ocidental, único partidário europeu poderoso, e que ambos os países entrem num acordo em relação a seus esforços comuns. É a única maneira, na opinião deles, de obter armamentos nucleares suficientemente sofisticados para serem credenciados diante das novas armas norte-americanas e soviéticas.

A França não tem mais meios de seguir a evolução das superpotências, se permanecer só, estão eles convencidos.

Todos esses propósitos provocaram tanta onda nos meios políticos que acabaram por provocar um esclarecimento da Presidência da República. A política de defesa da França, declarou o porta-voz Pierre Hunt, "é expressa por declarações do Presidente da República e do Governo". Em um país livre, as opiniões podem ser expressas livremente — acrescentou — mas elas não afetam esta política.

No entanto, é precisamente em uma destas declarações, oficiosas é verdade, de Giscard d'Estaing, em entrevista a **Le Figaro**, em maio de 1975, que se pode encontrar, a propósito da defesa européia, pequenas frases: "Haverá um primeiro tempo ocupado na procura da independência política da Europa, e poderá, a seguir, haver um segundo tempo que será o exercício de uma certa função de defesa. Ainda não estamos lá, mas interroga-se já sobre o fato se poderemos ter os meios industriais para assegurar uma parte de nossa defesa". Um ano depois, sempre em matéria de defesa, o chefe de Estado francês falara de "espaço europeu único". E foi Raymond Barre, o Primeiro-Ministro, que, em 1977, opinou que a força nuclear francesa deve aplicar-se aos territórios vizinhos e aliados.

Propaganda domina ano da criança

Salvador — "A impressão que se tem, ao chegar ao Brasil, é que o Ano Internacional da Criança é propriedade das empresas comerciais, tal o numero de anuncios que fazem referência à data para vender produtos de consumo" — o comentário é do diretor de Analise de Programa e Avaliação de Projetos da Unicef, Nailton Santos.

Entretanto, o desvirtuamento do Ano Internacional da Criança, uma campanha da Unicef (organismo da ONU voltado para a assistência à infância), ocorre em vários paises, observou o professor Nailton Santos, que deixou o Brasil em 1964 (era diretor do Departamento de Recursos Humanos da Sudene). Esta é a segunda visita ao país; a outra foi em 1977.

SEM PROPAGANDA

Na Unicef desde 1970, o Sr Nailton Santos afirma que ficou surpreso, ao chegar ao Brasil para uma estada de cinco semanas, com as "inumeras propagandas que se intitulam parte do calendario oficial da ONU para o Ano Internacional da Criança. O calendário não existe: a data foi instituida para ser, em cada pais, um acontecimento nacional".

Explicou que a Unicef o instituiu para "chamar a atenção para os problemas das crianças e suas necessidades, insistindo na colocação destes problemas dentro de um contexto socio-politico-econômico".

Portanto, não são obras assistenciais ou filantrópicas que vão solucionar tais problemas, que não podem ser resolvidos se atacados como especificos da infância. Lamentavelmente, há os que se aproveitam da promoção para ver apenas oportunidades comerciais", diz o professor, que trabalha agora nos Estados Unidos, após passar por França, Holanda e Tailândia.

O Ano Internacional da Criança, em sua opinião, deve ser para "aumentar a consciência da situação que atinge as crianças. Nos paises subdesenvolvidos, como o Brasil, os problemas infantis são, principalmente, decorrentes de estruturas socio-econômicas. Um exemplo é a mortalidade infantil, um indicador bastante abrangente".

Uma análise deste indicador mostra que os maiores fatores que causam a mortalidade infantil são fome, falta de agua potável, falta de emprego, a pobreza, enfim. E o Brasil tem um indice de mortalidade bastante alto, em termos nacionais. Este indice é altissimo se analisarmos por regiões, como o Nordeste, alem de ser elevado se comparado com o de outros paises no mesmo estagio de desenvolvimento", acrescentou o Sr Nailton Santos.

PND E NECESSIDADES

Conforme o especialista, "uma maneira importante de o Brasil comemorar o Ano Internacional seria inserir os interesses da criança como um dos predominantes entre os objetivos do 3º Plano Nacional de Desenvolvimento, que atualmente se discute".

Nós, da Unicef, insistimos em que os problemas existem, mas que eles podem ser solucionados. No Brasil isto é possivel, basta haver uma reorientação na distribuição dos recursos existentes. Tanto é que o Brasil é um dos paises que não recebe assistência direta em equipamentos, como ocorre com outras nações mais pobres".

Para o Sr Nailton Santos, que não pensa em voltar de imediato ao Brasil, o Conselho de Administração da Unicef recomenda a todos um "esforço no sentido de que os paises membros da ONU procurem satisfazer as necessidades basicas da população, e, por consequência, das crianças, nos setores de saude, nutrição, saneamento e educação".

"Os programas com este objetivo devem buscar a participação das comunidades, desde a definição das necessidades basicas até o planejamento, execução e avaliação das soluções propostas. "O Ano Internacional da Criança não tem fim: 1979 é apenas o ano que marca o inicio da abordagem do problema".

Informou que a avaliação do trabalho desenvolvido pelos 145 comitês espalhados pelo mundo será em outubro, devendo o balanço final ser levado ao conhecimento dos participantes da proxima assembleia-geral da ONU, naquele mês.

Marco Maciel recorda os deveres dos cidadãos

Recife — É tempo de refletir "sobre as aspirações nacionais, para identificarmos os nossos deveres de cidadãos", afirmou ontem o Governador Marco Antônio Maciel, em pronunciamento na abertura oficial das comemorações da Semana da Pátria, na Praça da República na Capital de Pernambuco.

Ressaltou que "a Independência não se reduz ao ato formal do Grito do Ipiranga, constituindo uma consciência e um propósito permanente". Destacou a necessidade de "saber conciliar a lei e a ordem, condição indispensável ao funcionamento de uma democracia autêntica e estavel, que tanto desejamos".

Presenças

Participaram da solenidade os Comandantes do IV Exercito, General Florimar Coutinho, da 7ª Região Militar, General Hélio Gildino Martins; e o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Zaldir Lima.

Além de autoridades militares e civis, estiveram presentes representantes também de sindicatos patronais e de trabalhadores e representantes de colegios particulares.

Espírito mineiro

Belo Horizonte — Durante solenidade de abertura da Semana da Pátria, o Governador Francelino Pereira disse que "o espirito mineiro se fará presente outra vez, nesse grande dialogo que a nação abriu consigo mesma, porque ele sintetiza no pensamento e na nação os valores politicos mais altos".

Acrescentou que "nos momentos de transição, quando a nação escolhe novos caminhos e o povo redescobre o gosto da politica e da participação, é natural que pactos envelhecidos e, por isso mesmo, denunciados pelo tempo possam ser alterados. Em momentos assim criam e se projetam novas expectativas, como se também amplas e novas janelas se abrissem para o vento renovador de uma promissora madrugada".

Vocação da grandeza

"Minas é permanente como a nação", definiu o Governador Francelino Pereira.

"Minas tem a vocação da grandeza e o sentido do dever e da liberdade. Cristalizando o que existe de mais puro na alma brasileira, temos sido o emblema da unidade nacional."

Disse ainda que "tambem hoje vivemos tempos desafiantes, tempos de mudança. No cenario mundial, uma crise energetica que aguça nossa criatividade e a nossa imaginação. No plano interno, uma profunda renovação na vida econômica, social e politica da nação, que busca promover o desenvolvimento em bases mais justas e criar instituições que fortaleçam a Republica e consolidem a Federação".

Fotos de Rogério Reis

Estacionar foi o primeiro problema da praia, mas como valia tudo, acabou ficando fácil; o frescobol não foi reprimido; e, apesar de muita gente, na areia, não faltou vaga

Céu azul e sol forte levam muitos banhistas às praias

O sábado de céu azul e sol forte levou muita gente às praias de Copacabana, Leblon, Ipanema, São Conrado, Barra, Recreio e Grumari. Em todos os postos havia bandeira vermelha de advertência aos banhistas. Se bem que o mar não estivesse forte demais, havia muita correnteza.

Na areia havia lugar suficiente para as pessoas terem algum conforto e estenderem as suas toalhas e esteiras. A temperatura média da água era de 20ºC. O estacionamento irregular voltou a ser problema, com carros parados sobre os canteiros e gramados.

Pouco trabalho

Os salva-vidas não chegaram a ter muito trabalho, apesar de inúmeras **vassourinhas** (trechos em que água fica esbranquiçada, espumante, perto da areia e da rebentação das ondas, que puxa os banhistas em direção contrária à praia). Numa delas, um grupo de banhistas preocupava o guarda-vidas Marco Ripper: "Aquele pessoal lá não sabe nadar direito e já vai ser **varrido** para fora; e lá vou eu ter que salvar aquele bando".

Outra preocupação do Salvamar são os vergalhões que sustentam a tubulação do interceptor oceânico, em Ipanema, em frente à rua Teixeira de Mello. Quando a maré baixa, eles ficam expostos e são perigosos. "Um dia desses", contou Marco Ripper, "um turista deu um corte na coxa desde o joelho até a nádega, num vergalhão desses".

Não havia guardas de trânsito na orla marítima. Por isso, os carros estacionavam onde bem queriam: sobre os canteiros, em cima das calçadas, com quatro ou duas rodas; enviezados, de qualquer maneira. Apenas uma rádio-patrulha, tripulada por **boinas-pretas** da PM estava estacionada no Arpoador, aproveitando a sombra de um edifício.

Ladrões

O atendimento a banhistas foi pequeno em todos os hospitais. O Salvamar não registrou qualquer caso de afogamento. O Hospital Lourenço Jorge atendeu a 30 banhistas. Cinco surfistas, com escoriações; oito pessoas com desidratação, 13 com cortes produzidos por cacos de vidro escondidos na areia e quatro por alergia a sol e calor.

Mas a maior procura foi à 16ª DP, para dar queixas de arrombamentos de automóveis, roubo de rádios, toca-fitas e documentos. Policiais informaram que todos os sábados, domingos e feriados **são** muitos os casos de arrombamento de carro desde São Conrado até o Recreio dos Bandeirantes.

Cidades de turismo têm gasolina

Os oito postos de gasolina de Cabo Frio, Arraial do Cabo e Buzios abasteceram poucos veiculos ontem. Funcionaram das 6h às 12h, quando também foram suspensos os serviços de lubrificação e lavagem, que antes eram mantidos.

Hoje, os postos funcionarão das 12h às 21h em Cabo Frio e em mais 13 cidades turisticas do Estado do Rio, beneficiadas pelas novas normas do Conselho Nacional do Petróleo. Sexta-feira, por falta de orientação do CNP ou confirmação oficial dos novos horários, os postos funcionaram irregularmente: deveriam ter fechado às 12h, mas alguns funcionaram até as 15h e outros até a noite, como no esquema que vigorava anteriormente.

Para o próximo fim de semana, que coincidirá com o feriado de 7 de Setembro, os hoteleiros, donos de postos de gasolina e de restaurantes estão otimistas quanto ao movimento turistico. O Secretário de Turismo de Cabo Frio, Sr Márcio Werneck, creditou a reabertura dos postos nos fins de semana à luta das cidades turisticas junto a Embratur.

Nos postos de gasolina de Cabo Frio, tanto ontem como sexta-feira, não chegou a haver grandes filas porque os motoristas já sabiam da venda de gasolina no sábado e no domingo.

Protesto contra poluição reúne 5 mil em passeata

São Paulo — Estudantes, políticos, trabalhadores e donas-de-casa, representando 10 associações de classe, realizaram ontem entre 10 e 14 h passeata de protesto contra a poluição do rio Piracicaba. Cerca de 5 mil pessoas deixaram a Praça do Protesto Ecológico, criada em agosto, quando se intensificaram na região as reações contrárias à poluição da bacia de Piracicaba.

A manifestação partiu também dos bairros de Jardim Primavera, Praça da Saúde e Igreja São Dimas e a cada mês uma entidade ficará responsável pelo hasteamento de bandeira da cidade com uma faixa preta para "simbolizar o luto pela morte do rio". Em setembro e outubro, o ato será comandado pela Universidade Metodista e pela Cúria Diocesana.

Poluentes

O Reverendo Nilo Piloto e o Padre Oto Dana celebraram ato religioso e o presidente da Associação Brasileira de Defesa do Meio-Ambiente, Sr Paulo Afonso Leme, pediu medidas judiciais para conter a poluição do rio.

A bacia do Rio Piracicaba serve à cidade do mesmo nome, cuja principal atividade é a fabricação de álcool, cachaça e açúcar, além de máquinas e equipamentos. É um dos municípios de maior produção têxtil do país.

Rio abre 100 mas precisa de 3 mil creches para carentes

Registro n ... de ... de crianças candidatas à creche-casulo em Vala do Sangue, Santa Cruz, 18 de agosto: uma mulher está aos prantos; atendida por uma assistente social, conta que, por ficar trabalhando na lavoura, seus três filhos, entre dois e cinco anos, tinham incendiado o barraco onde moravam. Registro nº 2, na vacinação dos candidatos à creche-casulo, em Lote 14, Santa Cruz, 19 de agosto: duas assistentes sociais saem de casa em casa, chamando para a vacinação, e num dos barracos encontram, amontoadas, nove crianças entre dois e seis anos, sob a guarda de uma menina de oito.

Os dois casos, narrados pela Coordenadora de Bem-Estar Social do Município, Miriam Pernambuco Backheuser, mostram o desamparo do menor nas populações de baixa renda do Rio. Um convênio entre a Prefeitura e a LBA — Legião Brasileira de Assistência — iniciou, recentemente, a instalação de 100 creches nas regiões mais carentes da cidade, numa tentativa de minorar o problema das mulheres que precisam trabalhar e não têm com quem deixar os filhos. O Prefeito Israel Klabin reconhece que seriam necessárias 3 mil creches como essas para atender toda a clientela, mas, pergunta: "Se não podemos ter as 3 mil, por que não dar, pelo menos, o primeiro passo?"

CASOS E DADOS

Para a coordenadora Miriam Backheuser, as duas histórias contadas são indicadores mais eloqüentes "do que os frios dados estatísticos para mostrar o dramático quadro social do Rio. São linhas soltas, que precisam ser interligadas, formando uma estrutura sólida de providências contínuas e efetivas. Buscar essa estrutura, integrando e coordenando esforços e recursos, é o nosso grande objetivo".

Segundo ela, os conflitos provenientes das constantes mudanças da sociedade se agravam nas populações de baixa renda, formadas em sua maioria por migrantes rurais que, ao se transferirem para a cidade grande, sofrem um choque cultural. "Sem um estímulo que as leve a se promoverem como pessoas, serão sempre o caldo de cultura ideal para a criminalidade e a marginalização", observou.

De todos, o problema que mais se destaca no quadro social do Rio é o desamparo do menor nas áreas carentes. "Constantemente entregue a si mesma, trancada num barraco ou solta pela favela, essa criança é vítima de múltiplas carências, não só de alimentação adequada a seu desenvolvimento e um mínimo de conforto material, mas também, pela privação cultural, de afeto e demonstrações de carinho. Ficam marcadas por sequelas irreparáveis que podem torná-las adultos de baixo nível mental", explicou.

Dados do censo escolar feito no Rio em 1975 demonstram que na idade já escolarizável — dois a seis anos — 82% das crianças não tinham qualquer atendimento em creches, classes maternais ou jardins-de-infância. Disse a coordenadora que, embora tenha aumentado, o atendimento hoje é ainda muito inferior à demanda, "até porque com uma taxa de crescimento populacional de 3,7% ao ano os recursos financeiros teriam de ser grandemente incrementados para isso".

Ela contou que só em favelas e conjuntos habitacionais, onde se concentram 30% da população do Município, há cerca de 211 mil crianças entre zero e seis anos necessitadas de atendimento, "que quase sempre vivem em condições subumanas numa idade essencial para o perfeito desenvolvimento biopsicossocial". A seu ver, porém, ao lado do atendimento direto ao menor, com fornecimento de complementação alimentar, assistência médica a estímulos culturais, deve-se trabalhar também com a família, "cuja estabilidade é fundamental para minimizar o problema do menor".

Duas questões, porém, dificultam esse atendimento, segundo ela: a insuficiência de recursos do Poder Público para custear programas maciços e a falta de consciência da população para ajudar a minorar o problema. "A UNESCO" — contou — "vem recomendando aos países de possibilidades limitadas que procurem coordenar recursos materiais e humanos para aperfeiçoar fórmulas simples e econômicas de educação pré-escolar. A Coordenação de Bem-Estar Social quer descobrir essas fórmulas leves, que são maneiras informais e criativas de atender o menor, e para isso se propõe a juntar esforços aos das demais entidades preocupadas especificamente com o problema e a órgãos públicos ou privados, associações de classes ou clubes, interessados em colaborar".

CASULO E SOLIDARIEDADE

Dois projetos com este fim estão sendo implementados pela Coordenação: o Projeto Casulo, instalação de creches em integração com a LBA, e o Projeto Famílias Solidárias, com a Secretaria Municipal de Saúde. O primeiro consiste em creches simples, instaladas mediante contrato com obras sociais ou associações de moradores, com equipamentos funcionais, sem nenhuma sofisticação, e destinado a crianças de zero a seis anos, que recebem atendimento médico-odontológico, alimentar e psicopedagógico durante o tempo da jornada de trabalho da mãe.

O Projeto Famílias Solidárias prevê atendimento a crianças que vivem sob a guarda de outras pessoas — as chamadas guardadeiras — enquanto suas mães trabalham. Elas pemanecem no barraco da guardadeira mas vão uma vez por semana às unidades auxiliares de cuidados primários, por um período de três horas, quando fazem uma refeição e desenvolvem atividades recreativas, com a guardadeira participando do treinamento.

"Para esses e outros projetos, precisaríamos contar com a colaboração do empresariado, dos sindicatos, dos clubes de serviço e de toda a comunidade", observou Miriam Backheuser. "Possivelmente passaremos a ter atuação bem mais ampla no campo social, pois contaremos com maiores recursos humanos e financeiros e teremos competência maior, mas ainda assim defendemos que nossa atuação será sempre indireta, mais numa linha de coordenar recursos do que de prover recursos".

A Coordenadora de Bem-Estar Social do Município se diz contrária a soluções paternalistas: "Entendemos que a pobre mulher moradora em Vala do Sangue preciosa de um lugar onde deixar os filhos para poder trabalhar", comentou, "mas ela também terá de dar à creche-casulo a sua contribuição, sob qualquer forma. Igualmente sabemos que as crianças encontradas num barraco em Santa Cruz, sem nenhum adulto para cuidá-las, necessitam de creches ou de escolas, mas as pessoas da comunidade têm de ajudar de algum modo às escolas e às creches. Também pretendemos dar às crianças carentes as quantidades de proteínas e calorias necessárias ao seu desenvolvimento, mas para isso é preciso que o comércio, a indústria, o empresariado, ajudem na aquisição desses alimentos".

Miriam Backheuser disse só acreditar na solução desses problemas quando estiverem colocados em termos de participação geral. "Mas, para isso, é necessário que se desenvolva entre nós a cultura da solidariedade", acrescentou. "Isso acontecerá quando as pessoas deixarem de pensar na favelas apenas como focos de ameaça a sua segurança ou como manchas antiestéticas na paisagem carioca. Acontecerá quando se preocuparem com a baixa qualidade de vida nas favelas, e, melhor do que nós, diz Madre Tereza de Calcutá: "A pobreza está em toda a parte: na Índia, na África, há muita pobreza material, mas no Ocidente encontrei um outro tipo de pobreza — a pobreza do amor, a falta de reconhecimento do ser humano como pessoa."

Bancário gaúcho sem acordo entra em greve na 4ª-feira

Porto Alegre — A assembléia dos bancários, ontem, em Porto Alegre, no auditório Araújo Viana, fixou prazo de 48 horas — a partir de amanhã — para que os banqueiros apresentem contraproposta à reivindicação de aumento de 86% e pisos de Cr$ 6 mil 104 (para funcionários de balcão) e Cr$ 6 mil 900 (escriturários). Caso contrário, eles ameaçam greve para quarta-feira.

Dirigentes dos sindicatos do interior estão sendo convocados para reunião, amanhã, a fim de analisarem as condições de mobilização de uma greve em todo o Estado. Prevendo esta possibilidade, o presidente do sindicato dos bancários da Capital, sr Olívio Dutra, alertou que "a população deverá sacar seus depósitos pois a greve poderá ser longa".

ESTADO DE GREVE

Com a rejeição da proposta de um grupo de bancários favoráveis à imediata paralisação, a assembléia — cerca de 3 mil bancários — decidiu entrar em "estado de greve" a partir de amanhã.

O prazo estipulado pelos bancários levou em conta possibilitar que a população faça retiradas amanhã e terça-feira.

Também foi recomendada a Operação Tartaruga nos bancos como forma de pressão. Outra estratégia da classe será a constituição de delegados por agência, que se manterão em constante contato com o comando da greve, composta por 40 representantes de bancos, eleitos ontem.

Os bancários reivindicam, além do aumento salarial e da fixação dos pisos, a antecipação do dissídio para 1º de setembro (a data atual é 3 de novembro), pagamento de 100% para horas extras trabalhadas, incorporação ao salário do adiantamento de 20% dado em junho passado, licença prêmio de seis meses para funcionários com 10 anos de empresa e férias de 35 dias.

FENABAN OTIMISTA

O presidente da Federação Nacional dos Bancos, professor Theófilo de Azeredo Santos, declarou ontem que não acredita que os bancários do Rio se decidam pela greve na assembléia que realizarão hoje à tarde. Dessa maneira, espera que os bancos funcionem normalmente amanhã.

Acrescentou que o presidente do Banco do Brasil, Sr Osvaldo Collin, manifestou-se também otimista de que os empregados do banco estatal trabalharão normalmente, afastando o perigo da greve.

OTIMISMO

O otimismo do presidente da Fenaban se baseia em três razões principais: o dissídio da classe aguarda julgamento no Tribunal Regional do Trabalho e dessa maneira uma greve dos bancários seria uma greve contra decisão que ainda não se conhece; a maioria dos bancários do Rio já conhece hoje, formalmente, a proposta dos banqueiros, que é a mesma apresentada na Delegacia Regional do Trabalho de Belo Horizonte e que, segundo o Sr Theófilo de Azeredo Santos, mereceu elogios dos líderes sindicais mineiros; e, em terceiro lugar, lembra que há 10 anos a direção do sindicato dos bancários do Rio tem feito acordos com os banqueiros.

Porto Alegre/Foto de João Onófrio

Bancários deram prazo para possibilitar saques

MEC estuda fundo para professores

Salvador — Uma comissão interministerial para estudar um fundo permanente de suplementação salarial para professores, "cuja alternativa plausível como fonte de recursos é a loteria esportiva", foi anunciada ontem pelo Ministro da Educação Eduardo Portella.

Ele veio à Capital baiana para dar a aula inaugural da Universidade Estadual de Feira de Santana — cidade onde nasceu — e disse que estão sendo analisadas várias fórmulas como fontes de recursos para este fundo a ser criado no MEC.

FINANCIAMENTOS

O professor Portella informou também que pretende criar novos tipos de financiamento para Educação de forma a não depender exclusivamente do orçamento do Ministério, que considera insuficiente. Falou também na "autarquização" de universidades "como única saída" para instituir o ensino pago nos cursos superiores.

Lembrou, porém, que a prioridade de seu Ministério está voltada para o ensino de primeiro e segundo graus, que está "quase esfacelado".

Petroquímicos conseguem aumento

Salvador — Depois de vários encontros com os empresários e até de ameaça de greve, o presidente do Sindiquímica — Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Petroquímica da Bahia — Sr Valter Ribeiro, anunciou ontem ter conseguido aumento variável para a classe, entre 52% e 54%, além de um abono de Cr$ 1 mil sobre os atuais salários.

Apesar da reivindicação inicial dos petroquímicos ser de 60% de aumento mais abono de Cr$ 3 mil, o aumento e o abono realmente conseguidos pelo sindicato foram considerados como uma vitória, já que junto a eles foram atendidas outras exigências como o pagamento de 200% de extras na diárias dos feriados e dias santos e 100% nos domingos, além de melhores condições de trabalho no que se refere à segurança.

Construtores recorrem à Justiça

Porto Alegre — Os empresários da construção civil de Pelotas resolveram, ontem, transferir à Justiça do Trabalho a solução para a greve dos trabalhadores, que dura cinco dias. Nas negociações diretas, não houve acordo. A proposta dos empregadores é idêntica à dos seus colegas de Porto Alegre; difere apenas no piso salarial.

Os trabalhadores de Pelotas reivindicam Cr$ 20/h para serventes (atualmente ganham Cr$ 9); Cr$ 35 para profissionais, Cr$ 50 para contramestres e Cr$ 60 para mestres. Os empresários oferecem aumentos variáveis entre 30%, para serventes, e 10% para mestres, com 15% para contramestres e 20% para profissionais.

Além desses níveis, os construtores admitem dar mais 15% em 1º de outubro e outros 15% em janeiro. O Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Pelotas informa que 90% da força de trabalho aderiram à greve. Assegura, porém, que a greve é pacífica e que não acontecerão distúrbios e agitações.

Tabela de frete começa a vigorar

Curitiba — A promessa de cumprimento da nova tabela de fretes pelas empresas contratantes e transportadoras afastou a ameaça de greve de motoristas de caminhões nas principais cidades do Paraná.

Apenas em Marechal Cândido Rondon os caminhoneiros continuam parados e deram prazo de três dias à Cetrin, do Banco do Brasil, para que se defina sobre os novos preços de frete estabelecidos pela Delegacia Regional do Trabalho e publicados em **Diário Oficial**, dia 17 de agosto.

Em Ponta Grossa, principal tronco rodoviário do Estado, a 100 quilômetros de Curitiba, praticamente todas as indústrias beneficiadoras de grãos prometeram aceitar a nova tabela, sobretudo depois da ameaça feita pela DRT, de multar em Cr$ 20 mil as empresas que não a cumprissem. A fiscalização está sendo feita pelos caminhoneiros, que dispersaram os piquetes, confiando no acordo.

Os motoristas autônomos de Marechal Cândido Rondon também concordaram em abandonar os piquetes nos entroncamentos rodoviários.

Vigilante ameaça parar dia 15

Os vigilantes do Rio de Janeiro, reunidos ontem de manhã em frente à sede da Abravig, na Rua Irineu Marinho, decidiram entrar em greve dia 15 se até lá não forem atendidas suas principais reivindicações das 22 que apresentaram aos empregadores.

A partir de amanhã, farão concentrações públicas para angariar dinheiro para o fundo de greve. Viajarão também ao interior do Estado para informar seus colegas das decisões tomadas. Os vigilantes são aproximadamente 40 mil no Estado, sendo 25 mil no Município do Rio.

REIVINDICAÇÕES

Eles reivindicam, principalmente, pagamento por risco de vida, pagamento de triênios; roupas gratuitas para trabalhar; piso salarial de Cr$ 6 mil com vigência a partir de 1º de agosto. As empresas já comunicaram à DRT que estão dispostas a aceitar piso salarial de Cr$ 5 mil, mas depois baixaram a oferta para Cr$ 4 mil.

Diante disso, veio a decisão de greve na assembléia de ontem. Dirigentes da Abravig pretendem desenvolver intensa campanha de conscientização da classe para conseguir o maior número possível de aderentes ao movimento marcado para o dia 15. Isto será feito através de atos públicos e das viagens ao interior do Estado.

Ontem, depois da assembléia, os vigilantes souberam que as empresas estão divididas no que concerne ao atendimento de suas reivindicações: 12 delas aceitam pagar o mínimo de Cr$ 5 mil, enquanto 14 não se propõem a aumentar o salário-base além de Cr$ 4 mil. O próximo passo da Abravig é transformar-se em sindicato da classe, o que fará semana que vem, quando entrará com documentação na DRT pedindo para ser transformada em associação profissional.

GREVE NO SUL

Em Porto Alegre, 6 mil vigilantes decidiram ontem entrar em greve na Capital e no interior, por não terem aceito a proposta conciliatória da Delegacia Regional do Trabalho. As negociações diretas entre empresas de vigilância e vigilantes fracassaram. Mesmo com a mediação da DRT, não houve acordo.

A DRT sugeriu salários-base de Cr$ 4 mil 100 para vigilantes e de Cr$ 4 mil 413 para guardas de valores que "não foram sequer cogitados" pelos trabalhadores. As negociações diretas vinham sendo mantidas há 20 dias, sem qualquer conclusão satisfatória para as partes. Daí a interferência da DRT, também sem sucesso.

Os vigilantes querem salários de Cr$ 5 mil e de Cr$ 5 100 para os guardas de valores. A decisão de greve imediata surpreendeu os empresários, que tinham como certo chegarem a acordo. Os trabalhadores, querem ainda 50% de bonificação nas duas primeiras horas extras e 100% nas seguintes. Eles pretendem manter suas reivindicações.

Vigilância tentadora

Policiais aposentados, militares da reserva, e até policiais da ativa que querem complementar seus salários, trabalham geralmente como chefes de segurança de grandes empresas. São bem pagos e espalham pelos corredores das empresas para quem trabalham um sentimento de temeroso respeito. Mas a segurança dos bancos e financeiras em geral fica mesmo a cargo de homens despreparados, malpagos e desmotivados. São os guardas de segurança, de farda marrom, muitas vezes magros, uniformes sujos ou malcosturados, rosto encovado, fisionomia cansada, que portam uma arma e conhecem todos os segredos do banco que vigiam.

Muitos deles não resistem à tentação de tomar conta de tantos milhões enquanto seus salários não passam da casa dos Cr$ 3 mil e assaltam os bancos onde trabalham. Foi o caso de Márcio de Souza Falcão, que matou um colega a tiros, em 1976, para ficar com Cr$ 500 mil que vigiava. Ou Antônio Carlos, guarda paulista que, em janeiro de 1976, assaltou o banco onde era guarda de segurança. Trabalhava 12 horas por dia, ganhava pouco e tinha família doente. Roubou Cr$ 156 mil, veio para o Rio passar uma temporada em Copacabana, comprou um carro, viveu como quis até ser preso no Posto 6, queixando-se de não ter tido tempo de dar dinheiro à família. Exemplos de homens sem muita instrução (Antônio Carlos tinha apenas o primário completo), sem esperanças de melhorar de vida, sem preparo técnico para serem guardas de segurança, e ganhando pouco enquanto vêem passar na sua frente quantias fabulosas de dinheiro, enchem a crônica dos vigilantes dos bancos.

Juiz despacha o processo do caso Aézio como homicídio

O Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri, Mélic Urdan, vai despachar sexta-feira o inquérito sobre a morte de Aézio da Silva Fonseca, ocorrida sexta-feira. Concluirá por homicídio e exigirá novas investigações para "que se apure o assassínio e se indicie o culpado e/ou culpados".

"O homicídio, ao meu ver, está saltando aos nossos olhos, como também as tentativas de encobrimento do crime", afirmou o Juiz. Terça-feira vai interrogar os médicos-legistas Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro, que assinaram o auto de exame cadavérico. Depois poderá indiciar outras pessoas, pois há falhas e contradições nos laudos.

Dúvidas demais

Além dos seis policiais envolvidos na morte de Aézio, servente do Itanhangá Golfe Clube, infrações verificadas na análise do inquérito poderão atingir outras pessoas. E ainda o legista Ivan Nogueira Bastos, que o diretor do IML, Olímpio Pereira da Silva, informou também ter participado na necropsia, embora seu nome não apareça em nenhum dos laudos técnicos.

Um dos pontos fundamentais a ser esclarecido pelos legistas é o da hora da morte. O exame cadavérico registra 10h50m de 22 de junho, mas o exame de local, feito pelo Instituto Carlos Éboli, afirma que os peritos foram chamados pela 16ª DP (um caso de "morte suspeita") às 8h25m e os trabalhos se desenvolveram entre 9h15m e 9h45m daquele dia.

"Como a Delegacia de Polícia poderia ter solicitado a perícia de local, duas horas e meia antes da atestada no auto de exame cadavérico, como sendo a da morte do servente"?, estranha o Juiz Mélic Urdan. Outra falha que considera grave é o envio do cadáver para exame sem a calça, que seria o agente de constrição no enforcamento.

Legistas explicarão

O Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri vai querer saber dos legistas Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro:

Arquivo

Mélic Urdan

Tinham participado de outras perícias em casos de enforcamento? Por que não responderam às suas consultas de caráter médico-legal? O sulco no pescoço do morto foi feito pela calça apresentada pela polícia, ou por uma outra qualquer? Como as costelas de Aézio foram quebradas, se o laudo informa inexistirem lesões externas no cadáver?

Por que não foi aberta a cavidade craniana para ser observada alguma alteração do encéfalo, a fim de ser estabelecida a hora da morte? Por que não informaram a extensão da infiltração hemorrágica, na descrição da fratura do corno esquerdo do osso hióide? Por que não explicaram a extensão da equimose arroxeada na base da língua e na faringe?

Por que o laudo da necrópsia não detalha se houve infiltração sanguínea ou petéquias nas conjuntivas oculares (esclarecimento importante, pois o enforcado geralmente tem olhos saltados e língua projetada, enquanto as fotos de Aézio o mostram com olhos mortiços e língua dentro da boca)? E, principalmente:

Qual o instrumento que produziu a morte de Aézio? Se a calça não foi periciada, como os laudos poderiam atestar ter sido ela o agente de constrição?

Fotografia estranha

Outro ponto que está preocupando o Juiz Mélic Urdan se refere à nona foto do pescoço de Aézio, que não constou do processo, e só apareceu depois de requisitada por ele.

"O exame da fotografia do cadáver, tirada após a necrópsia, revelou uma deformação localizada na face anterior do pescoço, com sulco transversal largo e profundo, diferente do descrito no auto de exame cadavérico (15 milímetros). A resposta a este quesito, formulado ao IML, e que reclamava explicação para a divergência das dimensões (a foto apresenta um profundo afundamento), diz que o sulco visível resultou da retirada para exame de todas as estruturas — partes moles do pescoço — restando apenas o esqueleto ósseo da coluna cervical", observou o juiz.

Porém, mesmo com "este esvaziamento cervical, o exame não foi completo. Não há nele qualquer palavra sobre os grossos vasos arteriais do pescoço (carótidas), cujas paredes devem ser minuciosamente examinadas nos casos de enforcamento. Não se sabe, afinal, se as carótidas se apresentavam inalteradas, ou com as lesões muito típicas de suas paredes, (túnicas), encontradas em grande número de enforcamentos".

"No laudo, não se faz nenhuma alusão às vértebras cervicais, que, embora raramente apresentem lesões, neste tipo de enforcamento devem ser examinadas, segundo os tratadistas mais expressivos, quando a necrópsia é completa e descritiva, como convém", afirmou o sumariante do 1º Tribunal do Júri. Depois de todos os pontos obscuros esclarecidos, "o indício de autoria e/ou co-autoria, na morte de Aézio, não será uma tarefa muito difícil, quando ficar perfeitamente caracterizada a existência do homicídio".

Para pedir novas investigações, o Juiz se apoiará no Artigo 13, 1 e 2, do Código de Processo Penal.

Da prisão às dúvidas da necrópsia

Acusado de maltratar a filha de 13 anos, Aézio da Silva Fonseca, 37 anos, foi preso por dois policiais da 16ª DP no Itanhangá Golfe Clube. Na delegacia levou uma surra de alguns policiais por *ter ferido a menina e foi deixado no corredor de acesso ao xadrez. À noite, confessa os maus tratos à filha em depoimento no cartório e é qualificado criminalmente.*

Levado para a cela sete, sabe por policiais que será processado. Às 8h do dia seguinte, o Delegado Eduardo Batista substitui o Fernando Bethlem e toma providências de rotina, como mandar contar os detidos; o carcereiro encontra Aézio morto, enforcado na cela com a própria calça. O titular da 16ª DP, Delegado Rui Dourado, chama a perícia e manda abrir inquérito a ser presidido pelo Delegado Valter Arteiro.

Ouvidos todos os presos e policiais, conclui que fora suicídio: "A morte deve ter ocorrido entre 2h e 3h da manhã", afirma o inquérito. Dias depois a OAB denuncia o caso e pede a intervenção do Presidente da República. Em 2 de julho, o Ministro da Justiça responde: "Por determinação do Presidente João Figueiredo, o Secretário de Segurança vai tomar todas as providências para apurar a morte".

O Delegado Nílton Vitor do Espírito Santo é nomeado para investigar o caso e também opta pelo suicídio, parecer endossado pelo Promotor Rodolfo Céglia, do 4º Tribunal do Júri. Mas como iria denunciar os policiais por abuso do poder, lesões corporais e violência arbitrária, pediu a redistribuição do processo para Vara Criminal. Desta forma, as penas seriam pequenas.

Entretanto, o Juiz Mélic Urdan rejeitou a decisão e determinou novas investigações, por acreditar na hipótese de homicídio. O inquérito toma novos rumos e acaba sendo encontrada, no Instituto de Criminalística, uma foto de Aézio após a necrópsia, que o Juiz nega ter sido anexada ao processo. Em 30 de agosto, descobre-se que a necrópsia não fora feita pelos legistas que assinaram o laudo.

O que pensam os juristas

De pé inchado, ele passou a **presunto caro**, quando o Presidente João Figueiredo, atento ao clamor pela falta de respeito à pessoa humana, determinou — no dia 2 de julho — que fossem tomadas todas as providências, até serem encontrados os culpados da morte de Aézio da Silva Fonseca: um homem comum, pobre, que apareceu enforcado na cela nº 6 da 16ª DP, depois de seviciado.

O Secretário de Segurança, Edmundo Murgel, transformou a sindicância em inquérito sigiloso, presidido pelo delegado Newton do Espírito Santo que indiciou os seis policiais por abuso de poder. O Promotor Rodolfo Céglia — designado pela Procuradoria-Geral da Justiça — em sua promoção, concluiu por suicídio e apenas estenderia sua denúncia para lesões corporais e violência arbitrária.

Raimundo Faoro — ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil: "A verdade começou a explodir, sobretudo pela publicidade que acompanhou a atuação do juiz, lançando dúvidas sobre o ato de encerramento do caso pelo Promotor. Tudo está acontecendo porque o juiz decidiu ser juiz, com seus atributos constitucionais renascidos, sujeitando a seu exame o próprio Ministério Público".

Álvaro Araújo Lima — jurista, membro da comissão do Ministério da Justiça que estuda a violência: "Houve mais uma situação de prepotência policial. A atuação do juiz está correspondendo ao anseio geral da sociedade".

Artur Lavigne — advogado, membro do Conselho Federal da OAB: "A morte de Aézio da Silva Fonseca serve para demonstrar que, quando o Judiciário pode intervir, o fato toma outra conotação de efetiva apuração. E está sendo feita por um juiz reconhecidamente enérgico e preocupado com a boa aplicação da Justiça.

Arquivo

Raymundo Faoro

George Tavares — advogado criminalista: "A posição do Juiz Mélic Urdan deve ser adotada por todo o magistrado, na fase instrutória, quando não estiver convencido, suficientemente, se houve ou não homicídio. De acordo com nossas leis processuais, o juiz é o diretor do processo. O Ministério Público é relativamente o dono da ação, pois está sob controle jurisdicional".

Wilson Lopes dos Santos — advogado criminalista: "Acho que houve crime doloso contra a vida. Estranho que o Ministério Público, neste caso, tivesse tanta pressa em arquivar o processo, já que não deixa de ser, na prática, um pedido de arquivamento a promoção de Rodolfo Céglia".

Hugo Wanderley — advogado criminalista: "Considero que existiu homicídio no caso de Aézio. O trabalho do Juiz Mélic Urdan é sério, honesto e profundo, pois de um caso praticamente encerrado, conseguiu conduzi-lo, até agora, de forma a provar que houve crime doloso contra a vida".

Antônio Carlos Barandier — advogado, membro do Conselho Penitenciário: "Não conheço o processo. De qualquer forma, se houver, em tese, a possibilidade de homicídio ou qualquer crime contra a vida, a competência é do Tribunal do Júri".

Nilo Batista — advogado, membro do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, e atuou no caso Aézio: "Nas investigações policiais feitas sobre a morte do servente, jamais poderia ter sido abandonada a hipótese de homicídio. Há vários indícios de assassínio, a merecerem uma verdadeira apuração".

Paulo Goldrajch — advogado, ex-membro da direção da OAB-RJ: "O problema mais relevante no Brasil, depois da anistia, passa a ser agora o respeito às formalidades do processo. É necessário se acabar imediatamente com todas as prisões ilegais que os IMPs institucionalizaram no Brasil, e acabar com o preconceito policial de que só se consegue depoimentos mediante violências".

Laércio Pellegrino — advogado, membro do IAB: "A atuação do Juiz vem comprovar a necessidade de se criar o Juizado de Instrução, ou seja, as investigações policiais feitas sob a égide de um juiz, para se acabar com o inquérito policial".

Renato Tonini — Juiz da 12ª Vara Criminal: "Estou com o Juiz Mélic Urdan".

Ecólogo acha Maranhão habilitado para matar fome do Brasil e suprir o mundo

São Luís — O Maranhão com a pesca, o babaçu e as florestas, pode matar a fome do país e suprir a do mundo", disse, ontem, nesta Capital, o ecólogo pernambucano João de Vasconcelos Sobrinho, uma das maiores autoridades em meio-ambiente na América Latina.

Ele alertou, porém, que esses recursos só serão decisivos ao país, se forem urgentemente planejados, dentro de uma ótica racional e "jamais predatória, a exemplo do que acontece com as florestas maranhenses que estão sendo assaltadas por forasteiros".

AUTORIDADE

O professor universitário Vasconcelos Sobrinho, a convite do Governo estadual, passou quatro dias em São Luís, fazendo conferências e dando assessoria técnica à Secretaria de Recursos Naturais e Meio-Ambiente. Ontem, antes de viajar, disse que participará, este mês, em Roma, da Conferência Internacional sobre Desenvolvimento e Preservação do Meio-Ambiente nos países latino-americanos.

Para o professor, uma cidade em desenvolvimento é mais uma praga do que um benefício. "Uma praga decorrente da explosão demográfica e do êxodo rural", frisou Vasconcelos Sobrinho, com a autoridade de 50 anos dedicados à ecologia brasileira e dos 12 livros publicados sobre o assunto, que lhe asseguram prestígio, no Brasil e no exterior.

"Do Maranhão, posso dizer o seguinte: ele está para o Brasil como o Brasil para o mundo. Tem muito babaçu para resolver a crise energética e matar a fome do país. É o único Estado do Nordeste que ainda possui condições naturais para se criar uma indústria pesqueira baseada na criação artificial.

Em compensação, segundo ele, o seu terceiro recurso natural — as florestas — estão sendo assaltadas por forasteiros que lhe tiram madeira e não deixam nada em troca. Ou melhor, deixam a dizimação e as clareiras.

BABAÇU

Diz que o grave problema energético pode ser resolvido pelo babaçu, principalmente no setor siderúrgico. "Com o coque" — acrescenta — "pode-se criar uma indústria de gasogêneo, aproveitando-se inúmeras formas energéticas, desde usinas termoelétricas até a utilização em veículos pesados. Isto, sem falar no teor de gordura da amêndoa, capaz de matar a fome do país, carente em alimentos gordurosos".

O professor Vasconcelos Sobrinho aponta o babaçu como a única riqueza vegetal no mundo, cujo plantio não precisa ser incentivado. "Nasce espontaneamente, sem esforços e despesas, resumindo-se o trabalho na coleta e industrialização do fruto".

Certo de que deveria merecer prioridade máxima na lista de preocupações atuais do país em termos de energia e alimentos, o ecólogo acredita que o babaçu já poderia ter sido a solução, há muito tempo, pois, como fonte de matéria-prima, é conhecido a várias décadas. "Infelizmente, neste país de metrôs e ponte Rio-Niterói, se gasta mais dinheiro com ostentações perdulárias do que com as necessidades reais", lamenta. Explica que "o nosso planejamento desenvolvimentista é o pior possível porque é feito à base do desperdício. Por isso, já não nos restam meios econômicos para as coisas essenciais".

Outro potencial natural do Estado, para o professor, é a pesca, em razão da costa rica em reentrâncias e alagados, ainda não poluídos. "Presta-se a uma intensa atividade piscicultura, podendo abastecer o país de peixes, camarões e ostras", disse.

RIQUEZA

Ao tomar conhecimento de que existe no Estado o projeto Promorar (lançado pelo Ministério do Interior) e que irá aterrar manguezais e alagadiços para construir casas para os palafitatos, o professor Vasconcelos Sobrinho afirmou que "os mangues são os viveiros dos mares e se tentarem destruí-los, se estará fomentando a fome no mundo. Ecologicamente, um mangue é uma reserva preciosa, tendo o mesmo valor de um pasto ou floresta".

A floresta é o terceiro recurso natural do Estado que, "tristemente", está sendo dizimado e assaltado por aventureiros nacionais e internacionais. "Eles instalam aqui serrarias que abastecem o mercado nacional, sobretudo o Nordeste, onde já não existe mais uma única floresta", disse o ecólogo.

"Até estacas para currais de gado de criadores do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, estão sendo fornecidas pelo Maranhão. No entanto, o Estado não recebe nada em troca da lapidação dos seus recursos, pois o aventureiro chega, se instala, corta a madeira, exporta e vai embora sem pagar taxas e impostos ao Governo", afirmou.

Estas denúncias integrarão o relatório que o ecólogo apresentará em Roma, este mês, durante a Conferência Internacional sobre Desenvolvimento e Preservação do Meio-Ambiente nos Países Latino-Americanos. Como saldo de sua visita, o professor Vasconcelos Sobrinho deverá lançar, em São Luís, o seu 12º livro — **Catecismo da Ecologia** —, súmula de perguntas e respostas, inspirado no tema **Preservar o que é de Todos**, da CNBB.

Mulher tira coluna e corre risco

Baltimore, Maryland — Com risco ainda de não sobreviver, mas em estado "estável com cuidados intensivos" é como se encontra a primeira paciente submetida à substituição da coluna vertebral por outra artificial, após uma cirurgia que demorou 19 horas, em virtude de várias complicações e muitas transfusões de sangue.

Segundo o médico Charles Edwards, responsável pela operação ortopédica no Hospital da Universidade de Maryland, em Baltimore, a paciente é Jesse Thomas, 33, semiparalítica, cuja coluna vertebral tinha sido danificada por um tumor, do tamanho de uma bola de futebol, extraído de suas costas no dia 17 de julho último.

A operação deveria durar apenas oito horas mas Edwards explicou que houve complicações devido à formação de muitos tecidos duros em conseqüência da cicatrização após a operação de julho. Além disso, a Sra Thomas sangrou muito, recebeu várias transfusões e a equipe médica foi obrigada a mudar a posição da coluna artificial. Ela saiu da mesa de operações falando racionalmente. Depois de cirurgia não apareceram maiores complicações e Edwards afirmou que se não fosse feita a operação a paciente ou morreria ou passaria o resteo da vida imobilizada na cama. O médico acrescentou que só recomenda a operação para pessoas em risco de vida sério.

Nave passa pelos anéis de Saturno

Mountain View, Califórnia — Depois de viajar mais de 77 meses e 3 bilhões de quilômetros pelo espaço, a espaçonave Pioneer-11 venceu ontem a fase mais perigosa da viagem, a travessia dos anéis do planeta, para se aproximar de sua superfície, a uma distância de 21 mil 400 quilômetros, numa fração de segundo, voando a 114 quilômetros por hora.

O Pioneer passou através do Anel E, composto de partículas de natureza ainda não perfeitamente identificadas, e rumou para o ponto de maior aproximação de Saturno, o sexto planeta a contar do Sol, e o maior do sistema depois de Júpiter. É a primeira vez que Saturno é explorado por uma nave da Terra.

Havia um certo medo entre os cientistas com relação a esta fase da viagem. A velocidade que seguia a nave, até mesmo a colisão com um objeto de pequenas dimensões, provocaria uma explosão. O Anel E foi descoberto há pouco e parece conter pedaços de gelo.

Juiz despacha o processo do caso Aézio como homicídio

O Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri, Mélic Urdan, vai despachar sexta-feira o inquérito sobre a morte de Aézio da Silva Fonseca, ocorrida sexta-feira. Concluirá por homicídio e exigirá novas investigações para "que se apure o assassínio e se indicie o culpado e/ou culpados".

"O homicídio, ao meu ver, está saltando aos nossos olhos, como também as tentativas de encobrimento do crime", afirmou o Juiz. Terça-feira vai interrogar os médicos-legistas Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro, que assinaram o auto de exame cadavérico. Depois poderá indiciar outras pessoas, pois há falhas e contradições nos laudos.

Dúvidas demais

Além dos seis policiais envolvidos na morte de Aézio, servente do Itanhangá Golfe Clube, infrações verificadas na análise do inquérito poderão atingir outras pessoas. E ainda o legista Ivan Nogueira Bastos, que o diretor do IML, Olímpio Pereira da Silva, informou também ter participado na necropsia, embora seu nome não apareça em nenhum dos laudos técnicos.

Um dos pontos fundamentais a ser esclarecido pelos legistas é o da hora da morte. O exame cadavérico registra 10h50m de 22 de junho, mas o exame de local, feito pelo Instituto Carlos Éboli, afirma que os peritos foram chamados pela 16ª DP (um caso de "morte suspeita") às 8h25m e os trabalhos se desenvolveram entre 9h15m e 9h45m daquele dia.

"Como a Delegacia de Polícia poderia ter solicitado a perícia de local, duas horas e meia antes da atestada no auto de exame cadavérico, como sendo a da morte do servente"?, estranha o Juiz Mélic Urdan. Outra falha que considera grave é o envio do cadáver para exame sem a calça, que seria o agente de constrição no enforcamento.

Legistas explicarão

O Juiz sumariante do 1º Tribunal do Júri vai querer saber dos legistas Elias de Freitas e Mary Monteiro Cordeiro:

Arquivo

Mélic Urdan

Tinham participado de outras perícias em casos de enforcamento? Por que não responderam às suas consultas de caráter médico-legal? O sulco no pescoço do morto foi feito pela calça apresentada pela polícia, ou por uma outra qualquer? Como as costelas de Aézio foram quebradas, se o laudo informa inexistirem lesões externas no cadáver?

Por que não foi aberta a cavidade craniana para ser observada alguma alteração do encéfalo, a fim de ser estabelecida a hora da morte? Por que não informaram a extensão da infiltração hemorrágica, na descrição da fratura do corno esquerdo do osso hióide? Por que não explicaram a extensão da equimose arroxeada na base da língua e na faringe?

Por que o laudo da necrópsia não detalha se houve infiltração sanguínea ou petéquias nas conjuntivas oculares (esclarecimento importante, pois o enforcado geralmente tem olhos saltados e língua projetada, enquanto as fotos de Aézio o mostram com olhos mortiços e língua dentro da boca)? E, principalmente:

Qual o instrumento que produziu a morte de Aézio? Se a calça não foi periciada, como os laudos poderiam atestar ter sido ela o agente de constrição?

Fotografia estranha

Outro ponto que está preocupando o Juiz Mélic Urdan se refere à nona foto do pescoço de Aézio, que não constou do processo, e só apareceu depois de requisitada por ele.

"O exame da fotografia do cadáver, tirada após a necropsia, revelou uma deformação localizada na face anterior do pescoço, com sulco transversal largo e profundo, diferente do descrito no auto de exame cadavérico (15 milímetros). A resposta a este quesito, formulado ao IML, e que reclamava explicação para a divergência das dimensões (a foto apresenta um profundo afundamento), diz que o sulco visível resultou da retirada para exame de todas as estruturas — partes moles do pescoço — restando apenas o esqueleto ósseo da coluna cervical", observou o juiz.

Porém, mesmo com "este esvaziamento cervical, o exame não foi completo. Não há nele qualquer palavra sobre os grossos vasos arteriais do pescoço (carótidas), cujas paredes devem ser minuciosamente examinadas nos casos de enforcamento. Não se sabe, afinal, se as carótidas se apresentavam inalteradas, ou com as lesões muito típicas de suas paredes, (túnicas), encontradas em grande número de enforcamentos".

"No laudo, não se faz nenhuma alusão às vértebras cervicais, que, embora raramente apresentem lesões, neste tipo de enforcamento devem ser examinadas, segundo os tratadistas mais expressivos, quando a necrópsia é completa e descritiva, como convém", afirmou o sumariante do 1º Tribunal do Júri. Depois de todos os pontos obscuros esclarecidos, "o indício de autoria e/ou co-autoria, na morte de Aézio, não será uma tarefa muito difícil, quando ficar perfeitamente caracterizada a existência do homicídio".

Para pedir novas investigações, o Juiz se apoiará no Artigo 13, 1 e 2, do Código de Processo Penal.

Da prisão às dúvidas da necrópsia

Acusado de maltratar a filha de 13 anos, Aézio da Silva Fonseca, 37 anos, foi preso por dois policiais da 16ª DP no Itanhangá Golfe Clube. Na delegacia levou uma surra de alguns policiais por ter ferido a menina e foi deixado no corredor de acesso ao xadrez. À noite, confessa os maus tratos à filha em depoimento no cartório e é qualificado criminalmente.

Levado para a cela sete, sabe por policiais que será processado. Às 8h do dia seguinte, o Delegado Eduardo Batista substitui o Fernando Bethlem e toma providências de rotina, como mandar contar os detidos; o carcereiro encontra Aézio morto, enforcado na cela com a própria calça. O titular da 16ª DP, Delegado Rui Dourado, chama a perícia e manda abrir inquérito a ser presidido pelo Delegado Valter Arteiro.

Ouvidos todos os presos e policiais, conclui que fora suicídio: "A morte deve ter ocorrido entre 2h e 3h da manhã", afirma o inquérito. Dias depois a OAB denuncia o caso e pede a intervenção do Presidente da República. Em 2 de julho, o Ministro da Justiça responde: "Por determinação do Presidente João Figueiredo, o Secretário de Segurança vai tomar todas as providências para apurar a morte".

O Delegado Nílton Vitor do Espírito Santo é nomeado para investigar o caso e também opta pelo suicídio, parecer endossado pelo Promotor Rodolfo Céglia, do 4º Tribunal do Júri. Mas como iria denunciar os policiais por abuso do poder, lesões corporais e violência arbitrária, pediu a redistribuição do processo para Vara Criminal. Desta forma, as penas seriam pequenas.

Entretanto, o Juiz Mélic Urdan rejeitou a decisão e determinou novas investigações, por acreditar na hipótese de homicídio. O inquérito toma novos rumos e acaba sendo encontrada, no Instituto de Criminalística, uma foto de Aézio após a necrópsia, que o Juiz nega ter sido anexada ao processo. Em 30 de agosto, descobre-se que a necrópsia não fora feita pelos legistas que assinaram o laudo.

O que pensam os juristas

De pé inchado, ele passou a **presunto caro**, quando o Presidente João Figueiredo, atento ao clamor pela falta de respeito à pessoa humana, determinou — no dia 2 de julho — que fossem tomadas todas as providências, até serem encontrados os culpados da morte de Aézio da Silva Fonseca: um homem comum, pobre, que apareceu enforcado na cela nº 6 da 16ª DP, depois de seviciado.

O Secretário de Segurança, Edmundo Murgel, transformou a sindicância em inquérito sigiloso, presidido pelo delegado Newton do Espírito Santo que indiciou os seis policiais por abuso de poder. O Promotor Rodolfo Ceglia — designado pela Procuradoria-Geral da Justiça — em sua promoção, concluiu por suicídio e apenas estenderia sua denúncia para lesões corporais e violência arbitrária.

Raimundo Faoro — ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil: "A verdade começou a explodir, sobretudo pela publicidade que acompanhou a atuação do juiz, lançando dúvidas sobre o ato de encerramento do caso pelo Promotor. Tudo está acontecendo porque o juiz decidiu ser juiz, com seus atributos constitucionais renascidos, sujeitando a seu exame o próprio Ministério Público".

Álvaro Araújo Lima — jurista, membro da comissão do Ministério da Justiça que estuda a violência: "Houve mais uma situação de prepotência policial. A atuação do juiz está correspondendo ao anseio geral da sociedade".

Artur Lavigne — advogado, membro do Conselho Federal da OAB: "A morte de Aézio da Silva Fonseca serve para demonstrar que, quando o Judiciário pode intervir, o fato toma outra conotação de efetiva apuração. E está sendo feita por um juiz reconhecidamente enérgico e preocupado com a boa aplicação da Justiça.

Arquivo

Raymundo Faoro

George Tavares — advogado criminalista: "A posição do Juiz Mélic Urdan deve ser adotada por todo o magistrado, na fase instrutória, quando não estiver convencido, suficientemente, se houve ou não homicídio. De acordo com nossas leis processuais, o juiz é o diretor do processo. O Ministério Público é relativamente o dono da ação, pois está sob controle jurisdicional".

Wilson Lopes dos Santos — advogado criminalista: "Acho que houve crime doloso contra a vida. Estranho que o Ministério Público, neste caso, tivesse tanta pressa em arquivar o processo, já que não deixa de ser, na prática, um pedido de arquivamento a promoção de Rodolfo Ceglia".

Hugo Wanderley — advogado criminalista: "Considero que existiu homicídio no caso de Aézio. O trabalho do Juiz Mélic Urdan é sério, honesto e profundo, pois de um caso praticamente encerrado, conseguiu conduzi-lo, até agora, de forma a provar que houve crime doloso contra a vida".

Antônio Carlos Barandier — advogado, membro do Conselho Penitenciário: "Não conheço o processo. De qualquer forma, se houver, em tese, a possibilidade de homicídio ou qualquer crime contra a vida, a competência é do Tribunal do Júri".

Nilo Batista — advogado, membro do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, e atuou no caso Aézio: "Nas investigações policiais feitas sobre a morte do servente, jamais poderia ter sido abandonada a hipótese de homicídio. Há vários indícios de assassínio, a merecerem uma verdadeira apuração".

Paulo Goldrajch — advogado, ex-membro da direção da OAB-RJ: "O problema mais relevante no Brasil, depois da anistia, passa a ser agora o respeito às formalidades do processo. É necessário se acabar imediatamente com todas as prisões ilegais que os IMPs institucionalizaram no Brasil, e acabar com o preconceito policial de que só se consegue depoimentos mediante violências".

Laércio Pellegrino — advogado, membro do IAB: "A atuação do Juiz vem comprovar a necessidade de se criar o Juizado de Instrução, ou seja, as investigações policiais feitas sob a égide de um juiz, para se acabar com o inquérito policial".

Renato Tonini — Juiz da 12ª Vara Criminal: "Estou com o Juiz Mélic Urdan".

Ecólogo acha Maranhão habilitado para matar fome do Brasil e suprir o mundo

São Luis — O Maranhão com a pesca, o babaçu e as florestas, pode matar a fome do país e suprir a do mundo", disse, ontem, nesta Capital, o ecólogo pernambucano João de Vasconcelos Sobrinho, uma das maiores autoridades em meio-ambiente na América Latina.

Ele alertou, porém, que esses recursos só serão decisivos ao país, se forem urgentemente planejados, dentro de uma ótica racional e "jamais predatória, a exemplo do que acontece com as florestas maranhenses que estão sendo assaltadas por forasteiros".

AUTORIDADE

O professor universitário Vasconcelos Sobrinho, a convite do Governo estadual, passou quatro dias em São Luís, fazendo conferências e dando assessoria técnica à Secretaria de Recursos Naturais e Meio-Ambiente. Ontem, antes de viajar, disse que participará, este mês, em Roma, da Conferência Internacional sobre Desenvolvimento e Preservação do Meio-Ambiente nos países latino-americanos.

Para o professor, uma cidade em desenvolvimento é mais uma praga do que um benefício. "Uma praga decorrente da explosão demográfica e do êxodo rural", frisou Vasconcelos Sobrinho, com a autoridade de 50 anos dedicados à ecologia brasileira e dos 12 livros publicados sobre o assunto, que lhe asseguram prestígio, no Brasil e no exterior.

"Do Maranhão, posso dizer o seguinte: ele está para o Brasil como o Brasil para o mundo. Tem muito babaçu para resolver a crise energética e matar a fome do país. E é o único Estado do Nordeste que ainda possui condições naturais para se criar uma indústria pesqueira baseada na criação artificial.

Em compensação, segundo ele, o seu terceiro recurso natural — as florestas — estão sendo assaltadas por forasteiros que lhe tiram madeira e não deixam nada em troca. Ou melhor, deixam a dizimação e as clareiras.

BABAÇU

Diz que o grave problema energético pode ser resolvido pelo babaçu, principalmente no setor siderúrgico. "Com o coque" — acrescenta — "pode-se criar uma indústria de gasogêneo, aproveitando-se inúmeras formas energéticas, desde usinas termoelétricas até a utilização em veículos pesados. Isto, sem falar no teor de gordura da amêndoa, capaz de matar a fome do país, carente em alimentos gordurosos".

O professor Vasconcelos Sobrinho aponta o babaçu como a única riqueza vegetal no mundo, cujo plantio não precisa ser incentivado. "Nasce espontaneamente, sem esforços e despesas, resumindo-se o trabalho na coleta e industrialização do fruto".

Certo de que deveria merecer prioridade máxima na lista de preocupações atuais do país em termos de energia e alimentos, o ecólogo acredita que o babaçu já poderia ter sido a solução, há muito tempo, pois, como fonte de matéria-prima, é conhecido a várias décadas. "Infelizmente, neste país de metrôs e ponte Rio-Niterói, se gasta mais dinheiro com ostentações perdulárias do que com as necessidades reais", lamenta. Explica que "o nosso planejamento desenvolvimentista é o pior possível porque é feito à base do desperdício.

Cirurgiões plásticos vão operar 11 voluntários em demonstração em congresso

Porto Alegre — Renomados cirurgiões plásticos do país e do exterior farão operações gratuitas em 11 pessoas, selecionadas entre 200 voluntários, para demonstração de técnicas. As operações estão marcadas para o dia 6, no encerramento do 4º Congresso Brasileiro de Cirurgia Estética, que começa hoje.

Os pacientes, quase todos mulheres, pagarão apenas a anestesia e as despesas do Hospital Universitário da PUC, num total de Cr$ 5 mil a Cr$ 15 mil, a depender do tempo de internação. O presidente do Congresso, Pedro Martins, invocou princípios éticos para não revelar em quanto ficariam os honorários médicos.

PROMOÇÃO

Entretanto, comentou que os 200 voluntários revelaram nas entrevistas total desinformação quanto ao custo das operações plásticas. Por isso, a Associação dos Cirurgiões Plásticos do Rio Grande do Sul, que reúne 40 especialistas, preparará uma campanha para popularizá-las. Os 11 pacientes foram selecionados em função de critérios clínicos e sócio-econômicos.

O 4º Congresso Brasileiro de Cirurgia Estética, no Hotel Plaza São Rafael, tem a participação de especialistas de vários Estados, e também dos Estados Unidos, México, Argentina e Uruguai. O mais conhecido cirurgião plástico brasileiro, Ivo Pitangui, é esperado na manhã de segunda-feira.

Mulher tira coluna e corre risco

Baltimore, Maryland — Com risco ainda de não sobreviver, mas em estado "estável com cuidados intensivos" é como se encontra a primeira paciente submetida à substituição da coluna vertebral por outra artificial, após uma cirurgia que demorou 19 horas, em virtude de várias complicações e muitas transfusões de sangue.

Segundo o médico Charles Edwards, responsvel pela operação ortopédica no Hospital da Universidade de Maryland, em Baltimore, a paciente é Jesse Thomas, 33, semiparalítica, cuja coluna vertebral tinha sido danificada por um tumor, do tamanho de uma bola de futebol, extraído de suas costas no dia 17 de julho último.

A operação deveria durar apenas oito horas mas Edwards explicou que houve complicações devido à formação de muitos tecidos duros em consequência da cicatrização após a operação de julho. Além disso, a Sra Thomas sangrou muito, recebeu várias transfusões e a equipe médica foi obrigada a mudar a posição da coluna artificial. Ela saiu da mesa de operações falando racionalmente. Depois de cirurgia não apareceram maiores complicações e Edwards afirmou que se não fosse feita a operação a paciente ou morreria ou passaria o resteo da vida imobilizada na cama. O médico acrescentou que só recomenda a operação para pessoas em risco de vida sério.

Nave passa pelos anéis de Saturno

Mountain View, Califórnia — Depois de viajar mais de 77 meses e 3 bilhões de quilômetros pelo espaço, a espaçonave Pioneer-11 venceu ontem a fase mais perigosa da viagem, a travessia dos anéis do planeta, para se aproximar de sua superfície, a uma distância de 21 mil 400 quilômetros, numa fração de segundo, voando a 114 quilômetros por hora.

O Pioneer passou através do Anel E, composto de partículas de natureza ainda não perfeitamente identificadas, e rumou para o ponto de maior aproximação de Saturno, o sexto planeta a contar do Sol, e o maior do sistema depois de Júpiter. É a primeira vez que Saturno é explorado por uma nave da Terra.

Havia um certo medo entre os cientistas com relação a esta fase da viagem. A velocidade que seguia a nave, até mesmo a colisão com um objeto de pequenas dimensões, provocaria uma explosão. O Anel E foi descoberto há pouco e parece conter pedaços de gelo.

Uma reunião diferente do Conselho Monetário

Severino Goes

Brasília — *Reclamações, discussões, reprimendas e um lance surpreendente do Ministro da Fazenda, Sr Karlos Rischbieter, marcaram a última reunião do Conselho Monetário Nacional, quarta-feira, que decidiu o início do ordenamento do sistema financeiro, com a aprovação do esquema de tabelamento de juros.*

Tradicionalmente fechadas à imprensa e cercadas de todo sigilo, das reuniões do CMN pouca coisa escapa, além das informações oficiais do presidente do Conselho, o Ministro da Fazenda. A última reunião, entretanto, pelo assunto polêmico que discutiu — o tabelamento de juros — "foi diferente de todas as outras", como disse um dos participantes.

Redutor

Discutidos os quase 40 votos que compunham a pauta da reunião — com a aprovação, principalmente, da elevação das bases de financiamento para o café — passou-se ao mais importante, o tabelamento de juros. Normalmente, os votos do CMN são distribuídos com antecedência aos conselheiros. Há também os votos "extra pauta", dos quais há prévio conhecimento.

Desta vez, entretanto, foi diferente. O Sr Karlos Rischbieter, presidente do CMN, já com todos os assuntos aprovados, abriu sua pasta e retirou três resoluções do Banco Central, já prontas, propondo a adoção de um redutor de 10% para as taxas de aplicação dos bancos comerciais, de investimento e financeiras. "Os senhores têm 10 minutos para examinar e aprovar", declarou o Ministro da Fazenda.

O banqueiro José Carlos de Moraes Abreu, presidente do Banco Itaú, e um dos representantes do sistema financeiro do CMN, pediu a palavra, reclamou não ter sido ouvido antes e, depois de um acalorado debate, propôs um redutor de apenas 5%. O Ministro da Fazenda, que não esconde, na maioria das vezes, seu desconhecimento das questões mais profundas da política monetária, passou o comando da discussão para o presidente do Banco Central, Ernane Galvêas.

Autor da idéia de aplicação do redutor de 10% — os técnicos do Ministério da Fazenda pensavam em atingir apenas as financeiras — o Sr Ernane Galvêas argumentou, explicou e acabou por ver vitoriosa sua tese. O Sr José Carlos de Moraes Abreu, porém, não gostou da decisão e fazia questão de demonstrar seu descontentamento à saída da reunião.

"Parece que não era o dia do pessoal da iniciativa privada", comentou outro dos participantes da reunião. De fato, depois do presidente do Itaú ver sua proposição derrotada, os Srs Abílio Diniz e Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, foram alvo de reprimenda e de fina ironia do Ministro do Planejamento, Sr Delfim Netto, até aquele momento com discreta participação na reunião.

O Sr Bueno Vidigal, presidente do Sindipeças, ponderou que a média dos juros não deveria ter como base o mês de agosto como foi decidido pelo CMN. Segundo ele, agosto foi um mês que apresentou distorções no mercado financeiro, já que as taxas, tradicionalmente altas, começaram a baixar tão logo o Governo falou em tabelar os juros. O Ministro do Planejamento não perdeu tempo: "se juro baixo é distorção, então eu não sei mais nada".

Serenados os ânimos em torno do tabelamento de juros e da aplicação do redutor — medida que não obteve o consenso do CMN — o Ministro Karlos Rischbieter apresentou a proposta do Banco Central de disciplinar as "promotoras de vendas", entidades de prestação de serviço que vinham atuando como intermediárias em operações financeiras, o que é proibido.

Foi a vez do diretor-superintendente do Grupo Pão de Açúcar, Sr Abílio Diniz, falar. A idéia do Governo era de que a resolução do CIP (Conselho Interministerial de Preços), que limita em 30% a diferença entre o preço à vista e a prazo nas vendas pelo crédito direto ao consumidor, estava provocando distorções devido à atuação das "promotoras de vendas".

O Sr Abílio Diniz não perdeu tempo e reclamou contra a resolução. Mais uma vez o Sr Delfim Netto interveio: "Vocês estão cumprindo a resolução, Abílio?" Fez-se um silêncio constrangedor e o empresário, depois de hesitar por um instante, responde: "Na verdade, a resolução não está sendo cumprida". Delfim voltou à carga: "Então não há o que reclamar, pois você, inclusive, foi um dos que aprovaram a resolução".

MINISTÉRIO DA FAZENDA

DELEGACIA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA NO RIO DE JANEIRO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O delegado do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro, através do presente edital, convoca os senhores procuradores, tutores e titulares das contas correntes, relativas a pensionistas, aposentados e de salário-família, cujos nomes constam da relação abaixo, para até 30 (trinta) dias úteis, a contar da presente data, comparecerem ao serviço de relações públicas da delegacia do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro, no horário de 9:00 às 16 horas, à Avenida Presidente Antonio Carlos nº 375, andar térreo — Rio de Janeiro, a fim de regularizarem suas situações, perante a mencionada delegacia. O não atendimento dentro do prazo concedido, implicará na exclusão em definitivo dos pagamentos através das respectivas contas correntes.

01 — Adalgisa Pereira da Silva
Proc. Francisco Pereira da Silva
02 — Adelaide Cerqueira Perez
Proc. Vancel Martins
03 — Adelaide Bittencourt de Sa
04 — Aledia Marques
Tutor Judicial — Neyde Leon Ferreira
05 — Adelina da Silva Lima
Proc. Lineu da Silva Lima
06 — Agostinha Jose de Lima
Proc. Hedel Pereira de Lima
07 — Aguida de Barros Leite
Proc. Aguida Barros Leite
08 — Aida Bonorino Sarli
Proc. Maria Sarli Athayde
09 — Ailton Carvalho Aguiar
Proc. Fidelcino Rangel da Silva
10 — Albertina de Azevedo
Proc. Dalva dos Santos Queiroz
11 — Alcenira Lapa Nobre
Tutora — Marieta Lapa Nobre
12 — Alcina de Castro Fonseca
Proc. Mariana Fonseca da Alcântara
13 — Alexandrina Fernandes de Abreu
Proc. Norival de Abreu
14 — Alzira Correa Couto
Proc. Alberto de Azevedo Couto
15 — Amelia Capella do Nascimento
Proc. Ottilia Amorim da Silva
16 — Amelia da Motta Alves
Proc. Marilia Alves Nunan
17 — Amelia de Almeida Lopes
Proc. Jorge de Almeida e Silva
18 — Amelia de Oliveira
19 — America Cardoso da Representação
Proc. Joanna Mongay de Carvalho
20 — America Ferreira Jambeiro
Proc. Lysette Ferreira Jambeiro
21 — Analice Augusta Goulart
Proc. Georgino Rodrigues
22 — Angela do Vale
Proc. Dilma Passos do Vale
23 — Anna Barbara de Amorim Penna
Proc. Guilherme Raimundo Rocha Giannazzi e Waldo Fonseca Junior
24 — Anna da Luz de Araujo
Proc. Anna da Luz de Alcântara
25 — Anna de Senna Ferreira
Proc. Mary Luci Sampaio dos Santos
26 — Ana Maria Rodrigues da Costa
Proc. Geraldo dos Reis Figueira
27 — Antonietta Guanabara de Alcântara
Proc. Walter Alves de Alcântara
28 — Antonio de Moraes Costa
Proc. Marcilio Soares do Nascimento
29 — Antonio Francisco Nobre Filho
Tutora — Marieta Lapa Nobre
30 — Aracy da Graça
31 — Aracy de Montreuil Martins Santos
Proc. Suely Santhou Santos
32 — Argentina de Oliveira Moura
33 — Aristides Henriques
34 — Arlinda Varges Conforte
Proc. Ruth Conforte Boisson Santos
35 — Augusta de Menezes
Proc. Neyde Menezes Augusto
36 — Aurea Mara Lima Ramos
Proc. Maria da Graça Lima Ramos
37 — Balbina de Araujo Coelho
Proc. José Antonio Ribeiro
38 — Balbina Pereira da Silva
Proc. Marina da Silva
39 — Benedicta Menezes
Proc. Nilza Leite de Miranda
40 — Benedita Barata Monteiro Leite
Proc. Nilton Monteiro Dames
41 — Benedito Afonso da Fonseca
Proc. Dila de Barros Fonseca
42 — Bernardina Ribeiro dos Santos Dantas
Proc. Vigmar Dantas Marcicano
43 — Berthe Cecile Grandnasson Salgado
Proc. Roberto Grandnasson Salgado
44 — Braulina de Almeida Liberato
Proc. Aida de Almeida Bruno
45 — Cacilda Muniz de Albuquerque
Proc. Altair de Oliveira
46 — Carlos Adilson Franck
Proc. Helena Lopes Franck
47 — Carlos Ernesto Teixeira
Proc. Zilea dos Santos Platana
48 — Carlota Pinto da Silva
Proc. Rosamonde de Castro Pinto
49 — Carmelina Ribeiro Pinheiro
Proc. Neide Rodrigues Pinheiro
50 — Carmen Novaes
Proc. Nocea da Gloria Ferreira de Loureiro
51 — Carolina Pynho Moreira
Proc. Moysés Xavier de Araujo
52 — Carolina Xavier de Mattos Filha
Proc. Luiz Eduardo Xavier de Mattos
53 — Catarina Gomes da Silva
Proc. Lucy Gomes da Silva
54 — Cecilia Moreira do Nascimento
Proc. Nita Xavier de Campos
55 — Cecilia Nunes da Silveira
Proc. Valmir Santos
56 — Celestina Teixeira da Silva
Proc. Maria Emilia Teixeira Mattos
57 — Celso Carlos Simões de Freitas
Tutora — Eni Simões
58 — Cesar de Oliveira Negrão
Tutora — Marisa de Oliveira do Carmo
59 — Cesar Vieira Mattos
Proc. Elvira da Silva
60 — Clara Alice A.B. Rodrigues Dias
Proc. Fernando Dias Ramos e Paulita Dias Ramos
61 — Claudemira Campos Augusto
Proc. Edson Braz Augusto
62 — Corina Teixeira Brandão
63 — Cremilda Gomes Passos
Proc. Zelia Passos Camargo
64 — Custodia Bibiana da Silva
Proc. Belarmino Ignacio da Silva
65 — Cyra Vianna Torres
Proc. Leda Vasconcelos dos Santos
66 — Dalila da Silva Damasceno
Proc. Lucy Pereira da Silva
67 — Dalila Magalhães da Costa
Proc. Gessy Magalhães Mendes
68 — Daniel Pereira Soares
Proc. Natanael Pereira Soares
69 — Djanira Alves Graça
Proc. Gabriel Alves
70 — Dora Moniz Freire
Proc. Clea Moniz Freire Rodrigues Torres
71 — Dora Pereira Lima
Proc. Luiz Loureiro [illegible]
72 — Edi Avila Soares
Tutora — [illegible] da Silva Soares
73 — Edesio Sebino da Silva
74 — Edith Pereira da Cunha Henigo Burnier
Proc. Luiz Augusto Milan [illegible]
75 — Edme Reis da Cruz
Proc. Dalva Vidal Policarpo
76 — Edson Manoel de Santanna
Tutor — Rubens Guedes Cabral
77 — Elaisa Calasa Amaral
Proc. Augusto Carlos Calaza do Amaral
78 — Eliana Viana Jardim
79 — Eliete Mensor
Tutora — Carmelita do Rego Mensor
80 — Elisa de Souza Oliveira
Proc. Waldemiro de Oliveira
81 — Elizete Mensor
Tutora — Carmelita do Rego Mensor
82 — Elvira Goulart Guerra
Proc. Nicanor Goulart Guerra
83 — Ely Ribeiro Cipoli
Proc. Alzemira Ribeiro Cipoli
84 — Emerita da Fonseca
Proc. Ruth da Fonseca Pereira
85 — Emilia Xavier Pinheiro
Proc. Thomyres Uruguay de Oliveira
86 — Eugenia Bello Fernandes
Proc. Eulina Fernandes
87 — Eugenia da Cunha Siqueira
Proc. Aderito Frederico
88 — Eulina da Conceição Pereira de Souza
Proc. Josué Pereira de Souza
89 — Eulina Murta Tavares
Proc. Ione Tavares Ribeiro Gonçalves
90 — Eunice da Conceição Silva
Tutora — Juventina da Conceição Silva
91 — Eunicia Soares Doria
Proc. Severino Doria Filho
92 — Ernestina Gonçalves Maura Ribeiro
Proc. Theodolina Ribeiro Bassi
93 — Eurides Esmeralda de Mello
Proc. Daura Mello de Faria
94 — Euridia dos Santos Matoso
Proc. Nicodemus Matoso da Silva
95 — Etelvina Gomes da Costa Lima
Proc. Cremilda Gomes de Carvalho
96 — Fabriciana Maria da Gloria Ferreira
Proc. Darcy Antonio Pereira
97 — Felisbela Cavalcante Caminha
Proc. Lucia Maria de Miranda Dantas
98 — Francisca Rosa Marques
Proc. José Marques
99 — Francisca Vieira Lopes
Proc. Lygia Lopes Gomes
100 — Francisco Bricoles de Mello
101 — Francisco Nunes da Costa
Proc. Leovegilda Souza da Costa
102 — Genia de Barros Barreto
Proc. Rytka Dyma
103 — Geraldo Rodrigues de Paula
Proc. Marilene Breda de Paula
104 — Gertrudes da Silva
Proc. Omir Monteiro da Silva
105 — Godiva Magalhães Reis
Proc. Maria José Magalhães Reis
106 — Guiomar de Almeida Nogueira
Tutora — Neyde Lion Ferreira
107 — Guiomar Ferreira Dantas
Proc. Almir da Silva Dantas
108 — Gracinda Marques de Barros
Proc. Agencia Financial de Portugal
109 — Helena da Fonseca Cardoso
Proc. Severino Cândido Cardoso
110 — Helena do Amaral Correa de Sa
Proc. Augusto Henriques Correa de Sá Jor.
111 — Helena Gama de Mello
112 — Herberto Magalhães da Silveira
Proc. Nilson Sarmento Magalhães da Silveira
113 — Hercilia Machado da Silva
Proc. Odaleia de Araujo Taddeucci
114 — Herminia de Andrade Martins Costa
Proc. Lygia Martins Costa
115 — Hilda Brandão de Oliveira
Proc. Luiz Manoel
116 — Hilda Nunes Gomes Netto
Proc. Tania Maria Netto Simas
117 — Hortenciano Freitas Soares Filho
Proc. Dinar Pereira Soares
118 — Idalina de Aragão Fontes
Proc. Aura Aragão Moraes Haick
119 — Ignacio Ferreira
Proc. Maria Luzia Ferreira
120 — Ilda dos Santos Pereira
Proc. Eiza de Santos Pereira
121 — Inezita da Silva Augusto
Proc. Emilia Martin dos Santos
122 — Iracema Cazar Pires de Castro
Proc. Elza Cesar Martins
123 — Iracema Dina de Siqueira
Proc. Claudiomar Barnabé de Siqueira
124 — Isaltina Guimarães Fernandes
Proc. Aurea Fernandes de Oliveira
125 — Isaura Quartin Macedo
126 — Isette Rodrigues Pinto
Proc. Marcio Leal Afonso
127 — Ismenia de Souza Fontes
Proc. Carlos Barreto Caminha
128 — Ivone Conceição Telles
Proc. Emilia Viot de Souza
129 — Ivone Consuelo da Silva
Proc. Eunice Silva Oliveira
130 — Izabel dos Santos
Proc. Lugomar dos Santos
131 — Izaura Lima Pereira da Silva
Proc. José Eugenio Pereira da Silva
132 — Izilda Duarte Silveira Ferreira
Proc. Joaquim Gomes da Silva
133 — Izolete Felix Pereira
Proc. Mari Maria de Paulo
134 — Jadir Caramuru da Silva
Curador — Izabel Conceição da Silva
135 — Jair Manoel Ignacio
Tutora — Neuza Santos Ignacio
136 — Jalva Guanarara de Castro Lopes
Proc. Waldemar Monteiro
137 — Jandyra de Carvalho Borges
Proc. Joana Borges Bastos
138 — Joana Maria Labre
Proc. Eduardo Labre
139 — Joanna Bezerra Maia
Proc. Elizabeth Revoredo de Rezende
140 — Joanna Claudio da Conceição
Proc. Benedicto Manoel da Conceição
141 — Joanna Elisa Barbosa
Proc. Hermes Valeriano da Silva
142 — Jocelina Vieira de Oliveira Flores
Proc. Jorgina da Rocha Castro
143 — Jorge Luiz Jardim
Proc. Zilda Viana Jardim
144 — Jose dos Santos da Cruz
145 — Jose Luiz Baptista Filho
Curador — João Mario Baptista
146 — Josepha Joanna de Oliveira
Proc. José Augusto de Morais
147 — Jose Roberto Ferreira da Silva
Tutora — Francine Ferreira da Silva
148 — Jose Soares
Proc. Dilva Mendes Soares
149 — Jose Tavares do Couto
Proc. Athyr Tavares do Couto
150 — Jose Vicente do Nascimento
Proc. Zulmar da Silva
151 — Josina da Silva
Proc. Theresinha Ferreira Marques
152 — Jovina Manoel da Rosa
Proc. Ercilia do Amaral Silva
153 — Judith Sayão Monteiro Torres Sampaio
Proc. Ivaldo de Azevedo Rocha
154 — Julia Augusta de Rezende Masseder
Proc. Leda Maria Messeder D'Escoffier
155 — Julia Matias Soares
Proc. Maria das Graças Soares Maia
156 — Jurandy de Oliveira Nunes
Proc. Aida de Holanda Nunes
157 — Ladin Manoel de Santana
Tutor — Rubens Guedes Cabral
158 — Laura Conceição Guimarães
Proc. Augusta Guimarães de Lima
159 — Laura Fraga da Silva
Proc. Maria Elizabeth da Silva
160 — Laura Juca Rego
Proc. João Juca Rego
161 — Laura Maria da Conceição
Proc. Solange dos Santos
162 — Laura Moreira de Aquino
Proc. Nelson Moreira de Aquino
163 — Laurinda Fernandes Netto
Proc. Marilda dos Santos
164 — Lavinia Gonçalves Fiocchi
Proc. Neolette Fiocchi Ageme
165 — Leila Ferreira da Silva
166 — Leopoldo Martins
167 — Lerodina Maria de Oliveira Short
Proc. Angelina Short Pereira
168 — Lidia da Conceição Silva
Tutora — Juventina da Conceição Silva
169 — Lidia Maria de Santanna
Tutora — Rubens Guedes Cabral
170 — Lindalva Teixeira Platana
Proc. Zilea dos Santos Platana
171 — Lourdes do Souto Câmara
Proc. Stela de Souto Câmara
172 — Lucia de Lima Antelo
173 — Lucie Durães Rodrigues
Proc. José Carlos Vasconcellos da Silva
174 — Lucilia de Castro Lopes Fausto de Souza
Proc. Ary Fausto de Souza Filho
175 — Lucy Jordão Pacobahhyba
176 — Luiz Carlos Pestana
Curador — José Pestana
177 — Luiz Claudio Viana Jardim
Tutora — Zilda Viana Jardim
178 — Luiz Senna
Proc. Valdir de Oliveira
179 — Luiz de Souza Areias
Proc. Sarah Barbosa
180 — Luiza Aguiar de Carvalho
Proc. Jurema Aguiar Alves
181 — Luzia da Silva Alençar
Proc. Mauricio de Alencar
182 — Luiza Gonçalves da Rocha
Proc. Luiz Netto
183 — Lycea Lopes Nogueira
Proc. Carlos Manoel Lopes Nogueira
184 — Manoela do Nascimento Correa
185 — Manoelita Galvão Werneck Rossi
Proc. Manoelita Rossi Vasconcellos
186 — Margarida Klier Magallar da Silva Dias
187 — Maria Abrantes Cabral
Proc. Maria de Lourdes Gurgel
188 — Maria Aurora Cabral Barbosa
Proc. Oswaldo de Almeida Barbosa
189 — Maria Botelho de Macedo Costa
190 — Maria Conceição Silva
Proc. Luzia da Conceição Inocencio
191 — Maria Cypriana Barbosa
Proc. Diamantina Barbosa Santana
192 — Maria da Conceição Berg
Proc. Zilda Berg Martins
193 — Maria da Conceição Freire Menezes
194 — Maria da Conceição Lupo Braga
Proc. Teresa Pereira Braga
195 — Maria da Gloria de Oliveira Lomba
Proc. Waldemiro Cesário
196 — Maria da Graça Lima Ramos
197 — Maria da Silva Costa
Proc. Imeia Costa Nogueira
198 — Maria da Soledade Gonçalves do Rego Vianna
Proc. Izabel Borges Marinho
199 — Maria de Almeida Santos
Proc. Maria de Lourdes
200 — Maria de Lourdes de Moraes Leite
201 — Maria de Lourdes Torres
Proc. Odileia Felix Torres
202 — Maria de Medeiros Neves
Proc. Walter Neves
203 — Maria do Carmo Pacheco
Proc. Ivo Ferreira Pacheco
204 — Maria Ferreira Batista
Proc. Aide Nunes Batista
205 — Maria Florisbela Campos
Proc. Conceição Maria da Silva Pacheco
206 — Maria Franco de Barros
Proc. Homero Mesquita dos Santos
207 — Maria Guilhermina de Oliveira e Souza
208 — Maria Helena Costa
Proc. Luiz Costa
209 — Maria Jose da Silva
Proc. Evelina da Silva
210 — Maria Jose Rodrigues
Curadora — Thereza Rodrigues da Costa
211 — Maria Julia da Fonseca Nunes
Proc. Helio de Freitas Guimarães
212 — Maria Lopes de Souza
Proc. Sebastião Francisco
213 — Maria Luiza Gomes Anjo
214 — Maria Luiza Vianna Cabral
Tutora — Gertrudes Vianna Cabral
215 — Maria Magdalena da Costa
Proc. Aldino da Costa Azevedo
216 — Maria Malheiro Teixeira
Proc. Ermacina de Alvarenga
217 — Maria Pedro Travassos Cavalcante
Proc. Lidia Ferreira
218 — Maria Rodrigues Ferreira
Proc. Therezinha Garcia Duarte
219 — Maria Rosa
Proc. Alice Persico
220 — Maria Rosa Ribeiro Rollo
Proc. Maria Cristina Marques Cordeiro
221 — Maria Saldanha Dias
Proc. Odila Saldanha Dias de Souza
222 — Maria Soares Ether
Proc. Stenio Soares Ether
223 — Maria Soares Pereira Pinto
Proc. Nair Paulo Vieira
224 — Maria Teresa Figueiredo
Proc. Carlos Abraão de Souza
225 — Maria Zulmira dos Santos
Proc. Maria de Lourdes dos Santos Oliveira
226 — Mariana Huet Machado
Proc. Maria do Carmo Machado de Oliveira Santos
227 — Mariana Ricardo
Proc. Lucene Maria da Silva
228 — Marietta da Cunha Fernandes
Proc. Paulo Sergio Ferraz Quaresma
229 — Marieta Marzagão Assunção
Tutora — Neyde Leon Ferreira
230 — Marli da Costa Barros
Tutora — Nely dos Santos Barros
231 — Martha Washington Braga Cavalcanti
Proc. Laura Cavalcanti Amaral
232 — Mercedes Barbosa Guimarães
Proc. Aluizio Correa Guimarães
233 — Miriam Meira
Proc. Nelson Melo de Jesus
234 — Nair Cortes dos Santos
Proc. Yvanita Santos de Moraes
235 — Nair Ferreira e Silva
Proc. Ottilia da Cruz Silva Pinto
236 — Neila Ferreira da Silva
237 — Nelsenita dos Santos
Proc. Lucia da Maria dos Santos
238 — Nicanor da Conceição Silva
239 — Nitia Chaves de Moura
Proc. Casso Chaves de Moura
240 — Nila Castex da Fonseca
Proc. Sylvia Fonseca de Gonzaga Lopes
241 — Noemia de Lourdes Lenoir de Merocourt
Proc. Tania Maria Barbosa dos Santos Junqueira
242 — Noemia Maria da Silva
Proc. Maria da Silva Souza
243 — Octacilio Antonio Pestana
Proc. José Pestana
244 — Odette Maria de Oliveira
Proc. Carmen Sylvia Ponce Castelo Branco
245 — Odilia de Castro Motta
Proc. Martha Motta Teixeira
246 — Olinda Maria dos Santos Fontan
Proc. Lea Galvão Borges
247 — Olivia Antonia do Amaral
Proc. Zelia Francisca do Amaral Barreto
248 — Olivia Alves de Albuquerque
Proc. Altair de Oliveira
249 — Olivia Valadares Maciel
Proc. Egidio de Souza
250 — Omir Sampaio de Oliveira
Proc. Carmelita Almeida de Oliveira
251 — Onilia Martins Rodrigues
Proc. Maria Rodrigues de Souza
252 — Oscarina Esteves de Carvalho
Proc. Getulio de Carvalho
253 — Oscarina Julia Francisco
Proc. José dos Santos
254 — Osmarina Fortuna Andrea dos Santos
Proc. Zilma Fortuna Andrea dos Santos
255 — Palmyra Mendes de Castro
Proc. Ruth de Castro Santos
256 — Paula Cardoso da Silva
Proc. Nadyr Pimenta
257 — Petronilha Lopes de Moura
258 — Philomena Ferreira da Silva
Proc. Conceição Pontes Ferreira da Silva
259 — Piedade Ferreira de Castro Teixeira
Proc. Ana Maria Teixeira de [illegible]
260 — Possidônio Ferreira Fontes
Proc. Natherc'a Pinheiro Fontes
261 — Primicia Duarte Faria
Proc. Ilnea de Faria Santos
262 — Raphaela Garcia
Proc. Maria Garcia Fernandes
263 — Raymundo Walter Gomes
Proc. Sylvia Daloz Gomes
264 — Regina Celi Bruno da Cunha
Proc. Regina Bruno da Cunha
265 — Ricardo de Azevedo Braga
Tutora — Maura Rosa de Azevedo Braga
266 — Richard Wermon Koler Guarana de Barros
267 — Rita Pereira da Costa Aroeira
Proc. Francisco Agra Lacerda de Almeida
268 — Rita Verissima da Silva
Proc. Wilton dos Santos
269 — Ronaldo Mendes da Silva
Proc. Lolival Mendes da Silva
270 — Rozalina de Moraes de Souza
Proc. Osmarina de Souza Alves
271 — Rufina Cardoso Machado
Proc. Jarlo de Xerez
272 — Salustiano Jose Raymundo
Proc. Ilson Raymundo
273 — Sebastiana Maria Ribeiro
Proc. Maria Alves Marques
274 — Secundina Lopes de Oliveira
Proc. João Carlos Menezes de Carvalho
275 — Sergio de Queiroz
Tutora — Dovanilde da Conceição Queiroz
276 — Sergio Paulo Teixeira
Zilea dos Santos Platana
277 — Solange Maria Anastacio
Tutora — Maria Benedicta Anastacio
278 — Soraya Cristina Anastacio
Tutora — Maria Benedicta Anastacio
279 — Sylvia de Azevedo Braga
Proc. Maura Rosa de Azevedo Braga
280 — Sylvia de Lira Burlier
Proc. Urbano Chaves de Lira Burlier
281 — Sylvia Ernestina Gaullier
Proc. Zelia Mallocut de Amorim Carrão
282 — Sylvia Novaes do Nascimento
Proc. José Ferreira Toledo
283 — Suara Elisa Anastacio
Tutora — Maria Benedicta Anastacio
284 — Tania Mara de Barros Lima
Tutora — Anita Maria Ribeiro Lima
285 — Valdeci Arcanjo dos Santos
Proc. Jair Duarte
286 — Valdir de Barros Lima
Tutora — Anita Maria Ribeiro Lima
287 — Valeria de Souza
Tutora — Emilia Pontes de Souza
288 — Vera Lucia Gomes
Tutor — Manoel Gomes Martins
289 — Vitalina de Carvalho
290 — Vitoria Regina da Costa Barros
Tutora — Nely dos Santos Barros
291 — Wanda de Araujo
Proc. Ariete de Araujo
292 — William Vianna Jardim
Tutora — Zilda Vianna Jardim
293 — Zeneida Caminha Estienne
Proc. Geralda Estienne Ferreira e Luiz Claudio Barbosa Ferreira
294 — Zoraida Oliveira de Castro
Proc. Sueda Pessoa de Barros
295 — Zulmira Araujo Jordão
Proc. Helenita Araujo Jordão
296 — Zulmira dos Santos
Proc. Valdelina Neri Barbosa

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1979

Domingos Menezes Grelo
Delegado

Líder do Governo apóia a reforma salarial mas reclama por servidor

Brasília — O líder do Governo no Senado, Jarbas Passarinho (PA), disse ontem que o reajustamento semestral dos salários demonstra muito bem o sentido da administração do Presidente Figueiredo, a sua preocupação em melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, mas lembrou que precisa ser encontrada uma solução para os servidores civis e militares "que estão percebendo muito pouco".

Não sabe o Senador Passarinho como poderá ser essa solução, inclusive porque, acredita, haverá grandes dificuldades orçamentárias, já que o Governo procura obter o equilíbrio da receita com a despesa. Acha, porém, que o Ministro José Carlos Freire, do DASP, que já resolveu o problema dos inativos, encontrará também a solução para a melhoria salarial dos funcionários da administração direta.

Municipais

Assim que chegar o projeto de reajustamento semestral ao Congresso, a Oposição deverá passar à ofensiva fundamentada em três grandes linhas de ação. A primeira é a de que teve esta iniciativa. Somente no Senado foram apresentados por senadores oposicionistas quatro projetos semelhantes.

Um deles, do Senador Mauro Benevides (MDB-CE), foi rejeitado há dias pela Arena, não obtendo quorum para aprovação. Outro, do Senador Franco Montoro (MDB-SP), quer o reajuste automático sempre que o índice acumulado da inflação for superior a 10%, cabendo a uma comissão mista, integrada por empregados e empregadores, a fiscalização do percentual inflacionário.

A segunda linha será, de acordo com as previsões, a situação de milhares de servidores estaduais e municipais que continuam recebendo menos de um salário mínimo, sem que o Governo, no sentido global, esteja procurando resolver a questão. O Senador Agenor Maria (MDB-RN), que deverá ser um dos representantes da Oposição na comissão mista que examinará o projeto de reajuste semestral, já encaminhou ao Ministério da Educação uma lista de municípios de seu Estado onde os professores recebem menos que Cr$ 500 mensais.

O Senador Itamar Franco (MDB-MG) será um dos defensores da terceira linha de ação. De acordo com dados do IBGE cerca de 13 milhões de trabalhadores, aproximadamente 35% da força de trabalho, não chegam a receber um salário mínimo por mês. Ainda por este levantamento oficial 61% dos trabalhadores não têm carteira assinada, o que, a seu ver, demonstra a total falência da atuação do Ministério do Trabalho.

Partirá do Senador Itamar Franco a tese de que o Governo está certo em promover o reajuste semestral, mas ele não tem autoridade moral para exigir isto das empresas privadas se não tiver o mesmo comportamento em relação aos seus funcionários. Em segundo, é imprescindível que o Ministério do Trabalho passe a ter uma existência mais efetiva, menos burocrática, para impedir que 61% dos trabalhadores não tenham carteira assinada. "Como os que ganham menos de um salário mínimo" — comenta — "estes acabarão por não receber qualquer benefício com o reajustamento".

Antes mesmo de vir a ser encaminhado ao Congresso, o reajustamento semestral já está sendo examinado no Tribunal de Contas da União, de maneira informal. O Ministro Luciano Brandão, por exemplo, já anunciou sua convicção de que ele será estendido não apenas aos servidores ativos, civis e militares, como aos inativos, que tiveram uma acentuada melhoria neste Governo.

A convicção do Ministro Brandão se baseia nos estudos que vêm sendo feitos, na área do executivo, para uma equiparação de vantagens entre os servidores públicos e os empregados regidos pela CLT. Este esquema é que deverá levar o Governo a conceder o 13º salário aos servidores civis ainda este ano. Estão previstas, pelo mesmo motivo, outras alterações de grande profundidade no estatuto dos funcionários públicos, que está sendo revisto pelo DASP.

O líder do Governo no Senado está convencido de que o reajustamento semestral implicará necessariamente em uma revisão também periódica do salário mínimo. Ele se preocupa muito em que a nova fórmula da política salarial não venha a ser mais um motivo para acelerar o processo inflacionário, mas considera que os estudos que vêm sendo feitos na área do executivo acabarão por resolver a questão.

De qualquer forma, porém, considera o reajustamento uma demonstração clara do empenho do Governo em desconcentrar a riqueza e de, gradativamente, assegurar uma melhoria das condições de vida dos que recebem menos.

Jarbas Passarinho entende que será inevitável, após esta reformulação da política salarial trabalhista, que haja providência semelhante para com os servidores civis e militares. Apesar do esforço feito nos Governos anteriores neste sentido, a sua convicção é de que os funcionários da administração direta e os militares recebem hoje muito pouco e não há como discriminá-los. Não sabe, porém, como poderá ser encontrada uma solução, mas, como disse informalmente a alguns senadores arenistas, "o Zé Carlos Freire vai acabar dando um jeito".

Passarinho (E) acha que o projeto mostra empenho do Governo em desconcentrar a riqueza e o MDB lembra que já apresentou projetos semelhantes, um deles do Senador Montoro

Nova fórmula aumentará rotatividade no emprego

São Paulo — A nova política salarial anunciada esta semana pelo Governo poderá agravar substancialmente a situação de desemprego do país, aumentando a rotatividade nas faixas de zero a três salários mínimos, onde a oferta é muito maior que a procura de mão-de-obra, e nas faixas acima de 10 salários mínimos em diante, pois a oferta de trabalhadores especializados é inferior à demanda.

A previsão foi feita pelo professor de política salarial e de administração de salários da Fundação Getúlio Vargas, Luciano Gaino, em nível de pós-graduação. Segundo ele, as empresas que quiserem aplicar a fórmula oficial, concedendo reajustes inferiores à inflação, fatalmente perderão seus melhores profissionais.

Diante disso, adverte, elas tenderão a ceder às pressões do pessoal mais qualificado, concedendo aumentos superiores aos da nova fórmula, que só será efetivamente aplicada para as faixas de salário inferiores. Isso provocará aumento dos custos das empresas, obrigando à racionalização e consequente redução do pessoal.

Dispensas

Além disso, afirma o Prof Luciano Gaino, a preocupação com a produtividade também levará as empresas a racionalizarem seus sistemas de produção, dispensando muitos trabalhadores, especialmente em setores não diretamente ligados ao ciclo produtivo. Esses trabalhadores, na sua maioria pertencentes a setores administrativos, serão obrigados a disputarem salários nas faixas inferiores que estão hoje, engrossando a concorrência na chamada "base da pirâmide".

Na sua opinião, a política do Governo pode ser até muito bem intencionada, mas tende a se tornar completamente inócua, uma vez que contraria frontalmente a realidade do mercado de mão-de-obra no Brasil.

A distribuição de renda através de salários — destacou — é totalmente ineficaz. Por mais criterioso que o Governo tenha sido na elaboração de sua proposta, está agindo sobre os efeitos e não sobre as causas da má repartição.

Segundo o prof Luciano Gaino, o país tem uma má distribuição demográfica, decorrente das taxas de crescimento mal distribuídas no território nacional. Essa situação — comentou — é agravada pela polarização industrial. O modelo de desenvolvimento brasileiro tem permitido aumentar o emprego, mas não as oportunidades, ou seja, gera-se oferta em grande escala na base da pirâmide, para trabalhadores com baixa ou sem nenhuma qualificação, e em pequena escala no topo, para elementos altamente especializados. Contudo, não se propicia empregos nas faixas intermediárias, possibilitando mobilidade vertical entre os trabalhadores, que têm reduzidas chances de ascensão.

Nessa situação, adiantou o professor da Fundação Getulio Vargas, ou o indivíduo entra por cima ou ficará em baixo o resto da vida, pois a pouca mobilidade cria uma espécie de determinismo: quem está na base da pirâmide não tem oportunidade de ascensão, em decorrência do excesso de oferta e das deficiências do sistema educacional. E aqueles que têm a chance de se especializar acabam recebendo salários superiores ao que seria justo pela sua contribuição, em virtude da escassez de mão-de-obra desse nível.

Inflação

O simples aumento de salários sem a criação de novas oportunidades, que permitam a ascensão profissional e social do trabalhador, acaba não contribuindo para elevar efetivamente seu nível de vida, explicou o Sr Lucian Gaino. Alertou que, a médio prazo, essa medida provocará apenas aumento da demanda e da inflação, sem que haja distribuição, mesmo entre os assalariados que ganham mais para os que ganham menos.

A solução — afirmou — seria aumentar a oferta de emprego nos níveis intermediários, dando a chance para que os trabalhadores que estão na base da pirâmide tenham oportunidade de subir.

Para evitar a rotatividade da mão-de-obra entre os trabalhadores que ganham de zero a três salários mínimos, o Governo teria de elevar substancialmente o salário mínimo. Caso contrário, previu, as empresas utilizarão o excesso de oferta do mercado, dispensando seus trabalhadores, sempre que puderem contratar pagando menos e o diferencial for superior ao custo da nova admissão.

O que é produtividade?

A avaliação da produtividade e da sua variação, segundo o prof. Luciano Gaino, também trará sérias discussões, sempre que a produção de uma empresa não puder ser quantificada. "Como avaliar a produtividade de um professor, de um médico ou de um jornalista, só para citar alguns exemplos?", perguntou.

A produtividade pode ser apurada por vários critérios: produção (nº de unidade) dividida pelo número de empregados., resultado operacional (faturamento menos despesa) dividido pelo número de empregados., ou, ainda, crescimento patrimonial dividido pelo número de empregados. Dependendo de qual critério seja utilizado, o resultado poderá ser completamente diferente dos demais.

Existem empresas, por exemplo, que apresentam grande crescimento patrimonial, principalmente em decorrência da reavaliação de seu ativo, e baixíssimo lucro. Uma empresa em fase de instalação pode ter produtividade negativa, embora seus trabalhadores obtenham um índice positivo, pois os resultados do setor foram bons. Essas duas situações também podem se inverter por completo.

Os trabalhadores de empresas que utilizam mão-de-obra intensiva também poderão ser prejudicados, uma vez que nessas unidades a variação da produtividade é mínima. O inverso poderá ocorrer em companhias que utilizam capital intensivamente, com grandes investimentos em máquinas e tecnologia sofisticada. Em casos desse tipo, os objetivos da nova política salarial poderão até ser invertidos, ou seja, as diferenças salariais tenderão a se ampliar.

Política de emprego

Para o especialista de política salarial da FGV, o Governo deveria elaborar uma política de emprego, que, além de permitir a absorção de disponibilidade e do crescimento da oferta de mão-de-obra, diversificasse as oportunidades, facilitando a mobilidade vertical. O sistema educacional brasileiro teria de ser revisto e adaptado para atender à necessidade de desenvolvimento do país a longo prazo.

Na área agrícola, ele sugeriu a realização de grandes investimentos na agroindústria, para a geração de empregos intermediários nos setores de processamento, estocagem e comercialização, explicando que investir apenas na produção pouco altera a situação do trabalhador do campo.

A criação de melhores oportunidades no setor industrial, a seu ver, está diretamente associada ao desenvolvimento do setor de pesquisas e desenvolvimento. "Enquanto continuarmos importando tecnologia, desenhos e modos de produção completos, só precisaremos de trabalhadores de baixo nível para apertar botões e de alta especialização para controlar processos. Empregos intermediários só serão criados quando a indústria nacional, especialmente a de base, resolver desenvolver tecnologia própria", comentou.

União terá no próximo ano 413 bilhões para investimento

Brasília — O projeto da lei orçamentária de 1980, enviado semana passada ao Congresso, propõe uma elevação de 70% sobre a lei orçamentária em vigor dos recursos destinados aos investimentos da União. Eles passarão de Cr$ 243 bilhões 74 milhões, em 1979, para Cr$ 413 bilhões 757 milhões no próximo ano, não se computando integralmente, neste volume, os investimentos das empresas estatais.

Tal aumento, bastante expressivo, foi possível devido, sobretudo, à ampliação das receitas correntes (recursos permanentes) e em especial, dentro delas, à arrecadação de impostos e taxas. Com efeito, a receita tributária como um todo crescerá no próximo ano 51% além da arrecadação estimada para este ano, passando de Cr$ 459 bilhões 700 milhões para Cr$ 694 bilhões 300 milhões.

"Performance"

Para esta **performance** contribuirão, além do próprio aumento de recolhimento dos impostos em si, a incorporação de uma parcela na estrutura do imposto único sobre combustíveis e lubrificantes (Iulclg), representando recursos adicionais de Cr$ 32 bilhões a serem aplicados no programa de mobilização energética e correção da TRU (Taxa Rodoviária Única), o que significará mais Cr$ 15 bilhões, também destinados ao programa energético.

A transferência, para o orçamento do Tesouro, de algumas contas hoje contidas no orçamento monetário, são outros dois fatores importantes nesta elevação de receita. Os resultados das operações cambiais do Banco Central, por exemplo, serão responsáveis por um volume de recursos de Cr$ 52 bilhões 800 milhões, destinados a pagar subsídios como os do trigo e do café e os encargos da dívida pública interna.

Além disto, a incorporação do crédito-prêmio do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) ao crédito-prêmio do IPI, ocorrida no final do ano passado, e a posterior decisão de se eliminar gradualmente o crédito do IPI, autorizada no início deste ano dentro das negociações entre o Brasil e os Estados Unidos para a elaboração do código de subsídios no GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), será responsável por uma economia de gastos, com estes incentivos, da ordem de Cr$ 18 bilhões, dos quais Cr$ 3 bilhões 600 milhões serão transferidos aos estados e municípios, segundo a exposição de motivos do projeto da lei orçamentária de 1980.

Os impostos, por outro lado, de acordo com o projeto de lei, registrarão arrecadações significativas. É o caso, por exemplo, do Imposto de Renda, cuja previsão de aumento, no próximo ano, comparativamente à arrecadação provável de 1979, é de 54,8%, representando Cr$ 240 bilhões, contra os Cr$ 155 bilhões esperados em 1979. Em relação ao crescimento verificado em 1979 sobre 1978 — 67,7% — o Imposto de Renda apresentará uma queda de aumento de mais de 10 pontos percentuais, mas tal fato pode ser explicado pela instituição do IR — calamidade.

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), por seu turno, aumentará sua arrecadação, no próximo exercício fiscal, em 47,9% (contra 44,5% de aumento de 1979 em comparação a 1978). O IPI recolherá aos cofres da União, em 1980, Cr$ 207 bilhões, quando no atual exercício sua previsão de receita é de Cr$ 140 bilhões. Outro imposto que registrará uma boa **performance** é o ICM, que aumentará seu recolhimento em 40,8%, passando de Cr$ 174 bilhões 500 milhões, este ano, para Cr$ 245 bilhões 700 milhões em 1980. O Iulcgl, com as alterações nele introduzidas, elevará sua arrecadação em 41,7%, recolhendo Cr$ 70 bilhões.

Sem Estatais

É dentro deste quadro, em linhas gerais, que será possível à União, no ano vindouro, destinar Cr$ 413 bilhões 918 milhões para investimentos em geral, nos quais — é importante notar — não estão incluídos os investimentos das empresas (realizados em boa parte com recursos próprios e empréstimos), mas apenas aqueles a serem efetuados com recursos do Tesouro.

Entre os investimentos como um todo — a rubrica "despesas de capital" — os investimentos diretos crescerão nada menos de 84,8%, passando dos Cr$ 69 bilhões 250 milhões da lei orçamentária vigente para Cr$ 128 bilhões 14 milhões. As inversões financeiras, por seu lado, serão elevadas de Cr$ 19 bilhões 429 milhões para Cr$ 27 bilhões 739 milhões, resultando num acréscimo de 42,7%. Já as transferências de capital aumentarão 67,1%, pulando de Cr$ 154 bilhões 393 milhões em 1979 para Cr$ 258 bilhões 3 milhões em 1980.

Esta foi, certamente, uma das razões que levaram o Presidente João Figueiredo a acentuar, na exposição de motivos do projeto da Lei Orçamentária, a necessidade de se definir "uma programação destinada a incrementar esforços para manter o país em processo de desenvolvimento, não obstante as dificuldades evidenciadas pela presente conjuntura nacional e internacional", com base, segundo ele, "na potencialidade de nossos recursos".

Como efetivamente se verifica, a partir dos números do projeto de lei, esta potencialidade de recursos é significativa, levando-se em conta se tratar de um país em desenvolvimento. Somando-se a receita do Tesouro (Cr$ 120 bilhões 863 milhões) à receita de outras fontes (Cr$ 120 bilhões 173 milhões), a receita total do orçamento fiscal do Brasil, em 1980, atinge praticamente Cr$ 1 trilhão, o que corresponde a cerca de 360 bilhões de dólares, ao câmbio oficial atual. Como todo ano há sempre uma reestimativa de receita para cima, o orçamento da União movimentará seguramente, no próximo exercício, um volume de recursos superior a Cr$ 1 trilhão.

Reforma tributária não trará mudança profunda

Brasília — Embora a dívida total dos Estados brasileiros tenha alcançado Cr$ 115 bilhões 365 milhões 577 mil ao final de 1978, nada indica que a reforma tributária a ser promovida pelo Governo promova modificações substanciais. O Ministério da Fazenda defende modificações graduais, ajustáveis a cada nova realidade surgida com as mudanças na orientação econômica do Governo.

A principal razão para que o Governo pense em promover a reforma tributária — além da situação dos Estados e municípios — é a própria origem da crise hoje enfrentada. Ou seja, a reforma de 1966 — substanciada na Lei 5 172 — causou profundas distorções na estrutura tributária do país.

Lei

O surgimento da Lei 5 172 se deu pela inexistência, até então, de um documento que consolidasse o emaranhado de documentos da época. Como se sabe, tanto a União, como os Estados e municípios tinham o poder de criar impostos, o que ocasionava uma "verdadeira guerra fiscal".

O princípio geral da reforma de 1966 era "União forte para fortalecer os Estados". No entanto, Estados e municípios se enfraqueceram, e a União fortaleceu-se cada vez mais com o decorrer dos anos, devido a distorções verificadas no desdobramento dos princípios de reforma.

Após a reforma, segundo dados do Ministério da Fazenda, a receita tributária dos Estados evoluiu a taxas inferiores à do produto, enquanto a receita da União triplicou, apesar do produto ter sido apenas o dobro. Da mesma forma, antes da Lei 5 172, embora a receita da União crescesse a taxas superiores às dos Estados e municípios, de acordo com os mesmos dados, estas acompanhavam o crescimento do produto.

A próxima reunião do Confaz (Conselho de Política Fazendária) — órgão que reúne todos os Secretários estaduais de Fazenda com o Ministro — vai examinar uma série de sugestões feitas pelos Governos estaduais anteriores no sentido de, se não eliminar, pelo menos atenuar o hiato existente entre União, Estado e municípios.

Uma das principais sugestões diz respeito à utilização do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) como instrumento de política econômica. Concebido como imposto neutro, supridor de recursos dos Estados, o ICM, 12 anos após sua implantação, transformou-se em ágil instrumento de política fiscal, "sendo manipulado para o ajustamento das mais variadas situações na área econômica".

A principal sugestão do Documento dos Seis, como é conhecido o estudo feito pelos ex-Secretários de Fazenda de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, é de que a eliminação das isenções seja feita de forma gradual, para não causar um impacto violento na economia. A base de cálculo seria reduzida em torno de 25%, a partir de 1979, elevando-se anual e sucessivamente na mesma proporção até atingir, em 1982, 100%.

Ainda na área do ICM, o documento sugere a adoção imediata de diversas medidas, entre as quais destacam-se a incidência do imposto sobre o preço final dos cigarros e sobre o preço de combustíveis automotivos, especificamente as gasolinas A e B. Neste último caso, a proposta pede que a cobrança seja feita nas refinarias, tomando-se como base de cálculo os respectivos preços finais para o Estado.

Abatedouro teme falência com a carne congelada

Se a venda de carne fresca aos açougues for paralisada, a partir de amanhã, como se anuncia, 12 abatedouros fluminenses irão à falência, desempregando 2 mil 500 pessoas. É o que afirma o presidente da Associação das Empresas Abatedouras de Gado Bovino e Suíno do Estado do Rio de Janeiro, Sr Pedro de Freitas Nogueira, que enviou apelo ao Presidente Figueiredo, denunciando os "grupos poderosos, que interferem na vida da economia nacional agasalhando interesses estrangeiros sob a máscara de empresas multinacionais".

Os abatedouros fluminenses foram deixados de fora do plano de estocagem de carne para a entressafra e, na opinião do Sr Pedro Nogueira, isso equivale a paralisar suas atividades, a partir do momento em que os açougues passarem a vender, apenas, carne congelada. Estima o presidente da Associação das Empresas Abatedouras que, na média, suas 12 associadas já estão com 60% de capacidade ociosa.

"A paralisação do fornecimento de carne fresca aos açougues deixaria o mercado nas mãos dos grandes frigoríficos paulistas, como o Bourdon, e dos multinacionais, como o Anglo, Swift e Armour. A triste realidade é que o chamado estoque regulador, ao contrário do que se sustenta no papel, é gerador de fatores desreguladores, uma vez que até hoje não regulou coisa alguma além dos interesses dos frigoríficos, que investiram em grandes instalações."

Usineiro reclama de preço baixo ao iniciar safra

Recife — A nova safra de açúcar e álcool começou ontem em Pernambuco com os usineiros e fornecedores reclamando do baixo custo da tonelada de cana e dos seus produtos, com as empresas altamente endividadas e com algumas ameaças de greve no campo.

O presidente da Associação dos Fornecedores de Cana definiu a situação dizendo que "a indústria açucareira que tem passivo, hoje capitaliza juros por falta de preços, e tudo depende da habilidade do empresário para fazer funcionar a bola de neve da acumulação de dívidas".

Segundo estudos feitos pela associação dos fornecedores, a tonelada custa ao produtor Cr$ 652, mas seu preço atual é de Cr$ 339. Em reunião na semana que passou, os fornecedores de cana pediram ao Ministro Camilo Penna que mudasse a atual estrutura da agroindústria açucareira, retirando os juros subsidiados e a prorrogação de débitos, argumentando que essas medidas protecionistas mantém o setor dependente do Governo central.

Alguns fornecedores admitiram depois do encontro com o Ministro Camilo Penna, que poderiam pressionar o aumento do preço da cana através do incitamento de greve dos camponeses.

Os produtores de açúcar e álcool têm sérias queixas do funcionamento de escoamento de álcool, afirmam que sem um preço justo para seus produtos não terão condições de pagar seus débitos.

Falta de método limita safra de arroz no Sul

Porto Alegre — A cultura do arroz no Rio Grande do Sul vem apresentando crescimentos limitados ao longo dos últimos anos, em função não só do esgotamento de áreas varzeanas para seu cultivo, mas também da falta de uma rotação de cultura adequada e que possibilite um crescimento da produtividade.

Não se pode afirmar que exista um empobrecimento de terras cultivadas com a lavoura orizícola, pois as drenagens, irrigações e adubação frequentes aumentam a fertilidade do solo, retirando-lhe o excesso de água acumulada no ano. Mas existe, por outro lado, por parte dos proprietários de terras, um cuidado especial para com as pastagens que se formam no inverno (entressafra) e que, além de proporcionarem o rodízio, poderiam alimentar por um período mais longo e melhor o gado magro de junho a agosto.

Áreas arrendadas

Cerca de 6,6% da área semeada com arroz no Estado correspondem a terras arrendadas, sendo que a maioria dos lavoureiros pagam ao proprietário uma taxa de 14,1% sobre a produção colhida, correspondendo a Cr$ 1 mil 643,60 a quadra quadrada na safra de 77/78. São quatro as modalidades de arrendamento existentes no Estado: o arrendamento somente da terra, cuja percentagem paga é de 14,1%; o arrendamento de terra juntamente com a água pago em percentagem, incidindo 28,3% sobre a produção; arrendamento somente da terra, pago em dinheiro, na base de Cr$ 1 mil 800 por quadra quadrada (medida usada em lavoura orizícola, que corresponde a 17 mil 424 m2) e, finalmente, o arrendamento da terra juntamente com a água, pago em dinheiro, à base de Cr$ 2 mil 592 por quadra quadrada.

A primeira modalidade é a mais freqüente, representando 47,95% das áreas arrendadas no Estado. O assessor técnico do Instituto Riograndense do Arroz, Paulo Vidal, explicou que, atualmente, a grande maioria das várzeas está tomada pelo arroz, e por dispor já da infra-estrutura adequada para a orizicultura (drenagem e irrigação) não propicia a rotação de outras culturas, a não ser quando as várzeas disponham de condições naturais de drenagem interna. Neste caso é possível o cultivo de soja e milho, mas isso é muito pouco freqüente no sul. Os agricultores e proprietários de terra só têm uma opção viável, que são as pastagens.

E é no caso das pastagens, que o técnico Paulo Vidal observa o pouco cuidado por parte dos granjeiros, pois eles não cultivaram pastagens próprias para o gado no período de inverno, deixando os campos apenas com a pastagem nativa. "Em maio (três meses depois da colheita do arroz), os campos estão verdes, o gado consome o pasto nativo em um mês e meio, e o resto do inverno passa fome". Os agricultores poderiam obter ganhos adicionais se tivessem um gado gordo e bem alimentado", disse.

Métodos

Na maioria das vezes, nas propriedades que têm condições para o arroz irrigado, a área destinada à cultura é dividida em três talhões, sendo apenas um deles plantando anualmente, enquanto os outros dois são explorados pela pecuária de corte. Esta é a única forma de rodízio da cultura que se faz com o arroz, ainda muito incipiente.

De qualquer forma, a produtividade por hectare tem sido mais ou menos instável e bastante satisfatória, enquanto que o crescimento da produção é de apenas 3% ao ano, em função do mesmo crescimento da área. Atualmente a produtividade do arroz é de 3 700 Kg/ha (75 sacos), variando um pouco conforme as condições da lavoura e em função do clima. No ano passado, por exemplo, a colheita foi de 1,9 milhão t, para uma área de 530 mil ha, e para este ano a estimativa (a safra ainda foi levantada pelo Irga, embora tenha sido colhida em fevereiro) é de 1,8 milhão t. A queda de produção deste ano deve-se à ocorrência de chuvas em épocas de plantio, na primavera de 1978, o que atrasou o desenvolvimento da planta.

O Sr Paulo Vidal disse que a produtividade média pode aumentar com uma difusão maior de tecnologia e melhor preparo do solo em épocas de semeadura, mesmo porque as áreas próprias se estão esgotando, e os produtores devem visar a obtenção de um maior rendimento médio por área.

Informe Econômico

Indústria otimista

A última sondagem conjuntural da Fundação Getúlio Vargas, feita em julho, revela que a indústria de transformação espera expansão de suas atividades, no trimestre corrente, em todas as regiões do país — à exceção do Centro-Oeste, onde a expectativa de queda das atividades (para 42% da produção) supera as de expansão (34%).

Na principal região industrial do país, a Sudeste, que engloba o Triângulo Rio-São Paulo-Minas, há expectativa de expansão em empresas que respondem por 41% da produção e de queda nas que representam apenas 15%. Os mesmos indicadores, para a Região Norte, são de 55% de expansão e 8% de queda; para o Nordeste, 58% e 9%; Sul, 42% e 11%.

Quanto à indústria de construção civil, outra sondadem da FGV prevê para este 3º trimestre expansão em empresas que respondem por 23% da produção, e contração nas que respondem por 17%. Esta situação é bem melhor que a verificada no segundo trimestre — 34% de declínio e 11% de expansão — agravada pelos atrasos de pagamento às construtoras, atingindo 91% no valor das obras e 68% das empresas.

▪ ▪ ▪

Ambas as pesquisas foram feitas antes das últimas medidas relacionadas com a crise energética — em especial, a determinação do corte de quotas do óleo combustível e a elevação de seu preço, o que pode influir de alguma forma no nível das atividades neste trimestre. No entanto, também foram feitas antes da ida do Ministro Delfim Netto para o Planejamento e da sua decisão de sancionar o crescimento econômico como uma das formas de combater a inflação.

Somado a isso o comportamento da economia no primeiro semestre, com forte crescimento tanto na indústria como na agricultura, é de se esperar uma taxa de aumento do PIB este ano que — não fosse a inflação — faria inveja aos melhores anos do milagre. Em especial se se considerar que, tradicionalmente, o crescimento costuma acelerar-se no terceiro semestre.

Não vai

Contrariando informações divulgadas pela imprensa, um assessor do delegado do Ministério da Fazenda em São Paulo disse que ele foi taxativo: "Não dirigirei o Concex, a menos que a sede do novo órgão mude pra São Paulo. O que estão espalhando por aí são apenas boatos".

De fato, as possibilidades de a sede do Concex ser transferida do Rio para São Paulo são remotas e o Sr Armando Vasone garante que não se pode mudar no momento.

Em baixa

O Brasil está fazendo menos dólares com o açúcar do que no ano passado. De janeiro a julho, exportamos 194 milhões de dólares em 1978 e apenas 163 milhões este ano.

Estamos exportando mais açúcar demerara, de menor valor e menos açúcar refinado e cristal, de maior valor. Mas renasceram as esperanças com o recente anúncio, pelo Departamento de Agricultura dos EUA, de que a produção na safra 79/80 pode ser menor do que o consumo — diminuindo pela primeira vez, nos últimos cinco anos, os excedentes estocados.

Em alta

O contrabando de jóias para o Brasil é tão grande que se estima em 5 mil o número de empregos necessários à produção dos artigos que estariam sendo desviados anualmente para cá, a partir da Itália.

O cálculo é de Jorge Geyer, diretor da Casa Masson.

Reequilíbrio

No seu discurso de posse na presidência do IBGE, o professor Jessé Montello fez uma referência expressa à regulamentação da profissão de estatístico, no ano passado.

Meio deslocada no contexto do discurso, a sutil referência foi indício claro de que se levará em conta a crítica de que há um desequilíbrio quantitativo entre economistas e estatísticos no Instituto, em contradição com seu próprio nome.

Revoada

Ao contrário do que acontecia no início da década, quando muitos executivos procuravam as empresas governamentais atraídos por melhores salários ou outras vantagens, ultimamente muitos deles estão deixando as empresas estatais pelo setor privado, "às vezes até por salários mais baixos, mas atraídos por maior perspectiva de realização profissional", revela o diretor de L & C Consultores, Leonardo Cauduro.

Segundo ele, "a excessiva burocratização é o que dificulta a realização profissional desses técnicos", sendo que por sua empresa — uma das poucas no país especializada exclusivamente na contratação de executivos — têm passados muitos deles, cansados de se verem simples burocratas e à procura de alternativa no setor privado. Sobre o mercado para executivos, em geral, reconhece que houve grande queda na procura (48%) nos dois últimos anos, mas compensada por busca de maior qualidade.

"Muitos executivos estão receosos de que possam ser dispensados, mas creio que os bons não precisam ter medo. Há de fato uma retração nos negócios, poucos empresários estão investindo e a maioria está com o pé no freio, mas é nessas condições mesmo que se torna mais necessário um bom executivo, a fim de dar à empresa a infra-estrutura operacional para enfrentar uma crise conjuntural"

Videla já examina propostas para a obra de Atucha II

Buenos Aires — Propostas de sete importantes firmas internacionais para a construção da central termonuclear de Atucha II e de uma unidade de produtora de água pesada, além da cooperação a nível técnico e de pesquisas já estão sendo examinadas pelo Presidente Videla, segundo informou ontem o Contra-Almirante Carlos Castro Madero, presidente da Comissão Nacional de Energia Atômica deste país.

Castro Madero declarou que a central deverá entrar em funcionamento em 1987 e que os contratos para a sua construção serão firmados antes de fins de setembro. Segundo o Contra-Almirante, o programa nuclear argentino, que prevê a instalação de quatro usinas termonucleares até 1995, visa o desenvolvimento do setor com "alto grau de autonomia e respeito aos acordos internacionais sobre o uso pacífico da energia atômica, repudiando situações monopólicas de domínio." Nenhuma das empresas que participaram da concorrência deu ainda um preço total.

Plano 95 incluirá mais 3 hidrelétricas no Paraná

Curitiba — O plano 95 da Eletrobrás —, que vai determinar a construção das usinas hidrelétricas necessárias para suprir a demanda nacional nos próximos 15 anos, incluirá pelo menos mais três grandes obras para aproveitar o potencial energético do rio Iguaçu.

A informação foi dada pelo presidente da Companhia Paranaense de Energia Elétrica, Douglas Luizão, ao detalhar o projeto de construção da usina hidrelétrica Segredo, anunciada durante a visita do Presidente Figueiredo ao Paraná, na última sexta-feira.

Esta será a quarta grande usina ao longo do rio Iguaçu, que deverá ter mais três até 1995. A usina de Segredo estará localizada a 350 quilômetros de Curitiba e produzirá, quando concluída, 2 milhões e 100 mil quilowatts, que permitirão ao Estado alcançar auto-suficiência no fornecimento de energia elétrica.

A plena utilização do rio Iguaçu — os reservatórios da usina de Segredo terminarão na barragem de Foz do Areia — é determinada por excelentes condições topográficas que tornam menores os custos da produção de energia elétrica nesta região. O custo da primeira fase de obra está calculado em 500 milhões de dólares, que serão obtidos através de investimentos da própria Companhia Paranaense de Energia Elétrica, da Eletrobrás, do Banco Mundial ou do BID.

Com a construção de todas as hidrelétricas paranaense incluídas no plano 95, o Paraná vai dispor de uma oferta de energia elétrica da ordem de 10 milhões de quilowatts. Esta condição privilegiada está permitindo que alguns técnicos da Copel iniciem estudos para aproveitamento da eletricidade nas novas ferrovias do Estado. A primeira ferrovia eletrificada poderá ser a que ligará Foz do Iguaçu a Curitiba, como parte do corredor de exportações.

Maluf não comenta licitação para o risco em São Paulo

São Paulo — O Governador Paulo Salim Maluf negou-se ontem a comentar a decisão da Petrobrás, que colocou em licitação para contrato de risco a área do Estado de São Paulo. Depois de gravar um pronunciamento para uma rede de emissoras sobre os planos do Governo quanto à agricultura paulista disse que "hoje só falo de safras, por favor dem-me uma colher de chá".

Apesar da insistência dos jornalistas, o Sr Paulo Salim Maluf reafirmou que não falaria sobre petróleo, mas prometeu alguma declaração para amanhã. "Procurem-me, mas hoje peço novamente que me dem uma colher de chá". Um repórter referiu-se às declarações do presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki — que aconselhou o governador paulista a plantar cana e financiar a construção de destilarias de álcool. "Até logo", respondeu o Sr Maluf, retirando-se do salão de despachos.

Ontem, o governador paulista gravou um pronunciamento para ser exibido às 20 horas, por uma rede de emissoras de televisão de São Paulo, no qual expôs os planos e projetos de incentivo à agricultura.

Descoberto pela Braspetro, Majnoon ainda espera desenvolvimento

Líbia garante que Brasil não ficará sem petróleo

Brasília — Ainda que o mundo caia aos pedaços, nós jamais deixaremos que o Brasil fique sem energia — garantiu o Embaixador da Líbia, Bashir Fadel, festejando ontem a passagem do 10º aniversário da revolução que levou o Coronel Muammar Kadhafi ao Governo do seu país.

Mesmo não podendo reduzir o preço do petróleo, por imposição da OPEP, da qual é um dos países fundadores, a Líbia — segundo o Embaixador Fadel — se dispõe a ajudar o Brasil como for possível, quer facilitando as condições de pagamento, quer realizando investimentos, o que já será examinado na próxima reunião da Comissão Mista Econômica Líbio-Brasileira, que se realizará até o final do ano em Trípoli.

Para dar uma idéia de como a Líbia, que produz 1 bilhão de barris de petróleo da melhor qualidade e pode chegar à produção diária de 5 milhões 200 milhões de barris, também tem problemas sérios no plano econômico, o Embaixador Fadel propôs, bem-humorado, que o Brasil ceda uma parte de seus rios mais caudalosos, como o Paraná ou até 2/3 do seu petróleo. A falta de água é um dos maiores problemas de seu país.

Em tom mais sério, o embaixador explicou adiante que o Governo líbio, na verdade, quer que o Brasil tome o caminho da justiça internacional para a causa árabe, como vem fazendo até agora, diante do problema do sionismo.

— Sabemos que o povo brasileiro é bastante inteligente — disse o Sr Fadel — para não seguir o que dita a propaganda internacional, que está nas mãos dos sionistas, e entender que a culpa da crise atual de energia não foi causada pelos Árabes, porém, decorreu da inflação monetária internacional e, em especial pela desvalorização do dólar.

Ele citou como exemplo dessa tese o fato de que, enquanto o petróleo teve o seu preço elevado em 4,6% e, no máximo 10% num período, o preço dos manufaturados, dos alimentos e dos transportes foram aumentados, nesse mesmo espaço de tempo, em 30% e até 45%.

O Embaixador Fadel explicou, ainda, que, embora haja previsões de que o mundo árabe vai ter em seu poder, a partir de 1981, até dois terços de toda a moeda internacional, uma parte considerável desses recursos já está sendo usada no auxílio a países em desenvolvimento e na tentativa de dar aos próprios árabes tudo aquilo que os colonizadores, ao longo de quase 2 mil anos, lhes negaram: habitações, hospitais e escolas.

Convencidos de que os sionistas têm controle efetivo sobre os meios de divulgação internacionais, na imprensa, no rádio, nas televisões e nas editoras, também agora o mundo árabe, com os recursos do petróleo, vai competir nessa área, segundo o Embaixador da Líbia.

— Nós já estamos estudando esse problema e nos encontramos dispostos a gastar dinheiro e não receber nada em troca, só para podermos difundir a verdade. Essa é a nossa vantagem sobre os sionistas. Nós não precisamos ter lucros, não pretendemos comercializar os meios de comunicação. Temos dinheiro para gastar.

Como exemplo dos bons propósitos da Líbia com relação ao Brasil o Embaixador Fadel recordou que a Petrobrás através da Braspetro é a única empresa latino-americana autorizada a operar em seu território, em atividade de sondagens e de exploração do petróleo.

Proposta ao Iraque fica sem resposta

Graça Monteiro

O Governo do Iraque não respondeu ainda — apesar de vencido o prazo — à proposta de desenvolvimento do campo de Majnoon, descoberto pela Braspetro, e aparentemente o Governo brasileiro não está interessado em apressar a resposta, uma vez que isso pode implicar a renegociação dos termos de contrato feito em 1972, portanto antes da crise do petróleo.

O desenvolvimento do campo custaria ao Brasil 1 bilhão 500 milhões de dólares, mas nos termos do contrato original garantiria ao Brasil suprimento de 70% de suas importações de petróleo, pois Majnoon tem condições de produzir 700 mil barris/dia. O investimento compensaria, desde que o contrato fosse preservado, depois das profundas mudanças no mercado petrolífero após a crise de 73.

O contrato

De acordo com o contrato, a compra de petróleo seria feita da seguinte forma: 21% da produção do campo a um preço de aproximadamente 35% do valor determinado pela OPEP para o petróleo que exceder a isso; 40% terão que ser pagos a preço de referência da OPEP; e os restantes 39% poderão ser pagos a preço tender (concorrência internacional), pelo qual a companhia brasileira teria preferência no caso de bancar a proposta mais alta e ainda obter um desconto de 5% por barril.

A Braspetro já entregou ao Governo iraquiano 13 volumes com a proposta para o desenvolvimento do campo e colocá-lo produzindo em 82/83 de 200 mil a 250 mil a 250 mil barris/dia e, em 1985, cerca de 700 mil barris/dia, mas até o momento não obteve resposta, apesar de vencido o prazo contratual.

A demora dessa resposta é explicada por vários fatores: primeiro, uma falta inexplicável de garra e definição por parte das autoridades brasileiras na solução do assunto; segundo, e também inexplicável, a falta de apoio do Itamarati que tem seu Embaixador Mário Dias Costa, no Iraque, na situação de demissionário há vários meses, e não toma uma decisão (aliás, os embaixadores na Arábia Saudita e no Irã, Murilo Gurgel Valente e Aloísio Régis Bittencourt, países onde o Brasil depende das compras de petróleo, também estão demissionários há meses, sem que o Governo tome uma providência); terceiro, e mais grave, é que nem mesmo a diretoria da Petrobrás tem uma definição sobre se vale a pena investir 1 bilhão 500 milhões de dólares na produção do campo sem saber o que pode acontecer.

Preferência

O Brasil, até agora, tem desfrutado da preferência do Governo iraquiano que durante a recente crise no abastecimento (com a retirada de 5 milhões de barris/dia de petróleo do mercado por parte do Irã) foi quem resolveu o problema brasileiro aumentando suas vendas para o país. Entretanto, a situação das negociações do maior campo recentemente descoberto no mundo é diferente. O Iraque comercializa três milhões de barris de petróleo por dia, e o barril já está a 22 dólares. Isto significa que um país com uma receita como esta compra tecnologia onde quiser e, além disso, o Brasil é o único operando no Iraque.

É bem verdade que, como os técnicos da Petrobrás argumentam, o Iraque "tem uma dívida de gratidão" para com o Brasil por ter sido a Petrobrás a primeira empresa a comprar petróleo daquele mercado quando o Governo o nacionalizou e as empresas estrangeiras impuseram ao Iraque um boicote. Isso provocou inclusive vários processos a que a empresa brasileira teve de responder em foro internacional. Mas, no mundo do comércio, as dívidas subjetivas são facilmente esquecidas e o Iraque, como um país comerciante milenar, não foge a esta regra.

O que conta, segundo comenta o diretor Comercial da Petrobrás, Carlos Sant'Anna, é que os iraquianos sabem que até mesmo pela distância o Brasil não tem interesses imperialistas com relação ao Iraque e, muito pelo contrário, se coloca numa posição neutra. E exatamente essa neutralidade que faz que a Braspetro ainda subsista no Iraque que, com isso, compra alimentos brasileiros, contrata tecnologia especialmente na área de construção e é um dos tantos países que tencionam adquirir a tecnologia nuclear, que o Brasil deverá vir a ter.

Essa situação toda é citada pelos funcionários da Petrobrás como a razão para a incerteza sobre explorar ou não o campo de Majnoon. Mas, essa incerteza não se limita ao nível técnico, pois também atinge as autoridades brasileiras que definem a política energética. Até o momento, o Ministro das Minas e Energia não foi categórico quanto ao fato de o Brasil explorar ou não o campo de Majnoon. Não porque isso evidentemente não possa vir ao conhecimento público, pois implicaria em prejudicar as associações com o Iraque que ficou fortalecido na sua posição de recuar no cumprimento do contrato depois de ter sido publicado o documento do ex-Ministro Mário Henrique Simonsen afirmando que seria melhor para o Brasil não explorar, e negociar a venda do campo. Mas, sim, porque o Ministro César Cals não tem mesmo uma posição definida sobre o assunto, segundo seus assessores.

Explorar gastando 1 bilhão 500 milhões de dólares, num momento em que o Brasil está fartamente endividado? Ou negociar? E como negociar? Até mesmo quem vai negociar? Nenhuma dessas perguntas está respondida pelo Governo. É claro que qualquer definição deverá ser secreta para não atrapalhar as negociações, pois se o Brasil se declara desinteressado, é evidente que fortalece a posição do Iraque, que parece estar fazendo o mesmo jogo, ou seja, não quer que o Brasil explore, mas também não propôs ainda uma negociação da venda do campo, como fez com a francesa Elf-Arap.

Construção das oito usinas de Angra dos Reis até 1990 é considerada impossível

Terezinha Costa

Apesar de todas as declarações oficiais de que o programa nuclear vai continuar tal como previsto, um fato concreto é que a construção de oito centrais nucleares até 1990 — objetivo original do programa que norteou todo o acordo com a Alemanha — é física e financeiramente impossível.

Tanto que o programa de investimentos do setor elétrico até 1995 — o chamado **Plano 95**, que a Eletrobrás está concluindo para apresentar ao Governo nos próximos dias — dilata em cinco anos o cronograma de instalação das oito usinas.

Para que o objetivo original fosse cumprido no prazo previsto, seria necessário começar a executar as seis usinas que ainda faltam no máximo no ano que vem. Já está constatado que o prazo de construção de uma usina é de 8,5 anos, ao invés dos sete anos que se imaginava no início do programa. Juntando-se a isso o período de um a dois anos necessários para determinar a localização da central e obedecer aos procedimentos de licenciamento, o resultado é que são necessários 10 anos para colocar uma usina nuclear em operação (supondo-se que, no decorrer da construção, não seja muito constante a colocação de novas solicitações pelos órgãos licenciadores, cada vez mais exigentes no mundo inteiro).

A divulgação do acordo secreto de acionistas de uma das subsidiárias da Nuclebrás, a Nuclen, pôs a nu boa parte das mazelas do programa nuclear. Não bastassem as dificuldades em que se debate o programa de construção das usinas nucleares, com problemas técnicos e sucessivos atrasos, a divulgação do acordo da Nuclebrás com a KWU mostrou que o controle das decisões na Nuclen está nas mãos dos sócios alemães e levantou dúvidas sobre a transferência de tecnologia nuclear para o Brasil.

Dentro desse contexto, começam a surgir vozes, de pessoas que inclusive atuaram na execução do programa nuclear, francamente favoráveis à revogação pura e simples do acordo com a Alemanha. Outras, mais comedidas, lembram que tal medida equivaleria a fechar as portas a uma tecnologia de que o país não poderá prescindir a partir do ano 2000."Um rompimento do acordo com a Alemanha, além do descrédito internacional em que lançaria o país, seria certamente apoiado pelos países detentores da tecnologia nuclear, como Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra e outros, que nunca viram com bons olhos e alguns até pressionaram contra a disposição do Brasil de ingressar na era atômica", lembrou o diretor de sua estatal do setor.

Mas num ponto as opiniões são unânimes: a permanecer o programa nuclear, ele terá que ser revisto, adaptado à realidade do país e, para isso, será preciso renegociar o acordo com a Alemanha. Não só para redefinir as quantidades e prazos de compra de reatores alemães, mas também para eliminar dos acordos complementares as condições que permitem aos parceiros alemães exercerem, na prática, todo o poder sobre o programa brasileiro.

Melhorar o time

A eventual decisão do Governo de rever os termos do acordo com a Alemanha terá que passar, necessariamente, por uma reformulação na cúpula das decisões na área nuclear. Afinal, como lembra um técnico que trabalhou no programa nuclear e se retirou por não concordar com os rumos que ele tomava, os homens que negociaram o acordo estão convencidos do acerto de seus termos. Prova disso, por sinal, é a declaração do Ministro das Minas e Energia à época da assinatura do acordo, Sr Shigeaki Ueki, quando se revelou que a KWU é que efetivamente controla a Nuclen: "Isso é muito natural", disse ele, "como iríamos colocar a empresa sob controle brasileiro, se são os alemães que dominam a tecnologia?".

Além disso, comenta o mesmo técnico, uma revisão do acordo só poderá ser negociada com os alemães por uma equipe de especialistas da mais alta competência. Os postos de decisão na área nuclear estão hoje ocupados por homens que, a despeito de todas as qualificações que tenham, não são especialistas em energia nuclear. A única exceção, no caso, é o presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear — CNEN, Hervásio de Carvalho.

"Para enfrentar o problema da revisão do acordo", diz um técnico,"o Governo terá que formar um time de primeira, do contrário já entraremos em campo derrotados".

E, para manter a metáfora esportiva, é bom que se diga que é cada vez maior o número de bons jogadores no banco de reservas. As sucessivas crises na execução do programa nuclear, geradas, em sua maioria, por falta de uma liderança firme do Ministério das Minas e Energia, tanto ao tempo do ex-Ministro Shigeaki Ueki, quanto agora com o Sr César Cals, estão provocando o afastamento de bons técnicos de empresas como Furnas, Nuclen e Nuclebrás. "Há um estado de hostilidade recíproca entre as empresas e entidades encarregadas de executar o programa", diz um técnico do setor. "As crises sucessivas — basicamente entre Furnas e a Nuclebrás e entre esta e a CNEN — estão minando o time brasileiro. Como os dirigentes não se entendem, os problemas acabam estourando nas mãos dos técnicos de segundo escalão que, sem condições de trabalho, preferem se desligar e ir trabalhar em outros órgãos do Governo ou, mais freqüentemente, na iniciativa privada".

Essa situação gera uma rotatividade exagerada que acaba por comprometer o processo de transferência de tecnologia. Afinal, cada homem que se retira leva consigo uma fração de conhecimento. O programa nuclear não dispõe de bons técnicos em número suficiente para se dar a esse luxo.

Barganha

É claro que não será fácil propor à Alemanha uma revisão dos termos do acordo assinado em junho de 1975, entre os dois Governos, e, principalmente, dos acordos suplementares assinados posteriormente, entre a Nuclebrás e as empresas alemãs das quais é sócia em suas diversas subsidiárias. Os alemães se dispuseram a transferir a tecnologia para o Brasil em troca da compra de oito centrais nucleares até 1990 e de fornecimento de urânio. As oito centrais não serão compradas até 1990 e, quanto ao urânio, seu fornecimento ficou limitado a um percentual do que os próprios alemães achassem nas pesquisas feitas pela Nuclam, uma subsidiária da Nuclebrás da qual são sócios. Acontece que a Nuclam até agora praticamente não encontrou urânio, enquanto as pesquisas empreendidas pela Nuclebrás sozinha resultaram no aumento das nossas reservas de 12 para quase 200 mil toneladas.

Mas, de qualquer forma, o Brasil conta com um bom elemento de barganha, que é o fato de que a indústria nuclear alemã está sem encomendas internas e com poucas perspectivas no mercado externo — no qual, aliás, perdeu as encomendas que recebera do Irã, ao tempo do Xá Reza Phalevi, e que o **ayatollah** Khomeiny se encarregou de cancelar. A conclusão é que a indústria alemã precisa das compras brasileiras, ainda que elas não se façam como estava previsto.

O ponto fundamental do acordo com a Alemanha é o acesso ao ciclo do combustível e isso nem os mais ferrenhos críticos do programa negam. É por isso que a maioria dos que o contestam considera que o acordo nuclear, na sua essência, é um bem para o país. Mas sustentam, também, que a maneira como ele foi negociado e está sendo executado tem efeitos danosos e, por isso, precisa ser revisto.

A principal crítica prende-se ao compromisso que o Brasil assumiu de comprar oito usinas nucleares, um número considerado exagerado, num prazo relativamente curto, tendo em vista o potencial hidrelétrico do país. Mesmo porque, quando essas oito usinas estiverem instaladas, muito provavelmente já estarão obsoletas, pois, dentro de no máximo 10 anos, os reatores **fast-breeder**, alimentados de plutônio, já deverão estar em operação comercial. Essa segunda geração de reatores permitirá um aproveitamento muito mais eficiente do urânio existente no mundo. Os técnicos calculam que, se as reservas mundiais do minério continuarem a ser usadas no ritmo atual, nos reatores atuais, dentro de 30 a 40 anos elas estarão esgotadas. Daí a importância dos **breeders**, e, por isso mesmo, a inconveniência de comprometer recursos num número excessivo de usinas que em pouco tempo serão obsoletas.

Todas essas questões terão que ser levadas em conta numa futura revisão do acordo. E a definição do Governo brasileiro não pode mais se fazer esperar muito. Os sócios alemães estão impacientes, e já começam a pressionar: a comunidade científica anseia por uma participação maior, assim como o empresariado nacional. E, acima de tudo, o contribuinte brasileiro, que, em última análise, é quem vai pagar as contas, exige uma definição sobre os caminhos que vai tomar a política nuclear brasileira daqui para a frente.

São Paulo pode vir a purificar o urânio

São Paulo — Não é totalmente descartada a possibilidade do surgimento em São Paulo de uma usina, de economia mista ou mesmo particular, para operar na fase conhecida como conversão de urânio, através da qual se obtém o urânio nuclearmente puro a partir do **yellow cake**.

Isso porque o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (o antigo Instituto de Energia Atômica de São Paulo) não tem, de imediato, a quem fornecer a tecnologia que vem desenvolvendo há cerca de 10 anos no campo da purificação de urânio. O seu cliente em potencial era a Nuclebrás, a qual, segundo se noticiou na semana passada, está inclinada a comprar essa tecnologia do grupo francês Pechiney Kullmann.

Rentável

A purificação do urânio é uma operação que pode ser economicamente rentável em vista dos preços crescentes do mercado internacional, além de permitir, no curso do processo, obter uma série de subprodutos também de largo emprego e custo elevado. É o caso, por exemplo, do hexafluoreto de enxofre, de grande emprego nas linhas de transmissão de eletricidade de alta tensão. Um dos produtos intermediários, o diuranato, é cotado no mercado internacional entre 40 e 60 dólares a libra-peso (450 gramas).

O superintendente do IPEN, coronel Hernâni Augusto Lopes de Amorim, que é também engenheiro nuclear, informou na última semana, após a visita do Ministro César Cals à usina piloto do instituto, que a tecnologia desenvolvida está à disposição de interessados. Ela será fornecida acompanhada de todo assessoramento necessário para um dimensionamento de produção em nível industrial.

O IPEN, segundo adiantou, tem condições de fornecer o projeto básico de uma usina em nível industrial, com base na experiência obtida em sua usina piloto, que, apesar de experimental, já produziu, nesses 10 anos, mais de 30 toneladas de urânio nuclearmente puro, que estão armazenadas no estoque do Governo, mantido pela Comissão Nacional de Energia Nuclear. Essas 30 toneladas, no processo de enriquecimento, resultam em cerca de 5 toneladas de urânio - 235 para ser usado como combustível de usinas atômicas. Nas suas três unidades, a usina-piloto do IPEN tem capacidade para produzir 13 a 14 quilos de trióxido de urânio por hora, sete quilos de tetrafluoreto de urânio e meio quilo de hexafluoreto de urânio (UF-3), que é o urânio nuclearmente puro.

o Coronel Hernâni Amorim adiantou que não existe ainda qualquer plano para instalar-se no Brasil uma usina em nível industrial, salvo a pretendida pela Nuclebrás, mas se o Governo do Estado ou algum particular se dispuser a isso, o IPEN fornecerá a tecnologia, o projeto básico, dará todo o assessoramento especializado e ainda acompanhará o detalhamento do projeto a ser feito pela empresa a ser contratada.

O Instituto, conforme frisou, só trabalha em nível de pesquisa e, mesmo que tivesse maiores dotações orçamentárias iria desenvolver outros projetos, e não instalar uma indústria de purificação de urânio. "A nossa usina-piloto não tem preocupação em produção, mas somente em desenvolver a tecnologia, que já está inteiramente dominada, restando apenas uma complementação na fase final de produção do hexafluoreto de urânio", disse ele.

Para o superintendente do IPEN, a idéia de construção dessa usina pode tornar-se realidade se as autoridades estaduais tiverem interesse, mas assegurou que não existe, até agora, qualquer sugestão nesse sentido de parte do instituto. "Se o Governo do Estado desejar uma indústria nuclear por esse processo, vamos apresentar um projeto básico", afirmou. Disse ainda que, com exceção dos instrumentos de laboratório, todo o restante do equipamento pode ser obtido no mercado interno brasileiro, sem necessitar de importação.

O programa da Nuclebrás prevê a construção de três unidades industriais: uma de conversão (idêntica a do IPEN, apenas em nível industrial); outra de enriquecimento de urânio e uma terceira de elementos combustíveis. As duas últimas constam do acordo nuclear com a Alemanha, mas a usina de conversão ficou de fora, daí a esperança alimentada pelo IPEN de fornecer a sua tecnologia à Nuclebrás. O instituto tem ainda tecnologia na produção de elementos combustíveis (barras ou lâminas contendo pastilhas de urânio, que vão dentro dos reatores). Foi desenvolvida pelo setor de metalurgia nuclear do IPEN, que já forneceu algumas unidades para diversos reatores de pesquisas no Brasil.

O prof. Alcídio Abrão (que em 1958 conseguiu produzir, em laboratório, urânio neclearmente puro) observou que não existe segredo nessa operação, constando mesmo de compêndios especializados. O fundamental, entretanto, é o desenvolvimento da tecnologia nas suas diferentes fases, e foi isso que o Centro de Engenharia Química Nuclear do IPEN realizou.

Uma usina de conversão divide-se em três unidades. A primeira, partindo do **yellow cake** (um composto mineral de urânio com apenas 83% a 85% de pureza), obtém-se o nitrato de urânio, depois o diuranato de amônia e, por decomposição térmica, o trióxido de urânio. Na segunda unidade, faz-se a redução do trióxido em dióxido e, numa reação com fluoreto de hidrogênio anidro, chega-se ao tetrafluoreto de urânio. Este já é um subproduto de aplicação na metalurgia, para produzir, por exemplo, o urânio metálico que alimentava antigos reatores ingleses.

Na última fase, chega-se ao hexafluoreto de urânio através de uma reação do tetrafluoreto com flúor elementar. Tem-se, então, o urânio nuclearmente puro para ser levado à usina de enriquecimento e, posteriormente, à indústria de elementos combustíveis para, finalmente, ser utilizado nas usinas nucleares. Essa última fase da purificação é considerada muito importante, pelo fato da utilização do flúor. Trata-se de um material estratégico, não encontrável no mercado, e que, no caso da usina-piloto do IPEN, exigiu que se desenvolvesse uma produção própria.

No Brasil, o **yellow cake** será produzido por uma usina que a Nuclebrás está construindo em Poços de Caldas, Minas Gerais, que terá capacidade para 500 toneladas anuais. Essa produção permite a obtenção de urânio nuclearmente puro para os três primeiros reatores brasileiros, já que, cada um, utiliza de 15 a 20 toneladas por ano. A usina-piloto do IPEN utilizou como matéria-prima, em suas pesquisas, concentrados de urânio obtidos a partir da areia monazítica.

São Paulo — Arivaldo dos Santos

Amorim (D) defende a tecnologia nacional e Alcídio diz que processo não tem segredo

Falecimentos

Rio de Janeiro

Antônio Cardoso da Silva Filho, 69, funcionário publico, no Hospital dos Servidores do Estado. Nascido no Rio de Janeiro, morava na Tijuca. Trabalhou como fiscal de obras até se aposentar. Casado com Paula Santos da Silva, tinha um filho (Eduardo) e dois netos. Enfarte do miocárdio. Será sepultado às 10h no Cemitério São Francisco Xavier.

Sérgio Pimentel de Souza, 56, vendedor autônomo, no Hospital da Penitência. Natural do Rio de Janeiro, casado com Júlia Borges de Souza, morava no Rio Comprido. Cirrose hepática. Será sepultado às 9h no Cemitério São Francisco Xavier.

Arthur Pereira Santiago, 66, comerciante (proprietário do bar Palmeiras). Nascido no Rio de Janeiro, morava em Botafogo. Casado com Diva Barbosa Santiago, tinha duas filhas: Sandra e Sônia. Parada cardíaca. Será sepultado às 12h no Cemitério São João Batista.

Cláudio Baptista de Macedo, 45, industriário, no Prontocor. Natural de São Paulo, morava em Santos e trabalhava na Indústria de Calçados Martines, no Estado de São Paulo. Desquitado, tinha um filho, Marcelo. Enfarte do miocárdio. Será sepultado às 16h no Cemitério de Albuquerque, em São Paulo.

Etelvina Amaral de Carvalho, 76, na sua residência em Ipanema. Carioca, viúva de Ernesto Carvalho, tinha quatro filhos: Celso, Célia, Carmem e Cecília. Tinha ainda netos. Insuficiência cardiorespiratória. Será sepultada às 10h no Cemitério São João Batista.

Rosemira Dourado Ribeiro, 79, na Casa de Saúde de Frei Fabiano. Natural do Rio de Janeiro, viúva de Guilherme Dantas Ribeiro, morava em Copacabana. Acidente vascular cerebral. Será sepultado às 9h no Cemitério São João Batista.

Lúcia Corrêa Leite, 38, na Promatre. Nascida no Rio de Janeiro, morava em São Cristóvão. Casada com Jorge Pessoa Leite, tinha um filho: Luiz Paulo. Parada cardíaca. Será sepultada às 10h no Cemitério São Francisco Xavier.

Ilma Peixoto de Oliveira, 65, na sua residência em Piedade. Natural do Rio de Janeiro, era viúva de Osvaldo P. de Oliveira. Câncer. Será sepultada às 11h no Cemitério de Inhaúma.

Estados

Salvador César Obino, 93, Marechal, no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Nascido na cidade de Bagé, ingressou na carreira militar em 1902, como aluno da antiga Escola Preparatória de Rio Pardo (RS). Em 1905, transferiu-se para a Escola Militar do Brasil, no Rio de Janeiro, de onde saiu Aspirante a Oficial em 1908. Após comandar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e chefiar o Estado-Maior da 3a. Região Militar, de onde saiu para ocupar a direção de Ensino do Exército, em 1942. De 43 a 45 desempenhou as funções de Comandante da 3a. Região Militar, quando recebeu a promoção a General de Divisão. Comandou a 1a. Região Militar, no Rio de Janeiro, em 1946, chegando a Chefe do Estado-Maior do Exército. Naquele mesmo ano foi promovido a General do Exército. Primeiro-Ministro-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, comandou a Zona Militar Sul, atual III Exército. Em 1952 reformou-se como Marechal. Durante toda a sua carreira militar, recebeu várias condecorações nacionais e internacionais, entre as quais o grau de Grande Oficial da Legião de Honra da França e a Comenda da Legião do Mérito dos Estados Unidos. Casado com Noêmia Maurell Obino, não tinha filhos. Pneumonia.

Oscar Honório de Oliveira, 49, comerciário, na sua residência no bairro da Várzea no Recife. Natural de Alagoas, era solteiro. Derrame cerebral.

José Pedro da Silva, 29 agricultor, em Paulista (PE). Pernambucano de Itaquitinga, na Zona da Mata Norte do Estado, era casado e tinha dois filhos. Assassinado.

Exterior

Madre Conchita (Concepcion Acevedo de Llata), 87, monja católica que se converteu numa das principais figuras da revolução **cristera** (conflitos religiosos entre católicos e forças anticlericais do Governo) nos anos 20, no México. Ela se tornou célebre durante o julgamento de Jose Leon Toral, homicida do claudilho Alvaro Obregon, em 1928, quando havia sido declarado Presidente eleito. Sentenciada a 20 anos de prisão como suposta autora intelectual do homicídio, ela contraiu matrimônio, com permissão papal, com Carlos Castro Balda, seu correligionário e admirador, que se encontrava preso sob a acusação de terrorismo. Eram os tempos da revolução **cristera**, que custou mais de 100 mil vidas entre 1923 e 1930. Os conflitos entre católicos e forças anticlericais desencadearam uma onda de atentados terroristas.

A Madre Conchita foi indultada nos anos 40 pelo Presidente Manuel Avila Camacho. Ela sustenta em sua autobiografia que foi inocente e que não teve outra relação com Leon Toral além da religiosa. Depois do julgamento de Toral e da Madre, um grupo de obregonistas tentou linchar a monja. Os golpes que ela recebeu afetaram sua coluna vertebral. Castro Balda fora acusado de colocar bombas na Câmara dos Deputados durante o conflito religioso. Já na prisão, aproximou-se da Madre e afirmou: "Sinto que minha missão é protegê-la e permanecer ao seu lado. Rogo que se case comigo". Isto segundo versão de Agustin Martinez Avelleyra, que publicou vários livros sobre os acontecimentos da época.

"Desde que saiu da prisão, a Madre Conchita se dedicava a coletar roupa e alimentos para o internato que fundou no Vale do Mezquital", disse uma das monjas que preparavam o funeral. O Vale do Mezquital é uma das zonas mais pobres do México. Ainda durante o funeral, Castro Balda afirmou: "Tudo o que disse dela foi acusação falsa. Um corpo de jurados a absolveu, mas os interesses políticos da época obrigaram a mantê-la na prisão, além de torturá-la e difamá-la". Ataque cardíaco.

AVISOS RELIGIOSOS

ADELAIDE ARAUJO DE MELO

(Missa 7º dia)

✝ Agradecemos carinhos manifestações de pesar por ocasião falecimento querida mãe, sogra e avó ADELAIDE e convidam para missa 7º dia às 9.30 hs do dia 03/09/79. Capela Colégio Militar Tijuca.

ADELIA DANIEL RIBEIRO

6º MÊS

✝ Sua família, filho, nora, netos, bisneta, irmã, primos e demais parentes e amigos agradecem ao comparecimento à Missa celebrada em intenção à sua alma.

ALBERTO JAPI-ASSÚ

(FALECIMENTO)

✝ As famílias Japi-Assu, Tourinho e Corrêa Bandeira de Mello comunicam o falecimento do seu BITU e informa que seu sepultamento será dia 2. Domingo às 12 horas, no Cemitério São João Batista, saindo o feretro da Capela nº 2 da Real Grandeza (P

Carro em marcha à ré fere dois

Um opala da Procuradoria Geral do Estado, chapa oficial 020, saiu de marcha à ré a grande velocidade da garagem do Tribunal de Contas, na Rua da Constituição, 44, desgovernou-se e colidiu com quatro carros, todos estacionados na rua, causando ferimentos em duas pessoas — um menino e um homem, que foram medicados no Hospital Souza Aguiar. O fato ocorreu sexta-feira, às 22h30m. Quem dirigia o Opala era um vigia da Comlurb, Sérgio de Oliveira, 39 anos.

Sérgio, à disposição do Tribunal de Contas como chefe da garagem, não é habilitado para dirigir. Antes mesmo de sair da garagem, danificou com o carro derrubou uma porta e quebrou vidros do escritório de expedição. As vítimas foram Artur José, 9 anos, filho de José Gama Seco, e o motorista de um Passat, João Gilberto Natividade. Sérgio de Oliveira foi preso e autuado em flagrante.

Delegado quer mandar na polícia

Curitiba — Exigir do Governo do Estado que a polícia civil seja dirigida por delegados de carreira de primeira classe, e dos associados a participação nas lutas classistas são as decisões principais de reunião da Associação dos Delegados do Paraná, realizada na noite de sexta-feira.

"Se não há delegado de carreira chefiando tribunais, então não justifica que promotores chefiem a polícia", observou o presidente da Associação, José Maria Correia. A reivindicação está em memorial a ser entregue amanhã ao Governo do Estado; ao qual também será apresentado um projeto para novo estatuto da classe. O atual "é uma espécie de código penal da polícia", comentou.

"Os delegados vivem numa total insegurança, assoberbados de trabalho e com rendimentos que não lhes garantem uma existência condigna com a profissão", afirmou o Sr José Maria Correia. Há duas semanas, congresso realizado em Curitiba concluiu que um dos meios de moralizar a polícia seria a melhoria salarial.

Para os delegados de carreira, a situação só estará condizente quando houver equivalência salarial com os promotores públicos. A Associação já preparou até uma tabela de vencimentos para todas as categorias policiais; por ela, um delegado de primeira classe ganharia cerca de Cr$ 47 mil 500 — hoje recebe Cr$ 28 mil 729, tudo incluído.

Polícia não identifica 16 cadáveres

Recife — Dezesseis cadáveres, todos com sinais de violência, foram descobertos nos últimos dois anos em Quipapá, a 197 quilômetros do Recife, sem que a polícia tenha desvendado qualquer dos crimes, denunciou ontem o promotor do município, Sr Manuel Martins de Andrade.

Nenhum dos corpos foi identificado, mas parecem ser de humildes lavradores ou pessoas egressas de outras regiões. O promotor não quer acusar ninguém enquanto a polícia não descobrir seus nomes e os criminosos ou mandantes. Ele pediu ajuda à Secretaria de Segurança do Estado.

Estudantes incendeiam tapume

Teresina — Irritados com a demora da obra, cerca de 200 estudantes de Parnaíba, a 340km ao Norte de Teresina, incendiaram o tapume de proteção da Praça da Graça, no Centro da cidade, e saquearam o material da firma construtora que estava no canteiro.

Os prejuízos são superiores a Cr$ 2 milhões, e segundo o Prefeito Batista Silva, do MDB, o movimento foi liderado pelo Deputado da Arena, Moraes Souza, o **Mão Santa**, que recrutou os estudantes do colégio Lima Rebelo, "incitando-os à desordem".

O fogo, segundo o Prefeito, ameaçou propagar-se e por pouco não atingiu vários prédios públicos junto da Praça, como a sede dos correios e telégrafos, a igreja matriz e o cinema.

O Prefeito Batista Silva pediu à Secretaria de Segurança a instauração de inquérito e reforço policial para garantir o reinício das obras, enquanto a firma construtora, a Gervásio Costa Filho, contratou a advogada Iracema Santos Rocha, para cobrar, judicialmente os prejuízos ao deputado.

Detetive agride e prende motorista que socorreu atropelado por outro

Depois de levar, a pedido de populares, a vítima de um atropelamento em Bangu até o Hospital Olivério Kraemer, acompanhado de uma testemunha de que não era o culpado, o motorista do caminhão RJ VY-9608, da Ceasa, Luís Alves de Lima acabou sendo agredido pelo detetive de plantão, Edson, e levado preso em camburão à 34ª DP, onde mais tarde ninguém soube informar seu destino.

Testemunhas afirmam que o policial agrediu o motorista Luís Alves de Lima quando este tentava comunicar-se por telefone com seus chefes na Ceasa. A pessoa que poderia isentá-lo da responsabilidade do atropelamento fugiu apavorada com os acontecimentos. A vítima do atropelamento, por um automóvel, na esquina das Ruas Rangel Pestana e Rio da Prata, é Erasmo Andrade, depois transferido para o Hospital Getúlio Vargas, com traumatismo crânio-encefálico e fraturas do úmero e fêmur esquerdos.

MORTOS A TIROS

Baleado no alojamento do Quartel dos Marinheiros, na Av. Brasil, o marinheiro Carlos Roberto de Souza Santos, 18 anos, morreu à tarde no Hospital Getúlio Vargas. Companheiros que o levaram afirmam que o tiro foi acidental, disparado de uma pistola 45 de um marinheiro que se preparava para assumir a guarda. Ocorrido em área militar, o fato não foi levado ao conhecimento da polícia.

Foi encontrado morto com dois tiros, na esquina das Ruas das Amoreiras e Cajazeiras, o soldado José Luís dos Santos, que servia no Regimento de Polícia Montada, em Campo Grande, e se encontrava licenciado. Uma radiopatrulha do próprio regimento encontrou o corpo e, distante uns 500m, os documentos do militar.

ATROPELADOS

Os ciclistas Marcos Antônio de Souza, 13 anos, Leonardo dos Santos Aquino, 19 anos, e Sílvio da Rocha Pinto, 24 anos, foram atropelados ontem, por um Brasília não identificado, quando faziam treinamento em grupo (eram ao todo oito os ciclistas), na altura do Km 1 da Av. das Américas. Marco Antônio e Leonardo, com contusões e escoriações, e Sílvio, com fratura no braço esquerdo, foram medicados no Hospital Lourenço Jorge. O grupo regressava à Cidade de Deus, depois de ter ido até à Barra da Tijuca.

TRAFICANTES PRESOS

Foram presos na Favela da Maré, em Bonsucesso, pelo Patamo (Patrulhamento Tático Móvel) do 3º Batalhão da Polícia Militar, ontem, os traficantes de tóxicos Angelo Cleto, Pedro de Lima Borges, o **Pedrinho**, Roberto Santos da Costa Sá, o **Pintinho**, e José Roberto dos Santos, o **Neném** — todos da quadrilha chefiada por **Beiçola**, traficante e assaltante que age em Bonsucesso e Ramos.

Os presos — moradores na Rua Silva Rego, 31 - fundos, exceto **Pedrinho**, que mora na Estrada do Galeão, s/nº — foram levados para a 23ª DP.

ASSALTOS

Quatro homens, armados de revólveres 38, assaltaram ontem de manhã o encarregado da Construtora Concal, Rubens Amaral Rojas, na obra da Rua Humaitá, 285, momentos depois que um carro-forte da Brinks ali deixou malote com dinheiro para pagamento dos operários. Levaram Cr$ 141 mil 615.

Os bandidos chegaram a pé. Na fuga, roubaram o Corcel placa ES EI-4566, arrancando seu motorista, Evantuil Correa Neto, à força de dentro do carro, que levava Cr$ 40 mil da Elevadores Otis para pagamento de empregados que fazem serviços na Zona Sul. Fugiram na direção da Gávea. A 15ª DP registrou os dois assaltos.

Na Avenida Antares, em Paciência, Genário Rodrigues, 20 anos, foi assaltado por dois homens. Levaram-lhe o relógio e mandaram-no correr. Porque não tinha dinheiro, deram-lhe um tiro nas costas. Ele foi socorrido no Hospital Rocha Faria e a 36ª DP registrou.

TIRO E COLISÃO

Baleado na coxa esquerda, Vanderlei Policarpo da Silva, 34 anos, foi socorrido ontem no Hospital Salgado Filho. Contou que tomava uma cerveja na Rua Visconde de Niterói, perto da quadra da Mangueira, quando foi alvejado, não sabe por que nem por quem. A 17ª DP registrou.

Itamar Brandão Galego, 22 anos, dirigia o Opala RJ OT-9173 pela Rua Ceará, perto da Praça da Bandeira. Seu carro chocou-se com o Volkswagem RJ QO-9484, dirigido por Valeriano Soares de Araújo. Valeriano nada sofreu, mas Itamar fraturou algumas costelas. Foi medicado no Hospital Salgado Filho. A 17ª DP registrou.

SEQÜESTRO

Síndico há oito meses do edifício da Av. Presidente Vargas, 2 007 (esquina de Santana), o médico Manuel Pereira Namora Nunes, 42 anos, que, segundo sua mulher, D Maria Conceição Lopes, vem "tentando moralizar" o prédio (que se tornou conhecido como o Balança / Mas / Não / Cai), foi agredido e seqüestrado por três homens, na noite de sexta-feira, porque exigiu que indicasse a que apartamento se dirigiam.

Empurrado para dentro de um Maverick branco, final de placa 6681, o síndico foi levado à Barra da Tijuca e ali espancado, a pretexto de "lição". Descalço e com a camisa manchada de sangue, o médico conseguiu apanhar um táxi e retornar à cidade, tendo apresentado queixa na 6ª DP. Afirmou não conhecer os seqüestradores, que eram jovens e estavam bem vestidos.

JOSÉ PEREIRA DA COSTA JUNIOR

(7º DIA)

✝ Odette Monteiro Silva Costa, Celso de Souza Carvalho Filho e familia, Ronaldo Costa, Pedro Costa e Familia, Benny Szajnfarber e Sra. Emanuel Costa e família e Maria da Graça Silva Costa, agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido marido, pai, sogro e avô e convidam para a missa de 7º dia que será celebrada dia 4 de setembro, terça-feira, às 10,30 hs, na igreja de N.S. do Carmo, à Rua 1º de Março.

JEANNETTE TABET CURY

(6º ANIVERSÁRIO DE SAUDADE)

✝ José Salomão Cury e Maria Fifa Cury convidam parentes e amigos para celebrarmos juntos a santa memória de JEANNETTE TABET CURY, esposa e mãe. A Missa será rezada na proxima quinta-feira, 6 de setembro às 11:30 horas, na Igreja de São José à Rua São José, Praça Quinze, onde daremos novo testemunho de agradecimento.

STEFAN SZTANCSA

(Falecimento)

✝ Diva Brasil Sztancsa, Sergio e Doris cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido esposo e pai e convidam parentes e amigos para o velório hoje, às 11:00 horas e o sepultamento às 13:00 horas, no Cemitério São João Batista, saindo da Capela nº 5 da Real Grandeza (P

VICENTE DI FRANCO

(MISSA DE 7º DIA)

✝ A Familia de VICENTE DI FRANCO agradece as manifestações de pesar, e convida para a missa que será realizada segunda-feira, dia 3, às 10:00hs na Igreja N. S. da Paz

Ônibus fere 31 na Av. Brasil

Desgovernado por ter um pneu dianteiro estourado, um ônibus Campo Grande—Guadalupe rodou por 60 metros sobre o canteiro entre as pistas da Avenida Brasil, até se chocar com a mureta divisória, que começa na altura do conjunto residencial Casa Popular de Deodoro. Foi ontem de manhã, e houve 31 feridos, cinco com alguma gravidade.

O ônibus XM-7628 era dirigido por Eudes Cândido, que corria em direção a Guadalupe pela pista central. O pneu direito, recauchutado, estourou quando ele ia desviar para a pista da direita. O choque com a mureta arrancou o motor, que caiu sobre o motorista, retirado das ferragens por bombeiros.

Um passageiro ficou em observação no Hospital Getúlio Vargas e, dos demais feridos com gravidade, três tiveram fratura de perna e um do braço. Os feridos foram recolhidos por ambulâncias do Posto de Assistência Médica de Deodoro e do Hospital Carlos Chagas. Guarnições dos bombeiros de Anchieta e de Campinhos estiveram no local. Depois de medicado, o motorista foi autuado na 30ª DP.

EUA prevêem furação em Cuba

San Juan, Porto Rico e Washington — O furacão David deverá atingir a costa Leste de Cuba esta tarde, previu o Serviço de Meteorologia dos Estados Unidos. Nos últimos dias, ele devastou áreas nas ilhas de Barlovento, Porto Rico, República Dominicana e Dominica, matando pelo menos 125 pessoas. Só em Porto Rico há cerca de 20 mil desabrigados.

O Governador de Porto Rico divulgou ontem, pelo rádio, que um terço da população da ilha (3 milhões de pessoas, ao todo) está sem água e energia elétrica; as perdas nas colheitas de açucar e café chegam a 55 milhões de dólares. Na República Dominicana, o Presidente Antônio Guzman afirmou que não houve mortos nem feridos, mas há milhares de desabrigados em São Domingos.

DEVASTAÇÃO

O presidente dominicano utilizou uma cadeia de rádio da defesa civil, a única que continua a operar. O país está sob toque de recolher à noite; a Capital não tem telefones, nem energia elétrica. Metade das árvores e postes da cidade foi arrancada pelos ventos, que atingiram 200 km/h. A chuva continua forte.

Estão em alerta as populações do Sul da Flórida (Estados Unidos) e das Bahamas. No Atlântico Sul toma corpo o furação Frederick, enquanto a tormenta tropical Elena se mantém no golfo do México, a uns 200km da costa do Texas.

O furação David causou pequenos danos no Haiti, sendo fracamente sentido na Capital, Porto Príncipe, porque o país, na outra metade da ilha de Hispaniola, é protegido por uma cadeia de montanhas que o separa da República Dominicana.Os ventos apenas arrancaram alguns telhados de alumínio e derrubaram árvores, na costa Norte.

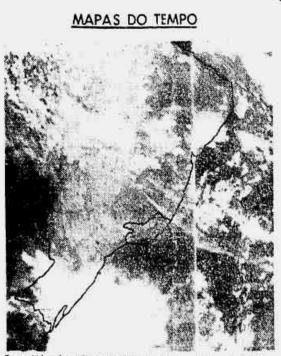
MOBILIZAÇÃO DA OEA

A OEA (Organização dos Estados Americanos) anunciou, em Washington, a mobilização de seus recursos para socorrer as áreas atingidas. O Secretário-Geral, Alejandro Orfilla, convocou reunião urgente do Conselho Permanente da OEA para quinta-feira, para coordenar o envio dos socorros. Em mensagem aos países-membros, ressaltou: "Devemos atuar com celeridade e pôr em prática os princípios de solidariedade hemisférica." A OEA se valerá de recursos do Fondem (Fundo de Emergência) e prepara um programa de assistência técnica. Especialistas serão enviados à zona do desastre para avaliar os danos e propor medidas.

Loteria dá 1º prêmio ao Paraná

O 1º prêmio da Loteria Federal, de Cr$ 3 milhões, saiu ontem, na extração nº 1 634, para o bilhete 63 722 vendido no Paraná. O 2º, de Cr$ 300 mil, foi sorteado para São Paulo (55 458), ganhador também do 4º prêmio (Cr$ 100 mil) — 37 382; o 5º (Cr$ 80 mil) — 04 048; e o único de Cr$ 15 mil 600 com o nº 19 772. O 3º (Cr$ 120 mil) ficou com o Rio G. do Sul: 266 07.

Os bilhetes terminados com o milhar 3 722 receberão Cr$ 22 mil 500. Os terminados com o milhar invertido, composto pelos algarismos 3.7.2.2. terão Cr$ 3 mil.

MAPAS DO TEMPO

Transmitido pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebido entre 17h25m e 19h07m. As partes claras indicam formação de nuvens que podem provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 mil 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Frente fria [illegible] Paraná e estendendo-se no Atlântico Sul e deslocando-se com [illegible]. Anticiclone polar com centro de 1019mb localizado a 28ºS, 65ºOeste. Anticiclone subtropical com centro de 1019mb localizado aproximadamente 20ºS, 30ºOeste. Linha de instabilidade ao longo do litoral do Sudeste.

NO RIO

Parcialmente nublado, passando a encoberto e sujeito a instabilidade com rajadas fortes. Temperatura prevista para hoje estável no início. Máxima e mínima de ontem: 36.2 (Jacarepaguá) e 19.4 (Santa Teresa).

OS VENTOS

Nordeste a Sudoeste, fracos a moderados, com rajadas ocasionais.

A CHUVA

Medida em mm e recolhida no posto do Aterro do Flamengo do Instituto Nacional de Meteorologia

Ultimas 24 horas	0.0
Acumulado este mês	0.0
Normal mensal	53.2
Acumulado este ano	853.0
Normal anual	1075.5

O SOL

Nascer	06h02m
Ocaso	[illegible]

A LUA

CRESCENTE

Crescente em 5 de setembro

O MAR

Marés

Rio/Niterói — Preamar: 6h40m/0.2m e 19h17m/0.3m. Baixa-mar: 12h55m/[illegible]

Angra dos Reis — Preamar: 5h37m/0.4m e 18h22m/0.6m. Baixa-mar: 12h[illegible]

Cabo Frio — Preamar: [illegible] e 18h[illegible]/0.5m. Baixa-mar: 12h09m/[illegible]

Temperaturas

Centro da Baía	21º
Fora da Barra	21º

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

É a seguinte a previsão do tempo hoje nos seguintes Estados e Territórios da União.

Amazonas — Parcialmente nublado a nublado com chuvas isoladas no período e trovoadas isoladas na parte da tarde. Temp.: estável.

Pará — Parcialmente nublado a nublado com chuvas esparsas no período. Temp.: estável.

Acre — Parcialmente nublado. Temp.: estável.

Rondônia — Parcialmente nublado a nublado. Temp.: estável.

Roraima — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a pancadas esparsas na parte da tarde. Temp.: estável.

Amapá — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a pancadas e trovoadas isoladas na parte da tarde. Temp.: estável.

Maranhão — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a chuvas esparsas no período. Temp.: estável.

Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte — Parcialmente nublado a nublado. Temp.: estável.

Paraíba e Pernambuco — Parcialmente nublado a nublado no período e sujeito a chuvas e trovoadas isoladas na parte da tarde; claro a parcialmente nublado nas demais regiões. Temp.: estável.

Alagoas e Sergipe — Parcialmente nublado a nublado no Oeste; parcialmente nublado a nublado e sujeito a chuvas esparsas nas demais regiões. Temp.: estável.

Bahia — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a chuvas esparsas no litoral. Temp.: estável.

Mato Grosso do Norte — Parcialmente nublado no Sul; parcialmente nublado a nublado e sujeito a pancadas e trovoadas isoladas na parte da tarde nas demais regiões. Temp.: estável.

Mato Grosso do Sul — Parcialmente nublado. Temp.: estável.

Góias — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a instabilidade, principalmente no Norte do Estado. Temp.: estável.

Brasília — Parcialmente nublado a nublado e sujeito a instabilidade. Temp.: estável.

Minas Gerais — Parcialmente nublado a nublado. Temp.: estável.

Espírito Santo — Nublado podendo instabilizar-se a partir do Sul do Estado. Temp.: em ligeira elevação.

São Paulo — Nublado e passando a instável no litoral; parcialmente nublado a nublado e instabilizando-se no decorrer do período nas demais regiões. Temp.: estável no início e declinando após.

Paraná — e Santa Catarina — Nublado e ainda sujeito a instabilidade no início. Temp.: em declínio.

Rio Grande do sul — Nublado no Norte e passando a claro; claro nas demais regiões. Temp.: em declínio.

O TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje nas seguintes cidades:

Amsterdã 25 nebuloso — Assunção 23 chuvoso — Atenas 27 claro — Beirute 28 claro — Berlim 27 claro — Bonn 26 claro — Bruxelas 27 claro — Buenos Aires [illegible] claro — Chicago 25 nebuloso — Copenhague 2[illegible] nebuloso — Estocolmo [illegible] encoberto — Genebra 2[illegible] claro — Jerusalém 29 claro — Lima 16 encoberto — Lisboa 26 [illegible] — Londres [illegible] encoberto — Madri 27 claro — Miami 31 claro — Montevidéu [illegible] claro — Montreal 24 claro — Moscou [illegible] encoberto — Nova Iorque 26 nublado — Paris 28 claro — Roma 26 claro — São Francisco 20 encoberto — Teerã 36 claro — Tóquio 24 claro — Washington 28 claro —

Jamestown ganha em bonito final a Prova Especial

Em final dos mais emocionantes, o alazão Jamestown venceu a melhor prova da reunião de ontem à tarde no Hipódromo da Gávea, uma Prova Especial na distância do quilômetro, em pista de grama, assinalando o tempo de 58s1/5. Na segunda colocação, a cabeça de diferença, ficou o cara branca Merano e em terceiro, prejudicado, Tutankan. Na quarta colocação, participando bem da prova, ficou o ganhador clássico argentino, Pambelê, que não tinha presença garantida na grama, mas acabou correndo. Completou o marcador Sacris, tendo fracassado completamente a parelha favorita, formada por Ere Long e Union Valley.

Resultados

1º PÁREO — 1200 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 48.000,00.

1º Marituba, J. Pinto	58	5.10	11	50.20
2º Timmy Djok, W. Gonçalves	54	4.60	12	4.20
3º She Cat, G. F. Almeida	53	2.10	13	7.90
4º Happy Eagle, E. Ferreira	58	13.30	14	4.80
5º Fascia, P. Vigrolas	56	8.60	22	8.10
6º Analfa, W. Costa	54	4.20	23	6.50
7º Callime, J. Ricardo	54	14.50	24	2.50
7º Safia, J. M. Silva	55	2.10	33	47.40
9º Czarina Ludmila, F. Esteves	54	8.60	34	10.30
			44	8.20

Dif. — 1/2 corpo e 1 1/2 corpo — Tempo — 1'16" — venc. — (8) 5.10 — Dup. (44) 8.20 — place — (8) 2.50 e (6) 4.00 — Mov. do páreo Cr$ 660 910,00. MARITUBA — F. A. 5 anos — SP — Playboy e Magic Bell — criador — Haras Pirassununga — Propr. — Stud C. H. A. — Treinador — A. Araujo.

2º PÁREO — 1000 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 63.000,00.

1º Flanabre, J. Ricardo	56	3.70	12	7.10
2º Siri, E. R. Ferreira	56	3.70	13	3.70
3º Itaperuçu, F. Esteves	56	5.90	14	6.60
4º Dolly, J. M. Silva	56	2.30	22	39.80
5º Lamec Ben Matusael, G. F. Almeida	56	12.30	23	8.00
6º Sol de Maio, P. Vigrolas	54	8.40	24	9.50
7º Decor, R. Macedo	55	14.30	33	3.90
8º Galindo, J. Pinto	56	27.30	34	4.20
9º Prince Tigre, L. Gonzalez	56	15.80	44	25.00

N/C. EL CRUCERO
DUPLA EXATA (06-01) Cr$ 12.60 — Dif. — 1 1/2 corpo e 1 1/2 corpo — Tempo — 1'02"1 — venc. — (6) 3.70 — Dup. — (13) 3.70 — place — (6)(6) 2.20 3 (1) 2.00 — Mov. do páreo Cr$ 806 590,00. FLANABRE — M. C. 3 anos — SP — Zenabre e Flavia II — criador e Propr. — Stud Eumar — Treinador — S. Morales.

3º PÁREO — 1500 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 48.000,00.

1º Iluminado, F. Esteves	54	2.40	11	5.70
2º Skapelos, A. Ramos	56	2.60	12	7.00
3º Petit Parisien, C. Morgado	56	9.30	13	2.10
4º Vallon, J. M. Silva	56	4.80	14	6.60
5º Tarneko, Jz. Garcia	56	31.60	22	53.80
6º Muscadet, G. F. Almeida	57	8.40	23	8.40
7º Very Good, J. F. Fraga	56	6.50	24	26.00
8º Fanvil, J. Ricardo	58	23.80	33	6.10
9º Paulão, J. Malta	58	19.90	34	5.80
			44	35.00

N/C. CUESTA ABAJO
Dif. — varios corpos e 2 corpos — Tempo — 1'34"2 — venc. — (7) 2.40 — Dup. — (13) 2.10 — place — (7) 1.40 e (1) 1.50 — Mov. do páreo Cr$ 1.053.060,00. ILUMINADO — M. A. 5 anos — SP — Sirius II e Querubia — criador — Haras Brasil — Propr. — Stud Vegete — Treinador — J. A. Limeira.

4º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 55.000,00

1º Andrei, G. Meneses	56	1.70	11	21.90
2º Tifrão, P. Rocha Fº	53	7.80	12	2.50
3º Tambi, G. F. Almeida	55	9.30	13	2.50
4º Hester, W. Gonçalves	56	5.50	14	6.20
5º Balado, P. Vigrolas	54	14.40	22	24.80
6º Hipias, J. M. Silva	57	3.80	23	5.00
7º Snow Rubio, J. Pinto	56	14.60	24	16.20
8º Don Cristobal, D. Neto	56	31.70	33	13.10
9º Bagualito, J. Malta	57	27.00	34	10.40
10º Harpoon, J. L. Marins	57	17.60	44	41.80

N/C. MISS ENCERRAMENTO
Dif. — 2 corpos e 1 corpo — Tempo — 1'19" — venc. — (1) 1.70 — Dup. — (12) — 2.50 — place — (1) 1.30 e (4) 3.00 — Mov. do páreo Cr$ 1.142.010,00. ANDREI M. C. 4 anos — SP — Luccarno e Meridoza — criador e Propr. — Haras São José e Expeditus — Treinador — F. Saraiva.

5º PÁREO — 1000 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 58.000,00. (PROVA ESPECIAL)

1º Jamestown, W. Gonçalves	54	4.80	11	4.60
2º Merano, R. Marques	53	7.00	12	5.10
3º Tutankan, F. Lemos	57	7.80	13	3.60
4º Pambelê, P. Cardoso	54	3.90	14	4.60
5º Sacris, Jz. Garcia	51	14.50	22	39.70
6º Traçado, L. Gonzalez	50	12.80	23	7.90
7º Rei Ligeiro, J. F. Fraga	55	25.80	24	9.00
8º Ere Long, A. Ramos	58	3.60	33	9.10
9º Union Valley, G. F. Almeida	53	3.60	34	6.70
10º Montechio, R. Macedo	51	30.40	44	14.10
11º Queen's Tenis, J. M. Silva	56	14.20		
12º Big Skiday, J. Ricardo	57	10.80		
13º Dine Bird, G. Alves	57	9.00	N/C HENTOL	

Dif. — cabeça e 1 corpo — Tempo — 58"1 — venc. — (8) 4.80 — Dup. (33) 9.10 — place — (8) 2.50 e (7) 3.80 — Mov. do páreo Cr$ 1.161.890,00. JAMESTOWN — M. A. 4 anos — RJ — Sabinus e Estampe — criador e propr. — Haras Santa Maria do Lago — Treinador — W. P. Lavor.

6º PÁREO — 1300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 40.000,00.

1º Pequeno Lord, F. Esteves	58	7.80	11	7.40
2º Bororo, J. Malta	57	16.40	12	7.10
3º King Blue, G. F. Almeida	57	7.00	13	2.00
4º I am Sorry, E. R. Ferreira	55	16.60	14	9.00
5º Jouval, A. Abreu	57	11.10	22	24.30
6º Trev, C. Morgado	54	17.00	23	6.10
7º Milagre, R. Macedo	54	6.10	24	20.70
8º Going Forward, L. Correa	57	13.30	33	4.80
9º Takonir, J. M. Silva	56	3.40	34	7.50
10º Dolomita, P. Vigrolas	52	11.10	44	38.80
11º Pargo, L. Caldeira	56	11.10		
12º Kingdon, J. Ricardo	54	4.80		

DUPLA EXATA — (07-05) Cr$ 55.00 — Dif. — varios corpos e 3/4 de corpo — Tempo — 1'21"3 — venc. — (7) 2.80 — dup. — (23) 6.10 — place — (7) 2.40 e (5) 7.20 — Mov. do páreo Cr$ 1.120.960,00. PEQUENO LORD — M. A. 6 anos — RS — Lord Trevador e Petica — criador — Haras Lagoa — Propr. Stud Shangri-la — Treinador — N. P. Gomes.

7º PÁREO — 1300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 40.000,00.

1º Ultimo Garufo, C. Morgado	57	3.60	11	55.90
2º Fanão, J. M. Silva	58	4.10	12	4.10
3º El Primo, C. Pensabem	57	12.50	13	3.20
4º Campbell, A. Ramos	55	6.00	14	9.90
5º Rubinho, A. Abreu	56	9.20	22	12.80
6º Khazar, E. R. Ferreira	55	4.40	23	3.00
7º Kalok, D. Guignoni	55	13.40	24	14.00
8º Bambo Moleque, J. Mendes	55	18.60	33	4.70
9º Cavaignac, R. Freire	57	3.40	34	7.70
10º Coronel Gallum, L. Maia	57	36.60	44	67.10

N/C. KODIAK
Dif. — 3/4 de corpo e 2 corpos — Tempo — 1'23"2 — venc. — (1) 3.60 — Dup. — (12) 4.10 — place — (1) 1.70 e (4) 2.20 — Mov. do páreo Cr$ 1.256.470,00. ULTIMO GARUFO — M. C. 6 anos — RS — Garufeiro e Radiante — criador — João Goulart — Propr. — Elazar David Levy — Treinador — Z. D. Guedes.

8º PÁREO — 1000 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 55.000,00.

1º Adamov, E. B. Queiroz	57	1.60	11	2.80
2º Parintins, C. Vargas	57	2.80	12	7.70
3º Ajuru, A. Hadecker	57	7.10	13	2.30
4º Comandante Skiday, W. Costa	51	4.60	14	3.60
5º Blessed Happy, J. Mendes	57	11.00	23	16.70
6º Kolins, A. Garcia	59	11.00	24	15.10
			33	14.90
			34	8.50

N/C M. TENTATORE, RAKISH, FISI HUM e HARMO
Dif. — minima e varios corpos — Tempo — 1'03"1 — venc. — (1) 1.60 — Dup. — (13) 2.30 — placé — (1) 1.10 e (5) 1.10 — Mov. do páreo Cr$ 856.290,00. ADAMOV — M. A. 4 anos — SP — Kubla Khan e Pena — criador — Haras São José e Expeditus — Propr. — Stud Monteiro — Treinador — P. M. Pirotto.

9º PÁREO — 1000 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 63.000,00

1º Kimbrasil, A. Ramos	56	7.40	11	3.00
2º Bela Nick, J. Ricardo	56	2.00	12	4.60
3º Nogrampo, G. Alves	56	3.90	13	2.60
4º Black Diamond, G. Meneses	56	8.60	14	4.90
5º Candy's Pet, C. Vargas	56	34.60	22	69.10
6º Selvagem, R. Marques	56	6.20	23	9.70
7º Dharda, J. M. Silva	56	5.30	24	18.80
8º Despistor, C. Morgado	55	29.80	33	13.60
9º Belina Blanco, J. Maia	56	28.10	34	9.30
10º Gentry, R. Freire	56	34.20	44	68.50
11º Lenga-Lenga, L. Corrêa	51	35.20		

Dif. — 1/2 corpo e 1 1/2 corpo — Tempo — 1'02"1 — venc. — (9) 7.40 — Dup. — (14) 4.90 — placés — (9) 2.70 e (2) 1.50 — Mov. do páreo Cr$ 1.266.100,00. KIMBRASIL — M. C. 3 anos — SP — Dobrado e Dhamaya — criador e Propr. — Haras Brasil — Treinador — J. A. Limeira.

10º PÁREO — 1300 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 48.000,00.

1º Stand, F. Esteves	57	2.70	11	15.60
2º Mister Dubu, L. Corrêa	57	2.60	12	3.60
3º Fiasco, D. Guignoni	57	3.70	13	5.20
4º Trubim, J. L. Marins	57	12.80	14	7.00
5º Finger, F. Lemos	57	14.40	22	6.60
6º Fidalgo, F. G. Silva	57	25.70	23	3.00
7º Dirty Harry, A. Gonçalves	58	6.40	24	5.10
8º Vitrial, J. Maia	57	24.30	33	39.70
9º Benny Blade, P. Vigrolas	55	21.30	34	7.50
10º Vermelho, F. Araujo	53	10.80	44	33.40

N/C. REBOTE
DUPLA EXATA (08-03) Cr$ 13.50 — Dif. — varios corpos e 1/2 corpo — Tempo — 1'24" — venc. — (8) 2.70 — Dup. — (23) 3.00 — placés — (8) 1.80 e 3 1.20 — Mov. do páreo Cr$ 1.262.650,00. STAND — M. C. 5 anos — SP — Zuido e Jocarina — criador — Fazendas Mondesir S/A — Propr. — Vivian Maria M. C. Carneiro — Treinador — A. Morales.

APOSTAS Cr$ 12.429.310,00 — PORTÕES Cr$ 18.160,00

Fotos de José Camilo da Silva

Tijolo e Mauser (de arminho) são dois competidores com boas possibilidades de vencer o clássico de hoje na Gávea, em dois quilômetros

GP Costa e Silva em 2 mil metros é a atração

1º Páreo — Às 14h00 — 1600 metros — Indaial — 1m33s4/5 — (Grama)

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1	Trimer, J. F. Fraga	1	56	10º	(10)	Amazone	2400	GU	2m32s2	B. Ribeiro
	2 Ezrach, J. M. Silva	3	56	7º	(7)	Pirapolis e King Brazo	1600	AM	1m41s2	S. Morales
2	3 Don Didi, G. F. Almeida	2	56	9º	(14)	Aragonais e Van Eyck	1600	GP	1m39s2	G. F. Santos
	4 Yapur, C. Morgado	4	57	1º	(10)	Blu e Hibisco	1300	GL	1m18s1	C. Morgado
3	5 Arrabalero, G. Meneses	7	57	1º	(8)	Hibisco e João	1300	GL	1m17s1	F. Saraiva
	6 King Brazo, E. Ferreira	8	53	2º	(7)	Pirapolis e Freitas	1600	AM	1m41s2	E. Coutinho
4	7 Freitas, J. Ricardo	5	56	3º	(7)	Pirapolis e King Brazo	1600	AM	1m41s2	A. Araujo
	Mister Yata, E. R. Ferreira BB	6	55	4º	(7)	Pirapolis e King Brazo	1600	AM	1m42s2	A. Araujo

2º Páreo — Às 14h30 — 1300 metros — Yard — 1m18s3/5 — (Areia) DUPLA EXATA

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Blu, J. Malta	11	55	5º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	A. P. Silva
	Fritz Rolls, T. B. Pereira	1	55	4º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	A. P. Silva
	2 Grand Canyon, E. R. Ferreira	7	56	6º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	E. P. Coutinho
2—3	Hibisco, G. F. Almeida	3	56	2º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	A. Vieira
	4 Quarzo, A. Oliveira	12	55	8º	(9)	Hentai e Greacus	1000	NL	1m01s2	A. Morales
	5 Daragay, G. Meneses	9	56	12º	(12)	Homard e Blu	1600	GL	1m35s	S. P. Gomes
3—6	Franklin, S. Silva	6	55	5º	(10)	Yapur e Blu	1300	GL	1m18s1	W. Penelas
	7 Jovino, F. Esteves	10	56	1º	(13)	Lassus e Joeiro	1200	NP	1m15s2	C. I. P. Nunes
	Bernardo, D. Guignoni	4	55	6º	(10)	Yapur e Blu	1300	GL	1m18s1	C. I. P. Nunes
4—8	Larsen, A. Abreu	2	57	7º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	M. Fernandes
	9 Santander, J. M. Silva	5	57	10º	(10)	Yapur e Blu	1300	GL	1m18s1	S. Morales
	10 Royal Diadem, D. Neto	8	55	6º	(6)	Quality Show e Fimador	1600	NU	1m42s2	G. L. Ferreira

3º PÁREO — Às 15h — 1300 metros — Caraotá — 1m15s4/5 — (Grama)

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Lassus, J. Reis	1	57	2º	(13)	Jovino e Joeiro	1200	NP	1m15s2	J. A. Limeira
	Joeiro, A. Ramos	5	57	3º	(13)	Jovino e Lassus	1200	NP	1m15s2	J. A. Limeira
2—2	João, T. B. Pereira	4	56	3º	(8)	Arrabalero e Hibisco	1300	GL	1m17s1	L. Coelho
	3 Turno, J. Pinto	9	56	6º	(9)	Turpilet e Lassus	1600	NU	1m43s4	S. P. Gomes
3—4	Tachim, F. Esteves	2	57	5º	(15)	King Brazo e Andrei	1600	GL	1m36s3	G. F. Santos
	Acarape, G. F. Almeida	6	56	5º	(13)	Jovino e Lassus	1200	NP	1m15s2	G. F. Santos
	5 Nicolino, A. Abreu	8	53	3º	(13)	Harpoon e Cargo	1100	NU	1m11s	B. Ribeiro
4—6	El Sol, J. M. Silva	3	56	9º	(15)	King Brazo e Andrei	1600	GL	1m36s3	R. Nahid
	7 Cavalon, E. R. Ferreira	10	57	9º	(13)	Jovino e Lassus	1200	NP	1m15s2	Exp. Coutinho
	8 Farstan, F. Silva	7	57	5º	(9)	Alsacien e Guabeira	1000	NP	1m02s4	M. Canejo

4º PÁREO — Às 15h30 — 1600 metros — Indaial — 1m33s4/5 — (Grama) INICIO DO CONCURSO

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Zuluz, G. F. Almeida	10	56	2º	(15)	Blue Betting e Uana	1600	GM	1m37s4	G. F. Santos
	2 Shor Lancer, J. F. Fraga	9	54	7º	(16)	Nagami e B. Betting	1600	GL	1m37s2	B. Ribeiro
2—3	Bachaumont, J. Ricardo	3	56	1º	(12)	Oxiquita e Pata Branca	1400	GL	1m23s3	J. A. Limeira
	4 Jet d'Eau, A. Ramos	6	56	1º	(12)	Barriun e Tuviento	1300	GL	1m19s2	G. L. Ferreira
3—5	Biriatou, G. Meneses	4	56	1º	(11)	Dappoi e Gregoriana	1300	GL	1m17s4	F. Saraiva
	6 Rock Ridge, A. Oliveira	7	56	11º	(16)	Nagami e Blue Betting	1600	GL	1m37s2	A. Morales
	7 Charcnão, E. B. Queiroz	5	56							
4—8	Aron, J. M. Silva	8	56	3º	(10)	Bernachi e Shirin	1300	AL	1m20s2	S. Morales
	9 Latagão, R. Macedo	1	55	1º	(9)	Recuado e Indio Manso	1300	NL	1m23s4	R. Tripodi
	10 Beguin, W. Gonçalves	7	56	1º	(11)	Bangalore e Arbolado	1000	AP	1m03s1	W. Penelas

5º PÁREO — Às 16h00 — 2000 metros — R — Luccarno — 2m00s2/5 — (Grama) GRANDE PRÊMIO ARTUR DA COSTA E SILVA

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	**Van Eyck, F. Pereira**	8	61	8º	(18)	Nelisson e Éxito	1600	GL	1m35s1	W. P. Lavor
"	**Il Travatore W. Gonçalves**	11	61	1º	(7)	Cholucky e Agachado	1500	GL	1m29s3	W. P. Lavor
2—2	**Triarco, G. F. Almeida**	2	61	3º	(18)	Nelisson e Éxito	1600	GL	1m35s1	G. F. Santos
"	**Don Didi, A. Ramos**	6	59	9º	(14)	Aragonais e Van Eyck	1600	GP	1m39s2	G. F. Santos
	3 Xadir, F. Esteves	1	61	11º	(18)	Nelisson e Éxito	1600	GL	1m35s1	L. Acuña
3	**4 Mauser G. Meneses**	10	61	6º	(17)	Aporé e Sunset	2400	GL	2m26s4	A. P. Silva
	5 Tijolo, E. Ferreira	9	59	7º	(18)	Nelisson e Éxito	1600	GL	1m35s1	J. U. Freire
	6 Verdagon, G. Alves	3	61	1º	(7)	Decalogo e Turns	1600	NP	1m41s4	S. P. Gomes
4—7	**Ilozone, J. Escobar**	4	61	5º	(18)	Nelisson e Éxito	1600	GL	1m35s1	B. Ribeiro
	8 Howard, J. M. Silva	5	56	1º	(12)	Blu e Los Treasure	1600	GL	1m35s	R. Tripodi
	9 Quadrillion, A. Oliveira	7	59	5º	(12)	Homard e Blu	1600	GL	1m35s	A. Morales

6º PÁREO — Às 16h30 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia) DUPLA EXATA

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Gaius, J. Ricardo	10	57	2º	(10)	Rueck e Jean Juares	1200	AL	1m14s2	A. Morales
	2 Japto, Juarez Garcia	6	57	4º	(13)	Fumat e Parejero	1300	NP	1m22s3	J. Borioni
	3 Dead Shot, P. Cardoso	4	57	6º	(8)	Dollar Furado	1300	NU	1m23s2	A. Araujo
2—4	Parejero, C. Vargas	8	57	2º	(13)	Fumat e Sambão	1300	NP	1m22s3	F. Abreu
	5 Mister Carlos, J. Garcia	6	57	8º	(12)	Jaarx e Bertolo	1200	NL	1m16s	W. G. Oliveira
	6 Barotra, J. Mendes	1	57	7º	(10)	Rueck e Gaius	1200	AL	1m14s2	E. P. Coutinho
3—7	Jarkaro, F. Esteves	9	55	10º	(12)	Adelfa e Bertoli	1200	AE	1m15s	J. A. Limeira
	8 Sambão, R. Carmo	12	57	3º	(13)	Fumat e Parejero	1300	NP	1m22s3	G. Ulloa
	9 Contraste, R. Marques	3	57	10º	(13)	Harpoon e Gaius	1100	NU	1m11s	M. Canejo
4—10	Continente, W. Costa	2	55	3º	(15)	Tetim e Rueck	1100	NP	1m09s	R. Nahid
	11 Ayub Khan, J. M. Silva	7	57	4º	(13)	Jovino e Lassus	1200	NP	1m15s2	F. P. Lavor
	12 Babiblack, G. F. Almeida	11	57	11º	(11)	Box e Adeigo	1400	AE	1m29s2	A. Paim Fº

7º PÁREO — Às 17h00 — 1000 metros — Quenoir — 1m00s — (Areia)

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Reboleado, J. F. Fraga	8	56	3º	(11)	Lugareño e Piccolomonte	1000	AM	1m02s2	G. Feijó
	2 Bossano, D. Neto	9	56	Estreante						G. L. Ferreira
	3 Pinstar, J. M. Silva	5	56	Estreante						R. Tripodi
2—4	Bedford, G. Meneses	4	56	9º	(13)	Fino Trato e General	1200	GL	1m12s3	F. Saraiva
	5 Demanche, E. B. Queiroz	11	56	Estreante						J. U. Freire
	6 Digno, R. Silva	6	56	Estreante						R. Nahid
3—7	Assomado, U. Meireles	10	56	6º	(8)	Bernacchi e Dappoi	1300	AL	1m21s4	A. Araujo
	8 Sweet Viking, F. Esteves	12	56	5º	(12)	Grão Pará e Arbolado	1000	AM	1m02s4	S. P. Gomes
	9 Argozol, A. Ramos	2	56	1º	(5)	Really Rhum (BH)	1000	AL	1m03s2	H. Cunha
4—10	Corbeg, W. Gonçalves	1	56	Estreante						A. P. Silva
	11 El Corajie, E. Ferreira	7	56	2º	(10)	Navarco (RS)	1200	AL	1m14s4	R. Morgado
	12 San Tours, L. Gonzalez	3	56	5º	(11)	Lugareño e Piccolomonda	1000	AM	1m02s2	Z. D. Guedes

8º PÁREO — às 17h30 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia)

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	Ofania, A. Oliveira	5	56	2º	(10)	Refinado e Urg	1400	GL	1m23s3	A. Morales
	2 Carving, J. L. Marins	9	56	1º	(13)	Brisa Leve e Urase	1000	NL	1m02s2	J. A. Limeira
2—3	Urg, G. F. Almeida	4	56	3º	(10)	Refinado e Ofania	1400	GL	1m23s3	G. F. Santos
	4 News, J. Mendes	1	56	1º	(13)	Klang e Bien Helado	1300	AL	1m22s4	E. P. Coutinho
3—5	Klaus, W. Gonçalves	6	56	5º	(10)	Refinado e Ofania	1400	GL	1m23s3	W. P. Lavor
	6 Novak, F. Lemos	2	56	6º	(10)	Refinado e Ofania	1400	GL	1m23s3	G. Feijó
4—7	Raisa, J. M. Silva	8	56	10º	(10)	Refinado e Ofania	1400	GL	1m23s3	O. M. Fernandes
	8 Lady Berry, E. Ferreira	3	56	1º	(10)	Lion Sheng e Nueva	1000	NP	1m02s4	B. Ribeiro
	9 Retina, F. Silva	7	56	1º	(11)	Regina Regia e Nueva	1000	AL	1m02s3	M. Canejo

9º PÁREO — Às 18h00 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia)

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	El Jaguar, U. Meireles	5	57	3º	(11)	Lança Chamas e C. Mial	1200	NL	1m16s4	S. P. Gomes
	2 Fralime, F. Lemos	9	57	12º	(14)	Encouraçado e Fauvi	1300	NU	1m24s	Amaral
2—3	Gratinado, F. Esteves	8	56	6º	(10)	Sarter e Kimuki	1200	AL	1m15s2	A. P. Silva
	4 Bravo Indio, J. Pinto	2	57	8º	(9)	Fanvil e Adorme	1200	NL	1m16s1	J. L. Pedroso
3—5	Bazaruca, J. Ricardo	7	57	7º	(15)	Intruso e Guaxo	1300	NL	1m23s3	Z. D. Guedes
	6 Brigand, J. Esteves	4	57	9º	(13)	Armorido e Ingran	1200	AU	1m15s2	J. B. Silva
4—7	Babilônio, A. Oliveira	3	57	9º	(9)	Gabin e Iluminado	1600	AL	1m43s1	J. Borioni
	8 Patcho, W. Gonçalves	1	59	7º	(8)	Alquivir e L. Chamas	1000	NL	1m03s1	J. E. Souza
	9 Saa, G. F. Almeida	6	54	3º	(9)	Gabin e Iluminado	1600	NL	1m43s1	G. F. Santos

10º PÁREO — Às 18h30 — 1100 metros — Galego — 1m06s 2/5 — (Areia) DUPLA EXATA

Nº	Animal, jóquei		Peso	Últ.		Páreo	Dist.	Pista	Tempo	Treinador
1—1	African Star, J. Malta	7	58	2º	(10)	Estiagem e Iaian	1000	NP	1m03s2	W. Pedersen
	Xelis, J. Garcia	10	58	9º	(13)	Sweet Swallow e Elange	1100	NP	1m10s2	W. Pedersen
2—2	Deslumbrada, A. Ramos	1	58	3º	(7)	Chispeada e Timourous	1000	NU	1m03s2	A. Orcival
	3 Ravila, L. Corrêa	11	56	5º	(8)	Apesina e Mixarda	1300	NM	1m24s2	E. C. Pereira
	4 Beca, D. Guignoni	8	58	7º	(7)	Chispeada e Timourous	1000	NU	1m03s2	C. I. P. Nunes
3—5	Estadia, R. Marques	9	58	4º	(9)	Finlandia e Beca	1200	NL	1m17s	R. Marques
	6 Buena Fé, W. Costa	4	58	5º	(7)	Chispeada e Timourous	1000	NU	1m03s2	J. B. Silva
	7 Extravagante, F. Esteves	1	58	12º	(12)	Ice Queen e Origine	1000	NU	1m03s2	E. P. Coutinho
4—8	Intempestiva, J. Ricardo	2	58	7º	(8)	Elange e Oa	1200	NL	1m17s4	N. Silva
	9 Nunivo, T. B. Pereira	6	58	6º	(7)	Chispeada e Timourous	1000	NU	1m03s2	S. Morales
	10 Timorous, E. R. Ferreira	5	58	2º	(7)	Chispeada e Elange	1000	NU	1m03s2	J. B. Silva

Del Vasco vence melhor páreo em Cidade Jardim

São Paulo — Por Vasco de Gama e Deganha, o tordilho paulista de quatro anos Del Vasco venceu o prêmio Ozazareu, disputado ontem à tarde, na distância de 2 mil 400 metros em grama leve, em Cidade Jardim, com dotação de Cr$ 62 mil ao proprietário do vencedor. Em segundo lugar cruzou o disco Feu de Paille. Essa foi a principal prova do programa.

A prova destinou-se a cavalos nacionais de 4 anos. O vencedor percorreu a distância no tempo de 2m34s5. Del Vasco é de propriedade do Stud Tibagi, sendo treinado por E. Araya. Seu criador é a Companhia Agro Pastoril Tibagi. O movimento de apostas chegou a Cr$ 20 milhões 380 mil 522, os portões: Cr$ 4 mil 548, **betting** duplo exato: Cr$ 2 milhões 752 mil 272, (líquido), com 15 ganhadores.

Resultados

1º PÁREO — 1 000 metros — G.L. — Cr$ 75 mil
1º Happy Men, V. Matos
2º Riev, J. Tavares
3º Contraventor, J.Silva
Tempo: 59"4S. Finais: 24"5 e 12"7. Vencedor:0,21 — Dupla (47) 0,17 — Placês (7) 0,13 — proprietário: Haras Faz. Coqueiro Verde. Treinador: G. Dallas. Filiação: Sail Through e Oui Oui. Criador: Haras Flor de Maio.

2º PÁREO — 1 400 metros — A.L. — Cr$ 42 mil
1º Forte Ajax, M.C. Souza
2º Clovis, J. Fagundes
3º Quito, L. Cavalheiro
Tempo: 1'27". Finais: 25"6 e 13"4. Vencedor: 0,25 — Dupla (13) 0,25 — Placês (3) 0.13 (1) 0,14 — Proprietário: Stud Concorde. Treinador: L.C. Mello. Filiação: Pinhal e Finestra. Criador: Haras Paraná Ltda.

3º PÁREO — 2 400 metros aprox. G.L. — Cr$ 62 mil
1º Del Vasco, J. Fagundes
2º Feu de Paille, S.A. Santos
3º Ygavasco, A. Rosa
Tempo: 2'34"5S. Vencedor: 0,72 — Dupla (34) 0,76 — Placês: (3) 0,24 (4) 0,16 — Proprietario: Stud Tibagi. Treinador: E. Araya. Filiação: Vasco de Gama e Deganha. Criador: Cia. Agro Pastoril Tibagi.

4º PÁREO — 1.000 metros — G. L. — Cr$ 75 mil.
1º — Harbor Prince, I. F. Ribeiro
2º — Bifero, I. Quintana
3º — Xuiim, J. Machado
Tempo: 58"2s. Vencedor: 0,25 — Dupla (36) 0,64 — Placês: (3) 0,17 (7) 0,24 — Proprietario e Criador: Fauzi Abdalla Ayub. Treinador: A. Magalhães Filho. Filiação: Cortijo e Iena.

5º PÁREO — 1.400 metros — A. L. — **Cr$ 42** mil.
1º — Desert Wind, V. Matos
2º — Courtier, E. Le Mener Filho
3º — Amazonense, J. Amaral
Tempo: 1'27" Finais: 26"3 e 14". Vencedor: 0,32 — Dupla (34) 0,31 — Placês: (4) 0,16 (3) 0,13. — Proprietario: Stud D. Treinador: W. Marraccini. Filiação: Quartier Latin e P. Jaqueline. Criador: Raul E. da Cunha Bueno.

6º PÁREO — 1.000 metros — G. L. — **Cr$ 75** mil.
1º — Lamartine, I. Quintana
2º — Maarbal, A. Matias
3º — Alce Veloz, S. A. Santos
Tempo: 59" Finais: 23"7 e 12"2. Vencedor: 0,17 — Dupla (34) 0,29 — Placês (3) 0,13 (4) 0,15 — Proprietario e Criador: Haras Pirajussara. Treinador: N. Portella. Filiação: Breeders Dream e Coquelicot.

7º PÁREO — 1.000 metros — G.L. — **Cr$ 75** mil
1º Papus, R. Penachio
2º El Negro A.L. Silva
3º Canate, A.F. Correia
Tempo: 59"1S. Finais: 23"9 e 12"3. Vencedor: 0,15 — Dupla (25) 0,24 — Places: (5) 0,11 (2) 0,12 — Proprietario e Criador: Haras Tamandaré. Treinador: E. Gosik. Filiação: Jukebox e Ingenue II.

8º PÁREO — 1.609 M-Aprox. — G L. — **Cr$ 62** mil — BETTING DUPLO EXATO
1º Geheerson, L. Cavalheiro
2º Abdul, I.Quintana
3º Aduron, E. Sampaio
Tempo: 1'41"2S. Vencedor: 0,65 — **Dupla (18)** 1,03 — Places (12) 0,32 (1) 0,19 — **Proprietário** : Stud Três Lírios. Treinador: F V Navarro. Filiação: Zaluar e Fleuraison. Criador: Haras Malurica.

9º PÁREO — 1.300 metros — A. L. — **Cr$ 62** mil. — BETTING DUPLO EXATO.
1º — Aliano, L. Cavalheiro
2º — Jean Marc, R. Penachio
3º — Go Marching, R. M. Santos
Tempo: 1'20"4s. Finais: 24"4 e 12"4. Vencedor: 0,23 — Dupla (15) 0,50 — Places (1) 0,17 (5) 0,23 — Proprietário: Stud Três Lírios. Treinador: F V Navarro. Filicação: Millenium e Zanoquinha. Criador: Haras São Quirino.

10º PÁREO — 1.300 metros — A. L. — **Cr$ 62** mil — BETTING DUPLO EXATO.
1º — Empino, A. Moises
2º — Oriz, J. Silva
3º — Fadir, S. A. Santos
Tempo: 1'21" Finais: 25"5 e 13". Vencedor: 0,47 — Dupla (15) 1,09 — Places: (1) 0,23 (5) 0,51 — Proprietario: Shigeru Taniguchi. Treinador: E. P Gusso. Filiação: King Charming e Engra. Criador: Haras Larissa.

RETROSPECTO

1º Páreo: Trimer — Dom Didi — Arrabalero
2º Páreo: Hibisco — Franklin — Blu
3º Páreo: João — El Sol — Lassus
4º Páreo: Zuluz — Biriatou — Aron
5º Páreo: Triarco — Mauser — Tijolo
6º Páreo: Porejero — Ayub Khan — Dead Shot
7º Páreo: Corbeg — Reboleado — Assomado
8º Páreo: Urg — Ofânia — Novak
9º Páreo: El Jaguar — Babilônio — Gratinado
10º Páreo: African Star — Estadia — Deslumbrada

Peter é campeão de Optimist ao vencer 4ª regata

O campeão europeu Peter Tansheit, de 13 anos, competindo pelo Clube dos Caiçaras, conquistou ontem, por antecipação, o título estadual da Classe Optimist, ao ganhar sua quarta regata consecutiva. A competição foi disputada na Lagoa Rodrigo de Freitas e levou à raia cerca de 70 barcos das categorias geral, juvenil, infantil, feminino e estreante.

O Campeonato, promoção do Clube dos Caiçaras, com apoio da Federação de Vela do Rio de Janeiro, termina, hoje, com a realização da quinta regata. Peter Tansheit, além de ganhar na classificação geral, também garantiu o título na categoria juvenil.

LUTA PELO VICE

Peter não precisa correr a etapa de hoje, com largada prevista para as 14 horas, porque pode descartar seu pior resultado, e ainda assim ficaria sem pontos perdidos. A luta pelo vice-campeonato na categoria geral está muito equilibrada entre Eduardo Bungner, do Clube dos Caiçaras, e Felipe Andrade, do Iate Clube do Rio de Janeiro, ambos com 14,4 pontos perdidos.

Na categoria juvenil, Bungner tem vantagem mínima sobre Erik Hermany, filho do bicampeão mundial de caça submarina, Bruno Hermany que ultimamente se dedica à Classe Laser. Erik, que estreou na Classe Optimist, em março, ontem, terminou a quarta regata em segundo lugar e agora está com 16 pontos perdidos, enquanto Bungner soma 14,4 pontos negativos.

Felipe Andrade, que vai tentar o vice-campeonato na categoria geral, praticamente já garantiu o título na infantil, porque está com 14,4 pontos perdidos, enquanto o segundo colocado, Marcelo Nogueira, tem 31 e o terceiro, Eduardo Wagner, 33.

Na categoria feminino, Letícia Nogueira, do Iate Clube do Rio de Janeiro, ocupa a primeira colocação, com 43 pontos, enquanto Monica Soffiatti, do Clube dos Caiçaras, e que já disputou regatas internacionais na Classe Laser, está em segundo, com 52.

Entre os estreantes, Flávio Peixoto ganhou a regata e praticamente assegurou o título, tal a vantagem de pontos sobre Eduardo Fernandes. Márcia Pellicano, filha de Roberto Pellicano, comandante do barco **Krshna**, que venceu em sua classe a Regata da Bermuda, também concorreu, completando o percurso em segundo lugar, mas não está bem na geral.

RESULTADOS

O resultado da quarta regata foi o seguinte:

Geral: 1º Peter Tansheit (CC), 2º Erik Hermany (ICRJ), 3º Eduardo Bungner (CC), 4º Marcelo Nogueira (ICRJ), 5º Eduardo Wagner (CN), 6º Felipe Andrade (ICRJ), 7º Cláudio Fernandez (ICRJ), 8º Caio Alexandre de Souza (ICRJ), 9º Luis Paulo Gonçalves (CC), 10º Daniel Zohar (CC), 11º Marcelo Pinheiro (ICJG), e 12º Marco Aurelio Mendes (CIC).

Juvenil: 1º Peter Tansheit, 2º Erik Hermany, 3º Eduardo Bungner.

Infantil: 1º Marcelo Nogueira, 2º Eduardo Wagner, 3º Felipe Pinheiro de Andrade.

Estreante — 1º Flávio Mello Peixoto, 2º Márcia Pellicano, 3º Cláudio Soares de Souza. Na categoria feminino, nenhuma das concorrentes cruzou a linha de chegada dentro do tempo-limite estabelecido.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Geral: 1º Peter Tansheit, sem pontos perdidos; 2º Eduardo Bungner, 14,4; 3º Felipe Andrade, 14,4. **Juvenil** — 1º Peter Tansheit, sem pontos perdidos; 2º Eduardo Bungner, 14,4; 3º Erik Hermany, 16. **Infantil**: 1º Felipe Andrade, 14,4; 2º Marcelo Nogueira, 31, 3º Eduardo Wagner, 33 **Feminino** — 1º Letícia Nogueira, 43; 2º Mônica Soffiatti, 52; 3º Yael Simomi, 68. **Estreante**: 1º Flávio Peixoto, 3; 2º Eduardo Fernandes, 23,7; 3º André Guarisch, 28.

EQUILÍBRIO NA OCEANO

Em etapa muito equilibrada e corrida próximo à ilha Rosa, com ventos de Nordeste, força 2,5 para 3, o **Barco**, comandado por Mário Simões, conquistou a fita azul e o primeiro lugar no tempo corrigido da terceira regata do Torneio Eugênio Villarino.

Durante a regata, que na chegada apresentava ventos de Sueste e maré vazando muito, três **onne tonners** — **Barco**, **Mo-Hai** e **High Tension** — se alternaram na liderança, mas ao final, o primeiro, que começa a ter bons desempenhos, cruzou a linha com vantagem de aproximadamente nove minutos para o segundo colocado, o **Mo-Hai**, de Paolo Pirani, enquanto o **High Tension**, de Alain Jouillé, completava o percurso em terceiro lugar, classificando-se a seguir: **Tuna**, de Thomas Haynes, e **Allesgut**, de Jacques Aubry.

Na Classe V, a vitória pertenceu ao **Kauna**, de José Carlos Vaz, seguido do **Andrea**, de José Álvaro de Carvalho; e **Rudá**, de Silvio Mello Leitão; **Flop**, de Augusto Gonzaga, e **Uni-Duni-Tê**, de Ronaldo Nogueira.

O **Kalena**, comandado por José Avelino, foi o único Classe VI a completar o percurso dentro do tempo limite, enquanto na Classe VIII, reservada a barcos da marca Atoll, venceu o **Aburus**, de Osmar Mendonça, com o **Beagle**, de Heitor Braga, em segundo lugar.

O Torneio Eugênio Villarino termina hoje, com a quarta regata e a largada está prevista para as 11h próximo à bóia do Madalena. Os concorrentes contornarão a ilha de Maricás, terminando o percurso no mesmo local da largada.

CLASSE PINGÜIM

O Campeonato Sul-Brasileiro da Classe Pingüim, organizado pela Federação de Vela do Rio de Janeiro e promovido pela Marina da Glória, começa hoje pela manhã, com a abertura das inscrições, medição e pesagem dos barcos. Amanhã, a programação será a mesma e a primeira regata da série de seis, valendo os cinco melhores resultados, será terça-feira, em águas próximas da Escola Naval.

O Estadual de Optimist, que apresentou ventos fraquíssimos, é disputado na Lagoa, por iatistas com idades entre sete e 14 anos

Tracy vence outra vez no US Open

Nova Iorque — A jovem norte-americana Tracy Austin não teve problemas para passar à terceira rodada do US Open, parte feminina, ao derrotar Andrea Jaeger, também dos Estados Unidos, por 6/2 e 6/2. Tracy, que na pré-classificação, só está atrás de Martina Navratilova e Chris Evert, enfrentará agora outra norte-americana, Wendy White, do Estado de Atlanta.

Na parte masculina, o segundo favorito da competição, Jimmy Connors, não teve que jogar sua partida contra o veterano indiano Vijay Amritraj até o fim. Depois de disputados dois *sets*, vencidos por Connors por 7/6 e 7/5, Vijay desistiu de continuar jogando e Connors passou à rodada seguinte, onde enfrentará outro norte-americano, Bruce Manson, que venceu Francisco Gonzales, de Porto Rico por 2/6, 6/2, 6/2 e 6/2.

Além da partida entre Connors e Mason, outros jogos pela terceira rodada atrairão as atenções gerais e o principal é o do sueco Bjorn Borg que deverá ter uma partida fácil contra o chileno Jaime Fillol, que já causou uma surpresa ao chegar a essa fase da competição.

Em outra partida de importância, se enfrentam os norte-americanos Vitas Gerulaitis e Stan Smith, com o primeiro sendo considerado favorito, apesar de Smith, veterano jogador, campeão de Wimbledon em 1972, derrotando na final Ilie Nastase, estar em boa forma.

O argentino Guillermo Vilas, tentando reabilitar-se de suas últimas atuações e recuperar o título do *Open*, que conquistou em 1977, tarefa considerada por muitos como das mais difíceis, enfrentará agora o norte-americano Erik Van Dillen, especialista em duplas que, ainda, não deverá ser o adversário a eliminar Vilas.

Em outros jogos de interesse, John McEnroe enfrenta o inglês John Lloyd, Victor Pecci jogará contra o sul-africano John Kriek, Harold Solomon enfrenta Ray Moore e Eddie Dibbs jogará contra Berine Mitton.

Segunda rodada — Simples, feminino
Leslie Allan (EUA) 7/6 e 6/4 Ruta Gerulaitis (EUA)
Wendy Tirnbull (Austrália) 6/4 e 6/2 Maria Fernandez (EUA)
Stacy Margolin (EUA) 6/2 e 6/0 Nancy Yeargin (EUA)
Wendy White (EUA) 4/6 1/3 desistência Florenza Nihai (Romênia)
Caroline Stoll (EUA) 6/7, 6/4 e 7/6 Hana Mandlikove (Tchecos)
Barbara Jordan (EUA) 7/5 e 6/4 Julie Anthony (RUA)
Laura DuPont (EUA) 7/5, 3/4 desistência Ann Kiyomura (EUA)
Sylvia Hanika (RFA) 6/2, 6/7 e 6/4 Lea Antonoplis (EUA)
Greer Stevens (África do Sul) 6/2, 3/6 e 6/0 Rosalyn Fairbank (África do Sul)
Kathy May Teacher (EUA) 6/1 e 6/2 Daniela Porzio (Itália)
Anne Smith (EUA) 6/2 e 6/4 Renata Tomanova (Tcheco)
Kate Latham (EUA) 6/4, 6/7 e 6/2 Karen Susman (EUA)
Evonne Goolagong (Austrália) 6/2 e 6/3 Rayni Fox (EUA)
Mary Lou Piatek (EUA) 6/3 e 6/2 Andrea Jaeger (EUA)
Terry Holladay (EUA) 6/3, 4/6 e 6/3 Barbara Hallquist (EUA)
Tracy Austin (EUA) 6/2 e 6/2 Andrea Jaeger (EUA)
Kathy Jordan (EUA) 5/7, 6/3 e 6/1 Andrea Whitmore (EUA)

Segunda rodada — Simples, homens
Hank Pfister (EUA) 3/6, 4/6, 6/3, 6/4, 6/1 John Alexander (Austrália)
Yannick Noah (França) 6/4, 6/4, 7/6 Wojtek Fibak (Polônia)
Eddie Dibbs (EUA) 6/1, 1/6, 7/5, 6/2 Gene Malin (EUA)
Jaime Fillol (Chile) 6/1, 5/7, 6/2, 6/2 Peter Fleming (EUA)
Stan Smith (EUA) 6/2, 6/1, 6/3, Russell Simpson (N. Zelândia)
Robert Trogolo (Af. Sul) 6/4, 2/6, 6/2, 6/2 Jan Norback (Suécia)
Bruce Manson (EUA) 2/6, 6/2, 6/2, 6/2 Francisco Gonzalez (P. Rico)
Jimmy Connors (EUA) 7/6, 7/5, desistência Vijay Amritraj (India)
John Lloyd (Inglaterra) 5/7, 6/7, 7/5, 6/1, 7/6 Paul McNamee (Austrália)
Bernie Mitton (Af. Sul) 6/1, 6/3, 6/2 Sherwood Stewart (EUA)
Brian Gottfried (EUA) 6/3, 5/7, 7/5, 5/7, 6/4 Marty Riessen (EUA)
Victor Amaya (EUA) 6/4, 6/1, 6/4 John Sadri (EUA)
Tom Gorman (EUA) 6/1, 6/2, 6/2 Terry Rocavert (Austrália)
Harold Solomon (EUA) 6/3, 6/0, 6/4 John Austin (EUA)
Gene Mayer (EUA) 6/4, 7/5, 6/1 Tom Gullikson (EUA)
Erik Van Dillen (EUA) 6/3, 6/4, 6/2 Joel Bailey (EUA)
Ray Moore (Af. Sul) 7/6, 5/0, desistência Jiri Hrebec (Tch.)
Tim Gullikson (EUA) 6/3, 6/2, 7/6 Andrew Pattison (EUA)
Pat Dupre (EUA) 6/2, 6/2, 1/6, 6/3 Tomaz Smid (Tch.)
Roscoe Tanner (EUA) 6/3, 6/2, 6/1 Ivan Lendl (Tch.)

Manuel Benitez, ou simplesmente El Cordobes, *o mais famoso toureiro espanhol de todos os tempos, embora não seja considerado o melhor, sempre gostou de ser notícia. Tanto que depois de sete anos parado, ele preparou com festa a sua volta à arena, há cerca de um mês, num acontecimento de que se ocupou toda imprensa internacional. Agora, a mesma imprensa, talvez a contragosto do bailarino matador de touros, ocupa-se novamente com ele. Seria Manuel Benitez o pai de um menino louro, de 10 anos, também chamado Benitez, e apresentado anteontem em Madri, por sua mãe, Elizabeth Velasco, de 27 anos? Ela diz que sim e está dando 30 dias a Manolo para reconhecer a paternidade. Caso contrário, entrará na Justiça.* El Cordobes *nega a paternidade, dizendo-se inocente.*

Equipe de boxe viaja otimista

São Paulo — A equipe brasileira de boxe amador viaja amanhã cedo para Buenos Aires, onde participará do Campeonato Latino-Americano da categoria. Treinada por Antonio Carollo, a equipe acha que reúne condições de sagrar-se campeã, embora vá enfrentar as fortes equipes do México, Venezuela, Argentina e Chile.

Os brasileiros estarão representados em todas as categorias do pugilismo. Eles se prepararam desde a última terça-feira, em regime de concentração. Com puxados treinos, na Coordenadoria de Esportes e Recreação. Amanhã, embarcam em Congonhas sob a chefia do presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo, Coronel Vicente Saguas Presas Junior.

LUNA PARK

O Campeonato será no estádio Luna Park, de Buenos Aires, onde se costumam realizar os grandes combates pugilísticos. O certame é considerado de muita importância para o boxe brasileiro, já que os campeões em cada categoria deverão integrar a equipe sul-americana que será formada para disputar o Mundial amador. Os Jogos Olímpicos de Moscou, no próximo ano, são outras motivações.

O destaque da equipe brasileira é o médio Carlos Antunes Fonseca, que conseguiu a medalha de prata no Pan-Americano e ficou conhecido por ter ganho, recentemente, uma casa do Presidente João Figueiredo. O médio-ligeiro Francisco de Jesus, medalha de bronze no Pan também viaja.

A equipe é a seguinte: mosca ligeiro, Antonio Carlos Ribeiro; mosca, Antonio Toledo; galo, Ernani Leão; Pena, Sidnei Dal Roverem; leve, Jaime Sodré; meio-médio ligeiro, Benedito Nunes; meio-médio, Claudio Pereira; médio ligeiro, Francisco de Jesus; médio, Carlos Antunes Fonseca; meio-pesado, Clarismundo Silva; pesado Jair Campos.

Assaf ganha duas das três provas de que participa na Hípica

A amazona Elizabeth Assaf foi destaque de ontem na pista da Sociedade Hípica Brasileira, vencendo duas das três provas disputadas. Com **Parabellum**, foi a primeira colocada entre os veteranos, com quatro pontos perdidos e cumprindo o percurso — ao cronômetro, com desempate — em 53s3. Com **Pirro**, ganhou a prova de seniores — ao cronômetro, sem desempate — sem perder pontos, com o tempo de 81s5.

Elizabeth competiu ainda com **Primer Agua** na prova da categoria Senior, ficando em quarto lugar, com 83s1 e quatro pontos perdidos, atrás de Carlos Vinicius da Mota, segundo colocado com **Midnight Express**, em 85s9, e Jorge Carneiro, com **Jota**, em 89s9, e Jorge Carneiro, terceiro colocado — ambos sem pontos perdidos. Competiu também com **Primer Agua** na prova de veteranos, obtendo a segunda colocação com 14 pontos perdidos e o tempo de 58s2.

CATEGORIA JUNIOR

Entre os juniores, o destaque foi Claudia Itajahy que montando **Puma** conseguiu cumprir o percurso — ao cronômetro, sem desempate — sem cometer faltas, no tempo de 84s6. A segunda colocação ficou com Sergio Centola, que montou **Rigoletto** e também fez 0 ponto, em 94s6. João Alberto Malik Aragão, que competiu na prova de veteranos, com **Pacha**, foi eliminado por ter ultrapassado o tempo-limite da prova: 96.

Com o título já decidido na categoria Senior Série Intermediária — onde o conjunto Beatriz Hermany — **Yorkshire**, com 41 pontos, não pode ser mais alcançado por nenhum competidor — encerra-se hoje o segundo torneio do Campeonato por série promovido pelo Departamento Hípico do Fazenda Clube Marapendi.

Pela manhã, começando às 9h30m, serão realizadas as provas das categorias Alunos das Escolas de Equitação (dois percursos a 1 x 1,20m, tabela A) e Senior Novos (dois percursos 1,10 x 1,40, tabela A), e a partir das 15h30m serão disputadas uma prova para cavalos novos ou em recuperação (1,10 x 1,50, tabela A ao cronômetro) e a de Senior Série Intermediária (dois percursos, tabela A, 1,20 x 1,50m).

Na categoria Senior Série Intermediária a luta pelo título de vice-campeão está entre Silvia Boghossian, com **Shinaru**, com 24 pontos, Mauro Taubman e **Douglas** (17,6) e Affonso Lemos e **Sandro** (17).

Final interessante será a de Senior Novos, pois poucos pontos separam os quatro primeiros colocados, todos com chance de conquistar o título: Anna Cláudia Novaes Nogueira e **Dinamite** (35 pontos), Eduardo Spinola e **Gaston** (34), Jorge Ichaso e **Tavares** (33) e Oscar Medaglia e **Garrincha** (29).

Caça submarina prossegue hoje

A terceira etapa [illegible] peonato Estadual de Caça Submarina, organizada pelo Iate Clube do Rio de Janeiro, será disputada hoje, às 8h, e terá a duração de cinco horas.

[illegible] pecies constantes [illegible] de recordes da CBD acima de 500 gramas, são válidas, e o uso de equipamentos será o convencional.

Peter é campeão de Optimist ao vencer 4ª regata

O campeão europeu Peter Tansheit, de 13 anos, competindo pelo Clube dos Caiçaras, conquistou ontem, por antecipação, o título estadual da Classe Optimist, ao ganhar sua quarta regata consecutiva. A competição foi disputada na Lagoa Rodrigo de Freitas e levou à raia cerca de 70 barcos das categorias geral, juvenil, infantil, feminino e estreante.

O Campeonato, promoção do Clube dos Caiçaras, com apoio da Federação de Vela do Rio de Janeiro, termina, hoje, com a realização da quinta regata. Peter Tansheit, além de ganhar na classificação geral, também garantiu o título na categoria juvenil.

LUTA PELO VICE

Peter não precisa correr a etapa de hoje, com largada prevista para as 14 horas, porque pode descartar seu pior resultado, e ainda assim ficaria sem pontos perdidos. A luta pelo vice-campeonato na categoria geral está muito equilibrada entre Eduardo Bungner, do Clube dos Caiçaras, e Felipe Andrade, do Iate Clube do Rio de Janeiro, ambos com 14.4 pontos perdidos.

Na categoria juvenil, Bungner tem vantagem mínima sobre Erik Hermany, filho do bicampeão mundial de caça submarina, Bruno Hermany, que ultimamente se dedica à Classe Laser. Erik, que estreou na Classe Optimist, em março, ontem, terminou a quarta regata em segundo lugar e agora está com 16 pontos perdidos, enquanto Bungner soma 14,4 pontos negativos.

Felipe Andrade, que vai tentar o vice-campeonato na categoria geral, praticamente já garantiu o título na infantil, porque está com 14.4 pontos perdidos, enquanto o segundo colocado, Marcelo Nogueira, tem 31 e o terceiro, Eduardo Wagner, 33.

Na categoria feminino, Letícia Nogueira, do Iate Clube do Rio de Janeiro, ocupa a primeira colocação, com 43 pontos, enquanto Monica Soffiatti, do Clube dos Caiçaras, e que já disputou regatas internacionais na Classe Laser, está em segundo, com 52.

Entre os estreantes, Flávio Peixoto ganhou a regata e praticamente assegurou o título, tal a vantagem de pontos sobre Eduardo Fernandes. Márcia Pellicano, filha de Roberto Pellicano, comandante do barco **Krshna**, que venceu em sua classe a Regata da Bermuda, também concorreu, completando o percurso em segundo lugar, mas não está bem na geral.

RESULTADOS

O resultado da quarta regata foi o seguinte:

Geral: 1º Peter Tansheit (CC), 2º Erik Hermany (ICRJ), 3º Eduardo Bungner (CC), 4º Marcelo Nogueira (ICRJ), 5º Eduardo Wagner (CN), 6º Felipe Andrade (ICRJ), 7º Claudio Fernandez (ICRJ), 8º Caio Alexandre de Souza (ICRJ), 9º Luis Paulo Gonçalves (CC), 10º Daniel Zohar (CC), 11º Marcelo Pinheiro (ICJG), e 12º Marco Aurelio Mendes (CIC).

Juvenil: 1º Peter Tansheit, 2º Erik Hermany, 3º Eduardo Bungner.

Infantil: 1º Marcelo Nogueira, 2º Eduardo Wagner, 3º Felipe Pinheiro de Andrade.

Estreante — 1º Flávio Mello Peixoto, 2º Márcia Pellicano, 3º Cláudio Soares de Souza. Na categoria feminino, nenhuma das concorrentes cruzou a linha de chegada dentro do tempo-limite estabelecido.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Geral: 1º Peter Tansheit, sem pontos perdidos; 2º Eduardo Bungner, 14,4; 3º Felipe Andrade, 14,4. **Juvenil** — 1º Peter Tansheit, sem pontos perdidos; 2º Eduardo Bungner, 14,4; 3º Erik Hermany, 16. **Infantil**: 1º Felipe Andrade, 14,4; 2º Marcelo Nogueira, 31; 3º Eduardo Wagner, 33 **Feminino** — 1º Leticia Nogueira, 43; 2º Mônica Soffiatti, 52; 3º Yael Simomi, 68. **Estreante**: 1º Flávio Peixoto, 3; 2º Eduardo Fernandes, 23.7; 3º André Guarisch, 28.

EQUILÍBRIO NA OCEANO

Em etapa muito equilibrada e corrida próximo à ilha Rosa, com ventos de Nordeste, força 2,5 para 3, o **Barco**, comandado por Mário Simões, conquistou a fita azul e o primeiro lugar no tempo corrigido da terceira regata do Torneio Eugênio Villarino.

Durante a regata, que na chegada apresentava ventos de Sueste e maré vazando muito, três **onne tonners** — **Barco**, **Mo-Hai** e **High Tension** — se alternaram na liderança, mas ao final, o primeiro, que começa a ter bons desempenhos, cruzou a linha com vantagem de aproximadamente nove minutos para o segundo colocado, o **Mo-Hai**, de Paolo Pirani, enquanto o **High Tension**, de Alain Jouillé, completava o percurso em terceiro lugar, classificando-se a seguir: **Tuna**, de Thomas Haynes, e **Allesgut**, de Jacques Aubry.

Na Classe V, a vitória pertenceu ao **Kauna**, de José Carlos Vaz, seguido do **Andrea**, de José Álvaro de Carvalho; e **Rudá**, de Silvio Mello Leitão; **Flop**, de Augusto Gonzaga, e **Uni-Duni-Tê**, de Ronaldo Nogueira.

O **Kalena**, comandado por José Avelino, foi o único Classe VI a completar o percurso dentro do tempo limite, enquanto na Classe VIII, reservada a barcos da marca Atoll, venceu o **Aburus**, de Osmar Mendonça, com o **Beagle**, de Heitor Braga, em segundo lugar.

O Torneio Eugênio Villarino termina hoje, com a quarta regata e a largada está prevista para as 11h próximo à bóia do Madalena. Os concorrentes contornarão a ilha de Maricás, terminando o percurso no mesmo local da largada.

CLASSE PINGÜIM

O Campeonato Sul-Brasileiro da Classe Pingüim, organizado pela Federação de Vela do Rio de Janeiro e promovido pela Marina da Glória, começa hoje pela manhã, com a abertura das inscrições, medição e pesagem dos barcos. Amanhã, a programação será a mesma e a primeira regata da série de seis, valendo os cinco melhores resultados, será terça-feira, em águas próximas da Escola Naval.

Foto de Basílio Calazans

O Estadual de Optimist, que apresentou ventos fraquíssimos, é disputado na Lagoa, por iatistas com idades entre sete e 14 anos

Tracy vence outra vez no US Open

Nova Iorque — A jovem norte-americana Tracy Austin não teve problemas para passar à terceira rodada do US Open, parte feminina, ao derrotar Andrea Jaeger, também dos Estados Unidos, por 6/2 e 6/2. Tracy, que, na pré-classificação, só está atrás de Martina Navratilova e Chris Evert, enfrentará agora outra norte-americana, Wendy White, do Estado de Atlanta.

Na parte masculina, o segundo favorito da competição, Jimmy Connors, não teve que jogar sua partida contra o veterano indiano Vijay Amritraj até o fim. Depois de disputados dois *sets*, vencidos por Connors por 7/6 e 7/5, Vijay desistiu de continuar jogando e Connors passou à rodada seguinte, onde enfrentará outro norte-americano, Bruce Manson, que venceu Francisco Gonzales, de Porto Rico por 2/6, 6/2, 6/2 e 6/2.

Além da partida entre Connors e Mason, outros jogos pela terceira rodada atrairão as atenções gerais e o principal é o do sueco Bjorn Borg que deverá ter uma partida fácil contra o chileno Jaime Fillol, que já causou uma surpresa ao chegar a essa fase da competição.

Em outra partida de importância, se enfrentam os norte-americanos Vitas Gerulaitis e Stan Smith, com o primeiro sendo considerado favorito, apesar de Smith, veterano jogador, campeão de Wimbledon em 1972, derrotando na final Ilie Nastase, estar em boa forma.

O argentino Guillermo Vilas, tentando reabilitar-se de suas últimas atuações e recuperar o título do *Open*, que conquistou em 1977, tarefa considerada por muitos como das mais difíceis, enfrentará agora o norte-americano Erik Van Dillen, especialista em duplas que, ainda, não deverá ser o adversário a eliminar Vilas.

Em outros jogos de interesse, John McEnroe enfrenta o inglês John Lloyd, Victor Pecci jogará contra o sul-africano John Kriek, Harold Solomon enfrenta Ray Moore e Eddie Dibbs jogará contra Berine Mitton.

Segunda rodada — Simples, feminino
Leslie Allan (EUA) 7/6 e 6/4 Ruta Gerulaitis (EUA)
Wendy Tirnbull (Austrália) 6/4 e 6/2 Maria Fernandez (EUA)
Stacy Margolin (EUA) 6/2 e 6/0 Nancy Yeargin (EUA)
Wendy White (EUA) 4/6 1/3 desistência Florenza Nihai (Romênia)
Caroline Stoll (EUA) 6/7, 6/4 e 7/6 Hana Mandlikove (Tchecos)
Barbara Jordan (EUA) 7/5 e 6/4 Julie Anthony (RUA)
Laura DuPont (EUA) 7/5, 5/4 desistência Ann Kiyomura (EUA)
Sylvia Hanika (RFA) 6/2, 6/7 e 6/4 Lea Antonoplis (EUA)
Greer Stevens (África do Sul) 6/2, 3/6 e 6/0 Rosalyn Faribank (África do Sul)
Kathy May Teacher (EUA) 6/1 e 6/2 Daniela Porzio (Itália)
Anne Smith (EUA) 6/2 e 6/4 Renata Tomanova (Tcheco)
Kate Latham (EUA) 6/4, 6/7 e 6/2 Karen Susman (EUA)
Evonne Goolagong (Austrália) 6/2 e 6/3 Rayni Fox (EUA)
Mary Lou Piatek (EUA) 6/3 e 6/2 Andrea Jaeger (EUA)
Terry Halladay (EUA) 6/3, 4/6 e 6/3 Barbara Hallquist (EUA)
Tracy Austin (EUA) 6/2 e 6/2 Andrea Jaeger (EUA)
Kathy Jordan (EUA) 5/7, 6/3 e 6/1 Andrea Whitmore (EUA)

Segunda rodada — Simples, homens
Hank Pfister (EUA) 3/6, 4/6, 6/3, 6/4, 6/1 John Alexander (Austrália)
Yannick Noah (França) 6/4, 6/4, 7/6 Woitek Fibak (Polônia)
Eddie Dibbs (EUA) 6/1, 1/6, 7/5, 6/2 Gene Malin (EUA)
Jaime Fillol (Chile) 6/1, 5/7, 6/2, 6/2 Peter Fleming (EUA)
Stan Smith (EUA) 6/2, 6/1, 6/3, Russell Simpson (N. Zelândia)
Robert Trogolo (Af. Sul) 6/4, 2/6, 6/2, 6/2 Jan Norback (Suécia)
Bruce Manson (EUA) 2/6, 6/2, 6/2, 6/2 Francisco Gonzalez (P. Rico)
Jimmy Connors (EUA) 7/6, 7/5, desistência Vijay Amritraj (Índia)
John Lloyd (Inglaterra) 5/7, 6/7, 7/5, 6/1, 7/6 Paul McNamee (Austrália)
Bernie Mitton (Af. Sul) 6/1, 6/3, 6/2 Sherwood Stewart (EUA)
Brian Gottfried (EUA) 6/3, 5/7, 7/5, 5/7, 6/4 Marty Riessen (EUA)
Victor Amaya (EUA) 6/4, 6/1, 6/4 John Sadri (EUA)
Tom Gorman (EUA) 6/1, 6/2, 6/2 Terry Rocavert (Austrália)
Harold Solomon (EUA) 6/3, 6/0, 6/4 John Austin (EUA)
Gene Mayer (EUA) 6/4, 7/5, 6/1 Tom Gullikson (EUA)
Erik Van Dillen (EUA) 6/3, 6/4, 6/2 Joel Bailey (EUA)
Roy Moore (Af. Sul) 7/6, 5/0, desistência Jiri Hrebec (Tch.)
Tim Gullikson (EUA) 6/3, 6/2, 7/6 Andrew Pattison (EUA)
Pat Dupre (EUA) 6/2, 6/2, 1/6, 6/3 Tomaz Smid (Tch.)
Roscoe Tanner (EUA) 6/3, 6/2, 6/1 Ivan Lendl (Tch.)

Manuel Benitez, ou simplesmente El Cordobes, *o mais famoso toureiro espanhol de todos os tempos, embora não seja considerado o melhor, sempre gostou de ser notícia. Tanto que depois de sete anos parado, ele preparou com festa a sua volta à arena, há cerca de um mês, num acontecimento de que se ocupou toda imprensa internacional. Agora, a mesma imprensa, talvez a contragosto do bailarino matador de touros, ocupa-se novamente com ele. Seria Manuel Benitez o pai de um menino louro, de 10 anos, também chamado Benitez, e apresentado anteontem em Madri, por sua mãe, Elizabeth Velasco, de 27 anos? Ela diz que sim e está dando 30 dias a Manolo para reconhecer a paternidade. Caso contrário, entrará na Justiça.* El Cordobes *nega a paternidade, dizendo-se inocente.*

Vôlei só muda em dois anos

Somente daqui a dois anos os jogadores brasileiros que participaram do campeonato de times profissionais da Liga Norte-Americana — como Bebeto, Luís Eymard, Lino, Zé Henrique, Carlos Fonseca, Fernandão e Bonga — poderão requerer seu retorno à condição de amadores.

Apesar de os entendimentos entre a Liga e a Federação Internacional de Voleibol terem tido bom encaminhamento durante a reunião realizada no México, todas as decisões terão que ser aprovadas pelo congresso que se realizará em Moscou, durante os Jogos Olímpicos, em 1980.

AS DECISÕES

A Federação Internacional de Voleibol reconhecerá a existência legal do vôlei profissional tão logo seja aprovado o regulamento interno da entidade incluindo item sobre o profissionalismo e tão logo a Liga se filie à Associação de Vôlei dos Estados Unidos, o que ficou combinado para acontecer no próximo ano, através de um acordo a ser assinado em Paris ou em Londres e que será televisionado.

Caso o congresso de Moscou aprove a nova regulamentação interna da Federação e o acordo seja assinado, os jogadores poderão por uma única vez, após um ano, dar entrada nas confederações nacionais com seu pedido de reversão ao amadorismo. Essa reversão os libera para jogarem em torneios de clubes de qualquer nível — estadual, nacional ou internacional. Só não é válida para Jogos Olímpicos, Pan-Americanos, Mundiais e Sul-Americanos por causa da regra 26 do Comitê Olímpico Internacional, que exige que os representantes de selecionados nacionais sejam amadores.

Nos principais jogos da rodada de ontem do Campeonato Estadual Juvenil, a equipe feminina do Tijuca derrotou a do Grajaú por 3 a 0, o mesmo acontecendo com a equipe masculina, em relação ao Coroados.

Assaf ganha duas das três provas de que participa na Hípica

A amazona Elizabeth Assaf foi destaque de ontem na pista da Sociedade Hípica Brasileira, vencendo duas das três provas disputadas. Com **Parabellum**, foi a primeira colocada entre os veteranos, com quatro pontos perdidos e cumprindo o percurso — ao cronômetro, com desempate — em 53s3. Com **Pirro**, ganhou a prova de seniores — ao cronômetro, sem desempate — sem perder pontos, com o tempo de 81s5.

Elizabeth competiu ainda com **Primer Agua** na prova da categoria Sênior, ficando em quarto lugar, com 83s1 e quatro pontos perdidos, atrás de Carlos Vinicius da Mota, segundo colocado com **Midnight Express**, em 85s9, e Jorge Carneiro, com **Jota**, em 89s9, e Jorge Carneiro, terceiro colocado — ambos sem pontos perdidos. Competiu também com **Primer Agua** na prova de veteranos, obtendo a segunda colocação com 14 pontos perdidos e o tempo de 58s2.

CATEGORIA JUNIOR

Entre os juniores, o destaque foi Cláudia Itajahy, que montando **Puma** conseguiu cumprir o percurso — ao cronômetro, sem desempate — sem cometer faltas, no tempo de 84s6. A segunda colocação ficou com Sergio Centola, que montou **Rigoletto** e também fez 0 ponto, em 94s6. João Alberto Malik Aragão, que competiu na prova de veteranos, com **Pachá**, foi eliminado por ter ultrapassado o tempo-limite da prova: 96.

Com o título já decidido na categoria Senior Série Intermediária — onde o conjunto Beatriz Hermany — **Yorkshire**, com 41 pontos, não pode ser mais alcançado por nenhum competidor — encerra-se hoje o segundo torneio do Campeonato por série promovido pelo Departamento Hípico do Fazenda Clube Marapendi.

Pela manhã, começando às 9h30m, serão realizadas as provas das categorias Alunos das Escolas de Equitação (dois percursos a 1 x 1,20m, tabela A) e Senior Novos (dois percursos 1,10 x 1,40, tabela A), e a partir das 15h30m serão disputadas uma prova para cavalos novos ou em recuperação (1,10 x 1,50, tabela A ao cronômetro) e a de Senior Série Intermediária (dois percursos, tabela A, 1,20 x 1,50m).

Na categoria **Senior Série** Intermediária a luta pelo título de vice-campeão está entre Silvia Boghossian, com **Shinaru**, com **24** pontos, Mauro Taubman e **Douglas** (17,6) e Affonso Lemos e **Sandro** (17).

Final interessante será a de Senior Novos, pois poucos pontos separam os quatro primeiros colocados, todos com chance de conquistar o título: Anna Cláudia **Novaes** Nogueira e **Dinamite** (35 pontos), Eduardo Spinola e **Gaston** (34), Jorge Ichaso e **Tavares** (33) e Oscar Medaglia e **Garrincha** (29).

Caça submarina prossegue hoje

A terceira etapa do Campeonato Estadual de Caça Submarina, organizada pelo Iate Clube do Rio de Janeiro, será disputada hoje, às 8h. e terá a duração de cinco horas.

Todas as espécies constantes da tabela de recordes da CBD, acima de 500 gramas, são válidas e o uso de equipamentos será o convencional.

Djan ganha medalha de ouro na Copa do Mundo

Foto de Ronaldo Theobald

Virginia Andreatta ganhou os 200 metros medley e depois foi o destaque no revezamento 4 x 200 do Flamengo

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — O brasileiro Djan Madruga ganhou ontem a medalha de ouro na prova de 400 metros livres da Copa Mundial da Federação Internacional de Natação, iniciada ontem, ao superar o norte-americano Casey Conserve nos 50 metros finais da competição com um novo recorde sul-americano 3m55s14, marca inferior em 84 centésimos à sua marca anterior, obtida há 15 dias atrás, no Campeonato Norte-Americano.

A prova foi uma das mais disputadas da abertura da Copa. O canadense Peter Szmidt esteve absoluto na liderança durante os 300 metros iniciais do percurso, mas logo a seguir foi ultrapassado por Conserve. Num excelente duelo, final, porém, tomou a dianteira do nadador norte-americano e acabou com a medalha de prata, estabelecendo um novo recorde canadense com 3m55s28. Conserve obteve a medalha de bronze, com 3m56s28.

SURPRESA

— Não esperava chegar em primeiro, afirmou Djan, emocionado, ao final da prova. Havia outros competidores com tempos melhores que os meus inclusive o inglês Andrew Astbury, que acabou em quarto lugar. Fiz o melhor que pude e tive uma grande alegria.

Djan, porém, não acredita que tenha boas possibilidades na segunda etapa da competição, hoje, nem na terceira, amanhã.

— Nadarei amanhã (hoje) os 200 metros costas e, segunda-feira, os 200 metros livres e sei que não tenho muitas chances nessas provas porque não sou um bom velocista e sim especialista em provas de longa distância.

A próxima meta do nadador brasileiro é a Universíade, no México, onde chegará terça-feira para participar dos 200 metros costas e dos 400 metros livres. Ele afirmou ainda que deverá voltar ao Brasil no final do ano e só então decidirá se continuará estudando na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos.

— Estou muito atarefado com as competições internacionais e tenho perdido aulas demais — afirmou.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

A vitória de Djan Madruga permitiu à representação Latino-Americana na Copa Mundial classificar-se em quarto lugar. Os Estados Unidos obtiveram o melhor resultado global entre as oito equipes que disputam o torneio — Canadá, União Soviética, Suécia, Japão, Estados Unidos, Austrália, Europa e América Latina — ganhando cinco das 10 provas disputadas.

A principal atração para o público de 7 mil 500 pessoas que assistiu à primeira etapa da Copa foi o duelo entre a americana Cynthia Woodhead e a australiana Tracey Whickham nos 400 metros livres, já que a ausência dos nadadores alemães e dos recordes mundiais que se esperava que fossem batidos tirou um pouco do brilho da disputa. Cynthia venceu os 400 metros com o tempo 4m10s53, deixando em segundo lugar a australiana Tracey, recordista mundial de distância, com 4m12s70.

Os resultados

400 metros livres masculino
1 Djan Madruga (Brasil) 3m55s14
2 Peter Szmiat (Canadá) 3m55s28
3 Casey Converse (EUA) 3m56s26

400 metros livres femininos
1 Cynthia Woodhead (EUA) 4m10s53
2 Tracy Wickham (Austrália) 4m12s70
3 Wendy Quirck (Canadá) 4m17s02

400 metros medley masculino
1 Alex Baumann (Canadá) 4m30s09
2 Leszek Gorski (Polônia) 4m31s02
3 Gary Andersson (Suécia) 4m32s44

400 metros medley feminino
1 Tracy Caulkins (EUA) 4m45s59
2 Ann Sofi Roos (Suécia) 4m53s49
3 Agnieszka Czopek (Polônia) 4m53s86

100 metros costas masculino
1 Garry Hurring (Nova Zelândia) 57s82
2 Cress Templeton (EUA) 57s90
3 Sergei Pospelov (União Soviética) 58s49

100 metros costas feminino
1 Linda Jesek (EUA) 1m03s72
2 Monique Bosca (Holanda) 1m04s36
3 Larissa Gorchakaia (União Soviética) 1m05s05

200 metros peito masculino
1 Lindsay Spenser (Austrália) 2m20s58
2 Peter Berggreen (Suécia) 2m21s09
3 John Simons (EUA) 2m21s70

200 metros peito feminino
1 Sheila Dezeeeuw (Canadá) 2m35s21
2 Ann Tweedy (EUA) 2m37s58
3 Chieko Watanabe (Japão)
2m37s88

revezamento 4x100 livre masculino
1 Estados Unidos 3m23s40
2 Europa 3m26s33
3 Suécia 3m26s34

revezamento 4x100 livre feminino
1 Estados Unidos 3m36s32
2 Canadá 3m50s80
3 Europa 3m51s33

Quadro de medalhas

	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	5	2	2
Canadá	2	2	1
Austrália	2	1	0
América Latina	1	0	0
Europa	0	3	2
Suécia	0	0	2
União Soviética	0	0	2
Japão	0	0	1

Ismar é destaque no golfe

Ismar Brasil — um dos melhores jogadores do Itanhangá e terceiro colocado no **ranking** estadual de golfe — mostrou estar em excelente forma ontem, ao conquistar a Taça Lufthansa de Golfe Masculino, disputada no campo de seu clube, em 18 buracos, **stroke-play**, com 65 **net**, depois de cumprir o percurso com 69 tacadas — três abaixo do par do campo.

A segunda colocação coube a Jorge Ferraz, que igualou o par da cancha e obteve um cartão final de 66 **net**. A terceira posição entre os jogadores da categoria principal — 0 a 9 de **handicap** — ficou com Fábio Egypto Filho, que obteve 69 **net**. A seguir, classificou-se Roberto Sales, com 70 **net**.

OUTROS RESULTADOS

Na categoria 10 a 17 de **handicap**, o vencedor foi André Wiltceck, depois de um desempate pelos últimos nove buracos com Jorge Godoy Cangussu e Argilio Macedo, todos com 69 **net**. Cangussu terminou em segundo e Macedo em terceiro.

Na categoria 18 a 24 de **handicap**, o melhor escore foi o de Fred Thomason — 62 **net**. Em segundo lugar, ficou Lauro Jardim, com 64 **net**, seguido de Ramiro Barcelos, com 66, e Kokei Denda, com 68 **net**.

No Gávea, estava programada a rodada final da Taça Arcadia de Golfe entre Eduardo Faria e Aloisio Silveira, em 36 buracos, que foi adiada para hoje. Paralelamente, será jogada hoje no clube a Taça Itanhangá entre as segundas equipes do Gávea e do Itanhangá — cada um com oito golfistas. Haverá quatro **matches** de duplas, em 18 buracos. As equipes principais dos dois clubes jogarão no Itanhangá também quatro **matches**.

Remo

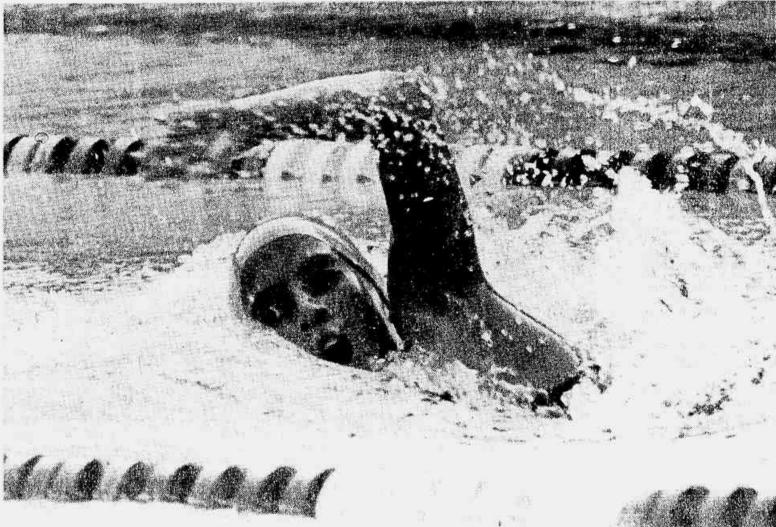
A quinta etapa do Campeonato Estadual de Remo prossegue hoje, às 8h30m, no Estádio de Remo da Lagoa, com a participação de oito clubes em 10 provas das categorias Junior, Aspirante e Senior. As provas são em homenagem à Polícia Militar, que comparecerá com sua banda e fará um **show** durante o intervalo entre as provas.

As provas são as seguintes: **Quatro Com**, Aspitante B, com Flamengo, Escola Naval e Vasco; **Quatro Sem**, Aspirante A, Vasco, São Cristóvão, Flamengo; **Dois Sem Junior A**, Vasco, Flamengo A e B, São Cristóvão e Botafogo A e B; **Skiff** Aspirantes, Guanabara, Botafogo A e B, Flamengo, Internacional e Vasco; **Quatro Com**, Vasco, Flamengo, Botafogo e Escola Naval; **Dois Com**, Aspirante B, Flamengo A e B, São Cristóvão, Boqueirão do Passeio e Vasco; **Quatro Sem**, Junior B, Vasco, Botafogo e Flamengo, **Skiff Infantil**, prova extra, Botafogo, Flamengo e Vasco; **Double Senior**, Botafogo, Flamengo e Vasco; **Oito**, Vasco e Flamengo.

JB/Shell

Com largada prevista para às 8h30m e concentração meia hora antes, será realizada hoje a competição de Ciclismo válida para o Campeonato Carioca Universitário dos VI Jogos JORNAL DO BRASIL/Shell. A corrida terá como local o bairro do Leme com saída da Praça Almirante Júlio de Noronha e final na esquina de Av. Atlântica com Princesa Isabel.

O líder da competição é Antonio Pasquali da UGF com 51 pontos seguido por Djalma Aquino da SUAM com 43 e Clyton Raymondi da Escola Naval com 36 pontos. Por equipes a UGF vem em primeiro com 119 pontos, em segundo a SUAM com 149.5 e em terceiro a Escola Naval com 67.5 pontos.

Ainda hoje a partir das 8h30m no Flamengo serão disputadas as provas Tiro nas modalidades de pistola de ar e tiro rápido às silhuetas.

Universíade do México dispensa hino e bandeira

México — Com grandiosa solenidade, reunindo cerca de 5 mil universitários de 75 países, serão abertos oficialmente hoje pelo Presidente mexicano José Lopez Portillo, os X Jogos Universitários Mundiais, a Universíade, que compreenderão torneios de 10 modalidades, disputados até 13 de setembro.

Como ocorre nas grandes competições realizadas nos últimos anos, há também aqui uma nada velada preocupação com a segurança dos atletas, a ponto de terem sido destinados para esta tarefa mais de 4 mil policiais. No entanto, a vigilância vem agindo com muita discrição, propiciando ambiente mais esportivo do que em outros torneios da mesma importância efetuados em outros países.

SEM HINOS

— Estamos aqui para competir, nos conhecermos melhor e estreitar nossos laços de amizade — assinalaram vários dirigentes da Federação Internacional de Esportes Universitários, ao rechaçarem o pedido para que nas cerimônias de premiação fossem observados os protocolos utilizados nas Olimpíadas.

Por isso, ao subirem ao **pódium** os atletas vencedores não ouvirão os hinos de seus respectivos países e a única bandeira a ser içada na ocasião será a da Federação Internacional — FISU — que organiza a competição há 20 anos. A Universíade é disputada a cada dois anos.

Acredita-se que a dispensa de execução dos hinos — medida que vem ganhando adeptos nos últimos anos, inclusive o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Lord Killanin — está ligada à velada preocupação dos organizadores com a segurança dos jogos. E contam com outro aspecto a seu favor para conter os protestos internos: estes jogos serão os mais econômicos dos que se realizaram, segundo o diretor do Instituto Nacional de Desportos mexicano, Guilhermo Lopez Portillo, primo do Presidente da República.

Nas Olimpíadas de 68, organizadas pela Cidade do México, as autoridades tiveram problemas sérios com os protestos dos mexicanos contra o elevado gasto para sediar um torneio quando o povo enfrentava muitos problemas. Houve até mortes, mas este ano a situação certamente não se repetirá, porque toda a estrutura da Olimpíada será utilizada, requerendo investimento de apenas 25 milhões de dólares (Cr$ 750 milhões) para o desenrolar da Universíade. Os Jogos Pan-Americanos custaram 52 milhões de dólares (quase Cr$ 1,5 bilhão).

As delegações — até à noite de ontem haviam chegado 77, mas segundo os organizadores serão 112 países e 5 mil 500 atletas — estão instaladas na Vila Universitária, ao Sul da cidade, sem barreiras para separar homens e mulheres. O fogo universitário foi aceso ontem à noite, no santuário de Teotihuacan, a 60 quilômetros da Capital, e chega hoje ao estádio da Cidade Universitária, antes da cerimônia de abertura. O desfile das delegações começa às 14h23m.

O diretor do Instituto Nacional de Desportos, Guillermo Lopez Portillo, desmentiu os boatos de que o Brasil seria sede da Universíade de 1981, pois a escolha só será definida em dezembro próximo, por ocasião do congresso da FISU, em Helsinque.

FAVORITOS

Quando as competições se iniciarem amanhã, com disputas de natação, water-pólo, saltos ornamentais, ginástica, esgrima, tênis e vôlei — o futebol está em fase eliminatória, porque muitos se inscreveram, e o atletismo começa dia 8 — Estados Unidos e europeus poderão confirmar o favoritismo com que entram nos torneios.

Para o Brasil, que compete em cinco modalidades, as maiores esperanças estão em Rômulo Arantes Jr. (natação), e Agberto Guimarães, Altevir Araújo, Nélson Rocha, Marly dos Santos (atletismo). As outras modalidades em que se inscreveram os brasileiros, que trouxeram mais de 100 pessoas, são basquete (masculino e feminino), vôlei (masculino e feminino) e water-pólo.

Equipe do Fla bate recorde no 4x200m

A equipe do Flamengo quebrou ontem o recorde estadual juvenil do revezamento feminino de 4 x 200 metros, livre, com as nadadoras Ana Lima e Silva, Cláudia Cabral, Paula Amorim e Virgínia Andreatta. Elas marcaram 9m17s11, superando em mais de dois segundos a antiga marca de 9m19s39, que pertencia ao Tijuca. Não foi um recorde inesperado: aproveitando Ana e Cláudia em seu último ano como juvenis e a experiência internacional das infantis Paula e Virgínia — que foram ao Pan-Americano de Porto Rico — o técnico Rômulo Arantes tramou o recorde antes da prova.

— Vamos dar uma animada pessoal — disse Rômulo às meninas ao reuni-las na beira da piscina do Parque Aquático Júlio de Lamare — porque temos tudo para superar este recorde.

O recorde

O incentivo deu certo e as nadadoras do Flamengo terminaram a prova com uma vantagem de quase 20 segundos — uma diferença de aproximadamente 30 metros — sobre a equipe do Tijuca, segunda colocada. No entanto, Rômulo Arantes e os outros técnicos do Flamengo só tiveram certeza de que o recorde ia ser batido mesmo quando Virgínia Andreatta — a última do revezamento — passou seus primeiros 100 metros em 1m05s82, o melhor tempo parcial de toda a prova. Os parciais por atleta foram os seguintes (com os subtotais ao lado):

Ana Lima e Silva	*2m18s21*	—
Claudia Cabral	*2m22s28*	*4m40s49*
Paula Amorim	*2m20s53*	*7m01s02*
Virginia Andreatta	*2m16s09*	*9m17s11*

O recorde foi quebrado ontem à tarde em uma das 24 provas que integraram a programação da Federação Metropolitana e que deram continuidade aos torneios iniciados anteontem para as categorias petiz, infantil, juvenil e aspirantes "A". Participaram mais de 200 atletas e outro bom resultado obteve Rubens Trilles Filho, de 12 anos, da Gama Filho, fazendo 1m01s68 nos 100 metros livre da categoria infantil.

Petizes

As provas de petizes tiveram os seguintes vencedores:
100m, livre — meninos: Marcio Rego, 1m09s46 (Olaria).
100m, livre — meninas: Jacqueline Rodrigues, 1m09s20 (Botafogo).
100m, peito — meninos: Jorge Souza, 1m26s72 (Gama Filho).
100m, peito — meninas: Jiselle Moraes, 1m29s56 (Tijuca).
4x100m, livre — Meninos: Gama Filho, 4m46251.
4x100m, livre — meninas: Botafogo, 4m51s26.

A classificação: 1º Gama Filho, 82 pontos; 2º Fluminense, 50; 3º Flamengo, 49.

Infantis

As provas de infantis foram ganhas pelos seguintes atletas:
100m, livre — homens: Rubens Trilles Filho, 1m01s68 (Gama Filho).
100m, livre — moças: Maria Martins, 1m03s48 (Fluminense).
100m, peito — homens: Sergio Fernandes, 1m19s21 (Gama Filho).
100m, peito — moças: Clelia Nobrega, 1m27s50 (Canto do Rio).
4x100m, livre — homens: Gama Filho, 4m18s94.
4x100m, livre — moças: Gama Filho, 4m31s24.

A classificação: 1º Gama Filho, 190 pontos; 2º Flamengo, 112; 3º Fluminense, 86.

Juvenis

As provas de juvenis foram seis também:
100m, costas — homens: Marcos Fernandes, 1m08s32 (Gama Filho).
100m, costas — moças: Claudia Mendes, 1m15s11 (Flamengo).
200m, medley — homens: Carlos Vaccari, 2m27s02 (Gama Filho).
200m, medley — moças: Virginia Andreatta, 2m33s82 (Flamengo).
4x200m, livre — homens: Gama Filho, 8m50s89.
4x200m, livre — moças: Flamengo, 9m17s11 (recorde carioca).

A classificação: 1º Flamengo, 143; 2º Gama Filho, 102; 3º Tijuca, 88.

Aspirantes

Os vencedores das seis provas de aspirantes:
200m, costas — homens: Silvio Monteiro, 2m22s65 (Flamengo).
200m, costas — moças: Vera Cottim, 2m43s60 (Fluminense).
400m, livre — homens: Marcelo Jucá, 4m16s48 (Flamengo).
400m, livre — moças: Patricia Pascarelli, 4m47s51 (Gama Filho).
4x100, livre — homens: Flamengo A, 3m51s67.
4x100m, livres — moças: Gama Filho, 4m25s70.

Atletismo de júnior mostra bons índices

Sete recordes, um estadual e seis Campeonatos, foram batidos ontem, na pista do Estádio Célio de Barros, durante a disputa da primeira etapa do Campeonato Estadual Júnior de Atletismo, com bom índice técnico. Apesar do reduzido público, a competição mais uma vez comprovou a superioridade atual da Associação Atlética Gama Filho, detentora de seis dos sete recordes superados e que lidera a competição feminina com 231 pontos, contra 58 do Flamengo e 3 do Botafogo.

O melhor índice técnico da tarde pertenceu ao revezamento 4 x 100m feminino da Gama Filho, formado por Marisa Costa, Célia Costa e Silva, Olga Maria Verissimo e Sheila de Oliveira, que bateram o recorde estadual, com o tempo de 47s6d, contra 47s7d, a marca anterior. Os outros recordes foram batidos nas provas de salto em distância, 1500m, dardo, disco, 100m rasos e 100m com barreiras. As provas prosseguem hoje, às 8h30m, no Estádio Célio de Barros.

Resultados

Salto em Distância — 1º Inês Maria Santana, UGF, 5,39m; 2º Lenita de Almeida Marques, UGF, 5,28m; 3º Indalecia Magno Rocha, UGF, 4,67m.

100m Rasos — 1º Sheila de Oliveira, UGF, 11s7; 2º Bárbara do Nascimento, Flamengo, 12s3; 3º Célia Costa e Silva, UGF, 12s4.

100m c. Barreira — 1º Olga Verissimo, UGF, 14s7; 2º Vera Lucia Oliveira, UGF, 17,8s; 3º Carla Fernandes Santos, Flamengo, 20,6s.

Lançamento de Dardo — 1º Sandra Pereira de Albuquerque, Flamengo, 36,24m; 2º Edijan Teles Vieira, UGF, 29,08m; 3º Maria Glória Affonso, UGF, 25,38m.

1500m Rasos — 1º Mônica Tobias, UGF, 4m43s5d; 2º Cássia Aparecida Fonseca, UGF, 4m44s3d; 3º Eliane Neves Maia, UGF, 5m20s8d.

Lançamento de Disco — 1º Edijan Teles Vieira, UGF, 30,96m; 2º Renata Rocha Moreira, Flamengo, 30,48m; 3º Maria da Glória Affonso, UGF, 27,56m.

Revezamento 4 x 100m — 1º UGF, 47,6s; 2º Flamengo, 51,6s.

400m Rasos — 1º Edilene Barbosa Oliveira, UGF, 59,7s; 2º Maria Fátima Hemetário, UGF, 1m02s7d; 3º Claudiléia Matos Santos, UGF, 1m03s3d.

A prova de declato masculina foi disputada parcialmente ontem, e Ronaldo Cristiano Alcaraz, da Gama Filho, está liderando com 3 mil 219 pontos, seguido de Jorge Luis de Sousa, do Flamengo, com 3 mil 82 pontos.

Reinaldo confirma presença

Belo Horizonte — A volta do técnico Iustrich ao América mineiro — depois de quase dois anos afastado do futebol — não é suficiente para apagar o favoritismo do Atlético no jogo desta tarde, às 16h, no Mineirão. Isso porque o artilheiro Reinaldo, com a presença confirmada, está em grande forma e Cerezo parece aos poucos readquirir seu melhor futebol.

Além disso, o América não poderá contar com o apoiador Luís Carlos, que costuma fazer gols em João Leite, mas no momento está suspenso e será substituído por Gilmarzinho. Iustrich foi contratado ontem para o lugar de Evaldo, demitido na véspera. Em Uberlândia, o Uberlândia, vice-líder atrás apenas do Atlético, enfrenta o Uberaba.

PROTESTO

Maurílio José Santiago será o juiz de Atlético x América. Atlético — João Leite, Alves, Osmar, Luisinho e Hilton Brunis; Cerezo, Geraldo e Paulo Isidoro; Serginho, Reinaldo e Rômulo. América — Zé Maurício, Celso Augusto, Luís Carlos Hipple, Ananias e Váner; Ramirez, Lúcio e Gilmarzinho; Zé Carlos, Maneca e Marco Antônio.

A diretoria do América deve encaminhar protesto esta semana ao Secretário de Segurança Pública do Estado, Coronel Amando Amaral, contra as cenas de violência ocorridas entre torcedores e policiais, nas arquibancadas do Mineirão, na última quinta-feira, quando América e Guarani empataram em 1 a 1. Alguns policiais chegaram a apontar armas para os torcedores.

CRUZEIRO VENCE

O Cruzeiro se reabilitou dos últimos insucessos ao vencer o Guarani por 4 a 0 ontem à tarde no Mineirão, na abertura da segunda rodada do returno da fase final do Campeonato Mineiro. Apesar do resultado, o Cruzeiro foi novamente um time confuso, desperdiçando um pênalti e diversas oportunidades.

Mauro, que perdeu o pênalti, foi quem marcou o primeiro gol aos 20m, e Tião fez o segundo aos 37m, no primeiro tempo. No segundo, logo aos 2m, Mauro marcou o terceiro, para Roberto César encerrar o marcador aos 42m no gol mais bonito da tarde. Marcos Vinícius dos Santos apitou o jogo e a renda foi de apenas Cr$ 164 mil 730, com 3 mil 961 pagantes.

Cruzeiro — Ica, Bianchi, Zezinho, Osires e Mariano; Mundinho, Erivelto e Mauro (Eli Campos); Tião, Roberto César e Joãozinho (Cleber). **Guarani** — Hermes, Geraldão, Araújo, Miltinho e Coca; Lucinho, Carlos Roberto e Cecílio (Tevê); Felpa, Fernando Roberto e Cafuringa.

Gaúchos têm plano para o Nacional

Porto Alegre — Cinco dos sete clubes gaúchos que participam do Campeonato Nacional deste ano, em reunião ontem de manhã, decidiram aceitar, sem restrições, a proposta que a Federação Gaúcha vai levar à apreciação da CBD, ao mesmo tempo em que Grêmio e Internacional mantiveram o propósito de não participar do Campeonato Nacional com a fórmula atual.

O presidente da Federação Gaúcha, Rubens Hoffmeister, vai apresentar uma proposta que reúne 14 clubes brasileiros (dois gaúchos, dois mineiros, dois paranaenses, dois baianos, dois pernambucanos, dois goianenses e dois cearenses), em dois grupos de sete clubes, dos quais, cinco de cada grupo se classificariam a uma fase seguinte do Campeonato, enquanto os outros 64 clubes disputariam a fase classificatória conforme a atual tabela.

TRIANGULAR FINAL

Os 12 classificados, entre os 64 clubes, mais os 10 dos dois grupos de sete, somados a quatro paulistas e quatro cariocas, formariam os 30 finalistas, a serem divididos em seis grupos de cinco clubes, de onde sairiam seis campeões, que disputariam três partidas para apontar os três finalistas: estes decidiriam o Campeonato Nacional em um triangular.

O clima de revolta no Rio Grande do Sul, principalmente de Grêmio e Internacional, continua o mesmo contra a fórmula atual do Campeonato Nacional, que é considerada pelos dois maiores clubes gaúchos e pela federação, um desrespeito da CBD ao futebol gaúcho, em benefício dos times cariocas e paulistas, que, sem a necessidade de disputarem a fase de classificação, ganham tempo para excursionar pela Europa e arrecadar bom dinheiro.

Botafogo luta em Campos para se reabilitar

AMERICANO X BOTAFOGO
Local: Campos. **Horário**: 16h. **Juiz**: Aluízio Felisberto da Silva. **Auxiliares**: José Maria Brandão e Mário Leite Santos. **Americano**: Paulo Sérgio, Marinho, Adílço, Rubinho e Lima; Índio, Sérgio Fernandes e Eroldo; Alcides, Té e Sérgio Pedro. **Botafogo**: Ubirajara, Chiquinho, Luís Cláudio, Ronaldo e Carlos Alberto; Luisinho Rangel, Mendonça e Marcelo; Gil, Silva e Renato Sá.

Campos — O Botafogo tenta hoje à tarde se reabilitar do empate com o Serrano — 0 a 0 — contra o Americano, que no primeiro turno lhe tirou um ponto, em Marechal Hermes, e agora defende a terceira colocação no segundo turno, com cinco pontos ganhos — um à frente do time de Jorge Vieira. O Botafogo já perdeu dois pontos para times pequenos neste turno.

A volta de Renato Sá à ponta esquerda, no lugar de Ziza — que fica no banco — é a única alteração no time que empatou com o Serrano, pois Jorge Vieira quer tornar o time mais combativo no meio-campo, onde o ponta gaúcho representará um reforço, enquanto que Ziza tem um estilo mais ofensivo. O Botafogo pagará Cr$ 5 mil de prêmio pela vitória e mais Cr$ 500 por diferença de gol.

Mas enquanto o time carioca vai lutar para manter as chances de disputar o título, o Americano tentará praticamente garantir sua classificação ao terceiro turno, que será disputado apenas por oito equipes e deverá proporcionar boas rendas. O técnico Murilo — ex-lateral-direito do Flamengo — não tem problemas para escalar o time que vem fazendo boa campanha.

O Botafogo concluiu seus preparativos no Rio com um treino recreativo, pela manhã, em Marechal Hermes, e veio para Campos à tarde. No banco, além de Ziza, ficam Borrachinha, Osvaldo, Wecsley e Dé. Na lateral esquerda, permanece Carlos Alberto, que ganhou a posição de Vanderlei.

Rodada

RIO DE JANEIRO

ONTEM

Bonsucesso	3 x 0	Serrano
Portuguesa	1 x 0	Volta Redonda
Madureira	1 x 2	Fluminense de NF

HOJE

América	x	Vasco
Americano	x	Botafogo
Bangu	x	São Cristóvão
Niterói	x	Olaria

SÃO PAULO

Santos	x	Palmeiras
P. Desportos	x	Francana
Velo Clube	x	São Paulo
XV de Nov. Jaú	x	Corinthians
Guarani	x	Internacional
Botafogo	x	Juventus
XV de Novembro	x	Ponte Preta
Ferroviária	x	Comercial
América	x	Marília
Noroeste	x	São Bento

MINAS GERAIS

Atlético	x	América
Uberlândia	x	Uberaba

BAHIA

Botafogo	x	Leônico
Vitória	x	Itabuna

PERNAMBUCO

Santa Cruz	x	Sport
Central	x	Caruaru

RIO GRANDE DO SUL

Grêmio	x	Novo Hamburgo
Brasil	x	Internacional
Esportivo	x	Juventude
Caxias	x	São Paulo
Guarany	x	Caxiense
Pelotas	x	Bagé
Estrela	x	São Borja
Gaúcho	x	14 de Julho
Riograndense	x	Aveniда

PARANÁ

Coritiba	x	Atlético
Maringá	x	Colorado
Agroceres	x	Rio Branco
9 de Julho	x	Apucarana
Operário	x	Palmeiras
Umuarama	x	Iguaçu

SANTA CATARINA

Joaçaba	x	Figueirense
Chapecoense	x	Joinville
Caçadorense	x	Criciúma

CEARÁ

Ferroviário	x	Fortaleza

ESPÍRITO SANTO

Desportiva	x	Rio Branco
Vitória	x	América

ALAGOAS

C S E	x	C R B
A S A	x	C S A

AMAZONAS

América	x	Libermorro
Nacional	x	Rio Negro

MARANHÃO

Moto	x	Sampaio Correia

PIAUÍ

Flamengo	x	Piauí

PARAÍBA

Botafogo	x	Campinense
Treze	x	Nacional (Patos)

RIO GRANDE DO NORTE

A B C	x	Alecrim
Baraúnas	x	América
Macau	x	Força e Luz

MATO GROSSO

Comercial	x	Operário

MATO GROSSO DO NORTE

Dom Bosco	x	União
Mixto	x	Operário VG

GOIÁS

Goiás	x	Vila Nova
Anapolina	x	Anápolis

RORAIMA

Rio Branco	x	Roraima
Moto	x	Juventus

BRASÍLIA

Guará	x	Brasília
Sel. Local	x	Gama (DF)

Internacional

Alemanha Oriental

Quarta Rodada

Chemie Leipzig	1 x 2	Dynamo Berlim
Dresden	3 x 0	Halle
Karl Marx Stadt	3 x 2	Zwickau
Magdeburgo	3 x 2	Frankfurt
Riesa	0 x 3	Jena
Union Berlim	2 x 1	Erfurt
Wismut	2 x 1	Lok Leipzig

Classificação

1 Dresden — 8 pontos ganhos
2 Dynamo Berlim — 7 pontos
3 Halle, Jena, Magdeburgo — 6 pontos
6 Chemie Leipzig, Karl Marx Stadt, Union Berlim, Wismut — 4 pontos
10 Frankfurt — Oder, Lok Leipzig, Querta Zwickau — 2 pontos
13 Riesa — 1
14 Erfurt — 0

(Segunda divisão)

Birmingham	1 x 1	Bristol Rovers
Fulham	1 x 0	Preston
Leicester	1 x 3	Luton
Newcastle	2 x 1	Chelsea
Nottingham Country	1 x 0	Queen's Park Rangers
Oldham	3 x 0	Sunderland
Oriente	1 x 1	Charlton
Shrewsbury	1 x 2	Cambridge
Swansea	1 x 2	Burnley
Watford	2 x 0	West Ham
Wrexham	0 x 1	Cardiff

(Taça da Escócia)

Ayr	2 x 2	Hearts
Albion	0 x [illegible]	Patrick
Brechin	0 x 0	Stirling
Celtic	4 x 1	Falkirk
Dundee United	2 x 0	Airdrie
East Fife	0 x 2	Raith
Forfar	1 x 1	Kilmarnock
Meadowbank	2 x 2	Aberdeen
Morton	4 x [illegible]	Queen of South
Rangers	4 x 0	Clyde
St Mirren	4 x 2	Stenhousemuir
Stranraer	3 x 3	St Johnstone
Dumbarton	4 x 1	Berwick

Inglaterra

(Primeira divisão)

Brighton	3 X 1	Bolton
Bristol City	2 X 0	Wolverhampton
Countventry	2 X 0	Norwich
Crystal Palace	4 X 0	Derby
Everton	1 X 1	Aston Villa
Ipswich	3 X 1	Stoke
Leeds	1 X 1	Arsenal
Manchester United	2 X 1	Middlesbrough
Southampton	3 X 2	Liverpool
Tottenham	2 X 1	Manchester City
West Bromwich	1 X 5	Nottingham Forest

Classificação

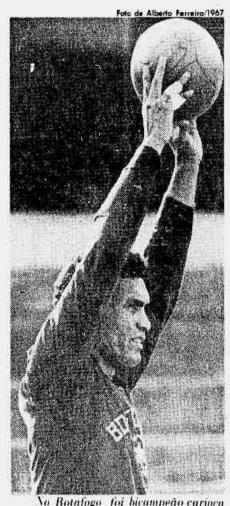
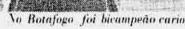
1 Nottingham Forest — 8 pontos ganhos
2 Manchester United, Norwich — 6 pontos
4 Bristol City, Crystal Palace, Middlesbrough — 5 pontos
7 Aston Villa, Arsenal, Bolton, Coventry, Ipswich, Leeds, Southampton, Stoke, Wolverhampton — 4 pontos
16 Everton, Liverpool, Manchester City — 3 pontos
19 Brighton, Tottenham — 2 pontos
21 Derby, West Bromwich — 1 ponto

Nova Jersey, EUA — O Cosmos de Nova York foi eliminado ontem das semifinais do Campeonato [illegible] pelo Whitecaps de Vancouver, nos **shootouts** (decisão de chutes de fora da área). Na prorrogação a partida terminou com o placar de 0 X 0.

O Vancouver garantiu sua participação nas finais do Campeonato e joga dia 8 deste mês contra adversário a ser escolhido entre o Tampa Bay ou San Diego. No primeiro partida entre os dois times o Vancouver venceu por 2 X 0 em seu próprio campo.

Foto de Alberto Ferreira/1967

No Botafogo foi bicampeão carioca

Porto Alegre/Foto de Rubens Borges/1976

No Internacional, bicampeão brasileiro

Porto Alegre/Foto de Rubens Borges

Agora, no Grêmio, praticamente campeão gaúcho

Grêmio quase campeão joga em casa com Novo Hamburgo

PORTO ALEGRE — Se não bastasse a desvantagem de sete pontos em relação ao Grêmio, que matematicamente, ainda pode ser desfeita, o Internacional está com seis desfalques na equipe que, esta tarde, tem difícil compromisso pelo segundo turno do octogonal final do Campeonato Gaúcho, contra o Brasil, em Pelotas. O Grêmio joga no seu Estádio Olímpio contra o Novo Hamburgo.

Sem os titulares Larry, Cláudio Mineiro, Batista, Falcão, Adílson e Mário, o Técnico Zé Duarte foi obrigado a definir o Internacional com o juvenil Forró no meio-campo, formando o setor com Tonho e Jair. A ponta-direita será ocupada por Chico Espina e Washington será mantido como centro-avante. Na defesa, Zé Duarte conservará Beliato no lugar de Larry, enquanto Bereta vai substituir Cláudio Mineiro na lateral-esquerda.

O Internacional vai jogar com Benítez, João Carlos, Mauro, Beliato e Bereta; Tonho, Jair e Forró; Chico Espina, Washington e Mário Sérgio. O Brasil com Gilberto, Luís Carlos, Tino, Clóvis e Cláudio Radar; Renato Mineiro, Odir e Jorge Luís; Flecha, Otávio e Tadeu Silva. O juiz será Luís Guaranha.

Sem problemas

O Grêmio, sem problemas para definir o time, promete um futebol sério e humilde para derrotar o Novo Hamburgo, que, na quarta-feira passada, venceu o Inter por 1 a 0.

Mesmo que a torcida e a imprensa gaúcha já considerem o Grêmio campeão deste ano, por causa da diferença de sete pontos sobre o Inter, tanto o técnico Orlando Fantoni como os jogadores insistem em afirmar que ainda falta muito para conquistar o título.

O Grêmio vai formar com Manga, Vílson, Ancheta, Vantuir e Dirceu; Vítor Hugo, Jurandir e Paulo César Lima; Tarciso, Baltasar e Éder. O Novo Hamburgo com Carlos, Pedro, Altair, Paulo Vieira e Paraná; Ronaldo, Cláudio e Ênio Costa; Itamar, Gerson e Passos. O juiz será Zeno Escobar Barbosa.

Manga um eterno campeão

Vítor Paz

"QUAL o clube brasileiro que não gostaria de ter o Manga como goleiro? Iguais a ele só o Leão e o Carlos. Já teve o Mayer, o Carrizo, o Yashin, mas melhor não existe. Time que tem Manga no gol é sempre campeão. Iguais a Manga e Pelé, nunca mais".

A afirmação não é de nenhum treinador, nenhum crítico, comentarista ou dirigente de futebol. Quem diz isso é o próprio Manga, goleiro do Grêmio de Porto Alegre. O mesmo Ailton Correa Arruda que foi cinco vezes campeão carioca pelo Botafogo, na década de 60, que participou da Seleção Brasileira na fracassada campanha da Copa de 66, que foi cinco vezes campeão do Uruguai, pelo Nacional de Montevidéu, campeão da Libertadores da América, campeão Mundial Interclubes, que foi bicampeão brasileiro pelo Internacional e que, agora, já se considera novamente campeão gaúcho pelo Grêmio, ainda que o Campeonato atual não tenha terminado.

Posição Ingrata

Mesmo com todos esses títulos, com todas as glórias que um jogador de futebol pode ter, exceto campeão do mundo por seleções, estabilizado financeiramente na vida, futuro comerciante, tendo conseguido tudo isso como goleiro de futebol, Manga considera a sua tarefa profissional difícil e ingrata.

— A responsabilidade de um goleiro é muito grande. A gente que está lá é que sabe. Não adianta jogar bem durante 89 minutos de uma partida. Se no último minuto do jogo leva um gol, pronto. Ainda mais se a aprtida for decisiva. Aí, a gente fica "queimado". Graças a Deus, isso nunca me aconteceu. Mas muitos colegas de profissão já sentiram esse drama. A posição é difícil e ingrata. Para vencer como goleiro, a gente precisa ser bom, realmente".

Por causa de toda essa dificuldade é que Manga acha que a posição de goleiro, dentro do futebol brasileiro, está em crise.

—Você procura e não encontra ninguém novo. É o Leão, o Carlos, o Cantarelle, o Manga. São sempre os mesmos, há muito tempo. Não existe revelação de grande goleiro no país. Eles vão surgindo e passando. É muito difícil alguém se firmar, se projetar, ganhar nome como goleiro de futebol".

Foi quando jogava pelo Nacional de Montevidéu que Manga corrigiu seu principal defeito, até então: a saída do gol, no momento exato, a noção de distância.

— A escola de goleiro no futebol uruguaio é muito boa, tem muita tradição. E foi lá que aprendi a sair do gol, a fechar o ângulo para o atacante. Hoje, já não consigo jogar embaixo das traves, pois o gol fica muito grande, o que beneficia os atacantes.

Seleção

Mesmo afirmando que, para qualquer jogador, defender a camisa de seu país é muito importante e gratificante, Manga, há muito, não dá importância em ser convocado ou lembrado para a Seleção Brasileira.

— Eu já estive na Seleção muitas vezes, quando garoto. Já disputei um Mundial com vinte e poucos anos, numa época em que tinha muita gente mandando no futebol brasileiro. Além de termos jogado mal contra a Hungria e contra Portugal, a confusão administrativa nos foi muito prejudicial. Eu era um garoto e sofri muito com aquela confusão toda. Hoje, ainda acho que a política continua prejudicando a Seleção".

A maioria carioca e paulista na Seleção é condenada por Manga, pois não dá abertura ao próprio futebol brasileiro.

— Quem não joga no Rio ou em São Paulo quase não tem chance na Seleção. E de que adiantam essas convocações, agora? Treinar uma Seleção para a Copa na Espanha, em 82? Mas nem o Coutinho sabe se até lá ele continuará como treinador. O futebol apresentado pela Seleção não tem me agradado. Time que tem um meio de campo onde somente o Batista, quando joga, dá a cobertura, é uma temeridade. Falo pela minha experiência.

Longevidade

Há muito tempo que Manga responde à mesma pergunta: até quando você vai jogar futebol? E a resposta é sempre a mesma: "Eu nunca vou parar de jogar futebol".

— Isso é uma preocupação de todos, menos do Manga. A dúvida sobre as minhas possibilidades como goleiro, por causa de minha idade, — 42 anos (26/4/37) — termina sempre que chegam ao fim os campeonatos que disputo. Quando um clube me contrata, eu já chego dizendo: "torcida que fique tranquila, pois o time que tem Manga é sempre campeão. E não tem dado outra. Sabe, eu treino muito. Até mais do que o necessário. Tenho boa constituição física e muita fé em Deus".

Além disso, Manga sempre teve muita sorte, pois dificilmente fica fora de alguma partida, por contusão. No atual campeonato gaúcho, ele é o único jogador do Grêmio que disputou todas as partidas, até agora, 46. E até mesmo lesionado, ele joga. Tem os dedos mínimos das duas mãos deformados por fraturas sofridas em mais de 30 anos de profissão.

— O Manga no gol é uma tranqüilidade para qualquer defesa. Eu grito muito com os zagueiros, sempre orientando na cobertura. Por isso, não gosto de deixar meus companheiros sem a minha presença. Jogo todas e tudo bem.

Como na decisão do Campeonato Brasileiro, em 75, quando jogou o segundo tempo, contra o Cruzeiro de Minas, com mais uma fratura num dedo mínimo, defendendo o Internacional.

— Aquela foi a minha melhor partida, em toda a minha carreira. O Inter tinha um grande time e tinha o Manga no gol. Aí, foi Campeão Brasileiro. Não podia ser diferente.

Sem vingança

Agora, jogando pelo Grêmio, maior adversário de seu ex-clube, no futebol gaúcho, Manga continua com sua firme determinação: ganhar sempre.

— Eu saí do Inter porque o técnico, na época, me disse que o Benítez, meu amigo, seria o titular. A proposta foi de que ele jogasse uma partida e eu a outra. Aí, não aceitei e disse que, apesar de considerar o Benítez um grande goleiro, eu era o titular. Acabei convencendo a direção do Inter a me vender e eles me deram o passe. Não tenho nada contra o Inter, mas o campeão desse ano vai ser o Grêmio. Eu tenho amor pela camisa que defendo. Sou profissional e cumpro a minha obrigação com amor e dedicação, em qualquer clube".

Manga se sente muito bem no Grêmio, onde é respeitado pela torcida e por todos no clube. E pensa, não sabe quando, encerrar a sua carreira neste clube. Uma coisa é certa: ele vai fixar residência em Porto Alegre, onde vai iniciar, a partir do dia 18 de setembro próximo, uma nova atividade profissional: comerciante.

— Vou inaugurar uma loja de artigos esportivos. No dia 20 tem Grenal. Por isso, acho a data muito oportuna. Tenho certeza do meu sucesso como comerciante. Quem da torcida do Grêmio vai deixar de comprar uma camisa ou uma bandeira do clube autografada pelo Manga?

Disciplina

Em toda a sua carreira de jogador de futebol, Manga foi expulso de campo somente uma vez. Foi num Grenal, em 77, quando saiu da área para evitar um ataque do Grêmio e acabou dando um pontapé em Tarciso, seu atual companheiro de clube e amigo.

— Eu sinto vergonha do que fiz. Mas fiz e acabou. Coisa que detesto é discutir com o juiz. Naquela vez que fui expulso, recebi o cartão vermelho e disse: seu juiz, o senhor me desculpe, e saí de campo sem reclamar. Já levei cartão amarelo por fazer "cera", mas nunca discuto com o juiz".

Aos 20 anos, ele assinou seu primeiro contrato profissional com o Esporte, de Recife; em 1959 foi contratado pelo Botafogo carioca, onde jogou durante oito anos, conquistando cinco campeonatos regionais, época em que foi diversas vezes convocado para a Seleção Brasileira. Em 1967, foi vendido ao Nacional de Montevidéu, depois da má campanha Mundial da Inglaterra.

Voltou ao Brasil em meados de 73, contratado pelo Internacional, por quem conseguiu dois campeonatos brasileiros. No fim de 77 foi para o Operário de Campo Grande, de lá para o Coritiba e retornou ao Rio Grande do Sul no início deste ano, contratado pelo Grêmio. Em todos os clubes que jogou, sempre foi titular, nunca admitido a reserva.

— Manga é muito bom goleiro, não pode ser reserva nunca. Agora, no campeonato gaúcho, ainda quero marcar um gol de pênalti, que já fiz quando jogava pelo Internacional, e um gol de goleiro a goleiro, como fiz contra o Racing, quando defendia o Nacional. Não adianta, como Manga e Pelé, nunca mais".

Argentina enfrenta Argélia

Tóquio — A Seleção da Argentina enfrenta hoje a da Argélia pelas quartas-de-final do Campeonato Mundial de Juvenis que se realiza no Japão. Os outros jogos são: Espanha x Polônia, Paraguai x União Soviética e Uruguai x Portugal.

O adversário da Argentina saiu através de sorteio, pois Argélia e Espanha terminaram seu grupo eliminatório empatadas e com o mesmo saldo de gols. A Argélia se está constituindo na melhor surpresa deste torneio, mas não chega a abalar o favoritismo da Argentina no jogo de hoje.

Foto de Rogério Reis

No tumulto do aeroporto, coberto de faixas, Coutinho garantiu que o time do Fla não fará mais amistosos até o fim deste Campeonato

Fla chega mas a festa era outra

A chegada do Flamengo, que poderia ter sido mais tranqüila, já que o time perdeu o último jogo para o Paris Saint-Germain por 3 a 1, acabou se transformando numa grande festa. No mesmo vôo da delegação veio o jornalista Fernando Gabeira, que estava exilado e foi recepcionado por amigos no Galeão. A torcida do Flamengo ficou tão emocionada que, lá mesmo, no aeroporto, fundou uma nova facção: a **Flanistia**.

O técnico Claudio Coutinho cruzou o portão de desembarque ao som da banda que executava a marcha **Apesar de Você** e disse que a viagem foi boa em vários aspectos para o Flamengo, considerando benéfica inclusive a derrota no último jogo.

ZICO FICOU

O vice-presidente de futebol, Eduardo Motta, que chefiou a delegação, disse que Zico só voltará da Europa terça-feira, o mesmo devendo acontecer com o supervisor Domingos Bosco, que foi aos Estados Unidos visitar o Cosmos para ver como funciona, administrativamente, o clube norte-americano.

Sob o aspecto financeiro a viagem foi excelente para o Flamengo e para todos os jogadores: Eduardo Motta disse que cada um recebeu em média 1 mil e 700 dólares (quase 50 mil) de gratificação e o clube trouxe 80 mil dólares (cerca de Cr$ 2 milhões e 200 mil).

O dirigente explicou que a exibição do Flamengo no Troféu Ramon Carranza, principalmente a da partida contra o Barcelona, foi tão boa que nos próximos anos a equipe já tem garantida sua participação no torneio e um amistoso programado contra o Barcelona.

O TROFÉU

Com a ausência de Zico, poucos torcedores foram ao Galeão, e o grande momento do desembarque da delegação ocorreu no momento em que a Taça foi conduzida até o ônibus do clube. Este troféu, conquistado no torneio Ramon Carranza e, custou à cidade de Cadiz a importância de 30 mil dólares (Cr$ 810 mil aproximadamente), ficará toda a semana exposto no saguão principal da Central do Brasil, sendo apresentado no próximo domingo no Maracanã, antes da partida contra o Vasco.

Coutinho disse que a equipe se portou muito bem nos dois primeiros jogos, mas sentiu-se cansada nos outros dois. De qualquer forma acha que a derrota serviu para "despertar o time".

— Os elogios foram muitos. Se vencêssemos o Paris Saint-Germain com facilidade, e no primeiro tempo tivemos oportunidade para isso, a equipe poderia entrar desestimulada para o Campeonato do Rio de Janeiro. A derrota serviu de alerta. Acho que fomos muito bem, ganhamos os jogos mais importantes e perdemos o jogo que podíamos perder.

Os jogadores foram liberados até terça-feira, ocasião quando será definido o time para a partida contra o Bonsucesso, marcada para quinta-feira. Cantarele foi o único que chegou contundido e sua presença será difícil para este jogo.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

TODOS os clubes que estiveram na Espanha chegaram aqui vangloriando-se de lá terem sido aplaudidos de pé. Mas uma língua ferina ontem garantia-me que nos estádios onde eles andaram não há lugares sentados.

Mas nem todos os times foram aplaudidos todo o tempo. Alguns foram vaiados. Terão sido vaiados com o público de pé ou sentado?

■ ■ ■

A medalha de ouro e o novo recorde sul-americano de Djan Madruga, na Primeira Copa do Mundo da FINA, mostra que ele está se aproximando da melhor fase de sua carreira. Não deve ter sido por mera coincidência que Djan melhorou suas marcas depois de ter passado a treinar com o clube Mission-Viejo e o motivo é simples de compreender: lá ele encontrou um clima de competição, pela presença de muitos outros nadadores de alto nível, bem superior ao da Universidade de Indiana.

Tal fato deve mesmo alterar o treinamento que Djan deverá seguir para as Olimpíadas do ano que vem, em Moscou. A intenção inicial era deixá-lo treinando no Brasil, sob a orientação de Denir de Freitas e dentro do planejamento geral de **Doc** Counsilman, da Universidade de Indiana.

Mas se na Universidade de Indiana já não existe o clima de competição de Mission Viejo, no Brasil muito menos. Aqui, Djan ficaria a treinar apenas contra o relógio, o que é contraproducente do ponto-de-vista psicológico.

O mais provável agora é que Djan, depois da Universíade, fique no Brasil apenas até o fim do ano. Em janeiro ele deverá voltar para Mission Viejo, cujos nadadores se estarão preparando para a classificação olímpica, a ser feita durante o Campeonato Norte-Americano.

■ ■ ■

O pequeno sucesso de público da II Copa do Mundo de Atletismo, em Montreal, pode ser explicado pela pouca publicidade providenciada pelos promotores da competição e pelo número reduzido de atletas do país anfitrião, o Canadá. A primeira Copa, disputada em Dusseldorf, beneficiou-se do grande número de atletas alemães, da boa publicidade e do tradicional interesse do público europeu pelas provas de pista.

A II Copa foi também prejudicada pelo cansaço dos principais competidores, que vinham ou dos Jogos Pan-Americanos ou do Campeonato Europeu. Assim, algumas provas, como os 800 metros, de que participou Agberto Conceição, foram propositadamente retardadas em seu ritmo. Ao procurar reagir, compreendendo que o train era falso, Agberto já não teve como recuperar o tempo perdido e terminou com uma marca de 1m48s8, bem abaixo do que pode produzir atualmente.

É possível que para 1982 o calendário seja mais bem organizado e pelo menos o problema do comparecimento de público deverá ser resolvido. A Copa será disputada na Itália e o senhor Primo Nebiolo, presidente da Federação do país, já pediu autorização para incluir uma nova raia nas pistas. Nela correrá, para motivar o público, uma equipe da casa, com atletas que não tenham obtido classificação para integrar o Resto da Europa.

■ ■ ■

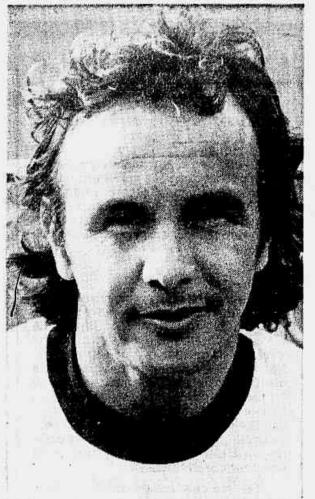
MAS, curiosamente, enquanto o público desertava do estádio, acumulava-se nas ruas para assistir à Primeira Maratona de Montreal — que não fazia parte do programa da Copa Mundial. E assistiu à prova com interesse, apesar da ausência, à última hora, do representante canadense Jerome Drayton.

O dia seria de surpresas, começando pelo fracasso do norte-americano Bill Rodgers, que não suportou o ritmo alucinante imposto desde o início (os primeiros cinco quilômetros foram corridos em 14m28s) e acabou num apagado 15º lugar, com 2h22m12. A Etiópia, país que já nos deu Abebe Bikila e Mammo Wolde, confirmou sua força na prova com seu representante Kebede Balcha. A 1 500 metros de chegada ele encontrou resistência ainda para uma arrancada com que dominou o australiano David Chettle, impondo-se com o tempo de 2h11m35 contra 2h11m41.

É bom lembrar que este é o segundo fracasso de Rodgers em Montreal. O primeiro foi nas Olimpíadas de 1976. Então, como agora, a maratona foi disputada num dia quente e úmido.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: *O futebol nos Estados Unidos continua a ter suas estranhas peculiaridades. Uma delas é a mania de estatísticas, que leva jornalistas e torcedores a levarem mais tempo anotando números do que observando o comportamento tático dos times. Uma das estatísticas mais glorificadas é a dos assists — ou seja, o passe para o gol. Na semana passada, o iugoslavo Bogicevic quebrou o recorde de assists, em poder de Pelé. Bogicevic, por coincidência, também é do Cosmos e querem saber como foi o seu passe? Com mão, cobrando um lateral.*

Fotos de Delfim Vieira

Xaxá, emprestado pelo Uberlândia

Afrânio, emprestado pela Ponte Preta

Lito, emprestado pelo Sporting de Lisboa

Ivan, emprestado pelo XV de Piracicaba

Vasco mostra reforços contra o América

João Saldanha

Balancete do time

Alguns leitores podem não ter compreendido a indignação que marcava a crônica de ontem. Mas explico simplesmente. Nosso futebol está novamente no apogeu. A Seleção Brasileira, se não é a melhor de todas, está entre as duas primeiras. Não se trata de ufanismo. Contra a Argentina poderíamos ter tido um resultado fácil. Conseguimos a classificação no torneio de picaretagem de Salinas-Somoza e outros com toda a facilidade. Temos muitos times bons e formamos com facilidade várias seleções.

Pelo conjunto que tem e jogando apenas duas vezes por semana, o Flamengo é praticamente imbatível. Então uma Seleção formada com uns oito do Flamengo e mais três é um grandíssimo time. Imaginem o time do Flamengo com Oscar e Amaral. O time do Grêmio de Porto Alegre também está uma bala. Imaginem o Grêmio com mais uns três jogadores? O Leão, talvez o Edinho e o Polosi ou Marco Antônio? E o Palmeiras? Acrescentando-se também mais dois jogadores fica com um timaço. E o Guarani de Campinas? Será que acabou? Não, apenas está como bagaço chupado. E outro time que com alguns complementos é uma Seleção. Pegue-se o Santos, reforcemos o meio-campo e a defesa, aí está outro time.

Mas nenhum deles fará coisíssima alguma jogando quatro partidas em oito dias em três países e dois continentes. Parece um grupo de mendigos atrás de caraminguás. Sobra qualidade. O Cantarele está se firmando como um dos três melhores goleiros do Brasil. O Toninho continua um monstro de técnica. É sério e não gostou da irresponsabilidade de alguns. Mas também os pobres rapazes tinham que mostrar aos empresários que sabiam muita coisa. Cansaram e não devem ter agradado. O Manguito foi bem até a última. Rebolou e caiu do andaime. O Nelson foi firme e sério o tempo todo. O Júnior fez coisas muito bonitas. É craque. Sua última partida não merece comentários. Carpeggiani foi o melhor. Sempre sério, sempre bem. Andrade foi outro que andou exagerando. Jogando bola bonita. Tita esteve estupendo em Buenos Aires e no primeiro jogo. Depois foi ridículo por exibicionismo. Zico, magnífico, foi o goleador e não brincou, jogando sempre sério. Mas este rapaz está em marcha para o esgotamento. Provou sua qualidade. Adão esteve bem. Habilidoso e lutador. Meio azarado na finalização. Só não o perdôo no último jogo quando entrou firme no bloco das baianas. Rebolou na passarela. Júlio César me faz duvidar de sua inteligência. Jogou uma monstruosidade, deslumbrou a crítica. Depois quis fazer o que não sabe, quis mostrar algo mais. Na final contra o Paris, estava tão mal que seu marcador Huck deixou-o sozinho e foi atacar. Levou uma surra da bola, ele que dera surras homéricas nos adversários.

O Rondineli fez muita falta. Garanto que ele não permitiria a palhaçada. Da turma do banco, merece destaque o Reinaldo. Esteve muito bem no bate-bola com o Beijoca. (Beijoca entrou pouco, mas fez demonstração de boa qualidade. Já está entrando em forma física e é um bom cara. Pode ser muito útil ao Flamengo). O Antunes também esteve muito bem no bate-bola, onde até o Francalaci fez embaixada. Em resumo: deve ser proibido mais de três jogos por semana em excursão. Deve ser obrigatório chegar dois dias antes do primeiro jogo. Deve ser punido o rebolado.

América X Vasco

Local: Maracanã. **Horário:** 17h. **Juiz:** Wilson Carlos dos Santos. **Auxiliares:** Luís Carlos Dias Braga e João Batista Santana. **América:** Jurandir, Uchoa, Alex, Heraldo e Álvaro; Celso, João Luís e Nélson Borges; César, Rui Rei e Silvinho. **Vasco:** Leão, Orlando, Gaúcho, Ivan e Marco Antônio; Dudu, Zandonaide e Xaxá; Afrânio, Roberto e Lito.

Um time renovado com pouco dinheiro

Jorge Cesar Wambung

Com pouco dinheiro para gastar e sem querer, em fim de mandato, investir em grandes contratações, o presidente do Vasco, Agartino da Silva Gomes, conseguiu atender aos pedidos de Oto Glória para reforçar o time mediante a contratação de alguns jogadores por empréstimo, dos quais dois — o zagueiro paulista Ivan e o ponteiro angolano Lito — atuam hoje no Maracanã pela primeira vez.

O Vasco terá ainda, como novidade para a torcida, a volta de Zandonaide, que esteve emprestado ao Sporting de Portugal e foi um dos destaques da excursão à Europa. Há outros jogadores recém-contratados que estão fora do time, mas uma jovem promessa, o meio-campo Serginho, ainda juvenil, estará no banco. A questão é se os novos substituirão à altura os titulares Guina e Paulinho.

Ivan — *Emprestado pelo XV de Novembro de Piracicaba por Cr$ 300 mil, até o fim de janeiro, tem o passe fixado em Cr$ 2 milhões. Com 24 anos, foi um dos destaques da excursão à Europa. Começou na Associação Esportiva Araçatubense (SP), em 1974, transferiu-se para o XV, onde ficou dois anos e meio, até vir para o Vasco. Em 77, integrou a Seleção Paulista que foi à Ásia e ganhou a Copa Presidente da Coréia. Paulista de Lins. Zagueiro central.*

Zanom — *Estava na reserva do meio-campo da Ponte Preta quando o Vasco conseguiu seu empréstimo, até o fim do ano. Jogou no time principal com Dicá, Marco Aurélio e Helinho, mas foi afastado devido a uma operação no joelho direito. Joga no meio-campo, pela esquerda ou pela direita, mas esteve parado durante sete meses e vem sendo lançado aos poucos por Oto Glória, desde os jogos na Europa, para readquirir ritmo. Tem 23 anos.*

Xaxá — *Pertence ao Uberlândia (MG), que o emprestou até março de 80, com o passe fixado em Cr$ 3 milhões. Jogou na Portuguesa de Desportos, sob a direção de Oto Glória, durante quatro anos, foi campeão estadual em 73 (junto com o Santos) e depois atuou no Juventus, Londrina e Uberlândia. Começou a carreira na Portuguesa Santista. Joga na ponta e na meia-direita, avançado ou como homem de meio-campo. Tem 27 anos e o empréstimo será pago com um jogo do Vasco em Uberlândia. Paulista de Santos.*

Afrânio — *27 anos, emprestado pela Ponte Preta até 31 de dezembro próximo. Praticamente ganhou a posição de ponta-direita na excursão à Europa, mas estreou no Vasco antes da viagem, no 1º jogo do 2º turno, quando marcou o gol do empate de 1 a 1 contra o Bonsucesso. Começou a jogar no Botafogo de Ribeirão Preto, foi vendido ao Guarani de Campinas e, em 76, ao Vitória da Bahia. Em 77 foi para a Ponte Preta, que fixou o passe em Cr$ 1 milhão e 200 mil se o Vasco quiser comprá-lo, no fim do empréstimo. O negócio foi feito devido à interferência do Almirante Heleno Nunes, pois a Ponte Preta não queria cedê-lo, já que Afrânio foi deslocado para a ponta esquerda, quando Tuta se contundiu e ganhou a posição. Antes, já ocupava o lugar de Lúcio na direita. Paulista de Ribeirão Preto.*

Catinha — *21 anos, ponta-direita, pertence ao Atlético Paranaense e está emprestado até dezembro próximo, com passe fixado em Cr$ 1 milhão e 200 mil. Vinha jogando, também por empréstimo, no Avaí, de Florianópolis, e fez 10 gols no último turno do Campeonato que ainda está sendo disputado. O supervisor Emilson Peçanha conseguiu a rescisão do contrato com o Avaí e o empréstimo pelo Atlético. Catarinense da Capital, foi para o Paraná aos 11 anos e jogou nas equipes amadoras do Atlético Paranaense, tendo sido convocado para a Seleção de Amadores que disputou o mundial da Tunísia.*

Lito — *23 anos, angolano, foi indicado ao Vasco pelo assessor do presidente Agatirno Gomes, Palmeira Branco. Jogava no Sporting de Braga e teve o passe comprado pelo Sporting de Lisboa, que o emprestou gratuitamente ao Vasco, até 31 de março de 1980. Ponta-esquerda, joga avançado ou na armação do meio-campo, tendo integrado a Seleção Portuguesa uma vez, quando Angola era colônia de Portugal. Manteve a nacionalidade angolana após a independência e não foi mais convocado. Segundo Oto Glória, ainda não está em forma e, por isso, não pode ser considerado titular. Na excursão à Europa, alternou boas e más atuações.*

Zandonaide — *22 anos, voltou ao Vasco depois de um ano emprestado no Sporting de Lisboa. Juvenil em São Januário durante dois anos, teve algumas oportunidades no time principal mas não conseguiu se firmar. Joga no meio-campo pela esquerda, como meia ou ponta que auxilia na armação. Começou no juvenil do Sacramentano, em sua cidade, Sacramento (MG) e depois jogou no Nacional, também em Minas, antes de vir para o Vasco. Os que acompanham sua carreira em São Januário afirmam que a temporada em Portugal foi-lhe muito benéfica pelo desenvolvimento físico e técnico que alcançou. Foi para a Europa emprestado devido a um desentendimento com a direção do Vasco.*

Serginho — *19 anos, ainda é juvenil, acaba de ser promovido ao elenco de profissionais por Oto Glória. É cria do Vasco, desde os dentes-de-leite, e formou nos juvenis o meio-campo com Dudu — hoje titular do time principal — e Marco Antônio, que ainda não foi promovido. Estreou contra o São José, em São José dos Campos, quando o Vasco foi derrotado pelo time de Zé Mário, antes da viagem à Europa, e jogou somente o 2º tempo. É opção também para a zaga central, posição sem reserva no clube com o empréstimo de Argeu ao Goiás, pois já atuou como zagueiro nos juvenis.*

Vasco e América fazem hoje à tarde uma partida importante para as pretensões de ambos no Campeonato Estadual, em que a equipe de Oto Glória reaparece perante a torcida, após a excursão à Europa, motivada pelos bons resultados e renovada em várias posições, embora sem dois titulares, Guina e Paulinho, que cumprem suspensão imposta pelo Tribunal da Federação.

Os dois times precisam da vitória para lutar pelo título do 2º turno e o América mais ainda, pela necessidade de somar pontos que garantam a classificação para o terceiro, pois foi superado por Americano e Goitacás no primeiro. Por isso, oferece hoje Cr$ 1 mil de gratificação aos jogadores por diferença de gol. O Vasco tem um ponto ganho — empatou com o Bonsucesso e perdeu para o Serrano, antes da excursão.

Alex, 650 vezes a mesma camisa

Hoje é um dia importante para o zagueiro Alex: ele completa, contra o Vasco, 650 partidas com a camisa do América, motivo de orgulho para ele e para o clube. Em sua longa carreira, há ainda dois fatos que considera marcantes: o de jamais ter contundido seriamente um adversário, embora seja duro na marcação, e o de ter ganho o troféu Belfort Duarte porque nunca foi expulso de campo.

— Não sou um jogador muito técnico — reconhece ele — mas procuro superar esta deficiência através da força de vontade. Apesar de usar muito a força, jamais machuquei seriamente um colega de profissão.

Ao longo de todos esses anos, Alex só pode reclamar de uma coisa: nunca foi chamado para a Seleção Brasileira, embora tenha entrado, em 1970, numa relação prévia de 40 jogadores convocáveis. Ele acha que esse esquecimento se deve ao fato de ter nascido na Alemanha — ainda que tenha, mais tarde, se naturalizado brasileiro.

Alex começou no juvenil do Aimoré, no Rio Grande do Sul, e sua primeira oportunidade de se transferir para um grande clube surgiu em 67, no Vasco. Mas o titular era Brito, jogador de Seleção, e Alex não foi aproveitado. No mesmo ano veio a recompensa pelo esforço: o América o contratou para um período de experiência e, desta vez, ele agarrou a oportunidade com unhas e dentes. Até hoje, passados 12 anos, é o titular do time.

— Marquei durante esse tempo os melhores atacantes do futebol brasileiro e destaco três entre eles como os mais perigosos: Pelé, Jairzinho e Zico.

Sua defesa preferida do América foi a que, em 1974, conquistou o título de campeão da Taça Guanabara, numa final com o Fluminense: Orlando, Alex, Geraldo e Álvaro. Este último, juntamente com Alex, continua no América; os dois outros estão atualmente no Vasco.

Alex pode parar de jogar futebol a qualquer momento porque sua situação financeira é tranqüila: possui quatro casas no Sul e dois apartamentos no Rio, além de ações e cadernetas de poupança. Como se não bastasse, tem uma segunda profissão — de mecânico — e breve terá uma terceira, pois se forma, no fim do ano, em administração de empresa.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ domingo, 2 de setembro de 1979

caderno B

SÔNIA BRAGA, SEM CONTRATO

UMA ESTRELA INSISTE EM BRILHAR NA TV

Sônia Braga estaria para se afastar da TV, onde nasceu como atriz. Não por sua vontade, mas o contrato com a TV Globo termina este mês e ainda não foi renovado. Ela própria admite "a possibilidade de a Globo não estar interessada em renovar". Enquanto isso, ensaia uma peça infantil, No País dos Prequetéis, de Ana Maria Machado (estréia dia 8 no Teatro João Caetano), e inicia as filmagens de Eu te Amo, de Arnaldo Jabor.

"Meu contrato termina este mês. Já fui chamada pela TV para conversar, mas ainda não pude ir por falta de tempo"

Míriam Alencar

— NÃO existe nada de concreto quanto à minha saída da TV Globo — diz Sônia Braga, diante dos rumores de que seu contrato com a emissora não seria renovado. A atriz, uma das mais bem pagas, divide-se no momento entre ensaios da peça infantil — a primeira que faz — **No País dos Prequetéis**, de Ana Maria Machado, e o início das filmagens de **Eu te Amo**, na linha do musical de Arnaldo Jabor.

Aos 29 anos, "não tenho medo de dizer a idade", tendo começado com 14 anos, mas considerando que o seu **estouro** foi a partir de **Gabriela**, é de rosto limpo, sem pintura, cabelos lavados e escorridos, com uma larga camisa e calças brancas, bem descontraída, que ela comenta sua situação:

— Meu contrato termina agora em setembro e ainda não foi renovado. Ja fui chamada pela TV para conversar, mas ainda não fui lá, também por falta de tempo, pois estou ensaiando diariamente para a peça e para o filme, onde eu canto e danço com Paulo Cesar Pereio. Quando terminei a novela **Dancin'Days**, estava com descanso físico, mas não de imagem. Viajei e não acertei nada sobre o contrato. Não existe de minha parte nenhuma idéia de abandonar a TV, um veículo importante, o grande teatro popular. O cinema, assim como o teatro, é arte mais regional. Eu quero fazer teatro, cinema mas também TV. Mas a televisão está passando por um processo de atualização, de modernização. Novela está um pouco antiga para a época em que estamos vivendo, embora seja um gênero muito latino. A TV está ficando mais dinâmica nas séries brasileiras. Acho importante o **tape** porque é material que a TV tem, mas acho que ela deve abrir para o cinema, filmes de curta metragem. Se houvesse essa abertura, eu poderia trabalhar na TV fazendo cinema. A posição radical de abandonar a televisão não existe de minha parte. Temos que fazê-la com o que se tem de melhor na nossa cultura. A música é um exemplo. Nas novelas, a música brasileira entra só até certo ponto. Depois são as músicas internacionais que dominam.

Na opinião de Sônia Braga, a televisão deveria fazer programas regionais, incentivando os valores de outros Estados:

—Para se saber hoje da cultura do Norte e Nordeste, precisamos ir lá, e eles já estão influenciados pelo Sul. Não se deve perder a autenticidade porque de repente vai virar tudo uma coisa só.

Sonia admite que jamais fez alguma coisa forçada na televisão:

— Nunca fiz nada contra minha vontade. Talvez coincidência. Para **Dancin' Days** fui solicitada a fazer uma mulher de 34 anos. Fiz um teste para ver minhas possibilidades segundo o combinado com Daniel Filho. Se houvesse problemas de qualquer lado, falaríamos. Fui aprovada e assumi o papel. Mas admito também a possibilidade de a Globo não estar interessada em renovar meu contrato. Quero continuar na TV fazendo teatro e cinema.

Apesar de fazer cinema há alguns anos, Sonia Braga confessa que não conseguiu relacionar-se com o teatro. Enquanto no cinema se tornou famosa como uma mulher sexy, em filmes como **Dona Flor e Seus Dois Maridos** e **A Dama do Lotação**, os palcos ainda não contaram com sua presença. Mas a própria Sonia reconhece que é difícil fazer teatro e TV ao mesmo tempo:

— Fica muito pesado, é cansativo. Mas como o ator de forma geral é mal-remunerado, presisa fazer dois e até três trabalhos ao mesmo tempo. Pode sair-se bem, mas se limita um pouco. O ideal é fazer um de cada vez: um filme por ano, uma peça por ano e TV, desde que tudo seja bem coordenado. Acho importante uma atriz como Fernanda Montenegro fazer TV. Ela é uma grande atriz que me deixa carente de sua presença se não posso vê-la quando faz teatro em São Paulo, por exemplo. Na TV, ela fica mais perto de nós, é a aproximação maior entre o ator e o público.

Sonia Braga é considerada uma atriz das mais bem pagas. Ela não nega, nem confirma, mas tem uma opinião própria a respeito e assumiu uma posição com relação ao seu trabalho:

— A gente é bem paga quando se está satisfeita com o que se recebe. Quem determina o que vale é o próprio ator. Em cinema, o melhor é ter participação no filme. Em **A Dama do Lotação** eu recebi 5% da renda liquida do produtor, tirado o custo da produção. Agora, com Arnaldo Jabor e walter Clark, o produtor, vou ter 5% da renda liquida do produtor sem os custos da produção. Se entrar **merchandising**, será abatido do custo de comercialização do filme. Ninguém faz um trabalho para ser fracasso. Partindo disso e acreditando no trabalho, já que se participa das dificuldades do cinema brasileiro é justo que se participe também do lado bom que ele tem. As **barras** são pesadas e ainda tem o exibidor que fica com a parte do leão, o distribuidor, o que resta é dividido para quem fez e trabalhou no filme.

Fazendo um anúncio de uma nova marca de óculos, foi comentado o fato de Sonia Braga ter cobrado cachê mais alto do que Marisa Berenson, que com ela aparecia no mesmo anúncio. Ela achou isso muito justo e explica:

— Num comercial a gente vende um produto. É como se entrássemos na sociedade daquele produto. O que se cobra é tão baixo, que ainda é pouco. Eu cobrei Cr$ 500 mil só para ser exibido no Rio, e mais Cr$ 500 mil se for exibido em todo o país. Marisa Berenson cobrou Cr$ 500 mil por tudo.

Sonia fala também do convite ou sondagem que recebeu para trabalhar no filme de James Bond — **007 Contra o Foguete da Morte**, rodado no Rio:

— Fui sondada para fazer o **007**, mas jamais faria uma **gatinha** do James Bond.

Disseram que Sonia estava mantendo contato para filmar nos Estados Unidos:

— Eu recebo recortes de tudo o que sai a meu respeito nos jornais. É através deles que fico sabendo que vou fazer isso ou aquilo, que estou namorando essa ou aquela pessoa, como foi o caso do Robert De Niro. Não houve nada. Ele apenas passou por mim, eu o vi de longe, e logo disseram que estávamos namorando. Contato real eu tive com o Coppola (Francis Ford, o diretor) durante a exibição de **Dona Flor** e **Dama do Lotação**, quando ele me cumprimentou e conversamos. Foi só. Em termos de contato de trabalho, não houve nada de concreto. Da minha parte, acho mais importante hoje trabalhar no Brasil e aproveitar um mercado já aberto no exterior, especialmente América Latina e Estados Unidos. Exterior é um sonho, mas não é o meu. Eu entendo que o melhor cinema, a melhor cultura é a nossa. Se eu fizer filme nos Estados Unidos eu não sei até que ponto vou ser usada para mostrarem uma visão que se tem de fora da América Latina. Jamais me oxigenarei para fazer uma americana, porque eu seria apenas uma caricatura. Posso daqui há 10 anos discordar disso, mas o que penso no momento é isso. Prefiro fazer um musical brasileiro a **Dona Flor** na Broadway, porque o pouco que eu vi não era Jorge Amado, era caricatura.

Sônia também discute o problema da lei de direito autoral "que existe há um ano e até agora não foi cumprida. Nós, atores, tecnicos, todos, fizemos até um ato público, ninguém tomou conhecimento".

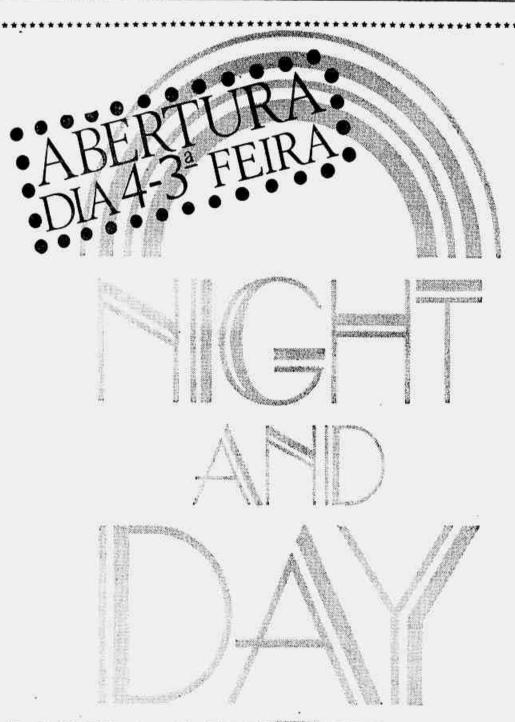
O filme de Arnaldo Jabor, **Eu te Amo** entusiasma a atriz tanto quanto a peça infantil **No País dos Prequetéis**:

— É a história da relação entre duas pessoas que se encontram a partir dos desencontros. É um musical, tem música de Lamartine Babo e Noel e pode ser um sucesso como foi **Dona Flor** e **Dama do Lotação**. A sexualidade também está presente a partir da própria relação entre as duas pessoas. A sexualidade é uma das coisas mais importantes do nosso cotidiano, do ser humano. Um assunto um pouco abandonado, mutilado pela Censura. Nunca vi coisa mais moralista do que uma pornochanchada. É um moralista falando sobre sexo. É assunto para ser discutido e colocado.

Quando se pergunta a Sônia Braga se se considera uma estrela ela diz:

— A idéia de ser estrela vem de criança. Qualquer pessoa pode ser estrela na hora em que quiser. Eu não tenho pudor contra isso nem vejo com tom pejorativo. Fernanda Montenegro é uma estrela, com luminosidade. A partir dessa idéia eu sinto que algo de estranho está acontecendo. No palco, tenho que ser estrela, brilhar, senão não adianta estar ali. A minha vontade é ser uma grande estrela, sem tom pejorativo de ser estrela sem brilho. Eu pretendo ter esse brilho e acho que ele aparece em alguns momentos. O brilho do ator é quando ele está vivendo um personagem.

E a atriz, como está e onde fica?

— Existe um grande caminho que eu tenho que percorrer. Ninguém passa dos 15 aos 29 anos facilmente. Eu quero aprender muita coisa, a cantar, a dançar, que eu gosto demais. Não quero ter pudores com personagens. Se tiver pudor com sucesso, estou negando minha condição de ser humano.

Carlos Eduardo Novaes

A GUERRA DO BALÉ

FOI por um triz. Em tempos recentes, jamais estivemos tão próximos de uma nova guerra como agora, durante a passagem do balé Bolshoi por Nova Iorque (ainda bem que nada aconteceu: como iríamos explicar às futuras gerações que a Terceira Grande Guerra explodiu por causa de um balé?). De repente, as duas superpotências largaram seus outros afazeres e como qualquer honduras e el salvador passaram a disputar no tapa (diplomático) o passe da bailarina Ludmila Vlasova.

Tudo começou depois de uma apresentação de **O Lago dos Cisnes**. Um dos 583 agentes da CIA presentes na platéia, ao término do espetáculo, voltou à Agência e reportou ao chefe:

— Chefe, fiz uma descoberta sensacional: a bailarina Ludmila Vlasova não quer mais voltar à União Soviética.

— Maravilha! O American Ballet vai adorar a notícia. Como foi que você soube. Ela lhe disse?

— Não, mas acabei de vê-la no palco e não tenho dúvidas quanto à sua intenção. Seus **cabrioles**, suas **pirouetes** eram típicos de quem quer pedir asilo nos Estados Unidos.

Ludmila teria passado uma mensagem cifrada com os pés. Isso era bom demais. Por enquanto, os americanos só tinham conseguido o concurso do marido da bailarina, Godunov. Mas não era bem isso que a CIA desejava: já havia mais dissidentes masculinos no balé ocidental do que jogador estrangeiro no futebol americano. No momento, a Agência estava de olho numa bailarina cuja cotação na Bolsa de Dissidentes de Nova Iorque só era inferior à dos carpinteiros da Lituânia. Rapidamente, o chefe mandou dois agentes, munidos de gravadores, para registrar o desejo da bailarina de permanecer na terra de Marlboro.

— E se possível — gritou à saída dos agentes — tirem-na das mãos daqueles canalhas soviéticos... com vida, é claro.

Os agentes encontraram Ludmila na sala de embarque do aeroporto cercada por oito funcionários da Embaixada soviética. Pararam a uma certa distância e ficaram observando o grupo. Ludmila por um instante olhou para os dois.

— Ela já nos viu aqui — disse o agente que tinha colhido sua mensagem no balé. — Reparou seu olhar de súplica? Sua expressão de "tirem-me daqui"? Vamos. Temos que nos aproximar. Senti que ela quer nos dizer algo...

Os dois se aproveitaram da confusão na estreita porta de saída, chegaram junto de Ludmila e disseram baixinho:

— Pode falar, Ludmila. O gravador está ligado. Fique tranqüila. Nós somos da Cia. Fale...

— Canalhas! Porcos imperialistas!

E saiu caminhando com os funcionários soviéticos. Os dois permaneceram parados.

— Você tem certeza que ela quer ficar com a gente?

— Deixe de ser bobo. Você não percebeu que ela estava representando? Precisamos deter o avião. Do jeito que ela enfatizou no "canalhas" não tenho mais dúvidas: ela quer mesmo desertar.

O avião foi detido na pista do Kennedy. Imediatamente os americanos formaram uma delegação, os soviéticos outra e como se estivessem indo para a Conferência de Helsinqui, partiram em direção ao aeroporto. Os americanos, que estavam em casa, falaram primeiro:

— Queremos fazer uma entrevista com Ludmila Vlasova — declarou o chefe da delegação à frente de 16 assessores, ao pé da escada do avião.

— Ela já deu uma coletiva ontem.

— Precisamos ouvi-la. Queremos ter certeza de que Ludmila não está sendo seqüestrada.

— Seqüestrada? Como seqüestrada? Ludmila é uma camarada russa, tem dois filhos russos, mora, vive e trabalha em Moscou. Agora está voltando **pra** casa. Que diabo de seqüestro é esse?

— Não me venham com sofismas. Vocês russos inverteram as leis do seqüestro. Nós aqui vivemos numa democracia e garantimos a liberdade de qualquer cidadão que esteja sobre o nosso solo. Se Ludmila não está sendo seqüestrada, por que antecipou seu regresso a Moscou?

— Por que isso aqui é uma democracia e todos os cidadãos têm a liberdade para pegar o avião que quiser no dia que quiser... ou não?

— Bem — o americano embatucou — quer dizer... mas e esses oito funcionários que não saem do calcanhar de Ludmila?

— O senhor sabe — respondeu o russo cínico — Nova Iorque é uma cidade muito violenta. São agentes de segurança. Oito apenas. O Presidente de vocês anda com quantos a sua volta? 186? Nem por isso vivemos dizendo que ele quer desertar...

— Mas tivemos informações seguras de que Ludmila quer...

— Ela disse isso?

— Não disse porque não pôde. Mas tudo nela indica que não quer ver mais a União Soviética nem em postais. Aliás, já tem cartão postal na União Soviética?

Após mais de 10 horas de conversa ao pé da escada, os soviéticos receberam um telegrama do Kremlin e permitiram que os americanos subissem a bordo para entrevistar Ludmila.

— Ludmila, estamos aqui para fazer-lhe uma pergunta: você está voltando a Moscou por sua livre e espontânea vontade?

Ludmila deu uma gargalhada. Um membro da delegação americana virou-se para outro e comentou entre dentes:

— Riso tipicamente nervoso.

— Claro que quero voltar — berrou a bailarina — adoro minha cidade, adoro meu trabalho, adoro meu país.

— Sim, compreendo — disse o americano olhando para os oito funcionários — será que a senhora me dá licença um minutinho?

Convocou o resto da delegação e foram todos conferenciar na cauda do avião.

— Vocês acreditam no que ela disse?

— De jeito nenhum. Ela está sendo coagida. Era fácil ver isso nos seus olhos. Ninguém adora a União Soviética dessa maneira... um país onde não se pode nem andar de patins pelas ruas.

A delegação concluiu que Ludmila só falaria com franqueza distante dos oito funcionários.

— Ludmila — pediu o chefe da delegação — quer vir um minutinho aqui com a gente?

A bailarina e os 17 membros da delegação trancaram-se no banheiro.

— Aqui você pode falar com liberdade, Ludmila. Só estamos nós aqui dentro — por via das dúvidas um americano deu a descarga — isso aqui é uma democracia e nós garantimos liberdade de expressão a todos. Pode falar.

— Eu quero voltar **pra** Moscou.

— Ora vamos, Ludmila, fale a verdade. Você tem liberdade...

— Tenho? Então eu vou dizer: eu quero voltar **pra** Moscou.

— Acho que você não entendeu direito, Ludmila. Se você não falar a verdade vamos ser obrigados a prendê-la por uns tempos dentro do avião...

Ao todo foram 73 horas de interrogatório, de negociações, de telefonemas entre Washington e Moscou. Ludmila, sem dormir direito, sem comer direito, sem tomar banho, estava aos trapos.

— Ludmila — insistiu o americano — lembre-se, a democracia garante liberdade de expressão a qualquer cidadão. Vamos perguntar pela 1 789 043ª vez: você está certa que quer voltar para a União Soviética?

Ludmila balançou a cabeça afirmativamente.

— Alguma coisa está errada — disse um americano — Ela não me convence. Está triste, tão abatida, ninguém que esteja de regresso para sua casa fica com essa cara...

— Também acho. Esses malditos soviéticos deram-lhe uma lavagem cerebral.

Ludmila, enfim, voltou a Moscou sendo recebida como uma heroína nacional. Muita festa, muitas flores, muitas palmas. Ali estava um exemplo de mulher que resistiu heroicamente a todas as investidas capitalistas. O Primeiro Alto Comissário do Balé do Povo saudou-a e agradeceu sua resistência: Muito obrigado, Ludmila.

— Muito obrigado... só? Não, senhor. Eu quero tudo aquilo que vocês me prometeram, o Prêmio Lênine, o Prêmio Marx, o Prêmio Engels, uma estátua na Praça Vermelha e uma **dacha** no mar Negro.

Quando deixava o aeroporto, um jornalista ocidental assediou Ludmila perguntando pelo marido, Godunov.

— Foi tomado por uma irresistível paixão em Nova Iorque — disse ela — amor à primeira vista! Resolveu largar tudo, eu, os filhos, a pátria para viver com sua nova paixão nos Estados Unidos.

— Quer dizer que foi um caso de amor. E pode-se saber por quem Godunov se apaixonou?

— Por uma torradeira portátil da General Eletric.

Curta-Metragem

A 7ª JORNADA BRASILEIRA, SEM CENSURA

SALVADOR — Sem problemas com a Censura Federal, depois de muitos anos, a coordenação da 7ª Jornada Brasileira de Curta Metragem concluiu ontem a seleção dos 60 filmes que serão exibidos a partir do dia 7, pela primeira vez este ano em João Pessoa, Paraíba. Outros 240 filmes representativos de vários países latino-americanos, inclusive Cuba, e da África de fala portuguesa também serão apresentados em mostras paralelas.

A simples seleção garante ao realizador ou seu substituto o aluguel-prêmio de Cr$ 3 mil, e o direito a hospedagem durante os dias da jornada. O encerramento terá a participação já confirmada do cineasta francês Jean Rouchi, que mostrará seu último filme rodado em Moçambique, atualmente participando da Bienal de Veneza.

O cartaz da 7ª Jornada Brasileira de Curta-Metragem tem como tema o tatu, um animal sertanejo que, segundo seu criador, o artista plástico Chico Liberato, "caracteriza a persistência do cinema de curta-metragem em furar os bloqueios a que está submetido e emergir para uma realidade mais ampla e livre".

Os filmes sobre os últimos movimentos grevistas e de protesto no país são maioria entre os selecionados, embora a variedade temática seja grande, misturada com trabalhos de ficção e documentários. Ao anunciar os escolhidos, a coordenação lamentou a ausência de Pernambuco, cuja produção é marcadamente em super-8, bitola que também pela primeira vez este ano foi afastada da mostra.

São os seguintes os filmes selecionados para a 7ª Jornada Brasileira de Curta Metragem:

Teatro Operário; de Renato Tapajós; a **Gaiola de Avatsiu**, de Osvaldo Caldeira; **Com Choro e Tudo na Penha**, de Eunice Gutman e Regina Veiga; **Cenas de Vera Cruz**, de Inácio Zatz; **Suely**, de Sérgio Sanz; **Versus**, de Landa; **Compadecida do Folclore**, de F. Ferreira da Silva; **Na Realidade**, de Jorge Camilo de Abranches; **Minha Vida, Nossa Luta**, de Suzana Amaral; **Selvagem**, de Carlos Del Pinto; **Substantivo**, de Regina Machado, Saudades de Dudu Ferreira; **Alquimista do Mato**, de Jom Tob Azulay; **Um Filme Dedicado à Solidão**, de Joel La Laina; **Chão, Terra, Lugar de Morar**, de João Januário Guedes; **4 de Dezembro**, de Renato Bulcão; **A Greve de Março**, realização coletiva; **Tocando na Alma**, de Sebastião de França; **Pergunta de Amor**, de Reinaldo Volpato; **Lição Canina**, de Egydio Eccio; **Palavra de Ordem**, de Homero de Carvalho; **Dia a Dia e... Fantasia**, de Susana Sereno; **A Lenda do Rei Sebastião**, de Roberto Machado Jr.; **Kaingang**, de Inimá Simões; **Barro Humano**, de Vitor Lustosa; **Dr Heráclito Sobral Pinto, Profissão: Advogado**, de Tuna Espinheira; **Sete Lições Que Se Aprendem com as Crianças, os Loucos e os Ladrões**, de Carlos Alberto Nascimbeni; **Memória Viva: Calapó**, de Haydée Dourado; **Marilyn Tupi**, de José Antonio Garcia; **Catehe**, de Regina Jeha; **Anistia**, de Agnaldo Siri Azevedo; **Canto para a Liberdade**, de Orlando Bonfim Neto; **O Que Eu Conto do Sertão É Isso**, realização coletiva; **Conceição dos Bugres**, de Cândido Alberto da Fonseca; **Escola de Samba**, de Carlos Tourinho; **Salvador**, de Gilberto Batista e Geraldo Batista; **De Repente em São Paulo**, de Adilson Ruiz; **Arco e Flecha**, de Raymundo Amado; **Duas ou Três Coisas**, de Roberto Moura, **Capoeira**, de Alain Fresnot; **Já Era Uma Vez**, de José Joaquim de Salles; **Goteiras na Alma**, de Roman Stulbach; **Queima de Arquivo**, de Cliton Vilela; **Mar de Lama**, de Wagner Carvalho; **Brilho na Noite**, de Emiliano Ribeiro; **As Amazonas**, de Tullio Marques; **Demolição**, de Luiz Paulino Dos Santos; **Todo Dia É Dia D**, de Henrique Faulhaber e Sérgio Pantoja; **Disaster Movie**, de Wilson Barros; **Um Crioulo Brasileiro**, de Joaquim Teodoro; **Greve**, de João Batista de Andrade; **Pinote II**, de Jorge Nascimento e Passos Neto; **Giramundo**, de José Tavares de Barros; **Festa no País do Gerais**, de José Américo Ribeiro; **MAM — SOS**, de Walter Carvalho; **Dá-lhe Rigoni**, de Paulo Sérgio Almeida; **A Ponte**, de Roberto Menezes; **Vai Ser Assim**, de Ivan Viana e André Lázaro; **Taim**, de Lyonel Lucini, e **Bahira, o Grande Burlão**, de Paulo Veríssimo.

Zózimo

O Calcanhar de connors

● *Corre nos bastidores do tênis internacional, sem nunca ter chegado à imprensa, uma curiosa explicação para a queda do rendimento nas quadras do americano Jimmy Connors, evidenciada a partir do seu casamento com a ex-playmate do Playboy Patti McGuire.*

● *Connors, que até então disputava palmo a palmo com Bjorn Borg o título de melhor do mundo, passou a perder seguidamente para o sueco, que em outubro completará um ano de invencibilidade sobre o rival. E não apenas para ele, mas para vários outros, conseguindo raramente chegar às finais dos torneios.*

● *Dizem que o declínio de Connors teve início no momento em que seus adversários perceberam que a ele irritavam referências ao passado da mulher como garota do Playboy.*

● *E passaram a explorar essa fraqueza da forma mais condenável, espalhando antes dos jogos fotos de Patti em poses provocantes pelos vestiários que, sabiam de antemão, o tenista iria utilizar. Ele chegava, encontrava as paredes cobertas de fotos eróticas, todas tendo como modelo sua mulher, e ficava transtornado. Minutos depois, entrava na quadra e, cego de ódio, não via a bola.*

● *É difícil acreditar que jogadores de categoria, como Borg e todos os outros da primeira linha, possam utilizar-se de um expediente tão pouco esportivo para ganhar seus jogos.*

● *De qualquer forma, como dizia outro dia no Country um amador a quem a história tinha particularmente deleitado, si non è vero è ben trovato.*

Patti McGuire, Sra Jimmy Connors

Títulos

● *O título do Country Club bateu no final da semana a marca do milhão. Foi negociado um título por Cr$ 980 mil, aos quais serão somados outros Cr$ 150 mil da transferência.*

● *Há, na fila, outros compradores a Cr$ 980 mil, mas não há vendedores.*

* * *

● *O título do Jóquei, entretanto, surpreendentemente baixou de preço.*

● *Dos Cr$ 420 mil que havia alcançado na semana passada, caiu na sexta-feira para Cr$ 350 mil.*

Objetividade

● **De uma alta autoridade de Brasília a propósito dos preços dos combustíveis:**

— O preço da gasolina e do óleo diesel continuará a subir gradativamente até a implantação definitiva do Proálcool, ou seja, até 1985.

● **Para essa correção gradativa, os critérios serão duplos: a necessidade de fundos para financiar o Proálcool e a oscilação do mercado internacional.**

Alto nível

● *Raramente é possível ter nas mãos um trabalho artístico de tanta categoria e nível quanto o álbum Alumbramentos, que está sendo lançado.*

● *O álbum combina poemas de amor de Manuel Bandeira com desenhos originais de Marcelo Grassman, Darel, Bianco e Aldemir Martins e, feito a mão, exemplar por exemplar, levou mais de um ano para ser produzido.*

● *Por isso mesmo, sai, lançado terça-feira na galeria Saramenha, em edição restrita de 400 exemplares.*

Palavra final

● *O Governo federal anunciará nos próximos dias o fim definitivo das corridas de automóveis movidos a gasolina em todo o território nacional.*

● *Não será surpresa se em relação ao álcool também não vier um grande estímulo. Concluiu-se que, como a gasolina, o álcool não é, por enquanto, um produto abundante no país e, em conseqüência, precisa ter igualmente seu consumo racionalizado.*

● *O automobilismo que se cuide.*

■ ■ ■

Esmola especificada

● Um estudo encomendado pelo Estado mostrou que o número de pedintes nas ruas do Rio cresceu consideravelmente nos últimos tempos.

● Para a constatação, aliás, não havia necessidade específica do estudo. Bastava sair às ruas da cidade.

* * *

● Os pedintes, especialmente os que escolhem como ponto de ação os cruzamentos com sinais de trânsito, já abordam os passantes com um novo **approach**.

● A esmola de antigamente agora vem especificada. Há um mendigo — até que bem vestido para um mendigo — que, plantado no cruzamento das Ruas Barata Ribeiro e Barão de Ipanema, pede "Cr$ 35 para um prato de comida".

● E outro, em Ipanema, que pede "Cr$ 50 para ir para casa, em Niterói". Deve, com certeza, querer ir de táxi.

■ ■ ■

Saúde e vigor

● Saudação feita a um ministro de Estado pelo vigoroso presidente do Conselho Nacional de Petróleo, Sr Oziel de Almeida, passando por ele em Brasília em marcha acelerada que identifica os atletas do **jogging**:

— Acredito que haja outros mais inteligentes; mais fortes, duvido.

RODA-VIVA

● O compositor Francis Hime festejou sexta-feira seus 40 anos reunindo os amigos **au grand complet**.

● **O professor Mário Barreto Corrêa Lima foi reeleito para a presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Mais dois anos.**

● Harry Stone preparou um programa especial para o **cineminha** de hoje à noite: **Pretty Baby**, de Louis Malle.

● **O Papagaio receberá uma decoração especial, assinada por Rodrigo Argollo, para a festa de Glamour Girl. Será transformado num grande ballroom. Afinal, trata-se de uma noite** black tie.

● O escultor Roberto Moriconi, autor da escultura de parede da nova sede da Iberia no Rio, recebeu da empresa uma nova encomenda: 400 outras peças, iguais, para decorar todas as demais agências espalhadas pelo mundo. Será a maior tiragem de um grande múltiplo já feita.

Diplomacia às avessas

Príncipe Charles

● Está sendo editado na Inglaterra um livro que promete dar o que falar. Chama-se **Charles, Príncipe de Gales**, é assinado pelo jornalista Anthony Holden e faz, como é de supor, fartas e generosas revelações picantes sobre o herdeiro do trono inglês.

● Mais do que fatos íntimos sobre a vida do Príncipe, o livro conta detalhes do relacionamento de Sua Alteza com Tricia Nixon, filha solteira do então Presidente Nixon, com quem chegou a manter um breve romance.

● Nixon, interessado em promover o casamento da filha com o Príncipe Charles, facilitava os encontros de ambos, chegando certa vez a avisar ao visitante que estava saindo de casa com a mulher, "para deixá-los completamente à vontade".

● Foi aí, segundo o autor do livro, que a diplomacia pessoal de Nixon vacilou. O Príncipe, sentindo-se usado politicamente para promover possíveis laços de amizade entre Estados Unidos e Inglaterra, brindou o Presidente dos Estados Unidos com palavras pouco amáveis, deixando imediatamente a casa do ex-Presidente sem sequer despedir-se de Tricia, que três semanas depois casava-se com Richard Cox.

● Buckingham, apesar de não gostar muito da idéia, não se manifestou a respeito do livro.

■ ■ ■

1 x 0

● Não se sabe exatamente a quantas anda a **guerra** deflagrada entre os guaranás da Brahma e da Coca-Cola.

● Em termos de **marketing**, entretanto, uma batalha foi ganha pela segunda: todos os indicativos luminosos das esquinas da Avenida Atlântica, do Leme ao Posto Seis, foram ocupados por anúncios do Taí.

● Na semana que vem, esses domínios estender-se-ão também à Vieira Souto e à Delfim Moreira.

Zózimo Barrozo do Amaral

José Carlos Oliveira

UM ESCRITOR, UMA ATRIZ

"A porta abriu-se e o presidente viu entrar as cinco figuras. Dois deles causaram um certo arrepio ao chefe da nação, pois, de certa forma, foram seus inimigos, embora tivessem votado nele nas eleições. Um era o líder dos trabalhistas, Leonel Brizola, eleito senador pelo Rio de Janeiro nas últimas eleições e que chefiava um dos novos Partidos. O outro era o secretário-geral do Partido Comunista, agora legalizado e que fez 30 deputados em todo o país, Osmar Neimeiar, eleito deputado pelo distrito do Leblon, no Rio. O voto distrital, implantado na reforma constitucional de 1982, dera certo em muitos casos, mas garantiu aos comunistas algumas cadeiras e eles, na sucessão presidencial, se alinharam com os trabalhistas e emedebistas, formando a maioria provisória".

Esta cena se passa pouco antes de 24 de junho de 1986: o dia em que o Brasil invadiu Angola, a pedido do Presidente Agostinho Neto, que já não suportava a presença dos cubanos (filhotes de Moscou) em seu território. O Brasil é, então, uma potência democrática entrando de sola na cena internacional. Não há presos políticos; ninguém na clandestinidade; e como a causa é transcendente, pois vamos entrar numa guerra teoricamente justa, conforme os padrões éticos em vigor no mundo — os líderes civis e militares, o povo e as Forças Armadas, unidos, marcham ao encontro de sua legítima vocação.

Ficção política? Exatamente. Estamos falando do romance A Invasão, *de José Antonio Severo, editado pela L&PM de Porto Alegre. Esse livro tem sido geralmente festejado pelos comentaristas literários e, na TV Globo, Rubem Braga confessou que o leu duma assentada. Alguém já disse que dele emanam bons fluidos... E é nisto justamente que reside o encantamento do leitor: avassalado por emoções próprias da narrativa de antecipação e de guerra, ele recebe de lambujem uma sensação de alívio moral, político e até físico. O pesadelo acabou: eis aqui o Brasil funcionando a todo o vapor, do jeito que todos queremos.*

A Invasão *está cumprindo sua trajetória de romance popular, conquistando leitores que o recomendam aos amigos, de modo que se inscreve já agora na categoria do pequeno* best seller. *Esperemos que cresça ainda mais o seu público. Sei de fonte segura que personalidades militares influentes estudam o inusitado problema colocado por Severo — um jornalista de setor econômico que escondia ciosamente sua vocação de narrador. É bom que os militares o leiam: interessados principalmente na minuciosa descrição do funcionamento das três Armas, que se preparam para uma ação fulminante do outro lado do Atlântico, eles acabarão fazendo as pazes com a literatura e as artes em geral, das quais andavam afastados em razão de uma desconfiança perfeitamente disparatada. Arte é imaginação e liberdade; se os artistas são todos uns rebeldes, só se pode deduzir que a sociedade, tal como organizada, não deixa ao artista senão o espaço da rebeldia. A abertura é um sinal inequívoco de que esse movimento dialético foi, afinal, assimilado pelos expoentes e remanescentes do golpe de 1964.*

Li os primeiros capítulos da Invasão *ainda frescos de tinta datilográfica. Li o primeiro exemplar saído do prelo. Sou uma espécie de padrinho do autor, meu amigo José Antonio Severo. Agora que seu livro recebe os merecidos aplausos, saio da sombra para me manifestar, eu que por ser padrinho não podia ser o primeiro a fazê-lo. É, até agora, o único romance brasileiro de antecipação política; sua publicação, inconcebível dois anos atrás, surge hoje como modesta e magnífica pedra colocada no edifício da reconciliação.*

Discutimos O Caso Cláudia, *sexta-feira passada, dentro do quadro de suas dificuldades: a família Lessin Rodrigues tudo fez para impedir sua exibição. Hoje, olharemos o filme na condição de espectador. Seria uma injustiça negar que se trata de belo espetáculo, um filme policial de acabamento excelente, podendo ser comparado sem desdouro às melhores produções estrangeiras do gênero. Principalmente seria injusto escamotear o impecável desempenho do elenco, no qualse destacam Carlos Eduardo Dolabela, Jonas Bloch, Luís Emiliano Queirós, Nuno Leal Maia, Roberto Bonfim e por último, mas não em último lugar, essa atriz jovem e raçuda, Kátia d'Angelo. Nenhum deles, em momento algum, parece ter sido tirado da televisão paa entrar no cinema com os trejeitos e o estrelismo peculiares à atuação no vídeo. Dolabela é repórter em todos os gestos e todas as falas. Roberto Bonfim consegue o que se acretitava impossível: compor um detetive brasileiro (ou melhor, carioca) sem cair no ridículo e sem copiar os americanos. Há anos o cinema nacional, tal cmo nossa literatura, enfrentam esse problema, e só agora o diretor Miguel Borges conseguiu resolvê-lo. A interpretação de Roberto Bonfim deve ser considerada extraordinária. Quanto a Kátia d'Angelo, eis aí o "animal cinematográfico": no papel de Flávia, ela é sempre exata e comedida, sacrificando em nome da verdade (a personagem) a grande chance que teve de se tornar uma estrela. Ela se tornou estrela, de qualquer modo, mas ninguém irá ver um filme de Kátia d'Angelo no elenco". Assim também, outro dia entrei no Leblon-2 para fruir o mistério e a beleza de Charlotte Rampling, pela qual nutro aquela paixão devastadora que emplogava os fãs de Greta Garbo e, mais tarde, de Ingrid Bergman. O filme (*Um Táxi Roxo*) é confuso, falsamente gótico e falsamente avançado na questão dos costumes. Que me importa? Fiquei o tempo todo flertando com Charlotte...*

Isto, porém, não ocorrerá quando me falarem que há na prça um filme com Laura Antonelli. Desta vez eu irei ver o filme; saberei que Laura não será nele uma mulher, uma estrela, e sim um personagem bem desempenhado — um animal cinematográfico. Foi assim que ela apareceu em Esposamente: *nem se destacou, nem se apagou. Viveu intensamente no espaço do filme. Kátia d'Angelo é dessa estirpe.*

RIO DE JANEIRO, COM OU SEM MACHADO DE ASSIS?

Machado de Assis — um dos mais cariocas dos escritores — nasceu na Chácara do Livramento e viveu toda a vida no Rio. Morou com a mulher, dona Carolina, na Rua dos Andrades, na Rua da Lapa, na Rua das Laranjeiras e na Rua do Catete, em frente à do Pinheiro, hoje Machado de Assis, até se mudar para a Rua Cosme Velho, onde morreu. Está sepultado no Cemitério São João Batista. Hoje, sua única herdeira, dona Laura Leitão de Carvalho, está se desfazendo de tudo o que lhe coube, segundo a última vontade do escritor. Para onde irão seus móveis, objetos e papéis?

A mesa e as 10 cadeiras de palha estão ainda em perfeito estado. "Coisas boas, que já não se fazem mais", compradas em leilão

Norma Couri

ALI, na mesa de carvalho, sentado na cadeira de palha à direita de Carolina, estaria Machado de Assis, de **pince-nez**, tomando chá. No lugar das frutas e da chaleira, alguns livros ficariam à mão. Em vez da vista para o mar, haveria um Cosme Velho sombrio, arborizado e calmo, sobressaltado apenas pelo passar do bonde puxado a burro.

Mas Carolina e Machado de Assis repousam juntos na mesma campa. A casa de dupla empena, ornada de lambrequins, foi abaixo. Os livros foram doados à Academia Brasileira de Letras. Restou, assim, o mobiliário sóbrio, na sala de um prédio em Copacabana, quase vizinho a outro de nome Machado de Assis.

Esse mobiliário é de uso diário, de posse da única herdeira de Machado de Assis, a menina Laura (sobrinha-neta de Carolina), hoje com 85 anos. É bem possível que esse acervo, de grande valor histórico, não fique mais em Copacabana, no Rio, ou mesmo no Brasil, pois dona Laura, viúva do General Estêvão Leitão de Carvalho, está desfazendo-se de tudo.

Está preocupada com a morte:

— E quem vai cuidar de tanto papel, tanta mobília?

Alega ela que nenhum de seus herdeiros (quatro filhas, netos, sobrinhos) tem recursos para preservar a herança:

— Nenhum de nós vai querer — diz a filha Eleonora, de 62 anos. Ou cada um acabará guardando um molambo de papel, que certamente será vendido ou perdido.

— O Governo talvez ficasse — arrisca dona Laura, enquanto vai mostrando peça por peça adquiridas em leilão por Machado de Assis. Coisas boas, que já não se fazem mais.

Mostra a mesa, as 10 cadeiras de palha, o anjo da noite desenhado na mesinha do canto, os dunquerques de jacarandá com tampo de mármore e espelho, as peças de xadrez em madeira trabalhada. E também a fotografia de Juliette Récamier, trazida de Paris por Graça Aranha, retratos de Machado de Assis e Carolina pelo **photographo Guimarês**, o quadro da **Dama do Livro**, que o escritor namorava na vitrina mas seus 500 mil réis mensais não o permitiam comprar (acabou sendo seu, com dinheiro de sete amigos, presente que rendeu poema de Machado de Assis e matéria na **Gazeta de Notícias** de 18 de abril de 1890.

Muita coisa já se perdeu, segundo dona Laura:

— Por exemplo, a biblioteca de tio Machado, que dei a meu marido e, como viajávamos muito, ficava encaixotada. Meu marido era, então, oficial, homem pobre, sem recursos para mandar encadernar os livros. A chuva destruiu metade deles. Estragou também alguns móveis. Perderam-se, ainda, duas cadeirinhas baixas, um trono estilo japonês, uma conversadeira muito bonita, enfeitada de bronze. Um quadro caiu em cima de uma jarra de murano, quebrando a tampa, rachando-a. Logo depois da morte de tio Machado, demos por falta de tapetes bordados por tia Carolina, além de um relógio de ouro.

Outros objetos estão espalhados na família. Entre eles, a cama de ferro e bronze e o lavatório de canela. Em pastas azuis, dona Laura guarda papéis que eram a mania se Machado de Assis, rascunhos de cartas a amigos ou ao editor Garnier (**"Monsieur Garnier, j'ai un volume de nouvelles, Várias Histórias, ..."**) cópias de recibos e declarações ("Eu, abaixo-assinado, declaro autorizar o Dr Curt Busch a traduzir para a língua alemã as minhas obras literárias, devendo a publicação da primeira, **Memórias Postumas de Brás Cuba, ...**") Algumas cartas de amigo, como de Miguel Couto, dizendo não cobrar consulta do escritor. E um cartão de visitas ("Machado de Assis, 18, Rua Cosme Velho").

Em bico de pena, caligrafia antiga, folhas amareladas e já decompostas, alguns sonetos na língua que mais prezou ("Esta noite tive um sonho / Um sonho muito atrevido / Sonhei que tinha na cama / A forma de teu vestido..."), ou em francês (**"Elle veut croire, aimer, voir des fleurs, sous ses pas / Mettre son nobre coeur dans des mains qui soient pures: / Elle cherche une étoile au fond des nuits obscures / Mais, son plus grand malheur / C'est qu'elle n'y croit pas."**).

Cartas, rascunhos, bilhetes, versos em português e francês, além de velhas fotos, misturam-se entre os papéis do autor de *Dom Casmurro*

Dona Laura era realmente uma menina quando Machado de Assis fez dela sua única herdeira, já que filhos, assim como seu personagem Brás Cubas, não teve ("Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria"). Tinha 10 anos quando a tia Carolina morreu e 12 na época do testamento. Mas lembra-se bem de detalhes da vida dos tios.

— Estudava em Colégio interno, o Santos Anjos, na Tijuca. Não podia vê-los muito, só nas férias. Mas depois que tia Carolina morreu, lembro-me de tio Machado visitando-nos aos domingos na nossa casa em São Cristóvão: magro, baixo, introvertido, velhinho. Vez por outra, éramos nós quem íamos visitá-lo no Cosme Velho. Ele sempre lembrava os três degraus da sala, para não tropeçarmos. E eu gostava do seu quintal enorme, beirando Santa Teresa. Vejo nitidamente o quartinho ao lado da sala, onde ele morreu. Meu avô nunca pisou na casa deles, entretanto. Foi contra o casamento desde o início — tio Machado era mulato, e ele não se conformou com isso. Mas minha avó Emília, irmã de Carolina, ia muito lá.

Consta que um dia a menina Laura teria perguntado ao tio "o que ele era", pois suas colegas queriam saber a origem dele. E ele, percebendo que se tratava de pergunta relacionada à cor, mestre da ironia e do humor, respondeu: "Sou japonês."

Naquela mesma mesa que ficou sendo sua, dona Laura sentou-se aos 14 anos, no dia de seu noivado, em casa de Machado e Carolina. Lá, o tio fez apólogo inesperado: desejou que os noivos fossem como as borboletas.

— Pensamos que ele nos ensinava a ser volúveis. E ele completou: "Elas voam de flor em flor, mas sempre aos pares."

Dona Laura diz que não venderá os móveis por dinheiro, não faz questão.

— A única pessoa que exigiu de tio Machado a partilha de bens foi um primo nosso, Arnaldo Braga, filho de uma irmã de tia Carolina, que por sinal foi contra o casamento dela. Na verdade, não era justa essa partilha, porque nossa tia não tinha bens quando se casou.

— Coube-lhe tão pouquinho que nem compensou. E ele escreveu no testamento: "Das 12 apólices..., dos dinheiros recolhidos à Caixa Econômica e dos depositados em conta corrente no London and Brazilian Bank, Limited, dos meus móveis, livros e demais objetos a mim pertencentes, nomeio herdeira única e menina Laura, filha de minha sobrinha e comadre Sara Braga da Costa e de seu esposo e meu compadre Major Bonifácio Gomes da Costa."

Dona Laura já está pensando no estilo sóbrio dos móveis que comprará depois que se desfizer destes.

A Dama do Livro, quadro que Machado quis comprar mas não pôde. Sete amigos se uniram para dá-lo de presente ao escritor, em 1890

Entre as relíquias guardadas por dona Laura, sobrinha de Machado de Assis, estão as peças trabalhadas de xadrez, jogo pelo qual ele era apaixonado

O dunquerque, com tampo de mármore e espelho, comprado quando Machado e Carolina viviam juntos e felizes, no Rio do fim do século

E suas filhas, Eleonora e Ruth, sentadas a seu lado, concordam com tudo. Fazem comentários, como este de Ruth:

— Tia Carolina ajudava muito nos escritos de tio Machado. Dizem até que seu português melhorou depois que ele casou com ela. Claro, ela veio das Armas e Barões Assinalados e ele era autodidata, estudou na imprensa, como tipógrafo.

Aos 85 anos dona Laura está lúcida, firme, fazendo quebra-cabeça para se distrair antes de bridge jogado quatro vezes por semana. Ainda é bonita e diz que sua tia era muito mais.

Uma vez, quando a Academia Brasileira de Letras decidiu levar o corpo de Machado de Assis para o seu mausoléu, dona Laura exigiu que o corpo de sua tia também fosse transferido junto com o dele. Negado isso, ela não permitiu a transferência. Foi um casamento feliz, o deles, ela diz. E como se nenhuma outra razão bastasse, explica:

— Se ele pudesse opinar, ficaria com ela.

Motivos iguais talvez a levem a se decidir pelo lugar onde os móveis, os objetos, os papéis, as relíquias de Machado de Assis deverão ficar. "Era o Rio de Janeiro que lhe ia mais caro ao coração", diz.

— A obra dele é toda do Rio, das redondezas. Ele nasceu no morro do Livramento, morreu no Cosme Velho, escreveu sobre o Rio.

("Fui, cheguei aos Arcos, entrei na Rua de Matacavalos. A casa não era ali, mas muito além dos Inválidos, perto da do Senado", descreveu Machado, em **Dom Casmurro, a** residência de sua dissimulada **Capitu.**)

Dona Laura não se fez de rogada.

— Nós vemos com boa vontade a permanência de suas coisas aqui no Rio, quem sabe no Corredor Cultural? É, prefiro o Estado do Rio, afinal foi Friburgo o lugar mais distante do Rio que ele foi. Era mesmo fluminense.

E enquanto as filhas dizem, "bem, isso depende das ofertas, vamos ver, você entende", todos compreendendo que São Paulo terá mais recursos a oferecer, dona Laura ajeita o vestido cor-de-rosa e diz, alheia aos outros, o que soa como uma decisão:

— Se ele pudesse opinar, ficaria no Rio.

Waldir Calmon, há 20 anos (entre Lúcio Rangel e Fernando Lobo), recebendo um prêmio por 100 mil discos vendidos, e hoje, ainda tocando para dançar

FEITO PARA DANÇAR, O SOM DE WALDIR CALMON CONTINUA NA PRAÇA

Quem não se lembra de Waldir Calmon e seu conjunto? Qualquer um, com mais de 30 — e boa memória — certamente associa seu nome aos bailes de formatura, mambos, boleros e outros ritmos em voga nos anos 50. Os mais velhos talvez se lembrem do Arpege, boate que completava o triângulo da vida noturna do Lido, com o Sacha's e o Drink. Hoje, já com 40 anos de atividades ininterruptas ("não passei um só dia sem tocar"), ele é a atração do Bierklause para quem gosta de dançar como antigamente. Depois de testemunhar o nascimento e a morte de incontáveis ritmos e gêneros musicais, ao longo dessas quatro décadas, Calmon está cada vez mais convencido de que as pessoas ainda preferem o dois **pra** lá, dois **pra** cá.

Susana Schild

—COMECEI como pianista, hoje sou tecladista. Exigência da época. Quando surgiu o solovox — instrumento muito em moda na década de 50 — Waldir Calmon não pensou duas vezes: foi o primeiro a utilizá-lo, fazendo dele sua marca registrada. Foi o primeiro, também, a gravar um LP no Brasil. E gaba-se ainda de ter dividido com Ray Connif a liderança do mercado do disco dos anos 60. Gravou 131 títulos, entre 78, compactos e LPs. As tradicionais séries **Feito para Dançar** (até o volume 12), **Para Ouvir Amando, Uma Noite no Arpege** e tantas outras venderam aos milhares.

Seu maior sucesso, segundo ele mesmo, foi o mambo **Cao-Cao, Mani-Picao** (mais de 100 mil cópias). No entanto, é bem mais difícil dissociá-lo de **Cumaná**, outra de suas marcas registradas. Seus sucessos não se limitaram à música centro-americana. Além de mambos, boleros e calipsos, também gravou sambas e até o inevitável **Love Is a Many Splendored Thing**.

Hoje, o repertório é outro, mistura de antigo com moderno, o que torna possível um **Olhos Verdes** se seguir ao **Folhetim**, de Chico Buarque, e anteceder um número qualquer inspirado em Donna Summer. Experiente em relação ao público que gosta de dançar, filosofa:

— Quando o casal se conhece, prefere uma música mais lenta, que dê para dançar juntinho, falar baixo, aquela coisa toda. Depois de algum tempo, ou mesmo do casamento, a mulher, principalmente, já quer uma música mais animada, se soltar mais. É preciso estar preparado para tocar de tudo.

Se bem que o auge de Waldir Calmon — incluindo os famosos bailes de formatura — estendeu-se até meados da década de 60 e por lá ficou, a rotina do músico manteve-se inalterada esses anos todos. Não parou de tocar um só dia. Convites, nunca faltaram. Podiam não vir das casas noturnas mais badaladas de Ipanema ou Copacabana, mas vinham de clubes de pontos os mais distantes do país. Em 1976, encerrou uma temporada de seis anos no Canecão, seguida de várias viagens.

Mineiro da Zona da Mata, aprendeu piano com a mãe. Em 1936, graças a amigos, chegou ao Rio com uma carta para Benedito Lacerda, ponto de partida de uma trajetória que o levaria a tornar-se um dos principais nomes da vida noturna carioca de uma época. Começou na Rádio Tupi, passou para a Rádio Globo e Rádio Cruzeiro do Sul. Musicava os intervalos dos espetáculos da Campanha Eva Tudor, no Teatro Serrador. Acompanhou a atriz Heloísa Helena (cantora na época) a uma temporada na Argentina, encerrando assim a primeira fase de sua carreira, interrompida durante dois anos e meio para servir no Batalhão de Guarda da Presidência da República, tendo como companheiro — de música e caserna — Dick Farney.

Liberado do Serviço Militar, inicia a fase das casas noturnas — sempre alternando com rádios. Começou na boate Meia-Noite, que funcionava no Copacabana Palace, criou seu primeiro conjunto — Gentleman da Melodia — tocando depois no Cassino Atlântico (Rio e Santos) no Night and Day. Lembra que eram tempos de muito bolero, rumba, calipso, e lembra também alguns dos nomes que passaram pelo Cassino Atlântico: Tommy Dorsey, os Lecuona Cuban Boys, Xavier Cugat, Edith Piaf, Carmem Cavalaro.

O sucesso popular explodiu quando gravou seu primeiro 78 rotações, o bolero **Por Quanto Tempo**, de Don Ali Bibi.

— A gente não percebe o sucesso chegando. Quando percebe, é porque já chegou. As fábricas de disco sempre descobriam primeiro e bolavam coisas para aproveitar a situação. Fui o primeiro a gravar um LP aqui, de 10 polegadas, mas não lembro a data (1951). Sei que gravei ainda um disco sem faixas — era música corrida o tempo todo — que virou moda.

Quadro décadas trocando o dia pela noite não interferiram na aparência saudável que Waldir Calmon exibe até hoje. Conservado e bem disposto, lembra mais um profissional liberal aposentado do que um músico, que passou grande parte da vida em lugares fechados e enfumaçados. Roupa discreta — calça e camisa azul-marinho — cabelo muito bem penteado, Waldir Calmon não tem queixas e se acha bem-sucedido.

— Acredito na sorte, mas acho que ela só vem uma vez e dura 15 minutos. É preciso aproveitá-la.

Isso, certamente, ele soube fazer. A consolidação de seu trabalho ficou patente com o sucesso de sua casa noturna, o Arpege, que abriu em 1952 e deixou em 1967. Nunca foi, porém, homem de tocar em apenas em um lugar. Distribuía-se pela cidade, pelo país, sempre que era chamado, e nos fins de ano, tocava em baile de formatura quase toda noite.

— Os bailes acabaram porque ficou muito caro. Os clubes cobravam muito, tornou-se mais barato comemorar em churrascaria. Quem é que debuta hoje no Rio de Janeiro? E olhe que já fiz muito baile de debutante.

Segundo este especialista em vida noturna, o Rio morreu com a construção de Brasília.

— Senti a mudança da noite para o dia. Antes de Brasília, quem fazia a noite carioca eram os políticos, deputados, senadores. Grandes negócios eram feitos ou comemorados em boates. Com Brasília, as casas esvaziaram de repente. Não deu para recuperar mais.

O espírito do carioca teria mudado? Ele acha que não. E encontra, de um modo geral, a mesma alegria de antes. **Barras pesadas** sempre existiram, e provas passadas eram as brigas memoráveis.

— Tinha grupos que entravam na boate para quebrar tudo. Não posso dizer nomes, porque tem muita gente viva. Vi muita briga, mas nunca participei. Cheguei a ser convidado para participar de um grupo, os rapazes me achavam simpático, insistiram. Expliquei que não era de briga, nem sabia brigar, ao que argumentaram: "Não precisa brigar, não, é só chegar num lugar, você dá o primeiro tapa no camarada e a gente quebra o resto." Mas reconheço que pelo menos as brigas diminuíram.

Waldir Calmon define-se musicalmente:

— Toco qualquer coisa em qualquer lugar. A gente tem que tocar de acordo com a época, se não o trabalho acaba. Já percorri o Brasil inteiro pelo menos seis vezes. Antigamente, antes da televisão, cada região queria um ritmo, tinha suas características, tinha até polca no Sul. Hoje, dizem que predomina a música jovem. Não tem importância, a gente toca. É preciso saber tocar tudo para não ser apanhado de surpresa. Há pouco fui tocar num baile no interior. O dono do clube me disse que era gente de meia-idade. Cheguei lá, só tinha garotada. Imagine se eu não soubesse tocar o ritmo deles. Quem não sabe acompanhar a moda é malvisto, pode estar muito bem vestido, mas fica sozinho.

Quanto à música brasileira, Waldir acha que sempre mereceu menor atenção por parte dos músicos.

— Para um estrangeiro, é sempre orquestra, banda, mil instrumentos. Para um cantor brasileiro, "um dó maior" já está bom.

Sem problemas financeiros, (mora em Copacabana e não pretende se mudar para a Barra), Waldir Calmon nunca pára de trabalhar. Nem tudo, porém, é perfeito.

— Quando alguém alcança o sucesso, pode ter certeza que tem mil querendo derrubar. Ninguém tem inveja de quem está lá embaixo. Quem está por cima é criticado, dizem que toca mal, canta mal, faz tudo errado. Mas o que pesa é o povo. Se você agradar a 60%, está feito. Mas é preciso trabalhar muito, porque o mercado de trabalho é reduzido.

Sensível às novas tendências, Waldir sempre acompanhou todos os ritmos que mereceram preferência do público. Ele próprio diz não ter preferências, gosta de todos os gêneros, desde que a música seja boa. Embora seu estilo inicial ainda seja reconhecido, mudou a forma de executá-lo.

Do piano aderiu ao solovox, passou ao órgão, acoplou, desacoplou e hoje toca quase uma miniorquestra: piano, órgão, com dois teclados (um com luz verde, outro vermelha) e ainda, por necessidade dos tempos, um sintetizador e um **harpstring**.

— Antes, qualquer lugar tinha um piano, era chegar e tocar. Com a sofisticação, porém, os clubes muitas vezes dispunham apenas de instrumentos em péssimo estado e tínhamos que tocar para não ofender o dono. Agora, as casas só dão o praticável (palco) e a tomada. E você é que tem que descobrir se é de 110 ou 220 volts.

Waldir Calmon não existe sem seu conjunto, hoje composto de Dircelene (cantora, com ele há 12 anos), Anderson (cantor, há oito anos), Wilson Branco (baterista, há 15 anos), Renato Vargas (contrabaixo, "esse é novo"), Hosanil Ferreira (pistom, há quatro anos) e Miro (pistom), também novo no conjunto.

Da sua atual temporada no Bierklause, Waldir Calmon quer o mesmo de sempre: que as pessoas gostem de dançar a sua música. Fazendo questão de acompanhar a época atual, capricha na discoteca, como mostra seu último disco **Mambos em Ritmo de Discoteca — Feitos Para Dançar**, com a certeza de que muitos outros estilos virão. Medo de cair de moda, Waldir não tem:

— Depois de um certo tempo e prestígio a gente fica sempre na mesma faixa. Se eu fosse cantor, seria diferente, mas como músico, não tenho medo. Já podia me aposentar, mas vou continuar tocando.

Cinema

★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

Estréias

40 GRAUS DE SEXO E CONFUSÃO (Sex With a Smile), de Sergio Martino. Com Marty Feldman, Edwige Fenech e Sydne Rome. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). Comédia italiana dividida em cinco episódios: **Os Guarda-Costas, O Rolls Royce, A Raptora, A Décima Quinta Hora e Amor à Venda.**

★★★

O CASO CLÁUDIA (brasileiro), de Miguel Borges. Com Kátia D'Angelo, Jonas Bloch, Roberto Bonfim, Cláudio Correa e Castro, Carlos Eduardo Dolabella, Luiz Armando Queiroz, Rogério Fróes e Nuno Leal Maia. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 222-6490), **Condor-Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Condor-Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 245-7374): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1747 — 390-5745): 15h, 17h, 19h, 21h. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Caruso** (Av. Copacabana, 1326 — 227-3544), **Leblon-2** (Av. Ataufo de Paiva, 391 — 287-7805), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178):13h20m, 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m (18 anos). Baseado em dados e informações do livro **Por que Cláudia Lessin Vai Morrer**, de Valério Meinel, o filme aborda o caso Cláudia Lessin Rodrigues através de um detetive (Roberto Bonfim) e um repórter (Carlos Eduardo Dolabella) empenhados no combate ao tráfico de drogas, ao mesmo tempo em que apresenta a história de Flávia (Kátia D'Angelo), uma garota também envolvida com traficantes.

★★★

NÃO HÁ FUMAÇA SEM FOGO (Il n'y a Pas de Fumé Sans Feu), de André Cayatte. Com Annie Girardot, Mireille Darc, Bernard Bresson, Marc Michel, Paul Amiot e Micheline Boudet. **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4563): 18h, 20h, 22h (18 anos). Produção francesa do mesmo diretor de **Morrer de Amor**. Para eliminar um concorrente durante campanha política, um candidato (André Falcon) resolve chantagear o adversário (Bernard Fresson) divulgando fotos comprometedoras de sua mulher (Annie Girardot).

★

A GRANDE BATALHA (The Biggest Battle), de Umberto Lenzi. Com Henry Fonda, Giulianno Gemma, John Huston, Helmut Berger, Samantha Eggar, Stacy Keach e Ray Lovelock. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): de 2º a 6º, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 405 — 288-6898), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (14 anos). Três anos antes de explodir a II Guerra Mundial, membros das delegações internacionais, presentes aos Jogos Olímpicos de Berlim, tornam-se amigos e mais tarde seus destinos voltam a se cruzar, desta vez em campos de batalha opostos.

CRAZY HORSE DE PARIS (Crazy Horse), de Alain Bernardin. Com o elenco do Crazy Horse Saloon de Paris. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325), **Cine-Show Madureira** (Rua Carolina Machado, 542): sem indicação de horário (18 anos).

A PANTERA NUA (brasileiro), de Luiz de Miranda Corrêa. Com Rossana Ghessa, Roberto Pirillo e Neuza Amaral. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 222-1508), **Rian** (Av. Atlântica, 2 964 — 236-6114), **Opera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519), **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m (18 anos).

MANÍACO POR MENINAS VIRGENS (brasileiro), sem indicação de diretor. Com Sebastião Pereira e Liza Linz. **Plaza** (Rua do Passeio, 78 — 222-1097): de 2º a 6º, às 10h20m, 12h, 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. Sábado e domingo, a partir das 13h40m. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): de 2º a 6º, às 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. Sábado e domingo, a partir das 13h40m. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h (18 anos).

AS FERAS DO KUNG FU (Zenkwundo Strikes in Paris), de John Liu. Com John Liu e Roger Paschy. Programa complementar: **Bruce Lee no Jogo da Morte. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2º a 6º, às 12h15m, 16h05m, 19h55m. Sábado e domingo, às 14h, 17h50m, 20h (18 anos).

Continuações

★★★★★

CERIMÔNIA DE CASAMENTO (A Wedding), de Robert Altman. Com Desi Arnaz Jr., Carol Burnett, Geraldine Chaplin, Howard Duff, Mia Farrow, Vittorio Gassman, Lilian Gish e Lauren Hutton. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 18h50m, 21h30m (16 anos). Americano. Comédia satírica. A cerimônia de casamento de dois jovens de famílias abastadas mas sem raízes, da qual participam os parentes do noivo e os da noiva e alguns poucos amigos. Tanto na igreja como na recepção a sátira está presente, pretendendo desmistificar a cerimônia matrimonial a partir do vulnerável comportamento humano.

★★★

DETETIVE DESASTRADO (Cheap Detective), de Robert Moore. Com Peter Falk, Ann-Margret, Eileen Brennan, Sid Caesar, Stockard Channing, Marsha Mason, Dom DeLouise, Louise Fletcher, John Houseman e Madeline Kahn. **Cinema-2** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 18h, 20h, 22h. **Jacarepaguá Autocine-1** (Rua Cândido Benício, 2973 — 392-6186): 18h30m, 20h30m, 22h30m (10 anos). Comédia escrita pelo teatrólogo Neil Simon e apresentada como "afetuosa paródia dos legendários filmes de detetives particulares dos anos 40". Entre as pretensões de humor, intriga e nostalgia, Peter Falk dá sua **versão** meio lunática da figura de Humphrey Bogart e dos heróis que este viveu em **Casablanca, Relíquia Macabra, À Beira do Abismo** e outros filmes célebres. Produção americana.

★★★

ALIEN — O 8º PASSAGEIRO (Alien), de Ridley Scott. Com Tom Skerritt, Sigourney Weaver, Veronica Cartwright, Harry Dean Stanton, John Hurt, Ian Holm e Yaphet Kotto. **Palácio** (Rua do Passeio, 38 — 222-0838), **São Luiz** (Rua Machado de Assis, 74 — 225-7679), **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999), **Olaria**: 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1095 — 201-1299): de 2º a 6º, às 16h30m, 19h, 21h30m. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h30m, 16h, 18h30m, 21h (14 anos). Ficção científica com uma história de mistério, **suspense** e terror. A espaçonave Nostromo viaja à procura de planetas desconhecidos, onde possam existir fontes energéticas para suprimento da Terra, levando a reboque usinas de tratamento de combustíveis. Atraídos por sinais estranhos descobrem uma nave habitada por um ser indefinível, que assume múltiplas formas — inimigo aparentemente imbatível. Superprodução americana, segundo longa-metragem do diretor de **Os Duelistas.**

★★★

INQUIETAÇÕES DE UMA MULHER CASADA (brasileiro), de Alberto Salvá. Com Denise Bandeira, Otávio Augusto, Nuno Leal Maia, Miguel Oniga, Jonas Bloch e Imara Reis. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546), **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229), **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h (18 anos). Conflitos entre um próspero advogado e sua mulher — um casal da classe média. O reencontro da mulher com um ex-namorado e ex-companheiro de lutas políticas precipita a dissolução do casamento.

★★★

O CAMPEÃO (The Champ), de Franco Zefirelli. Com Jon Voight, Faye Dunaway, Ricky Schrader, Jack Warden, Arthur Hill e Strother Martin. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 287-4524): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h45m, 16h15m, 18h45m, 21h15m. No **Leblon-1** a cópia é em 70mm com seis faixas de som estereofônico (livre). Melodrama americano. Refilmagem de um clássico de King Vidor, realizado em 1931, com Wallace Beery e Jackie Cooper nos papéis agora interpretados por Jon Voight e Ricky Schroder. Na história — um divórcio — a mãe (Faye Dunaway) abandona o filho com o marido e anos mais tarde quer recuperar o menino.

★★★

CANUDOS (brasileiro), documentário de longa metragem de Ipojuca Pontes. Narração de Walmor Chagas. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h (livre). Segundo o diretor, "o filme parte do testemunho do sertão de Canudos, hoje, e procura reconstituir a ação de Antônio Conselheiro e do seu povo". Apoiado em depoimentos especialmente colhidos, filmagens no local dos acontecimentos, material iconográfico.

Reapresentações

★★★★★

O IMPÉRIO DA PAIXÃO (Ai No Borei), de Nagisa Oshima. Com Kasuko Yoshiyuiki, Tatsua Fugi, Takahiro Tamura, Akiko Koyama, Takuso Kawatani e Taiji Tonoyama. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 18h, 20h, 22h (18 anos). Drama japonês. A trágica história de amor, ocorrida no final do século passado numa pequena aldeia japonesa. Um soldado conquista a jovem esposa de um velho condutor de jinriquixá. Matam o marido e jogam-no num poço da sua casa. Os anos passam, o crime não é descoberto, mas o fantasma do marido volta para reconquistar a esposa.

★★★★★

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE (Midnight Express), de Alan Parker. Com Brad Davis, Randy Quaid, Bob Hopkins, Jonh Hurt, Paul Smith e Mike Kellin. **Palácio** (Campo Grande): 16h, 18h30m, 21h (18 anos). Versão do livro de Billy Hayes e William Hoffer que relata uma experiência verídica do primeiro. O filme se passa quase todo em dependências de uma prisão de Istambul, onde, preso por contrabando de haxixe, o jovem americano Hayes sofreu torturas físicas e morais. Depois de condenado a quatro anos, foi submetido a novo e arbitrário julgamento que deveria, por ordens **de cima**, alterar a pena para prisão perpétua. O **affaire**, em que o Governo ditatorial da Turquia pretendeu usá-lo como um exemplo, teve início em 1970 e chocou a opinião pública americana. Por motivos óbvios, os cenários (com exceção das clássicas imagens turísticas de Istambul) foram minuciosamente reconstituídos na ilha de Malta. Produção americana. Oscar para a melhor trilha sonora (Giorgio Moroder) e melhor roteiro adaptado (Oliver Stone).

★★★★★

DOIS NA CAMA NUMA NOITE DE CHUVA (The End of the World in Our Usual Bed in a Night Full of Rain), de Lina Wertmuller. Com Giancarlo Giannini, Candice Bergen e Anne Byrne. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 18h, 20h, 22h (18 anos). Americano. Comédia dramática. Giancarlo Giannini, um jornalista italiano romântico e chauvinista, e Candice Bergen, uma fotógrafa americana de ideais feministas, estão em crise matrimonial. Questionamentos da espécie humana colocam **macho** e **fêmea** em questão.

★★★★

PROVIDENCE (Providence), de Alain Resnais. Com Dirk Bogarde, Ellen Burstyn, John Gielgud, David Warner e Elaine Stritch. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos). Baseado em um roteiro de David Mercer. Em sua mansão — **Providence** — onde aguarda a morte, um escritor septuagenário atenua os sofrimentos com fartas doses de imaginação e de seu vinho favorito. A maioria das imagens reflete o romance que ele imagina (e sabe que jamais editará), no qual, a princípio, parece vítima de um complô da família e, depois, manipula os dois filhos Cloud e Kevin, sua nora Sonia, e a imaginária amante de Claud, que tem estranha semelhança com sua esposa suicida. Como em **Marienbad** e outros filmes seus, o cineasta Resnais volta a desenvolver um universo mental, a mesclar passado, presente e futuro, imagens oníricas e projeções de desejos. Produção francesa na versão original, que é falada em inglês.

Candice Bergen em *Dois na Cama numa Noite de Chuva*, de Lina Wertmuller: último dia no *Jóia*

★

O ENXAME (The Swarm), de Irwin Allen. Com Michael Caine, Katherine Ross, Richard Widmarck, Richard Chamberlain, Olivia de Havilland e Ben Johnson. **Vitória** (Bangu): 14h30m, 16h45m, 19h, 21h15m (14 anos). Uma praga de abelhas africanas, proveniente do Brasil, chega ao Texas, causando terror e uma série de acidentes. Produção americana.

★

CASANOVA & COMPANHIA (Casanova & Company), de François Legrand. Com Tony Curtis, Marisa Berenson, Marisa Mell, Sylva Koscina, Britt Ekland, Jean Lefebvre, Andrea Ferreol e Victor Spinetti. **Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 229-1222): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos). Poderoso califa se dispõe a salvar as finanças de Veneza com a condição de sua favorita passar uma noite com o legendário Casanova. Como este, envelhecido, perdeu sua potência, arranjam um sósia vagabundo, que aprende as técnicas do mestre e é disputado pelas mulheres. Co-produção franco-alemã.

BRUCE LEE NO JOGO DA MORTE (Game of Death), de Robert Clouse. Com Bruce Lee e Gig Young. Programa complementar: **As Feras do Kung Fu. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2º a 6º, às 12h15m, 16h05m, 19h55m. Sábado e domingo, às 14h, 17h50m, 20h (18 anos).

UMA FÊMEA DO OUTRO MUNDO (brasileiro), de Jorge Figueira Gama. Com Kate Lyra, Milton Villar, Roberto Pirillo e Anilza Leone. **Capri** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 226-7101): 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos).

TEM PIRANHA NO GARIMPO (brasileiro), de José Vedovato. Com Katia Spencer, Bianchina Della Costa e Maria Alba. Programa complementar: **Os Violentadores. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2º a 6º, às 10h20m, 13h50m, 17h20m, 19h20m. Sábado e domingo, a partir das 13h50m (18 anos).

OS VIOLENTADORES (brasileiro), de Tony Vieira. Com Tony Vieira, Heitor Giotti e Claudete Joubert. Programa complementar: **Tem Piranha no Garimpo. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2º a 6º, às 10h20m, 13h50m, 17h20m, 19h20m. Sábado e domingo, a partir das 13h50m (18 anos).

DRIVE-IN

DRIVE-IN (Drive-In), de Rod Amateu. Com Lisa Lemole, Glenn Morshiwer, Gary Cavagnaro, Billy Milliken e Trey Wilson. **Ilha Autocine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador): 20h30m, 22h30m. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h, 22h30m. **Jacarepaguá Autocine-2** (Rua Cândido Benício, 2 973 — 392-6186): de 2º a 6º, às 18h30m, 20h30m, 22h30m. Sábado e domingo, às 20h30m, 22h30m (14 anos). Último dia no **Ilha** e **Jacarepaguá**.

★★★

DETETIVE DESASTRADO — Jacarepaguá Autocine-1: 18h30m, 20h30m, 22h30m (10 anos). Ver em **Continuações**.

MATINÊS

ELKE MARAVILHA CONTRA O HOMEM ATÔMICO — Coral: 15h50m, 17h15m (livre).

O MILAGRE — O PODER DA FÉ — Cinema-2, Studio-Paissandu: 13h, 14h40m, 16h20m (livre).

O COMPRADOR DE FAZENDAS — Lido-1: 13h30m, 15h, 16h30m (livre).

PEDRO BÓ, CAÇADOR DE GANGACEIROS — Jóia: 13h30m, 15h, 16h30m (livre).

SESSÃO COCA-COLA — As Aventuras de Tom & Jerry — Lagoa Drive-In: 18h30m (livre).

SESSÃO INFANTIL — Os Quatro Palhaços — Ilha Autocine. 18h30m (livre).

SESSÃO INFANTIL — Zé Colméia — Jacarepaguá Autocine-2: 18h30m (livre).

SESSÃO INFANTIL — Exibição de **A Fábula da Cadeira**, de Norman McLaren, **O Dique do Castor, Um Passeio Fantástico e Jacky Visita o Jardim Zoológico**. Às 17h, no **Cineclube Barravento**, Rua Senador Muniz Freire, 60 — Tijuca. Após a sessão haverá atividades de pintura e desenho sob a orientação de professores.

Dina Sfat e Daniela em *Tati, a Garota*, de Bruno Barreto, baseado numa história de Aníbal Machado: hoje, no *Cineclube do Leme*

Extra

CURTAS — Exibição de **Paralelo**, de Sérgio Santos, **Cartola**, de Roberto Mouro, **Barro**, de José Andrade e Vitor Lustosa, **Arrastão em Beira de Praia**, de Alex Mariano e **Bloco do Eu Sozinho**, de Antônio Amâncio. Às 20h30m, no **Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro**, Rua Presidente Pedreira, 78 — Ingá. Após a sessão haverá debates com os cineastas Antônio Amâncio, Antônio César Costa e Sérgio Santos.

NA TERRA DO SILÊNCIO E DA ESCURIDÃO (brasileiro), de Wlodimir Herzog. Às 18h30m, no **Cineclube Jean Renoir da Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão haverá debates.

O AMOR ATRAVÉS DOS SÉCULOS (L'Amore Attraverso i Secoli), filme dividido em seis episódios. 1º — **Era Pré-História (L'Ere Pre-Historique)**, de Franco Indovina. Com Michele Mercier, Enrico Maria Salerno e Gabriel Tinti. 2º — **Noites Romanas (Nuites Romaines)**, de Mauro Bolognini. Com Elsa Martinelli e Gaston Moschin. 3º — **Mademoiselle Mimi (Mademoiselle Mimi)**, de Philippe de Broca. Com Jeanne Moreau e Jean-Claude Brialy. 4º — **A Bela Época (La Belle Époque)**, de Michael Pfleghar. Com Raquel Welch e Martin Held. 5º — **Dias de Hoje (Aujourd'hui)**, de Claude Autant-Lara. Com Nadia Gray e Jacques Duby. 6º — **Dias Futuros (Antecipation)**, de Jean-Luc Godard. Com Marilu Tolo, Anna Karina e Jacques Charrier. Às 18h, no **Cineclube João XXIII**, Av. Afrânio de Melo Franco, 300.

★★★

TATI, A GAROTA (brasileiro), de Bruno Barreto. Com Dina Sfat, Hugo Carvana e Daniela. Às 20h, no **Cineclube do Leme**, Rua General Ribeiro da Costa, 164. Após a sessão haverá debates (livre). Versão de uma história de Aníbal Machado.

★★★

COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS (brasileiro), de Nelson Pereira dos Santos. Com Arduíno Colassanti, Ana Maria Magalhães, Manfredo Colassanti e Alfredo Imbossahy. Às 20h, no **Cineclube João XXIII**, Av. Afrânio de Melo Franco, 300 (livre). Visão da história da colonização, na qual, para variar, o índio leva a melhor.

★★★

NORDESTE: CORDEL, REPENTE, CANÇÃO (brasileiro), de Tânia Quaresma. Com contadores, repentistas e folheteiros do Nordeste. Às 17h, no **Cineclube Proposta, igreja do Pilar** — Pilar. Após a sessão haverá debates (livre). Documentário de longa metragem. Registro espontâneo de depoimentos e interpretações de artistas populares do Nordeste: contadores, repentistas, violeiros, cantores de romances, cocos e emboladas.

★★★

O DESEJO (brasileiro), de Walter Hugo Khouri. Com Lilian Lemmertz, Selma Egrei, Fernando Amaral, Kate Hansen e Sérgio Hingst. Às 20h, no **Cineclube ASA-Curta Circuito**, Rua São Clemente, 155. Após a sessão haverá debates. (18 anos). Drama psicológico desenvolvido simultaneamente em dois tempos: o presente de uma mulher de alta burguesia, que perdeu o marido há quase um ano, e o passado do casal em permanente relacionamento de atração-repulsão. A personalidade do marido falecido vem à tona quando a jovem viúva recebe como hóspede uma amiga de volta da Europa.

★★

DORAMUNDO (brasileiro), de João Batista de Andrade. Com Rolando Boldrin, Irene Ravache, Antonio Fagundes, Armando Bogus e Oswaldo Campozana. Complemento: **Acidente de Trabalho**, de Renato Tapajós e produzido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Às 20h, no **Cineclube Barravento**, Rua Senador Muniz Freire, 60 — Tijuca. Debates após a sessão (18 anos). Na década de 30, uma sucessão de mortes estranhas abala uma cidadezinha ferroviária. Em meio ao mistério e à repressão policial, explode o amor de Teodora e Raimundo. Inspirado no romance de Geraldo Ferraz, com pesquisas locais de Andrade e Wladimir Herzog.

Grande Rio

NITERÓI

ART-UFF — Canudos, documentário de Ipojuca Pontes. Às 15h, 17h, 19h, 21h (livre).

DRIVE-IN ITAIPU (Estrada Celso Peçanha, 1000) — **Coronel Delmiro Gouveia**, com Rubens de Falco. Às 20h30m, 22h30m (14 anos).

ALAMEDA (Alameda São Boaventura, 553 — 718-6866) — **A Noviça Rebelde**, com Julie Andrews. Às 14h, 17h20, 20h40m (livre).

BRASIL (Rua General Castriota, 487) — **O Expresso da Meia-Noite**, com Brad Davis. Às 16h, 18h30m, 21h (18 anos).

CENTER (Rua Genral Moreira César, 265 — 711-6909) — **O Caso Cláudia**, com Kátia D'Angelo. Às 13h20m, 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h (18 anos).

CENTRAL (Rua Visconde do Rio Branco, 455 — **O Campeão**, com Jon Voight. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (livre).

CINEMA-1 (Rua Moreira César, 211 — 711-1450) — **A Pantera Nua**, com Rossana Ghessa. Às 14h30m, 16h15m, 18h, 19h45m, 21h30m (18 anos).

EDEN (Rua Visconde do Rio Branco, 295 — 718-6285) — **As Feras do Kung Fu**, com John Liu. Às 13h40, 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h (18 anos).

ICARAÍ (Praia de Icaraí, 161 — 718-3346) **Alien — o 8º Passageiro**, com Tom Skerritt. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos).

NITERÓI (Rua Visconde do Rio Branco, 375 — 710-9322) — **Alien — o 8º Passageiro**, com Tom Skerritt. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (Praça Bom Pedro, 34 — 2659) — **O Caso Cláudia**, com Kátia D'Angelo. Às 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m (18 anos).

PETRÓPOLIS (Av. 15 de Novembro, 808 — 2296) — **Alien — o 8º Passageiro**, com Tom Skerritt. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA (Av. Feliciano Sodré, 749 — 742-2131) — **O Caso Cláudia**, com Kátia D'Angelo. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos).

Curta-metragem

FEIRA LIVRE DE CAXIAS — De Adnor Pitanga. Cinemas: **Bruni-Copacabana e Bruni-Tijuca.**

REFÚGIO DE DOM PEDRO II — De Renato Nunes. Cinema: **Cine-Show Madureira.**

A CUÍCA — De Sérgio Muniz. Cinema: **Ilha Autocine** (do dia 29 ao dia 2).

GRAÇAS A DEUS — De Paulo Augusto Gomes. Cinema: **Rio-Sul.**

O NATURALISTA KRAJSBERG — De José de Barros. Cinema: **Studio-Tijuca.**

OS SERTÕES — De Rubens Rodrigues dos Santos. Cinema: **Ricamar.**

AVENIDA PAULISTA — De Rodolpho Nanni. Cinema: **Studio-Paissandu.**

RIO DE CONTAS — De Bubi Leite Garcia. Cinema: **Jóia.**

O BERIMBAU — De Sérgio Muniz. Cinema: **Cinema-2.**

GUARUBA E OS MÁGICOS — De Sérgio Sanz. Cinema: **Ilha Autocine** (até o dia 28).

Teatro

LUZ NAS TREVAS — Farsa de Bertolt Brecht. Dir. de Eugênio Santos. Mús. e dir. musical de Roberto Guerra. Com Manoel Kobachuk, Enilda Monteiro, Jorge Crespo, Creuza Amaral, Vânia Alexandre, Eugênio Santos. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8142). Hoje, às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes. Preços especiais para sócios do Sesc.

TEU NOME É MULHER — Comédia de Marcel Mithois. Dir. de Adolfo Celi. Com Tônia Carrero, Luís Lima, Célia Biar, Hélio Ary, Edney Giovenazzi, Maria Helena Velasco e outros. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (252-3456). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 200,00 e Cr$ 100,00, estudantes.

FANDO E LYS — Texto de Fernando Arrabal. Dir. de Rubens Corrêa. Com Betina Viany, Marcus Alvisi, Ruy Rezende, Alby Ramos, Bernardo Maurício. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00 e 40,00, estudantes.

A RESISTÊNCIA — Texto de Maria Adelaide Amaral. Dir. de Cecil Thiré. Com Edwin Luisi, Osmar Prado, Regina Viana, Priscila Camargo, Stela Freitas, Ginaldo de Souza, Cecil Thiré. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Card. Arcoverde (237-7003). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos, a Cr$ 150,00 e Cr$ 80,00, estudantes. Recomendação especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais.

PAPA HIGHIRTE — Texto de Oduvaldo Vianna Filho. Direção de Nelson Xavier. Com Sérgio Brito, Tinoco Pereira, Ângela Leal, Nildo Parente, Carlos Alberto Baía, Dinorah Brillanti, Hélio Guerra, Paulo Barros e Miguel Rosemberg. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52/2º (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 150,00 e Cr$ 80,00, estudantes. Recomendação especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais.

PATO COM LARANJA — Comédia de William Douglas Home. Dir. de Adolfo Celi. Com Paulo Autran, Marília Pêra, Vicente Bacaro, Karin Rodrigues, Rosita Tomás Lopes. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). Hoje, às 17h e 20h. Ingressos a Cr$ 200,00.

O REI DE RAMOS — Musical de Dias Gomes (texto), Chico Buarque e Francis Hime (música). Dir. de Flávio Rangel. Com Paulo Gracindo, Mario Maia, Eliane Maia, Carlos Kopa, Jorge Chaia, Felipe Carone, Leina Kresoi, Roberto Azevedo, Solange França e outros (além de músicos e bailarinos). **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes (221-0305). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 150,00, platéia e 1º balcão, Cr$ 120,00, 2º balcão, Cr$ 60,00, estudantes no 2º balcão.

TEM UM PSICANALISTA NA NOSSA CAMA — Comédia de João Bettencourt, antes apresentada como **Dolores, Três Vezes por Semana**. Dir. do autor. Com Suely Franco, **Felipe** Wagner, Nelson Caruso. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 327 (257-1818). De 4º a 6º e dom., às 21h30m, sáb., às 20h e 22h30m, vesp. 5º, às 17h, e dom., às 18h. Ingressos 4º, 5º (2º sessão) e dom., a Cr$ 150,00 e Cr$ 80,00, estudantes, 6º, a Cr$ 150,00 e sáb. a Cr$ 180,00 e vesp. de 5º, a Cr$ 80,00. Repercussões de um psicanalista na rotina cotidiana de um casal (18 anos).

SE EU NÃO ME CHAMASSE RAIMUNDO — Texto de Fernando Melo. Dir. de Marco Antônio Palmeira. Com Maurício Lessa, Ana Porto, Charles Miara. **Teatro da Gávea**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 4º (294-1096). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes.

MÃE DO MATO — Espetáculo de teatro-dança com esculturas móveis. Roteiro de Hector Grillo. Dir. Mauro Cesar (dança), Ari de Oliveira (música), Celso Baquil e Marco A. C. (narração). Esculturas de Marcílio Barroco. Com Marcos Araújo, Grace Alves, Mauro Cesar, Marco Aurélio, Jamir Soares e Heitor Nascimento. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr0 40,00. Último dia.

MURAL MULHER — Painel documentário estruturado por João das Neves. Direção de João das Neves, com Ilva Ninô, Ana Cristina, Denise Assunção, Fátima Maciel, Regina Rodrigues, entre outros. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). De 3º a 6º, às 21h30m. Sáb. e dom., às 19h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes.

MAS QUEM NÃO É? — Comédia de Chico Anísio. Dir. de Paulo Afonso Grisoli. Cenários e figurinos de Colmar Diniz. Com Nestor de Montemar, Milton Carneiro, Ivan Cândido e Júlio Braga. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos, a Cr$ 200,00 e Cr$ 100,00, estudantes.

A CALÇA — Comédia de Carl Steinheim adaptada e transubstanciada por Millôr Fernandes. Dir. de Maurice Vaneau. Com Oswaldo Loureiro, Ítalo Rossi, Natalia do Vale, Jacqueline Laurence, Ricardo Petraglia, Ivan de Almeida. Músicas de Antonio Luiz (Tonga). **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos, a Cr$ 200,00 e Cr$ 100,00, estudantes, e segunda sessão, a Cr$ 200,00.

O ENTENDIDO — Comédia de Roberto Silveira e Laurent Guzzardi. Direção de Julian Romeo, com o comediante Costinha. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (232-8531). Hoje, às 18h15m e 21h15m. Ingressos a Cr$ 150,00, vesp. a Cr$ 100,00.

ANAIUG — Criação coletiva do grupo Paskana. Direção de Leonel Fisher Linhares. Com o elenco do grupo Paskana. **Centro Cultural Cândido Mendes**, Rua Visc. de Pirajá, 351. Hoje, às 21h 30m. Espetáculo experimental inspirado no episódio do suicídio coletivo na Guiana.

VALSA Nº 6 — Monólogo de Nelson Rodrigues. Dir. de Wagner Melo. Com Márcio Luiz, **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 54 (286-4248). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Uma adolescente rememora as alegrias e os traumas da sua curta existência.

A ÚLTIMA ENCENAÇÃO — Texto de Régis Rodrigo e Mário Trinkaus. Dir. de Régis Rodrigo. Com Adalberto Guimarães e o autor. **Teatro Arcádia**, Travessa Alberto Cocozza, 48, Nova Iguaçu. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 30,00.

O BORRÃO DA PAISAGEM — Texto e dir. de Zezé de Gêmeos. Com o grupo Carroça de Tespis. Wládia Martins, Jeferson Correia e Numa Pampílio. **Teatro Nacional de Educação de Surdos**, Rua das Laranjeiras, 232, (225-0189). Hoje, às 18h. Ingressos a Cr$ 30,00. Três atores improvisam exercícios num terreno baldio.

SÉCULO XXI — Texto e dir. de Maria Luiza Prates. Mús. de David Tygel. Elenco do grupo Luz de Serviço. **Teatro Isa Prates**, Rua Francisco Otaviano, 131. Hoje às 20h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40 estudantes. Um elenco adolescente debate alguns problemas típicos da sua idade.

ALZIRA POWER — Texto de Antonio Bivar. Direção de Jorge Alegria. Com o Grupo Girassol: Arlindo Mendes e Madalena Torres. **Teatro Talma**, Rua do Propósito, 20, Saúde, Pça. da Harmonia. Hoje às 20h. Ingressos a Cr$ 30,00. **Último dia.**

APAGA A LUZ... — Texto e direção de Eraldo Santos Delle. Com o grupo Potengy: Lusmaria Rodrigues, Gil Siqueira, Lucileme, Luiz Antonio e outros. **Teatro Faria Lima**, Rua Jaime Redondo, 2, Vila Kennedy. Hoje, às 18h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00. Até dia 29.

Crianças

BARÃO AZUL COM ARREPIO NA LUA — Texto e direção de Ricardo D'Amorin. Com Marcio Leite, Marcia di Simone, Ricardo D'Amorim, Sergio Melgaço, Wagner Vaz e Zémário Limongi. **Teatro do América Futebol Clube,** Rua Campos Sales, 118, Tijuca. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 50,00, sócios. Até dia 30.

O LÁPIS MÁGICO — Texto e direção de Luiz Sorel. Músicos de Maria Luciana Schmidt. Com Silvio Leider, Maria Luciana e Luiz Sorel. **Teatro Glaucio Gill,** P. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00. Patrocínio SNT e SEAC.

CARROSSEL DE RISOS — **Show** de variedades com direção de Olegário de Holanda. **Teatro da Gávea,** Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60,00.

APENAS UM CONTO DE FADAS — Texto e direção de Eduardo Tolentino. Músicas de Oscar Carrera Jr. Com o grupo TAPA: Clarisse Derzié, Claudionor Bueno, Elvira Lemos, Flávio Antônio, Rosa Douat e outros. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje, às 17h30m. Ingressos a Cr$ 60,00.

FOLIA DOS TRÊS BOIS — Texto e direção de Silvio Orthof. Com o grupo Casa de Ensaio: Fátima Malheiros, Gê Menezes, João Maita, Robson Guimarães e Flavio Peixoto. **Teatro do Sesc da Tijuca,** Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 50,00.

O VELHO MAR — Texto de Wanda Bedran. Direção de Beatriz Bedran. Com Wanda Bedran, Wandirce Worhle e Wilma Brandão. Sonorização do grupo musical Bloco da Palhoça. Participação de Marcos Amma (percussão). **Quintal Teatro Infantil,** Rua Gen. Rondon, 15, S. Francisco, Niterói (711-3595 e 711-3997). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 50,00.

MARIA GENTE FINA — Texto de Lupe Gigliotti e Cininha de Paula. Direção de Wolf Maia. Cenários e figurinos de Kalma Murtinho, com Lupe Gigliotti, Cininha de Paula, Vera Joppert, Germano Filho, Vania Lemme e outros. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00.

JAQUELINE DOS AMENDOINS — Texto de Cau. Direção de Gedivan. Com o grupo Luzes da Ribalta: Renato de Assis, Cecilio Jaguaribe, Simone Azevedo e outros. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

VIAGEM AO FAZ DE CONTA — Texto de Walter Quaglia. Direção de Haroldo de Oliveira. Música de Milton Nascimento. Com Maia Neto, Heloise Montenegro, Noel Rosa, Hugo Santiago e outros. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 50,00.

FALA PALHAÇO — Criação coletiva do grupo Hombu. Com Beto Coimbra, Silvia Aderne, Tarcísio Ortiz, Sérgio Fidalgo e Regina Linhares. Música de Beto Coimbra e Caique Botkay. **Teatro Villa-Lobos,** Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00. Até dia 30.

CIRCO E MUNDO — Texto de Antônio Bernardo Andrade Rocha. Direção coletiva. Com o grupo Vagalume: Julio Guedes e Toninho Rocha. **Aliança Francesa do Méier,** Rua Jacinto, 7. Hoje, às 16 h. Ingressos a Cr$ 40,00. Professores não pagam.

AS AVENTURAS DO PIRATA AZUL — Texto de Jollan Perroli. Direção coletiva do grupo Internacional da Criança. **Teatro da Aliança da Tijuca,** Rua Andrade Neves, 315. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50,00. Até dia 30

O GUERREIRO DE PRATA — Texto de Iremar Brito. Direção coletiva do grupo Os Bufões. Com Alexandre Vieira, João Gomes do Rego, Maria Cristina Brito e Arminda Amorim. Músicos: Zé Alberto e Nicia. **Teatro Cacilda Becker,** Rua do Catete, 339. Hoje, às 16 h. Ingressos a Cr$ 30,00. **Último dia.**

PERNALONGA, UM COELHO EM APUROS — Texto e direção de Dino Romano. Com o grupo Fantástico. **Teatro Carlos Gomes,** P. Tiradentes. **Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 40,00.**

MAKATU MUKUTU — Texto de M. Cena. Direção de Marcondes Mesqueu. Com o grupo da Fetierj. **Teatro do Céu,** Av Rui Barbosa, 762. Hoje, às 16h, Ingressos a Cr$ 40,00. Até dia 30.

DANCIN SHOW — Texto de Paulo Werneck e Cilene Werneck. Direção de Fernando Resky. Com Anilza Leone, Eduard Roessler, Cristina Fracha e outros. **Teatro da Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60,00.

PLANETÁRIO — Programação hoje às 16h, **Amiguinho Sol,** para crianças de quatro a sete anos; às 17h, **O Universo em que Vivemos,** para crianças de oito a 11 anos e às 18h30. **Do Geocentrismo ao Heliocentrismo,** para pessoas a partir de 12 anos. Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea. Ingressos a Cr$ 3,00.

PÃO DE AÇÚCAR — Programação, hoje, das 10h às 18h, o teatro de marionetes **Cantinho Feliz, show** musical do grupo Bloco da Palhoça, bandinha de bichos, **show** de palhaços e equilibristas e o museu Antônio de Oliveira, Av. Pasteur, 520. Ingressos a Cr$ 70,00.

adultos e Cr$ 35,00, crianças de quatro a 10 anos.

BUMBA-MEU-BOI — Espetáculo de música popular do Maranhão, com a participação dos compositores e cantores Rogério do Maranhão e João Madson e do Grupo Acordes. **Teatro Leopoldo Fróes.** Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói as 21h. Ingressos hoje, Cr$ 70,00. Promoção da FAC. Até domingo.

UMA PITADA DE SORTE — Texto de Alice Reis. Direção de Eric Nielsen. Com Arnaldo Marques, Marcelo Gapabiango e Alice Reis. **Teatro Glauce Rocha,** Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 30,00.

DESCULPE SE INCOMODAMOS, MAS ESTAMOS TRABALHANDO PARA EMBELEZAR A CIDADE — Criação coletiva do grupo Salus de Teatro Estudantil do Colégio de Aplicação Luso-Carioca. **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 30,00. **Último dia.** Aconselhável para adolescentes.

PAPO-DE-ANJO — Texto de Ricardo Mack Filgueiras. Direção de Ary Coslov. Com Dirce Migliaccio, Margot Baird, João Paulo, Jorge Alberto, Júlio Braga, Marco Antônio Palmeira e Rinaldo Genes. **Teatro Alasca,** Av. Copacabana, 1 241 (247-9842). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

O CAVALINHO AZUL — Texto e direção de Maria Clara Machado. Cenário de Anna Letycia. Figurinos de Kalma Murtinho. Música de Reginaldo de Carvalho. Com Sura Berdichevsky, Bernardo Jablonki, Maria Clara Mourthé e Ricardo Kosovski. **Teatro Tablado,** Av. Lineu de Paula Machado, 795 (226-4555). Hoje, às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 50,00.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h30m. Ingressos a Cr$ 50,00.

A FORMIGUINHA FOFOQUEIRA — Texto de Carlos Nobre. Direção de Brigitte Blair. Com Roberto Andrel e André Prevot. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (235-6343). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 50,00.

ILHAS DO DIA-A-DIA — Texto de João Siqueira e Irene Leonore. Direção coletiva do grupo Dia-a-Dia. Com Rômulo Júnior, Luzia Fonseca, Zé Antônio, João Siqueira e Irene Leonore. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti,** Rua Tenente Alvarenga Ribeiro, 66. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00, sócios.

ZÉ COLMÉIA E A PANTERA COR-DE-ROSA — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro de Bolso,** Av. Ataúlfo de Paiva, 269 (287-0871). Dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 60,00.

BERNARDO E BIANCA E A BRUXA ATÔMICA — Texto de Carlos Nobre. Direção de Brigitte Blair. Com Roberto Andrel, Luci Costa e outros. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 50,00.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). **Sáb. e** dom., às 17h30m. Ingressos a Cr$ 50,00.

Dança

MARIA MARIA — Musical com textos de Fernando Brant, músicas e vocais de Milton Nascimento, direção e coreografia de Oscar **Arais.** Produção e bailarinos do grupo Corpo. **Vozes de Milton Nascimento, Nana Caymmi, Beto Guedes, Fafá de Belém e Clementina de Jesus. Teatro Villa-Lobos,** Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje, às 18h e 20h30m. Ingressos a Cr$ 180,00.

OLORUM BABA MIN — Espetáculo de música, canto e dança afro-brasileiro, com coreografia e direção de Isaura de Assis. Participação do cantor Carlos Negreiro. Com Isaura de Assis, Edson Fhaar, Eulalia, Lúcia Santos, Lincoln Santos, Neila Martins, além de corpo de baile. **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17 (232-5817). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00.

MATINAIS DE DANÇA — Apresentação do Corpo de Baile do INEART, sob a direção de Lourdes Bastos, Coreografia de Lourdes Bastos, Renée Wells e Consuelo Rios. **Teatro Dulcina, Rua Alcindo Guanabara, 17. Hoje, às 10h. Ingressos a Cr$ 50,00.**

MÁSCARAS — Espetáculo baseado no poema de Menotti del Picchia. Produção do grupo Los Mendigos. Com Graciela Figueiroa, Beatriz Junqueira, Milton Dobbin. **Escola de Teatro Martins Pena,** Rua 20 de Abril, 14. Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

Show

AVENIDA FECHADA — **Show** do compositor Elton Medeiros e do conjunto Galo Preto, formado por: Afonso (bandolim), Alexandre (cavaquinho), Theo (violão de sete cordas), Marcos Farina (violão seis cordas), Camilo (pandeiro) e Marcos (percussão). **Auditório da Universidade Santa Ursula,** Rua Farani, 42. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 120 e Cr$ 80, estudantes.

DO CHORO AO ROCK — **Show** do guitarrista, bandolinista e compositor Mariozinho acompanhado de Sônia (baixo), Pena (bateria), Kakiko (teclado) e Flavio (percussão). **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269. (287-0871). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 70,00. Último dia.

O BANDO DA SANTA — **Show** de música popular brasileira do grupo formado por Walter Guimarães (bateria e percussão), Gibo (percussão e voz), Ricardo Pavão (clarinete, voz e percussão), Louro Benevides (voz e viola), Bida Nascimento (baixo elétrico) e outros. **Teatro do CEU,** Av. Rui Barbosa, 762. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

MANTRA — **Show** de música popular brasileira com o grupo formado por Luiz Sarmanho (violão), Fernando e Adilson (violões e gaitas), Luiz Lima (baixo) e Carlinhos (percussão). **Aliança Francesa de Botafogo,** Rua Muniz Barreto, 54. Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00 estudantes.

NÓS NA CAMA — **Show** do cantor, compositor e violonista Juca Chaves. **Teatro Clara Nunes,** Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9696). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 250,00, Cr$ 125,00 para professores.

MARINA, SIMPLES COMO FOGO — **Show** da cantora e guitarrista Marina acompanhada de Delamare (piano), Claudinho Infante (bateria), Paulo Soledade (baixo) e Vitor (guitarra). Direção de Carlos Prieto. Direção musical de Marina. **Teatro Ipanema,** Rua Prudente de Morais, 82 (247-9794). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 150,00 e Cr$ 100,00 estudantes. **Último dia.**

ABERTURA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA — **Show** dos cantores e violonistas Tom e Dito acompanhados de Darcy (teclados), Celso (bateria), Fred (baixo), Roberto (percussão), Luiz Alberto (**sax** e flauta). Direção de Leopoldo Volk. **Cine-Show Madureira,** Rua Carolina Machado, 542 (359-8266). Hoje às 21h30m. Ingressos a Cr$ 120,00. **Último dia.**

BOCA LIVRE — **Show** de música popular brasileira com o grupo formado por David Tygel (vocal, viola caipira e violão), José Renato (vocal e violão), Mauricio Maestro (vocal e baixo), Claudio (vocal, viola caipira e violão), Gordo (bateria e percussão). **Centro Cultural Cândido Mendes,** Rua Visc. de Pirajá, 351. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 80,00. **Último dia**

A NOITE — **Show** de lançamento do LP do cantor, compositor e tecladista Ivan Lins acompanhado de Gilson Peranzetta (teclados e acordeão), Natan Marques (violão, viola e guitarra), Milton Botelho (contrabaixo), João Cortez (bateria e percussão), Ricardo Pontes (**sax** e flauta). Participação especial de Lucinha Lins (vocal e percussão). **Teatro Tereso Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 150,00 e Cr$ 100,00 estudantes. **Último dia.**

GAL TROPICAL — **Show** da cantora Gal Costa acompanhada de Perna Froes (teclado), Robertinho de Recife (guitarra), Moacir Albuquerque (baixo), Charles Cralegre (bateria), Sergio Boré (percussão), Juarez Araujo (sopro) e Zezinho e Tangerina (ritmo). Direção de Guilherme Araujo e dir. musical de Perna Froes. **Teatro Casa-Grande,** Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (227-6475). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 150,00.

TENDINHA — **Show** do cantor Martinho da Vila acompanhado do conjunto Samba Sam Sete, Neuci (percussão) e Almir Guineto (cavaquinho). Participação de Rui Quaresma (violão). Direção de Fernando Faro. Cenários de Elifas Andreato. **Teatro Alaska,** Av. Copacabana, 1 241 (247-9842). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200,00. Até dia 23.

VIVA O GORDO E ABAIXO O REGIME — **Show** do humorista Jô Soares. Texto de Jô Soares, Millor Fernandes, Armando Costa e José Luis Archanjo. Cenário e iluminação de Arlindo Rodrigues. Direção de Jô Soares. Direção musical de Edison Frederico. **Teatro da Praia,** Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 200,00 e vesp. a Cr$ 200,00 e Cr$ 100,00 estudantes.

CIRCO

CIRCO DE MOSCOU — Espetáculo com equilibristas, malabaristas, acrobatas voadores, saltadores, palhaços e mágicos, num total de 73 artistas. **Maracanãzinho.** Hoje, as 15h30m e 19h. Ingressos a Cr$ 50,00, arquibancada para crianças até 10 anos; a Cr$ 100,00, arquibancada para adultos, a Cr$ 150,00, cadeira de pista a Cr$ 200,00, cadeira especial e a Cr$ 1 mil camarote com cinco lugares, à venda no local, na Guanatur Turismo, Rua Dias da Rocha, Teatro Municipal e Lojas Samaritana, em Niterói. Venda para grupos pelo telefone 255-3070.

Televisão

★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

Os filmes de hoje

DIRETOR de pequena filmografia, Mark Rydell surpeende com o resultado alcançado em Licença de Amar até Meia-Noite, *tratando com sensibilidade um tema realista, no que é bastante ajudado pelo belo desempenho de Marsha Mason, atriz de recursos e que se destacou recentemente no encantador* A Garota do Adeus. *O resto do elenco se comporta eficientemente, sendo justo salientar o trabalho de James Caan no marinheiro em gozo de* liberdade de cinderela *— em linguagem naval americana, um paciente em tratamento num hospital da Marinha com direito a saídas, mas obrigado a retornar antes das 24h.*

O MONSTRO DO MAR
TV Globo — 15h

(The Beast from 20 000 Fathoms) — Produção norte-americana de 1953, dirigida por Eugene Lourie. Elenco: Paul Christian, Paula Raymond, Cecil Kellaway, Donald Wood, Lee van Cleef, Ross Elliott. **Preto e branco.**
Cientista (Christian) descobre a existência de um gigantesco monstro marinho após uma explosão atômica, mas ninguém acredita em suas palavras, até que a criatura decide atacar, espalhando o terror. Inédito.

A MÁQUINA DE MATAR
TV Bandeirantes — 20h

(Shaft: The Murder Machine) — Produção norte-americana de 1973, dirigida por Lawrence Dobkin. Elenco: Richard Roundtree, Clu Gulager, Ed Barth, Judie Stein, Mills Watson, Joe Waterfield. **Colorido.**
★★ **Deixando um casal de quem seria padrinho de casamento na porta da Pretoria, o detetive Shaft (Roundtree) vai levar seu carro para o estacionamento, quando um dos guardas de valiosa testemunha, na realidade um matador profissional (Gulager), atira uma granada com resultados fatais. Feito para a TV.**

James Caan e Marsha Mason em *Licença de Amar Até Meia-Noite* (Canal 4, 0h15m)

LICENÇA DE AMAR ATÉ MEIA-NOITE
TV Globo — 0h15m

(Cinderella Liberty) — Produção norte-americana de 1974, dirigida por Mark Rydell. Elenco: James Caan, Marsha Mason, Eli Wallach, Kirk Calloway, Bruce Kirby Jr., Burt Young, Allyn Ann McLerie, Fred Sadoff. **Colorido.**
★★★ **Marujo em tratamento (Caan) tem permissão para se ausentar do hospital e durante um dos seus passeios conhece uma prostituta (Mason) e seu filho mestiço (Calloway), por quem se afeiçoa, passando a tomar conta dos dois.**

A Próxima Semana

SEMANA extremamente fraca, sem nenhum lançamento e com reprises pouco inspiradas. Com boa vontade, conseguimos destacar os seguintes filmes: segunda-feira, Passaporte Amarelo *(no 7, às 24h), como curiosidade, por ser obra de Raoul Walsh e apresentar Laurence Olivier num dos seus primeiros trabalhos no cinema; na terça, um bom* western *de Martin Ritt,* Hombre *(no 11, às 21h10m), com Paul Newman; quarta-feira, Carmem Miranda, inimitável, em* Acontecem em Havana *(no 4, às 14h45m), ao lado da doce Alice Faye, e ainda* Arma Secreta Contra Matt Helm *(no 4, às 0h30m), mais pelo elenco feminino, do qual sobressaem Elke Sommer e Sharon Tate; os admiradores de John Travolta poderão vê-lo quinta-feira em* **O Rapaz na Bolha de Plástico** *(no 4, às 14h45m), antes de estourar em* Os Embalos de Sábado à Noite; *sexta-feira,* Independência ou Morte *(no 4, às 14h45m), filme brasileiro com boa reconstituição de época, e dois* westerns *de John Ford:* Audazes e Malditos *(no 4, às 23h30m) e* Dois Homens e Dois Destinos *(no 7, às 24h).*

Segunda-feira, 3
8h15m — Canal 6 — **A Deusa da Lua (Jungle Moon Man).** Americano (55) de Charles S. Gould, com Johnny Weissmuller, Bill Henry, Jean Byron. (p&b)
14h45m Canal 4 — **Cavalgada de Paixões (Wait Till The Sun Shines, Nellie).** Americano (52) de Henry King, com David Wayne, Jean Peters. (cor)
21h — Canal 7 — **O Mestiço Indomável (Nevada Smith).** Americano (75) de Gordon Douglas, com Cliff Potts, Lorne Greene, Adam West. (cor)
21h10m — Canal 11 — **Coriolano, o Herói sem Pátria (Coriolano, Eroe senza Patria).** Italiano (63) de Giorgio Ferroni, com Gordon Scott, Alberto Lupo. (cor)
24h — Canal 7 — **Passaporte Amarelo (Yellow Ticket).** Americano (31) de Raoul Walsh, com Elissa Landi, Lionel Barrymore, Laurence Olivier. (p&b)
0h30m — Canal 4 — **Hancocks (The Hancocks).** Americano (76) de Jerry Thorpe, com Joanna Petter, Kim Hunter, Anne Archer, John Anderson. (cor)
Terça-feira, 4
8h — Canal 6 — **Fúria no Congo (Fury of the Congo).** Americano (51) de William Berde, com Johnny Weissmuller, Lyle Talbot, Sherry Moreland. (p&b)
14h45m — Canal 4 — **Só uma Velha e Doce Canção (Just an Old Sweet Song).** Americano (76) de Roberto Ellis Miller, com Cicely Tyson, Robert Hooks. (cor)
21h10m — Canal 11 — **Hombre (Hombre).** Americano (67) de Martin Ritt, com Paul Newman, Fredric March, Richard Boone, Barbara Rush. (cor)
24h — Canal 7 — **Doutor Bull (Doctor Bull).** Americano (33) de John Ford, com Will Rogers, Marion Nixon, Louise Dresser, Rochelle Hudson. (p&b)
0h30m — Canal 4 — **O Bárbaro e a Gueixa (The Barbarian and the Geisha).** Americano (58) de John Huston, com John Wayne, Sam Jaffe, Eiko Ando. (p&b)

Quarta-feira, 5:
8h15m — Canal 6 — **A Tribo Perdida (The Lost Tribe).** Americano (49) de William Berke, com Johnny Weissmuller, Elena Verdugo, Myrna Dell. (P&B)
14h45m — Canal 4 — **Aconteceu em Havana (Weekend in Havana).** Americano (41) de Walter Lang, com Alice Faye, Carmem Miranda, John Payne. (cor)
21h10m — Canal 11 — **O Matador (Killer).** Americano de Boris Segal, com Dennis Weaver, Patrick O'Neal, James Olson, Jean Allison. (cor)
23h — Canal 7 — **Mister Skitch (Mister Skitch).** Americano (33) de James Cruze, com Will Rogers, Zazu Pitts, Rochelle Hudson. (P&B)
0h30 — Canal 4 — **Arma Secreta Contra Matt Helm (The Wrecking Crew).** Americano (68) de Phil Karlson, com Dean Martin, Elke Sommer, Sharon Tate. (cor)
Quinta-feira, 6
14h45 — Canal 4 — **O Rapaz na bolha de Plástico (The Boy in the Plastic Bubble).** Americano (76) de Randal Cleiser, com John Travolta. (cor)
21h10m — Canal 11 — **Onde as Balas se Cruzam (Where the Bullets Fly).** Americano (66) de John Gilling, com Tom Adams, Jim Barret. (cor)
23h — Canal 7 — **Criaturas que o Mundo Esqueceu (Creatures the World Forgot).** Britânico (70) de Don Chaffey, com Julie Ege, Tony Bonner. (cor)
0h30 — Canal 4 — **Noite do Terror (Night Terror).** Americano (76) de E. W. Swackhammer, com Valerie Harper, Richard Romanus, Michael Tolan. (cor)
Sexta-feira, 7
8h15m — Canal 6 — **A Lagoa dos Mortos (Captive Girl).** Americano (50) de William Berke, com Johnny Weissmuller, Buster Crabbe, Rick Vallin. (p&b)
14h45m — Canal 4 — **Independência ou Morte.** Brasileiro (72) de Carlos Coimbra, com Tarcisio Meira, Glória Menezes, Emiliano Queiroz. (cor)
21h10m — Canal 11 — **Mensageiros dos Renegados (The Redhead and the Cowboy).** Americano (50) de Leslie Fenton, com Glenn Ford, Rhonda Fleming. (p&b)
23h30m — Canal 4 — **Audazes e Malditos (Sergeant Rutledge).** Americano (60) de John Ford, com Jeffrey Hunter, Constance Towers, Woody Strode. (cor)
24h — Canal 7 — **Dois Homens e Dois Destinos (The Horse Soldiers).** Americano (59) de John Ford, com John Wayne, William Holden. (p&b)
1h10m — Canal 6 — **Atentado ao Alto Comissário (The High Commissioner).** Britânico (68) de Ralph Thomas, com Rod Taylor, Christopher Plummer, Lilli Palmer. (cor)

Canal 2

10h — Telecurso 2º Grau — Aula de Biologia.
10h15m — Telecurso 2º Grau — Recapitulação das aulas da semana.
11h30m — Palavras de Vida — Religioso.
12h — Especial — Odyla Costa, filho.
13h — Stadium — O esporte amador no Brasil e no mundo.
14h — Em Busca do Conhecimento — Hoje: **As Metas do DASP.**
15h — A Verdade de Cada Um — Programa jornalístico.
16h — Contraponto — Debates sobre música popular brasileira.
17h — Sessão das 5 — Entrevistas e filme.
19h — Teatro Infantil — Os melhores espetáculos do teatro infantil.
20h — É Preciso Contar — Programa musical. Hoje: **Samba, Samba, Samba.**
21h — Esporte Total — Mesa-redonda com as participações de Luiz Mendes, Luiz Orlando, José Inácio Werneck, Sérgio Noronha, Achiles Chirol.

Canal 4

8h15m — Abertura.
8h30m — Santa Missa em Seu Lar.
10h — Concerto para a Juventude — Hoje — Aaron Copland e José Antônio de Almeida.
11h — Esporte Espetacular.
12h — Festival Tom e Jerry.
12h30m — Zé Colméia Show — Desenho.
13h — Scooby Doo — Desenho.
13h30m — Brucutu e Sua Turma — Desenho.
14h — Super-Heróis. — Hoje: **A Mulher Maravilha.**
15h — Sessão de Domingo — Filme: **O Monstro do Mar.**
17h — A Ilha da Fantasia.
18h — Superbronco — Humorístico com Ronald Golias.
19h — Os Trapalhões — Programa Humorístico.
20h — Fantástico — Programa de variedades.
22h15m — Concertos Internacionais — Hoje: Orquestra Filarmônica de Berlim, sob a regência do maestro Herbert Von Karajan.
23h15m — Amaral Neto, o Repórter
0h15m — Campeões de Bilheteria — Filme: **Licença de Amar Até Meia-Noite.**

Canal 6

7h — Mobral
7h45m — A Voz do Pastor — Religioso.
8h15m — Coisas da Vida — Religioso.
9h — Rex Humbard — Religioso.
10h — Caravela da Saudade — Programa folclórico português.
11h — Pinóquio — Desenho.
11h30m — Programa Sílvio Santos — Variedades.
20h — Programa Flávio Cavalcanti — Variedades.
22h30m — Abertura — Programa jornalístico.
0h — Futebol.

Canal 7

10h30m — Guerra, Sombra e Água Fresca — Seriado.
11h — Meu Pai, Meu Herói — Seriado.
12h — O Melhor Futebol do Mundo.
13h30m — Gol, o Grande Momento do Futebol.
14h30m — TV Bolinha — Programa de Variedades.
19h — Astros do Ringue.
20h — Domingo Especial — Filme: **A Máquina de Matar.**
22h — Bola na Mesa — Debates esportivos com Paulo Stein, Galvão Bueno, Márcio Guedes, João Saldanha, Sandro Moreira, Luiz Lobo, Oldemario Touguinho e convidados.
23h30m — O Melhor Futebol do Mundo — VT do jogo **América x Vasco.**

Canal 11

8h30m — Nossa Terra, Nossa Gente — Documentário.
9h30m — Jornal da Manhã — Noticiário.
10h — Programa Rex Humbard — Religioso.
11h — Caçadores de Fantasma — Desenho.
11h30m — Programa Silvio Santos — Variedades.
20h — Chips — Seriado com três sessões. Filme: **Roubo na Rodovia.**
23h — Cannon — Seriado — Filme: **Não Era uma Senhora.**

Rádio Jornal do Brasil

ZYJ-453

AM-940 KHz — OT-4875 KHz

Diariamente das 6h às 2h30m

23h — **NOTURNO — Jazz e Blues.** Programa: Woody Shaw — **Escape to Velocity** (11:07). Rob McConnell — **Porgy and Bess** (15:30). Stan Kenton — **Opus in Pastels** (3:28). **Eager Beaver** (3:20). **Artistry in Rhythm** (5:27). Woody Shaw — **Organ Grinder** (5:30). **To Kill a Brick** (7:40). Produção e apresentação de Célio Alzer.

JORNAL DO BRASIL INFORMA
Dom.: 8h30m, 12h30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakim Araújo, Zanoni Nunes e Orlando de Souza.

JORNAL DO BRASIL INFORMA
Dom.: 8h30m, 12h30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakim Araújo, Zanoni Nunes e Orlando de Souza.

FM Estéreo

99,7 MHz

ZYD-460
Diariamente das 7h à 1h

HOJE

10h — **Suíte da Ópera Les Indes Galantes,** de Rameau (Collegium Aureum — 42:38); **Noturnos Op. 9 nºs 2 e 3,** de Chopin (Rubinstein — 11:12); **Um Réquiem Alemão,** de Brahms (Edith Mathis, Fischer-Dieskau, Coros do Festival de Edinburgo, Filarmônica de Londres e Barenboim — 1h18:27); **Sonata nº 50, em Ré Maior,** de Haydn (Weissenberg, piano — 8:15); **Concerto em Mi Menor, para Violino e Orquestra, Op. 64,** de Mendelssohn (Accardo, Filarmônica de Londres e Charles Dutoit — 30:28).

20h — **Concerto em Sol Maior, para Flauta, Cordas e Continuo,** de Albinoni (Linde — 7:18); **Sonata nº 7, em Dó Maior, K-309,** de Mozart (Pommier — 17:26); **O Festim de Alexandre ou O Poder da Música,** de Haendel (Deller Consort, Coro e Orquestra Oriana e Alfred Deller, como contratenor e regente — 1h37:51); **Tema e Variações em Ré Menor (2º Movimento do Sexteto em Si Bemol),** de Brahms (Barenboim, piano — 12:03); **As Quatro Estações** — Bale do 3º ato da ópera **I Vespri Siciliani,** de Verdi (Maazel — 29:00); **Divertissement para Harpa nº 2, à 1 Espagnole,** de Caplet (Zabaleta — 5:25).

AMANHÃ

20h — **Transmissão Quadrafônica — SQ — Caçada Real e Tempestade (Os Troianos),** de Berlioz (Boulez — 8:39); **Concerto nº 21, em Dó Maior, K 467,** de Mozart (Geza Anda — 28:10); **Sinfonia nº 3, em Dó Menor,** de Saint-Saens (organista Bernard Gavoty, Orquestra Nacional da ORTF e Jean Martinon — 36:14).

21h20m — **Stereo, 2 Canais — Davidsbundlertanz (Danças das Legiões de David), Op. 6,** de Schumann (Arrau — 36:51); **Concerto em Fá Maior, para Oboé e Orquestra** (Holliger e Leppard — 22:20); **Tzigane,** de Ravel (Grumiaux e Orquestra Lamoureux — 10:20); **Noches en los Jardines de Espanha,** de Falla (Alicia de Larrocha e Orquestra da Suisse Romande — 24:28).

Rádio Cidade

DOLBY SYSTEM

FM-STÉREO — 102,9 MHz
Diariamente das 6h às 2h

Os grandes sucessos da música popular dos anos 60/70 e os melhores lançamentos em música nacional e internacional. Editor musical: Alberto Carlos de Carvalho.

Cidade Disco Clube — O som das discotecas cariocas. De 2ª a 5ª das 22h às 23h, 6ª e sáb., das 22h às 24h. Produção e apresentação de Ivan Romero.

O Sucesso da Cidade — As músicas mais solicitadas da programação da Rádio Cidade. De 2ª a 6ª, das 18h às 19h. Apresentação de Romilson Luiz.

Música

ROBERTO DE REGINA — Recital do cravista interpretando **Fantasia em Dó Maior,** de Teleman; **Concerto em Dó Maior,** de Bach-Vivaldi; **Fantasia em Ré Maior,** de Teleman; **Concerto em Ré Maior,** de Teleman; **Concerto em Ré Menor,** de Bach-Marcelo; **Fantasia em Sol Maior,** de Teleman; e **Concerto em Sol Maior,** de Bach-Vivaldi. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de São Vicente, 52/3º andar. Hoje às 21h. Ingressos a Cr$ 100,00.

LOGOGRIFO

I U A

O

I O

PROBLEMA Nº 130

1. aredondado (6)
2. atrever-se a (5)
3. cavidade ocular (6)
4. coletivo (7)
5. colóquio terno (7)
6. efeito do trabalho (4)
7. estorvo (7)
8. esvaziar (4)
9. falecimento (5)
10. montão de ossos (7)
11. mortalidade (9)
12. nascimento (4)
13. apor-se (6)
14. peso (4)
15. prazer entre desgostos (5)
16. relativo ao ouvido (5)
17. sombrio (7)
18. tornar obstinado (8)
19. vagar (4)
20. vaso de feitio de âncora (4)

Palavra-chave: 14 letras

Consiste o LOGOGRIFO em encontrar-se determinado vocábulo, cujas vogais já estão inscritas no quadro acima. Ao lado, à direita, é dada uma relação de 20 conceitos, devendo ser encontrado um sinônimo para cada um, com o número de letras entre parênteses, e todos começados pela letra inicial da palavra-chave. As letras de todos os sinônimos estão contidas no termo encoberto, e respeitando-se as letras repetidas.

Solução do problema nº 129: Palavra-chave: XENODIAGNÓSTICO

Parciais: xantoso; xicá; xístico; xantose; xantídeos; xistóide; xantídios; xisto; xiita; xodó; xingo; xantino; xeta; xingante, xantogênico; xocó; xenon; xintó; xinane.

AMANHÃ TAMBÉM

CINEMA II · STUDIO TIJUCA · MEYER

aguardem em lançamento nacional "PÂNICO NO ATLANTIC EXPRESS"

NOVO ESPETÁCULO POLÍTICO-SEXUAL

NÓS NA CAMA

JUCA CHAVES

DE 5ª A DOMINGO ÀS 21:30

Anistia ampla, geral e irrestrita para as dívidas do Juquinha. Professores pagam 1/2 entrada (5ªs e doms.). TEATRO C. NUNES — Shopping Center da Gávea. Tel. 274-9698

amanhã 2·4·6·8·10 RIO-SUL GÁVEA Censura LIVRE

INQUIETAÇÕES DE UMA MULHER CASADA

Denise Bandeira, Otávio Augusto, Nuno Leal Maia — um filme de Alberto Salvá — colorido — 18 anos — 4ª SEMANA DE SUCESSO

Um filme sincero sobre o casamento

HOJE 15,20/17/18,40 e 22hs — CINEMA I — LIDO 2 — CINEMA III — VERDE — GLÓRIA

AMANHÃ 3,30 - 5,30 - 7,30 - 9,30 — ROMA BRUNI — BRUNI COPACABANA — SÃO JOSÉ — NILOPOLIS — IRAJÁ

A Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, com o patrocínio do **Banco Sudameris Brasil S/A,** sob os auspícios da Embaixada da República Federal da Alemanha, apresentam

Stuttgart Ballet

Finalmente, no Teatro Municipal, as mesmas montagens que o consagraram mundialmente. "EUGÈNE ONEGIN", "A MEGERA DOMADA", "REQUIEM" de Fauré, etc. Completo: 100 pessoas.

Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal (Funterj)
Etoiles: Márcia Haydée, Birgit Keil, Egon Madsen, Richard Cragnun.
Diretora: Márcia Haydée.

Venda das assinaturas no Banco Sudameris S.A. - Ag. Centro – Rua da Quitanda, 70 - Tel.: 221-4747. Até o dia 14 de Setembro.

Três programas diferentes de 3 a 11 de Outubro

PROGRAMA Nº 1
"EUGÈNE ONEGIN" – Ballet em 3 atos e 6 cenas de Alexander Pushkin – Música: Piotr Ilich Tchaikovsky – Coreografia: John Cranko – Cenários e Figurinos: Jurgen Rose.

PROGRAMA Nº 2
"VOLUNTARIES" – Música: Francis Poulenc – Coreografia: Glen Tetley.
"REQUIEM" – Música: Gabriel Fauré – Coreografia: Kenneth MacMillan, ou
"CANÇÃO DA TERRA" – Música: Mahler – Coreografia: Kenneth MacMillan.
"CANÇÕES" – Música: Jazz – Coreografia: Willian Forshyte.

PROGRAMA Nº 3
"A MEGERA DOMADA" – Ballet em 2 atos de Shakeaspeare – Música: Domenico Scarlatti – Coreografia: John Cranko – Cenários e Figurinos: Elisabeth Dalton.

ASSINATURA "A"
3, 6 e 9 de Outubro às 21 hs. – Programas 1, 2 e 3.
ASSINATURA "B"
4, 7 e 10 de Outubro às 21 hs. – Programas 1, 2 e 3.
ASSINATURA "C"
5 e 11 de Outubro às 21 hs. – Programa 1 e 3.

PREÇOS

ASSINATURAS	A e B (3 espetáculos)	C (2 espetáculos)
Frisas e Camarotes (6 lugares)	Cr$ 14.400,00	Cr$ 9.600,00
Poltronas e Balcões Nobres	Cr$ 2.400,00	Cr$ 1.600,00
Balcões	Cr$ 1.500,00	Cr$ 1.000,00
Galerias	Cr$ 900,00	Cr$ 600,00

Os espetáculos serão realizados única e exclusivamente no Teatro Municipal.

Com o apoio do Banco SUDAMERIS S.A.; Banco do Brasil S.A.; Volkswagen do Brasil S.A.; Mercedes Benz do Brasil S.A.; Robert Bosch do Brasil Ltda. e Bayer do Brasil S.A.

Realização: S. Jardanovsky Produções Artísticas.

CRISTINA MARTINELLI, DE MALA PRONTA PARA ESPANHA

"ESTOU CANSADA DE TER ESPERANÇAS"

Suzana Braga

"APESAR do número de bailarinas estar completo, finalmente consegui o seu contrato, que é uma coisa excepcional, como primeira bailarina e minha **partenaire**. Essas palavras, na carta de Victor Ullate, e com o timbre oficial do Balé Nacional da Espanha, de certa forma selaram o destino de Cristina Martinelli, fazendo-a definitivamente abandonar o Brasil, onde há vários anos tentava fazer dança profissionalmente sem conseguir e hesitava, sem coragem de tomar uma efetiva decisão sobre sua carreira. No início de outubro, o Brasil perderá a última grande bailarina atuante.

A primeira vez que vi Cristina no palco, ela estava com 12 anos e pertencia à Escola de Danças do Teatro Municipal. Pirralha, magrinha e de pequena estatura, parecia uma grande promessa na dança, mas era um constante estorvo para um corpo de baile. Destruía qualquer simetria com pernas que subiam quase incontrolavelmente dentro das linhas que limitam um conjunto, e braços que escapavam pelas filas numa meneira intuitiva e pessoal de dançar. Na ocasião, os comentários eram sempre: "Ela é um talento, mas o que se pode fazer para que dance harmonicamente em um corpo de baile? "Na verdade, as facilidades de Cristina Martinelli atrapalharam bastante o início de sua carreira. Realmente, o que fazer com uma bailarina tão especial, dotada de tanto talento e ainda sem tarimba para solos ou primeiros papéis? Juntando-se a esses problemas, aparecia uma personalidade difícil, um gênio irascível de uma menina muito sensível e que duramente havia lutado para vencer seus obstáculos e problemas, dentre os quais uma poliomielite que a atacou aos quatro anos de idade e quase a impedia definitivamente de caminhar, não fosse um gênio-médico qualquer que como tratamento de recuperação recomendou o balé.

Cristina continuou com seu talento, insistindo em dançar para corpo de baile. Pelo menos, é assim que todas as bailarinas devem começar. Ao fazer audição para ingressar no corpo de baile do Teatro Municipal, com 16 anos, a banca não pôde deixar de aprová-la com nota máxima, mas o problema continuava.

Aos 17 anos, embarcou para a União Soviética para representar o Brasil no Concurso Internacional de Dança de Moscou. Na volta, sua carreira começou a se definir, com pequenos solos e mesmo primeiros papéis que executava principalmente em excursões do Teatro Municipal.

Foi em 1970 que essa crise acabou definitivamente vencida com um concurso interno, promovido pelo então **maitre de ballet** do Teatro Municipal Hector Zaraspi, e no qual ela foi a única a conquistar o título de primeira bailarina. A partir daí, a menina difícil, o estropício de qualquer corpo de baile, que entrou em cena pela 1ª vez aos seis anos interpretando O Patinho Feio começou a despontar como estrela para a dança nacional, consolidando essa posição a partir da sua **performance** em **O Pássaro de Fogo**, balé em que era ainda substituta do primeiro pepel, mas conseguiu um revezamento e uma aceitação popular.

Ainda não são nove horas da noite, mas Cristina, de pijama no seu quarto, recebe para uma entrevista, enquanto assiste à televisão.

Cristina Martinelli, em *O Pássaro de Fogo*

Uma orgia de roupas devidamente empilhadas cobrem o chão do quarto, tirando de início qualquer impressão de prima-dona. "Estou organizando minhas coisas para ir embora", explica. Tudo isso? "É, era uma das formas de me gratificar quando me sentia deprimida aqui no Brasil, comprava loucamente, não sei o que fazer com tudo isso, vou é me desfazer, porque é até um atraso de vida".

De cócoras na cama, tira o som da televisão. A imagem continua, como para uma criança que precisa sempre de companhia para não se sentir só. Aos 28 anos, e com 40 quilos, Cristina tem um corpo de quem ainda não se desenvolveu totalmente. "Sabe, eu sempre fui assim, menos na adolescência, quando engordei brutalmente. Nunca tive um corpo de arrancar assobios na rua, sempre fui uma coisa meio indefinida, daqueles físicos que homem brasileiro não acha a menor graça, sem quadril, sem busto grande, mas que me ajuda muito em cena, mesmo minhas desproporções me auxiliam."

Noto que as mãos e os pés são, de fato, levemente desproporcionais para a sua estatura, mas valorizam a expressão e são motivo de ela não aparecer baixinha no palco.

"O que você acha de eu fazer minhas malas amanhã? "Um pouco cedo, ainda falta um mês para você partir. "É para não ter mais medo, para não tentar mudar de idéia, para o tempo passar mais rápido. "Cristina encolhe-se mais na cama, está tensa, difícil falar de coisas objetivas sobre dança no Brasil". Eu não gosto mesmo de falar, sempre me parece que as coisas que vou dizer são lugares-comuns, que todo mundo já sabe", sorri. "Que pretensão, quem sabe dos problemas que enfrenta uma bailarina para dançar no Brasil?

O motivo principal de minha saída é que eu não estou mais feliz, estou magoada, machucada, cansada de ter esperanças, de aguardar que alguma coisa aconteça. Com essa angústia toda, não dá para continuar. Nesses últimos anos, tenho tido constantes crises de depressão, me abandonava, não tinha vontade de fazer aulas, ficava de mau humor, enfim me faltava toda a motivação possível." Mesmo ganhando dois primeiros papéis, como aconteceu nesse último espetáculo, em que você dançou **Les Sylphides e Petroushka**?

"Mesmo, assim, porque eu sabia que depois daqueles dois ou três espetáculos eu ia voltar para o vazio de sempre. Nos quatro meses em que sempre se esperava por outra temporada, eu ficava tentando guardar dentro de mim os aplausos do último para me sentir viva". Você culpa então a Funterj por essa inatividade? "Não de forma generalizada, o problema pertence a uma estrutura muito mais ampla, a Funterj em particular, só me irritava pela sua filosofia artística. Há mais de três anos que não me colocavam para dançar outra coisa que não fosse primeiros papéis, entretanto sempre tiveram os maiores escrúpulos em me assumir como sua primeira bailarina, com concurso e tudo, ao passo que Ullate reconheceu isso em 20 minutos. Por outro lado, na Funterj todos ganhamos igual, Cr$ 18 mil que com os descontos dão Cr$ 16 mil. Isso para uma menina que está começando pode ser muito bom, mas com quase bodas de prata de dança é insuficiente, além dos riscos e gastos que se tem ao desempenhar um primeiro papel. Mas o motivo principal de queixa é que se dança muito pouco. Eu entro em média cerca de 20 vezes por ano no palco, e essa média tende a baixar, porque este ano eu entrei em cena apenas seis vezes em oito meses, e um bailarino se faz e amadurece é no palco. Depois de profissional, a aula é mais um aquecimento, porque só a cena ensina a dançar. Sou contra o artista que se agarra desesperadamente nas barras das salas de aula, suando loucamente, todo tenso, quando vai para cena normalmente é aquele desastre. Depois de uma certa época, o trabalho tem de ser específico em cima das deficiências que só mesmo o profissional e um bom **maitre** sabem alertar. O resto é muita cena".

Quantos convites você recebeu para sair do Brasil e não aceitou? "Na realidade este é o segundo convite concreto. O primeiro foi da companhia do Joffrey Ballet, que chegou por intermédio de Oscar Araiz, por sinal o coreógrafo que eu mais amei e com o qual identifiquei meu estilo de dança, para estrelar **Romeu e Julieta** em Nova Iorque. Na ocasião, não aceitei, um pouco por corvadia, um pouco por influência do Garcia que achava que ainda não estava na hora de eu sair e que a temporada aqui precisava de mim. Sei que falam de muitos outros, mas ou foram mal-entendidos ou riscos que eu não queria corre".

É verdade que você preferiu a companhia da Espanha à de Béjart? "Bem, uma, a da Espanha, foi uma coisa certa, objetiva e sem dúvidas. A outra, digamos, seria uma mera esperança. Realmente, se tivesse de optar entre as duas continuaria com O Balé Nacional da Espanha. A companhia de Béjart é muito mais masculina, imagina eu tentar brilhar no meio de 40 homens maravilhosos, é quase suicídio".

As coisas mais importantes da minha carreira? Foi ter sido promovida à primeira bailarina, dançado **Giselle** nos Estados Unidos, coisa que ainda não consegui fazer aqui, ter ido à Rússia para concurso e ter trabalhado com Oscar Araiz, coreógrafo que fez uma criação para mim em **Mujeres**, que, junto com **Cantabili**, dancei em temporada de um mês na Argentina com espetáculos todas as noites. E também todos os primeiros papéis que fiz, como: **Les Silphydes, Adágio da Rosa, Pássaro de Fogo, Grand Pas des Quatre, Paquita, Petroushka, Variações Sinfônicas, Don Quixote, Combate, Mandarim Maravilhoso** e alguns outros que devo ter esquecido. Mas, a coisa mais importante de todas foi ter tido a oportunidade de dançar no ano passado **O Lago dos Cisnes**, em quatro atos. Aliás, depois de Berta Rosanova, fui a única bailarina a ter a audácia de fazer isso no Brasil. "Por que audácia? "A primeira vez e uma das únicas que vi **O Lago dos Cisnes**, tinha oito anos de idade. Foi dançado magnificamente por Berta, bailarina que adoro e que sempre me atingiu em cheio por ter tudo o que eu achava que uma bailarina deveria ter. Ela foi o meu modelo infantil. Sem ter uma orientação adequada, eu ficava até a madrugada na frente do espelho do meu banheiro, tentando criar o estilo do **Lago**, como eu deveria usar as mãos, a cabeça, e na minha memória sempre repassava a imagem de Berta quando eu tinha oito anos.

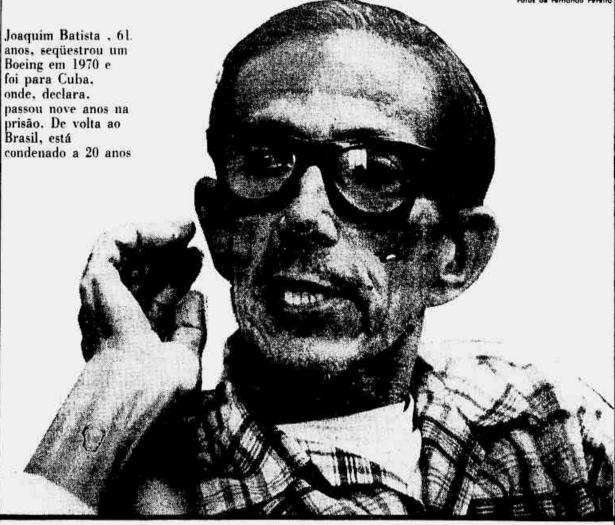
MINHA formação? Outra salada. Passei pelas mãos de Arlete Saraiva, Berta Rosanova, Escola de Danças do Teatro Municipal, Tatiana Leskova, Aldo Lotufo, Eric Waldo e Eugenia Feodorova. De todos, absorvi coisas importantes e graças a isso e a minha forma intuitiva consegui definir meu estilo."

Os olhos de Cristina começam a piscar, como se estivesse com sono, dou por encerrada a entrevista e ela comenta. "Não é sono, é cansaço, porque estou vivendo um momento decisivo na minha vida. Sabe, eu iria para a Espanha mesmo que estivesse de me naturalizar espanhola. Não gosto de falar, aliás não posso falar exatamente o que penso porque as pessoas não estão ainda nem preparadas para minha cabeça".

O quadro fica triste, de repente, a imagem continua muda na televisão, na estante uma coleção de bombons de cereja que parecem fazer piadas com uns comprimidos para emagrecer. "Quero morrer seca", exclama Cristina quando sente que vi os comprimidos, "detesto gordura". Outro silêncio. "Espero dançar bastante na Espanha, ser reconhecida, aliás já o fui, e ser dirigida de forma madura e competente em assuntos de dança. É claro que ainda penso em ser a maior bailarina do mundo, tal como aos 10 anos, isso é uma obrigação".

Ao sair daquele quarto, a sensação que ficou é de ter esquecido algo. Na rua, a nostalgia se torna evidente. Estamos perdendo nossa melhor bailarina, para nós seria bom que ficasse, para ela o melhor é ir embora.

Fotos de Fernando Pereira

Joaquim Batista, 61 anos, seqüestrou um Boeing em 1970 e foi para Cuba, onde, declara, passou nove anos na prisão. De volta ao Brasil, está condenado a 20 anos

UM SEQÜESTRADOR PEDE INDULTO

José Ramos

SÃO PAULO — "Recolhido à prisão em Cuba, em ambiente sujo, paguei, de forma indireta, meu delito pelo seqüestro do avião feito no Brasil, e esse delito me será cobrado aqui por mais 20 anos de prisão. Fui forçado ao seqüestro porque as leis trabalhistas brasileiras não me ampararam, mas, ao contrário, me complicaram a vida. As autoridades brasileiras não têm, pois, moral suficiente para me condenar novamente. Deveriam é me tributar honras."

Joaquim Batista, 61 anos, velho e alquebrado, com sinais de desequilíbrio mental, está fora da anistia, e só o indulto presidencial evitará que termine seus dias no cárcere. Ele foi condenado a 20 anos de reclusão por ter sido, na madrugada de 24 de abril de 1970, o autor solitário do seqüestro de um Boeing-737 da VASP, que fazia a rota São Paulo — Manaus, numa vingança contra a empresa que o demitiu após 23 anos de serviço.

Pouco antes de ser transferido do DOPS de São Paulo para a 8ª Circunscrição Judiciária Militar, em Belém do Pará, onde foi condenado a cumprir sua pena, Joaquim Batista declarou:

"Se houvesse relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, eu não seria preso lá. Nossos interesses estão confiados ao Embaixador da Suiça, que nada faz em favor dos brasileiros. No meu caso, por exemplo, ele nem foi despedir-se de mim, quando fui expulso do país. E notem que em Cuba estão mais ou menos 2 mil 100 brasileiros."

Joaquim Batista passou nove anos e dois meses nos cárceres cubanos. Conheceu Havana, que compara a Campinas de 1968: é um bairro velho, diz, construído há 300 anos pelos espanhóis, com casas de pau-a-pique, quase caindo, e um bairro novo, sem construções de alvenaria, com quase todas as casas pré-fabricadas.

"O policiamento, por toda a parte, era bastante intenso e a polícia estava sempre à cata de delinqüentes. Delinqüentes, sim. Para Fidel Castro, não existiam presos políticos. Todos os que se mostravam hostis ao seu Governo eram classificados como delinqüentes.

Em 1969 e 1970 eram comuns os seqüestros de aviões e até de navios em vários países do mundo, quase todos desviados para Cuba, o que facilitou meu propósito", lembra. Tinha, então, 52 anos, era baixo, franzino, míope, óculos de lentes grossas. Empunhava um revólver calibre 38, que ocultava na perna direita, acondicionando-o numa esponja. Com o revólver, encurralou toda a tripulação na cabina de comando, depois da escala em Georgetown, Capital da Guiana, onde desceram os passageiros, e de uma nova parada na Guiana Francesa, para abastecimento do avião.

A torre de comando do Aeroporto de Havana foi avisada às 3h da madrugada e logo depois quatro oficiais do serviço de segurança de Cuba invadiram o aparelho, desarmaram o seqüestrador, enquanto a tripulação era mantida presa no Boeing.

"Os oficiais teimavam em afirmar que eu era agente do serviço de inteligência brasileira, com missão a cumprir em Cuba, porque eu estava muito bem vestido e procurava lhes demonstrar toda a minha cultura", conta ele.

Interrogado no Aeroporto, Joaquim Batista foi levado ao Centro da cidade, onde foi encerrado num apartamento quatro dias e insistentemente interrogado por oficiais do serviço de segurança. Protestou e foi levado para o serviço de imigração, para fazer companhia a mais 80 seqüestradores de aviões e barcos.

"O tratamento ali era melhor e conheci um brasileiro que também seqüestrava aviões e de cujo nome não me lembro." Alojado no serviço de imigração, sem autorização de sair por um mês e meio, foi depois designado para trabalhar numa empresa francesa, a Berlier, que fabricava caminhões.

"Os cubanos teimavam que eu era agente do serviço de inteligência brasileira"

Joaquim Batista morava nas dependências da fábrica e só tinha autorização para sair aos sábados e aos domingos, com quatro engenheiros, também sob vigilância. Nos fins de semana, ficavam instalados nos melhores hoteis da cidade, o Hilton e o Havana Hotel. O salário mínimo era de 90 pesos, mas ele, na qualidade de técnico (não diz de quê), ganhava 200 pesos por mês pelo trabalho de 10 horas por dia.

"Trabalhava tanto que, nas folgas, extenuado, me deitava e guardava quase todo dinheiro, que depois me foi confiscado". Nas folgas, quando lhe davam permissão, passeava sozinho nos parques e no cais do porto, em que ficava horas e horas vendo navios e evitando conversas, com medo dos **chibatas**.

"São elementos que escutam as conversas em todos os lugares públicos e as relatam às autoridades. Como eu não falava com ninguém, mais aumentavam as desconfianças sobre mim. Até que, depois de mais de dois anos de prisão, fui chamado pelo serviço de segurança, que exigiu que eu fosse trabalhar gratuitamente na lavoura de cana ou de batatas. Recusei-me. Fui recolhido, então, como castigo, numa cela de segurança do Estado, em que fiquei vários dias incomunicável. Tive ocasião de ver muitos instrumentos de tortura, mas não fui torturado. Mais tarde, alguns presos me contaram que eles, sim, haviam sido supliciados, mas nunca vi ninguém ser submetido a sevícias. A tortura, não só ali, mas em outras das muitas prisões de Cuba, é a comida horrível: um dia, fubá; noutro, macarrão sem tempero; nos fins de semana, carne deteriorada intragável. Da segurança, fui transferido para a prisão de Cabana, onde estavam mais 300 presos. É um cárcere velho, de pau-a-pique, construído pelos espanhóis, e lá fiquei seis meses".

Segundo sua versão, foi julgado por um tribunal "fantoche", a 13 de dezembro de 1973. O tribunal o condenou a três anos por não querer trabalhar e mais três por ser contra-revolucionário, porque foram recolhidos em seu poder quatro cadernos com impressões religiosas.

"Como o Estado não admite religiões, talvez tenha sido essa a causa da segunda condenação. O certo é que voltei a ser exaustivamente interrogado e recolhido a uma cela escura, em que permaneci mais de um mês". A prisão mantinha 1 mil 500 presos, afirma, mas com esses ele não teve contatos.

De Cabana, foi transferido, em 1º de maio de 1974, para o campo de concentração de Melena-2, em que veio a conhecer um ex-Ministro do Interior de Cuba, detido porque conspirara contra o Governo. "Os únicos que tinham regalia eram os ministros afastados que, vigiados, visitavam mensalmente suas famílias. Depois o campo foi transformado em uma prisão aberta e os detentos trabalharam na construção de casas pré-fabricadas. Com essa modificação, eu, porque estava fazendo um livro religioso, e mais 800 presos fomos transferidos para o presídio de Bombinado Leste, a maior prisão cubana, com inúmeros edifícios de quatro andares, que abrigam celas coletivas com 80 pessoas por cela. Eu fiquei confinado no hospital até concluir a pena".

Diz que recebeu então 40 dólares e foi encaminhado ao serviço de imigração, de onde só saía escoltado para comer, durante um mês e meio, enquanto preparavam seus papéis para a expulsão de Cuba. Tempo suficiente para concluir: "Aqui, no Brasil, a Justiça é fraca. Preso é tratado com carne, boa comida, cela confortável, enquanto lá as prisões são de cimento e a carne servida aos presos, quando aparece, é estragada. Na minha concepção, o objetivo é matar e muita gente morreu de inanição, tão ruim era a comida. Lá fora, o espetáculo não era muito diferente. O racionamento dos gêneros alimentícios, roupas e calçados imperava e o povo vivia mal. O povo cubano se sacrifica, mas come nos restaurantes, por causa do racionamento. Os ônibus são poucos e vivem superlotados dia e noite. Não há fábricas, não há iniciativa privada. O pouco que existe é do Governo. Falta mão-de-obra técnica, razão por que a segurança se vale dos estrangeiros presos que trabalham em regime forçado. São americanos, franceses, chilenos, argentinos e outros que estão presos e são arregimentados para trabalho forçado fora da prisão".

Às 9h15m do dia 14 de agosto último, Joaquim Batista foi embarcado num avião da empresa cubana de aviação e seguiu para Lima, no Peru, onde readquiriu documento de cidadania brasileira e partiu para o Rio de Janeiro, onde foi preso ao embarcar num avião da Varig para São Paulo. Acompanhado por agentes até o DOPS paulista, de onde saiu, ontem, às 6h30m, embarcou para Belém do Pará, refazendo a trajetória do vôo do Boeing por ele seqüestrado, há nove anos.

UM SEMINÁRIO CONTRA A DOENÇA DE PARATI

O progresso desordenado está matando as cidades mais bonitas do país. Primeiro, Ouro Preto, sob ameaça constante de destruição, até por incêndios (antevistos em sonho pelo poeta Carlos Dummond de Andrade). Agora, Parati, que já foi o segundo porto de escoamento de ouro e das pedras preciosas de Minas Gerais, no século XVIII.

Talvez se trate de uma sina, pois foi exatamente quando se abriu um novo caminho para Minas, passando pelo Rio de Janeiro, que a cidade entrou em declínio. Parati é uma cidade marcada pela atividade predatória, a começar pelos colonizadores portugueses. Hoje, os predadores são os mais variados. A especulação imobiliária e o turismo aproveitam-se dos pescadores e agricultores para comprar-lhes as casas a preços aviltantes e utilizam mão-de-obra barata, porque desqualificada, em serviços de bares e hotéis.

Sem rede de esgostos, de água, sem escolas, hospitais, com seus monumentos coloniais quase desabando por falta de conservação, Parati é o único município do país totalmente tombado, mas não é por isso que os veículos pesados deixam de destruir suas ruas, apesar da proibição por lei. Para resolver todos esses problemas, organizou-se um seminário, inaugurado na quinta-feira pelo Prefeito Benedito Gama, com a participação de Aloísio Magalhães, diretor do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), os arquitetos Joel Ghivelder e Sérgio Lordello, e José Carlos Barbosa de Oliveira, diretor da programação cultural da Fundação Roberto Marinho.

Na sessão de encerramento, hoje, estarão presentes o Secretário de Educação e Cultura, Arnaldo Niskier, o Ministro da Educação Eduardo Portella e o Governador Chagas Freitas.

Parati tem 25 mil habitantes e centenas deles vivem nas favelas da Ilha das Cobras e de Mangueira, ambas sobre palafitas. Os agricultores e pequenos proprietários pouco a pouco são forçados a vender suas terras em torno da cidade para as companhias imobiliárias. O resultado é que a cidade importa hoje todos os legumes, cereais e frutas de São Paulo, destruídas suas plantações de cana-de-açúcar, banana e mandioca.

Houve, neste ano, um surto de hepatite na cidade, o que afugentou os turistas. A água não é tratada, não existe rede de esgotos, o hospital da Santa Casa está quase fechando por falta de recursos, assim como o posto de saúde. Para atender toda a população, existem apenas cinco médicos e dois dentistas.

Os moradores mal podem frequentar as praias da cidade. Duas delas, a do Pontal e Jabaquara, estão poluídas. Sono e Laranjeiras estão mais distantes e foram fechadas ao público, uma delas por estar numa fazenda e outra por fazer parte de um condomínio. Acrescente-se a isso a ameaça de uma usina nuclear que está sendo construída a 20 quilômetros da cidade.

O Plano-Diretor do IPHAN existe desde 1972, mas ainda não foi aplicado. O Seminário de Parati levantou todos os dados sobre a caótica situação da cidade, prejudicada pela intensificação do turismo, desde a abertura da Rio—Santos. Os moradores reclamam da existência do porto dentro da cidade, que força a passagem de veículos pesados por suas velhas ruas, para descarga de mercadorias. Se não forem tomadas providências urgentes, é certo que Parati morrerá como cidade histórica.

INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIA

O tapeceiro **Rubico** vai inaugurar a Galeria do Palácio dos Leilões: motivos de Candomblé. Será no dia 12 com o ambiente preparado por **Liliana Rokab** e decoração de **Danton Vampré Junior** e **Henrique de Oliveira**. Faz mais de 10 anos que **Rubico** expôs no Rio. Eram motivos de florestas e **Paulina Kaz** fez toda a cidade conhecer a tapeçaria deste baiano. Com isto o Palácio de **Ernani** se põe debaixo da proteção dos orixás. Com léoa e tudo.

artes
GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS

Duas tradicionais fazendas de gado do Vale do Paraíba visitadas esta semana pelo antiquário **Leone**: móveis, alfaias e uma grande coleção de pinturas de 3 séculos.

Setembro 2 – 1979 – Edição 234 – Ano V

Cx. Postal 25.026 / Rio

Atlântico Sul: 5 Aulas de Arte têm Apenas 70 Lugares

Lopes Ribeiro na Barra da Tijuca com exposição na Galeria Tempo

★ A programação cultural do Atlântico Sul terá seu ponto alto com o ciclo das 5 conferências anunciadas a partir de hoje, nesta página. Toda a renda das inscrições reverterá em benefício do MAM. Com isto o Atlântico Sul conquista posição privilegiada no roteiro de lazer cultural da cidade. A visita aos apartamentos onde estão expostas as peças raras da coleção de mestres italianos pode ser combinada com um almoço no "La Brise" ou jantar no "Le Gourmet". Grandes parque e jardins, play-ground e pedalinhos para a criançada dão ar de festa ao local. E o mais original e sofisticado conjunto arquitetônico do mundo.

★ O leilão preparado por **Fernando Andrade** (Galeria B-75) vai vender 300 obras de 120 artistas. Além de uma "Maternidade" de **Lasar Segall**, que participou da retrospectiva do MAM, um raro **Max Lieberman** de 1891 e mais obras de **Reynaldo Fonseca, Aldemir, Marquetti, Manoel Constantino, Antonio Maia e Campofiorito**, absolutamente em lance livre. Haverá, portanto, real possibilidade de compras vantajosas.

★ Com preços entre Cr$9.000,00 e Cr$ 14.000,00, a exposição de **Santiago Raigorodsky** fica mais esta semana na Galeria Casablanca.

Wakabayashi é príncipe e pouca gente sabe disso. Dentre os pintores japoneses se situa na mesma linha de importância de **Mabe**. Tem exposição marcada para depois de amanhã, dia 4, na Galeria Ipanema:

★ S. Paulo — O escritório de **Renato de Magalhães Gouvêa** com nova Galeria de Arte na Rua Peixoto Gomide 1.078, com pinturas e jóias de **Sonia Von Brüsky**. No catálogo, nada menos que **Carlos Drummond de Andrade, Jayme Mauricio** e **Jacob Klintowitz**, assinando poema e textos de apresentação.

★ Niterói — Depois de amanhã, dia 4 às 20:30 h., Mesa Redonda sobre "Criatividade no Ensino da Arte" com **Abelardo Zaluar, Anna Letícia, Augusto Rodrigues e Quirino Campofiorito** no Palácio do Ingá. Trata-se do I Encontro de Artistas de Niterói e o coordenador geral do evento, **Luiz Carlos de Carvalho** espera encher o salão.

★ **João Câmara** no Rio, revendo amigos em companhia de **Edwaldo Pacote**.

Arlindo Mesquita na Tijuca com exposição na Galeria Matisse

★ O júri do 4º Salão da Primavera, promoção da Escola Naval para os artistas que trabalham o tema do mar, reúne-se esta semana para decidir premiações: **Max Justo Guedes, Aloysio Valle, Elcio Pereira da Silva, Gioconda Cavalieri e Waldir Alves**. O patrocínio da IBM tem, por certo, o dedo de **Sérgio Moura**.

★ **Anélio Latini** nasceu em Friburgo. Quando criança, ganhou uma jaboticabeira plantada pelo avô. Ficava defronte à casa, uma beleza. 40 anos depois, volta à mesma casa e, de longe reconhece a sua árvore. Olha lá, aponta para a mulher. É ela, a mesma, está carregadinha. À beira do portão, chama uma pessoa da casa e pede para provar uma jaboticaba. Não pode não, moço, lhe responde o caseiro. Só com as ordens do dono, que estava ausente. Por mais que o pintor **Latini** explicasse, não saiu uma jaboticaba do pé, naquela tarde. Água na boca de **Latini** no ano internacional da criança.

★ A capa do catálogo do 1º Leilão organizado por **Antonio Caetano** deverá ser um óleo de **Tarsila** que sairá de uma coleção de 111 outros quadros da mesma **Tarsila**. **Antonio Caetano** também é o presidente da Associação Brasileira de Antiquários.

★ **Mary Ann Pedrosa** de malas prontas para um mês de Europa.

★ S. Paulo — Magnífico, o catálogo que a Galeria Andre (Alameda Jaú, 1795) editou para a exposição de **Carlos Scliar**: vai até o dia 6 de setembro.

★ Mármores de **Sérgio Camargo** na galeria de Paulo Klabin. Também as primeiras peças de **Toyota**, chegando para a próxima exposição. A exposição de **Lilia Sampaio** muito concorrida.

★ Simpático o gesto da Galeria Contorno (274-3832): vai presentear com gravuras todos os clientes que comprarem esculturas, óleos e tapeçarias durante o mês de setembro. **Edgard e Gilda Azevedo** comemoram o 5º aniversário de Galeria: foram os pioneiros no Shopping Center da Gávea, hoje o maior centro de mercado de arte no Brasil. 9 Galerias e antiquários vendendo mais de 300 artistas.

★ **Maria Cristina Falcão** organizou tudo com o maior cuidado. Amanhã às 20:30 a entrega solene da magnífica escultura que **Francisco Brennand** doou ao Museu de Arte Moderna. **Flexa Ribeiro** vai receber "Les Amants" das mãos de **Aloysio Magalhães**, na Sala de Exposição de **Brennand**, loja 255 do Shopping da Gávea.

★ **Oscar Palácios** será a próxima grande exposição da Mini Gallery. Um catálogo com todas as obras já está rodando e chegará às residências e escritórios de 6.000 colecionadores. Não é difícil prever sucesso: ótimo pintor, bem trabalhado, tudo vendido mesmo antes da inauguração.

★ **Lazzarini** viaja dia 15 para 2 meses de Europa. Aproveita para expor na Galeria Campos Maia, em Florença.

Adelson do Prado em novembro expõe na Mini Gallery

★ Também no Rio, **Martinho de Haro**. Veio acertar com **Marcus Chutorianscy** sua próxima exposição na Galeria Trevo, que este ano apresenta 2 grandes individuais: **Luciano Mauricio** e **Bustamante Sá**.

★ A presença de **Jorge Oscar de Mello Flores** na diretoria financeira é mais uma garantia de que as coisas vão muito bem com o novo MAM.

Benjamin Silva de atelier novo volta a expor no Estados Unidos

★ Cataguases se prepara para a grande festa de 7 de Setembro. Tão importante quanto a Independência, as homenagens a **Francisco Inácio Peixoto** levarão do Rio, Belo Horizonte e Porto Alegre uma legião de convidados ilustres. Do Rio, vão **Francisco de Assis Barbosa, José Maria Dias da Cruz, Marcelo Cabral e Antonio Fernando de Bulhões Carvalho**. Será reaberto o Museu de Belas-Artes e revividas histórias de grandes painéis de **Marcier, Lazzarini e Portinari**.

★ O casal **José Paulo Gandra Martins** homenageia **Sergio Telles** com um jantar no Rio. Em Brasília, **Oscar Seraf-ico** faz a única exposição do pintor no Brasil, este ano. A próxima de **Sérgio Telles** será na Galeria Wildenstein de Nova Iorque.

★ Hoje, um bom programa entre 15 e 18 horas: visita ao Museu de Belas Artes (Av. Rio Branco) para também ver a exposição de 160 trabalhos de 60 ilustradores brasileiros, que obteve o maior sucesso de visitação no Museu de Arte de S. Paulo.

Noticiário sob a responsabilidade de Leo Christiano Editorial

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 2 DE SETEMBRO DE 1979

JORNAL DO BRASIL

NO PALCO, O DRAMA DO MDB

No momento, disputa-se com afinco a direção do MDB de São Paulo, e como se fosse o palco iluminado de um teatro, ali se assiste ao entrechoque de projetos, ambições contradições que ornamentam todo o corpo desgastado da Oposição brasileira. De um lado, o Deputado Alberto Goldman; de outro, o ex-Deputado Mário Covas, cassado que reingressa na vida política. Sobre um, a sombra do Senador Orestes Quércia; sobre outro, a do Senador Franco Montoro.

E salpicando toda a disputa, questões mais graves, como a unidade da federação de oposições que o MDB sempre foi; as relações futuras com o PTB de Leonel Brizola; com o Governo do General João Figueiredo, patrocinador de uma abertura democrática que talvez nem estivesse nos sonhos mais imediatos dos principais protagonistas da cena paulista; o Governo de São Paulo; a Prefeitura paulistana; as vagas no Senado; e assim sucessivamente, até a mais humilde cadeira de vereador na mais humilde Câmara Municipal do Estado.

Os dois candidatos garantem que o importante é manter o Partido unido. Mostram que não há insanáveis diferenças programáticas ou ideológicas a diferenciá-los; e que o objetivo é um só, a plenitude democrática que, esta sim, poderá colocá-los em campos diferentes, mas só num futuro ainda distante, pois para ambos não é troféu a ser conquistado imediatamente.

UM LÍDER CASSADO QUER VOLTAR AO COMANDO

Ouhydes Fonseca

A promissora carreira política do engenheiro Mário Covas, 48, foi interrompida no final de 1968, quando a Revolução encerrou sua anterior tentativa de promoção democrática e nasceu o AI-5. Líder do MDB na Câmara federal, comandou com eficiência e bravura a rejeição do pedido de licença, feito pelo Governo Costa e Silva, para que fosse processado o Deputado Márcio Moreira Alves, seu liderado, autor de um pequeno discurso considerado ofensivo às Forças Armadas.

Antes de 1964, era já um obscuro Deputado da obscura legenda do PST — Partido Social Trabalhista — tentando encontrar um rumo naquele mar encapelado de gritos pelas reformas, pelas contra-reformas, pelos golpes e contragolpes. A derrubada do Governo Goulart e a instalação do primeiro Governo revolucionário logo o encaminharam para a Oposição, onde se revelaria como um dos raros expoentes de uma safra política pobre, raquítica mesmo.

Cassado, despojado dos direitos políticos, passou 10 anos num escritório de engenharia no bairro da Bela Vista, em São Paulo, sonhando com o momento em que poderia voltar a exercitar sua verdadeira vocação. Isso se tornou possível em janeiro, quando se cumpriram os 10 anos de sua punição, e com a Emenda Constitucional número 11, que suspendeu a proibição perpétua para que cassados retornassem à política.

Covas tenta recomeçar pelo comando do MDB paulista, apoiado em respeitáveis aliados como o Senador Franco Montoro e seu suplente, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, autênticos e moderados. *Tendo ajudado o Partido a nascer, em 1965, tenta agora ajudá-lo a sobreviver, quando tudo indica esteja condenado à dissolução.*

Que significa hoje manter a unidade do MDB?

Em regime democrático, um Partido político é um conduto através do qual, num agrupamento social, sustentado por uma visão ideológica e baseado num programa político que explicite esta mesma visão, oferece à sociedade a proposta alternativa para a hipótese de assumir o Poder. O regime democrático pressupõe Partidos políticos livremente organizados. E a existência de um Partido político pressupõe a sua possibilidade de atingir o Poder, com a alternância no mesmo. Ao longo desses 14 anos de existência a Oposição democrática que constituiu o MDB enfrentou a contradição básica de constituir um Partido político cuja luta fundamental foi a mudança do regime. Esta situação, de que um agrupamento com a composição teórica de um Partido político atuando num regime incapaz de conviver com os Partidos políticos, enfatizou ao MDB uma atuação tendo como reivindicação básica a conquista do regime democrático. O momento político brasileiro apresenta características diferenciadas. Em 1945, o regime ruiu e sobre os seus escombros a sociedade montou a estrutura política a partir da qual o novo regime deveria presidir e administrar os inevitáveis conflitos e antagonismos presentes na sociedade. Atualmente, a situação apresenta outras características. O regime não caiu; mas é inegável que sem perder suas características autoritárias e reservando para si o potencial arbitrário, a interação das pressões da sociedade, por um lado, e as suas contradições internas, por outro, o levaram a reciclar a sua ação política. A unidade do MDB impõe-se como forma de consolidar e aprofundar a transformação tendo presente que o novo espaço político que se abriu fez aflorar com intensidade cada vez maior anseios e esperanças presentes no povo brasileiro, em especial nos seus setores populares, que levam à necessidade de um redimensionamento nas reividicações e nos objetivos do MDB. A unidade do MDB deve traduzir o reconhecimento deste novo quadro e o avanço na busca destes objetivos.

Até quando essa unidade deve ser mantida?

Em uma sociedade como a brasileira, com enormes diferenciações, quer a nível regional como nacional, tanto horizontal como verticalmente um Partido político de características populares há de ser necessariamente uma composição de tendências ideológicas ampla, projetando na sua formação um esquema de alianças sociais. Aliás, a experiência histórica brasileira mostra isso com muita clareza quando se examina o quadro dos Partidos ditos nacionais. E parece-me que a razão da reforma partidária que ora se anuncia, com a pretendida violência de extinção do MDB, tem como objetivo romper o esquema de alianças sociais que se formou no Partido. Eu me inscrevo entre aqueles que entendem que a forma partidária mais eficiente para que os setores não vinculados aos interesses dominantes na sociedade possam avançar passa por uma composição de alianças sociais. No meu entender, isto não é um posicionamento episódico ou tático e sim estratégico. Trata-se, isto sim, de permitir que estes setores avancem sobretudo quando todos os requisitos para a plena vivência democrática estiverem presentes no quadro político.

Mário Covas

Que papel tem o MDB a representar no momento como federação de oposições?

Eu creio que o projeto político dos setores que hoje ocupam o Poder foi explicitado com bastante clareza pelo General Ernesto Geisel. Ele o batizou com o nome de "democracia relativa". Trata-se de uma democracia elitista circunscrita a alguns setores da sociedade apenas, com os quais o Poder deseja recompor suas próprias alianças, evoluindo de um regime meramente corporativo para uma recomposição a nível político com os setores dominantes da sociedade. O papel do MDB, hoje como no futuro, é o da formulação de um projeto alternativo de uma democracia jurídica, política, econômica e social capaz de recolocar na paisagem política brasileira todos os setores hoje marginalizados e dar densidade política a essas reivindicações pelo caminho da negociação interna entre os vários setores que exprimem as suas próprias alianças sociais.

Quando e em que condições deve-se ou pode-se começar a cuidar da reformulação partidária?

A reformulação partidária é uma reivindicação que tem sido uma constante ao longo da vida do MDB. Todavia, neste terreno, a Oposição tem sustentado permanentemente que a reformulação partidária que satisfaz os anseios democráticos há de se basear no conceito de total liberdade de organização partidária. Uma reforma limitativa, restrita numericamente, orientada casuisticamente **a priori**, simplesmente substituirá o bipartidarismo artificial e imposto por outras montagens igualmente casuísticas cujo objetivo resume-se em manter a reserva do Poder para um único agrupamento. Ora, num quadro em que se ofereça total liberdade partidária à sociedade, os emedebistas têm todo o direito de exigir a sua sobrevivência. Creio mesmo que a partir daí, com esse arsenal potencial de alternativas presente no quadro partidário, o sentido da unidade das oposições passa a decorrer de uma atitude política consciente e voluntária e a definição das alianças sociais, bem como do projeto alternativo se consolidarão definitivamente.

É mais importante hoje manter e fortalecer o MDB ou criar condições para o surgimento do Partido que o substitua?

A alternativa proposta na pergunta não é a opção real. Estou convencido de que a luta pela manutenção e fortalecimento do MDB como entidade permanente se impõe. Evidentemente, os novos parâmetros existentes no cenário político implicam uma redefinição dos seus objetivos e do seu projeto. É possível que nessa dinâmica haja variações nas alianças hoje predominantes em seu interior, mas acredito que a existência de várias correntes nele convivendo, ao contrário de inviabilizá-lo como Partido, é a sua grande força e nesse fato repousa o seu potencial maior para traduzir com sucesso os interesses dos setores populares. Argumentar ainda hoje, ao nível do preconceito, com a sua origem espúria, é desconhecer o processo de legitimação popular, ao longo desses anos, em sucessivos pleitos eleitorais, sob circunstâncias as mais adversas.

Em nome da unidade oposicionista o seu grupo pode desistir de disputar a direção partidaria?

A idéia de unidade, sustentada pelos parâmetros já considerados, está presente na preocupação de todos os que têm participado da formulação desse problema. A eventual disputa da direção partidária deverá perseguir, como perspectiva de ação partidária futura, esses mesmos parâmetror.

Qual deve ser o comportamento da Oposição em relação ao Governo Figueiredo?

O projeto político da Oposição diverge fundamentalmente daquele sustentado pelo atual Governo. Não se trata apenas de diferenças quanto à condução do Governo na sua ótica social e econômica. A divergência fundamental situa-se no plano da própria visão da sociedade, da forma de administrar os conflitos nela existentes, e da dimensão política e da função histórica que cada segmento social identifica. O Governo Figueiredo, dentro do seu projeto de democracia relativa, procura manter a iniciativa política, formulando segundo seus parâmetros restritos soluções para reivindicações já agora irrefreáveis, mas tentando reter para si o controle total do processo. Na aparência, isso o coloca como concedente, numa tentativa de minimizar e até desconhecer o papel exercido pela sociedade na conquista. Creio que a Oposição tem que explicitar com muita clareza que, a despeito de sua reivindicação estar muito além, a conquista, com todas as suas limitações, decorreu de um clamor social inequívoco e da sua pressão no processo. Às oposições cabe dar curso aos sentimentos da sociedade que se organiza e que encontra formas de expressão cada vez mais acentuadas. É uma característica presente no momento em que vivemos quando os mais variados setores sociais procuram poder afirmar a sua identidade própria e a sua vocação participativa.

E qual deve ser o posicionamento da Oposição em relação ao PTB de Brizola?

É evidente que sustentar um quadro de total liberdade de organização partidária implica defender o direito da sociedade organizar-se segundo a sua própria vocação. Essa posição não inabilita o fortalecimento do MDB bem como a construção da ponte que o situará como grande Partido. Esse objetivo não exclui necessariamente o convívio com outras opções. Creio mesmo que essa passagem deverá ser feita de forma mais concreta e efetiva sob a possibilidade potencial ou concreta da liberdade de organização partidária.

UM LÍDER QUE SEMPRE MANOBRA EM SILÊNCIO

Eymar Mascaro

SOCIALISTA convicto de que a solução dos problemas brasileiros está na eliminação da exploração do homem pelo homem a carreira política do engenheiro Alberto Goldman, 42 anos, dentro e fora do MDB, sempre esbarrou no preconceito de que seria um radical. A polícia também chegou a pensar assim, tanto que, mesmo portando um mandato que lhe outorgava imunidades, passou algumas horas depondo em inquéritos onde se questionava seu apoio a manifestações de estudantes e trabalhadores.

Houve um momento em que sua cassação foi dada como certa. Outros radicais na mesma situação, acharam necessário reafirmar uma coragem pessoal que, nessas situações, raramente se põe em dúvida. Terá sido grande o prazer dos Deputados Marcelo Gatto e Nelson Fabiano ao atirarem alguns ousados desafios ao então todo-poderoso Secretário de Segurança de São Paulo, Coronel Erasmo Dias, mas é discutível o resultado prático obtido nesse enfrentamento: eles perderam os mandatos e os direitos políticos, enquanto o Coronel foi para a Câmara federal representar a mesma cidade de Santos que já não podia elegê-los.

Goldman manobrou com mais habilidade, sobreviveu ao AI-5 e hoje ostenta uma carreira invejável: teve 18 mil votos em 1970, na sua primeira campanha eleitoral, numa época em que os estandartes do MDB não eram, como viriam a ser mais tarde, garantia de sucesso. Em 1974, depois de liderar duas vezes a bancada oposicionista na Assembléia paulista, saltou para os 75 mil votos, proeza que repetiria em 1978, quando se candidatou à Câmara federal e lá foi integrar o seleto clube dos privilegiados portadores de mais de 100 mil votos.

Foi uma trajetória cumprida com competência. E é graças a essa competência que hoje o Deputado Alberto Goldman apresenta-se como candidato à direção do MDB em São Paulo — sem dúvida, o mais poderoso e, ao mesmo tempo, o mais frágil núcleo estadual do Partido, pelas contradições que abriga — apoiado em forças que vão desde o grupo autêntico, *de que já foi considerado um exemplar perfeito, ao Senador Orestes Quércia, um moderado vacilante, dono de um depósito de 5 milhões de votos ainda à procura de uma ideologia. Sem abdicar de sua crença nos efeitos curadores da eliminação da exploração do homem pelo homem.*

Que significa hoje manter a unidade do MDB?

Significa manter coesos, num plano de ação política, setores sociais amplos que têm interesse na plena democracia do país. Significa manter esta frente que se ampliou à medida da evolução da crise do regime englobando cada vez mais as mais amplas camadas sociais que foram sendo marginalizadas política, econômica e socialmente da vida nacional.

Até quando isso deve ser feito?

Até a conquista da plenitude democrática. Isto é, até que haja plena liberdade de organização popular, organização da população em todos os níveis, plena liberdade de expressão, até que se possa convocar o povo para que, de maneira livre e democrática, se possa eleger uma Assembléia Nacional Constituinte que elabore soberanamente a Constituição do país, correspondente ao novo estágio da luta das diversas forças sociais e políticas da nação.

Que papel tem o MDB a representar no momento, como federação de oposições?

É um instrumento político dessa frente democrática, que tem o papel de organizar o povo e expressar os seus anseios na luta pela democracia.

Quando, e em que condições, deve-se ou pode-se começar a cuidar da reformulaçao partidaria?

No momento em que a organização política da população for realmente livre, ao nível dos sindicatos, das associações da comunidade, das organizações estudantis e profissionais e ao nível dos interesses e da ideologia das mais diversas classes e camadas da população.

É mais importante, hoje, manter e fortalecer o MDB, ou criar condições para o surgimento do Partido que o substitua?

Um Partido não se cria na fantasia e na vontade de cada um de nós. Um Partido é algo concreto que vai se formando e se enraizando nas lutas do dia-a-dia. O MDB, criado como instrumento da ditadura, foi formando-se enraizando-se nos anseios do sentimento popular e nas lutas democráticas e, como tal, se transformou em um verdadeiro representante de amplas parcelas democráticas da nação.

Assim sendo, é mais importante o seu fortalecimento do que se imaginar, melhor que a nossa imaginação construa um novo Partido de Oposição.

Que tipo de Partido deve suceder ao MDB que o senhor representa?

Entendo que no dia em que Partidos possam suceder ao MDB, deve-se pressupor que a liberdade de organização partidária é total. Neste caso, várias organizações programática e ideologicamente construídas sucederão ao MDB.

Em nome da unidade oposicionista o seu grupo pode desistir de disputar a direção partidaria?

Eu não tenho grupo. Tenho uma história dentro do Partido, uma tradição de luta e de posições e, como tal, posso estar ou não na direção partidária. A minha presença nela depende da correlação de forças dentro do Partido e do objetivo que se deve procurar, que entendo ser a unidade partidaria. No entanto, uma eventual disputa para o Diretório Regional não significa que não possa haver a unidade partidaria, que deve ser feita em cima de princípios e do programa político da Oposição. O que é fundamental é que a direção do MDB seja realmente representativa da base partidária com todas as suas diferenças face à amplitude dessa mesma frente oposicionista. Posso abrir mão de qualquer disputa, só não abro mão de um diretório democrático e representativo.

Alberto Goldman

Que tipo de acordo tornaria isso possível?

Um acordo que tenha o pressuposto da real responsabilidade das forças partidárias e não um acordo em que a direção se constitua pela indicação de apenas meia-dúzia de chefes partidários por mais respeitados que sejam.

Qual deve ser o comportamento da Oposição em relaçao ao Governo Figueiredo?

O Governo Figueiredo é o Governo do mesmo regime ditatorial que se mantém no país desde 1964, que mantém o seu conteúdo fundamentalmente antipopular e antinacional, apesar das tentativas de dar um forma diferente ao mesmo processo de dominação. Assim sendo, o MDB deve continuar mantendo sua posição firme de oposição ao regime e, portanto, ao Governo Figueiredo, que neste momento representa.

E em relação ao PTB de Brizola?

O Brizola ou qualquer cidadão deve ter o direito de organizar ou de pensar em Partidos políticos. Útil mesmo, correto mesmo, é a incorporação de todos dispostos a fazer oposição no mesmo movimento, numa mesma frente. Se, por qualquer motivo, isto não for possível, espero que amanhã se possa caminhar junto, mesmo que sejam organizações partidárias distintas. Desde que o objetivo seja a derrota do regime e a conquista da democracia.

CUBA O FIM DO MITO

Jean-François Revel
L'Express

CUBA é um país-chave do mundo contemporâneo. Já foi uma esperança revolucionária. Com esta esperança frustrada tornou-se uma espécie de trampolim estratégico de onde partem soldados e ofensivas, "conselheiros" e comandos, enviados para a América Latina, África e até mesmo para a Ásia. Qual a posição de Cuba? O que deseja? Que pode fazer? Sem Moscou, não pode fazer grande coisa. Com Moscou, pode muito. Em todo caso a expansão militar cubana é um dos grandes acontecimentos dos últimos quatro anos. Até quando e até onde?

Cuba comemora este ano o vigésimo aniversário de sua revolução e, ao mesmo tempo, será a sede da Sexta Conferência dos Países Não Alinhados. Conferência que reúne, a partir de amanhã, em Havana, uma centena de chefes de Estado e de Governo vindos de todos os continentes. Esta é uma dupla razão para se realizar um balanço do regime cubano nos planos interior e exterior.

A tarefa de julgar Cuba friamente nunca foi fácil. Foram necessários dez anos para que se ousasse começar a sugerir, por volta de 1970, que os problemas econômicos cubanos não eram todos devidos ao bloqueio americano, e que o Gulag das Caraíbas era, proporcionalmente à sua população, comparável ao do seu grande irmão soviético e bem maior do que os de uma série de ditaduras de direita de outros países da América Latina. Seria fácil e cruel relembrar alguns dos elogios mais ineptos escritos sobre as proezas agrícolas cubanas, sua "democracia direta", sua promoção dos direitos humanos.

A França foi particularmente fértil em missionários, mais ou menos espontâneos, da fé castrista. Em janeiro de 1968, no congresso cultural internacional de Havana, entre cerca de 500 convidados reunidos pela hospitalidade do regime a delegação mais numerosa era a francesa: 70 pessoas — os soviéticos só tinham seis representantes. Pouco depois, é verdade, o mito castrista no estrangeiro sofreu um golpe muito rude: Castro aplaudiu a invasão da Tchecoslováquia pelo Exército Vermelho. Desde então a cumplicidade com o regime castrista se tornou menos completa. Abafa-se menos sistematicamente as notícias da repressão policial contra os opositores do regime ou contra os simples indiferentes, qualificados de "delinqüentes".

Mas Fidel Castro acaba de vir a público, lamentando que as prisões e os campos de detenção cubanos sejam (sinto-me levado a citar) "um verdadeiro paraíso para os delinqüentes".

Descobre-se também a asfixia da economia pela burocracia, a baixa da produtividade, a penúria, o mercado negro, a corrupção, os privilégios. O próprio Fidel Castro vai mais longe de que alguns nestas críticas. Em julho último ele se perguntava, num discurso ante a Assembléia Nacional do Poder Popular, "por que a disciplina desapareceu nas estradas de ferro e por que era mais bem observada sob o regime capitalista; por que é possível que uma tripulação não esteja completa na hora do avião levantar vôo?" E o comandante-chefe concluiu: "É preciso acabar com este estado de coisas com a camaradagem, a indulgência, ao nível da administração do Estado, em escala nacional, ao nível do poder popular, das províncias, dos municípios.

Assim, pouco a pouco, o mito cubano foi-se degastando. Mas Castro não deixou completamente de ser protegido por uma espécie de tabu. Seus turiferários não comunistas se calaram ou se tornaram mais discretos. Mas se o ditador não é mais incensado com tanto fervor quanto há dez anos, também não é criticado com toda a liberdade. Apesar de ter sido constituída toda uma literatura da dissidência cubana, ainda existem muitas formas para impedir que sua voz seja escutada. A própria imprensa independente, tanto na América quanto na Europa, a própria Anistia Internacional, ainda confundem, a propósito de Cuba, a imparcialidade e credulidade. Convém ler a este respeito o estudo severo e meticuloso que Pierre Golendorf fez para o prefácio de sua tradução dos poemas de Armando Valladares, especialmente suas análise sobre as reportagens da televisão e os artigos complacentes ou prudentes inspirados pelo Festival da Juventude de 1977, realizado em Cuba. Então verifica-se que o mito ainda se defende muito bem, se bem que não possua mais antigo vigor.

Este enfraquecimento de mito revolucionário coincidiu com o desenvolvimento militar cubano. Como os soviéticos, Castro compensa sua situação de crise doméstica com a agressividade no exterior. Naquele discurso já citado, depois de haver estigmatizado as faltas ao trabalho e a corrupção "o motorista que adultera o taxímetro, aquele que suborna um mecânico, aquele que compra uma peça roubada", Castro exclama: "Há centenas de milhares que querem ir não importa aonde. Mas, no trabalho cotidiano, a consciência não se manifesta".

Portanto, as guerras africanas parecem, para uma parte da população, uma forma de escapar à sociedade de penúria e repressão estabelecida na ilha. Respondem a uma necessidade interior, mas, em escala mundial, respondem também a uma necessidade da União Soviética. No exército cubano, cada vez mais se revezando com soldados da Alemanha Oriental, a URSS encontrou uma força de intervenção que lhe permite resolver um problema durante muito tempo insolúvel: o de agir militarmente em países com os quais não possui uma fronteira comum, sem para tanto enviar suas próprias tropas.

ENTÃO a questão é saber se Cuba preenche as condições necessárias para ainda figurar entre os países não alinhados e até mesmo ser um dos líderes deste grupo. Será que não estamos em vias de assistir a um desvio do movimento internacional a um ato de pirataria política? Desejamos que os Chefes de Estado do Terceiro Mundo se façam esta pergunta com toda a lucidez quando, em Havana, descerem de seus aviões e embarcarem nas novas Mercedes que Castro comprou para a ocasião, às dezenas, na Alemanha Ocidental — porque parece que a indústria automobilística soviética não lhe inspira a mesma confiança que sua indústria de armamentos.

Pretender que as guerras de Castro no exterior sejam destinadas a ajudar os movimentos de libertação nacional é imperdoável. O que acontece freqüentemente é que os cubanos se aproveitam de movimentos nacionalistas autênticos para impor em seguida dirigentes favoráveis à URSS e eliminar todas as outras tendências políticas. Os cubanos também combateram ao lado da Etiópia contra os guerrilheiros somalis que lutavam por sua independência. E também serviram de conselheiros ao ditador da Guiné Equatorial, recentemente deposto, este carrasco sangrento que mandou executar 50 mil pessoas em uma população total de 350 mil habitantes. Em tais casos as próprias aparências do progressismo não são salvas. E a presença cubana na África parece com a presença soviética no Afeganistão, quer dizer, um colonialismo tanto mais impunemente brutal quanto se reveste de pretexto terceiro-mundistas e socializantes.

Não foi apenas um mas sim dois mitos cubanos que despareceram há alguns anos. Um é o mito da Cuba socialista, que não fez mais do que acompanhar a sepultura os mitos de todos os outros paraísos socialistas. Depois, foi a vez do mito de Cuba como disseminadora da liberdade. Fidel Castro disseminou a subversão, mas não a liberdade.

Jean François Revel é membro do Comitê Editorial da Revista L'Express.

OS CURDOS E AS MINORIAS NO IRÃ

Youssef M. Ibrahim

NÃO sei quem disse isso ao ayatollah Khomeini", exclamou o Governador-Geral do Curdistão, Mohammad Rashid Shakiba, "é uma deslavada mentira. Não há inquietação por aqui. Tanto a cidade como os acampamentos estão em paz, e o comandante local não pediu reforços."

Esta informação provinda de Sanandaj, a maior cidade do Curdistão iraniano, no início da semana passada, contradizia o que o **ayatollah** Khomeini afirmava aos iranianos. Enquanto o **ayatollah** advertiu que a cidade estava caindo em mãos de rebeldes, fontes na região continuavam dizendo que as coisas andavam calmas.

No entanto, o **ayatollah** e seu principal dispositivo de propaganda, a Voz da Revolução Islâmica, continuam estimulando sentimentos contra a "conspiração curda contra a República Islâmica". Por volta do meio da semana, execuções de curdos pelos Guardas Revolucionários Islâmicos, conhecidos como Pasdars, e a acusação a dois líderes dirigentes curdos como "agentes satânicos corruptos" — acusação que merece sentença de morte no Irã — tinham realmente provocado um levante em larga escala. Mas numerosos observadores iranianos afirmavam que todo o episódio foi arranjado e montado pelo **ayatollah** e seus partidários como pretexto para o que resulta num golpe interno. Na semana passada, dizem eles, o verdadeiro **ayatollah** Khomeini se revelou.

Pretexto para ditadura

Usando a "crise curda" como desculpa, ele declarou-se comandante-chefe do exército e determinou que todos os Partidos e jornais da Oposição fossem fechados. No espaço de uma semana, saiu de sua posição na sombra como "guia da revolução" para o que era realmente desde sua volta do exílio — o único e absoluto governante do Irã.

"Toda essa conversa de conspiração curda é uma grande charada", disse Djavad Alamir, exilado iraniano que está colaborando em Paris com o ex-Primeiro Ministro Shahpur Bakhtiar para organizar um movimento contra o **ayatollah** Khomeini. "O **ayatollah** está sentindo a perda de apoio. É um caso clássico. Quando acontece cria-se então um sentimento de emergência nacional e assume-se o controle de tudo. É o que ele fez."

Sem dúvida, houve violência no Curdistão no início de agosto. Mas sempre tinha havido problemas aí, desde que Khomeini chegou ao Poder.

Fontes curdas em Paris e Teerã dizem que os combates sangrentos na cidade curda de Paveh, que deflagraram a última "crise", resultaram da ação dos pasdars. Os pasdars são jovens muçulmanos xiitas recrutados pelos mulás. São fanaticamente dedicados ao **ayatollah** Khomeini e pouco ligam para a sensibilidade das minorias não xiitas, entre as quais se encontram vários milhões de curdos do Irã e cerca de 1 milhão de árabes da província petrolífera de Kuzestão, ao Sul do país. Os curdos e a maioria dos árabes são muçulmanos sunitas.

No Kuzestão, as maneiras ríspidas e duras dos pasdars levaram a pesados combates em maio passado, quando morreram cerca de 400 pessoas. Os pasdars venceram e pelo menos 25 árabes morreram executados. No Curdistão, porém, as coisas podem ter um resultado diferente. Os curdos vêm combatendo estrangeiros há séculos; vêm procurando ser um Estado independente, no sentido moderno do termo, desde a dissolução do Império Otomano. Desde fevereiro, eles têm tido realmente mais autonomia no Irã do que em qualquer outra época sob a dinastia Pahlavi. As armas são abundantes no Curdistão. Todos os meninos e rapazes de mais de 14 anos estão armados. As milícias do **ayatollah** não se mostraram à altura dos curdos. Por isso, ele convocou o exército.

Observadores no Irã e no exterior dizem que o **ayatollah** escolheu este momento para desafiar os curdos não apenas a fim de consolidar seu poder mas também porque uma aberta ostentação de autonomia curda poderia ser contagiosa

num país repleto de minorias étnicas. Não há estatísticas confiáveis, mas, em recente entrevista, o secretário-geral do agora banido Partido Democrata Curdo afirmou que os só curdos representam seis milhões numa população de 38 milhões de iranianos (a maioria das estimativas coloca o número de curdos em 3,5 milhões) e que "mais de 50% da população do Irã são constituídos de não persas".

O Irã nunca teve uma população homogênea. As várias minorias culturais e étnicas foram moldadas pela repressão política e econômica, requintada durante o meio século de Governo dos Pahlavis recém-depostos. De todas as minorias étnicas — curdos, árabes, balúchis, turcomanos — os curdos são a maior e têm a maior parte dos elementos que formam uma nacionalidade: língua, trajes e folclores distintos. Os curdos iranianos ocupam a região ocidental do país, mas a "nação curda", como eles a chamam, se espraia para o interior da Turquia, Iraque, União Soviética e Síria e tem talvez 11 milhões de pessoas. Os baluchis, no Irã oriental, perto do Paquistão, contam entre dois e três milhões. Os turcomanos, no Noroeste, chegam a cerca de um milhão.

Jamais houve um recenseamento rigoroso, confiável, no Irã, de forma que é difícil saber quantos iranianos são de etnia persa, quantos são sunitas, xiitas, ou originários das minorias não islâmicas: judeus, assírios, armênios e zoroastrianos. Acredita-se geralmente, porém, que entre 85 e 90% de iranianos são xiitas. Etnicamente, porém, o maior grupo são os azerbaidjaes, que são de origem misturada: persa e turca. Acredita-se que um em cada três iranianos é azerbaidjão.

Os curdos, como outros grupos, são divididos em várias linhas políticas. Desafiando-os, entretanto, é possível que o **ayatollah** tenha conseguido unificá-los. O líder xiita pode também ter errado ao condenar o líder religioso curdo, Xeque Ezzedin Hosseini. Foi a primeira vez que ele impôs uma sentença de morte contra outro dirigente religioso. "Quando se tem um Governo de **ayatollahs**, este é um precedente perigoso porque a coisa pode reverter", observa Alamir.

Os curdos não podem derrotar as tropas do **ayatollah**, mas podem fustigá-las num momento em que seu regime não tem nem apoio político nem material bélico para lutar numa guerra prolongada. Eles podem também ampliar as fraturas emergentes na lealdade do Exército. Muitos oficiais superiores foram executados por matarem dissidentes sob o Xá. Duvida-se que seus sucessores possam continuar suprimindo a dissidência agora com todo o empenho. De fato o **ayatollah** Khomeini teve de ameaçar comandantes do exército com "julgamentos revolucionários" para forçá-los a agiram contra os curdos. Por outro lado, se os curdos forem esmagados, o **ayatollah** terá avançado bastante no sentido de intimidar seus opositores.

Ainda é cedo demais para dizer se começou uma contra-revolução no Irã. Mas muitos iranianos estão dizendo que a teocracia islâmica do **ayatollah** não é o que eles queriam quando o apoiaram contra o Xá. Em Paris, o ex-Primeiro-Ministro Bakhtiar está editando um jornal de oposição e passando mensagens para o Irã, através de cassetes gravados, exatamente como o **ayatollah** fez há um ano.

Youssef M. Ibrahim foi chefe da sucursal do The New York Times em Teerã até ser expulso do país no mês passado.

Por uma política científica e tecnológica

A política de Ciência e Tecnologia no Brasil vem se caracterizando pelo autoritarismo tanto em suas decisões como em sua execução. A participação da comunidade em sua formulação é restrita aos poucos cientistas nomeados pelos próprios órgãos responsáveis.

No entanto não há qualquer participação de representantes da comunidade científica que tenham com esta, compromisso explicitamente definidos. A autonomia dos órgãos executores, institutos e universidades, é limitada de um lado por extensas normas burocráticas e de outro por financiamentos sujeitos a renovação periódica e critérios instáveis e arbitrários.

A avaliação e o acompanhamento desta política restringe-se em geral à quantificação de dados contábeis. Análises qualitativas mais abrangentes e realistas, por vezes existentes, não têm sido consideradas.

A política de desenvolvimento industrial privilegia a associação com empresas estrangeiras e a importação de tecnologia.

Consomem-se assim a ciência e a tecnologia produzidas externamente; neste contexto, a participação dos técnicos e dos institutos de pesquisas tecnológicas se resume a funções gerenciais, de detalhamento e acompanhamento de projetos. Os poucos exemplos de criação de tecnologia por indústrias nacionais não são generalizáveis, sobretudo no caso dos setores mais dinâmicos e de intensa inovação tecnológica. Projetos de maior vulto, como por exemplo, o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha têm sido decididos e implementados sem a participação significativa da comunidade científica ou tecnológica nacionais.

Tal política se reflete no mercado de trabalho, especialmente em certas áreas, acarretando, de um lado, um subaproveitamento e uma desqualificação sistemática do cientista e técnico nacionais e de outro, um hiato permanente entre as características do mercado de trabalho e os padrões dos centros de formação de pesquisadores e técnicos. Isso gera um clima de descrédito nas próprias universidades, quanto à utilidade de seus produtos e o valor de seus padrões de qualidade.

A atrofia de um setor importante dos centros de pesquisa tem por sua vez repercussões negativas nos setores orientados para o ensino e a pesquisa nas ciências fundamentais.

A política de pós-graduação vem se desenvolvendo sem levar em conta as condições definidas acima. O sistema implantado não considera as especificidades históricas, sociais, regionais e educacionais, além daquelas relativas ao mercado de trabalho.

O objetivo inicial da pós-graduação — aperfeiçoar docentes de ensino superior, formar técnicos de alto nível e pesquisadores — foi desvirtuado. O título de pós-graduação transformou-se, na verdade, numa exigência de peso para a obtenção de empregos mesmo em empresas privadas e públicas, desqualificando a graduação como nível terminal. Isto leva a uma duplicação de esforços, dilatando desnecessariamente o tempo de "escolaridade" dos estudantes.

A diversidade de situações regionais, (infra-estrutura, recursos humanos e laboratórios) não permite que a solução para este problema seja única e sujeita a uma regulamentação extensa e restritiva como aquela em vigor. Essa diversidade regional se reflete nas dificuldades encontradas, por exemplo, na execução da PICD (Programa Institucional de Capacitação de Docentes): os docentes beneficiados pelo Programa encontram inicialmente dificuldades em atender às exigências dos centros que os recebem, bem como em aproveitar informações e experiências alheias à sua vivência e necessidades.

Uma estrutura pouco flexível, dominada por metas de realização a curto prazo, vem levando a um sistema de acentuada especialização de cursos e títulos obtidos. A multidisciplinariedade não é estimulada e a formação em especialidades diferentes ao nível de mestrado e doutorado não encontra nenhum apoio.

A regulamentação dos órgãos centrais, especialmente por parte do Conselho Federal de Educação, que, não tendo sido criado para exercer funções executivas ou normativas (Lei 4024 de 1961), é hoje o órgão que centraliza o controle burocrático das atividades educacionais, dificulta a adaptação da pós-graduação aos objetivos e recursos de cada centro.

A política de bolsas de estudo, uniformizando prazos e níveis não consegue favorecer nem o aperfeiçoamento e nem a formação de pesquisadores. Além disso, os baixos níveis das bolsas, que não cobrem os encargos sociais, obrigam freqüentemente o pós-graduando a uma permanente situação de instabilidade ou a acumular cursos com atividades remuneradas.

As políticas de atuação das agências governamentais envolvidas com o financiamento do ensino e da pesquisa é contraditória. Por exemplo, a atuação da Seplan tem por finalidade modernizar as universidades, permitindo o desenvolvimento da pesquisa científica. Por outro lado, coube ao MEC a responsabilidade pela manutenção da Universidade, e particularmente da graduação. Esta universidade tem a sua atuação caracterizada, muitas vezes, pelo tradicionalismo, conservadorismo e ineficiência, o que tornou a graduação cada vez mais dissociada da pós-graduação, criando nas universidades dois sistemas paralelos.

Tal sistema de financiamento gerou nas universidades uma duplicidade de centros de poder, ambos autocrático se instáveis. A universidade e os centros de pesquisa não dispõem quer de verbas orçamentárias capazes de assegurar salários e instalações adequadas para o desenvolvimento da pesquisa científica, quer de instâncias burocráticas decisórias flexíveis e eficientes para gerir recursos. Os grupos de pesquisa financiados com verbas obtidas e renovadas bienalmente se vêem às voltas com a instabilidade e a dependência dos arbítrios destas agências, dificultando o desenvolvimento e a continuidade das pesquisas a longo prazo. Desta maneira, configura-se a opção pouco reconfortante entre depender de uma universidade conservadora e sem recursos, por vezes hostil à pesquisa científica, ou depender das agências financiadoras, dos repasses, pareceres e arbítrios bienais. Neste contexto, é óbvio que a estabilidade e a autonomia dos centros de pesquisa são apenas uma quimera.

Como no caso da formulação da política científica e tecnológica, a participação da comunidade científica nas decisões e orientação da política de financiamentos propriamente dita é bastante reduzida, a despeito da participação de alguns de seus membros que, no entanto, não podem ser considerados seus representantes.

Com a expansão das atividades de pesquisa, financiadas descontinuamente e na maioria das vezes sem implantação institucional, cresceu sensivelmente o número de pesquisadores trabalhando em condições precárias, sem contratos estáveis e amparo legal. Esta situação, além de ferir os mais elementares direitos trabalhistas prejudica o bom desenvolvimento e a continuidade das próprias pesquisas.

Esta política de financiamentos tem gerado também outras deformações no crescimento das unidades de pesquisa, ao privilegiar a contratação individual do auxílio e da responsabilidade pela execução do projeto. Isto tem impedido uma maior participação e controle, na orientação e administração dos recursos, por parte dos demais membros do grupo de pesquisas, ou da instituição em que o projeto é realizado.

Convém ainda observar que o número de pesquisadores e técnicos é muito pequeno, estando ainda longe de alcançar as dimensões adequadas para atender às necessidades de ensino e pesquisa do país. Apesar disso, os recursos financeiros para educação, pesquisa e desenvolvimento têm decrescido sensivelmente nestes últimos anos.

Deve-se mencionar a persistente interferência de órgãos do Governo, especificamente os de segurança, nas decisões sobre concessão de auxílios, bolsas de estudo e contratação de docentes e pesquisadores.

Proibições acerca da divulgação de dados e resultados de pesquisas científicas, contendo muitas vezes informações de interesse público, têm contribuído para o isolamento da comunidade científica do resto da sociedade. Limitados em sua autonomia, privados de comunicação e contactos mais amplos, os centros de pesquisa e ensino acabam por se fechar sobre si mesmos, limitando-se a atividades rotineiras estritamente técnicas e profissionais.

Algumas propostas

Ainda que o levantamento dos problemas não tenha sido exaustivo, podemos a partir dele fazer propostas de caráter geral, em torno de seis pontos:

a) **Da democratização das decisões**

A solução dos problemas assinalados pressupõe a ampliação do debate sobre o papel da universidade e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Brasil, incorporando todos os setores da sociedade nele interessados. É importante que esse debate se refira não só às grandes linhas gerais de orientação e formulação da política científica e tecnológica, mas também à sua execução.

A implementação das propostas geradas nesse debate deverá ser coordenada por órgãos representativos tanto da comunidade científica propriamente dita, quanto de outros setores da sociedade civil e do Governo. Esta participação poderá ser viabilizada através do envolvimento direto das associações científicas nos processos decisórios e executivos desta política.

Evidentemente, as associações científicas, universidades e centros de pesquisas também devem ter seus órgãos deliberativos e executivos reestruturados, a fim de assegurar uma participação mais ampla e representativa de docentes, pesquisadores, técnicos e estudantes na definição de suas diretrizes de atuação. Constitui essa proposta aliás, uma condição necessária para que as próximas sejam coerentemente implementadas.

b) **Da regionalização e descentralização**

Considerando as diversidades regionais e a heterogeneidade de condições de infra-estrutura, laboratórios, instalações e recursos humanos, deve ser garantida a máxima autonomia aos centros de ensino e pesquisa das diferentes regiões, no que diz respeito às suas políticas e atuação. Nesse sentido, caberia aos órgãos centrais apenas a função de coordenação das atividades dos diversos centros, por exemplo, através de Conselhos representativos das Universidades e dos Institutos de Pesquisa.

A criação em cada Estado de Fundações de Amparo à Pesquisa, com dotações orçamentárias fixas e independência de atuação, é um elemento fundamental na política de descentralização de decisões e recursos.

c) **Dos financiamentos**

A autonomia financeira é necessária para que as atividades dos centros de pesquisa, após seu credenciamento, sejam estabelecidas conforme critérios e valores próprios da comunidade acadêmica, levando em conta sua realidade regional, cultural e responsabilidade social.

Ainda que a diversidade das fontes de critérios de financiamento das universidade federais ou estaduais contenha pontos positivos, as distorções criadas não podem ser ignoradas. A falta de coordenação entre os órgãos financiadores das universidades e os órgãos da SEPLAN deverá ser progressivamente sanada com o substancial aumento das verbas orçamentárias do MEC.

Essa autonomia financeira, garantida por verbas federais ou estaduais previstas em orçamentos, não pode estar dissociada de uma efetiva democratização de decisões nos centros de pesquisa e ensino. As verbas extra-orçamentárias provenientes de convênios e eventuais prestações de serviços, devem ser orientadas para o apoio a projetos específicos de pesquisa, com funções portanto apenas complementares e sem interferir na orientação política das instituições.

Por outro lado a contratação de pesquisadores deve obedecer a critérios que respeitem a legislação do trabalho. Em todos os Estados deveriam ser criadas tanto a carreira de pesquisador como associações aptas a defender seus interesses e direitos

d) **Da pós-graduação**

O sistema de pós-graduação deve ser radicalmente repensado, levando em conta os condicionamentos impostos pela realidade social. Dada a diversidade de situações, a formação de pesquisadores, docentes e profissionais especializados deve ser realizada conforme métodos e critérios debatidos e decididos nas diversas unidades de ensino e pesquisa, com base nas possibilidades de laboratórios, bibliotecas e prioridades globais de cada região.

Os centros de pós-graduação devem contar com quadros docentes estáveis, aos quais é necessário garantir condições de trabalho e pesquisa em tempo integral. Paralelamente a isso, as bolsas de estudos dos pós-graduados devem ser de níveis adequados, prevendo encargos sociais, respeitando-se os prazos e os objetivos das diferentes áreas e instituições.

O intercâmbio de docentes entre universidades deve ser estimulado, favorecendo a criação de cursos intensivos e a permanência de docentes de centros mais avançados nos centros periféricos durante períodos de tempo. Por exemplo, uma reestruturação do calendário acadêmico, subdividindo-o em três quadrimestres, poderia facilitar a execução destes objetivos, além de permitir a intensificação dos cursos de graduação.

A formação interdisciplinar exige uma maior flexibilidade dos currículos e normas que orientam a pós-graduação e a política de concessão de bolsas; além disso a colaboração de diferentes grupos de especialistas deve ser estimulada, tanto no que diz respeito aos problemas postos pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, quanto aqueles da comunidade em geral.

O debate sobre a pós-graduação não pode ser desvinculado de uma discussão sobre a graduação: esta, hoje, o setor menos favorecido do sistema universitário, precisa ser alvo de maior atenção, tendo seus cursos intensificados, readquirindo o caráter terminal na formação do profissional de nível superior. A valorização desses cursos permitiria ainda a redução do tempo de estudos pós-graduados.

e) **Das restrições às atividades de pesquisa**

A interferência ilegítima dos órgãos de segurança nas decisões sobre concessão de auxílios, bolsas-de-estudo e contratações de docentes e pesquisadores deve cessar.

Juridicamente é possível, embora difícil, caracterizar tais ingerências como determinantes do "desvio de finalidade" em que agências de financiamento e de emprego podem incorrer ao aceitarem razões secretas de segurança como suficientes para a substituição de critérios acadêmicos e de competência.

É oportuno, portanto, documentar casos concretos de discriminação ideológica e denunciar sistematicamente o desvirtuamento dos critérios que orientam as decisões de conselhos e comitês de assessoramento acadêmico.

f) **Da relação com a sociedade em geral**

É de grande importância estabelecer canais capazes de facilitar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo. Desse contacto se beneficiaria não só a população em geral como também as universidades e institutos de pesquisa.

Um primeiro passo seria intensificar o intercâmbio entre associações científicas e profissionais e outras entidades representativas da sociedade civil, a propósito tanto de questões referentes a uma política de ciência e tecnologia, quanto de problemas de interesse social mais geral. As associações científicas deveriam, por outro lado, opinar com maior freqüência em questões científicas e educacionais de interesse da comunidade como um todo ou parte dela.

Cabe a elas, portanto, estimular o estudo das ciências humanas e naturais e a divulgação científica para amplos setores sociais. A criação de centro de ciência e cultura nas principais cidades do país poderia ser uma importante iniciativa nesse sentido. Só assim as universidades e institutos de pesquisa sairiam de seu tradicional isolamento, assumindo uma presença marcante como interlocutores no debate sobre temas de interesse geral.

Este trabalho foi o documento conclusivo do Simpósio de Política Científica e Tecnológica, promovido recentemente no Rio pela Regional da SBPC e outras associações.

Imprensa e Governo

Luiz Orlando Carneiro

SEM discutir o mérito do acordo de acionistas celebrado há quase quatro anos, em Brasília, entre a Nuclebrás e a KWU, para a constituição da Nuclen, que este jornal considerou "documento lesivo aos interesses nacionais", que não poderia merecer o carimbo que o declara confidencial, o episódio levanta mais uma vez o problema fundamental do relacionamento ainda penoso entre imprensa responsável e o Governo.

"Rempli de soi même", e com todas as boas intenções que tenha, o Governo tende em geral a achar que sabe o que é bom para o país, mas acaba por não incorporar ao processo de abertura política — por ser em princípio suspeita, sensacionalista, geralmente incorreta, imprecisa — a faina diária daqueles que procuram, no dia-a-dia, cobrir os acontecimentos, antecipá-los, em suma, expô-los à opinião pública.

Seria por demais ingênuo e otimista pensar que, em seis meses ou menos, toda uma estrutura autocrática e tecnocrática, voltada para dentro, habituada nos últimos anos, ao autoritarismo centralizador de governos fortes, abrisse pelo menos algumas veredas de suas áreas demarcadas ao garimpo de uma imprensa que, além de ter o dever de informar bem ao seu público, que inclui os outros poderes da República, não pode deixar de ser competitiva, sem esquecer substantivos como confiabilidade e respeitabilidade.

No caso do acordo Nuclebrás-KWU, ocorrido exatamente quando da visita do Ministro da Economia da República Federal da Alemanha, Otto Lambsdorff, a **batata quente** do **vazamento** acabou nas mãos do Ministro da Justiça, que se responsabilizou pelas medidas inusitadas tomadas pela Polícia Federal contra o Jornal **Gazeta Mercantil**, talvez "malgré lui."

Os dias passaram sem que a opinião pública — informada pelos meios de comunicação — pudesse saber qual a base legal em que se fundamentou o Governo para tentar impedir a publicação de um documento que acabou por ser reconhecido, por ele próprio, como um contrato — ou um negócio — de interesse nacional, tendo em vista o preço que os países em desenvolvimento, hoje em dia, devem pagar pelo **know-how** dos países que, como a Alemanha Ocidental, dispõem-se a transferir tecnologias sofisticadas.

O presidente da Nuclebrás, Embaixador Paulo Nogueira Batista, surpreendido em "flagrante delito", teve de ir apressadamente ao gabinete do líder do Governo no Senado, Sr Jarbas Passarinho, para acertar uma futura data de um depoimento que será, certamente incômodo, pois tanto no Congresso, como na Imprensa, **the heart of the matter** será a discussão do que pode e deve saber a nação, do que pode, deve ou não ser publicado, tendo em vista os "interesses nacionais", e o que pode turbar ou abalar o conceito de segurança nacional.

James Reston, no seu livro **Artilharia da Imprensa**, analisa em profundidade o problema numa sociedade tão aberta como a norte-americana, em que os **pentagon papers** e o escândalo de Watergate chegaram a mudar as políticas militar e externa, e a própria personalidade da nação.

O emérito e muito bem-informado jornalista norte-americano sabia, por exemplo, um ano antes da queda do piloto Gary Powers em território soviético, que os aviões U-2 espionavam a União Soviética, naquela época em que os satélites-espiões não eram, como hoje, parte da parafernália que anda à volta do planeta em órbitas bem conhecidas.

Quando se tornou pública, para gáudio da URSS, a revelação dos vôos dos U-2 e a prisão do piloto Gary Powers, James Reston tinha um capital acumulado de informações que propiciou ao **New York Times** a melhor matéria sobre o assunto, publicada em cima do acontecimento.

Reston considerou que não deveria publicar nada sobre um assunto que, evidentemente, envolvia a segurança de seu país, e que se tratava, sem dúvida nenhuma, tendo em vista a época em que se passou, de segredo militar. Até que nada mais havia a esconder.

Não se pode comparar o episódio acima referido ao caso Nuclebrás-KWU.

Pelos critérios do Governo brasileiro, os assuntos sigilosos obedecem, tendo em vista o nível e o número de pessoas neles envolvidas, aos carimbos de ultra-secreto, secreto, confidencial e reservado.

É ultra-secreto um assunto que requer excepcional grau de segurança, e cujo teor ou características só devem ser do conhecimento de pessoas intimamente ligadas ao seu estudo ou manuseio.

É secreto assunto que requeira alto grau de segurança e cujo teor ou características podem ser do conhecimento de pessoas que, sem estarem intimamente ligadas ao seu estudo e manuseio, sejam autorizadas a deles tomar conhecimento, funcionalmente.

Confidencial — o grau dado ao acordo Nuclebrás-KWU — é carimbo de assuntos que, "embora não requeiram alto grau de segurança, seu conhecimento por pessoa não autorizada pode ser prejudicial a um indivíduo ou entidade, ou criar embaraço administrativo".

Chama-se reservado o documento cujo grau de sigilo não deve ser do conhecimento do público em geral.

A Lei de Segurança Nacional, no seu capítulo Dos Crimes e das Penas prevê detenção de seis meses a dois anos a quem divulgar, "por qualquer meio de comunicação social, notícia falsa, tendenciosa ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas".

O **vazamento** do acordo Nuclebrás-KWU dificilmente poderia ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional, pois não há pretensão de "indispor o público contra as autoridades constituídas". É assunto que não requer "alto grau de segurança". Poderia quando muito ser sua divulgação prejudicial à Nuclebrás ou à KWU, e criar "embaraço administrativo".

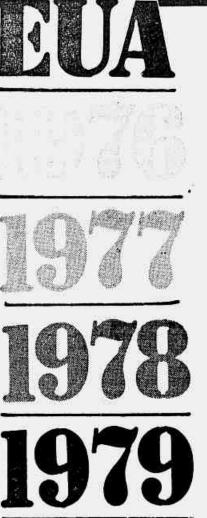
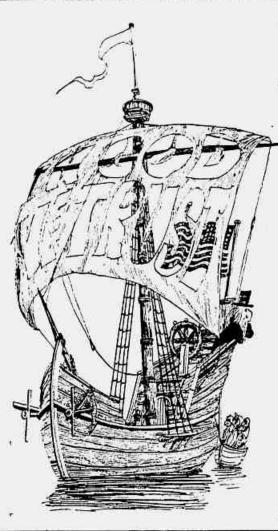
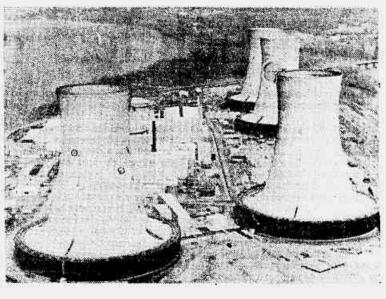
Embaraço administrativo criou, mas os escalões do Governo têm por obrigação evitar que sejam considerados simples embaraços a discussão de assuntos que interessam à nação como um todo, e que recebam os carimbos específicos numa fase de negociação, pois é elementar que, até uma determinada fase, o segredo é a alma do negócio.

A imprensa, como instituição, não pode apenas viver das conveniências daqueles que produzem notícias, dos **releases** de suas assessorias de Comunicação Social, dos **brieffings** e das entrevistas coletivas formais.

Não se critica aqui a necessidade e a oportunidade dos **brieffings**. Muito pelo contrário, eles propiciam um encontro diário entre aqueles que produzem e divulgam notícias e opiniões. E, mais do que isso, obrigam os dois lados do duelo a se prepararem, desde cedo, para as perguntas, indagações, perplexidades, respostas e meias respostas que surgirão — material precioso para as análises e editoriais dos meios de comunicação realmente preocupados em ajudar a formar uma opinião pública consciente.

Governo e Imprensa, neste momento de abertura e de reconciliação democrática, deveriam aproveitar episódios como o da Nuclebrás - KWU para meditar no que está muito claro num documento como o decreto **Inter Mirifica**, do Concílio Vaticano II, segundo o qual "é intrínseco à sociedade humana o direito à informação naqueles assuntos que interessam aos homens, quer tomados individualmente, quer reunidos em sociedade, conforme as condições de cada qual".

Luiz Orlando Carneiro é chefe da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília.

RICHARD NIXON

Uma superpotência intranqüila

Noênio Spínola

TODOS os anos a CIA publica um volume modestamente intitulado "uma ajuda para pesquisas" ou "manual de estatísticas econômicas", no qual os peritos desse órgão do Governo norte-americano procuram avaliar o poderio estratégico de nações e blocos de nações em torno do mundo.

Singularmente, o primeiro gráfico dessa publicação refere-se ao Produto Nacional Bruto de todos os países sobre a face da terra, aglomerados em fatias: o bloco comunista, de um lado, responde por 23%, as nações menos desenvolvidas ficam com uma fatia menor de 14% e o grupo dos industrializados avançados com mais de 62%.

Sozinhos, os Estados Unidos respondem quase por uma quarta parte da produção mundial no gráfico da CIA, e deveriam, por isso mesmo, estar tranqüilos em seu canto da terra, pois os parceiros mais próximos — Japão e Alemanha — estão muito distantes dos norte-americanos, com 8 e 6% respectivamente. Até mesmo a União Soviética, a despeito do imenso território e da vastidão de recursos naturais, guarda ainda uma certa distância quando se comparam os dados relativos ao Produto Bruto das duas superpotências.

Longe da tranqüilidade

Por que a sociedade ou o conglomerado de sociedades que se conhece sob o nome de Estados Unidos da América está longe da tranqüilidade? Quem tenha vivido nesse país durante algum tempo e mergulhado nas suas fontes populares, nos seus movimentos culturais ou políticos, de uma forma ou de outra terá sido tocado pelas imensas correntes de transformação que circulam sob uma superfície só aparentemente monolítica.

De onde nascem e o que motiva essas correntes transformadoras da sociedade norte-americana?

Hodding Carter, o porta-voz do Secretário de Estado, ele próprio um jornalista oriundo de família tradicional nos meios da imprensa, disse-me no dia em que fui realizar uma entrevista com Cyrus Vance, último trabalho como correspondente em Washington:

— Às vezes eu próprio me pergunto se há alguma forma definitiva de descrever este país...

E lembrou como era difícil o exercício diário de dialogar com os correspondentes locais e estrangeiros na sala dos **briefings** do Departamento de Estado, cada qual procurando respostas específicas para um certo problema do mundo, do Oriente Médio à África, do Mar da China a movimentos guerrilheiros na América Central, de um ditador que cai a um grupo rebelde que ameaça este ou aquele Governo nas mais remotas regiões.

— Por isso — disse ele — qualquer exercício para definir este país, como numa foto instantânea, corre aquele risco da piada dos cegos que tateando na barriga e na cauda ao mesmo elefante disseram que era uma parede ou uma cobra.

Um retrato sem retoques

Talvez Hodding Carter tenha razão, mas mesmo assim os Estados Unidos não são uma sociedade enigmática. Uma de suas principais características é exatamente a oposta: para sobreviver em Washington é preciso antes de mais nada descartar as informações inúteis, selecionar com extremo cuidado as fontes que alimentam o que transparece nas manchetes dos jornais ou, no dia seguinte, nas grandes cadeias de rádio e televisão, os filtros de certa forma arbitrários do que o cidadão comum consumirá do café da manhã à noite como produto do trabalho de imensos **networks**.

Pois antes de mais nada os Estados Unidos são superabundantes em "informação". Conta-se como exemplo clássico dos problemas decorrentes da eficiência ou superficiência nessa área que um órgão do Governo, encarregado de realizar determinada pesquisa, teve que solucionar antes de mais nada o problema gerado pelos volumes de "informes" gerados em vários departamentos, que ao desabarem sobre a divisão central encarregada de coordená-los lotaram mais de duas salas, empilhados até o teto.

Descartado o que é inútil ou repetitivo, entretanto, a sociedade é ainda assim dotada de graus de eficiência máxima nos campos da pesquisa e do desenvolvimento de novas tecnologias. Por que, então, não se solucionam os mais graves e gritantes de seus problemas?

Entre a escala e a política

Enquanto todos os países do Mercado Comum Europeu somados respondem por perto de 20% do Produto Bruto Mundial, os Estados Unidos, sozinhos, respondem por cerca de 24%. Por que, então, conseguem os europeus adotar políticas de energia muito mais restritivas de consumo, controlar suas inflações internas em níveis muito mais baixos e equilibrar as contas externas sem passar pelos déficits elevados na balança de comércio que tem levado o dólar a cair continuadamente nos mercados de câmbio?

Será a diversidade européia um fator favorável para o manejo político de cada país? Serão os seus sistemas sociais, fustigados por memórias de destruição, mais dóceis que o norte-americano, onde, apesar da II Guerra, do Vietnam ou da Coréia, nenhuma cidade continental jamais sofreu um bombardeio?

Há um grande debate interno nos Estados Unidos atualmente sobre os motivos pelos quais o país parece "ingovernável". Para muitos, é possível que tudo se traduza pura e simplesmente numa crise de liderança. Depois da queda ruinosa de Nixon com Watergate o país teve um curto período de Governo republicano em que a figura do Secretário de Estado Henry Kissinger predominou sobre o pano de fundo da Presidência de Gerald Ford, ele próprio incapaz de resistir à candidatura de Jimmy Carter. Um Carter tão desconhecido no processo preliminar de disputa da indicação de candidatos às convenções partidárias ao ponto de se tornar conhecido como "Jimmy Who?" (ou "Jimmy Quem"?).

A tese da ingovernabilidade do país decorre das escalas a que chegaram as grandes corporações, dos conflitos que marcam a própria vida partidária, de um ceticismo e absenteísmo popular traduzido pela participação cada vez menor nas eleições e por uma certa falta de propósitos ou objetivos nacionais que o próprio Carter reconheceu em um discurso dramático, precedendo às reformas de seu gabinete no mês passado.

Ingovernável?

A vida política partidária norte-americana tem oferecido também um quadro indefinido e freqüentemente confuso. Num sistema bipartidário, nem Republicanos nem Democratas são homogêneos, e muitas vezes é possível encontrar tendências mais conservadoras dentro dos democratas que no Partido oposto, onde tradicionalmente deveriam estar aglomerados os porta-vozes daqueles interesses.

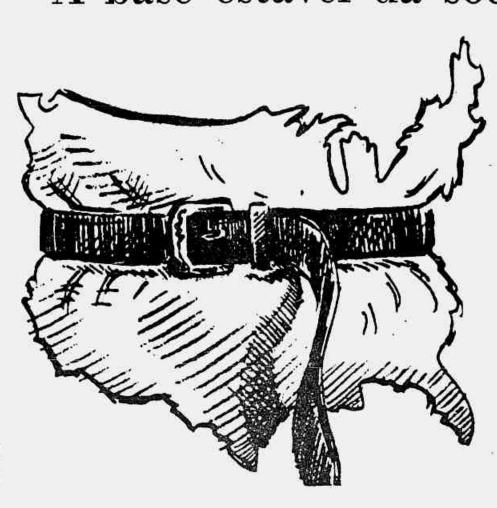
Os candidatos republicanos disseram, antes das eleições parciais de 1978, que "o país está se orientando num sentido mais conservador", e que os "grandes temas estão do seu lado". Mas isso é só em parte verdadeiro. Tanto é possível encontrar tendências conservadoras como populistas na sociedade norte-americana hoje em dia, e algumas das vitórias conservadoras mais dramáticas ocorreram dentro do próprio partido democrata (legenda do Presidente Carter), supostamente liberal por princípio. Assim, por exemplo, o ultra-liberal democrata Donald Fraser perdeu sua cadeira no Congresso porque foi derrotado dentro de seu próprio partido pelo ultraconservador Robert Short, em Minnesota, fenômeno semelhante ao que ocorreu em Massachusetts entre Edward King e Michael Dukakis. Tanto Short como King montaram suas campanhas falando pela classe média insatisfeita com o nível dos impostos e os resultados desagradáveis do social-liberalismo, com as plataformas de integração racial, melhor distribuição de renda e outros apelos populistas. Mais contraditórias ainda são algumas proposições de governadores democratas, como Jerry Brown, da Califórnia, acusado pelo eterno candidato republicano Ronal Reagan de copiar os seus mais caros programas de campanha (a Califórnia é o Estado onde nasceu a revolta fiscal no país com uma proposição logo copiada em toda parte como modelo de freio e rebaixamento no nível dos impostos). Na Casa Branca, onde Jimmy Carter chegou com promessas de elevar a oferta de empregos e beneficiar dessa forma as minorias raciais e as camadas mais pobres da população, guinadas conservadoras foram também adotadas, pois de outra forma o Governo se arriscaria a pagar o preço paralelo da gradativa desvalorização interna e externa do dólar, com níveis inflacionários sem precedentes.

A base estável da sociedade

AS causas da **confusão de linguagens** típica da política norte-americana contemporânea não são tão difíceis de identificar. Em primeiro lugar, o modelo econômico requer uma coerência administrativa mínima para manter-se funcionando normalmente, e essa coerência é razoavelmente garantida pela estabilidade institucional.

Por exemplo: poucos dias antes de um novo nome ser indicado para a direção da Junta da Reserva Federal, que controla os mecanismos financeiros básicos, um dos seus porta-vozes nos disse que a política de juros não dependeria de quem fosse nomeado pelo Presidente Carter. Suas correntes fundamentais já estavam definidas no chamado **mercado de opções**, e a diretoria do Federal Reserve seria suficientemente independente para induzir o novo presidente a aceitar o voto da maioria. E assim aconteceu: o Presidente mudou a chefia do Federal Reserve mas a política de taxas de juros continuou tão conservadora quanto se na Casa Branca estivesse um Republicano, e não um democrata.

Essa base estável da sociedade é um dado favorável para que ela opere com certa racionalidade econômica. Mas, ao mesmo tempo, oferece em outras áreas desafios tão grandes ao ponto de se discutir nos Estados Unidos de hoje se até um **supernome** como Kennedy na Casa Branca não seria devorado no dia seguinte pela mesma e implacável dose de autodeterminação que os mecanismos institucionais incorporaram.

Por outras palavras, começa-se até a admitir que a hipótese de um virtual **ditador** não pode ser descartada, embora todos os sinais mostrem que a grande vocação do país é democrata e os exemplos de tentativas autoritárias (Nixon, com Watergate) revelem que a sociedade é implacável em punir os que querem se sobrepor aos princípios de liberdade e respeito à lei.

Os Fracassos de Carter

A hipótese sombria do **ditador** foi inserida em uma pesquisa da revista **Time** sobre as lideranças nos Estados Unidos, e é apenas uma especulação, segundo sociólogos e pensadores otimistas. Estes acreditam que o país movimenta-se em ciclos de altos e baixos, com o momento atual caracterizando-se como um dos poços mais fundos da falta de liderança neste século.

A julgar pelas sondagens de opinião pública, o grande vácuo parte do próprio Carter, que se desgastou rapidamente com uma série de incoerências na política externa e de fracassos na política doméstica. Incoerências e fracassos traduzem-se na preferência esmagadora da maioria (mais de dois terços) dos democratas pelo Senador Edward Kennedy como candidato à sucessão presidencial, e no desesperado esforço do próprio Carter para reformular a fachada de seu Governo às vésperas das eleições primárias dentro de seu próprio Partido.

No plano interno, o Presidente está perdendo o eleitorado por vários motivos: primeiro, por causa da inflação, já em níveis superiores a 10% ao ano. Segundo, porque não conseguiu propor soluções rápidas para a crise de energia.

O primeiro programa de energia que o Presidente propôs ao Congresso saiu de lá mutilado. E tão fraco foi o Governo em sustentar seu modelo ao ponto de não conseguir sequer passar uma proposta para fazer com que os **carrões** altamente consumidores de gasolina pagassem impostos proporcionalmente mais caros que os modelos econômicos. Tão incoerente foi a administração ao ponto de só dois anos e meio depois de instalada surgir com propostas heróicas para desenvolver fontes alternativas de energia e de transporte de massas.

Carter, afinal, foi **atropelado** pelas filas nos postos de gasolina e pela dramática realidade do crescimento horizontal das cidades norte-americanas, as quais transformaram o automóvel numa necessidade tão vital quanto a própria comida, o vestuário e a escola. "Temos que reconhecer que somos deficientes em transportes de massa" — disse certa vez John O'Leary, o número 2 no gabinete do demissionário Ministro de Energia, James Schlessinger, numa discussão com um grupo de correspondentes no Foreign Press Center, em Washington. O'Leary é um dos que caíram com Schlessinger.

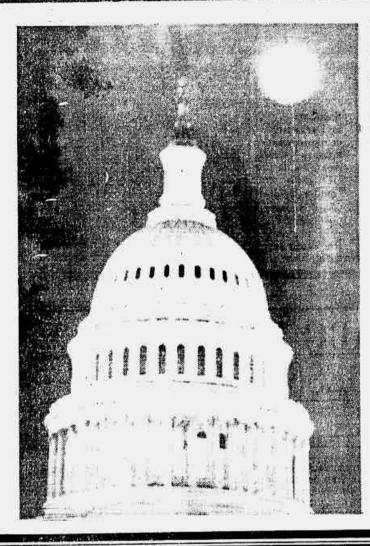
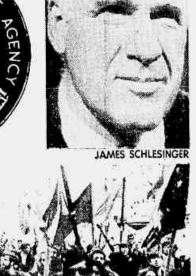
De forma espasmódica, o Presidente tem conseguido "sensibilizar" a opinião pública para os problemas com as importações de petróleo, que tornam os Estados Unidos altamente vulneráveis ao que as elites políticas locais consideram como "chantagem da OPEP". Uma "chantagem" que se mede pelo déficit de cerca de 40 bilhões de dólares na balança de comércio (exportações de 156 segundo os dados de 1977). Mas essa "sensibilidade" logo se esmaece quando a gasolina retorna aos postos, e os carrões, indiferentes à iminência de uma nova crise, voltam a rolar nas ruas proporcionando o "conforto", um dos mitos ou monstros sagrados da moderna civilização norte-americana.

Tem-se questionado relativamente pouco

KISSINGER

JAMES SCHLESINGER

BERT LANCE

GERALD FORD

EDWARD KENNEDY

as mudanças radicais pelas quais a sociedade desse país vem passando nas últimas décadas. Uma delas deve ter influências profundas sobre o comportamento dos indivíduos e o próprio manejo dos aparelhos políticos: a computação.

Nos Estados Unidos de hoje, existem cerca de 716 telefones por mil pessoas, contra 425 no Japão, 330 em média nos países do Mercado Comum Europeu e 108 nos do Leste europeu (área socialista). O fenômeno "comunicação" integra-se com o uso intenso de computadores, que por sua vez aceleram a transferência de empregados diretos na produção (pessoas que acionam alavancas) para a prestação de serviços (pessoas que apertam botões ou comandam sistemas de decisões automáticos). O exemplo mais dramático da máquina autônoma e do computador cujos sinais não são imediatamente "compreendidos" e "digeridos" pelo "cérebro humano" que deve funcionar ao seu lado talvez esteja na energia nuclear e em acidentes recentes, nos quais a usina de Três Milhas ficou famosa como quase catástrofe.

Que eu conheça, nenhum estudo caracterizou ainda de forma adequada qual o impacto do extraordinário avanço da automação para o exercício da liderança política nos Estados Unidos. Algumas especulações têm sido feitas abordando as transformações no comportamento do indivíduo nas corporações, onde o "colarinho branco" prevalecerá de forma esmagadora sobre pequenos números de empregados diretos na produção.

Reflexos dos desencontros entre as máquinas e os líderes podem ser identificados no próprio Congresso, onde já há algum tempo senadores e deputados são extremidades eventuais de complexas engrenagens de assessores, muito mais do que dos gritos de seu eleitorado nas províncias de onde vieram. Esses **staffs** tendem a trabalhar muito mais em função de "opções lógicas", dado o sistema de forças a que são submetidos, que de opções meramente políticas, onde a "sensibilidade" do líder deveria estar em jogo. Esse fenômeno tem gerado um debate que vai e volta sobre até que ponto um senador é eleito para representar seus eleitores, ou recebe um mandato para usar sua própria inteligência e tomar decisões de acordo com o que "ele", e não o homem que vota, acha melhor ou mais justo.

Esse tipo de dilema talvez reflita o estágio imperfeito da "aldeia global" em que os Estados Unidos se constituem, rumo à "aldeia perfeita" do próximo século, quando se completarem mutações dramáticas. Essas mutações serão determinadas pela crise de energia, pela implantação de sistemas integrados de comunicação e computação de dados e pelo caráter instantâneo que o "comício" terá, quando as grandes engrenagens de sondagens de opinião pública deixarem de ser meros canais de "informação" para se transformarem em "canais de debate". Talvez sob este aspecto se possa dizer que a "crise de liderança" é fruto de um momento da história. Se esse momento for feliz, poderá gerar nas próximas décadas uma sociedade extraordinariamente evoluída. Se fracassar, será um dos maiores colapsos que a história da humanidade registrará em todos os tempos.

A imprensa: uma vítima?

É possível que a imprensa tenha a sua parte na crise da informação nos Estados Unidos. Não que alguém ponha em dúvida as vantagens de um sistema aberto e sem qualquer espécie de censuras. No entanto, a convivência com os jornalistas norte-americanos revela claramente que existem tabus, ou, pelo menos, preconceitos e indiferenças.

Supostamente, a imprensa deve fornecer o que o público "deseja": ler, ver ou ouvir. Mas até onde os repórteres refletem realmente o que o público desejaria perguntar e investigar? Quando o Presidente Carter veio ao Brasil, eu ouvi um repórter de primeira linha da cadeia de televisão ABC dizer que na entrevista coletiva prevista para Brasília não faria perguntas sobre Brasil ou energia nuclear. "Quem está interessado nisso?" — comentou Sam Donaldson. "Meu público quer saber é de Oriente Médio..."

Por isso o Presidente Carter pregou sozinho durante muito tempo no deserto sobre os problemas da energia nuclear e das nações industriais emergentes até que o desastre de Três Milhas atingiu a nação em seu ponto de gravidade: ali perto de onde Sam Donaldson mora e de onde eu morava, uma nuvem radioativa poderia começar a se desprender de reatores danificados causando danos incalculáveis.

Quem quer que freqüente os **briefings** do Departamento de Estado verá que a despeito das erupções críticas aqui e ali o repórter internacional norte-americano tem meia dúzia de idéias fixas. Numa pesquisa para a Universidade de Colúmbia a jornalista Norma Coury, JORNAL DO BRASIL, constatou estatisticamente essa verdade, analisando pergunta após pergunta dos redatores credenciados no Departamento de Estado nas transcrições de **briefings** durante um certo período de tempo. O que as transcrições mostram é que o diálogo Norte-Sul praticamente inexiste e as preocupações se repetem com uma monotonia exasperante.

A imprensa tem consciência desse fato e se autocritica. Ainda assim os clichês se repetem. O argumento dos representantes dos grandes jornais é fulminante para defender seu modelo, com ou sem **bias**: isto ainda é muito melhor que a monotonia das imprensas controladas por um poder central autocrático e totalitário, que não permitiria jamais a exposição dos seus próprios pecados.

Consumir, antes de poupar

NÃO é preciso ser um economista extraordinário para perceber por que o povo americano é hoje um dos que menos poupa no mundo: 5% apenas do Produto Bruto é economizado, contra 25 no Japão, 18 na Alemanha, 15 na França.

Como poupar, se os juros pagos estão abaixo da inflação de 11% ao ano? Obviamente, se a poupança declina, os investimentos também caem, e, por isso, nos últimos 14 anos os Estados Unidos permaneceram com taxas de crescimento incomparavelmente mais baixas do que as de seus outros parceiros industrializados.

A inflação e os problemas de energia são uma constante na vida do americano médio. Foi o principal assunto de nossa conversa com a família Hope que nos ofereceu o último **breakfast** de nossa estada em Reston, Virginia. Reston é considerado pelos urbanistas como um dos 15 melhores bairros residenciais do país (fica na periferia de Washington) e os Hope moram numa casa com jardins na frente e nos fundos, em quatro pavimentos, com três salas e quatro quartos, ar condicionado central, amplas janelas e varandas, totalmente atapetada. Semelhante à em que morei, não custaria mais de 70 mil dólares em Reston e seu aluguel não ultrapassaria os 500 dólares por mês (cerca de 15 mil cruzeiros).

Por outras palavras, os Hope vivem com um conforto que se compararia aos que são muito ricos no Rio, pagando um preço semelhante ao que pagam os moradores de classe média por um modesto apartamento de dois quartos na Zona Sul. Por que então os Hope estariam infelizes? Porque seu padrão de vida se tem apertado com o tempo: os filhos (3) começam a absorver parte da renda familiar, os preços dos serviços básicos subiram e a inflação de fato tem roído uma parte do seu salário. Exemplo: quando chegamos a Reston, em dezembro de 1976, um galão de gasolina (pouco menos de 4 litros) custava 66 centavos de dólar. Quando saímos, no início de agosto, custava perto de 1 dólar. Os Hope, como qualquer morador dos subúrbios nas cidades norte-americanas, não podem prescindir dos carrões, e este certamente será um dos maiores problemas da sociedade no futuro, pois as cidades cresceram na direção do horizonte, amplas, amenas, mas sem transportes de massa.

A paisagem dos Hope é um campo de golfe que se estende pelas colinas, verde e ondulado, até um lago onde se patina sobre o gelo no inverno e veleja no verão. Como mudar os padrões de conforto fora do comum e reinduzir a sociedade a poupar? Eis aí um dos maiores dilemas contemporâneos do povo norte-americano, porque também se pode perguntar, de qualquer forma:

— Poupar para quê?

Morreram os acionistas?

Só escassamente a sociedade capitalista norte-americana moderna lembra os tempos heróicos em que os indivíduos poupavam, tomavam iniciativas e fundavam o que seria o embrião das grandes corporações modernas. Pouco a pouco, o investidor **institucional**, isto é, grandes fundos de pensão, companhias de seguro e caixas coletivas de poupança tomam o lugar daquele **investidor heróico**.

No fim do ano passado, por exemplo, os fundos de pensão privados controlavam nada menos que 106 bilhões de dólares sobre o valor de 1 trilhão de dólares das ações de companhias registradas no mapa do **fluxo de recursos** do Federal Reserve System. Pouco a pouco essas grandes caixas coletivas estão assumindo um papel de destaque no próprio processo de decisão das grandes corporações que pretendem atrair capitais para expandir ou iniciar negócios. O individualismo do acionista isolado dentro da própria corporação vai assim desaparecendo, na medida em que as empresas se tornam mais horizontais e lutam pela sobrevivência na base da competência de suas administrações e não da inspiração isolada do herói do capitalismo schumpeteriano.

Isso faz com que a América moderna seja mais coletivista, e menos individualista. No entanto, as empresas também cresceram no mundo e se distanciaram de certa forma dos antigos objetivos nacionais, ou tentaram subordinar estes aos seus próprios interesses. Ocorre também que as grandes corporações pouco a pouco transferem a luta pelo controle de fontes de matérias-primas ou recursos naturais para o campo onde dominam plenamente: a posse da inovação tecnológica.

Essas transformações ocorrem quando a América repousa sobre uma base econômica extraordinariamente sólida, graças aos recursos naturais de que dispôs no passado, à imigração qualificada e ao alto grau de educação do povo, o que lhe confere estabilidade e poder. O que se pergunta, entretanto, é até que ponto as áreas vulneráveis (como a escassez de petróleo) e a incapacidade das lideranças para orientarem uma reciclagem mais rápida não levarão o país a uma crise descontrolada. Os otimistas acham que uma vez mais a História dará uma lição de custos e preços: quando o petróleo chegar a preços insustentáveis, os substitutos começarão a aparecer. E, outra vez, a América terá o privilégio da solução através das inovações tecnológicas. Um raciocínio com o qual os pessimistas não concordam, pois o mundo é cada vez mais competitivo e outras nações ou blocos poderão tomar a dianteira no mesmo passo em que caem os níveis internos de produtividade norte-americana, reflexo de um mal que não é apenas econômico, mas social.

O racismo...

Michele, a filha adotiva de uma família negra (a única em nosso bairro) era bem-vinda em nossa casa e amiga das crianças brancas da redondeza. Mas o vizinho mais próximo evitava seus pais. Michele e sua família foram para nós o retrato do outro lado da América: a sociedade ainda segregacionista que faz um esforço gigantesco de integração, na esperança de maior solidariedade entre as gerações futuras.

Há algo de irracional em tudo isso, típico do ser humano. Washington, Capital norte-americana, é predominantemente negra. O prefeito é negro, a política local é controlada pelos negros. Mas os subúrbios são brancos, pois os negros não têm renda suficiente para manter dois carros e pagar os custos mais elevados dos imóveis da periferia de Maryland e Virginia.

Os negros, por seu turno, também discriminam os brancos. O Embaixador demissionário à ONU, Andrew Young, foi citado dizendo que não se casou com uma branca pois sabia os custos sociais disso dentro de seu eleitorado. Young, ele próprio vítima da repressão **branca** na década de 60, é contraditoriamente um exemplo do esforço de integração da sociedade da década de 70.

... E o sentimento de culpa

Mais do que qualquer outra sociedade, a norte-americana expõe impiedosamente suas próprias feridas e se autocritica. Por ter emitido alguns cheques sem fundo (coisa que é absolutamente legal na legislação norte-americana, desde que o indivíduo tenha uma conta corrente regular num banco) Bert Lance, o homem que o Presidente Carter levou para a Casa Branca como braço direito para o mundo dos negócios, foi obrigado a renunciar.

Bert Lance é um fragmento apenas do enorme autocriticismo da sociedade, que em alguns casos quase parece autoflagelação ou impulso suicida. Estarão os norte-americanos outra vez retornando ao puritanismo das raízes da colonização protestante? Ou será esse criticismo feroz apenas uma exteriorização de exacerbado processo democrático que "expurga" automaticamente os jogadores de mãos menos limpas?

Um sintoma regular dos padrões de moral a que os funcionários e todos os que passam pela vida pública se expõem, está nos títulos fortes de primeira página que jornais tão conservadores quanto o **Washington Post** dão, quando alguém é pilhado lesando os cofres públicos em quaisquer 1 ou 2 mil dólares (Cr$ 30 mil ou Cr$ 60 mil, em números redondos). Não é preciso roubar um milhão para ir para a primeira página como em outras repúblicas mais tolerantes.

A CIA não é um exemplo

O enorme purgatório em que se transformou a sociedade norte-americana dos anos 70 tem seus problemas de consciência e seus dilemas de sobrevivência. Deles, a CIA talvez seja o mais dramático. Pois primeiro o tremendo espírito crítico da nação desmontou o que de repente lhe pareceu um "corpo estranho" dentro de sua estrutura de poder equilibrado entre o seu Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

A CIA foi acusada de se transformar em um "poder paralelo" dentro da administração, e, por isso mesmo, passou por um severo processo de "reajustamento" que culminou com a nomeação do Almirante Stansfield Turner pelo Presidente Carter para dirigi-la. A partir daí todos os trabalhos da CIA foram subordinados a solicitações dos "formuladores de política" no Departamento de Estado e particularmente no Conselho de Segurança Nacional.

Essa reviravolta gerou reações, pois os grupos "duros" do Congresso começaram a alegar desvantagens, comparando a CIA com a KGB e a margem de manobra de que um regime centralizado como o soviético dispõe sobre o sistema aberto norte-americano. Parte da política de defesa dos direitos humanos se explica por isso mesmo. Por outras palavras, a "ferramenta" do liberalismo seria a forma de induzir sociedades autoritárias a permitirem mais liberdade aos seus dissidentes internos, equilibrando melhor os termos da competição internacional.

Muita gente em altos escalões da política externa norte-americana acredita que essa estratégia está correta e que demonstrará seus frutos a longo prazo. Pois não apenas realinhou os Estados Unidos com as correntes políticas mais progressistas nos países em desenvolvimento, como ainda terá estimulado a auto crítica nas sociedades fechadas. O que é difícil discernir é até onde a formulação intelectual dessas plataformas reflete ou foi assimilada pelas massas.

Num país onde a bandeira é usada nas escolas, nos bancos, nos edifícios públicos e cultuada no interior dos lares, o velho sentimento de patriotismo e de liberdade parece ainda afastado das proposições Políticas mais sofisticadas. Os negros podem saber o que significa a luta pelos direitos civis. O morador das grandes cidades pode compreender instantaneamente o que significa mudar a política de energia. E o homem do campo sente na pele qual a diferença entre a evolução dos preços dos tratores e a dos preços agrícolas. Mas terão todos consciência do que será a nova América? Do que pensa Zbigniew Brzezinski quando formula a teoria dos direitos humanos ou qual o sentido real das crises no Oriente Médio, da reaproximação com a China ou do acordo de limitação de armas estratégicas com os soviéticos?

Às vezes, vivendo nos Estados Unidos, tem-se a sensação de que o povo está alheio a algum grande "motivo" ou a algum grande destino nacional. Uns explicam isso pelo vazio de liderança. E, se de fato algo é real e sensível nesse país, é o vácuo deixado pelos grandes momentos do passado em que a nação forjou sua presença no mundo contemporâneo.

Outros acham simplesmente que os Estados Unidos esgotaram um "modelo" de crescimento e de liderança deixando espaço para a expansão de novas economias e sistemas políticos. Muitos, por fim, acham que o mundo simplesmente mudou e já não há lugar para a "hegemonia" do pós-guerra exercida pelos Estados Unidos, de onde emanavam as grandes decisões políticas e econômicas. Na própria Casa Branca esse raciocínio é discretamente desenvolvido e traduzido no "mundo pluralista" de Brzezinski. Por enquanto, amplos segmentos a "pax Americana" à idéia de negociar o equilíbrio com seus rivais mais poderosos ou com os blocos de nações emergentes da Ásia, da África ou da América Latina.

O Brasil à distância

Minha última incursão ao Departamento de Estado passou por um gabinete onde os problemas brasileiros são analisados atentamente. "Sabemos que o Brasil tende a diversificar suas relações — disse-me um dos homens — chave nessa área. E isso é natural. Isso é parte do próprio processo econômico do país, a longo prazo."

Quando lhe perguntei pela União Soviética ele também respondeu com naturalidade sem parecer surpreso pelo fato de que eu ia para Moscou. "Temos os nossos interesse, os soviéticos os deles." A teses dominante não é hoje de "confrontação" com a URSS, tanto quanto prevaleçam as correntes lideradas pelo secretário de Estado Cyrus Vance, mas da "competição" numa arena onde cada qual defenderá seus próprios interesses.

Singularmente, muitos formuladores e estrategistas da política externa aceitam a tese de que cada sociedade deve exibir o que tem de bom ou de precário, e de que talvez uma boa parte dos preconceitos ou dos fascínios intelectuais por este ou aquele regime decorre do desconhecimento de realidades internas, dos padrões de cultura, de liberdade ou de simples desenvolvimento material.

Num mundo onde as barreiras tendem a cair e o conhecimento mútuo se acelera de forma vertiginosa, a mensagem que recolhi talvez tenha sido de autoconfiança da parte norte-americana em seu próprio modelo político e econômico. Ou de simples realismo diante do fato de que cada vez mais as idéias circulam, fundem-se e se aperfeiçoam, cada nação contribuindo com um pedaço de sua própria verdade para o avanço da espécie humana.

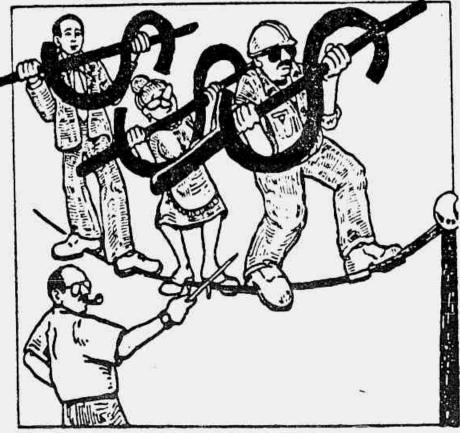
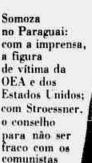
Noênio Spínola, correspondente do JORNAL DO BRASIL em Washington de dezembro de 1976 até julho deste ano, assume nesta primeira semana de setembro o cargo de correspondente do JB em Moscou.

Fotos Rosental Calmon Alves

Somoza no Paraguai: com a imprensa, a figura de vítima da OEA e dos Estados Unidos; com Stroessner, o conselho para não ser fraco com os comunistas

Arquivo

PARAGUAI

30 ANOS DE ESTADO DE SÍTIO
25 ANOS DE STROESSNER
E AGORA, SOMOZA

Rosental Calmon Alves

MAL teve tempo de começar a desarrumar sua bagagem, na noite de domingo, dia 19 passado, em Assunção, Paraguai, o ex-ditador nicaraguense recebeu a visita do Presidente Alfredo Stroessner. Os dois sentaram-se numa poltrona marrom da luxuosa casa que Anastasio Somoza está ocupando nesta capital e, na presença de alguns generais paraguaios, conversaram sobre a guerra civil da Nicarágua. O General Stroessner demonstrava uma apressada curiosidade:

— Por que você caiu? Como pôde acontecer isso? O que aconteceu realmente?, Perguntou ele ao seu hóspede, segundo informação confirmada por diversas fontes responsáveis de Assunção.

— Eu fui fraco demais com os comunistas. As coisas devem estar sempre sob controle...

Somoza fez então um histórico da situação do seu país e explicou a Stroessner que tudo podia ter sido evitado se tivesse reprimido seus opositores com mais rigor. Os oposicionistas paraguaios temem que isso possa ter reflexos na política interna de seu país, com um endurecimento da repressão política. Por outro lado, lembram que ao trazer um personagem tão tristemente célebre no mundo contemporâneo, Stroessner poderia estar ajudando involuntariamente a chamar a atenção internacional para seu regime.

Efetivamente, jornais de todos os continentes lembraram-se de que, há mais de 30 anos sob estado de sítio (agora restrito oficial e simbólicamente à região da Capital), o Paraguai tem sido palco de uma das mais implacavéis ditaduras deste século. Um regime protegido por uma espécie de muro de silêncio internacional, talvez pela reduzida importância estratéfica deste pequeno país.

Ao circular pelo mundo a notícia da recepção a Somoza, a imprensa internacional recordava, sobretudo, as acusações que pesam sobre o Governo Stroessner de haver concedido hospitalidade a criminosos de guerra nazistas, mafiosos, traficantes de drogas, vigaristas e outros procurados pela Interpol. Afinal, que país é este? Que Presidente da República é este, que além de hospedar Somoza como um herói, se apressa em ir visitá-lo no seu novo **bunker?**

Antes de mais nada, o Paraguai é um país que vive às vésperas de profundas transformações em todos os setores, graças ao progresso econômico gerado pela construção, em sociedade com o Brasil, da maior hidrelétrica do mundo, a usina de Itaipu. Benefícios, aliás, que serão acrescidos pelo outro projeto hidrelétrico binacional, a usina de Yaciretá, que será construída na fronteira com a Argentina, segundo entendimentos que agora chegam ao final.

Enquanto a crise de energia vai-se agravando em todo o mundo, o Paraguai, com seus recursos naturais e o dinheiro dos dois vizinhos ricos e de instituições de crédito internacionais, abre caminho aceleradamente para ocupar a invejável posição de exportador de energia. Esse situação não deixa de ser uma grande vitória para o regime do General Stroessner, mas pode converter-se num dos fatores mais atuantes no sentido de extinguir o atual regime.

Filho de um imigrante alemão e uma paraguaia, o General Alfredo Stroessner, aos 67 anos, ainda mantém os hábitos rigorosos da caserna, a começar pelo de despertar cedo, por volta das 5h da manhã. Às 6h, já está despachando em seu gabinete no Palácio Lopez, à beira do Rio Paraguai, ou no Comando-Geral do Exército. Ele faz questão de controlar pessoalmente problemas de todo tipo, que jamais chegariam a um Chefe de Estado na maioria dos outros países.

Durante 25 anos, governando com mão de ferro, o General Stroessner não encontrou grandes dificuldades para exercer esse Poder personalista, forjando um regime que, de certa maneira, se assemelha ao franquismo.

Mas agora, somente o projeto Itaipu representa a entrada anual no Paraguai de 200 milhões de dólares. Estes ingressos e mais as perspectivas otimistas da repercussão dos projetos hidrelétricos vão representando desde já um impacto muito forte na vida dos dois milhões 800 mil paraguaios. O controle pessoal de todos os negócios do Estado vai-se tornando cada vez mais difícil.

Alguns ministros e outros integrantes da mais alta hierarquia do país estão em seus cargos há 20 ou 25 anos (a maioria há mais de 10 anos), chefiando esses setores da administração nacional como verdadeiros feudos. Nas Forças Armadas, o sistema de promoções está cheio de obstáculos para os jovens oficiais. Além disso, o Presidente Stroessner reserva para si mesmo as funções mais importantes de comando militar no país, mantendo sempre um sistema de vigilância bastante rígido para prevenir conspirações.

O Partido Colorado, que legitimou o Governo Stroessner, desde o golpe que derrubou o Presidente Chaves em 1954, tornou-se há alguns anos uma fonte de insatisfações dentro do próprio regime. Mesmo entre os que não formaram dissidências, há um descontentamento latente, que pode ser notado, por exemplo, pela falta de oportunidades reais de ascensão. Costuma-se dizer que entre os quadros juvenis dos colorados há pessoas de 40 ou 50 anos.

O crescimento econômico está ampliando também o grau de exigências da classe média paraguaia, cada vez mais inconformada com um regime tão anacrônico que lhe é apresentado ostensivamente através de desgastados discursos que se repetem há 25 anos. Esse setor da população sente claramente, também, a necessidade de ter uma participação maior no bolo que se está dividindo entre o pequeno grupo dominante.

Por sua vez, a imprensa também sofre os reflexos dessa situação. O Paraguai possui atualmente jornais de qualidade gráfica e informativa melhor que os de algumas outras capitais latino-americanas. Desde que há 12 anos começou a funcionar, o **ABC Color** criou e ampliou um mercado publicitário hoje disputado em termos puramente empresariais. A concorrência surgida com o aparecimento de outros jornais e a pequena liberalização que o Governo concedeu há cerca de seis meses levaram à necessidade de uma certa oposição ao regime como forma de vender jornais.

Num país onde a corrupção atinge praticamente todos os setores, onde o contrabando é institucionalizado e a polícia política aplica métodos brutais de repressão, não faltaram aos jornais as primeiras e consistentes denúncias, depois de muitos anos de silêncio. Mesmo procurando ficar dentro de certos limites, a imprensa passou a desempenhar um papel importantíssimo no atual contexto político paraguaio. E, ao mesmo tempo, passou a ser visada pelo Governo, que hoje mostra aos jornais uma face ameaçadora.

Há dois meses, o Governo suspendeu por 30 dias a circulação de um matutino e um vespertino, sem nenhuma causa imediata. Antes de mais nada, a medida foi uma ação intimidatória, destinada a atingir também o maior e mais poderoso jornal, o **ABC Color**, que reagiu energicamente. A reação mais surpreendente, entretanto, partiu do Embaixador dos Estados Unidos, Robert White, que divulgou declarações advertindo que a ação teria efeitos nas relações entre Washington e Assunção.

Lembrando a Carta das Nações Unidas e a Convenção da OEA, o Embaixador frisou que "a ação governamental de qualquer Estado membro que afete a liberdade de imprensa é assunto de legítima preocupação internacional e não exclusivamente um problema de jurisdição doméstica". O Governo paraguaio não respondeu, mas ficou claro, mais uma vez nesse episódio, que os Estados Unidos já não apóiam Stroessner. Ao contrário, estão dispostos a denunciar o regime como violador dos direitos humanos e a pressioná-lo, se for preciso.

Arquivo

Ministro do Interior, Sabino Montanaro

DIREITOS HUMANOS, VIOLAÇÃO CONSTANTE

"A análise objetiva de dados e elementos de juízo que se encontram em poder desta Comissão permite chegar à conclusão de que na República do Paraguai existe uma ordem de coisas, devido à qual a maioria dos direitos humanos reconhecidos pela Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e por outros instrumentos dessa índole não somente não são respeitados de acordo com os compromissos internacionais firmados por esse país, mas também que sua violação se tornou um hábito constante".

(Trecho da conclusão do Informe Sobre a Situação dos Direitos Humanos no Paraguai, **realizado em 1978 pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da OEA)**

— Por que a Comissão Interamericana dos Direitos Humanos não vai ao Brasil averiguar a questão do esquadrão da morte? Respeito o seu país e sua pessoa como jornalista, mas ninguém se preocupa com o fato de que, a cada manhã, os jornais dão a lista dos que amanhecem vítimas do Esquadrão da Morte. O Uruguai tem 2 mil 300 tupamaros presos, o Governo argentino diz que tem 1 mil 506 presos políticos. Que querem ver aqui no Paraguai? Temos só três presos políticos..., diz o Ministro do Interior, Sabino Montanaro.

Desde que foi criada, em 1960, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) vem recebendo denúncias sobre violências atribuídas ao Governo do General Stroessner. Há dois anos e meio, a CIDH está tentando enviar uma subcomissão para realizar observações. O Governo de Assunção não nega autorização expressamente, mas vem adiando a permissão para essa visita.

As denúncias da CIDH e a mudança da política norte-americana em relação aos regimes ditatoriais que apoiava anteriormente fizeram com que o Paraguai reduzisse bastante o número de presos políticos, alguns dos quais estavam detidos sem processo por mais de dez anos. Mas as prisões continuaram, e ainda hoje são freqüentes e com os mesmos métodos violentos de antes.

No dia 4 de agosto passado, por exemplo, o próprio chefe da polícia política (Departamento de Investigações) invadia a casa de uma família argentina no bairro de Loma Pytá, na Capital, e, depois de uma sessão de espancamento no próprio local, os vizinhos viam uma cena chocante. Cambaleante, saía preso o chefe da família, Oswaldo Landi, com uma pequena toalha tentando ocultar sua nudez. Junto, eram levados para os cárceres da Rua Francisco Franco, a mulher de Oswaldo e o filho do casal, Toto, de dois anos e meio.

Essa operação atingiu outras famílias de estrangeiros e tudo indica que foi executada em coordenação com as polícias do Uruguai, Argentina e Chile, visando à prisão de refugiados políticos desses três países. Mas prender famílias inteiras é uma ação normal da polícia política paraguaia e a CIDH já manifestou preocupação sobre esse aspecto no seu informe do ano passado:

— A Comissão considerou com singular preocupação as contínuas denúncias recebidas sobre o número de mulheres grávidas que foram detidas e deram à luz na prisão, assim como mulheres detidas com crianças pequenas. Entre as crianças nessas condições, que se aproximam de 18 (na época do informe), há duas que completaram dois anos de cadeia junto com suas mães.

Apesar de toda a repressão, funciona há 12 anos no Paraguai uma Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, liderada pela ex-Deputada oposicionista Carmem Lara Castro, que atualmente está sendo processada pelo Governo num suspeito processo judicial em que é acusada de "obstruir a ação policial". Também a Igreja desempenha um papel de resistência destacado e chegou a excomungar o Ministro do Interior, o chefe da polícia e algumas outras autoridades locais, acusadas de envolvimento em prisões e torturas a sacerdotes e camponeses.

A Igreja já denunciou também várias vezes a precariedade do aparato judicial no Paraguai, onde os juízes não são suficientemente independentes, agravando ainda mais o quadro dos direitos humanos. Há ainda a lei 209, adjetivada de "liberticida" pela Oposição, que o regime usa para enquadrar como "agitador" ou "subversivo" qualquer pessoa que o incomode.

OS DIFÍCEIS CAMINHOS DA OPOSIÇÃO

PELA primeira vez, nesses 25 anos de Governo Stroessner, a oposição paraguaia conseguiu unir-se, recentemente, no chamado "Acordo Nacional". Essa união foi ratificada na prática há apenas duas semanas, graças ao MDB, que ao promover uma Reunião de Partidos Democráticos Latino-Americanos, em Curitiba, deu oportunidade a que se encontrassem pela primeira vez políticos paraguaios de diferentes tendências que querem acabar com o atual regime no seu país.

Apesar de finalmente unida, a oposição não chega a ameaçar seriamente o Governo, que durante os últimos anos conseguiu dividir ou destruir de tal maneira os Partidos capazes de alguma reação que não acredita na possibilidade de uma reorganização. O Partido Liberal, por exemplo, cindiu-se já em seis, dos quais o mais forte atualmente é o Partido Liberal Radical Autêntico.

O Presidente Alfredo Stroessner conseguiu reeleger-se seis vezes, para períodos de cinco anos, o último dos quais terminará em 1983. Os oposicionistas são capazes de contar uma infinidade de casos escandalosos de fraudes eleitorais, mais o Governo insiste que a votação é realizada num clima de absoluta liberdade, que, de acordo com as versões oficiais, causaria inveja aos países mais democráticos do mundo.

— Isto aqui parece a Albânia, comentou um experimentado mais assustado diplomata que trabalha em Assunção e tem o costume de falar com o rádio ligado alto, "para atrapalhar os microfones ocultos". Outro funcionário estrangeiro arremata: "Aqui as paredes têm ouvidos".

Talvez não chegue tanto à sofisticação eletrônica, mas o sistema de controle social no Paraguai é bastante abrangente. Além da polícia política, o Governo conta com a atuação onipresente do Partido Colorado, ao estilo de vigilância exercida pelos Partidos comunistas de alguns países totalitários. A exemplo destes, o Partido Colorado também é dividido em seções e subseções que cobrem todas as cidades, bairros, quadras e os pequenos povoados do interior. Teoricamente, o dirigente de cada setor é eleito pelos filiados do Partido. O cargo é remunerado, mas o poder é o que mais atrai esses vigilantes, que tratam o Presidente Stroessner como se fosse um deus.

Para trabalhar em qualquer repartição pública ou ser funcionário do Estado em qualquer nível, é preciso filiar-se ao Partido Colorado. Com maior ou menor intensidade, dependendo do caso específico, essa discriminação é feita também na empresa binacional Itaipu (entre os funcionários paraguaios, naturalmente) e até em algumas empresas multinacionais.

"A constituição diz claramente que para os postos públicos só pode ser exigida idoneidade", reclama um político do Partido Liberal. "Exigimos primeiro idoneidade e segundo que sejam filiados ao Partido. Não temos gente no comércio, então temos que nos garantir no funcionalismo público. Quanto a Itaipu, só exigimos que sejam do Partido os que ocupam postos chave, para evitar sabotagem de inimigos", explica o Ministro do Interior, Sabino Montanaro.

Para esse Ministro, o pluripartidarismo "é uma prostituição da política, porque os Partidos de menor representação se associam para destruir os de maior representação, tornando a democracia um mito". Ele garante que o regime paraguaio é democrático e assegura todas as liberdades. Diz que só vê vantagens no fato de o Presidente Alfredo Stroessner estar no Poder durante 25 anos:

— A alternância na ocupação da Presidência da República pode vir quando o chefe do Governo não cumpre o dever de servir ao seu povo, desde as cinco da manhã às 10 da noite, todos os dias, sem conhecer um só de descanso. Graças a Deus, durante 25 anos o Presidente Stroessner não sabe o que é dia de férias, uma doença, uma gripe, nada. Ele é um homem são e forte. Então, ficar 25 ou 30 anos não compromete a democracia, pois responde às inquietudes do povo.

O Ministro acha que a oposição deve mesmo se unir, "porque oposição também governa e é bom ter com quem dialogar", mas garante que ela não tem chances contra Stroessner, eleitoralmente. "Já que eles se dizem tão seguros, porque então não permitem que a oposição tenha os mesmos direitos, a mesma liberdade e as mesmas prerrogativas do Partido oficial?", replica a ex-deputada liberal Carmem Lara Castro.

A maior parte dos oposicionistas descobriu há dois anos que não valia a pena continuar participando de eleições e de um parlamento, que só serviam para ajudar na formação de uma falsa imagem democrática do Paraguai. Por isso, muitos políticos se recusaram a concorrer às eleições do ano passado, conseguindo assim desagradar o regime.

Agora unidos, os verdadeiros oposicionistas estão tentando encontrar caminhos a seguir, mas são pessimistas. A maioria acha que nada pode acontecer a curto prazo, em termos de mudanças, no Paraguai. Ressaltam que as únicas exceções seriam a morte do ditador ou um golpe militar, liderado por oficiais interessados em acabar com a corrupção e instalar uma administração pública mais justa e eficiente.

CONTRABANDO & CORRUPÇÃO

O contrabando é tão grande no Paraguai que se torna uma tarefa difícil descobrir algum produto que não tenha condutos de entrada irregular no país. Técnicos locais estimam que o mercado negro de divisas que opera no país é muito superior ao total que passa pelo Banco Central e o capital negro que se manipula absorve mais de 50% do meio circulante. Esse é um dos aspectos mais graves da corrupção, "um verdadeiro câncer nascido dentro desse regime e que vai ajudar a destruí-lo", segundo um político oposicionista.

O Governo pretendeu transformar o Paraguai numa espécie de entreposto de produtos importados, que passaram pelo país "em trânsito" para o Brasil e a Argentina, principalmente. Quem chega a Assunção tem a sensação de estar numa Zona Franca, como Manaus, Hong Kong ou Las Palmas. As autoridades explicam que não é esse o caso, pois há apenas facilidades para importações, já que o país não tem indústrias e nem pretende se industrializar.

Fervilham em Assunção as denúncias de que alguns grupos pagam a um preço considerável a sua impunidade para contrabandear à vontade, transformando o Paraguai, realmente, num porto de passagem ilegal de mercadorias para os países vizinhos e principalmente para o Brasil. Em setores oficiais, há quem defenda seriamente esta situação, ressaltando os benefícios que ela supostamente estaria gerando para o país. Ex-alto funcionário do Ministério da Defesa, o economista Oscar Agustin Flecha não concorda:

— Eu nunca vou aceitar que me venham dizer que se pode tirar vantagens de uma coisa ilegal, mesmo que entre para o país algo de material, de concreto. De alguma forma, estemos nos descompondo, do ponto-de-vista social, cultural, sentimental ou simplesmente de honestidade. Acho que a longo prazo vamos ter prejuízo com todo esse contrabando. Sem falar no aspecto moral, pois isso está prejudicando toda uma geração. Mais tarde será preciso rever o comportamento social do povo, precisaremos começar pelas crianças...

As autoridades negam que exista a impunidade para os contrabandistas. "Estamos contra o contrabando. Não nego que ele existe, mas nossas fronteiras são grandes e podem realmente trazer mercadorias em trânsito para a Argentina e o Brasil, mas o Governo seguirá combatendo", disse um alto funcionário que reconhece a existência de muitos carros brasileiros que entraram ilegalmente no Paraguai e circulam hoje livremente.

Os policiais paraguaios não têm por hábito pedir documentos de carros. Dos brasileiros especialmente, pois acabariam se complicando, já que grande parte sequer tem documentos mas circulam graças a certos artifícios conseguidos com autoridades locais. Muitos desses automóveis são roubados nos grandes centros brasileiros ou nos estados fronteiriços e vendidos a negociantes paraguaios. O Ministro do Interior acusa, entretanto, alguns brasileiros de darem um golpe para receber duas vezes pelo mesmo carro:

— O dono de um automóvel faz um seguro lá no Brasil, traz seu carro para o Paraguai e aqui vende sem documento. Claro que vai encontrar um preço menor que o real, mas volta ao Brasil e lá denuncia à companhia de seguro que o carro foi roubado e recebe a indenização. Já descobrimos vários casos desses que provam que os carros roubados do Brasil que dizem existir aqui são roubados por seus próprios donos.

O Ministro Sabino Montanaro explica que se está realizando atualmente "um levantamento sobre os carros que entraram ilegalmente no Paraguai". Ele, pessoalmente, acha que há 500 carros brasileiros irregulares no seu país, mas esse número é exageradamente pequeno segundo outras fontes. Segundo estas, 80% dos carros brasileiros que lotam as ruas das principais cidades do Paraguai são roubados ou contrabandeados.

Rosental Calmon Alves esteve recentemente no Paraguai, como enviado especial do JORNAL DO BRASIL.

CADERNO DE QUADRINHOS
Nº180 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 2 de setembro de 1979 Não pode ser vendido separadamente

PERNA-LONGA

UM BOM SERVIÇO TRAZ SEMPRE O FREGUÊS DE VOLTA!
POSTO PERNA & FRAJOLA LTDA
ISSO MESMO!

ENCHA O TANQUE!
POSSO VERIFICAR O ÓLEO E A BATERIA? É DE GRAÇA!

DEIXAREI SUAS VIDRAÇAS BRILHANDO!
ÓTIMO!

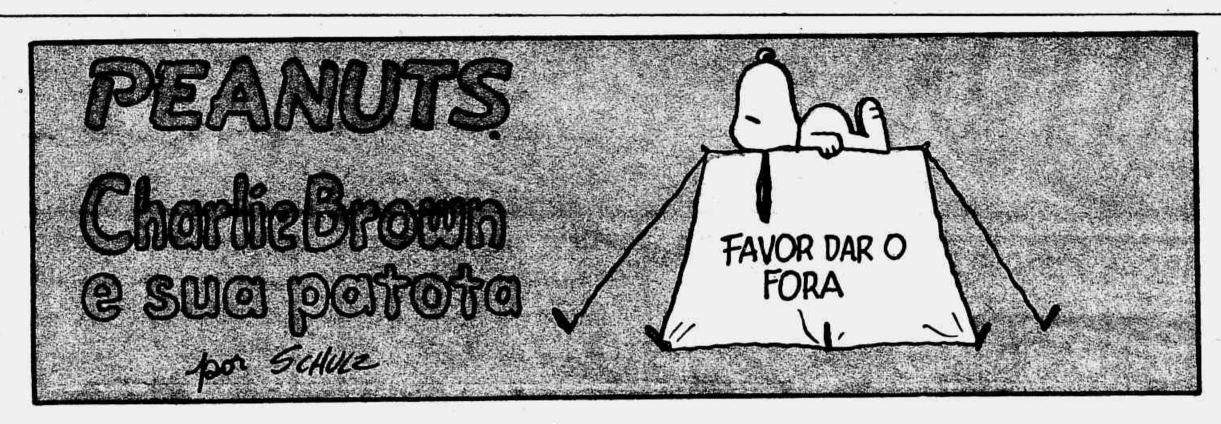
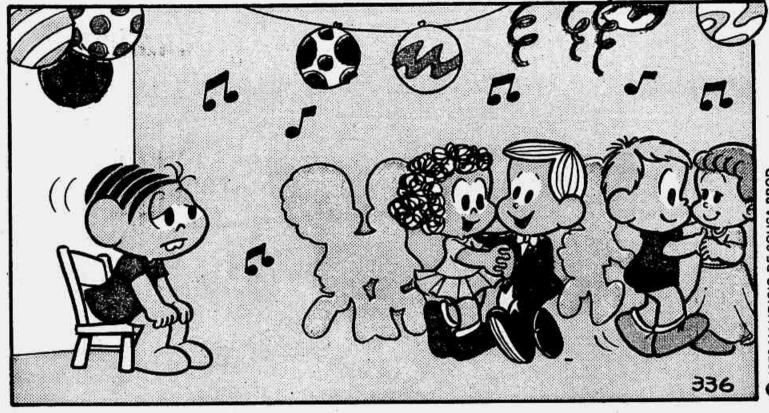
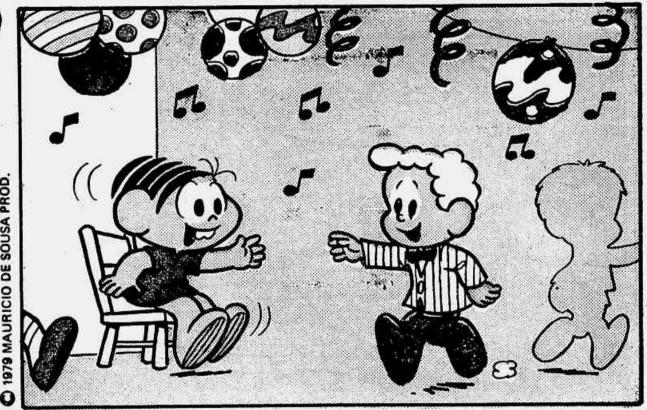
PALE, IMBECIL! A JANELA ESTÁ ABELTA!
PSSS
PSSS
LIMPA VIDROS

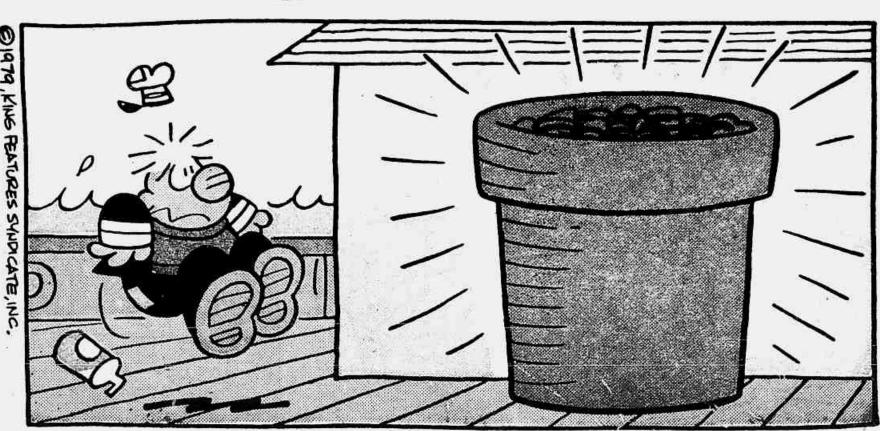
BATERIA E ÓLEO EM ORDEM, TROCALETRA!
ESPROINGUE!
CHEGA!

ESQUEÇAM A GASOLINA, MISELÁVEIS!

NEM SEMPRE A GENTE ACERTA, NÃO É?!
SUSPIRO!

CEBOLINHA

Mauricio

WALT DISNEY MICKEY

ARCA dos BICHOS de Addison

de MORT WALKER e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA
PULGAS

VOCÊ COMO PERSONAGEM DE UMA HISTÓRIA CONCEITUADA, NÃO DEVIA ANDAR COM ESSE CACHORRO.

O QUE ELE TEM DE ERRADO?

TEM PULGAS... PULGAS! E EU NÃO QUERO MAIS ESSE CACHORRO POR AQUI, A MENOS QUE TOME UM BANHO!

ASSIM O SENHOR OFENDEU ELE...

SUPONHAMOS QUE EU ACEITE TOMAR UM BANHO...

...O QUE SERIA DE VOCÊS? MORRE-RIAM TODAS AFOGADAS!
ME DA' UM LENÇO, ELE ME EMOCIONA ATE' AS LA'GRI-MAS!
PULGAS
SAPIA

KID FAROFA de Tom K. Ryan ®

FRANK e ERNEST

BELINDA
de YOUNG e RAYMOND

RAPAZ, O JOGO ACABOU UM BOCADO TARDE.

ESTAMOS EM APUROS.
NOSSAS MULHERES FICARÃO FURIOSAS!

SE ENTRARMOS SEM FAZER UM RUÍDO ELAS NÃO ACORDARÃO.
ASSIM ESPERO...

OBA... CONSEGUI ENTRAR SEM ACORDAR O CACHORRO.

VOU DEIXAR O CASACO POR AQUI, E O CHAPÉU TAMBÉM... AGORA A PARTE CRÍTICA...

CONSEGUI SUBIR AS ESCADAS FAZER BARULHO.

reserved.

Z

RING
QUE ESTÁ HAVENDO? QUE HORAS SÃO? ATENDA O TELEFONE!

OLÁ... TUDO BEM POR AQUI. MINHA MULHER NÃO ACORDOU.
YOUNG RAYMOND

E VOCÊ?
2-4

HORÁCIO
BRONTO! O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ DE MONSTRUOSO COM ESSA FAMÍLIA AÍ DESSA CAVERNA?
PERGUNTE A ELES O QUE FOI QUE ELES FIZERAM DE MONSTRUOSO!
MAURICIO
6

A SAÍDA!
PRA QUE LADO É A SAÍDA DESTE VALE, HORÁCIO?
© 1979 MAURICIO DE SOUSA PROD.

?
MEU HERÓI! NUNCA MAIS BRIGO COM VOCÊ POR CAUSA DISSO!
A SAÍDA!
QUERO MINHAS SALADAS DE VOLTA!

É PRA LÁ!

E SEJA O QUE FOR QUE AQUELE NAPÃOZINHO LHE FEZ, FOI BEM FEITO!

ELE NÃO ME FEZ NADA!
APENAS DEIXOU DE FAZER ALGO!
?

JÁ IMAGINOU? EU, VIVER O RESTO DA VIDA COM UMA DIETA EXCLUSIVA DE NAPÕES QUE NUNCA, JAMAIS, EM TEMPO ALGUM, LAVARAM OS PÉS?
FIM

O MAGO DE ID

DUM DE DUM DE DUM
PARKER E HART

DEVE SER DOMINGO!

PODE ME DAR FOLGA, PATRÃO? GOSTARIA DE IR AO JOGO!

IREI COM VOCÊ! QUEM VAI JOGAR?
6-24

BOM...

...OS MÁRTIRES CONTRA OS CARRASCOS!
© Field Enterprises, Inc., 1979

VOCÊ QUER DIZER, O NITERÓI CONTRA O FLAMENGO, NÃO É?

FOI O QUE EU DISSE! AINDA ASSIM VAI QUERER IR?

OUTRO DIA! PODE IR SOZINHO!
OBRIGADO, CHEFE!

ELE PENSA QUE ME ENGANA! NA CERTA, MARCOU ENCONTRO DE NOVO, COM AQUELA VASSOURA DE LIMPAR ESGOTOS!

©DANIEL AZULAY 1979

JORNAL DO BRASIL
Não pode ser vendida separadamente — Ano 4 — Nº 176
Revista do
Domingo
O MOMENTO DAS EMPRESÁRIAS
Glorinha Khalil, industrial paulista

Revista do Domingo
JORNAL DO BRASIL
RIO, 02-09-79 — ANO 4 — Nº 176

4 QUEM

10 O PODER DA BELEZA
Elas estão invadindo o mundo dos negócios com audácia e imaginação. São as mulheres executivas e têm um trunfo a mais: são belas e elegantes

17 NA PELE, O OURO
Com a aproximação do verão, decotes e braços nus pedem o brilho do ouro sobre a pele também dourado. Neste campo, a imaginação é o limite

29 JOGOS

30 DEZ ANOS DE PAZ E AMOR
Em 1969, o Festival de Woodstock propunha uma nova maneira de viver para a sociedade americana. Resta saber o que sobrou depois desse tempo

34 NOSSO ROCK NO FIM
Na única casa noturna em que se toca rock no Rio, os músicos se exibem para meia-dúzia de assistentes e os discos do gênero não saem das prateleiras das lojas. A questão é descobrir se algum dia existiu rock no Brasil

38 O ASTRAL EM LUTA
Por questões de doutrina, astrólogos e pitonisas engalfinham-se numa luta cujo vencedor talvez nem mesmo os astros possam apontar

44 HORÓSCOPO

46 VERÍSSIMO
Ed Mort Vai Atrás

CAPA
Glorinha Khalil, foto de Isaias Feitosa

Revista do Domingo figura no IVC (Instituto Verificador de Circulação) através do JORNAL DO BRASIL. Consulte as Notas Explanatórias

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S. A.

Glorinha Khalil, executiva

The Who, ano 1969

D Emma, a briga no céu

Sônia Regina e as jóias de Antônio Bernardo

Cláudia divulga a diorisação feita no Brasil

Pode-se *diorisar* um homem e uma mulher". Este é o *motto* dos onipresentes vendedores da marca Dior, nome que para os franceses e o mundo tem grandeza equivalente a *Concorde, Bastille, Mirage e Dom Perignon* e, tal como estas quatro instituições gaulesas, a Casa de Costura também prepara sua expansão no Brasil, com sua divulgação confiada a uma *déleguée* brasileira — Claudia Niedzielsky, 26 anos, habitante de Paris desde 1965.

A filial ainda está em projeto; o que não impede a confecção da linha de *prêt-à-porter* masculino (camisas, gravatas, meias e sapatos) Alguns acessórios femininos também já podem ser adquiridos pelos brasileiros.

Pele branca, cabelos revoltos, Cláudia, filha do Embaixador Hugo Gouthier, fez vários cursos de História da Arte na Universidade de Nanterre, berço de tantas atribulações para o Governo De Gaulle em 1968. Casou em 1974 com o advogado Cyril Niedzielsky e com ele foi para Nova Iorque. Dois invernos depois, de volta a Paris, retomou a história da arte na escola do Louvre, especializando-se em egiptologia.

Cláudia tem um sólido discernimento do que pode ser vendido e consumido no Brasil e o que sai do *atelier* Dior:

— Nem tudo o que é imaginado ou mesmo vendido na França pode ser jogado no mercado brasileiro. Imagine a venda de casacos de peles, é absurdo. O estilista Thibauld Bouët virá adaptar os modelos à realidade brasileira. Por enquanto não há loja Dior. Ela só existirá quando houver o *prêt-à-porter* feminino completo, que é a espinha dorsal de uma loja.

Com plano de ficar pelo menos um ano no Brasil — prazo que pode sofrer alterações caso as novas funções o exijam — ela ocupa parte do tempo com seu filho Michael, de sete meses. Ainda em Paris, passou algumas semanas nos diversos departamentos da casa: já conhecia a loja, o costureiro Marc Bohan e Jacques Rouet; ambos indicaram seu nome para a função de relações públicas.

— Procuro mostrar filmes dos desfiles da Casa Dior. Aqui no Brasil o sistema é diferente. Lá a época é prevista e marcada, e todas as coleções têm data fixa.

Na próxima viagem a Paris, Cláudia verá as coleções primavera-verão e definirá as licenças das fábricas brasileiras. Porque o modelo é francês, mas o produto será nacional. (J.R.)

Vidigal, com a Fiesp na alça de mira

Quarenta anos, uma atuação agressiva na área empresarial, diálogo fácil com as lideranças dos trabalhadores, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho lança-se mais uma vez numa batalha aparentemente impossível mas, para quem o conhece, de resultados imprevisíveis: ele quer, pela primeira vez nos 31 anos de existência da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — a FIESP — derrotar a situação.

Do outro lado, como forte contendor, coloca-se Theobaldo de Nigris, 72 anos, que busca pela quinta vez consecutiva eleger-se. A assessorá-lo neste formidável embate prestes a ser deflagrado, coloca-se o experiente Nadir Figueiredo, um senhor de 82 anos e que jamais foi visto com ternos de outra cor que não a escura, raposa política de vitalidade impressionante apesar da idade.

Mais do que uma simples diferença de idade, as três décadas que separam Vidigal de De Nigris representam uma separação de pontos-de-vista, de métodos e de conceitos que promete tornar a contenda altamente interessante. Desde a criação do Centro das Indústrias, em 1928, do qual se originou a FIESP, nunca houve oposição e a investida de Vidigal não poderia naturalmente deixar de chocar os empresários mais conservadores. Assim, a atitude do jovem e bem-sucedido empresário é encarada como um ato de rebeldia, acusação que ele, é claro, contesta:

— Se eu não me candidatasse — diz Vidigal — outro o faria.

Minha intenção é fortalecer o sindicalismo no país. A verdade é que a classe empresarial precisa se fazer ouvir, deve participar das decisões que possam afetar nossa política industrial, sem laivos de timidez.

Timidez, aliás, é defeito que nunca entrou na carreira de Vidigal e não seria agora que faria seu *début*. Ao decidir candidatar-se, ele passou logo à ofensiva, comunicando diretamente sua intenção a De Nigris, disparando um processo eleitoral sem precedentes na história da entidade e forçando o adversário a admitir sua candidatura à reeleição a mais de um ano do pleito. Com esse inesperado *gambito*, obrigou as hostes inimigas a um movimento indesejado, colocando-as em indisfarçável posição defensiva.

Ágil na tática, o candidato da oposição tratou de aproveitar a momentânea confusão nas linhas adversárias e empreendeu uma série de viagens ao interior, nos fins de semana, numa verdadeira campanha eleitoral, nunca vista no âmbito da FIESP. Nelas, mantém encontros, faz conferências, enfim, aperta mãos como qualquer candidato, em qualquer eleição num regime democrático. E sem medo de concorrer com o que chama de "máquina engrenada da situação":

— Tenho agora o apoio de um grande número de sindicatos e certeza de que na renovação da presidência de muitos deles acabarei por contar com novos votos.

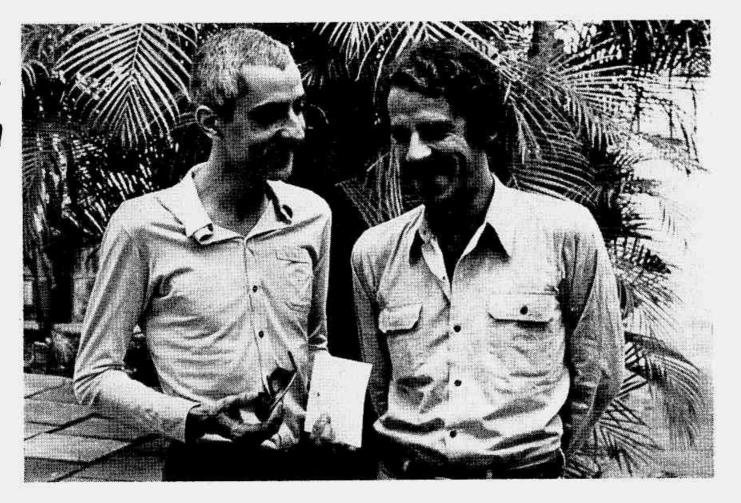
A FIESP congrega 107 sindicatos patronais e o líder da oposição diz que tem o apoio de 62. Isso lhe daria a vitória caso a eleição se realizasse agora. Além disso, a seu lado postam-se empresários como Cláudio Bardella, presidente do grupo Bardella, Paulo Francini, da Radio Frigor, Maria Pia Matarazzo, do grupo Matarazzo, Einar Kok, presidente do Sindicato da Indústria de Máquinas, José Mindlin, presidente da Metal Leve, e outros.

Luiz Eulálio é visto hoje como o homem que busca conquistar a fortaleza que é a FIESP, tendo com ele empresários conhecidos por suas idéias progressistas. E está confiante:

— Sei que é difícil pensar em vitória antes das eleições, mas pelo trabalho que tenho realizado acredito nela.

Se suas previsões se concretizarem, ele ocupará o gabinete da presidência da FIESP instalado no prédio da Avenida Paulista que custou Cr$ 300 milhões. (M.R.F.)

Tite e Armando varam segredos com sua poesia

A poesia é como o amor, dizem os dois poetas, uma coisa secreta. Procurando romper a barreira do pudor, Tite de Lemos ("Para mim ela é escrita com sangue") e Armando Freitas Filho ("A poesia é o limite da linguagem"), lançam no próximo dia 5, na Livraria Muro, pela Editora Nova Fronteira, *Marcas do Zorro* e *À Mão Livre*, respectivamente. O primeiro trata de "poesias aladas", que não pretendem permanecer nas páginas. O segundo apresenta "uma poesia mais telúrica", que tem mesmo uma afinidade grande com a pintura. Tite faz música. Armando tem trabalhado com artistas plásticos. A coerência de seus sentimentos não interfere na incoerência da criação. Enquanto Tite mostra lampejos de neo-concretismo até coisas que considera filiadas ao clássico, Armando tentou reunir textos das mais variadas maneiras.

Tite acumula as funções de jornalista, ator e letrista. Armando é assessor da Secretaria de Assuntos Culturais do MEC. Não tem sido fácil nem para um nem para outro a profissão de poeta. Mesmo assim, a Nova Fronteira enfrentou uma verdadeira batalha para arrancar dos dois os originais a serem editados. E eles tinham, até então, autofinanciado seus livros. Armando publicou o primeiro, *Palavras*, há 16 anos, mas ouviu agora, de amigos, expressões típicas de patrulheiros ideológicos, como "está se vendendo ao sistema?" Sempre foi considerado um poeta maldito que nunca trabalhou com editores. Já Tite de Lemos tem-se feito ouvir em gravações. *Medo de Amar Nº 2*, música de parceria com Suely Costa, foi carro-chefe da cantora Simone e chegou a dar-lhe algum dinheiro:

— A minha trajetória — diz ele — é bem diferente da do Armando. Embora trabalhe em poesia "secretamente" e entre amigos, tenho por hábito presenteá-las em aniversários. Sempre tive uma idéia de que a poesia é um tipo de mercadoria literária à parte das outras. Durante anos achei que a massificação era uma coisa oposta à essência do que é a expressão poética. Claro que havia também um lado de introversão excessiva que hoje vejo como fuga mesmo.

Mas sua linguagem sempre foi poética. A não ser em jornal, nunca conseguiu escrever prosa bem. E desistiu numa desastrosa novela. Já Armando participou, na década de 60, da Instauração Praxis e recebeu boa crítica para seus cinco livros publicados. De qualquer modo, "a *barra* enfrentada não tem sido fácil":

— Em 1970 tive um livro censuradíssimo, *Marca Registrada*, e fui aconselhado a deixar de

fora um terço das poesias sob risco de ser preso.

Marcas do Zorro e *À Mão Livre* fazem parte da Coleção Poiesis, toda ela ilustrada nas capas com reproduções de pinturas famosas. Esta é, porém, a primeira vez que a coleção traz artistas brasileiros. O livro de Armando tem um desenho de Rubens Gerchman e o de Tite foi desenhado por ele mesmo, colorido com seu próprio sangue.

— De certa maneira — diz Armando — tenho trabalhado sempre com pintores. Gerchman já havia feito as capas de meus dois primeiros livros e atualmente estou preparando um trabalho com Roberto Magalhães, *Diagonal* — um poema sobre o bar do Baixo-Leblon — e outro com Antonio Dias, *Rasgado Nu Bailarino*, livro-poema.

Livro das Sombras, o primeiro de Tite, de 1970 possui uma tiragem de apenas três exemplares. *Ensaios* ganhou um exemplar único, e é visto como "muito louco realmente", feito em fichários (quatro volumes) com páginas coloridas, bastante visual:

— Mas no fundo sou um músico fracassado. Minha vertente musical realiza-se através da poesia. E é muito diferente o que faço em música. Quando escrevo poesia tenho uma preocupação plástica também e é para ser lido em voz baixa. O veículo é a leitura visual. Sou o anti-declamador.

Armando faz uma poesia ritmada, com um pique sonoro que deve ser ouvido em voz alta. Neste livro ele experimenta pela primeira vez textos longos. E, se nenhum dos dois considera-se marcado por influências, não podem negar certo vestígio deixado em suas almas por Carlos Drummond de Andrade, "o divino mestre". Presente, mas sem qualquer intenção tributária. (MARIA LUCIA RANGEL).

INFORMATION DIMPUS

As lojas Dimpus permanecerão fechadas até o dia 4 de setembro reabrindo no dia 5 de setembro com o New Look da sua coleção verão pantomima 80.

(P

RUA HONÓRIO: O MAIOR CENTRO COMERCIAL DE MÓVEIS DO RIO.

PALHOÇA Móveis e Decorações

MADEBRIL Móveis

REBECA Móveis

CRIS Móveis e Decorações

Beleza artesanal, qualidade das madeiras e perfeito acabamento, fazem de Rebeca, Mobica, Palhoça, Madebril, Cris, Scalla e Fofinho o primeiro time de fábricas da **Rua Honório.**

AS MAIORES E MELHORES

Vantagens como beleza artesanal, qualidade das madeiras e perfeito acabamento, que formam mobiliário do mais alto nível, só podem ser encontrados na **Rebeca**, loja 1258; **Mobica**, loja 1321; **Palhoça**, loja 1290-A; **Madebril**, loja 1244; **Cris**, loja 1201; **Scalla**, na Cachambi, 403-A, esq. Honório; **Fofinho**, loja 1253, as maiores da **RUA HONÓRIO.**

A intensa procura de móveis rústicos e de estilo, verificada no início dos anos 70, não virou um modismo passageiro. Foi muito mais do que isso. Permanece ainda hoje e, conseqüentemente, vem dinamizar o mercado carioca do mobiliário. O maior exemplo está nos bairros de Cachambi, Méier e adjacências que viram a residencial **Rua Honório** — do trecho que vai da Rua Itamaracá a Estevão Silva — transformar-se no maior centro comercial de móveis do Rio de Janeiro.

O sucesso da **Rua Honório** já é um fato mais do que comprovado. Qual o carioca que, ao escutar este nome, não faz ligação direta com comércio de móveis?

É só darmos uma passadinha lá: um grande movimento de carros, caminhões de entrega e, principalmente, de consumidores.

O ESTILO DE SEMPRE

O rústico e o clássico se casam perfeitamente na **Rua Honório**, onde suas fábricas, num trabalho quase que artesanal, com muitos entalhes floridos e outros detalhes, especializaram-se em mobiliário de madeira nobre, tais como cerejeira, jacarandá, vinhático, mogno e louro. Ambientes dos mais diversos encontram na **Rua Honório** o móvel certo para a decoração.

No entanto os seus preços chegam a ser 30% inferiores aos de outras lojas da cidade. Isso é possível na **Rua Honório**, porque o investimento inicial na compra ou locação da loja é muito menor do que em outros centros.

Esta vantagem inicial é repassada ao cliente, que, assim, pode comprar a preços inferiores. Com isto aumenta-se a quantidade de compradores e, dessa forma, ganhando mais no volume de vendas, o fabricante acaba por obter uma grande clientela, o que lhe permite uma fabricação sem custo de tempo ocioso.

FACILIDADE DE ACESSO

É fácil chegar à **RUA HONÓRIO**: ampla, com mão e contra-mão separadas por "ilhas" que servem de estacionamento ao público. Quem vem pela Rua 24 de Maio, deve passar pelo conhecido "Buraco do Padre", entrar na Rua Cachambi e sair na Rua Honório. Para quem vem da Penha ou Cascadura, o caminho é Av. Suburbana, entrando depois na Chaves Pinheiro.

Além disso, diversas linhas de ônibus da Zona Norte (678, 622, 673, 662 e 661) servem o local, além da linha Venda da Cruz-Méier, que vem de Niterói.

to

da

Marlene Jobert, agora de pistola na mão

Cruzando os Champs Elysées às seis da tarde, pequena, olhos verdes maliciosos, deliciosamente sardenta, a atriz francesa Marlene Jobert poderia passar por uma *midinette* ou uma camareira de um dos pequenos hotéis que pontilham as ruazinhas menos importantes do *8 ème* arrondisement. Na realidade, quem a viu em filmes como *O Passageiro da Chuva,* sabe que ela é capaz de revelar uma insuspeitada sensualidade que só um olho mais treinado poderia descobrir à primeira vista.

É, sem dúvida, uma veterana. Com 18 filmes, já foi dirigida por cineastas de estilos e propostas tão diferentes quanto Jean-Claude Lelouch (*Les Bons et les Méchants*), Jean-Luc Goddard (*Masculin Feminin*), René Clément (*Le Passager de la Pluie*), e Claude Goretta (*Pas si Méchant que Ça*). O que pelo menos prova uma coisa: os grandes diretores de cinema europeu a consideram matéria-prima maleável, capaz de adaptar-se aos mais variados papéis.

Nada de estranho, portanto, que a sofisticada mulher de um comandante da aviação civil de *Le Passager de la Pluie* se transforme agora em policial feminina. Não dessas que ficam nos sinais luminosos ajudando velhinhas e crianças a atravessar a rua ou que enfurnam-se nos escritórios cuidando de tediosos assuntos administrativos. Mas uma policial de verdade, sem medo e sem muitos problemas de consciência, que corre atrás dos bandidos, salta de automóveis em alta velocidade, faz uso dos punhos e das armas.

— Tive de aprender a lutar e a servir-me de uma pistola — conta Marlene — e não é das coisas mais fáceis do mundo conseguir armar um revólver com uma só mão. Passei três dias sem poder escovar os cabelos depois disso.

À beira do *stress,* Marlene Jobert acha no entanto que valeu a pena. *La Guerre des Polices* — o nome do filme — a livra dos papéis de costureirinhas ou de jovens burguesas que freqüentemente quiseram lhe impor, apesar de sua versatilidade como em *Nous ne Vieillirons pas Ensemble,* de Maurice Pialat. E foi exatamente porque estava cansada desses estereótipos que ela decidiu há algum tempo, no auge da fama, afastar-se do cinema. Hoje, de volta e cheia de convites vindos dos Estados Unidos, da Itália e do resto da Europa, Marlene é dona absoluta de sua carreira. Na França, é quase um modelo:

— Sou uma apaixonada — explica — faço tudo com paixão, caso contrário prefiro não fazer nada. Essa é a razão das minhas exigências profissionais, do cuidado com que escolho meus papéis. Não trabalho para a posteridade, mas para ser vista em filmes populares de qualidade. Acredito que este é o caso de *La Guerre des Polices.* (Arlette Chabrol, Paris) ■

Maria Lúcia Nabuco criou faixa de mercado própria produzindo e comercializando ervas. Glorinha Khalil (ao lado), representante de Fiorucci, acha qualidade imprescindível

SOB AS ORDENS DA BELEZA

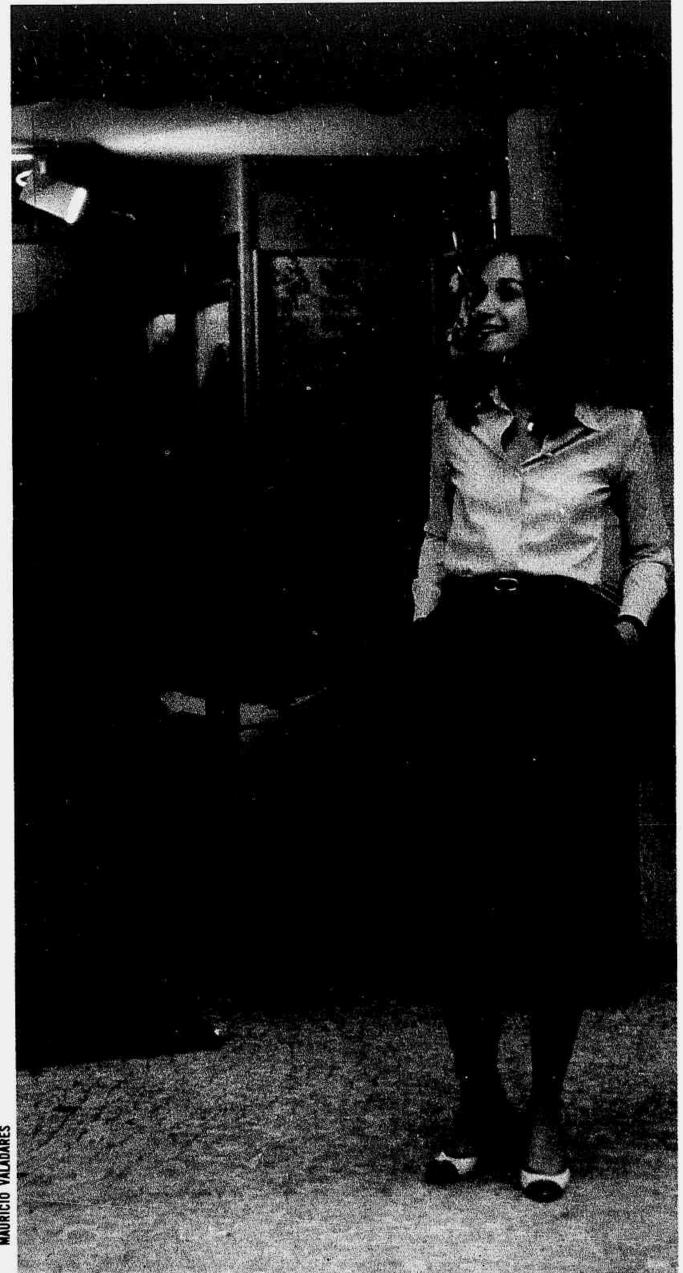
Indústrias pequenas e médias crescem com as novas executivas

Os olhos de Glorinha Kalil são verdes e sorriem enquanto ela fala. Quando está quieta, triste, calada, sua beleza se esconde, mas quando fala, quando ri, a mulher miúda e frágil se transforma. Os de Corina Galvani são grandes, castanhos-mel, "cor de doce de banana", como ela mesma define, e marcam seu rosto, ao primeiro olhar, gaiatos ou tristes, sempre reveladores. Os olhos de Fátima Ali são castanho-claros e doces, o que desmente sua imagem de mulher autoritária e agressiva.

Além dos olhos, essas três mulheres têm muitas outras diferenças: duas são baixas, uma é alta; duas são casadas, uma é solteira; uma é paulista tradicional, outra filha de italianos e a terceira de árabes muçulmanos. Mas também têm pontos comuns, além de viverem e de terem nascido nesta mesma São Paulo de 10 milhões de habitantes. Todas são executivas, ganham altos salários, fizeram sucesso, são bonitas, elegantes, femininas e, logicamente, liberadas, sem necessariamente estarem discursando sempre a respeito das vantagens e desvantagens de ser mulher num tempo moderno. Além de tudo, as três estão na faixa de idade considerada ideal por Honoré de Balzac: têm 34, 35 anos.

Glorinha Khalil é diretora da Fiorucci do Brasil, uma indústria de confecções que produz mensalmente 8 mil calças e 8 mil camisas, camisetas, blusas, cintos e outros artigos. Há dois anos representa a famosa e sofisticada marca (cada calça saída de sua fábrica no bairro sujo e agitado do Bom Retiro custa Cr$ 1 mil 500) e agora está abrindo uma grande loja no Rio de Janeiro.

De família *bem* educada em colégios finos, como o Des Oiseaux ou o Sion, cursou Sociologia Política e largou o curso para se casar. O trabalho veio como decorrência do fracasso do primeiro casamento. Jornalista por necessidade, trabalhou, sob a chefia de Fátima Ali, nas revistas femininas da Editora Abril:

— Adoro sair, ir para rua, conhecer pessoas, o trabalho de repórter sempre me atraiu — diz ela — o que me afastou da profissão foi o salário. Eu precisava de muito mais para viver. Por isso, depois de três anos na redação da Editora Abril, saí para trabalhar numa fábrica de tecidos de propriedade do pai de meu segundo marido, José Khalil.

"O barbeiro aprende a fazer a barba na cara do freguês", disse-lhe o sogro, quando ela assumiu a gerência de produtos da Scala d'Oro, a indústria têxtil da família. Estudava estamparias para o gosto do público brasileiro, viajava para a Europa para conhecer a moda de Paris, via coleções de costureiros famosos. Viveu em lua-de-mel com o novo emprego por cinco anos, até que mudou a direção da fábrica e ela e Mauro Santin saíram para tentar fazer uma firma de exportação de roupa para os Estados Unidos:

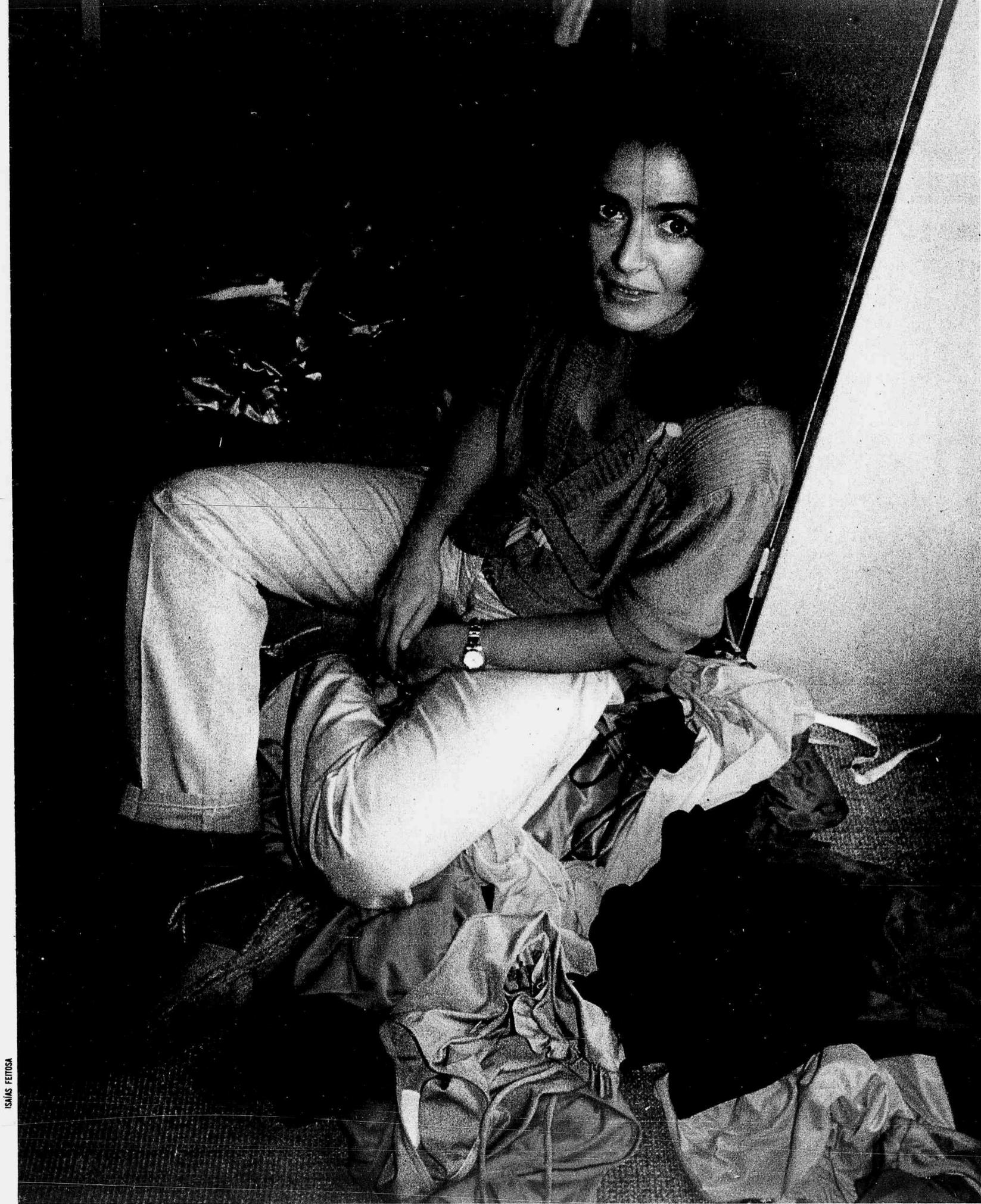
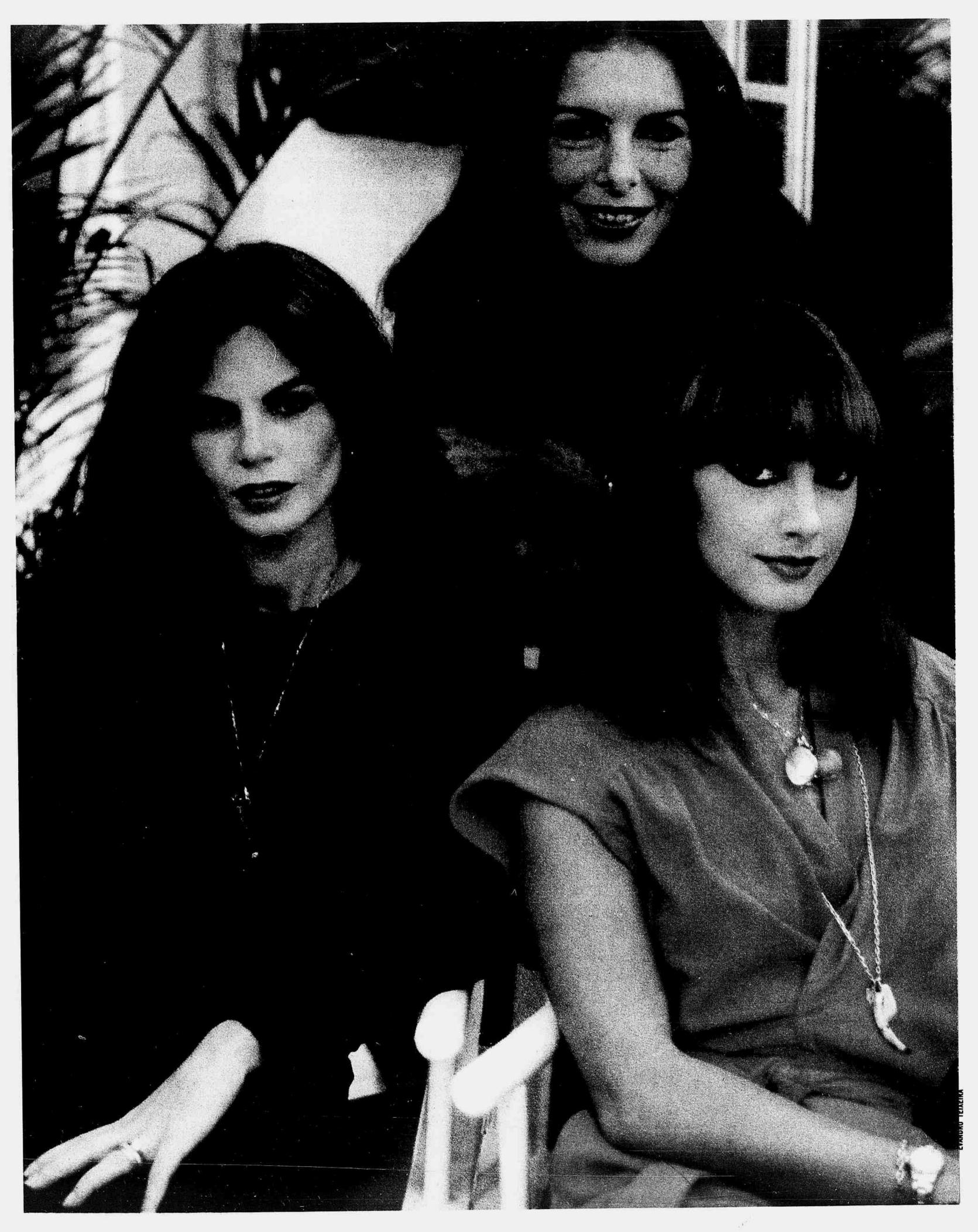
— Foi muito divertido — conta — nós tínhamos um escritório na Sétima Avenida, em Nova Iorque. Mas não deu certo. Por causa da Cacex. Sobretudo por causa da Cacex. Pode acreditar. Se a meta da Cacex fosse impedir a exportação de produtos brasileiros, ela não inventaria mecanismos burocráticos mais alucinantes. Você decora um calhamaço imenso de fórmulas, de procedimentos. Quando acabou de decorar, a Cacex muda tudo. Não deu.

A queixa contra a Cacex parece sair da boca de um empresário politizado, desses do tipo Mindlin ou Bardella. E Glorinha é uma empresária: passa oito horas diárias na fábrica, no Bom Retiro, nas proximidades da Rua Silva Pinto, de passado tristemente famoso, pois ali ficava a antiga zona da prostituição de São Paulo. E muito raramente vai ao escritório da Fiorucci, na sofisticada Avenida Faria Lima, na Zona Sul da Capital, em que expõe seus produtos para compradores e vendedores do Brasil inteiro. Politizada também é: foi eficiente cabo eleitoral do candidato a senador pelo MDB Fernando Henrique Cardoso, seu antigo professor na USP, para quem desenhou camisetas de propaganda.

Fala a empresária:

— Sei que meu produto é caro. Mas essa equação é inevitável: pouca quantidade é igual a preço alto, se você quer muita qualidade. E da qualidade eu não abro mão. Um produto caro tem de ser de boa qualidade. Acho mais justo um produto bom e

ISAÍAS FEITOSA

EVANDRO TEIXEIRA

Corina Galvani: "Os homens sempre vêem a mulher que chega ao topo como alguém que cruzou as pernas para o chefe, essas coisas"

caro do que um barato e ruim. O produto barato e ruim é anti-social, porque faz a pessoa estar comprando sempre um novo. É claro que meu sonho é chegar ao ideal a que chegou, por exemplo, a Alpargatas: volume, baixo preço e alta qualidade. Mas não quero dar saltos. A empresa precisa ir aos poucos se capitalizando dentro de suas possibilidades.

Mas a aluna de Fernando Henrique Cardoso também tem voz:

— Eu sei das injustiças sociais que acontecem ao meu redor. Só não vou chegar na minha fábrica e querer dividir tudo com os operários. Aí eu *quebro* e eles ficam sem emprego. Agora, quando todo mundo for nessa eu vou junto e vou na frente, sabia?

Glorinha tinha governanta, falava cinco línguas, mas diz que foi difícil começar a trabalhar, "pois não sabia fazer nada. Ou melhor, fui educada justamente para não fazer nada". Hoje considera o tempo que passa na fábrica o *horário nobre* de sua vida. E recomeçaria tudo, se necessitasse: "Afinal já fui jornalista, especialista em tecidos e agora estou na área das confecções. Mudei três vezes".

— Mulher é fanática, moralista. Quando descobre que o trabalho é uma arma incrível que ela pode ter na sua mão, por causa do poder, do dinheiro, de tudo que ele dá, começa a ser fanática. Eu já passei por essa fase, sabe? Agora, se recomeçasse, preferiria o lazer, alguma coisa que possibilitasse ter mais tempo para mim — diz.

Aos 34 anos, casada, sem filhos, reconhece que "a mulher tem de se organizar para conseguir sobrepor um mínimo de *glamour* e o trabalho:

— No momento, mulher é muito mais interessante do que homem. É um ser revolucionário em si, em mudança, enquanto o homem é mais acomodado. É muito mais interessante conversar com mulher do que com homem. Filho é algo vivo e uma conversa mais interessante do que o mercado da bolsa ou o *open*. Já pensou como seria chato eu ficar horas e horas falando sobre detalhes de meus botões num jantar? Todos bocejariam, não é mesmo? Pois assim é que conversam os homens.

Magra e pequena, o rosto pálido emoldurado por longos e encorpados cabelos castanho-escuros, a industrial Glorinha Kalil acha que "ser mulher é uma coisa mais complicada, um *rabo-de-foguete*. Há uma maior dificuldade de se situar. Hoje, sobretudo, há uma grande solicitação em torno de seu tipo de trabalho: as mulheres que não trabalham se sentem mal. Desconfio dessa solicitação. Tenho a sensação de que há uma manipulação por trás. A sócio-economia mundial precisa de mão-de-obra e então exige que a mulher trabalhe para ficar na moda, para ser glamourosa. As mulheres se sentem obrigadas a trabalhar, mesmo que não queiram.

Corina Galvani é diretora-presidenta da Max Factor do Brasil, uma indústria de cosméticos multinacional, que tem um volume anual de 9 milhões de dólares (mais de Cr$ 250 milhões) de vendas líquidas. Há dois anos no emprego ocupa um escritório despojado de móveis e adereços, em que as poltronas verdes combinam com sua roupa e a presença de vasos com samambaias traz um pouco da intimidade de sua casa nos jardins, guardada por um doberman manso, que aceita as festas de todos os visitantes.

Filha caçula de um operário, descendente de italianos e espanhóis, teve de largar seus estudos de desenho e escultura para trabalhar como assistente de secretária, mas não sabia datilografar e, por isso, só batia os memorandos do chefe nas horas de almoço ou no fim do expediente. Quase foi despedida, mas se salvou porque inventou de fazer uma cozinha experimental para os produtos da Refinaria de Milho Brasil, cuja conta era da agência em que trabalhava.

— Para conseguir meu primeiro emprego fiz uma concessão: chorei. Depois, acho que não fiz tantas assim. Mas os homens sempre vêem a mulher que chega ao topo como alguém que cruzou as pernas para o chefe, essas coisas. Não é tão difícil trabalhar em escalões inferiores e intermediários, mas é natural que, quando a gente chega a um posto importante, a concorrência se torne maior. Mas é também para os homens. É claro que há preconceitos, mas não admito essa história de não haver conseguido um bom cargo por ser mulher. Vai ver, foi por incompetência.

Aos 34 anos de idade, solteira, a morena esguia, que conseguiu romper os rígidos padrões de sua família, "por ter sido sempre uma cara-de-pau", trabalha há 16 anos e até hoje só não conseguiu conciliar suas 14 horas diárias de trabalho com o casamento ou uma eventual prole.

— Quando se é mulher e se trabalha não dá muito tempo de ser mulher, pois se junta os problemas da mulher com os do executivo homem, que tem uma esposa, em casa para cuidar de tudo. Eu, por exemplo, trabalho numa indústria de cosméticos e tenho de andar maquilada. Teoricamente deveria ir ao cabeleireiro, ao salão de beleza, mas não há tempo disponível. Eu lavo o cabelo em casa, o vento o enxuga, quando venho de casa para a fábrica, diz.

A fábrica fica na Zona Sul de São Paulo, a 20 minutos de sua casa, quando o tráfego da Avenida Marginal do rio Pinheiros está bom.

ISAÍAS FEITOSA

Fátima Ali (acima) dirige a revista Nova, com 250 mil exemplares. Maria Cecília Noronha, Cláudia Andrade e Keila Vital Brasil comandam a loja Griffe, do Rio (esquerda)

EVANDRO TEIXEIRA

De uma agência de publicidade passou para outra, para tomar conta da campanha da Coty, uma linha de cosméticos. Saiu para a Colgate, foi assistente de gerente de produto. Uma semana depois, era gerente de produto. Depois, gerente de promoção, gerente de *marketing* e gerente-geral. De lá saiu para presidir a Max Factor.

— O difícil não é dominar a linguagem, o código de uma grande empresa como esta. Nem o trabalho em si. O difícil é entender como ela se move, quais são seus valores. Não é tão simples como parece, não é só aquela história de produzir por um preço, vender por outro maior, diminuir um resultado do outro e dar um bom lucro. Há valores complicados, abstratos. Há pessoas que realizam um trabalho de bom nível, mas não são recompensadas porque não entendem esse código de conduta, digamos, político. Isso é mais difícil para as mulheres do que para os homens.

Corina Galvani acha que há diferenças muito grandes entre mulheres e homens e admira as mulheres que começam a assumir uma nova postura perante a vida e o trabalho, apesar de criticar acerbamente as feministas, "que querem apenas substituir o que os homens fazem pelo que fazem as mulheres". Ela acha, por exemplo, que a mulher, em geral, é ▷

Fátima Ali: "Ser agressiva é uma necessidade que toda mulher tem para se afirmar quando começa a trabalhar"

muito dispersiva e se envolve muito emocionalmente:

— Ela é mais imaginativa do que o homem, mas se envolve demais com o que imagina, obtendo, por isso, um resultado inferior ao imaginado, quando vê sua obra executada, realizada, acabada, pronta. O homem é mais prático.

A diretora-presidenta da Max Factor vive reclusa, lendo muito sobre os temas que lhe interessem no momento. Pode ser Mussolini. Ou Van Gogh. Ou Picasso. Mas sempre se dedica com afinco ao tema desejado. Não gosta de sair com bandos barulhentos para festejar, à noite. Tem um namorado, mas reconhece que é difícil para um homem viver com uma mulher que leva sua vida ("trabalho de segunda a sexta, viagem sábado e domingo"):

— Às vezes, ele próprio entende, mas sente muita dificuldade para explicar aos outros. Sinto que é algo assim como namorar ou casar com um marciano.

Corina Galvani escreve peças de teatro e já teve uma — *Tudo Será Paz* — encenada nos Estados Unidos:

— É uma comédia. Naturalmente. Não consigo levar nada a sério. Sou irônica demais.

Comanda 400 funcionários e usa o mesmo nome da avó, uma matrona autoritária:

— Ela tem uma irmã que construiu um prédio na Itália e nesse prédio moram todos os filhos, com ela no último andar, diz, os olhos brincando o tempo inteiro com o interlocutor.

Fátima Ali é diretora de redação da revista *Nova*, uma publicação feminina da Editora Abril dedicada inteiramente à mulher liberada que procura satisfazer-se e produzir de forma coerente, como se define a própria executiva. Está há dois anos no posto, e, para criar a filha, de dois anos e meio, e o filho que traz no ventre, de nove meses, de uma gravidez desejada, teve de contratar uma

WALDEMAR SABINO

Vanda Luzia Machado Brandão, dona de uma loja de brinquedos, acha que às vezes o lucro deve ficar em segundo plano

empresa especializada para racionalizar seu trabalho na editora e sua vida em casa. Para a casa andar em ordem e ela ter tempo de brincar com a filha, quem faz suas compras é a secretária, Neusa, pelo telefone, usando uma relação impressa de itens. Marca com uma cruzinha os de que necessita e deixa os outros em branco.

Teve uma educação rigorosa, é filha de um imigrante árabe, que professava a religião muçulmana, e, de família pobre, foi obrigada a deixar os estudos para se empregar como secretária. Pequena, roliça ("não sou bonita, sou o tipo da mulher árabe brasileira, mas me sinto muito feminina"), é casada com um cirurgião descendente de alemães e conhece Corina Galvani, de quem é amiga desde os tempos em que as duas engatinhavam, cada uma em sua própria carreira. Foi secretária do radialista J. Silvestre, na agência Standard de propaganda, trabalhou para a J. Walter Thompson e, quando veio a Revolução de 1964, estava na revista *Visão* trabalhando para Said Farhat, hoje Secretário de Comunicação do Governo Figueiredo.

Dirigiu a circulação da editora e saiu para ocupar um cargo como vendedora na revista *Manequim*, uma das publicações pioneiras da Editora Abril:

— Mas sempre tive muita vontade de ser jornalista. Por isso, apesar de ser reputada como uma excelente vendedora no departamento, não titubiei em aceitar a chefia de redação da revista, mesmo tendo consciência de que o convite só foi feito porque não havia mulher jornalista disponível, no mercado, então. Sofri muito para aprender a fazer jornalismo. É muito mais fácil vender do que editar. Acho que a mulher tem um talento especial para a venda, pois sua presença é menos agressiva do que a masculina.

Fátima Ali tem fama de ser uma mulher agressiva e autoritária e reconhece que foi mesmo, no início de sua carreira:

— É uma necessidade que toda mulher tem para se afirmar quando começa a trabalhar.

No entanto, hoje, nas vésperas de uma segunda gravidez, conversa doce e suavemente, mostrando as fotos da filha e do marido nos porta-retratos colocados na mesa de seu pequeno escritório cheio de desenhos de sua diretora de arte e de livros em inglês. Como Corina Galvani, ela fala quatro idiomas e é, sobretudo, uma autodidata. Dirigiu *Manequim* aos 24 anos e conheceu seu primeiro fracasso ao tentar fazer há quase 10 anos uma revista cara e sofisticada demais para o mercado brasileiro — *Setenta*.

— A diferença é que o homem está preparado para enfrentar todos os problemas, a ir sempre em frente, pois tem mulher e filhos para sustentar. A mulher hesita mais, precisa de maiores estímulos para seguir avante quando enfrenta alguma dificuldade séria.

Ser bonita, para ela é "ter hábitos corretos de alimentação, fazer ginástica, fazer visitas periódicas ao salão de beleza e isso não toma muito tempo".

— Ao contrário, trabalhar é que toma tempo mesmo. Agora eu não poderia mais planejar uma revista como *Nova*, pois não teria tempo para meu marido e minha filha. Reconheço que a mulher tem uma capacidade maior do que o homem para se organizar. Eu, por exemplo, me mudei para o Pacaembu para ficar perto do trabalho, na Lapa, e gastar menos tempo no carro entre a revista e minha filha. Mas o trabalho anda bem, nos trilhos, e não preciso mais do que oito horas diárias no escritório para tocar a revista. Caso iniciasse um novo projeto, isso não seria possível.

Ela acha também que "trabalho e *glamour* não são adversários".

— O cansaço tira o *glamour* físico, mas dá outro: o trabalho tem tanta coisa que pode enriquecer uma mulher, em termos de vida, de experiência. Eu sei que não sou bonita, mas sou atraente e sou atraente justamente porque sei de coisas, porque sei envolver as pessoas. E o trabalho foi fundamental nisso. O trabalho me fez assim. Se eu não tivesse trabalhado seria uma mulher diferente. Não sei se seria melhor ou pior, mas certamente eu não seria esta Fátima Ali.

Aos 35 anos de idade, considera-se uma executiva bem sucedida, dirigindo uma revista que tira 250 mil exemplares por edição e custa Cr$ 40 na banca.

JOSÉ NÊUMANNE PINTO

imóveis em revista

RESIDENCIAIS

BARRA / SÃO CONRADO

3 QTOS. NOVA IPANEMA, Ed. Marino Marini. Excel. salão, 3 qtos. (1 suíte), 2 banh. soc., dep. compl. emp. OPORTUNIDADE, venda direta s/ comprov. renda. Marcar visitas diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs na TECNILAR - TPV 142.

VISTA TOTAL MAR E MONT., suntuoso apt. na mais privilegiado local. do SÃO CONRADO GREEN. Varandão c/ pisc. priv., salão, sl. jant., 4 qtos. (1 suíte), 3 banh. soc., copa-coz. 2 qtos., emp., 3 vagas gar. Marcar visitas diariamente (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 141.

ATENÇÃO EXCEL. COBERTURA c/ piscina, novo, pta. entrega, ótimo local. Salão, varandas, 4 qts. (1 suíte), 2 banh. soc., 3 vagas gar. Preço e cond. a combinar, S/COMPROV. RENDA. Inf. à Av. Afonso Taunay, 101 (rua do Rest. Farol da Barra) diariamente (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. ou na TECNILAR - TPV 135.

PISC. PRIVAT., NOVO, PTA. ENTREGA, à Av. Afonso Taunay 101 (rua do Rest. Farol da Barra), praticamente na praia, VISTA ETERNA P/O MAR. Salão, varanda c/pisc. privat. instalada, 3 qtos. (1 suíte c/var.), copa-coz., 3 banh. soc., dep. completas 2 vagas gar. Acab. luxo, ed. de categoria. Bom preço. Inf. diariam. (incl. sáb. e dom.) no local até 19hs. ou na TECNILAR — TPV 103.

ÓTIMO 3 QTOS. (1 suíte), varanda c/jardim, terraço cob. Salão em lajotão, cômodos acarpetados, cortinas, arm. nos banheiros, arm. emb. na copa-coz., tel., antena TV e FM, 2 VAGAS GAR. Preço de oport., financ. Inf. à Av. Afonso Taunay 101 (rua do Rest. Farol da Barra), diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs. ou na TECNILAR — TPV 129.

COPACABANA

BAIRRO PEIXOTO, alto luxo, varanda 20 m^2, salão, 2 qtos. (1 suíte), dep. compl., 2 vags gar. Apenas 7 andares, entrega em março / 80. Peq. ent., financ. direto c/ 60 meses após chaves. Inf. incl. sáb. e dom. TECNILAR - TPV 144

3 QTOS., GAR., NA STA. CLARA. Todo acarpetado, arm. emb., GAR. ESCRIT. Inf. diariamente (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 121.

FLAMENGO

ENORME 2 QTOS. c/ área de 3 qtos. (180m^2) na Marquês de Abrantes, 39, esq. Paissandu. 2 sls., varandão, 2 qtos. (1 suíte), 3 banh. soc., copa-coz. e gar. escrit. ENTREGA IMEDIATA, c/ótimas cond. de pag. (v. diz como pagar). Veja seu apt. no local diariam. (incl. sáb. e dom.) até 22 hs. ou telefone TECNILAR — TPV 146.

DOIS QTOS. C/ GAR. PRONTO. 130 m^2 p/ apenas 16 mil mensais (já morando). Peq. entr. (pode util. FTGS), financ. 180 meses. Rua Marquês de Abrantes, 88. Inf., incl. sáb. e dom., no local (das 9 às 22 hs) ou TECNILAR - TPV 107.

COSME VELHO

SALA 2 QTOS. OU SL. 1 QT., quase pronto, entrega jan. próx. 2 banh. soc., dep. compl. e vaga gar. Apenas Cr$ 113 mil de sinal e Cr$ 10.784 mensais, já morando. FINANC. DIRETO DO CONSTRUTOR. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs na TECNILAR — TPV 149.

RIO COMPRIDO

CASA NOVA SALÃO 3 QTOS. (1 suíte), terraço, dep. compl., gar. p/3 carros. ENTREGA IMED., c/financ. direto. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs na TECNILAR — TPV 139.

TIJUCA

SALÃO, 3 QTOS. (1 suíte), novo, 2 banh. soc., todo acarpetado, arm. embutidos, pta. entrega. Aproveite o preço, cond. a comb. S/COMPROV. RENDA. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs. na TECNILAR — TPV 118.

3 QTOS (1 SUÍTE) fora de série, um ed. de alto padrão c/quadra esportes, piscina, salão festas c/coz. e "freezer", sauna e playground. Salão c/arca em cerejeira, qtos. c/arm., banhs. c/azulejo dec. até o teto. Vaga gar. Bom preço, abaixo valor, financ. ENTREGA AGORA EM OUT. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs na TECNILAR — TPV 122.

SAENS PEÑA, 2 QTOS., GAR., quase pronto (entrg. jan. próx.) em rua tranq. e resid. juntinho à Pça. Saens Peña. Copa-coz., dep. compl. ótimo acab. Rua Jurupari, 31. Sinal apenas Cr$ 55 mil, mensais Cr$ 20.275, em até 15 anos. Ou FINANC. DIRETO S/ COMPROV. RENDA. Infs. no local diariam. (incl. sáb. e dom.) até 22 hs. ou na TECNILAR - TPV 147.

AGORA PRONTO 3 QTOS. (1 suíte), 1 p/and., na Conselheiro Zenha, 58, rua tranq. e resid. pertinho Saens Peña. Ótima const. e acab. todo c/sinteco, 173m^2, vg. gar. Entrega imed., financ. 180 meses. Inf. no local das 8 às 21 hs. (incl. sáb. e dom.) ou na TECNILAR - TPV 126.

SL. 2 QTOS. CHÁCARA TIJUCA. Ótimo apt., dep. compl., garagem, todo sinteco, ar refrig. Poupança facilit. em 12 meses, financ. 225 meses. PREST. APENAS Cr$ 9.200 MENSAIS. Inf. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19hs. na TECNILAR — TPV 137.

VILA ISABEL

SALÃO, 2 QTOS. (1 suíte), todo acarpetado, 2 banh. soc., varanda, copa-coz., dep. compl. 2 VAGAS GAR., em ed. lx., excel. constr., quase pronto (entrega agora em out.). Ótimo local.: Rua Silva Pinto, 88, tranquila, c/ rua recreio e todas facilidades por perto. Infs. no local diariam. (incl. sáb. e dom.) até 21 hs ou na TECNILAR - TPV 125.

MÉIER

O NEGÓCIO DO ANO: excelente 3 qtos. (1 suíte), salão, 2 banh. soc., copa-coz., dep. compl., playground, 2 vagas gar. Muito amplo, todas as peças fte., todo acarpetado, esq. alum., vidros fumê. Novo, já c/ habite-se. Peq. entrada e grande financ. BOM E BARATO: V. FAZ AS COND. DE PAG. e pode usar FGTS. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 113.

SALÃO, 3 QTOS. (1 suíte), 2 banh. soc., 2 vagas gar., direito ao uso terraço. Apenas 2 p/ and., luxo, novo, na Pedro de Carvalho. Peq. entrada, saldo a comb. ACEITA-SE PERMUTA p/ terreno. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs na TECNILAR - TPV 138.

CASA 5 QTOS., 4 varandas, 2 banh. soc., dep. compl. emp., gar., quintal. Dois pavimentos, ótimo local. PREÇO BAIXO, facil. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs na TECNILAR - TPV 130.

CABO FRIO

PRAIA DO FORTE, ENTREGA IMED., sala, 1 qto. (+ 1 reversível), varanda, gar. escrit. Melhor local Cabo Frio, junto Hotel Malibu, esq. Av. 13 Novembro. Na praia, BEM DE FRENTE P/ MAR. Peq. entrada, saldo financ. até 120 meses. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) no local até 22 hs. ou na TECNILAR - TPV 101.

TERESÓPOLIS

AV. FELICIANO SODRÉ 1054. Ótimo apt.º de sala, qto. (1 suíte) 2 banh., coz., área de serv. Descortinando linha vista p/ praça e mont. Andar alto. Final de const. Entrega dez. Ótimas cond. e preço abaixo do mercado. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 150.

COMERCIAIS

IMÓVEL EM DESTAQUE

CAMPO GRANDE

PRÉDIO COMERCIAL C/ 12.30 m p/ Rua Barcelos Domingos. 2 pavimentos, 354 m^2 de loja, salão c/ 250 m^2 p/ escritório; estac. p/ 20 autom. Ideal p/ Bancos, Inst. Financ. e gde. Magazin. Ótimo preço e cond. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 152

LINS

A MELHOR COBERTURA 3 QTOS. do Lins, alto padrão, muito bem decor. p/ ÓTIMO PREÇO FINANC. 25 meses ou CAPEMI. Salão 44m^2, os 3 qtos. c/ arm. emb. e ar cond., varandão 40 m^2, 2 banh. soc. c/az. decor., copa tijolo aparente piso cerâmico, coz. c/ arm. fórmica, fogão 2001 e triturador. Dep. compl. e terraço serviço. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 134.

ENG. DENTRO

ATENÇÃO SL. 2 QTOS., banh. soc., coz., dep. compl. emp. e VAGA GAR. por bom preço, facil. Prédio c/ fach. pastilhas, portaria decor., na Rua Mon. Jerônimo. ESTUDA-SE PROPOSTA. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 131.

CENTRO

SOBRELOJAS LGO. CARIOCA, local excep. junto est. Metrô. Ed. alto padrão, ar refrig., mús. amb., excel. ponto com. Entrega agora set ÓTIMAS COND. PAG. C/ FINANC. 50 MESES. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 105.

ANDARES CORRIDOS 726 m^2, ed. alta categoria, ótimo local., 6 VAGAS GAR. P/AND. ENTREGA AGORA SET. Todo acarpetado, esq. alum. ouro, vidros Prosol topázio, 7 elev. Hall entrada c/ piso granito, paredes mármore. Cond. flexíveis pag. Marcar visitas diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. c/ a TECNILAR - TPV 115.

COPACABANA

GR. 5 SALAS C/3 VAGAS gar. em ed. alta categ. em esq. da Av. Copacabana, excel. ponto com. Salas c/ 2 fts. ENTREGA NOV. PRÓX. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 124.

FLAMENGO

CURSOS/MÉDIAS EMPRESAS: sobre-loja c/556 m^2 área útil e 7 VAGAS GAR. ENTREGA IMEDIATA. Peq. entrada, saldo até 50 meses. Ótimo pto. com., R. Marques Abrantes, 88. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) no local até 22 hs. ou na TECNILAR - TPV 127.

CABO FRIO

LOJA NA PRAIA, FRENTE, nova bom preço c/ peq. entrada e financ. 35 meses. PONTO EXCEPC. PRAIA DO FORTE esq. Av. 13 de Novembro. Ver no local diariam. (incl. sáb. e dom.) até 22 hs., infs. diariam até 19 hs. na TECNILAR - TPV 132.

A GRANDE OFERTA

MÉIER

EXCELENTE CASA, EST. TOWN HOUSE, 2 pavimentos, 1 ou 2 qtos., varanda, sl. estar, sl. jantar, 2 banh. soc., coz. e dep. serv. Um mini-bairro. Apenas 17 casas, todas c/ gar. coberta, rodeadas jardins, área lazer e estac. visit. Local tranq. exclus. resid. pertinho Rua Honório. Apenas Cr$ 2 mil mensais, entrega 12 meses. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 151

GRAJAÚ

PRONTO, NOVO, 2 QTOS., garagem, local tranquilo (Prof. Valadares, 49). ÓTIMO APT. 142 m^2, peq. entrada (pode util. FGTS), financ. 180 meses. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) no local até 21 hs ou na TECNILAR - TPV 111.

NA ITABAIANA RESIDENCIAL, excel. salão 3 qtos. (1 suíte), 2 banh. soc., copa-coz., dep., compl., gar. APENAS 1 P/ANDAR. Bom preço, financ. 15 anos. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs na TECNILAR - TPV 143.

NA COM. MARTINELLI, sala, 2 qtos. c/ arm. embutidos, todo acarpetado, banh., coz., dep. compl. emp., gar. escrit. PREÇO OCASIÃO, facilit. Entrega agora em out. Infs. diariam. (incl. sáb. e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 133.

VILA DA PENHA

RUA INSPIRAÇÃO SL. 2 QTOS. (1 c/ 20 m^2), banh., coz., área serv. por apenas Cr$ 650 mil c/ peq. entrada, saldo 15 anos (Cr$ 7.700 mensais). Prédio de gabarito, FACH. PASTILHAS, ESC. MÁRMORE, ótimo estado. Infs. diariam. (incl. sáb e dom.) até 19 hs. na TECNILAR - TPV 145.

CAMPO GRANDE

CASA PRONTA C/ HABITE-SE ou em constr. p/ entrega 12 meses, em local tranq. e residenc. juntinho ao centro de Cpo. Grande. Casas de 2 ou 3 qtos. (1 suíte), salão, varandas, 2 banh. soc., copa-coz., adega, dep. serv., gar. METADE DE PREÇO QTO. - SALA ZONA SUL. Ver no local, R. Vitor Alves, 100 (tel. 394-7740) esq. Est. Rio do "A" diariam. (incl. sáb. e dom.) até 20 hs. ou infs. na TECNILAR - TPV 119.

Rua do Carmo, 7 — 17.º andar
Tel.: 242-0876 / 221-1491
221-1494 / 222-5645 / 263-9422
Walmir Ferreira — CRECI J-0984

A Central de Informações TECNILAR funciona diariamente, inclusive sábados e domingos, das 9 às 19 hs. Telefone ou venha pessoalmente.

Rio e Minas seguem a linha das paulistas

As ervas aromáticas combinaram tão bem com o paladar dos cariocas — um paladar, aliás, desprezado há muito pela incúria e descaso dos donos de restaurante — que a fazendeira Maria Lúcia Nabuco, íntima da terra, dos ancinhos e das pás, está hoje diante de um grande empreendimento: a *Provence*, única loja do Rio que comercializa manjericão, camomila, cerefólio, alecrim, estragão e alfavaca. Além de toda a gama que fez da cozinha do Sul da França uma obra de arte à altura dos trovadores, da língua portuguesa, e outras glórias provençais.

A fazenda de Maria Lúcia — Fazenda Zacarias — fica a duas horas e meia do Rio, na Posse, e no início era apenas um retiro de fim de semana, lugar das férias de seus cinco filhos. Mas a jardinagem levou rapidamente a proprietária até as ervas importadas, cujas sementes plantou — entre elas estragão e salsa crespa. As receitas um tanto alquimistas começaram a tomar forma mais técnica em 1976 — muitas foram aprovadas e até encomendadas.

Nos restaurantes, os conhecedores de ervas começaram a exigir novos temperos nas carnes; e os acomodados *restaurateurs* aos poucos dirigiram-se à Fazenda Zacarias em busca da invenção e criatividade que nunca se deram ao trabalho de fazer surgir.

Maria Lúcia hoje vende suas ervas a restaurantes e hotéis do Rio e de outros Estados; na loja cuida da apresentação dos produtos — as embalagens merecem atenção especial — e organiza a importação das sementes; todas as ervas crescem no Brasil, e bem. A quantidade de semente importada varia conforme a demanda e não se faz estoque, porque preferem-se sempre as ervas frescas.

A lista extensa das ervas gera confusão entre os consumidores, a maioria ainda pouco habituada a esta culinária do aroma e da suavidade agreste. E a loja faz sugestões que melhoram o paladar de uma carne, por exemplo. Nas prateleiras cada embalagem é identificada por etiqueta — às vezes escrita à mão, o que dá um ar de rusticidade e bucolismo ao que se compra. Nomes como segurelha, funcho, erva-cidreira e tomilho fascinam o consumidor neófito atento a uma arte tão simples e tão antiga. No momento os projetos de Maria Lúcia se limitam a manter a produção, distribuição e venda, nos moldes em que estão, e gerir a loja do Rio.

— Não quero industrializar as ervas. O nível artesanal é bem melhor. Tantas pessoas trabalham no produto que a introdução de máquinas atrapalharia e tiraria o toque natural das ervas. Todos sabem que compram ervas frescas e naturais, sem nenhum colorante, o mercado está aberto e tenho a confiança de todos os fornecedores. Exijo que as encomendas sejam entregues no prazo previsto.

A empresária aprendeu que uma certa antecedência — uma correta dose de *planning* — é necessária. Cada erva exige um trato diferente e as mudanças de estação afetam as folhas frágeis. Há ervas que não crescem no verão, como o cerefólio, para

Maria Lúcia Nabuco: "Faço tudo sozinha, embora tenha a assessoria do meu marido. Desde que comecei no negócio não tiro férias"

não interromper o fornecimento, Maria Lúcia planta-a numa caixa e deixa-a à sombra. Uma das metas é conseguir ter as ervas todas durante o ano inteiro e até mudar o local de plantio quando preciso.

Entre os potes coloridos, os laços dos *sachets*, as cestas arrumadas cuidadosamente, Maria Lúcia não tem tempo para reuniões, o trabalho ocupa-a por inteiro.

— Engraçado não poderia imaginar, quando plantava minhas ervas, que estaria à frente de um negócio, um *business*. Aos poucos tive que aumentar tudo, porque as encomendas cresciam. Hoje na fazenda tenho um sistema de irrigação que molha a terra duas vezes por dia. Ensinei ao pessoal que trabalha comigo a importância dessas ervas, no início eles achavam que eu me preocupava demais com miudezas. Agora posso dizer que domino o assunto, mas a falta de literatura especializada no começo era um *handicap*, embora só se aprenda mesmo é na prática.

Cabelos sempre bem penteados, soltos ou presos, figura frágil, cores tênues no rosto e roupas elegantes formam o conjunto da empresária, que tem horário sobrecarregado, sempre fichando e pesando as ervas por guardar e atendendo a dezenas de telefonemas de fornecedores e vendedores que reportam a atividade do dia. Seus olhos azuis brilham quando responde pela sua independência:

— Faço tudo sozinha. Claro que tenho assessoria e apoio de meu marido (o advogado Joaquim Melo Franco Nabuco), mas ele tem outras atividades. Desde que comecei no negócio nunca mais tive férias.

Ao contrário de Maria Lúcia Nabuco, monarca de seu perfumado e pequeno domínio botânico, a loja Griffe do Rio — e sua confecção já industrializada — está sob o comando de três mulheres de gostos afins, três *business women* que lembram mais as *Charlie's Angels* do que executivas a enfrentar todos os dias burocracia, vendas e criação.

Cláudia Andrade, Keila Vital Brasil e Maria Cecília Noronha tiveram formações diferentes, mas os corredores dos desfiles e o universo da moda uniram seus interesses. Keila, 25 anos, alta e esguia, estudou Pedagogia e foi manequim; terminou os estudos nos Estados Unidos, para onde foi com o ex-marido e voltou com dois filhos para aqui se aproximar dos desfiles e criações. Maria Cecília, loura, olhos azuis expressivos, 30 anos, desfila desde os 19, quando casou; e Cláudia Andrade, desquitada, 31 anos, foi jornalista, mas cedo se afastou da tensão das redações, onde já mantinha contato com a rotina dos manequins e o trabalho dos donos de confecções.

O centro da atenção das três é a criação de roupa, num desenho que apresente "o estilo mais livre possível"; os *croquis*, são elas, em conjunto, que os fazem, desde que em 1976 juntaram seus talentos num *atelier* cuja produção nunca foi suficiente para atender à demanda. Naquela época, todo o dinheiro que ganhavam em atividades diferentes revertia para o pequeno negócio. E em 1978, um desfile na Gávea determinou a abertura da loja.

— Preferimos a parte de criação, mas tudo é feito em conjunto. Parece fácil apresentar uma coleção, mas a escolha dos tecidos, das costureiras, o cuidado com o acabamento exigem esforço. Investimos na loja porque acreditávamos, desde o *atelier*, que nosso estilo daria certo, — explica Maria Cecília.

Cláudia assinala que a clientela é enorme, "uma faixa de mulheres que vai dos 15 aos 50 anos". A produção é diversificada, mas as três mantêm o clima de exclusivismo e sofisticação que cercou a abertura do *atelier*: uma moda *habillé*, com muita seda e crepe importados, voltada para a noite. Hoje as coleções podem conter uma peça a ser usada de várias maneiras.

Mais preocupada com um mercado de características diversas, Thereza Christiana Pessoa de Queiroz Gamet, dona da boutique Jackie O, no bairro da Boa Viagem, Recife, considera um "pecado" a existência da alta costura e de mulheres que não hesitam em pagar até Cr$ 30 mil por um vestido.

Vanda Luzia Machado Brandão, 35 anos, uma mineira de Itabira que dirige a loja de brinquedos pedagógicos João Ternura em Belo Horizonte, diz que não teve problemas no trabalho pelo fato de ser mulher. Há dois anos e meio ela vende jogos, brinquedos e material didático para crianças na faixa de 1 a 14 anos, normais e deficientes. Atende clínicas, creches, escolas e grupos de teatro infantil de Belo Horizonte.

Casada, com dois filhos, Vanda dedica-se em horário integral à loja, selecionando os brinquedos como se fossem para ela mesma:

— Às vezes até coloco o lucro em plano inferior ao do meu gosto pessoal. Acho que a opção entre o resultado comercial e o gosto que tenho pelos brinquedos é um desafio.

Como as demais ela viaja constantemente para pesquisar as novidades que vão sendo lançadas pelas fábricas. Já foi professora primária, mas um dia sentiu necessidade de trabalhar em um negócio dela mesma:

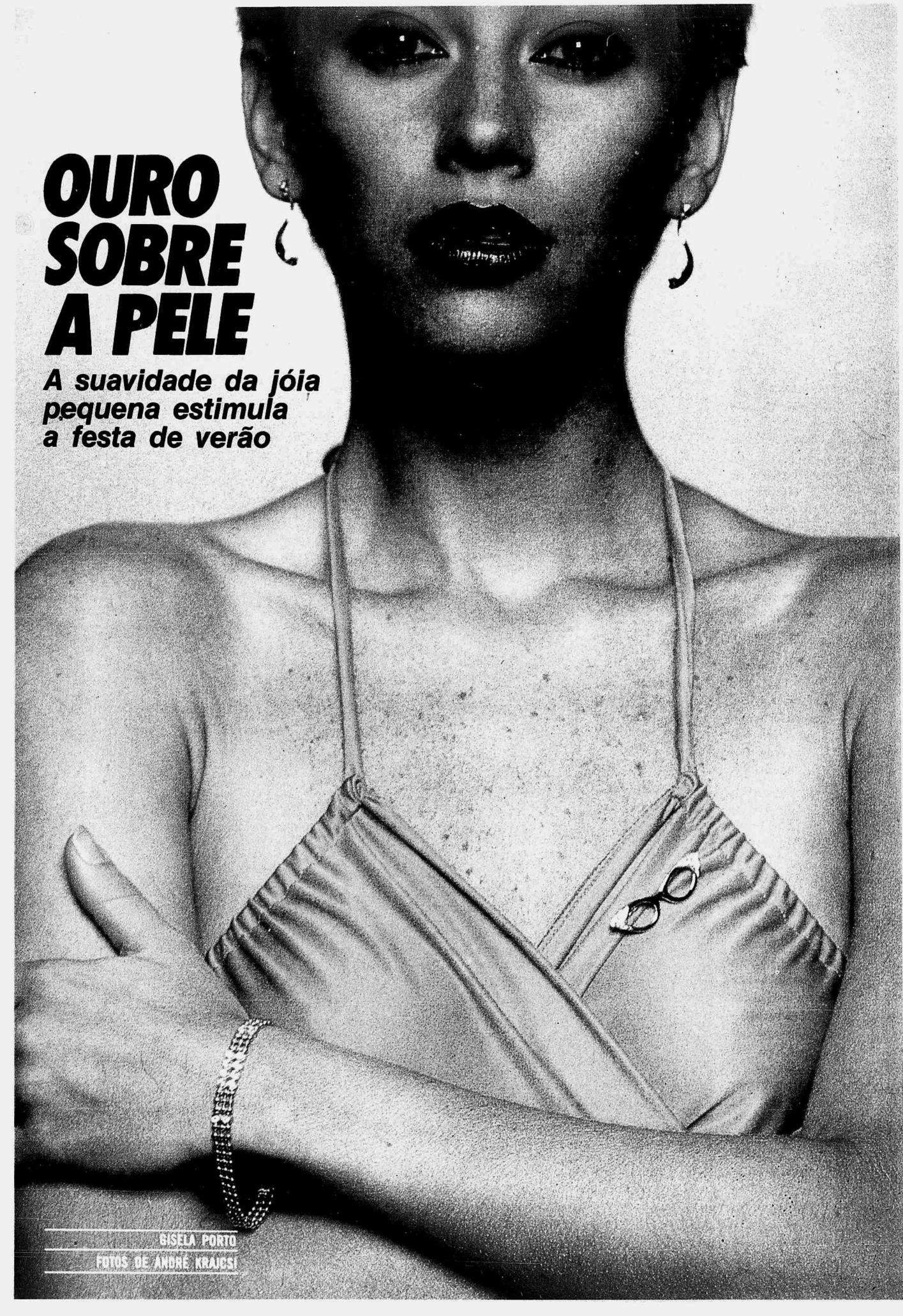
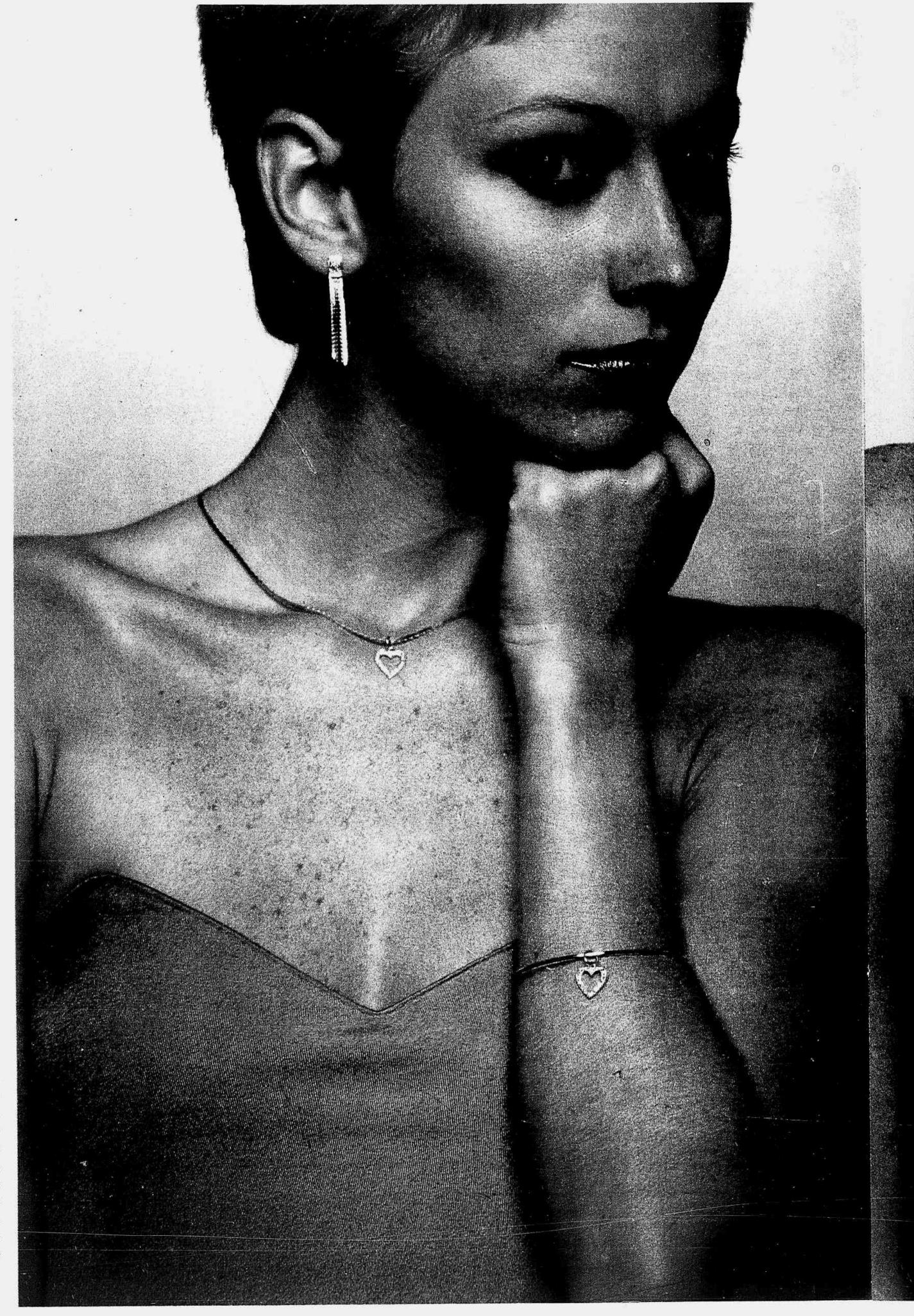
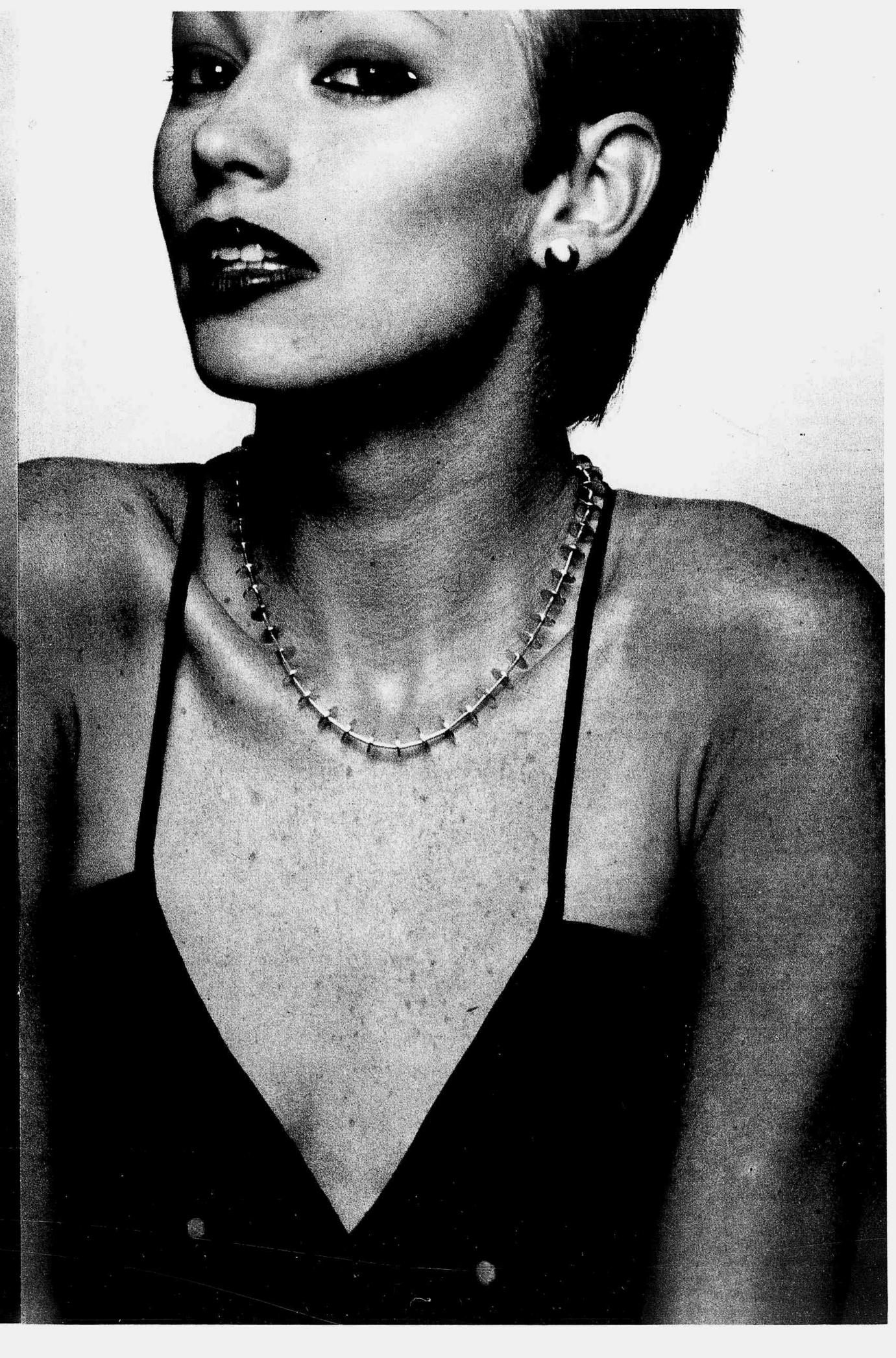
— Como sempre *curti* muito brinquedos, e ainda *curto*, escolhi esta atividade. Acontece que leio muito sobre este ramo e sobre Psicologia. Acredito que a concepção do ensino na qual a criança age por si mesma, examinando, comparando, ordenando, observando fenômenos e tirando conclusões, só pode ser realizada se materiais diversos estiverem à sua disposição. É isso que procuro fazer. ■

JOÊLLE ROUCHOU E CLÁUDIO CORRÊA

OURO SOBRE A PELE

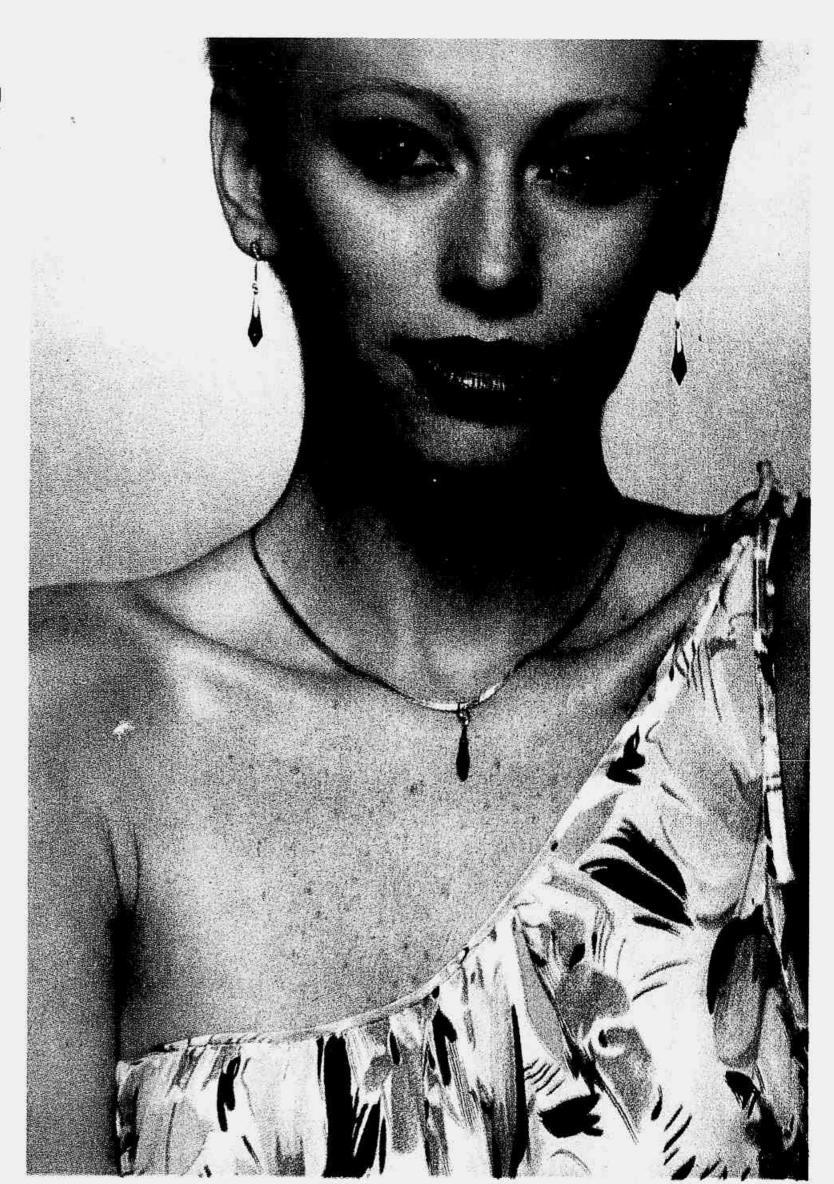
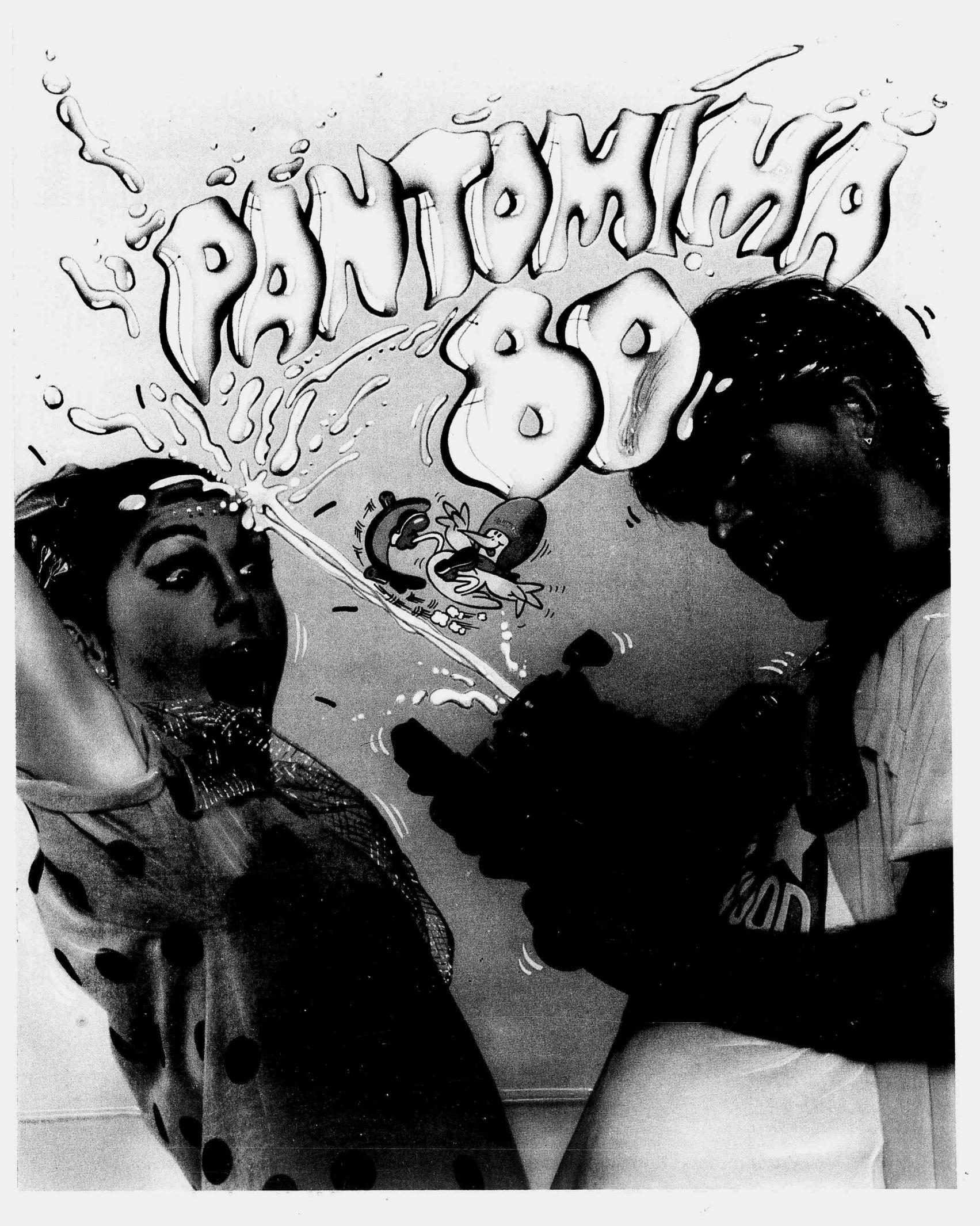
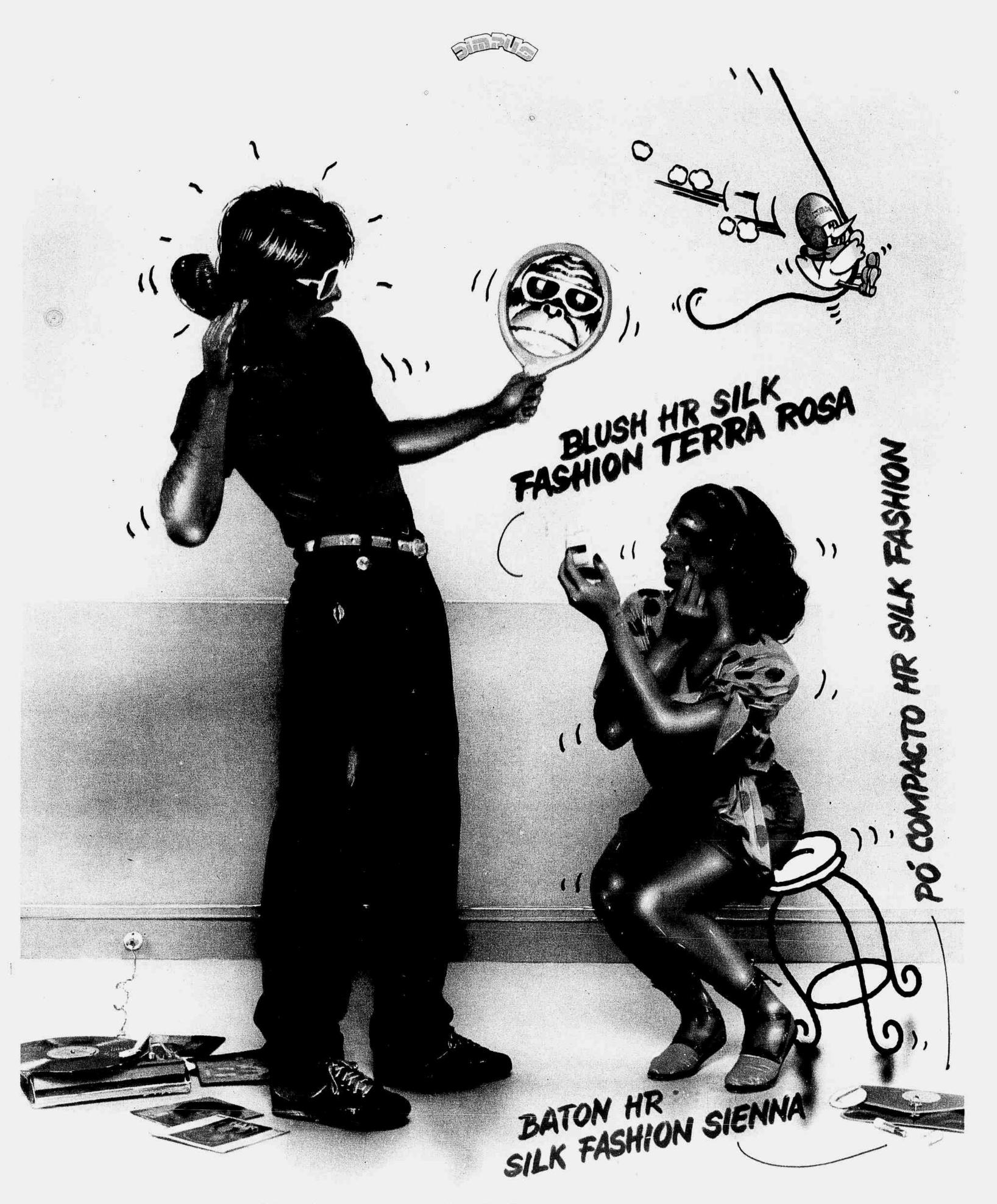
A suavidade da jóia pequena estimula a festa de verão

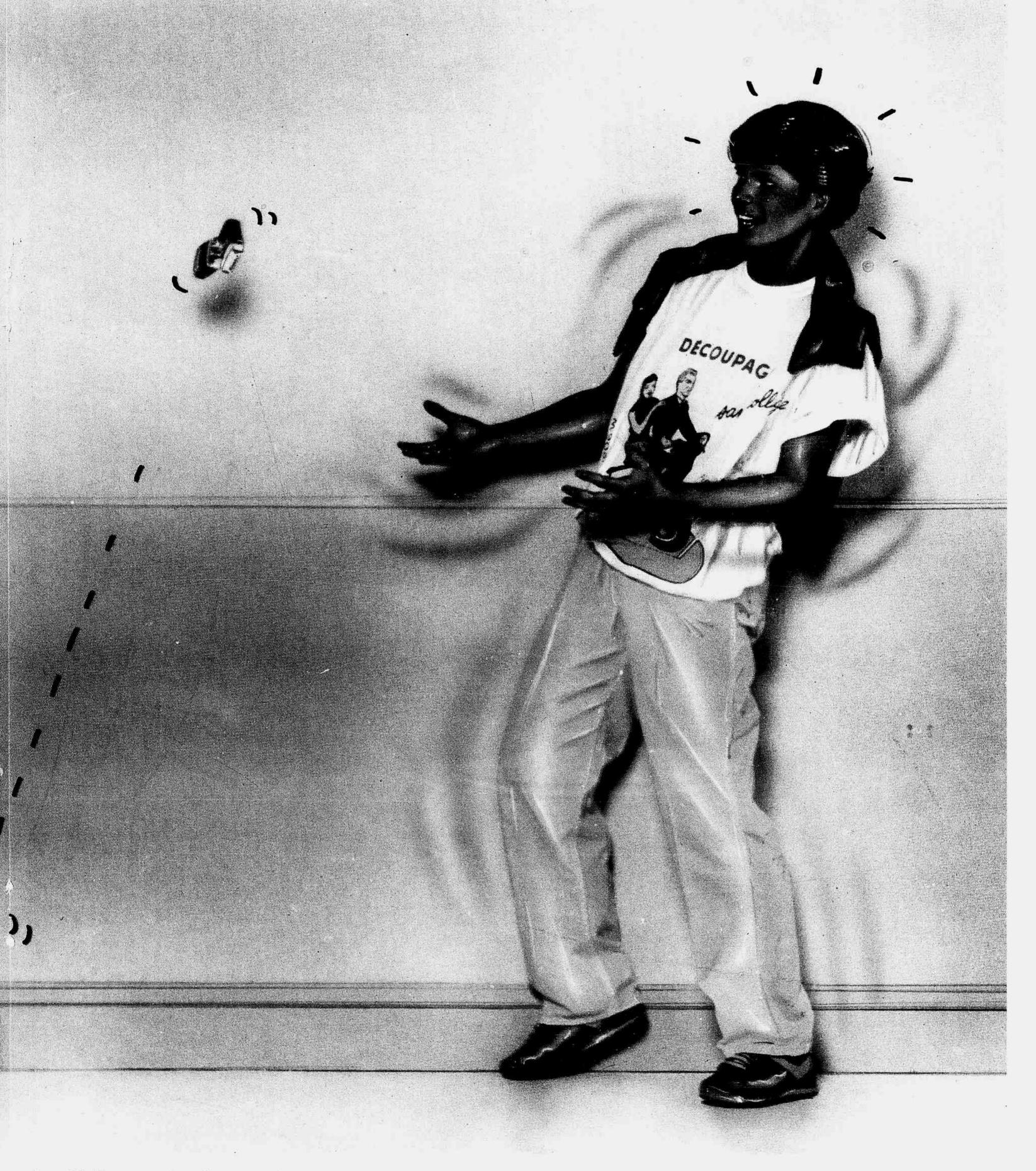
As coleções deste fim de ano redescobrem a silhueta; as cinturas voltam ao lugar, as pernas se mostram, o busto se valoriza. Com o verão os decotes despontam, inspirados nos modelos que glorificaram as estrelas dos anos 50. E sobre a pele, a riqueza das jóias, nas formas limpas e líticas das criações de Antônio Bernardo. Na blusa frente única da Mariazinha Boutique, o contraste do ouro sobre o shocking, o broche em forma de óculos com brilhantes, pulseira de três carreiras de bolinhas em ouro e brilhantes e o brinco curvo, também em ouro e brilhantes

GISELA PORTO
FOTOS DE ANDRÉ KRAJCSI

Para o decote em forma de coração, em jérsei azul-cobalto da Mariazinha Boutique, cria-se o movimento a partir dos fios de ouro flexíveis com brilhantes. A harmonia se completa com os corações em ouro e brilhantes na pulseira e na corrente fina em torno do pescoço, destacado em sua nudez de forma a valorizar a delicada simplicidade das jóias. O conjunto poderá demonstrar que requinte e ostentação têm pouco ou nada em comum; a luminosidade da jóia sobre a pele decorre de uma combinação de fragilidade, leveza e suavidade

O retorno aos pois, no top da Lelé da Cuca com decote em V cruzado na frente, põe em evidência a gargantilha criada por Antonio Bernardo em pastilhas de ouro, completada aqui pelo brinco em ouro fosco do mesmo formato. A profundidade do decote é conseqüência do apelo atraente do verão, que vai exigir pele queimada de sol e movimento livre. De novo a harmonia das formas é a chave da composição exibida por Sônia Regina, cujo cabelo, bem curto de maneira a destacar os brincos, foi penteado por Aloísio

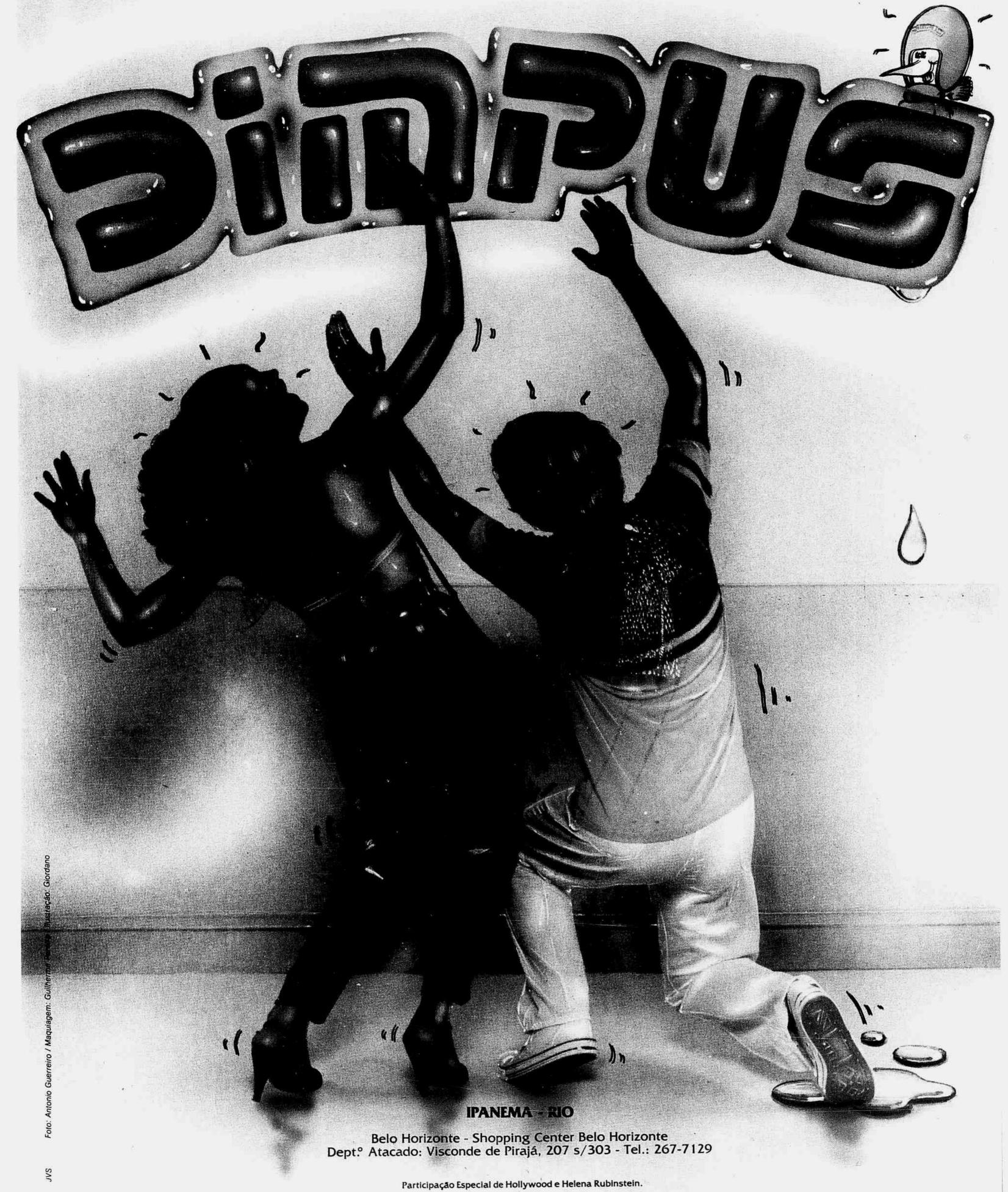
Pingentes de topázio nos brincos e na corrente de ouro atestam a cor viva da pedra brasileira, em destaque no vestido de um ombro só da Lelé da Cuca, com estampa vermelha de pinceladas

A pureza sóbria, econômica da jóia ilumina a pele através da turmalina retangular na gargantilha de aro de ouro. Os brincos de turmalinas completam o vestido com decote V, em estamparia azul e verde no mesmo tom das pedras, da Lelé da Cuca

PANTOMIMA
80

Vrooommm... Ronald e Elaine introducing Dimpus Summer Collection.

New jeans, a special look. E very nice accessories.

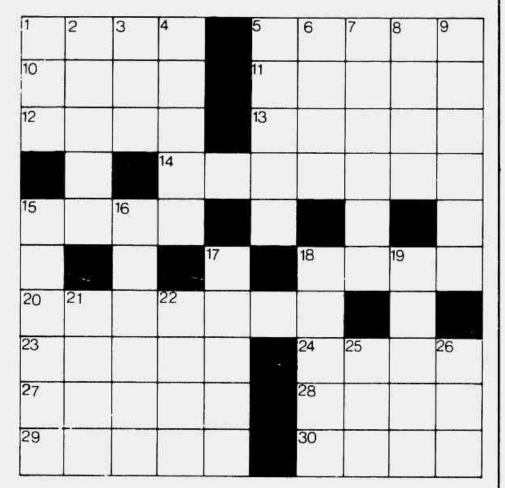
Roupa very very large, de apertado só boca de

e calça. Yellow and red, special Dimpus colors.

Huuummmmm... Brazilian hot coffee and the Dimpus fashion time.

Bye, bye. A gente se encontra lá na Dimpus.

IPANEMA - RIO
Belo Horizonte - Shopping Center Belo Horizonte
Dept.º Atacado: Visconde de Pirajá, 207 s/303 - Tel.: 267-7129
Participação Especial de Hollywood e Helena Rubinstein.
JVS

CRUZADAS

CARLOS DA SILVA

HORIZONTAIS — 1 — Cair com ímpeto e depressa; 5 — tornar gordo; engordar; 10 — grande agitação; ondulação; 11 — pimenta-da-costa; 12 — feixes, molhos; 13 — corpos vegetativos das plantas inferiores; 14 — decomposição de um todo em suas partes constituintes; 15 — deixar passar através; 18 — saco de couro; obra malfeita; 20 — ir embora; sair; 23 — que procede dos avós ou antepassados; 24 — recife de coral; 27 — perverter, corromper; 28 — uso diário; 29 — leque, abanico, usado em cerimônias religiosas; 30 — sulcar as águas de; navegar.

VERTICAIS — 1 — certa quantidade; 2 — superior a todos os demais; 3 — que foi ou se foi; passado; 4 — medir com a rasa; 5 — examinar com atenção; 6 — substância orgânica extraída do esparmeacete; 7 — que surte efeito; eficaz; 8 — arredores de um lugar importante; 9 — erva anual, da família das resedáceas; 15 — golpe dado com a cabeça; 16 — que nasce no alto das montanhas; 17 — abertura feita num convés, e por onde enfurna um mastro ou o eixo de um cabrestante; 18 — carvão incandescente; 19 — quadra popular; 21 — apoio moral ou intelectual; 22 — sufixo verbal: ação freqüentativa; 25 — uma das principais divindades escandinavas; 26 — terra natal; remplo.

CHARADÍSSIMO

CHARADAS AFERÉTICAS
(supressão da sílaba inicial na primeira chave)

1. No prédio *LIGADO* ao meu
   -Mora a menina Clemência;
   -Por questão de *COERÊNCIA*
   -Meu destino ligou-se ao seu. 3 — 2

2. Tudo que é *MUNDANO* é passageiro,
   -Só o espírito é *VERDADEIRO.* 3 — 2

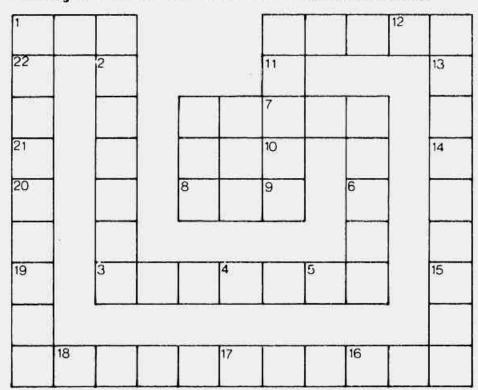
3. Aviador do ar gosta
   -E da água o *NAVEGANTE*
   -Gosto um *BOCADO* da terra
   -E por isso sou infante. 3 — 2

4. Todo homem *INSTRUÍDO*
   -Fica *QUIETO* se ofendido. 4 — 3

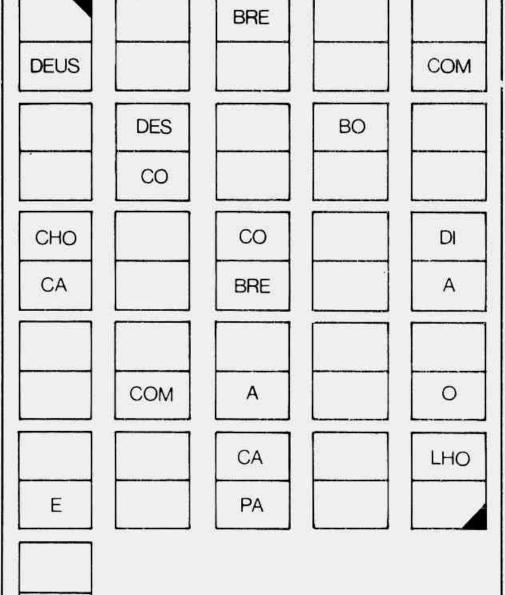
5. Primeiro *ALARDEAR* covardia
   -e *TRATAR DE CONSEGUIR* a valentia. 3 — 2

6. *DA MESMA FORMA*, minha querida,
   -Serás minha *AMADA* toda a vida. 2 — 1

CONTINUEX

Deve ser encontrado um sinônimo para cada pedida numerada e com tantas sílabas quantas forem as quadrículas, preenchendo-as até chegar a palavra seguinte. A última sílaba de cada termo começa o imediato e assim sucessivamente.

1. louça fina; 2. simplicidade; singeleza; 3. que denigre; 4. entorpecido; quieto; 5. coberta de trevas; 6. qualidade de sapiente; 7. que amacia; 8. que se teceu; 9. porção; 10. campo de cereais; 11. ato de ratear; 12. asneira; 13. cêra dos ouvidos; 14. relativa à melodia; 15. funesto; infeliz; 16. relativo a Sócrates; 17. fazer coleção de; 18. enamorado de si mesmo; 19. estrado; palanque; 20. dar em doação; 21. que vem fora do tempo; 22. pôr defronte de.

DOMINÓ PROVÉRBIO

As pedras do dominó foram misturadas. As que têm a parte inferior em branco indicam que a sílaba de cima é a última de uma palavra; as que têm a parte superior em branco indicam que se trata de sílaba única e as sem letras separam os termos da frase. O jogo começa com a pedra marcada na parte superior e termina com a assinalada na parte inferior. Após a junção das pedras corretamente, ler-se-á um provérbio conhecido.

BRIDGE

LIZZIE MURTINHO

COLOCAÇÃO DE CARTAS (I)

Você está atacando 4 espadas depois do morto que aparece com Axx de trunfo, e está olhando satisfeito para o seu K seco, esperando a finesse para derrubar o jogo. Mas qual não é a sua surpresa quando o carteador joga a Q da mão e entra de A, caçando o seu K e comendo o game.

Você olha para os lados para ver se tem alguém perto, puxa suas cartas para debaixo da mesa, olha feio para seu parceiro que pode ter dado bandeja.

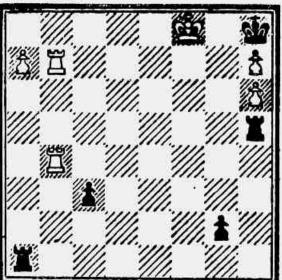
Mas o que ocorreu não foi nada disso. O adversário é bom jogador e pensa em coisas que você não pensa por preguiça mental.

O leilão foi aberto por você em 1 ouros, o adversário marcou 1 espadas, seu parceiro passou e o jogo acabou em 4 espadas. A saída de seu parceiro foi J de ouros e você faz o A e o K. Ponha-se no lugar de Sul:

♤Axx	♤QJ10987
♡Kxxxxx	♡xx
◇xx	◇Qx
♧Kx	♧AQx

Depois de dar 2 ouros ele só pode dar 1 copas. Para que isto aconteça o A de copas *tem* que estar em Oeste. Mas tendo em vista o leilão, se o A de copas está em Oeste o K de trunfo deve estar em Este e se for assim só serve se estiver seco. Vidência, não, raciocínio;

XADREZ

RUY LOPEZ

Brancas jogam e ganham

O jogador tático parte do real, da disposição das peças no tabuleiro, para descobrir os lances forçados que mudem, de um golpe, o equilíbrio. Já o jogador posicional concebe a posição a que deseja chegar, num processo dedutivo de direção contrária ao pensamento tático. Claro? Posicional é o estilo do tcheco Jan Smejkal, 31 anos, forte concorrente do Interzonal carioca, e cujo pior inimigo é o relógio: em Amsterdam, 1979, ultrapassou o limite de tempo contra Sax e, abalado, deixou escapar outra vitória na rodada seguinte. Mesmo assim, ficou só meio ponto atrás dos vencedores, Sax e Hort.

Smejkal x Torre, Torneio IBM, 1979

1. C3BR, C3BR; 2. P4B, P3CR; 3. P4D, B2C; 4. P3CR, 0-0; 5. B2C, P3D; 6. 0-0, P3B; 7. C3B, B4B; 8. C1R! **(impede 8...C5R e prepara um forte centro)**, D1B; 9. D3C, C3T; 10. P4R, B3R; 11. P4TD, T1C; 12. C3B, B6T; 13. T1R, BxB; 14. RxB, C2B; 15. P3T, C2D; 16. B3R, C3R; 17. P5T, P4BD; 18. C5D, T1R; 19. TR1D, T1T **(longa manobra para reconquistar o terreno perdido no centro, com C2D/ 1C/ 3B)**; 20. D2B, C1C; 21. PxP! **(refutando o plano das negras)**, PxP; 22. P5R!, C3B; 23. D4R, D1C; 24. C4B! **(linda proteção indireta ao PR, pois como quer que tomem as negras segue 25. CxC com vantagem decisiva, i.e.:24...BxP; CxC, PxC; P6T!, B3B; DxPch, R2C; B4B, D1B; DxD, TDxD; PxP)**, C(3R)5D; 25. BxC, CxB; 26. CxC, PxC; 27. C3D! **(a solução posicional: mobilidade dos peões na ala-dama, bloqueio do PD negro isolado, e um cavalo mais ativo que o bispo adversário)**, T1D; 28. P4CD, D2B; 29. TR1BD, TD1B; 30. P5C, P3B; 31. P5B, P3TD; 32. P6B, PxPB; 33. TxP, D2C; 34. PxPB, PxPB; 35. T(1)1BD, R1T; 36. D3B, TxT; 37. PxT **(o peão que decide a partida)**, D2BD; 38. T1CD, DxPT; 39. T7C, T1BD; 40. D4R, D1D **(...B1B; D6R, T2B; DxPch, R1C; D8D)**; 41. T7D, abandonam. **Contra 41...D3C, segue P7B, B1B; C4B, TxP; CxPch, PxC; D4Tch, e contra 41..,D1C; P7B, P4TD; D7R, B1B; DxPBch, B2C; D8D com a ameaça indefensável de DxDch seguido de T8D.**

Léxicos Utilizados: Nos problemas deste número foram utilizados os seguintes: MEC; Melhoramentos; Pequeno; Aurélio e Casanovas. Correspondência e remessa de livros e revistas charadísticos para: Rua das Palmeiras, 57 apto. 4 — Botafogo — CEP 22.270.

As soluções estão na página 44.

Contracultura

WOODSTOCK, 10 ANOS DEPOIS

Os americanos esqueceram a estridência mas o comportamento da sociedade mudou para sempre

ROBERT REINHOLD The New York Times

Em milhares de formas, quase imperceptíveis, nas transações rotineiras do dia-a-dia, nas diversões e na vida familiar, a nação Woodstock continua viva nos Estados Unidos. Não é inteiramente óbvia na cidade ou no resto da paisagem americana. Foram-se, em sua maior parte, os vívidos sinais de despertar cultural e político nacional simbolizado por aquela extraordinária concentração juvenil no Festival de Woodstock, em Nova Iorque, e que fez 10 anos no mês de agosto.

Foi anunciado como um concerto de *rock*, mas na mente de muitos que compareceram foi uma comemoração de vitória, a culminação de uma década de cruzada juvenil em favor de um estilo de vida mais livre, de paz e tolerância — uma cruzada enraizada em forças nacionais como os direitos civis e outros movimentos da época. Para eles, Woodstock assinalou a rebelião contra o que se encarava como uma ordem velha, repressiva e corrupta, e a proclamação de uma nova ordem.

Os *jeans* com bocas largas bordadas e os colares de contas deram lugar a paletós, gravatas e roupas mais conservadoras. O *rock* psicodélico de Jimi Hendrix, Sly and the Family Stone e Jefferson Airplane desapareceu nos melosos sons de discoteca de Donna Summers e *rock* progressivo de Kiss e Ted Nugent. E o radicalismo político provocado pela guerra do Vietnam reverteu à política mais convencional e até à apatia.

Mas, se o calor político desapareceu, o espírito de abertura e tolerância que marcou essa era da contracultura permaneceu, apesar das sugestões de alguns de que a nação está voltando à década quieta e mais conformista de 50. Grande parte do que a contracultura produziu espalhou-se para muito longe de seu ponto de origem, nas universidades, e infiltrou-se em todas as classes sociais. E deixou as pequenas cidades americanas — milhares delas — diferentes em muitos aspectos.

Nem todos aplaudem as diferenças. Sociólogos e historiadores que acompanharam essas mudanças geralmente concordam em que os Estados Unidos, hoje, são acentuadamente diferentes do que eram na década de 50. Não são unânimes, contudo, sobre se as mudanças foram para melhor. Alguns aplaudem as atitudes descontraídas em relação à liberdade sexual, uso de drogas e comportamento convencional. Outros mais radicais consideram as mudanças de estilo de vida superficiais, pois deixaram sem remédio as desigualdades raciais e econômicas.

E ainda outros vêem um enfraquecimento do tecido moral nacional e uma nova norma cultural que impede os que têm valores tradicionais de segui-los. Quem duvidar de que as coisas mudaram deve conversar com Billie B. Wallace, 53 anos, chefe de polícia de Des Moines, cidade de 200 mil habitantes no Estado do Iowa: só aceita novos agentes se eles garantem que não mais fumam maconha. Não é que o chefe tenha muita simpatia pela erva; é que a polícia descobriu que dificilmente encontraria novos recrutas de outro modo.

O espírito de Woodstock foi rapidamente desgastado pela recessão econômica que se seguiu na década de 70, que em alguns casos solapou a liberdade financeira que deu a tantos jovens os meios para percorrer o país e assistir a festivais de *rock*. Eles logo se viram competindo por escassos trabalhos e lugares nas escolas profissionais. E alguns descobriram que os valores da classe média não eram tão repugnantes como pensavam.

Mas os jovens da geração Woodstock ainda estão -se infiltrando em Des Moines, e alterando o seu estilo de vida. São seus jovens professores, policiais, repórteres de jornais e televisões, advogados, comerciantes e pais. Embora tenham em sua maioria abandonado os colares de contas, os cabelos compridos e as preocupações políticas da década de 60, estão trazendo a suas carreiras novas atitudes sobre sexo, drogas, casamento e trabalho, que sem dúvida foram formadas por suas experiências juvenis com a contracultura.

No processo, estão alterando a definição de notícia nas redações, mudando o caráter do trabalho policial e da aplicação da lei, expandindo os limites da linguagem aceitável, gradualmente liberalizando as práticas comerciais e de trabalho e trazendo novas prioridades às salas de aula.

Mas em todo o país a velha geração fez algumas acomodações. Entrevistas com jovens e velhos indicam que a muito falada distância entre as gerações se estreitou:

— O que temos é uma interpretação das gerações, as pessoas descobrem que não estão mais tão distantes — diz John R. Searle, filósofo da Universidade da Califórnia, em Berkeley, que atuou na Comissão Consultiva Presidencial sobre Inquietação na

O som das guitarras de conjuntos c

os como The Who marcou uma transformação que até hoje se reflete na sociedade americana

Universidade, em 1970. — Estou profundamente impressionado com o fato de que agora temos muita tolerância para com todos os tipos de estilo de vida. Houve um enorme declínio na atividade política desde os anos 60, mas uma quantidade incrível de mudanças culturais ainda permanecem.

Mas outros, que aguardavam, ou pelo menos tinham esperanças de uma transformação política duradoura como resultado do novo movimento esquerdista misturado com a contracultura, estão menos impressionados. Christopher Lasch, historiador social da Universidade de Rochester, e autor de *The New Narcisism*, concorda com que os jovens trouxeram maior tolerância à vida americana. Mas, acrescenta:

— Realmente não creio que estejam mudando as instituições. Há poderosas coerções econômicas, que não podem ser alteradas simplesmente fazendo-se mudanças no estilo de vida — diz ele, acrescentando que mesmo muitas das mudanças culturais são mal orientadas. — Jovens professores podem fumar maconha e falar em ajudar, mas a educação está-se deteriorando.

David Riesman, sociólogo de Harvard, declara, um pouco contra vontade, que "a contracultura triunfou". Ele condena o que chama de "a tirania do iluminismo":

— É maravilhoso o relaxamento de velhas restrições, das quais fugia Sinclair Lewis. Mas em muitos lugares, os novos valores têm uma hegemonia quase tão total, que as pessoas com valores velhos são perseguidas.

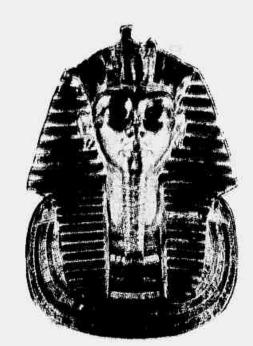
Embora diga que aplaude o alimento natural e os movimentos em favor do meio-ambiente. Riesman acha que a contracultura prejudicou seriamente a vida intelectual americana, a alta cultura e a produtividade nacional.

Outros são mais simpáticos em relação ao resíduo dos anos 60, mas não sabem até onde ele durará:

— Concordo com que as sensibilidades da década de 60 estão sendo quase institucionalizadas — diz Bennett Berger, sociólogo da Universidade da Califórnia, em San Diego, autor de um livro sobre comunas a ser lançado, *Ideological Work*. — Mas o que isso significa em termos de conseqüências é problemático. Exatamente como essas sensibilidades estão fazendo incursões é algo difícil de provar. As pessoas lutam com contradições entre o que está em suas cabeças e o que têm de enfrentar.

Do Oriente ao Ocidente, da Cordilheira dos Andes ao Mar Mediterrâneo, dos desertos da Arábia à Grande Muralha da China, tudo o que os homens construíram, inventaram, viveram, antes que o silêncio os envolvesse.

Parta em busca das

CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

Uma extraordinária coleção de livros luxuosamente encadernados e ricamente ilustrados.

Das obras que lhe abrirão as portas do desconhecido

Para decifrar estas surpreendentes "mensagens", que vieram até nós da aurora dos tempos, você terá em mãos, reunidas na mais bela das edições, as obras mais envolventes com que possa sonhar um amador de História e Arqueologia.

Você realizará uma fabulosa viagem no tempo e no espaço

A presença muda, entre nós, destes inúmeros traços do passado mais distante da Humanidade, lhe abrirá as portas de um mundo misterioso onde pedras e objetos testemunham, após milênios de silêncio, a prodigiosa aventura de povos considerados durante muito tempo como bárbaros – e que conheciam provavelmente muito mais do que podemos imaginar.

Descubra os segredos mais bem guardados do passado da Humanidade

Existe ou não um mistério da Ilha de Páscoa? Como eram as casas da Babilônia? Por quê foram abandonados os templos de Angkor? Que significado têm os dólmens, os menirs e outras pedras erguidas?

Uma impressão alucinante

Penetrar, pela primeira vez, num lugar que nenhum ser humano havia visto durante 3.000 anos. Surpreender as coisas no estado exato em que elas foram deixadas, por seu derradeiro possuidor, encontrar a marca digital de um polegar sobre um selo, encontrar diante da porta de um túmulo traços de passos daqueles que o muraram há 3.000 anos, como se fosse ontem, eis aí acontecimentos que confundem e perturbam os arqueólogos, mesmo os mais habituados a descobertas insólitas.

UMA ENCADERNAÇÃO ORIGINAL PARA LEITORES EXIGENTES

- Lombada arredondada, com títulos e ornamentos gravados a ouro.
- Fitilho e tranchefilas variadas.
- Capas "ouro" em desenho original.
- Papel de luxo.
- Numerosos documentos e ilustrações.
- Formato clássico: 13 x 20cm

Cr$ 134,40 por volume e por mês

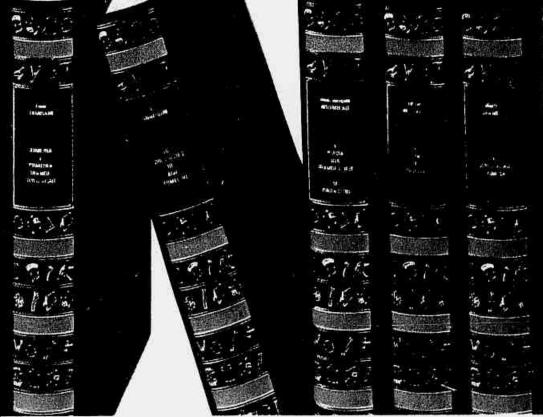
OTTO PIERRE Editores Caixa Postal 800 20000 RIO DE JANEIRO-RJ

Como receber o primeiro volume para apreciação SEM QUALQUER COMPROMISSO

Tudo que pudéssemos dizer neste espaço reduzido só lhe daria uma idéia incompleta da qualidade e do interesse destas obras. Oferecemos-lhe portanto o envio do primeiro volume com total garantia de reembolso e sem qualquer compromisso. Você pode lê-lo e apreciá-lo, antes de decidir iniciar a sua coleção. Preencha e devolva HOJE MESMO (a oferta é limitada) o Cupom-Garantia.

AUTORES DE TALENTO COMO: Henry-Paul Eydoux, Marc Orens, J. M. Brissaud, Marcel Brion, Daisy Cozza (As civilizações indígenas do Brasil) contribuíram para esta prestigiosa coleção.

SE VOCÊ PREFERIR 2 VOLUMES POR MÊS, GANHARÁ ESTE

3 volumes luxuosamente encadernados: **OS SEGREDOS DA ASTRONOMIA**

você vai constituir uma magnífica coleção de volumes SUNTUOSAMENTE encadernados e abundantemente ilustrados.

Contracultura

A mudança de valores representada por Woodstock sofreu resitências e ainda sofre, daqueles que a viram como um desembaraçamento da fibra moral americana. Na verdade, é evidente uma reação nos movimentos religiosos evangélicos, na força política do movimento antiaborto, na tendência a voltar ao que é elementar na educação.

Os sinais de mudança estão em toda parte. Na cidade industrial, operária, de Pittsburgh, onde havia apenas dois bares de homossexuais em 1969, existe hoje uma dúzia, mais duas igrejas e cinco grupos ativistas que reúnem homossexuais. As lojas de alimentos naturais brotaram de uma ponta a outra do país, até em cidades como Oskaloosa, Iowa, com 11 mil habitantes. E o uso da maconha é agora lugar-comum em quase todas as camadas sociais, em pequenas e grandes cidades. A polícia raramente faz muita força para impedir o consumo.

Como um reflexo disso, uma pesquisa de opinião de *The New York Times* CBS News, no mês passado, constatou que 55% da população não vê nada errado com o sexo pré-marital, muito mais do dobro de uma pesquisa Gallup feita no mês do Festival de Woodstock em 1969. E a proporção dos que aprovam a total legalização da maconha dobrou de 12 para 25% de americanos na última década.

As tendências variam, é claro, de lugar para lugar. O período Woodstock dificilmente afetou muitas cidadezinhas rurais ou os distantes montes Apalaches. E mesmo em lugares sofisticados como Nova Iorque e arredores, muitos jovens jamais experimentaram a maconha. Mas os efeitos, alguns sutis, alguns óbvios, permanecem, e Des Moines, não tão liberal quanto Nova Iorque ou Boston, mas de modo nenhum uma cidade caipira, proporciona um exemplo tão típico quanto qualquer outro.

Vejam, por exemplo, Jeff Hunter. Filho de um rico construtor, hoje com 28 anos, ele saiu da cidade e voltou há 10 anos. Cabeludo e barbudo, entrou e saiu de três faculdades, viajou com um grupo de *rock*, vendeu amendoim e mescalina nas ruas de Boston e andou como vagabundo pela Europa e a América do Norte. Agora está de volta a Des Moines e casado. Cabelo curto, escasseando, usa um *blazer* e gravatas listradas, e prefere beber Johnnie Walker a fumar maconha. Como o pai, está entrando nos negócios, começando por aprender a como dirigir o Hotel Fort Des Moines.

Mas, como tantos jovens, ele acha que suas sensibilidades sociais liberais se chocam com as responsabilidades do trabalho. Lembra-se com angústia do dia em que enxotou um homem que revolvia o lixo do hotel. "Que é que você está fazendo, Hunter?" perguntou-se a si mesmo.

Não longe dali, Luther Hill, vice-presidente executivo da companhia de seguros Equitable, ocupa o seu escritório no 18º andar, a personificação do homem de negócios conservador do Meio Oeste, com os cabelos grisalhos cortados curtos, corrente de relógio de ouro e um diploma de advogado por Harvard na parede. E no entanto, também ele foi tocado por Woodstock.

— Houve época em que homem nenhum vinha trabalhar aqui sem terno e gravata — diz ele, acrescentando que hoje são raros os que fazem isso.— Houve época em que se franzia o cenho para as barbas. Agora, são comuns. Do mesmo modo, os jovens estão menos dispostos a esperar pacientemente que os velhos funcionários se aposentem. Há muito mais movimento. Houve época em que ninguém pensava em tornar a contratar funcionários que tinham deixado a firma. Hoje achamos que podem ser os melhores funcionários.

A nova geração obrigou até severos homens da lei e da ordem, como Billie Wallace, o chefe de polícia que tem quatro filhos de 22 a 29 anos, a repensarem as coisas. Oito anos atrás, uma de suas filhas trouxe para casa um garoto barbudo.

— Nunca vou me esquecer do dia em que ela o trouxe — diz — Eu olhei aquela barba e me retirei.

Mas a moça casou com o rapaz, e Wallace hoje o considera "um dos melhores jovens que conheço". Também suas idéias sobre o trabalho na polícia mudaram:

— Nós começamos muitíssimo dogmáticos no combate às drogas — diz, sussurrando a palavra "drogas", com fingido horror —Antes do Vietnãn, eliminávamos qualquer candidato a policial que admitisse já ter fumado maconha. Mas descobrimos que, se quiséssemos ter recrutas na polícia, precisávamos modificar essa posição. ■

Contracultura II

A POBRE AGONIA DO RO

A maior parte dos músicos não sabia criar, só venerar

ANA MARIA BAHIANA

CK BRASILEIRO

Meia-noite no Appaloosa, último reduto do *rock* no Rio. Um punhado de apreciadores se espreme diante do palquinho para ouvir o grupo Aeroblues

Quase meia-noite em Copacabana. Dia útil. O bar pequeno, na Barata Ribeiro, tem paredes vermelhas, de tijolo, dois andares e uma janela vistosa, espelhada, onde se lê: *Appaloosa-Casa de Blues*. Um pouco menor, embaixo: *rock-blues-jazz-funky*. O lugar é pequeno, o palco, mínimo. Mesas de madeira, bancos toscos.

Um pouco depois dessa meia-noite, 20 pessoas esticam as pernas por baixo das mesas. Quase a metade é composta de amigos do dono da casa, namoradas, conhecidos. Dois casais de meia-idade se perguntam o que, afinal, estão fazendo ali. No palquinho, quatro músicos, liderados pelo baterista Geraldo Darbilly — o dono do lugar — esforçam-se para tocar competentemente um repertório de *blues*. Os dois casais sucumbem e vão embora. O mais numeroso grupo de pagantes, também. O clima é de fim de festa.

— Mas você precisa ver isso no fim de semana — gesticula o longo, bigodudo Darbilly, que já pertenceu aos grupos Peso e Euforia antes de empatar Cr$ 1 milhão na reforma da casinha da Barata Ribeiro, há um ano. — Aí é uma luta, já tivemos que pôr mais 100 pessoas aqui dentro. E as *jam sessions*. Fica uma fila de músicos enorme, todos querendo tocar! Essa é a última casa de *rock* do Rio, a última. Por que não tem mais? Não sei. Acho que é burrice. Mercado tem, os músicos estão aí. Se tem lugar para grupo de *rock*, no Brasil, hoje? É claro! Todo mundo gosta de *rock*!

Ele confessa, contudo, que perde cerca de Cr$ 150 mil por mês e está numa situação financeira desesperadora. "Não sei o que fazer, mas fechar a casa eu não quero." E conta uma história patética: de como o tecladista Renato Ladeira, que toca com ele no grupo residente da casa, chegou outro dia vociferando contra um par de tênis, " o único que ele tinha, e aí ele tirou do pé *prá* gente sentir. A barra tá tão pesada que ele não tem grana nem *pra* comprar outro par de tênis!"

Geraldo — que alugou e reformou uma casa para poder tocar — e Renato — que já abriu uma loja de artigos de umbanda e hoje trabalha como assistente de produção no programa *Planeta dos Homens*, depois de liderar um dos grupos de *rock* mais famosos do Rio de Janeiro, A Bolha — talvez não saibam ou não queiram dizer que estão ali parados numa espécie de ilha do tempo. O tal do *rock* brasileiro — o *roque*

enrou cantado numa música antiga de Rita Lee — que provocou paixões e ódios nos primeiros anos da década, que fez parte da fama do jornal *Rolling Stone* por um breve e alucinado ano, que gerou um enxame de grupos, grupões e grupetos em todas as capitais brasileiras, e a que empresários como o paulista Mario Buonfiglio já estavam conferindo foros de "movimento", faleceu irremediavelmente de causas naturais, sem muita dor ou agonia. E, com raras exceções, não foi sequer pranteado. Talvez porque, num outro sentido, ele esteja, agora sim, mais vivo do que nunca.

— Agora que o *rock* morreu é que ele está nascendo — diz, calmamente, o niteroiense Paulinho Machado, que já liderou três grupos, o Sociedade Anônima, o Quarto Crescente e o Platô e hoje trabalha como tecladista e arranjador de Zé Ramalho, Walter Franco, Amelinha, Geraldo Azevedo e Elba Ramalho — ele morreu enquanto forma fechada, aquela coisa exclusiva de cópia. Porque a verdade era essa, a maioria dos grupos daqui queria mesmo era ir lá para fora, era tocar lá mesmo. E era uma coisa, na maior parte, ruim, sem conteúdo. Para começar, o *rock* foi feito para ser cantado em inglês. O andamento rítmico do *rock* cai perfeitamente com o inglês, mas com o português não funciona, não. Então era um tal de *bichoooou, queroooou,* uma coisa terrível. O público, principalmente os estudantes, que são mais informados, se cansou daquela coisa ruim. E quando surgiu um pessoal que tinha o que dizer, os Fagner, os Walter Franco, esse pessoal que usava elementos de *rock* mas tinha um trabalho próprio, tinha o que dizer, então acabou o papo, *mesmo.* Nesse sentido é que digo que o *rock* morreu *pra* nascer. *Pra* mim, esse pessoal é que é o *rock*, no Brasil, hoje. O Zé Ramalho, o Fagner, o Alceu.

A autocrítica da Paulinho é sintética e exata. A grande, imensa leva de jovens músicos que chegou aos palcos brasileiros, no início da década, empunhando guitarras e sonhando com os Beatles, se divide, hoje, em três blocos de sobreviventes. Um está fora de combate: muita gente simplesmente enlouqueceu, *pirou,* saiu de circulação, e outros estão trabalhando fora da esfera da música, pelo menos diretamente. Como Renat, o Ladeira, como Lulu dos Santos, que de guitarrista dos grupos Albatroz e Vímana, passou a produtor de repertório da gravadora Som Livre. Esses são, obviamente, os mais amargos, os mais doloridos e os, ainda, mais sonhadores.

Paulinho Machado (no alto) liderou três grupos mas hoje trabalha como arranjador: "*Rock* não tinha conteúdo". O guitarrista Mimi grava *jingles*: "Os grupos não atendiam ao que o público queria."

Sabe o que eu mais quero agora? — pergunta Lulu, inquieto, torcendo o cabelo de novo longo, cacheado — Quero fazer um grupo de *rock 'n roll.* Estou aqui para tentar descobrir como funciona essa tal de estrutura do poder, essa que hoje, lá fora, está tão perto do *rock*, desse negócio altamente rendoso que é o *rock 'n roll*, hoje, e que aqui nunca chegou perto de nós.

Há um outro grupo, pequeno também, que faz *rock* e vive isolado, quase sem sucesso a gravadoras ou platéias. É o caso dos freqüentadores do Appaloosa e de alguns poucos grupos paulistas — São Paulo sempre foi o reduto mais combativo do *rock* caboclo — como o Made in Brazil e o Tutti Frutti. São radicais, inflamados e, às vezes, um tanto cegos em sua paixão adolescente pelo *rock.*

Os movimentos musicais atrapalharam o *rock* brasileiro mas não conseguiram apagá-lo. Veio o samba, saiu o *rock 'n rol* saiu o samba veio a discoteca que agora está sendo colocada de lado — diz Luis Sergio Carlini, guitarrista e líder do Tutti Frutti — Eu consegui me manter nesta fase dura porque acredito nele até o fim.

E, finalmente, a maior parte está trabalhando como instrumentista, pondo suas guitarras, baixos e teclados a serviço de formas musicais que dificilmente podem ser chamadas de *rock 'n roll.* Arnaldo Brandão saiu da Bolha para tocar com Caetano Veloso, Tulio Mourão, ex-Mutantes, está com Maria Bethania, Mimi e Marquinhos, do Bixo da Seda, acompanham as Frenéticas e trabalham num estúdio de produção de *jingles.* E há, é claro, Rita Lee, acima e além de qualquer uma dessas categorias de sobreviventes.

Ninguém ousa mais dizer que o que Rita faz não é música brasileira — diz Nelson Motta, que já organizou muitos concertos e festivais de *rock* e já serviu doses semanais do gênero, via TV, antes de abrir o Dancin' Days, inventar as Frenéticas e, agora, transformar sua discoteca em gafieira — Ela deu a volta por cima *na maior.* Na verdade, eu acho que nunca aconteceu *rock* no Brasil. A pulsação básica aqui é outra, é samba, é isso que está dentro da gente. Samba é a coisa forte, aqui, é um grande negócio, basta ver as paradas, ver quem se afirmou nesta década. E o gozado é que ainda vêm com aquele papo de "o samba está morrendo". Ele está super vivo.

Mas nem samba nem discoteca mataram este herói fugaz. Ele faleceu de autofagia-econômica e estética. Se é que algum dia chegou a existir realmente, se as meras 20 mil cópias vendidas dos discos de nosso grupo mais ilustre, os Mutantes, autorizam que ele passe do estágio de sonho de uma parcela da população jovem ao de realidade musical.

Batalhadores, sobreviventes e aposentados, em coro, reconhecem que o *rock*, nos moldes em que é produzido nos Estados Unidos e Europa, era economicamente inviável no Brasil. Nelson Motta enfileira prejuízos sucessivos, culminando com um rombo de 200 mil por conta do Festival de Saquarema, em 1975. Músicos contam odisséias, tragédias e comédias sobre o alto custo de suas aparelhagens e as ginásticas para mantê-las.

O Túlio Mourão me contou que a loucura dos Mutantes chegou a tal ponto — diz Arnaldo Brandão — que eles tinham um amplificador tão poderoso, tão gigantesco, que nem enchendo um teatro enorme, como o Bandeirantes, conseguiam pagar os custos da aparelhagem. Acho que isso dá bem uma idéia do que era o *rock* no Brasil.

Se dinheiro era o calcanhar, conteúdo era o coração do problema. Uma geração inteira se criara ouvindo Beatles, Rolling Stones, Jimi Hendrix — não só ouvindo, mas vivendo música e lenda, imagem e sonho.

Havia uma proposta muito maior que a música, simplesmente — lembra Sergio Dias Baptista, ex-guitarrista dos Mutantes e que hoje, apesar de trabalhar com Caetano Veloso e Zé Ramalho, ainda se considera "uma pessoa *rock 'n roll*". — Havia uma coisa bonita, de paz e amor, uma coisa muito mais consistente, por exemplo, que esse pessoal que *curte* discoteca, hoje.

Do sonho à prática foi um passo, e os resultados, previsíveis. A imensa maioria não sabia criar, só venerar. E, desses, alguns tinham a competência mínima para entender e manipular a nova linguagem eletrônica que o *rock* propunha — são os que estão vivendo, hoje, do ofício artesanal do músico, "legando o que aprendemos ao trabalho de amigos", como quer Lulu dos Santos. Outros nem isso tinham.

Foi um tremendo chega-pra-lá — dizem Mimi e Marquinhos — Foi uma onda que varreu tudo. Acontece que a maioria não se garantiu. E aí não dava pra enganar o público. Nós mesmos, no Bixo; chegou uma hora em que, sinceramente, não acreditávamos mais no que estávamos tocando. Não adiantava ficar naqueles três ou quatro acordes, a gente tinha necessidade de coisas mais além.

— Eu me sentia limitado como músico — Arnaldo Brandão conta, para explicar sua saída da Bolha e sua viagem de quatro anos à Inglaterra — O grupo estava entrando naquela fase terrível de ensaiar, ensaiar e não tocar nunca. E eu querendo outras coisas, querendo música brasileira. Porque havia muito radicalismo, muito preconceito de parte a parte. O pessoal do *rock* não queria saber de música brasileira, uma loucura, eles não viam como isso limitava o trabalho deles, como músicos.

Pepeu, Robertinho de Recife, Cor do Som, Moraes Moreira — quem soube entender e desmontar o quebra-cabeça que o *rock* propunha, quem digeriu a polpa e recriou a fruta acabou colocando o dado *roqueiro* tão dentro da música brasileira que hoje ele passa quase despercebido, leve, sem espanto, um dado a mais, uma língua a mais na fala geral brasileira. Quem sabia ao menos o que estava fazendo, trabalha — e para isso precisou passar por um processo penoso, dolorido, um cair-em-si — o despertar do sonho profundo de que falaram John Lennon e Gilberto Gil.

E há, é claro, quem ainda sonhe. Lá fora, onde o *rock* foi criado e onde ele fala de coisas imediatas, reais, reconhecíveis no dia-a-dia de seus consumidores, ele se tornou uma indústria poderosa e inabalável, que movimenta centenas de milhares de pessoas para um único concerto e vende milhões de cópias de um único LP. Aqui, existem as tardes do bairro da Pompéia, em São Paulo, onde os muros aparecem pixados: "Abaixo a discoteca! Viva o *rock 'n roll!*". E as noites vazias do Appaloosa. ■

APENAS MÚSICA DE FUNDO

Diante do volume médio de vendas dos discos de rock *no Brasil, é difícil imaginar como, algum dia, ele pôde ser considerado uma ameaça à soberania cultural do país. Talvez, até, quem esteja certo seja mesmo Nelson Motta, quando diz que o* rock *nunca esteve na linha de frente da produção musical do Brasil: "Aqui, ao contrário da Europa e dos Estados Unidos, ele serviu apenas de música de fundo. A música de fundo de uma onda de loucura geral que varreu o país, no começo da década."*

Em vendagem, com raríssimas exceções, um disco estrangeiro de rock *dos nomes de primeira linha, equivale, no Brasil, ao de um artista estreante. Os Rolling Stones, por exemplo, encarnação máxima do* rock' n roll *contemporâneo, vendem em média por lançamento 25 mil cópias. O grupo Wings, que traz o peso de um ex-beatle, Paul MacCartney, em suas fileiras, fica na faixa dos 30 mil. E só o badaladíssimo Peter Frampton, que na América colecionou discos de platina por conta de seu álbum duplo* Frampton Comes Alive *(26 milhões de cópias vendidas), vence essa fatídica barreira dos 20/30 mil:* Comes Alive *chegou à vendagem de 60 mil unidades.*

Um Roberto Carlos, uma Maria Bethania, uma Alcione, Beth Carvalho ou Gilberto Gil passam facilmente da casa das 200 mil cópias e chegam, com freqüência, às 800 mil; e mesmo artistas tidos como difíceis, como Milton Nascimento, Caetano Veloso, Simone e Ivan Lins, vendem entre 60 e 120 mil discos por lançamento. O rock *fica portanto restrito a uma faixa mínima do mercado. Distribuídos entre os principais nomes do cenário internacional, seu volume mensal de vendas fica, tranqüilamente, entre as 2 e as 10 mil cópias — ou seja, o mesmo que um artista novato, estreante e sem divulgação consegue.*

BAITA

BRIGA NO ZODÍACO

Os astrólogos discutem a ascendência das doutrinas e descem à terra sem previsões

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU ■ FOTOS DE JOSÉ CARLOS BRASIL

A 16 de agosto, Júpiter estava em conjunção com Vênus, aspecto astrológico favorável a dias claros e limpos. Esta mesma conjunção beneficia, também, a assinatura de tratados de paz, sob a harmonia de Vênus e a justiça de Júpiter. Mas o céu de São Paulo parecia desafiar os preceitos astrais e teimava em continuar encoberto, cinza, claustrofóbico. Menos auspicioso ainda era o ambiente astrológico da capital paulista.

Longe de aproveitar os eflúvios pacifistas que regiam o dia, a comunidade astrológica de São Paulo enfrentava uma divisão interna tão indesejada quanto as nefastas quadraturas. Oito dias antes, a Associação Brasileira de Astrologia, ABA, havia publicado na *Folha de São Paulo* uma nota esclarecendo que não emprestava "de qualquer forma seu nome, prestígio, apoio técnico ou ajuda financeira à realização de cursos, palestras, congressos, seminários e revistas astrológicas promovidas por entidades, pessoas e publicações que não (fossem) filiadas a ela e que não (respeitassem) seu *Código de Ética Profissional*". No mesmo dia, a ABA fazia circular entre seus associados outro documento do mesmo teor, contra "pessoas não qualificadas e sem a necessária experiência e preparação didático-pedagógica" para dar aulas de Astrologia ou organizar simpósios "de nível técnico duvidoso".

À frente das duas declarações estava o diretor-técnico da ABA, Antonio Facciollo Neto, paulista de 40 anos, contador, nariz alongado, a caminho da calvície, um homem de gestos enérgicos e fala acelerada, estudioso da Astrologia há 26 anos. Fundador, em 1968, do Instituto Paulista de Astrologia (que seria transformado, três anos mais tarde, na ABA), ele justifica a atitude que liderou com sua "missão de moralizar a Astrologia. Existe muita malandragem por aí e você não pode *pagar o pato* pelo que os outros fazem".

Dona Emma: "É uma situação muito dolorosa para todos nós. A Astrologia é a ciência da harmonia, da compreensão e não deve causar situações como essa em seu próprio meio"

Os outros são Antonio Carlos Harres, gaúcho de 29 anos, Astrólogo há seis, ex-jornalista, discípulo de Emma Costet de Mascheville, tida pela própria ABA como "a avó da astrologia no Brasil"; Olavo de Carvalho, 32 anos, jornalista; Marylou Simonsen, 36 anos, astróloga há um e Juan Alfredo César Müller, argentino de pais suíços, psicólogo, ex-presidente da ABA. Os três primeiros fundaram, em 5 de maio, a Escola Júpiter de Astrologia, entidade paralela à Associação Brasileira.

Antes, em fevereiro, saíra o primeiro número da revista trimestral *Júpiter*, organizada pelo mesmo grupo, contendo extensa entrevista com o psicólogo Müller. Ao mesmo tempo, era realizado o I Seminário de Astrologia, por iniciativa de Harres, Olavo e Marylou, do qual Antonio Facciollo participou como conferencista. No primeiro número da *Júpiter* havia, no fim do expediente da revista, duas linhas: "Publicação filiada à Associação Brasileira de Astrologia".

Antônio Harres conta que Facciollo sabia, de antemão, que a publicação estava sendo preparada, quando "aceitou e apoiou a revista, pois ela incentivaria e propagaria a Astrologia no Brasil. O nome da associação no expediente foi autorizado e apoiado por ele, pois divulgaria a ABA".

Muller diz que ele é "uma pessoa doente", Harres classifica suas atitudes de "policialescas": Facciollo sob fogo cruzado

De abril a junho, Juan César Müller deu, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, um curso de extensão universitária sobre Astrologia aplicada na Psicologia. Nessa época, Juan era o presidente da ABA e havia sido convidado pela Universidade para ministrar o curso, por ser um dos mais conhecidos psicólogos clínicos de São Paulo, formado no exterior, apresentado à Astrologia por Carl Jung, em Zurich. Foi o primeiro curso sobre Astrologia dado numa universidade na América Latina.

— Quando fui convidado — relembra Müller, de terno escuro e fumando vagarosamente um cigarro — Facciollo foi contra e aconselhou a PUC a trazer um psicólogo e um astrólogo do exterior. Isso, porque Facciollo queria dar, ele mesmo, o curso. Veja você que nem curso superior ele tem. Depois do curso dado, para centenas de pessoas, a Associação decidiu, em assembléia sigilosa, pela minha expulsão, ou melhor pela minha *eliminação*.

No lugar de Juan, entrou Vera Facciollo, economista e astrológa há sete anos, mulher de Antônio, o diretor-técnico.

"Eu vinha mantendo contatos com a PUC desde o ano passado", assegura Facciollo, "até que veio o Müller e tomou o curso da Associação somente para ele, numa atitude indigna. O curso, pelo que, sei foi um fracasso, pois muitos alunos me telefonaram reclamando da sua precariedade". E veio a cisão. Expulso Müller, Facciollo pensou em abrir inquérito criminal contra a revista *Júpiter*, alegando mau uso do nome ABA mas desistiu, quando, no número seguinte as linhas foram retiradas. "São indivíduos que saíram daquilo que Antônio Harres confirma, dando como razão "a atitude policialesca e facistóide da diretoria, representada por seu repressor *Código de Ética Profissional*. E, para mim, é um mau sinal quando as pessoas nos abandonam, ou não se associam a nós, porque boa coisa não podem estar pretendendo".

— Mas você veja bem — aponta Harres — "que ele só pensou em abrir inquérito e só tomou aquelas atitudes depois do curso do Müller, o que caracteriza uma ação por simples orgulho ferido

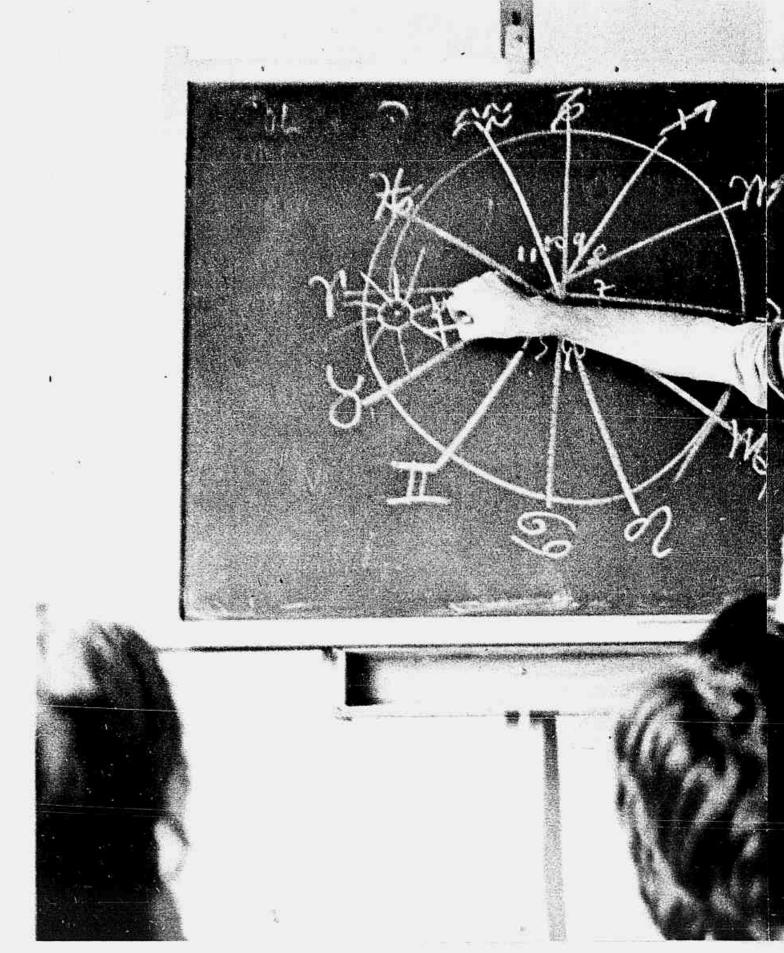
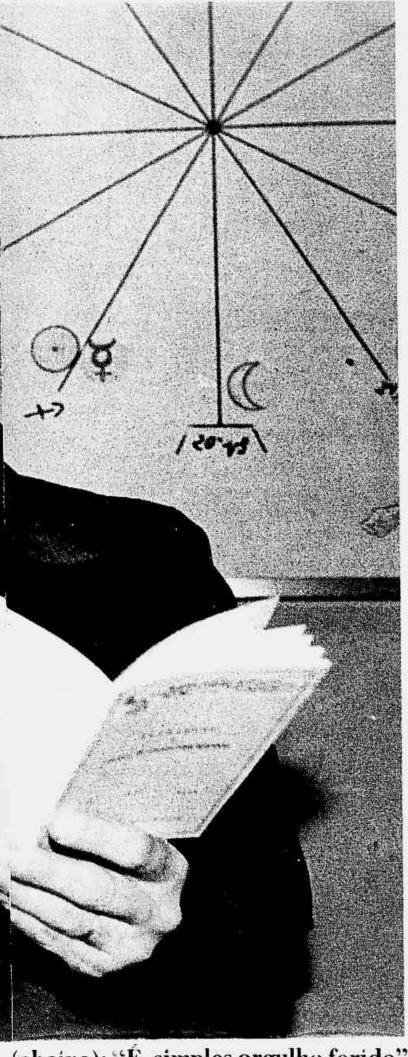
Müller é taxativo quando diz que Facciollo agiu "pura e simplesmente por ciúme e só".

Brandindo enfaticamente os estatutos e o código de ética da ABA, Facciollo diz que pensou-se até em criar um *Livro Negro*. Na verdade, ele já existe, mas poucas pessoas tem acesso a ele, não é nada de oficial. Esse é o tipo de gente que se enquadra no *Livro Negro* são pessoas que querem enriquecer às custas da Astrologia, logo numa profissão que exige tanto sacrifício e dedicação. Eu, por exemplo, estou desinteressado das coisas mundanas da vida. Tive uma vida monástica, quando praticava ioga espiritual; fui diplomado no Centro Astrológico de Buenos Aires, com a tese *As Influências Cósmicas nos Desastres Aéreos*.

As acusações de Facciollo vão mais longe ainda. Enquanto Muller o considera "excelente astrólogo, mas uma pessoa doente, obcecada pelo poder", Facciollo coloca Muller na categoria dos "maus astrólogos, um amador que usa a astrologia sem o devido conhecimento e preparo".

Müller, presidente da Sociedade Brasileira de Szondi — entidade científica destinada ao estudo e à divulgação do trabalho do psiquiatra húngaro L. Szondi, seu mestre em Zurique — assistiu, há 30 anos, na mesma cidade, ao primeiro curso de Astrologia proferido numa universidade desde o decreto de Colbert, ministro de Luiz XIV, que extinguiu a cátedra da disciplina na Sorbonne. Mais crédito ainda lhe dá a ex-presidência da ABA, em eleições *livres e abertas*, exaltadas em sua democracia pelo próprio Facciollo. Seria, então, o caso da ABA aceitar em seu posto máximo um *mau astrólogo*?

Na casa onde funciona a Escola *Júpiter*, numa das derradeiras ruas tranqüilas do Jardim América, tudo corre normalmente, apesar do fogo cerrado de Facciollo. Os 60 alunos que a freqüentam continuam preenchendo seus currículos e seus diretores recebem as críticas com silêncio e calma. Não pretendem respondê-las porque já não reconhecem Facciollo como representante de suas propostas.

Facciollo (acima): "Existe muita malandragem por aí". Harres (a

(abaixo): "É simples orgulho ferido"

— O problema com ele — diz Antonio Harres — é que ele se acha dono da Astrologia, dono da ciência, dono do conhecimento, quando isso é um absurdo. Não aceitamos as regras que ele impõe. Uma atitude policialesca como a dele não cabe num estudo como a Astrologia, que se baseia na harmonia, no autoconhecimento e na compreensão mútua.

E se Facciollo aponta a "falta de idoneidade e de honestidade "de grupos dissidentes —" o horóscopo faz bem ao espírito, é uma palavra de ajuda, mas não é Astrologia, a Astrologia não faz previsões e, sim, indica ciclos astrais favoráveis ou não a certos episódios" — Harres relembra um quadro do programa *Fantástico* de 31 de dezembro de 1978, quando Facciollo fez previsões para 1979.

— Entre outros disparates, ele dizia que, em 79, iria morrer uma acrobata, que, num determinado dia poderia acontecer ataques sexuais a criancinhas e, num outro, cães hidrófobos sairiam às ruas. Isso sim, é o oposto da Astrologia e tenho provas de todas as bobagens que ele disse, numa fita cassete

Facciollo, mais tarde, confirmaria que fez previsões para o *Fantástico*.

Das pessoas envolvidas nesta briga no Céu, talvez nenhuma se importe tanto quanto Emma Costet de Mascheville. Dona Emmy — como é chamada efetuosamente no meio astrológico — nasceu em Monte Verità, na Suíça italiana, e veio para a América do Sul quando seu pai organizou uma viagem para os refugiados do bolchevismo, durante a Primeira Guerra Mundial. Chegou ao Brasil, com 23 anos e foi para o Paraná, logo mudando-se para Goiás.

Já se interessava por ciências acultas quando conheceu Albert Costet, 30 anos mais velho que ela, que chegava ao Brasil com a Sinfônica de Paris, da qual era violinista. Não custou muito até que Albert abandonasse a Europa e voltasse à América do Sul, "onde a vida da humanidade iria recomeçar".

Dele Emma herdou toda a Astrologia que vem praticando há 54 anos. Em 1964, um artigo na revista *O Cruzeiro* chamou-lhe a atenção: *A Astrologia é Uma Profissão*, de Antonio Facciollo. Foi o primeiro contato com aquele que, mais tarde, lhe daria o título de sócia-honorária da ABA e lhe ofereceria a Delegacia Regional do Rio Grande do Sul, onde ela vive. Emma foi quem ensinou Astrologia a Antonio Carlos Harre, quando ele deixou o cargo de repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre.

— Esta é uma situação muito dolorosa para todos nós — explica ela, imediatamente rodeada por todos que estão na casa do Jardim América, como se fosse um ímã natural — "A Astrologia é a ciência da harmonia, da compreensão e não deve causar situações como essa, dentro do seu próprio meio. Não quero tomar posição alguma, porque neste momento precisamos de muita calma, reflexão e avaliação. Cheguei a escrever uma carta ao Facciollo, mas nem cheguei a mandá-la, porque foi escrita num momento inflamado. Por outro lado , a divisão de uma célula é dolorosa, mas isso acarreta numa futura multiplicação, o que justamente, é benéfico".

E se existe algum grupo no Brasil que precisa de unidade é o dos astrólogos. Até hoje, só podem exercer sua profissão com registro da Prefeitura de professores e, além da Júpiter, da ABA e do curso do professor Müller, não existem muitas outras saídas profissionais, que não os aconselhamentos individuais e particulares.

Mesmo em pleno pé-de-guerra, Antonio Facciollo antevê um futuro promissor para os astrólogos brasileiros – desde que estejam associados à ABA. Entre outras atividades, ele acha que muito breve a Astrologia poderá ser usada dentro de empresas industriais, entidades públicas e autarquias, como uma forma de auxiliar no planejamento e na execução de suas atividades específicas.

Dona Emmy só espera uma coisa: que o ano acabe logo:

— 79 é o ano das explosões solares, que causam distúrbios e rupturas. É um ano ruim, no qual as brigas ocorrem sem que haja possibilidade de reconciliação. É um ano em que as pessoas precisam se segurar no que têm, sob risco de perdê-las. É um ano ruim, uma situação de Torre de Babel. E a Astrologia, coitada, está como o bom Deus, vendo os católicos e os protestantes brigando por ele sem poder fazer nada, absolutamente nada. ■

RAZÕES DE PODER POR TRÁS DAS DOUTRINAS

Nem só de ciumeira vive a Briga no Zodíaco. *Por trás das acusações e das ameaças está a própria delimitação do campo de ação da Astrologia.*

Se a ABA restringe suas preocupações à ética, à moral e às fórmulas consagradas de leituras e interpretações de mapas astrológicos — tratando a ciência como o objeto único e primeiro de estudo — o grupo da Júpiter, por inspiração e orientação de Emma Costet, preocupa-se mais com o sentido filosófico da Astrologia. O diretor-técnico da ABA repudia a orientação filosófica da Júpiter, dizendo que, de acordo com os Estatutos da associação, ela também faria parte dos aconselhamentos indesejados e punidos por sua regras. Para ele, como também para a Júpiter, a Astrologia não pode ser universalizada, pois cada pessoa tem características peculiares e impossíveis de serem generalizadas. Facciollo estima em mais de 1 mil tipos diferentes de aspectos zodiacais. Mas a Júpiter reduz o que a ABA chama de "técnicas comprovadas estatisticamente" aos detalhes mais corriqueiros, jogando os aspectos astrológicos para dentro de situações comuns, triviais.

Harres e Costet afirmam que a "Filosofia da Astrologia" está em jogo. Na prática o que fazem é uma denuncia: Facciollo pretende ser o "dono da Astrologia", porque se bate por uma Astrologia irrefutável, inquestionável, estritamente científica. Mas ambos utilizam os mesmos métodos de leitura de mapas utilizado por Facciollo e, de uma forma ou de outra, já foram ligados à ABA.

Talvez a grande diferença entre as duas partes seja uma só: a Júpiter não tem ligação alguma com a ABA e, por isso, a última, mais forte, teria impedir a extrapolação da Astrologia para a área da Filosofia, com todos os meios que possui, inclusive dizendo que componentes da Júpiter pretendem se enriquecer às custas da ciência. Já que os seminários da Júpiter são gratuitos, o motivo é outro, e talvez só uma conjugação favorável dos signos possa explicá-lo. Por enquanto, não há previsões de harmonia neste sombrio céu zodiacal.

Página de Serviço

Este é um guia para ser guardado até o próximo domingo.
Ele traz produtos e serviços que você e sua casa podem estar precisando.
Semanalmente é atualizado de forma a garantir informações seguras.
Mantenha-o à mão. De repente...

Inclusões pelos tels.: 242-6952 • 222-5718

ACADEMIAS DE BALLET

HELOISA VASCONCELLOS
Av. Copacabana, 1066 - 9.º and.
MALUCE BALLET STUDIO
257-3205. Copacabana, 895 - 6.º

ACADEMIAS DE GINÁSTICA

KAROL NOWINA - GINAST.-JAZZ
Av. Copacabana, 1120-COB
KIBUKAN: KARATÊ-ESTÉTICA
Carmela Dutra, 1881 - Nilópolis
SUZUKI - JAZZ, BALLET, GINAST.
238-7076. Grajaú
TURMA ESPECIAL P/GESTANTE
236-3649. Copacabana, 500/406

ADMINISTRADORAS

EKASA S/A GARANTE RECEBIMENTO ALUGUÉIS DIA CERTO
PABX 244-0977. 7 Setembro, 98
Guedes Fontoura, 800 - Barra
IMOBILIÁRIA MELBA
283-7772. Trav. Paço, 23/11.º
IMOBILIÁRIA ZIRTAEB LTDA. LOCAÇÕES ADM. CONDOMÍNIOS.
221-9998 - 221-4351 - 221-3724
PBX 221-7992. Alfândega, 108
POTYGUAR - COMPRA/VENDE
242-0067. Trav. Ouvidor, 21

ADVOGADOS-CAUSAS CÍVEIS

MANOEL VILLARINHO
Indenizações - Seguros
222-0483. Av. Rio Branco, 257

ADVOGADOS-CAUSAS CRIMINAIS

DR. JAYME BOAVISTA
247-4042/67-3610. Copa, 1376
JOÃO CARLOS AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
224-4450 - 221-6708 - 257-9398

ADVOGADOS-CAUSAS FISCAIS

DR. F. RENAULT DE CASTRO
232-7285 - 242-6472 - 242-2107

ADVOGADOS-DIREITO DE FAMÍLIA

ABRAHAM BENEMOND
393-1533 - 393-4220 - 393-8233
COTRIM NETO & ADV. ASSOC.
242-4700. Graça Aranha, 226
MARIA LÚCIA D'ÁVILA - FUND. CAMPANHA NAC. PRÓ-DIVÓRCIO
232-9609. Rio Branco, 133
DRA. REGINA PORTELLA
242-9812. Assembléia, 36

ADVOGADOS-INVENTÁRIOS

DR. EDMUNDO COELHO
221-3075. R. Branco, 133 S/604
LÚCIA CAMIZA FORTES
221-6156. Senador Dantas, 117

ANTENAS

INST. INDIVIDUAIS/COLETIVAS
289-1001. Ramos Fonseca, 19
P/O MESMO DIA - C/GARANTIA
Instalação - Manut. - Venda
228-5517. Bela, 751

APARELHOS DE SOM-CONSERTO

AKAI-PIONEER-SONY-SANSUI
236-2772. Copacabana, 807/603
AKAI SERVIÇO AUTORIZADO
247-6445. V. Pirajá, 86 SL-3
OCHI & YAMAMOTO - POLYVOX
236-5316 - 266-3692
TATERKA LINEAR AUTORIZADO
222-0907. Gomes Freire, 315

AR CONDICIONADO-CONSERTO

TELEMAQ - INSTALAÇÕES
280-8349 - 230-8337

ARMÁRIOS EMBUTIDOS

ARM. PLANEJADO LIGNUM
248-0583. S. L. Gonzaga, 1013
COZINHAS - MARCENEIRO LAURO
392-8220. Albt. Pasqualini, 153
FÁBRICA - COZINHA - ESTANTES
252-5759 - 246-4897 - 796-2490
FÁBRICA MÓVEIS MODULADOS
751-0733 - 270-8915
HERMAX MÓVEIS LTDA.
771-9301
SOB ENCOMENDA - MÓV. BRASIL
234-8384 - Costa Lobo, 93 - Fds.

AULAS DE MÚSICA

PIANO - EMILIA ROSENBERG
205-3164. Paissandu, 209/1201

AULAS PARTICULARES

AULAS DE MATEMÁTICA
267-2031. Leblon
MATEMÁTICA E FÍSICA
718-3461. Niterói

AUTO-ESCOLAS

CLIPER - PEGA ALUNO EM CASA
273-0549, Mariz e Barros, 39

AVES E ANIMAIS-ABATEDOUROS

TODAVES-AVES-ANIMAIS-ENTREGAS RÁPIDAS P/TELEFONE
261-1854 - 261-8002 - 281-1992
281-2796 - Camboriú, 61

BABY-SITTERS

C/EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
226-5246. Botafogo

BOMBEIROS HIDRÁULICOS

MANUTEC. - NO DIA C/GARANTIA
274-9946 - 246-4180 - BIP 2L 26
R. BARROS DESENTUPIMENTOS
246-3362. M. Abrantes, 226

BOX PARA BANHEIROS

BLINDEX - VIDRAL
221-2351/2450. Alfândega, 98
BOX - PORTA VIDRO TEMPERADO
268-7982. Br. Mesquita, 905
PERSIANAS COLÚMBIA S/A.
PBX. 264-9062. Dona Maria, 29
VICRAL VIDROS TEMPERADOS FUMÊ - BRONZE - VERDE TRANSP.
268-9911 - 288-8796 - 288-7448
Barão Mesquita, 673 - Tijuca

BUFFETS

BUFFET SHALOM/J. CARVALHO
286-5786. F. Guimarães, 95
CHURRASCARIA COSTA DO SOL SALÕES PARA RECEPÇÕES
268-8357/9266. Av. Edson Passos, 4517 - Alto Boa Vista
LE BUFFET
PABX 273-8922. Sta. Alex., 1122

CABELEIREIROS

CARMEN ESPECIALIDADE CORTES
237-0966. Santa Leocádia, 40
DIERGI CABELEIREIROS
252-3225. F. Roosevelt, 23
FERREIRA'S CAB. UNISSEX
390-9500. M. E. Romero, 81 SL
MARLOU - LIMP. PELE. DEPILAÇÃO
285-1051. A. Tamandaré, 66/423
SOLECY - ESTÉTICA E BELEZA
247-7789. Farme de Amoedo, 102

CABELO - TRATAMENTOS

INST. LANE - QUEDA/SEBORRÉIA
232-4574. Pç. 15 Nov., 38-A

CABIDES P/ROUPAS

CISNE - MAIS DE 50 MODELOS
A Boutique dos Cabides
237-9031. Rodolfo Dantas, 90

CAMAS HOSPITALARES-ALUGUEL

ALCE - CAMAS E CADEIRAS
257-3462 - 257-0956
A. M. E. - OXIGÊNIO - REMOÇÕES CADEIRAS DE RODA - MULETAS
236-1011 - 257-4132. Copacab.
228-6170 - 228-2255. Maracanã

CHAVEIROS

FERREIRINHA RIO SUBER
294-1298. Dias Ferreira, 45

CINE FOTO-CONSERTOS

CANON - NIKON - OLYMPUS - FILM.
235-7046. Copa, 610/221 e 224

COLCHÕES

COLCHÕES D'ÁGUA CRESPIN
PBX 263-2477. 7 Setembro, 65
ORTOP.-EPEDA-CRINA-FÁBRICA
208-4849 - 248-2430 - 208-9799

CORTINAS

ARTE - FÁBRICA ROLÔS-PAINÉIS
273-9605 - 273-6250. A. Lobo, 100
ATELIER DE CORTINA ESTELA
255-8226. Barata Ribeiro, 62
CARLOS - FABR./ROLÔS PAINÉIS
235-7948. Siq. Campos, 143/416
FÁBRICA EMBRASERV
234-4051 - 254-2722 - 264-8997
LUNAR ROLÔS E PAINÉIS
Sugestões - Orçamento Grátis
224-8689. Eliseu Visconti, 18
OSTROWER ROLÔS E PAINÉIS
266-3068. M. Abrantes, 178-D
SÓ CORTINAS
Todos os Modelos
255-1600

COZINHAS - EQUIP

FORMI COZINHAS MODULADAS
224-9684. S. Dantas, 117/1212
PASQUALE PAPA FERRAGENS AZULEJOS - PISOS - METAIS
226-2251/2308/8063 - 286-3894
286-3893. São Manuel, 20-A

CRECHES

CRECHE BAMBÁ - BARRA TIJUCA
399-4142. A.C. de Freitas, 46
LETÍCIA "BABY-CENTER"
265-0694. Laranjeiras, 567
TUTUQUINHA-C/AMOR - 2.º A DOM.
264-3640. Araujos, 84 - Tijuca

DATILOGRAFIA-SERVIÇOS

GIL - IBM COMPOSER - AUTON.
Aurelino Leal, 51 Niterói
MARIA - DATILOGR. AUTONOMA
226-4255. Botafogo

DECORAÇÃO DA CASA

LIMA E SAMPAIO DECORAÇÃO
247-5709

DECORAÇÃO DE ESCRITÓRIOS

DECORADORAS ASSOCIADAS
236-1858. Copacabana, 500/910

DECORAÇÃO DE IGREJAS

A FLORINDA DECORAÇÕES
256-7846. Zona Sul

DECORAÇÃO DE PORTARIAS

WANDA WOLFF - LYGIA CATTONI
274-0476 - 274-0575. Zona Sul

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO

DEDETIZAÇÃO MEFAMO
FEEMA 002298-6/2121
201-8643
IMUNILAR (FEEMA 000352-9/2121)
Cupim - Barata - Rato - Traça
295-1647 - 295-1697 - 295-1147
NOVO RIO DEDETIZ. C/FUMAÇA DESRATIZAÇÃO - CUPIM - TRAÇA
FEEMA 000560-5/2121
265-6023 - 285-3284 - 245-6364
245-5368 - 265-2734

DESENTUPIDORES

COLUNA, ESGOTO E FOSSA
224-7663. S. Sá. 193-A

DOCES E SALGADINHOS-ENCOMENDAS

ALEMAR - DIST. DE DOCES
245-6747. Sen. Vergueiro, 218
AS BAIANAS - BOLOS-TORTAS
234-3538 - 351-0791 - 269-9953
BANDEJAS - DECORAÇÃO FESTA
391-9304. O. Saddock Sá, 36
CONFEITARIA ITAJAÍ
Serviço Completo de Buffet
205-2599. Laranjeiras, 76-A
232-5890. Gonçalves Dias, 16-C
CURSOS: BOLOS-MODELAGEM
249-8094. Piauí, 123 Casa 1
DIVA - TORTAS E BANDEJAS
238-9879. Uruguai, 523
PASTITÁLIA
Serviço Completo P/Festas
226-3200. Passagem, 83 C/D

ELETRICISTAS

I. SILVA RESID./INDUSTRIAL
201-1491. A. Cordeiro, 492-F
MANUTEC. - NO DIA C/GARANTIA
274-9946 - 246-4180-BIP 2L 26

ELETRODOMÉSTICOS-CONSERTO

ELETRO-DULAR
234-7542. Saens Peña, 25 L-6

EMPREGADAS DOMÉSTICAS-AGÊNCIAS

AG. CIDADE EMPR. C/GARANTIA
236-5693 - 256-9968
AG. EMPREGADORA CRISELA
390-8940 - 350-5179
AGÊNCIA GIRASSOL
257-2011. B. Ribeiro, 391/810
DIMENSÃO - C/GARANTIA 1 ANO
Se a Empregada não Aprovar Devolvemos a sua Taxa
263-2246. Alvaro Alvim, 37

ENFERMEIROS

ADLIZ - ENF. PART. DIA/NOITE
Acompanhante/Babá/B. Sitter
234-3379 - 284-0981
ASPE - ENF. PART. DIA/NOITE
Aprov. P/Fiscaliz. Medicina
257-0956 - 257-3462 - 269-6628
ASSESSORIA DE ENFERMAGEM
Recém-Nasc. Enferm. Geral
350-5056
ELINAZA - ACOMPANHANTES
Baby-Sitter/Babas
231-1012 - 205-7085
ENFERMEIROS DIA E NOITE
246-4180. BIP M-1J

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

ÁREAS-BOX-JANELAS-GLOBAL
289-2296. Goiás, 228

ESQ. SÓ BOX - ÁREA/JANELAS
359-9711 - 359-6811

JONAF JANELAS - 4 x S/JUROS
280-3888

ESTOFADORES

ALEMÃO - FÁBRICA/REFORMAS
238-8648. B. Mesquita, 1025

CARDEAL DECORAÇÕES LTDA.
267-3241 - 228-2394. Copa

EGA ESTOF. GERALDO ALVES
Reformas c/Rapidez/Garantia
280-4663

RICARDO REFOR. ESTOFADOS
258-5038. Tijuca

FARMÁCIAS E DROGARIAS

BARKI - ENTREGAS 2.ª/DOMINGO
285-0249 - 225-5064. Flamengo

DROGA SIX
247-2580 - 267-2677 - 247-7562

FARM. HOMEOPÁTICA AYMORÉ
221-0573. 7 de Setembro, 219

FARMÁCIA CANADÁ
225-0053 - 245-0388. Flamengo

FARMÁCIA DO LEME
275-3847. Prado Júnior, 237

HOMEOPATIA STUART
273-4346. Haddock Lobo, 71

FESTAS INFANTIS - ORGANIZAÇÃO

BLOCO DA PALHOÇA - SHOW C/ BRINCADEIRAS MUSICAIS
267-3977

CINEMA EM CASA - NELSON
287-3209. Ipanema

MÁGICO - PALHAÇOS - VENTRIL. BICHINHOS - BABY DISCOTHEQ.
222-4405 - 224-3544 - 258-0227
Álvaro Alvim, 37 GR. 1013

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO
392-2861. Jacarepaguá

FIBRA DE VIDRO - ARTIGOS

ARARA - FÁBRICA E CONSERTO
236-3443. N. S. Graças, 381

ART-FIBRA - FÁBRICA
Acessórios p/Automóveis - Cx. p/Ar Condic. - Piscinas - Lanchas Móveis - Art. p/Decoração
394-9489. Alto Garças, 278

FOGÕES-CONSERTO

P/O MESMO DIA - C/GARANTIA
230-6366. Av. Camões, 328

FONOAUDIOLOGIA

ANGELA MATTA FROTA
227-6172. Visc. Pirajá, 550

FONOAUDIÓLOGAS ASSOCIADAS
254-1265. Ataulfo Paiva, 135

FOTÓGRAFOS

SOM, FOTO ESPORTE
Casamentos e Documentos
223-3746. Uruguaiana, 212

FURADEIRAS ELÉTRICAS

P. BRASIL LT. - QUALQUER TIPO VENDAS À DOMICÍLIO
228-8131 - 228-5380 - 264-0709

GELADEIRAS-CONSERTO

BRASTEMP/FRIGIDAIRE
237-2974. Zona Sul

P/ O MESMO DIA - C/ GARANTIA
243-2454. Livramento, 87

REFRIG. ESTÁCIO DE SÁ
284-7348. 28 Setembro, 182

GELO

COM. IND. GELO PRO-LAR GELO À DOMICÍLIO
399-2227. Barra da Tijuca
394-2503 - 394-4157. Z. Norte
722-1406/6070/6069. Niterói

GOBELINS - MONTAGEM

REISMANN ESPECIALISTA
256-1686. Constante Ramos, 43-A

GRADES PROTETORAS

BOX E ESQ. DE ALUMÍNIO
226-7484. Real Grandeza, 160

GUARDA - MÓVEIS

BOTAFOGO MUDANÇAS
270-1929 - 260-8386

ILUMINAÇÃO

CASA CIDA DE LUSTRES
280-4968 - 359-2302. Penha

FOCCO TRILHOS - SPOTS
399-3696 - 399-3747 - 399-2358

IMPERMEABILIZAÇÕES

CINAR CONSTRUÇÕES
228-8797 - 228-5724 - 248-6181

INTERCOMUNICAÇÃO - SISTEMAS

PORTEIRO ELETR. - INTERFONE
232-4072. Marrecas, 36/205

JANELAS DE ALUMÍNIO

ÁREA-ESQUADRIAS UNIVERSAL
270-5944 - 260-3373. Ibi, 11

JARDINS - ART. E ORNAMENTOS

GRAMA PLACA/TERRA PRETA
331-8477/6453. Brasil, 28386

JOALHEIROS

SÓ - ALIANÇAS E PRESENTES
Edgard Romero, 81 SL 203

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

BRONSTEIN - A DOMICÍLIO
283-4447 - Centro. 287-2786 - Ipanema

LAVANDERIAS

CORTAP - TAPETE E CORTINA LAVA - TINGE - SECA NO LOCAL
205-7741 - 205-1897
Laranjeiras, 122

CRECI - CORTINAS E TAPETES
281-9338. Méier

INGLESA - TAPETES - CORTINAS
273-7493 - 226-5943. Estrela, 60

LEITURA DINÂMICA - CURSOS

EXECUTIVE COURSES
242-9139. Pres. Vargas,, 633

LIMPEZA DE FOSSAS

CONSULTORIA TÉCNICA LIMPEZA E MANUTENÇÃO
Estações de Tratamento de Esgoto Sanitário e Industrial Totalmente mecanizada
201-4047 - 269-6639
Francisco Siqueira, 172

LÍNGUA PORTUGUESA - ATUALIZAÇÃO

PROF. MÁRCIO LEMOS ORTIZ
255-3822. Teatro Opinião

MÁQUINAS DE COSTURA - CONSERTO

INDL./DOMÉST.- COMPRA/VENDE
391-6863. Bulh. Marcial, 93

MÁQUINAS DE ESCREVER - CONSERTO

GM - VENDE/CONSERTA SÓ IBM
285-0848. Catete, 347 SL 319

MÁQUINAS DE LAVAR - CONSERTO

ASSIST. TÉCNICA BRASTEMP BENDIX SERV. AUT. COM CERTIFICADO DE GARANTIA
264-3198 - 228-8186 - 270-3627

BRASTEMP AUTORIZ. - FISPER
232-4421/6744/4718/7965

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

FERRAGENS PLANALTO - MAT. ELÉTRICO E HIDRÁULICO
234-1967 - 264-4999 - 248-1997
Ceará, 336 e 336-A

LOJAS DANTAS - MATERIAIS BRUTOS E DE ACABAMENTO
269-6847. Dias da Cruz, 638
390-0970. Carol. Machado, 352

O NOSSO BAZAR - MAT. DE CONSTRUÇÃO EM GERAL
288-0065 - 238-2391
Av. 28 de Setembro, 310
238-5884 - 238-3198
Barão de Mesquita, 608/610

PASQUALE PARA FERRAGENS MAT. HIDRÁULICO/ELÉTRICO
226-2251/2308/8063 - 286-3894
286-3893. São Manuel, 20-A

MENSAGEIROS DOMICILIARES

TOC-TENHA - 24 HS. POR DIA
274-4747 - 274-9898

MESAS DE SOM E RACKS

BUT SOUND - VENDA/MANUT.
255-1792. Av. Copa., 978 S/S113

MODISTAS

MODELA CORTA E COSTURA
208-9678 - 238-8320

MOLDURAS

JOÁ MOLDURAS - LOJA/FÁBRICA
Todos Tipos - Bambu Exclus. Cortiça - Montagem Posters
274-8249. Dias Ferreira, 242

MÓVEIS

"BORGES FILHOS" - FÁBRICA
Linha Própria e Sob Medida
761-0471. Rod. Pres. Dutra, Km 11

MÓVEIS-CANA E JUNCO

FÁBRICA "NOVA ALPHA"
Preços de Atacado no Varejo
Estr. Rio Petrópolis, Km 5

MÓVEIS - LAQUEAÇÃO

AMPLILAR - NOVOS/REFORMAS
266-5993. Vol. Pátria, 416-A

MÓVEIS P/MÁQ. COSTURA

CASA VICTOR ENG.º NOVO
261-9291 - 722-1949

MUDANÇAS

MUDANÇAS BRUNO - PLANEJAMENTO P/ESCRITÓRIOS RESID.
236-1573 - 205-5361
350-3877 - 350-1919

MUDANÇAS CENTRO-SUL S/A.
269-0542

MUDANÇAS SAENZ PEÑA
269-0098 - 229-6681 - 234-1321

MÚSICA P/FESTAS

ASTRO AGÊNCIA ARTÍSTICA
283-8796 - 252-0392. Assem., 93

OBRAS E REFORMAS - IMÓVEIS

SYNTEKO - ENV. - PINTURA - REF.
248-8564. Conde Bonfim, 246

PAINÉIS CORTINADOS

FÁBRICA CORTINAS ROLÔS PAINÉIS EM LONA TÉRMICA
273-9605 - 273-6250. A. Lobo, 100

PAPEL DE PAREDE

DECORAÇÕES NORTE RIO
235-7945. Siq. Campos, 257

DEKOR DE FRANCE
237-6002. Barão Ipanema, 94

FÁBRICA EMBRASERV
234-4860 - 254-2722 - 264-8997

IN-DECORAÇÕES/REVESTIM.
267-5132. A. M. Franco, 170-B

PELES-GUARDA E CONSERTOS

OFICINA DE PELES
221-0316 - 221-0323. L.S. Fco., 23

PERSIANAS

PERSIANAS COLÚMBIA S/A
PBX 264-9062. Dona Maria, 29

PERSIANAS PAN AMERICAN
244-1077. Frei Caneca, 101

PERSIANAS - CONSERTO

ACESSÓRIOS/PEÇAS - PREMIER
258-7435. Pereira Nunes, 242

ANELUCIO - REFORMA E PINTA
350-5215

BADARÓ PERSIANAS
Consertos, Pinturas e Novas
281-3533 - 281-4509

CORTINA JAPONESA - DAMACENO
270-9381. Barreiros, 624-F

FRANCO - REFORMAS E NOVAS
252-5893. Itapiru, 315

PRODECON PERS./SANFONADA
351-2122

PISCINAS - EQUIP

AQUAFLOR PISCINA/SAUNAS
399-4900. Barra (Carrefour)

PISOS

BERNARD'S REVESTIMENTOS
280-6619. Cmte. Coimbra, 306

EMBRASERV - ATACADO/VAREJO
234-4051 - 254-2722 - 264-8997

FORRAÇÕES - TAPETES - PAPEL
359-4435. Trav. A. Freitas, 25

PLANTAS NATURAIS

PLANTIVA - VASOS - TERRAS
342-1062. Largo da Taquara

TROPIFLORA - VENDA - ALUGUEL P/JARDINS E INTERIORES
310-1221 - 310-1395. Grota Funda, 1000 - I. de Guaratiba

PLANTAS ORNAMENTAIS - ALUGUEL

CANTEIRO 692 - FESTA - FIRMA
236-0176 - 275-7855 - 275-8359

PLASTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS

LEME - CÓPIAS BAZAR SAMPAIO
275-3048. G. Sampaio, 610-B

PORTAS DECORATIVAS

SUPER MERCADO DAS GRADES
A Segurança da Sua Família
201-9395 - 269-6596 - 261-0921

PROJETOS RESIDENCIAIS

ARQUIT.-ELET.-HIDRL.-AR COND
286-2626. Av. L. P. Machado,905

REVESTIMENTOS

P/PISO - PAREDE - MAT. INÉDITO
274-7445. M. S. Vicente, 52/335

ROUPAS - ALUGUEL

BOUTIQUE SOCIAL MODAS
222-1094. Sen. Dantas, 44

STILE ROUPAS MASCULINAS
221-9249. A. Guanabara, 17/21

SALÕES P/RECEPÇÕES

LE BUFFET
PABX 273-8922. Sta. Alex., 1122

SEGUROS

DEFENSA - SEGUROS EM GERAL
222-0403. Av. 13 Maio, 23/911

INDARSEL CORRET. SEGUROS
229-9200 - 222-0269

SINUCA - EQUIP

ALUGA - REFORMA - VENDE - ETC.
201-8343. F. Esquerdo, 186

SOM - ALUGUEL

AUREO - TODO GÊNERO SOM/LUZ
342-6967

OSCAR - SOM/LUZ P/FESTAS
246-4180. BIP 625

SOM P/AUTOMÓVEIS

AUTO TAPE - INSTL./CONSERTO
295-3799 (Ao Lado Canecão)

OCHI & YAMAMOTO
266-3692 - 236-5316

TAPETES

EMBRASERV - ATACADO/VAREJO
234-4051 - 254-2722 - 264-8997

TAPEÇARIA SUMARÉ
Forrações e Cortinas Orçamentos a Domicílio
256-0892 - 256-9509 - 235-4409

TECIDOS P/ESTOFADOS E CORTINAS

DECORAÇÕES ABREU
224-1510 - 237-0148

TELEFONES

CORRETORES ASSOCIADOS COMPRA - VENDE - FINANCIA
PBX 719-7911/0044. Niterói

TELEVISORES-CONSERTO

ADMIRAL - AUTORIZADA Z. SUL
226-2807. Passagem, 146- L-9

AUTORIZADA TELEFUNKEN
Méier - Tijuca - Centro - Z. Norte
249-4000 - 269-9444

AUTORIZ. SHARP - 24 HS. P/DIA
351-3486. Conrado, 302 - Z. Norte

EMPIRE - SYLVANIA TV CORES
270-2440. Av. N.S. Penha, 220

GENERAL ELECTRIC AUTORIZADA
Zona Sul - Zona Norte - Centro
230-3991 - 391-1881

PHILCO - PHILIPS - ATUALIZADO
249-3324

PHILCO - PHILIPS - TELEFUNKEN
235-6484 - 256-2829. Z. Sul

PHILTRON - CENTRAL PHILCO
PBX 243-2855. Visc. Gávea, 125

SANYO - PHILCO - TELEFUNKEN
252-5967. Centro

TELEFUNKEN AUTORIZADA
Centro - R. Comp. - V. Izab. - Méier
264-4065 - 248-5187. Tijuca

TURISMO-AGÊNCIAS

GUANATUR PASSAGENS
EMBRATUR 08048500.9
255-1271. Dias da Rocha, 16

VIDRACEIROS

AEROPLEX VIDRO AUTOMÓVEIS
Na Hora e à Domicílio
255-4625. Barata Ribeiro, 266

BRAGANÇA - MOLDURAS - VIDROS
247-1702. Gomes Carneiro, 131

CASA ROCHA - F. ESPELHAÇÃO
249-2113. Av. A. Clube, 3875

VIGILÂNCIA

AAIB SEG. BANC. IND. E COM. GUARDAS E TRANSP. VALORES
224-2751 - 224-1983 - 221-8761
Moncorvo Filho, 101

SBIL - SEGURANÇA BAC./INDL.
283-0812. Gomes Freire, 181

VITRAIS

LUID ATELIER
225-0023

Horóscopo

Semana de 2 a 8 de setembro

JEAN PERRIER

Áries

(21/ 3 a 20/ 4)

Vida Diária: Aproveite as boas influências dos astros para impor seu valor no ambiente de trabalho. Sorte nas finanças. Profissões liberais favorecidas. *Amor:* Semana bastante calma. Harmonia com Touro e Gêmeos. *Pessoal:* Mantenha a franqueza para preservar sua tranqüilidade. *Saúde:* Evite andar demais. *Nº:* 12; *Cor:* Azul; *Dia:* Sexta-feira.

Touro

(21/ 4 a 20/ 5)

Vida Diária: Conjuntura astral contraditória. Modere sua propensão às compras suntuosas. Vida profissional favorecida. *Amor:* Conte com momentos de felicidade se souber moderar seus instintos. Harmonia com Peixes e Balança. *Pessoal:* Ganhe tempo antes de tomar decisões importantes. *Saúde:* Não abuse de sua vitalidade. *Nº:* 11; *Cor:* Bege; *Dia:* Quinta-feira.

Gêmeos

(21/ 5 a 21/ 6)

Vida Diária: Período propício aos investimentos. Semana favorecida para investir suas economias. Mas procure os conselhos de uma pessoa qualificada. *Amor:* Não deixe que suas paixões o levem longe demais. Harmonia com Carneiro e Capricórnio. *Pessoal:* Procure dominar seu nervosismo, controle seus reflexos. *Saúde:* Faça esporte. *Nº:* 4; *Cor:* Vermelho; *Dia:* Sexta-feira.

Câncer

(22/ 6 a 22/ 7)

Vida Diária: Aproveite a posição dos astros para pôr em ordem seus negócios. Se houver oportunidade, assine contratos importantes. *Amor:* Dias agradáveis nesta semana. Não desconfie da pessoa amada. Harmonia com Touro e Gêmeos. *Pessoal:* Evite exageros para não ter dificuldades. *Saúde:* Cuide da alimentação. *Nº:* 6; *Cor:* Lilás; *Dia:* Terça-feira.

Leão

(23/ 7 a 22/ 8)

Vida Diária: Setor financeiro neutro. Conjuntura benéfica para trabalhar com pessoas da família. Mas mantenha sua independência. *Amor:* Com Vênus no seu signo, possibilidade de encontrar a pessoa certa. Harmonia com Câncer e Aquário. *Pessoal:* Em qualquer circunstância, analise bem todos os detalhes. *Saúde:* Fume menos. *nº* 9; *Cor:* Verde; *Dia:* Sábado.

Virgem

(23/ 8 a 22/ 9)

Vida Diária: Graças à sua energia, seu trabalho não apresentará problemas. Plano financeiro excelente, com Júpiter em seu signo. *Amor:* Mantenha suas ligações antigas e evite meter-se em aventuras. Harmonia com Virgem e Sagitário. *Pessoal:* Não se deixe dominar por reações instintivas. *Saúde:* Faça uma dieta. *Nº:* 5; *Cor:* Rosa; *Dia:* Domingo.

Balança

(23/ 9 a 23/ 10)

Vida Diária: Nada de novo no plano profissional. Setor financeiro extremamente bem influenciado. Ganhos financeiros em perspectiva. *Amor:* No decorrer desta semana os sentimentos sinceros estão favorecidos. Harmonia com Gêmeos e Touro. *Pessoal:* Modere suas ambições neste período. *Saúde:* Evite os excitantes, faça ioga. *Nº:* 8; *Cor:* Amarelo; *Dia:* Segunda.

Escorpião

(24/ 10 a 21/ 11)

Vida Diária: Não conte com a sorte no jogo e nos negócios. O sucesso e promoção sociais que você aspira há muito tempo, contudo, poderão ser conseguidos. *Amor:* Satisfações sentimentais. Modere suas paixões para aproveitar uma amizade pura. Harmonia com Câncer e Sagitário. *Pessoal:* Evite a impulsividade. *Saúde:* Durma. *Nº:* 7; *Cor:* Havana; *Dia:* Quinta-feira.

Sagitário

(22/ 11 a 20/ 12)

Vida Diária: Semana favorável no plano financeiro. Mas escolha bem seus investimentos. Mantenha a calma no trabalho. *Amor:* Venus em quadratura pode perturbar sua vida amorosa. Harmonia com Touro e Carneiro. *Pessoal:* Não culpe os outros por seus erros. *Saúde:* Forma excelente, aprofeite ao máximo. *Nº:* 3; *Cor:* Laranja; *Dia:* Quinta-feira.

Capricórnio

(22/ 12 a 20/ 1)

Vida Diária: Algumas pessoas o ajudarão a progredir socialmente, facilitando sua vida profissional. Nãs as decepcione. *Amor:* Vida sentimental favorecida. Seja afetuoso e sensível aos desejos da pessoa amada. Harmonia com Leão e Peixes. *Pessoal:* Tire partido de suas amizades. *Saúde:* Faça uma caminhada antes de dormir. *Nº:* 2; *Cor:* Marrom; *Dia:* Domingo.

Aquário

(21/ 1 a 18/ 2)

Vida Diária: Satisfações no setor profissional. Mas não espere grandes lucros financeiros. Evite associações. *Amor:* Com Venus neutro, seus amores serão menos intensos. Procure o romantismo e a sensualidade se quiser seduzir alguém. Harmonia com Çarneiro e Çâncer. *Pessoal:* Pense em sua segurança. *Saúde:* Vigie seu fígado. *Nº:* 13; *Cor:* Ouro; *Dia:* Terça- feira.

Peixes

(19/ 2 a 20/ 3)

Vida Diária: Mostre sua capacidade de iniciativa para ter seu valor reconhecido. Estudos, contratos e associações favorecidos. *Amor:* Não assuma nenhum risco inutil no setor sentimental. Harmonia com Câncer e Balança. *Pessoal:* Não se deixe dominar por uma obstinação estéril. *Saúde:* Procure o ar livre. *Nº:* 1; *Cor:* Cinza; *Dia:* Segunda-feira.

Soluções

CRUZADAS

HORIZONTAIS — ruir; cevar; onda; atare; lios; talos; analise; coar; bota; capinar; avito; atol; danar; sova; alara; arar.

VERTICAIS — Rol; unico; ido; rasar; catar; etal; valido; aros; reseda; cocada; alpina; enora; brasa; trova; aval; itar; tor; lar.

CHARADÍSSIMO

CHARADAS AFERÉTICAS: 1. anexo/nexo; 2. terreal/real; 3. náutico/tico; 4. preparado/parado; 5. ostentar/tentar; 6. também/bem.

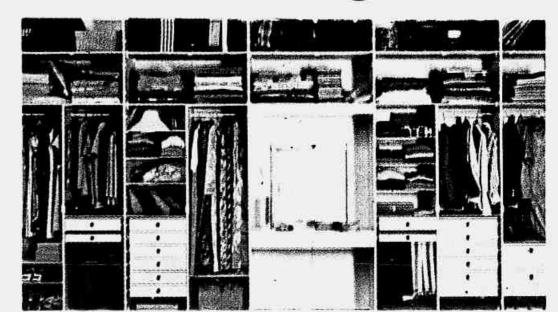
DOMINÓ-PROVÉRBIO

Deus cobre com a capa e o diabo descobre com o chocalho.

CONTINUEX:

1. porcelana; 2. naturalidade; 3. denegridor; 4. dormente; 5. tenebrosa; 6. sapiência; 7. amaciante; 8. tecido; 9. dose; 10. seara; 11. rateamento; 12. tolice; 13. cerume; 14. melódica; 15. calamitoso; 16. socrático; 17. colecionar; 18. narcisista; 19. tablado; 20. dotar; 21. tardio; 22. opor.

XADREZ

1. C6B! (**para T5Tch seguido de C2Rch**), C2R; 2. CxCch, R2B; 3. C6C!, T4B; 4. C8B!, T4Tch; 5. C7T, T4R; 6. C6B!, RxC; 7. P8T=D e ganham. V. N. Doglov, 1976.

O jeito simples prá você tomar um banho gostoso.

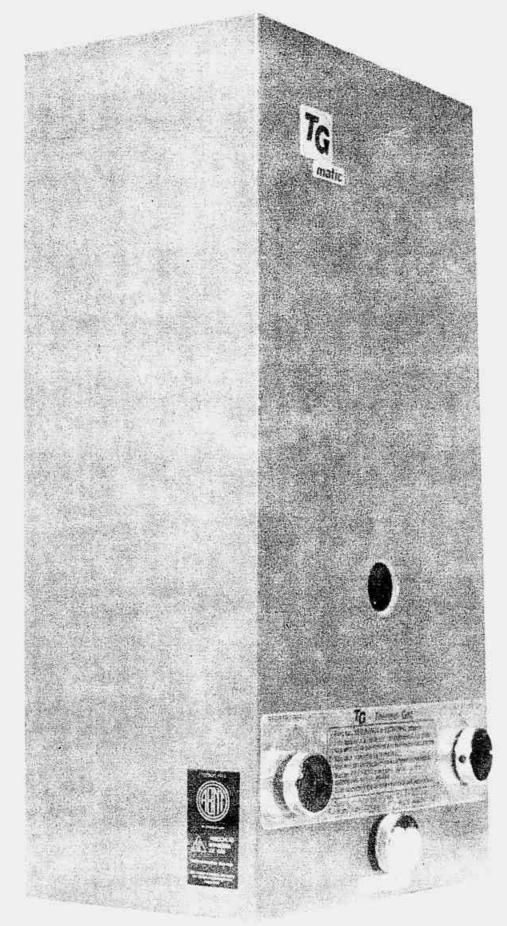
Com apenas um CLICK!, você liga o seu **TG-Matic**, e prepara aquele banho quentinho, relaxante...

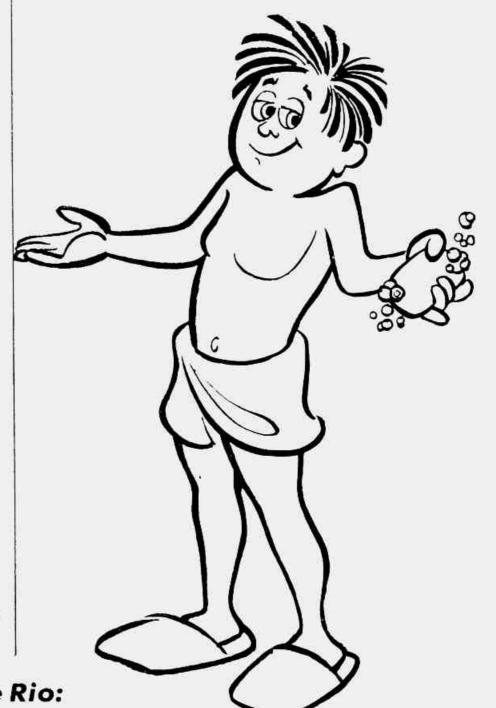
TG-Matic é a novidade em aquecedores a gás. O seu acendimento é automático, dispensando o uso de fósforos. Basta só girar um botão.

Por ser totalmente nacional, fica fácil a reposição de suas peças. A assistência técnica e a garantia total de 6 meses do fabricante são um descanso para você. **TG-Matic** é o único que funciona com baixa pressão de água (1,5m) e possui 12 lindas cores. E tem mais: **25% em economia de gás.**

TG-Matic - nada tão simples para um banho gostoso.

TG-Matic Embutido - O AQUECEDOR DO SÉCULO XXI!

Tudo de bom que o **TG-Matic** apresenta, você encontra no **TG-Matic Embutido.** Com mais vantagens: totalmente embutido na parede; pode ser colocado no box; é decorativo; não ocupa espaço; é seguro!

Não perca!

Assista a uma demonstração da linha de produtos **Gazlux.** *Vá à 22.º UD (Feira de Utilidades Domésticas), de 7 a 16 de setembro, no Riocentro da Barra.*

TG matic

Alguns revendedores Gazlux do Grande Rio:

brimatec
R. Ubaldino do Amaral, 93/99 t. 244-5335 (PBX)
R. Frei Caneca, 442 - t. 224-2663
R. Carlos Xavier, 837 - t. 390-2710
R. Cde. de Bonfim, 85 - t. 284-8292
Av. Princesa Isabel, 245 - t. 275-4296.

pasquale papa ferragens
• Rua São Manoel, 20-A, 22 e 24 tel.: 226-2251.

marcovan
• Rua São José, 76/80 - tel.: 244-0202.
• Av. Suburbana, 2.341 - tel.: 261-7612
• Av. Copacabana, 914 - tel.: 255-9558.
• Rua Conde de Bonfim, 571-A tel.: 238-4022.

J. COSTA BRITO
• R. Gal. Caldwell, 203 - tel.: 224-2513.
• R. Frei Caneca, 80 - tel.: 224-7258.
• Av. Mal. Rondon, 490 - tel.: 281-4355.

• R. Siqueira Campos, 80 tel.: 237-3148. • R. Voluntários da Pátria, 239-A - tel.: 286-1910.
• R. Siqueira Campos, 170 D-E - tel.: 236-2225. • Av. das Américas, 14.591 tel.: 397-8991.

TUDO AZUL
• R. Figueiredo Magalhães, 28 tel.: 237-5374.
• Rua Paula Freitas, 31-B, Lj 9 e 10 tel.: 237-4840.

Ferragens República do Peru
• R. República do Perú, 212-B tel.: 257-6275.

Américo Ayres & Cia. Ltda.
R. Carolina Méier, 22 e 24 - t. 201-6322
R. Torres Sobrinho, 63-A - t. 281-6583

Ferragens Carolina Méier
R. Carolina Méier, 33 - t. 281-2296 e 201-0597

A CASA DOS AQUECEDORES
• Av. Henrique Valadares, 3, Lj. B (Esq. Inválidos) - tel.: 221-4690.

• Av. Copacabana, 1102 lj C, D, E e 2 tel. 256-5450

Eletro Ferragens CONDE DE BONFIM
R. Cde. de Bonfim, 9 - t. 248-0954
R. Luiz Barbosa, 68-A - t. 258-7574

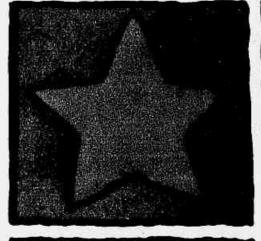
MARTINS DO AMARAL
R. Frei Caneca, 77/81 - t. 232-9476
Av. Nelson Cardoso, 185-A - Jacarepaguá t. 392-5552

R. Frei Caneca, 29 - t. 232-5080.

TECWALLI
R. Uruguai, 299 - t. 288-6644
R. Cde. de Agrolongo, 420-C t. 280-8248

Um produto da Iluminação Rural Ind. Com. Gazlux Ltda.
Rua Bruno Seabra, 101 - Jacaré - RJ - Tel.: 261-4711. Fabricantes de aparelhos a gás desde 1967.

Luís Fernando Veríssimo

ILUSTRAÇÃO DE MIGUEL

ED MORT VAI ATRÁS

Meu nome é Mort. Ed Mort. Detetive particular. É o que está escrito na plaqueta nova que mandei botar na porta. Só que erraram o nome. Botaram Mert. Ed Mert. Ocupo uma sala numa galeria de Copacabana, entre uma loja de carimbos e um curso de sapateado. O chão treme com os sapateados. As baratas andam nervosas, olhando para o alto e esperando o fim do mundo. O ratão albino que subloca um canto da sala desapareceu com o movimento. Mas ele sempre volta. Por isso eu o chamo Voltaire. Mert. Ed Mert. Digo, Mort. Ed Mort. Detetive particular. Está na plaqueta.

Eu estava jogando o jogo-da-velha comigo mesmo, e perdendo, quando ela entrou na sala. Cabelos loiros como um trigal. Olhos verdes como hortaliças. Os lábios como uma fruta partida. Os seios cheios sob o bustier cor-de-abóbora. O corpo bem torneado, firme, e roliço como uma vitela. E eu não comia há dois dias.

— Mert? Ed Mert?

— Mort. Ed Mort.

— Mas na plaqueta ...

— Esqueça. O que eu posso fazer por você...

— Isso é uma pergunta?

Não era. Era uma declaração. Eu poderia fazê-la feliz. Fazê-la descobrir uma vida nova, intensa, essencial. Longe de banalidades como segurança financeira e refeições regulares... Sorrio para o lado. Uso correntinha. Na cama sou violento, irriquieto, selvagem. Tenho o sono tão agitado que às vezes acordo no corredor do edifício, enredado no lençol. Mas podemos ter camas separadas, beibi, disse com o olhar. Ela não ouviu. Falou:

— Preciso encontrar alguém.

— Seu marido certo?

— Não. Uma amiga.

— Como é o nome dela?

— Gomes.

— Continue.

— Morávamos juntas. Ela é dona de uma loja de artigos esportivos. Há uma semana, desapareceu.

— Entendo. Você a procurou no local de trabalho? Com a família?

— Procurei. Na loja não sabem dela. A família não é daqui. Eu não sei o que fazer. Preciso reencontrá-la!

Ela começou a chorar. Tentei me controlar. Em vão. Comecei a chorar também. Sou duro. Mas amizade é uma coisa que me comove. Ainda mais uma amizade assim, entre duas moças. Pura. Tenho experiência. Já vi coisas de pôr cabelo de careca em pé. Este é um mundo sujo, acredite. Conheço vícios que não estão nem na Bíblia. Por isso uma amizade como aquela me comovia. Durante cinco, dez minutos, só se ouviu na sala o ruído dos nossos soluços. E o sapateado do lado.

— Ela não telefonou, nada? — consegui perguntar, engasgado.

— Não - soluçou ela. - E o pior é que quem sustentava o apartamento era ela. Estou sem dinheiro. O aluguel está atrasado...

— Escute — disse eu, me recompondo. Ainda mais que as baratas se tinham reunido ao pé da mesa para me gozar. - Isso não é problema. Você pode ficar no meu apartamento enquanto eu investigo o caso.

— Não sei...

— Irmão e irmã. Eu durmo no chão. Não seria eu a acabar com aquela inocência. Moro na Prado Júnior, mas tenho meu código de honra. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta.

• • •

Naquela noite ela dormiu na minha cama com uma camisola improvisada - minha camiseta do Vasco - e eu dormi no chão da sala. Na manhã seguinte acordei na sala do apartamento do vizinho e saí depressa antes de que ele se desse conta. Virgínia - ela se chamava Virgínia - não tinha muitas pistas para dar sobre o paradeiro da Gomes. As duas freqüentavam um bar, o Solado, mas Virgínia não ia lá sozinha. A Gomes tinha proibido, por alguma razão. Comecei minha investigação pelo bar. A gerente, parecida com a Michele Morgan, se não fosse o bigode, não conhecia ninguém chamado Gomes. Não seria Carneiro? Severo? Gomes, não conhecia nenhuma. Senti que alguém me observava no bar. Na saída, uma mão firme me segurou pelo braço. Uma mulher. Cabelos curtos. Gravata. Cinturão de cowboy.

— Você está procurando a Gomes?

— Talvez - respondi, cauteloso. Uma resposta errada e eu poderia receber um soco no estômago. Ele tem se alimentado pouco, não resistiria, poderia morrer. E somos muito ligados.

— É a Virgínia que quer saber?

— Talvez.

— Diga para a Virgínia não se preocupar. A Gomes pescou outra mas já se arrependeu e atirou de volta ao mar. Ela volta...

Não entendi, mas dei meu endereço. Se a Gomes quisesse procurar a amiga, era lá que a encontraria.

• • •

Virgínia ainda estava com a camiseta do Vasco quando cheguei. Nada por baixo. Pensei no meu código de honra. Podia alegar depois que não tinha entedido o código... Mas não. Ela continuaria pura. Ela se abaixou para abrir a geladeira, onde eu guardo meu impermeável e a minha outra camisa, à procura de comida. Desviei os olhos e dei o recado da cowboy. No mesmo momento tocaram a campainha. Era a Gomes. Virgínia correu para ela. Elas se abraçaram. Consegui conter as lágrimas. A Gomes parecia uma boa pessoa. De confiança. Tipo Gregory Peck. Ela mandou Virgínia se vestir. Iriam para casa. Olhou-me feio, na certa pensando que eu me aproveitara da situação. Gostei. Virgínia precisava de uma amiga assim. Uma boa influência.

• • •

Mert. Ed Mert. Fui devolver a plaqueta e pedir meu dinheiro de volta. Convenceram-me a mudar de nome.

PROP. VARIG 1269

19 vezes por semana a VARIG vai aos Estados Unidos. Vai e volta. Só a VARIG faz isso. Em DC-10-30 ou Boeing 707, você tem três alternativas para entrar nos Estados Unidos, pela VARIG: Nova York, Miami e Los Angeles. A bordo, você tem o padrão do serviço VARIG, algo muito especial, muito brasileiro, muito internacional. Você tem 19 opções, a cada semana, para conhecer o maior centro de negócios e diversões do mundo. E tem o CrediVarig, que torna tudo mais fácil. Por que você ainda não foi lá?

A maneira mais elegante
de voar aos Estados Unidos

Consulte seu agente
de viagens IATA/EMBRATUR

Chegou Guaraná Taí.

A notícia que você esperava:
Guaraná Taí.
Delicioso, refrescante, alegre e com mais uma novidade: dois tamanhos.
Um para você, outro para sua família.
Um você bebe na hora, outro você leva para casa.

LITR

Guaraná
Taí
MARCA RE

Guara
Ta
MARCA

Delicioso, refrescante e alegre como a gente.